

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

VOLUME XII

Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio

SÃO PAULO (BRASIL)

— 1956 —

Os artigos de PAPÉIS AVULSOS são portadores de data própria e aparecem imediatamente sob a forma de separatas, das quais um exemplar é remetido a cada uma das instituições relacionadas abaixo, ficando a cargo dos autores a sua prévia distribuição entre os mais diretamente interessados na matéria respectiva.

As entidades que mantêm com o Departamento de Zoologia intercâmbio de publicações enviam-se os volumes completos, logo após sua conclusão.

Instituições que recebem previamente separatas dos artigos de PAPÉIS AVULSOS:

Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro); Museu Nacional (id); Reitoria da Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil); Biblioteca Pública Municipal (id); Library of Congress (Washington, E.U.A.); British Museum of Natural History (London, Inglaterra); Zoological Society of London (id); Bibliothèque Nationale (Paris, França); Bibliothèque Centrale du Museum National d'Histoire Naturelle (id); Lateinamerikanische Bibliothek (Berlin, Alemanha).

Artigos de colaboração externa só serão aceitos na medida do espaço disponível, sujeitando-se seus autores às alterações julgadas eventualmente necessárias.

Cada autor, conforme a praxe, terá direito a um certo número de separatas, nunca inferior a 50.

As publicações enviadas em permuta com os presentes PAPÉIS AVULSOS serão endereçadas explicitamente ao

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Da Secretaria da Agricultura

Biblioteca

Caixa Postal, 7172

SÃO PAULO (BRASIL)

Para o que se refere à colaboração e assuntos correlatos, toda correspondência deve ser dirigida ao Diretor da repartição, Editor responsável.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

VOLUME XII

Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio
SÃO PAULO (BRASIL)

— 1956 —

S U M A R I O

| | | |
|-------|---|-----|
| | Prefácio | VII |
| N.º 1 | — PINTO, OLIVÉRIO Resultados ornitológicos de duas viagens científicas ao Estado de Alagoas | 1 |
| N.º 2 | — CARRERA, MESSIAS Novos gêneros e novas espécies de <i>Dasypogoninae</i> neotropicais (Diptera, Asilidae) | 99 |
| N.º 3 | — VANZOLINI, P. E. Sôbre <i>Gonatodes varius</i> (Auguste Duméril), com notas sôbre outras espécies do gênero (Sauria, Gekkonidae) | 119 |
| N.º 4 | — PROSEN, ALBERTO F. & LANE FREDERICO O gênero <i>Myoxomorpha</i> White, 1855, e descrição de uma nova espécie | 133 |
| N.º 5 | — LANE, FREDERICO Novos gêneros e espécies de coleoptera <i>Lymexylonidae</i> e notas sôbre <i>Melittomma</i> Murray, 1867 | 141 |
| N.º 6 | — SERRA, OCTAVIO DELLA O articulado dos dentes labiais nos símios da família <i>Cebidae</i> Swainson, 1835 (Primates, Mammalia) | 165 |
| N.º 7 | — FROEHLICH, CLAUDIO G. Notas sôbre Geoplanas brasileiras (Turbellaria Tricladida) | 189 |
| N.º 8 | — FROEHLICH, EUDÓXIA M. Chave para a classificação da Geoplanas brasileiras | 201 |
| N.º 9 | — PINTO, OLIVÉRIO & CAMARGO, EURICO A. DE Lista anotada de aves colecionadas nos limites ocidentais do Estado do Paraná | 215 |

| | | |
|----------|--|-----|
| N.º 10 — | CARRERA, MESSIAS Sôbre o gênero <i>Dicranus</i> Loew, 1851 (Diptera, Asilidae) | 235 |
| N.º 11 — | PEREIRA, P. F. S. CMF & D'ANDRETTA, M. A. V. Novos Escarabeídeos e novas sinonímias (Col. Scarabaeidae) | 247 |
| N.º 12 — | LANE, FREDERICO Notas sinonímicas II — Col. Prionidae | 265 |
| N.º 13 — | LANE, FREDERICO Cerambycoidea neotropica nova III — (Coleop- tera) — Col. Lamiidae Elytracanthinae, nov. subfam. | 281 |
| N.º 14 — | CARRERA, MESSIAS Asilídeos da Argentina (Diptera) — II. <i>Aczelia</i> , novo gênero para <i>Laparus argentinus</i> Wulp, 1882 | 297 |
| N.º 15 — | SERRA, OCTAVIO DELLA Osteomielite após fratura bilateral do corpo da mandíbula do porco do mato (<i>Tayassu peccari</i> Fischer), com cura espontnea | 303 |
| N.º 16 — | FROEHLICH, CLAUDIO G. <i>Tricladida terricola</i> das regiões de Teresópolis e Ubatuba | 313 |
| N.º 17 — | MARTÍNEZ, ANTONIO & D'ANDRETTA, M. A. V. Dois gêneros e espécies novos de <i>Pachydemini</i> do Equador | 345 |
| N.º 18 — | BOKERMANN, WERNER C. A. Sôbre uma nova espécie de <i>Hyla</i> do Estado de Minas Gerais, Brasil | 357 |
| N.º 19 — | MARTÍNEZ, ANTONIO & PEREIRA, P. F. S. CMF Dois gêneros novos de <i>Canthonini</i> americanos (Col. Scarabaeoidea, Scarabaeidae) | 363 |
| N.º 20 — | LOPEZ, ANA AMÉLIA ANCONA Ocorrência de <i>Carapus</i> Raf. no Brasil | 389 |

PREFÁCIO

Vinte artigos e contribuições de variada matéria zoológica formam o presente volume, dado à luz no momento mesmo em que os “Papéis Avulsos”, decorridos três lustros após o seu nascimento, na iminência se acham de vêr passar para outras mãos a responsabilidade editorial das publicações do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, instituição complementar da Universidade de São Paulo, da qual, não duvidamos, será ela um dia parte integrante.

O balanço do que foi possível realizar nessa primeira etapa, laboriosa e acidentada, acusa um acervo de 229 trabalhos originais, distribuídos em doze volumes e totalizando nada menos de 4.220 páginas de impressão.

Podemos pois nos felicitar pelo êxito de uma experiência a que nos ousáramos com o necessário otimismo, mas nem por isso de espírito mais isento de justificadas apreensões, e exprimir voto caloroso pela benignidade dos fados que irão presidir a futura carreira, assim da série em causa, como da dos “Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo”, seu irmão mais velho.

São Paulo, 30 de janeiro de 1956.

OLIVÉRIO M. DE O. PINTO.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

RESULTADOS ORNITOLÓGICOS
DE DUAS VIAGENS CIENTÍFICAS AO ESTADO DE ALAGOAS

POR

OLIVÉRIO PINTO

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| I — Introdução | 1 |
| II — Expedição de 1951 | 3 |
| III — Expedição de 1952 | 7 |
| IV — Considerações sobre a avifauna silvestre | 8 |
| V — A avifauna de Alagoas do ponto de vista da zoogeografia | 10 |
| VI — Paralelismo da variação geográfica nas espécies este-brasileiras | 12 |
| VII — Quadro sinóptico do material coligido em cada zona ecológica | 13 |
| VIII — Lista comentada das espécies e subespécies | 18 |

I — INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da fauna nordestina não fez senão crescer depois dos resultados surpreendentes de nossa primeira excursão ao Estado de Pernambuco, há cerca de três lustros ⁽¹⁾. À vista, porém, dos minguados frutos de uma segunda visita ao leste daquele Estado no segundo semestre de 1950, voltamos as nossas vistas para o de Alagoas, que lhe fica logo ao sul e, conforme nos foi informado nessa ocasião, é, em todo o Nordeste, o que em nossos dias talvez abrigue maiores reservas de flora e fauna ⁽²⁾. Consequentemente, no seguinte ano de 1951, e durante a mesma estação, para ali nos dirigimos em viagem de estudos, tendo como fito principal colecionar espécimes representativos da avifauna silvestre, dada a

(1) Cf. O. Pinto, "Aves de Pernambuco", in *Arquivos de Zoologia do Est. de São Paulo*, vol. I, art. 5, pp. 219-282 (1940).

(2) Cf. Philip von Luetzelburg, *Estudo Botânico do Nordeste*, vol. II, p. 14. Não temos dados atuais sobre o problema; mas acreditamos estejam invertidas as proporções encontradas no começo do século por este autor, que dava, em números redondos, para Pernambuco 14% de matas e 70% de caatingas, e para Alagoas 10% de matas e 76% de caatingas.

transcendente importância que lhe confere a ameaça de desaparecimento em futuro próximo, como consequência do progresso acelerado das derrubadas. Ao que acresce a circunstância capital de incluir ela em seu seio, de par com muitas formas não ainda conhecidas, os exemplos mais ilustrativos dos laços zoogeográficos existentes entre a faixa atlântica meridional e o extremo septentrião brasileiro, a Amazônia em particular. Esteve também em nossos objetivos percorrer os sertões, escolhendo os pontos mais indicados para a obtenção de amostras susceptíveis de servirem de base a uma primeira tentativa de levantamento avifaunístico de toda a região. Entretanto, na impossibilidade de alongar como fôra mister a duração da viagem, limitamo-nos a visitar apenas dois pontos do interior, deixando para outra oportunidade a zona árida das caatingas de que se compõe a porção ocidental extrema do Estado, a qual, nesse particular, não difere da de Pernambuco, a despeito da extensão muito maior deste último, no sentido leste-oeste.

Em 1952, como não nos permitissem as ocupações prosseguir pessoalmente os interrompidos estudos de campo, confiamos a tarefa a dois de nossos colaboradores no Departamento de Zoologia, obtendo por este meio considerável reforço em material representativo da avifauna silvestre, pois coincidindo o empreendimento com um longo e desastroso período de seca, concluiu-se pela impropriedade da ocasião para explorar o interior, mais duramente atingido pelo flagelo. Compensando esse revés, obtiveram-se algumas várias formas não conseguidas na excursão anterior, concorrendo para que tenhamos agora um quadro relativamente satisfatório da avifauna da região.

O balanço dos resultados ornitológicos conseguidos nas duas expedições, acusa um total de 604 exemplares, representativo de 193 formas diferentes, inclusive sete sub-espécies, que adiante se descrevem como aparentemente novas para a ciência, a saber:

Xenops minutus alagoanus
Sclerurus caudacutus caligineus
Thamnophilus aethiops distans
Conopophaga melanops nigrifrons
Schiffornis turdinus intermedius
Platyrinchus mystaceus niveigularis
Cyanocorax chrysops interpositus

A estas novidades poder-se-á acrescentar um taperá, (*Chaetura spinicauda* subsp.) já conhecido da zona de Ilhéus (Baía), mas impossível de determinar com segurança por falta de material de comparação.

Um dos componentes mais notáveis da avifauna nordestina (*Mitu mitu*), cuja identidade de todo se perdera, tem o seu *statu*

firmado em base sólida graças a um exemplar obtido pela expedição de 1951.

Bom número de formas estritamente nordestinas e até então conhecidas só de Pernambuco (*Tinamus solitarius pernambucensis*, *Dendrocincla turdina taunayi*, *Synallaxis ruficapilla infuscat*, *Automolus leucophthalmus lammi*, *Pyriglena leucoptera pernambucensis*, *Myrmeciza ruficauda soror*, *Idioptilon zosterops naumburgae*, etc.) viram sua distribuição alargada em direção ao sul, através de exemplares alagoanos. Outras, conhecidas até aqui de regiões distantes, como a baixa Amazônica (*Momotus momota parens*), o Ceará (*Procnias averano averano*), ou o sul da Baía (*Touit surda*), tiveram a sua presença na zona intermédia verificada aparentemente pela primeira vez.

Em ambas viagens o bom êxito da empresa foi grandemente facilitado pelo desinteressado concurso de pessoas em situação de nela colaborar, desta ou daquela maneira. De algumas, entre as que mais se tornaram credoras do reconhecimento dos excursionistas pelas atenções ou serviços recebidos, houve a oportunidade de mencionar os nomes no curso deste relatório. Mas, pela importância da assistência prestada no capítulo dos transportes, referência especial seja-nos permitido fazer ao Dr. José Clovis de Andrade, digno Diretor da Divisão do Fomento Agrícola de Alagoas, a quem temos o prazer de expressar os nossos agradecimentos.

II — EXPEDIÇÃO DE 1951

Prolongou-se a expedição de 1951 de meados de setembro a começos de outubro e dela tomaram parte, afora o pessoal de serviço contratado no local, o Autor e o taxidermista-colecionador da Divisão de Aves do Departamento de Zoologia, sr. Emilio Dente. O itinerário seguido e os pontos durante ela visitados constam da relação abaixo, distribuindo-se a matéria pelas estações de coleta:

SÃO MIGUEL — Acusam esta procedência os exemplares obtidos nas matas que ladeiam o rio do mesmo nome, um dos que, poucas léguas ao sul de Maceió, despejam águas no Atlântico.

Em auto-caminhão cedido pela supranomeada repartição deixamos Maceió na manhã de 25 de setembro, começando por galgar em rampa forte a extensa e descampada planura que precede o Rio Mundaú, cujas águas barrentas atravessamos, antes de alcançar a estação de Satuba, sede do estabelecimento de ensino prático de Agricultura, a que adiante nos referiremos. Passamos, a seguir, por Manguaba (antiga Pilar), na ponta septentrional da lagoa do mesmo nome e, pouco depois, o Rio Paraíba do Meio, que também transpuzemos, para entrar na zona de grandes matas que antecedem o Rio São Miguel e constituíam o nosso primeiro objetivo. Vencendo

ainda bom trecho de estrada, alcançamos o povoado de Sebastião Ferreira, sede da Fazenda São Miguel, em cujas terras, cerca de duas e meia léguas adiante, foi instalado o acampamento de trabalho. A espessa mataria que tínhamos aí à nossa volta confinava de um lado com o Rio São Miguel, e do outro com o Rio Niquim, ambos tributários da chamada Lagoa do Norte. Não longe dali, separada por longa e forte ladeira, via-se a grande lagoa representada nas cartas geográficas com o nome de Barra de Sant'Ana, e que outra coisa não é senão a porção mais baixa e espraída do próprio Rio São Miguel. Na margem oposta, e ao alcance fácil dos olhos, fica o lugarejo chamado Roteio, que, figurando nos mapas, pode ser utilizado como ponto de referência.

Colecionamos nas matas de São Miguel entre 26 de setembro e 5 de outubro, lutando nos primeiros dias com o mau tempo, já que ainda nos achavamos na estação chuvosa, que nesse ano fora bastante acentuada.

Cercando-nos por todos os lados o verde da floresta, impressionou-nos desde logo essa pujança do mundo vegetal, despertando-nos o desejo de destacar o que nos parecesse mais característico, sem um guia embora, que nos orientasse nessa difícil indagação. À falta de melhor, havemos que recorrer ao que nos pudessem por acaso ensinar os madeireiros, única gente capaz de fornecer neste terreno informações úteis, e de encontro quase certo cada vez que alongávamos as caminhadas pelas picadas e arrastões, em busca de material zoológico. O solo relativamente seco e a pouca umidade atmosférica são talvez, nessas matas, a causa da quantidade muito pequena de subosque, em contraste com a densidade da folhagem das grandes árvores adunadas em teto continuo acima das nossas cabeças; e também da pobreza em epífitas e plantas escandentes, à diferença do que nos recordamos de haver observado no sul da Baía, onde os troncos se escondem nos entrançados de cipóal, ou desaparecem sob a cortina das raízes adventícias. Entre os colossos vegetais que mais nos impressionaram pela elevação ou elegância de porte, merece destaque o "visgueiro" (*Parkia pendula* Benth.), cuja imensa copa, em forma de para-sol, atinge alturas de vinte e cinco ou trinta metros, assinalando-se a grande distância pelos frutos relativamente volumosos, e pendentes de pecíolos longos de meio metro ou mais. O nome lhe vem da abundante secreção açucarada que destes exsuda, quando maduros, oferecendo alimento apetecido por quase todos os habitantes da mata. Conforme nos foi dado verificar, os maiores fregueses desse petisco são os morcegos frugívoros. Mal cai o crepúsculo acorrem em chusma tais mamíferos voadores, acotovelando-se uns aos outros na maior ansie-

dade, em tórno dos frutos mais sasonados, e a estes se segurando por segundos apenas, para logo recommençar a inquieta revoada. Informação, que logo nos deram os camaradas a nosso serviço no acampamento, foi a de ser o visgueiro também frequentado assiduamente pelos juparás ⁽¹⁾ [*Potos flavus* (Schreber)]. Com efeito, não tardou que disso tivéssemos prova certa noite, ao ser abatido por Dente, da porta mesma de nossa barraca, um belo exemplar da espécie. Estudado por C. Vieira ⁽²⁾, juntamente com outro colecionado depois, permitiu a este mastozoólogo rehabilitar, como subespécie particular, o carnívoro observado há mais de um século no sul da Baía pelo príncipe de Wied, e por êle descrito com o nome expressivo de *Nasua nocturna*. Outro madeiro notavel pelo porte que alcança é a “mamajuda”, espécie botânica que não nos foi possível identificar. Para o zoólogo merece êle destaque por serem também os seus frutos muito procurados, no chão, por quase toda a casta de mamíferos, como pacas, cotias, porcos do mato, coendus, etc. Ainda pelo mesmo motivo, vale a pena mencionar outra arvore (*Phyllanthus* sp.), localmente conhecida pelo nome de “castelo”, e congénérica da que em certos lugares é comum chamar-se “moranguinha”, “perola vegetal”, etc. Graças a ela é que tivemos a grata surpresa de obter um exemplar autêntico do *Mitu brasiliensibus* de Marcgrave, e de demonstrar, através dêle, o velho erro em que se achava envolvida a sistemática do primeiro mutum descrito em terras brasileiras. Sôbre esta observação, porventura a mais importante das que nos proporcionou a viagem a Alagoas, já nos ocupamos especial e circunstanciadamente em trabalho anterior ⁽³⁾. Fariam lista longa as essências cujo nome me foi dado conhecer na mata alagoana, preciosas umas pelas suas aplicações na marcenaria ou em construções civis, notáveis outras pela produção de frutos alimentícios para os animais, de latex para a indústria, estopa para cordame, etc. Entretanto, para uma só vimos convergir as atenções dos madeireiros, a “sucupira” (*Bowdichia* sp., fam. Leguminosae, Papilion.), arvore grande, de tronco direito e ótimo lenho pardo-escuro, hoje grandemente procurada para toda sorte de construções. O panorama faunístico deu-nos pouca margem para observações merecedoras de referência particular, devendo o assunto ser novamente abordado mais adiante, a propósito da excursão de 1952.

(1) Forma contracta de “jurupará”, nome pelo qual seria mais correntemente conhecido em outros Estados, como Pernambuco. Também conhecido, segundo Rodolfo Garcia (*Dicionário de Brasileirismos*) por “macaco da meia noite”, denominação usada alhures para os macaquinhos noturnos do gênero *Aotus* Humb. (= *Nyctipithecus* Spix), inexistentes no Nordeste.

(2) C. da C. Vieira, *Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia*, vol. XI, p. 33 (1952).

(3) O. Pinto, “Redescobrimto de *Mitu mitu* Linné, no nordeste do Brasil”, in *Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia*, X, n.º 19, p. 325 e seg. (1952).

FAZENDA CANOAS — No dia 8 de outubro, continuando frequentes os aguaceiros, quase sempre acompanhados de forte ventania, deixamos o acampamento de São Miguel, de retorno a Maceió. Interrompemos todavia a viagem em Satuba, onde funciona, como ficou dito, um Aprendizado Agrícola, que desejávamos conhecer. À amabilidade do seu diretor, o agrônomo José Tupinambá do Monte, devemos ter sido apresentado ao Dr. Barnabé Oiticica, proprietário da fazenda Canoas, que veio a ser a nossa segunda estação de coleta. Fica esta fazenda no curso do Rio Pratagi, pequena corrente que deságua 12 quilômetros ao norte de Maceió e passa não muito longe da próspera cidade de Rio Largo. A vegetação ali já difere muito da de São Miguel, sendo a floresta substituída por trechos mais ou menos extensos de mato baixo, de formação secundária, a que pensamos caber bem, pelo seu aspecto, o qualificativo de caapoeirões. Passamos apenas uns oito dias úteis (10 a 18 de setembro) nesse lugar, aliás não sem proveito para as coleções ornitológicas, que se viram acrescidas de algumas formas não encontradas nas matas do Rio São Miguel.

PALMEIRA DOS INDIOS — Transcorridos alguns dias, partindo de Maceió às 15,30 horas, em ônibus de carreira, chegamos a esta cidade central ao cabo de quatro horas de viagem, através de estradas de todo tipo, ladeando às vezes áreas cultivadas, mas quase sempre na vizinhança de cadeias de morros, boscosos a princípio, e mais tarde cobertos de rala vegetação.

A natureza aqui oferece aspecto completamente diverso da encontrada na parte oriental do Estado, onde foram feitas as duas primeiras estações de coleta. As matas higrófilas da zona litorânea foram deixadas longe, substituindo-as vegetação baixa, com feição característica de caatinga arbustiva ⁽¹⁾ e abundância de cactáceas, inclusive o xique-xique (*Pilocarpus setosus* Guerke). O cultivo da

(1) Dificilmente haverá formação vegetal tão difícil de conceituar como essa que, utilizando expressão sertaneja tomada ao indígena, recebeu o nome de *caatinga*. Philip v. Luetzelburg (*Estudo Botânico do Nordeste*, vol. III, p. 62) define-a como sendo “um mato xerófilo, denso, composto de arbustos, de folhas caducas, pequenas, pinatas ou multipinatas, rico de espinhos e cactáceas, constituído de elementos munidos de todos os meios protetores contra a demasiada transpiração”, capaz de contentar-se “com todo e qualquer solo”. Todavia tal definição, bem adequada a certos tipos de caatingas, chamadas “legítimas” pelo matuto, não se coaduna com a idéia que habitualmente delas se tem, e aliás não difere da que o famoso livro de Euclides da Cunha contribuiu para vulgarizar. As caatingas de que se ocupara êste autor, correspondem ao que os habitantes do Nordeste chamam “sertão” e, ainda segundo Luetzelburg, se distinguem das primeiras pela sua muito maior aridez e esterilidade. Enquanto que o mandacaru de boi, (*Cereus jamacaru*), útil como forragem, é considerado elemento característico da caatinga legítima, no sertão esse papel é representado essencialmente pelo facheiro (*Cereus squamosus*), que “não tem utilidade alguma”.

“palma” (*Opuntia* sp.), a que faltam os espinhos normais às espécies do gênero, é ali a salvação dos criadores de gado durante as prolongadas estiagens. Consequentemente, a fauna, que não exageraríamos qualificando-a de paupérrima, carece de interesse especial, copiando a do interior sêco dos demais Estados nordestinos. Não fossem as lagoas e pequenos açudes existentes nas proximidades, e a população relativamente variada de aves aquáticas e ribeirinhas que os frequentam, inclusive marrecas, cifrar-se-ia praticamente a coleta ornitológica nos passarinhos mais comuns, os quais eram encontrados de preferência nas árvores e arbustos das cercas nativas. Não houve pois razões para alongar a permanência no lugar, tanto mais contrário aos nossos objetivos quanto bastante fatigantes eram as jornadas necessárias para alcançar pontos suficientemente afastados da área povoada.

ENGENHO RIACHÃO — Relações feitas em Palmeira dos Índios possibilitaram estágio, breve mas bastante proveitoso nessa fazenda, que se localiza algumas léguas ao norte da pequena cidade de Quebrangulo. Os oito dias (6 a 13 de novembro) que ali passamos graças à cordial hospitalidade do sr. Frederico Maia, seu proprietário, deram-nos melhor ensejo de conhecer a configuração geográfica daquele trecho do interior alagoano, reconhecendo-lhe como traço saliente a série de montanhas estendidas em cadeia de regular altura, e cobertas às mais das vezes de compacta vegetação subxerófila. Entre os achados ornitológicos feitos aí, contam-se vários exemplares de *Thalurania watertonii*, raro beija-flor cuja verdadeira pátria andou envolvida em erro ou incerteza até bem pouco tempo, e agora temos por definitivamente fixada.

III — EXPOSIÇÃO DE 1952

Essa segunda visita a Alagoas realizaram-na os srs. Carlos A. de Camargo Andrade, da Divisão entomológica do Departamento de Zoologia, e o naturalista-colecionador Emilio Dente. Teve como objetivo não só ampliar os resultados da efetuada no ano anterior, mas, principalmente, conseguir algumas desiderata procuradas com particular empenho, entre as quais a evanescente raça nordestina de *Tinamus solitarius*, agora felizmente representada na coleção ornitológica da nossa instituição. Realizou-se ela na mesma quadra do ano que a anterior, prolongando-se por um período útil de trinta dias, despendidos todos num único ponto, localmente conhecido por Mangabeira, e situado nas terras da Usina Sinimbu, elas próprias compreendidas em grande parte na mesma região florestada já conhecida de São Miguel.

MANGABEIRA ⁽¹⁾ — Fica êste povoado junto a foz do Rio Jiquiá e a pequena distância da lagoa homônima formada à sua custa, a maior da parte meridional do Estado de Alagoas. Conforme reza o relatório apresentado pelo sr. Camargo Andrade, os excursionistas estiveram acampados em suas proximidades, donde ter sido escolhido o nome da localidade como procedência do material. Ficava o local no centro mesmo da vargem do Rio Jiquiá, onde tem a Usina suas plantações de cana, e não longe da borda da mata que se estende encosta acima, até o espigão, ou chã, como lá preferem chama-lo. O terreno é ali bastante “irregular, formando inúmeras barrocas, grotas e grotões”. Como em São Miguel, as picadas utilizadas como arrastões na extração da madeira estendem-se por distância às vezes de mais de três léguas, de preferência ao longo dos espigões. Mas, devido a longo período de sêca, as coletas se viram bastante prejudicadas, inclusive a de mamíferos e aves, visto como, por causa do ruído produzido ao pisar-se o solo coberto de folhas secas, muito difícil era surpreendê-los. Um interessante pormenor, o haverem os colecionadores aprendido a “cevar os animais com água que colocavamos em panelas de barro”, pinta bem até que grau chegaram naquele ano os efeitos da inclemência do clima. O espaço de tempo gasto nesta estação de coleta foi, como vimos, precisamente de um mês, iniciando-se os trabalhos em 20 de outubro e encerrando-se a 19 de novembro.

IV — CONSIDERAÇÕES SÔBRE A SITUAÇÃO ATUAL DA FAUNA SILVESTRE

Durante nossa estada em São Miguel, porque tivéssemos os olhos mais voltados para a ornitologia, não nos foi possível prestar grande atenção aos mamíferos, poucas observações tendo sido registradas a seu respeito, em nosso diário. Mas as nossas impressões da situação atual da fauna silvestre do leste alagoano estão em plena concordância com as colhidas pelo sr. Camargo Andrade em Mangabeira (Usina Sinimbu) e por êle consignadas em seu já mencionado relatório. São assim muito pertinentes os comentários do último sôbre o papel preponderante do homem na devastação do patrimônio faunístico da região. “A fome de proteínas, escreveu êle, é saciada pela caça, já que não há criação de animais. O porco é criado amarrado na corda, gado não há, o que acarreta a perseguição tremenda a tudo que possa ser comido”. Essa perseguição é movida de mil maneiras, e especialmente pelo uso generalizado dos mundéus, essa herança deixada pelo índio ao nosso matu-

⁽¹⁾ Segundo o sr. Camargo Andrade, é Mangabeira, e não Mangabeiras, como aparece na generalidade dos rótulos, o nome verdadeiro do povoado em cujas proximidades acamparam desta feita os excursionistas.

to, e ainda tão usada até hoje que “um só morador se orgulhava de possuir 30, bem rendosos”. Nota o mesmo relator até que ponto “êste costume de suprir-se de carne na mata se acha enraizado no espírito” dos sertanejos, referindo-se ao quanto “é comum um camarada faltar ao serviço para caçar, esperar em fruteira onde o bicho está comendo, ou lançar a rede na lagoa”. Compreende-se assim o segredo feito pelos caboclos sobre a região em que se desenvolvem as suas atividades venatórias, observando eles a praxe de, “quando descobrem um barreiro, ou fruteira nova, esconder a informação, com medo de concorrência”. Como muito bem sabemos de própria experiência ⁽¹⁾, informações propositadamente erradas e dubias tornavam a maior parte das vezes inútil procurar o naturalista socorrer-se dos conhecimentos dos nativos sobre o paradeiro e os hábitos de espécies que desejaria conseguir. Não obstante, ficou a certeza de existirem ainda na zona regular quantidade de mamíferos e aves, inclusive os de interesse cinegético, como veados, catêtos, coatis, tatus, mutuns, macucos, inambus, jacus, pombas, etc.

No que toca aos Mamíferos, durante toda a viagem por Alagoas a nós impressionara antes de tudo a absoluta ausência de macacos outros que não os do gênero *Callithrix*, êle próprio representado, ao que parece, por uma única espécie, *C. jacchus*. Êste fato, tanto mais singular quanto mais propício se apresentava o meio à vida das espécies arborícolas, pensamos ter sua explicação em fatores estranhos à ação destruidora do homem, qual seja a febre amarela silvestre, ⁽²⁾ moléstia endêmica em muitos pontos do Brasil, e sabidamente responsável por verdadeiras mortandades nos macacos dos gêneros *Alouatta* (guaribas, bugios, etc.) e *Cebus* (micos, macacos prego, etc.) ⁽³⁾

A própria passarada miúda é antes pouco numerosa nas matas de Alagoas, faltando-lhes muitos elementos dos mais característicos da avifauna silvestre do leste da Baía. Decadente é a família dos psittácidas, nenhum representante tendo se encontrado dos gêneros alhures incluídos entre os mais comuns, como *Pyr-*

(1) Cf. Pinto, “Aves da Baía”, in *Rev. do Museu Paulista*, XIX, p. 10 (1935).

(2) Do ponto de vista causal não se faz distinção entre a febre amarela silvestre e a doença humana conhecida pelo mesmo nome; diferem porém os agentes transmissores, já que nas matas, onde não vive *Aedes aegypti*, o referido papel é exercido por várias espécies do gênero *Haemagogus*. Sobre êste assunto, entre outros de abundante literatura, cf. R. M. Gilmore, “Mammalogy in an epidemiological study of jungle yellow fever in Brazil”, in *Journ. of Mammalogy*, vol. XXIV, pp. 144-162 (1943).

(3) Alguns saúns dos gêneros *Callithrix* e *Leontocebus* mostram-se também sensíveis, pelo menos experimentalmente, ao vírus da febre amarela; neles, contudo, a epizotia não apresenta o mesmo grau de mortalidade verificada nos *Cebidae* (cf. H. W. Laemmert e Leoberto de Castro Ferreira, in *The Amer. Journ. of Tropical Medicine*, XXV, 1945, p. 231).

rhura. Da existência de bucônidas, cuja posição é tão conspícua na ornis florestal dos Estados médio-orientais, não se teve nenhuma notícia, pois o único membro da família a figurar em todo o material trazido é característico da avifauna campestre. Tampouco foram vistos quaisquer membros dos gêneros *Ampelion* e *Tityra*, cotíngidas de larga distribuição nas matas da faixa litorânea do sul do Brasil. Em compensação, o tropeiro, *Lipaugus vociferans* Wied, era dos pássaros mais abundantes na floresta de São Miguel. Merece também registro a pobreza extrema de certas famílias outras que nas matas do sul entram habitualmente com largo contingente; os gaviões são muito raros (uma só espécie consta do material conseguido), e bem assim os rapineiros noturnos, de que não houve oportunidade de obter sequer um exemplar; os picapáus, pouquíssimos, e reduzidos a número extraordinariamente limitado de espécies, entre as mais corriqueiras; escassamente representados os beija-flores; relativamente restrita, igualmente, em que pese a exuberância da flora, a fauna de formicariídas, dendrocoláptidas e, em geral, de toda a passerada afeita à sombra protetora do subosque e aos recursos alimentares peculiares a este ambiente biológico. Um gênero de que a avifauna brasílica ostenta tamanha riqueza de formas, como é *Tangara*, contribuiu apenas com uma espécie colecionada, *Tangara cayana*, e outra cuja existência pode ser apenas visualmente confirmada, *Tangara fastuosa*. Investigação mais demorada, ou estação mais propícia, modificaria, é certo, os pormenores desse quadro; mas, poupando-lhe as linhas gerais, deixá-lo-ia provavelmente intacto nos seus contornos.

V — SOBRE A AVIFAUNA DE ALAGOAS, DO PONTO DE VISTA DA ZOOGEOGRAFIA

Situado na intersecção de duas regiões zoogeográficas claramente diversificadas, não admira que ao Estado de Alagoas caiba apresentar número avultado de formas intermediárias, e altamente interessantes do ponto de vista do estudo das relações existentes entre a avifauna do Brasil este-meridional e a do norte extremo do país. Claro é que tais formas são, não raro, apenas a amostra, por assim dizer residual, de uma cadeia cujos elos na maioria das vezes se perderam num passado mais ou menos remoto da evolução seguida pelos diferentes grupos, como resultado de fatores inimagináveis, vinculados uns ao aparente acaso das modificações genéticas, outros às alterações experimentadas pelo meio, aqui compreendidos os fatos concernentes à geografia propriamente dita, como os que dizem respeito às condições ecológicas.

Tudo leva a crêr que a configuração atual da parte mais oriental do continente sul-americano, correspondente ao este-septentrião brasileiro, seja o resultado de acidentes experimentados pela morfolo-

gia das terras, origem por sua vez, em boa parte, das profundas modificações climáticas que acabariam por criar, do ponto de vista da fauna, como da flora, verdadeiro hiato entre a Amazônia e a porção tropical da faixa oriental atlântica. ⁽¹⁾ Daí abrigarem as matas do nordeste preciosos documentos dos antigos liames havidos com a Hiléia, documentos de que bruscamente se empobreceu a região meridional, como resultado de influências mesológicas preponderantes. Entre os exemplos que ilustram o asserto, posto de realce ocupa o já mencionado *Mitu mitu* Linn., representante nordestino do mutum amazônico de bico inflado na base, e com êste tão proximamente aparentado que é questão de ponto de vista conferir-se-lhe dignidade de espécie autônoma, ou considerá-lo simples subespécie. Não menos notável é o caso de *Procnias averano* Herm., “Guirapunga” de Margrave, que a princípio se supôs ser a araponga comum ⁽²⁾, dos Estados este-meridionais, mas depois se verificou, pelo contrário, ser coespecífica de um cotíngida caraibo-guianense de conhecimento familiar aos ornitologistas. O inambu-relógio, *Crypturellus strigulosus* (Temm.), de extensa distribuição na parte meridional e oriental da Amazônia, reaparece em Pernambuco e Alagoas, chegando quiçá à margem septentrional do Rio São Francisco. *Thamnophilus aethiops* Sclater, espécie essencialmente amazônica, cujas múltiplas raças se distribuem dos contrafortes andinos aos prolongamentos mais orientais da Hiléia, acha-se também representado no Nordeste por subespécie particular, adiante descrita neste trabalho. As populações nordeste-brasileiras de *Momotus momota* Linn., espécie politípica cujo domínio geográfico cobre quase toda a América tropical e sub-tropical cisandina, não apresentam diferenças capazes de separá-las das da região de Belém do Pará, convindo referir umas e outras a *M. momota parensis* Sharpe. *Dysithamnus mentalis* Hellmayr, pequeno formicariída distribuído por todo o território brasileiro, deixa-se separar em três subespécies bem caracterizadas, umas das quais, *D. mentalis emiliae*, habita todo o êste-septentrião, desde a região de Belém até o leste de Alagoas. Entre as cinco raças geográficas de *Automolus leucophthalmus* Wied ordinariamente reconhecidas no Brasil, *Automolus leucophthalmus lammi* Zimmer é privativa da região pernambuco-alagoana; pois bem, extremado-se em suas características das suas irmãs, a semelhança maior dela é com *Automolus infuscatus* (Scla-

(1) A este propósito, ocorre-nos lembrar uma passagem de Phil. von Luetzelburg (op. cit., pp. 52-53), em que este distinto botânico, referindo-se a florestas, diz que delas “não existe ao sul do Piauí um exemplar sequer”, já que “não podemos tomar em consideração as escassas semi-florestas nos desfiladeiros e despenhadeiros nas diversas serras e chapadas no sul do Piauí, que todavia dão lembrança da existência de grandes matas em tempos remotos” (op. cit., pp. 52-3).

(2) Cf. Pinto, *Bal. Mus. Paraense E. Goeldi*, X, p. 311 (1949).

ter), furnariída amazônico por todos havido até aqui como espécie autônoma e notavelmente rica em formas subespecificamente separáveis.

Outros exemplos não faltariam para reforçar a lição contida nos escolhidos; isso, todavia, nos parece dispensável.

VI — PARALELISMO DA VARIAÇÃO GEOGRÁFICA ENTRE AS ESPÉCIES ESTE-BRASILEIRAS

A análise comparativa das variações sofridas pelas espécies politípicas representadas na ornis nordestina revela a existência frequente de notável paralelismo entre os clines de que são exemplo. É para essa similitude de tendências evolutivas que desejamos agora chamar a atenção, à luz de exemplos concretos.

Nas espécies de distribuição extensa ao longo dos meridianos e em cuja variação entra o porte médio dos indivíduos, muito comum é observar-se aumento gradual nas medidas de asa e cauda, a partir do norte para o sul. Daí o acusarem as aves nordestinas, via de regra, medidas superiores às do baixo Amazonas e inferiores às dos Estados meridionais, justificando por vezes, com base nessa diferença, a separação de subespécies mais ou menos bem caracterizadas. *Tangara violacea aurantiicollis*, do Brasil oriental, mede mais do que a forma típica da espécie, peculiar à Amazônia e circunjacências, repetindo-se, *mutatis mutandis*, o citado fenômeno, com duas outras espécies do mesmo gênero, a saber, *Tangara chlorotica* e *Tangara cyanocephala*. Outro exemplo é dado por *Nemosia pileata*, o maior índice médio das medidas sendo praticamente o único carater a separar *Nemosia pileata caerulea*, do Brasil este-meridional e central, de *Nemosia pileata pileata*, da Amazônia e norte do Brasil, o Nordeste inclusive. *Hemithraupis flavicollis melanoxantha*, raça do este-septentrião brasileiro (Pernambuco a Baía), acusa medidas superiores às de suas coespécies amazônico-guianenses, e levemente inferiores às de *H. f. insignis*, sua correlata sul-oriental (Espírito Santo, Rio de Janeiro). Nas populações sulinas de *Tyrannus melancholicus*, os comprimentos de asa e cauda avantajam-se aos encontrados em *T. m. despotes*, do nordeste brasileiro. Em *Myiobius barbatulus mastacalis*, outro tirânida de vasta distribuição, verifica-se dentro da própria subespécie, ao longo da faixa meridional atlântica, redução gradual das medidas, em direção ao norte.

Não menos interessante do ponto de vista em foco é o observado relativamente ao colorido da plumagem, visto como nas espécies caracteristicamente este-brasileiras é muito frequente ir-se êle tornando menos carregado à medida que se segue para o sul. *Synallaxis ruficapilla infusata*, raça nordestina de uma espécie que até bem pouco se supunha confinada aos Estados meridionais, apre-

senta plumagem consideravelmente mais escura do que *Synallaxis ruficapilla ruficapilla*. Na já mencionada raça pernambuco-alagoana de *Automolus leucophthalmus*, a tonalidade da coloração é consideravelmente mais sombria do que na forma típica da espécie, própria do Brasil este-meridional. Em *Sclerurus caudacutus*, espécie cuja distribuição, mais septentrional, abrange a Amazônia, fato análogo se observa, a principal diferença entre *S. caudacutus umbretta*, da Baía, e *S. caudacutus caligineus* residindo na tonalidade muito mais escura da plumagem do último. O mesmo podemos dizer de *Lepidocolaptes fuscus atlanticus*, raça peculiar ao Nordeste, em confronto com *L. f. fuscus* e *L. f. tenuirostris*, seus próximos afins de habitat mais meridional. Aberra, porém, em parte, do que vimos aceitando como regra, o exemplo de *Schiffornis turdinus*, por isso que suas populações nordestinas, separadas agora como subespécie particular, apresentam plumagem menos carregada do que as da Baía, ocupando assim posição intermédia entre estas e as da região de Belém do Pará. Nas espécies cuja distribuição, não se confina ao Brasil oriental, mas abrange também a Amazônia, longe de ser execpecional, é muito frequente a inversão no sentido da variação, podendo as populações baixo-amazônicas diferenciar-se subespecificamente das nordestinas pelo colorido mais claro da plumagem. Assim, *Sclerurus caudacutus pallidus*, do baixo Amazonas, é mais claro do que *S. c. caligineus*, e até mesmo do que a de *S. c. umbretta*. Também *Thamnophilus aethiops*, espécie esta essencialmente amazônica, sabemos ser representada no Nordeste por uma raça mais sombria do que a sua similar baixo-amazônica.

VII — QUADRO SINÓPTICO DO MATERIAL COLIGIDO EM CADA ZONA ECOLÓGICA

Na distribuição do material pelos três ambientes ecológicos constantes da tabela, cabem à *mata* os exemplares coligidos em São Miguel e Mangabeira, às *caapoeiras* (matas secundárias) os da fazenda Canoas, e à *caatinga* os de Palmeira dos Índios e Engenho Riachão. Os algarismos exprimem o número de unidades obtidas.

| | Mata | Caapoeira | Caatinga |
|--|------|-----------|----------|
| <i>Tinamus solitarius pernambucensis</i> | 1 | | |
| <i>Crypturellus strigulosus</i> | 3 | | |
| <i>Crypturellus soui albigularis</i> | 3 | | |
| <i>Crypturellus parvirostris</i> | 2 | | |
| <i>Rhynchotus rufescens rufescens</i> | | | 1 |
| <i>Nothura boraquira</i> | | | 4 |
| <i>Butorides striatus striatus</i> | 5 | | |
| <i>Tigrisoma lineatum marmoratum</i> | 1 | | |
| <i>Ixobrychus exilis erythromelas</i> | 3 | | |

| | Mata | Caapoeira | Caatinga |
|---|------|-----------|----------|
| <i>Dendrocygna viduata</i> | | | 2 |
| <i>Nettion brasiliense</i> | | | 1 |
| <i>Dafila bahamensis bahamensis</i> | | | 1 |
| <i>Cathartes aura ruficollis</i> | 1 | | |
| <i>Accipiter bicolor pileatus</i> | | | 2 |
| <i>Buteo magnirostris nattereri</i> | 1 | | 2 |
| <i>Mitu mitu</i> | 1 | | |
| <i>Rallus nigricans</i> | 3 | | 1 |
| <i>Aramides cajanea cajanea</i> | 3 | | |
| <i>Porzana albicollis albicollis</i> | 2 | | |
| <i>Laterallus melanophaius melanophaius</i> | 5 | | 1 |
| <i>Laterallus viridis viridis</i> | 1 | | |
| <i>Gallinula chloropus galeata</i> | | | 3 |
| <i>Porphyryla martinica</i> | 3 | | |
| <i>Jacana spinosa jacana</i> | 1 | 1 | |
| <i>Tringa solitaria solitaria</i> | 1 | | |
| <i>Capella paraguaiae paraguaiae</i> | 1 | | |
| <i>Columba speciosa</i> | 1 | | |
| <i>Scardafella squammata squammata</i> | 1 | | |
| <i>Columbigallina minuta minuta</i> | | | 3 |
| <i>Columbigallina talpacoti talpacoti</i> | 2 | | 1 |
| <i>Claravis pretiosa</i> | 1 | | |
| <i>Leptotila verreauxi approximans</i> | 3 | | 1 |
| <i>Coccyzus melacoryphus</i> | | | 2 |
| <i>Piaya cayana pallescens</i> | 3 | | 1 |
| <i>Crotophaga ani</i> | 1 | 1 | 1 |
| <i>Guira guira</i> | | | 1 |
| <i>Aratinga jandaya</i> | 2 | | |
| <i>Forpus passerinus flavissimus</i> | 1 | | 1 |
| <i>Touit surda</i> | 1 | | |
| <i>Pionus menstruus</i> | | 1 | |
| <i>Nyctibius griseus griseus</i> | 5 | 1 | |
| <i>Hydropsalis brasiliana brasiliana</i> | 1 | | |
| <i>Nyctidromus albicollis albicollis</i> | 4 | 1 | |
| <i>Caprimulgus rufus rufus</i> | 3 | | |
| <i>Chaetura spinicauda</i> | 2 | | |
| <i>Pygmornis ruber ruber</i> | 1 | | |
| <i>Eupetomena macroura simoni</i> | | | 4 |
| <i>Melanothrochilus fuscus</i> | | | 2 |
| <i>Amazilia fimbriata nigricauda</i> | | | 1 |
| <i>Hylocharis sapphirina</i> | | 1 | |
| <i>Chlorostilbon aureoventris pucherani</i> | | | 2 |
| <i>Thalurania watertonii</i> | 1 | | 3 |
| <i>Chrysolampis elatus</i> | | | 2 |
| <i>Trogon strigilatus strigilatus</i> | 4 | | |
| <i>Chloroceryle amazona amazona</i> | 1 | | |
| <i>Chloroceryle americana americana</i> | 3 | | 1 |
| <i>Momotus momota parensis</i> | 2 | 1 | |
| <i>Galbula ruficauda rufoviridis</i> | 7 | 2 | |
| <i>Nystalus maculatus maculatus</i> | 1 | | 1 |
| <i>Rhamphastos vitellinus ariel</i> | 2 | | |
| <i>Pteroglossus aracari aracari</i> | 2 | | |
| <i>Piculus flavigula erythropsis</i> | 3 | | |

| | Mata | Caapoeira | Caatinga |
|--|------|-----------|----------|
| <i>Celeus flavus subflavus</i> | 2 | | |
| <i>Veniliornis affinis ruficeps</i> | 2 | | |
| <i>Veniliornis passerinus taenionotus</i> | 1 | | 1 |
| <i>Dendrocolaptes certhia medius</i> | 2 | 2 | |
| <i>Dendroplex picus bahiae</i> | 5 | 1 | |
| <i>Xiphorhynchus guttatus guttatus</i> | 4 | 2 | |
| <i>Lepidocolaptes fuscus atlanticus</i> | 2 | 4 | 1 |
| <i>Lepidocolaptes angustirostris bahiae</i> | | | 1 |
| <i>Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris</i> | | 1 | |
| <i>Sittasomus griseicapillus reiseri</i> | 1 | | |
| <i>Dendrocincla fuliginosa taunayi</i> | 1 | | |
| <i>Furnarius leucopus assimilis</i> | | | 2 |
| <i>Furnarius figulus figulus</i> | 2 | 3 | |
| <i>Synallaxis ruficapilla infuscata</i> | 1 | 1 | |
| <i>Synallaxis frontalis frontalis</i> | | | 5 |
| <i>Synallaxis scutata scutata</i> | | | 3 |
| <i>Certhiaxis cinnamomea cearensis</i> | 1 | 1 | 2 |
| <i>Phacellodomus rufifrons specularis</i> | 1 | | 4 |
| <i>Automolus leucophthalmus lammi</i> | 3 | | |
| <i>Xenops minutus alagoanus</i> | 2 | 2 | |
| <i>Sclerurus caudacutus caligineus</i> | 3 | | |
| <i>Taraba major stagurus</i> | 3 | | 4 |
| <i>Thamnophilus doliatus capistratus</i> | | | 4 |
| <i>Thamnophilus aethiops distans</i> | 6 | 1 | |
| <i>Thamnophilus punctatus pelzelni</i> | 7 | | 2 |
| <i>Thamnophilus caerulescens cearensis</i> | | | 5 |
| <i>Thamnophilus torquatus</i> | 1 | | |
| <i>Dysithamnus mentalis emiliae</i> | 4 | | 1 |
| <i>Thamnomanes caesius caesius</i> | | 3 | |
| <i>Myrmotherula axillaris luctuosa</i> | 5 | 1 | |
| <i>Myrmorchilus strigilatus strigilatus</i> | | | 1 |
| <i>Formicivora grisea grisea</i> | 1 | | 2 |
| <i>Formicivora melanogastra bahiae</i> | | | 1 |
| <i>Pyriglena leucoptera pernambucensis</i> | 11 | | 1 |
| <i>Myrmeciza ruficauda soror</i> | 3 | 1 | |
| <i>Formicarius colma ruficeps</i> | 4 | 1 | |
| <i>Conopophaga melanops nigrifrons</i> | 3 | 1 | |
| <i>Attila spadiceus uropygiatus</i> | 3 | 1 | |
| <i>Casiornis fusca</i> | | | 1 |
| <i>Rhytipterna simplex simplex</i> | 5 | | |
| <i>Lipaugus vociferans vociferans</i> | 6 | 1 | |
| <i>Pachyramphus viridis viridis</i> | | | 1 |
| <i>Pachyramphus polychopterus polychopterus</i> | 2 | | 1 |
| <i>Pachyramphus marginatus marginatus</i> | | 1 | |
| <i>Procnias averano averano</i> | 1 | | |
| <i>Pipra erythrocephala rubrocapilla</i> | 5 | 1 | |
| <i>Chiroxiphia pareola pareola</i> | 8 | | 1 |
| <i>Manacus manacus gutturosus</i> | 1 | 3 | |
| <i>Schiffornis turdinus intermedius</i> | 2 | | |
| <i>Neopelma pallescens</i> | 5 | | 1 |
| <i>Fluvicola climazura climazura</i> | 2 | 3 | |
| <i>Arundinicola leucocephala</i> | | | 1 |
| <i>Machetornis rixosa rixosa</i> | | 1 | |

| | Mata | Caapoeira | Caatinga |
|--|------|-----------|----------|
| <i>Tyrannus melancholicus despotes</i> | 3 | | 2 |
| <i>Empidonomus varius rufinus</i> | | | 1 |
| <i>Myiozetetes similis pallidiventris</i> | 3 | | |
| <i>Pitangus sulphuratus maximiliani</i> | 3 | 1 | |
| <i>Myiarchus tyrannulus bahiae</i> | | | 1 |
| <i>Myiarchus ferox ferox</i> | 2 | 4 | 2 |
| <i>Contopus cinereus pallescens</i> | | | 3 |
| <i>Myiobius barbatus mastacalis</i> | 3 | | |
| <i>Myiophobus fasciatus flammiceps</i> | 2 | | 1 |
| <i>Platyrinchus mystaceus niveigularis</i> | 4 | 1 | |
| <i>Tolmomyias flaviventris flaviventris</i> | | | 1 |
| <i>Rhynchocyclus olivaceus olivaceus</i> | 1 | | |
| <i>Todirostrum cinereum cearae</i> | 1 | 2 | 3 |
| <i>Idioptilon zosterops naumburgae</i> | 1 | 1 | |
| <i>Idioptilon margaritaceiventer wuchereri</i> | | | 2 |
| <i>Idioptilon mirandae</i> | | | 1 |
| <i>Euscarthmus meloryphus meloryphus</i> | | | 1 |
| <i>Elaenia flavogaster flavogaster</i> | 1 | 1 | 1 |
| <i>Stelgidopteryx ruficollis ruficollis</i> | 1 | | |
| <i>Cyanocorax chrysops interpositus</i> | 1 | | |
| <i>Thryothorus longirostris bahiae</i> | | | 3 |
| <i>Thryothorus genibarbis genibarbis</i> | 4 | | 1 |
| <i>Troglodytes musculus musculus</i> | | | 1 |
| <i>Mimus saturninus arenaceus</i> | | | 2 |
| <i>Donacobius atricapillus atricapillus</i> | 3 | 1 | |
| <i>Turdus leucomelas albiventer</i> | 3 | | 1 |
| <i>Turdus rufiventris juensis</i> | 4 | 1 | 1 |
| <i>Polioptila plumbea atricapilla</i> | | | 1 |
| <i>Ramphocaenus melanurus melanurus</i> | 1 | | |
| <i>Anthus lutescens lutescens</i> | 1 | 1 | 3 |
| <i>Cyclarhis gujanensis cearensis</i> | 1 | | 2 |
| <i>Vireo virescens chivi</i> | | 2 | |
| <i>Cyanerpes cyaneus cyaneus</i> | | 1 | |
| <i>Dacnis cayana paraguayensis</i> | 5 | 2 | 1 |
| <i>Coereba flaveola choloropyga</i> | 1 | | 2 |
| <i>Conirostrum speciosum speciosum</i> | | | 1 |
| <i>Basileuterus flaveolus</i> | 1 | 1 | 3 |
| <i>Tanagra chlorotica serrirostris</i> | | | 2 |
| <i>Tanagra violacea aurantiicollis</i> | 5 | 1 | 3 |
| <i>Tangara cyanocephala corallina</i> | | | 1 |
| <i>Tangara cayana flava</i> | 5 | 1 | 5 |
| <i>Thraupis sayaca sayaca</i> | 3 | | 3 |
| <i>Thraupis palmarum palmarum</i> | 4 | | |
| <i>Ramphocelus bresilius bresilius</i> | 4 | 2 | |
| <i>Piranga flava saira</i> | | | 1 |
| <i>Habia rubica bahiae</i> | 2 | | |
| <i>Tachyphonus rufus rufus</i> | 3 | 1 | 2 |
| <i>Tachyphonus cristatus brunneus</i> | 7 | 3 | 1 |
| <i>Nemosia pileata caerulea</i> | | | 2 |
| <i>Hemithraupis flavicollis melanoxantha</i> | 2 | | |
| <i>Thlypopsis sordida sordida</i> | 1 | | 2 |
| <i>Compsothraupis loricata</i> | 4 | | 4 |
| <i>Schistochlamys ruficapillus capistratus</i> | 6 | | |

| | Mata | Caapoeira | Caatinga |
|--|------|-----------|----------|
| <i>Cacicus cela cela</i> | | 1 | |
| <i>Cacicus haemorrhous affinis</i> | 5 | 2 | |
| <i>Molothrus bonariensis bonariensis</i> | | | 1 |
| <i>Molothrus badius fringillarius</i> | | | 3 |
| <i>Icterus cayanensis tibialis</i> | 2 | | 3 |
| <i>Icterus jamacaii</i> | 1 | | 2 |
| <i>Agelaius ruficapillus frontalis</i> | 7 | | 3 |
| <i>Gnorimopsar chopi chopi</i> | | | 1 |
| <i>Leistes militaris superciliaris</i> | | | 1 |
| <i>Saltator maximus maximus</i> | 9 | 3 | |
| <i>Caryothraustes canadensis frontalis</i> | 3 | | |
| <i>Paroaria dominicana</i> | 2 | | 3 |
| <i>Cyanocompsa cyanea cyanea</i> | | 2 | |
| <i>Sporophila albogularis</i> | | | 1 |
| <i>Sporophila leucoptera cinereola</i> | 2 | 3 | |
| <i>Sporophila nigricollis nigricollis</i> | 1 | | 1 |
| <i>Sporophila bouvreuil bouvreuil</i> | | 1 | 1 |
| <i>Oryzoborus angolensis angolensis</i> | 3 | | |
| <i>Volatinia jacarina jacarina</i> | | | 1 |
| <i>Spinus yarrellii</i> | | | 1 |
| <i>Sicalis flaveola brasiliensis</i> | | 2 | |
| <i>Coryphospingus pileatus pileatus</i> | | | 1 |
| <i>Arremon taciturnus taciturnus</i> | 2 | 1 | |
| <i>Myospiza humeralis humeralis</i> | | | 2 |
| <i>Zonotrichia capensis matutina</i> | | | 2 |
| <i>Emberizoides herbicola herbicola</i> | | 2 | |
| Total | 343 | 88 | 173 |

VIII — LISTA COMENTADA DAS ESPÉCIES E SUBESPÉCIES

Família TINAMIDAE

Tinamus solitarius pernambucensis* BerlaMacuca*

Tinamus solitarius pernambucensis Berla, 1946, Bol. do Mus. Nacional do Rio de Janeiro, n.º 65, p. 2: Usina São José (leste de Pernambuco, município de Igarapé).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ adulto, abatido em 17 de novembro (1952).

A obtenção desta subespécie septentrional de *Tinamus solitarius* foi um dos objetivos principais das expedições que constituem o assunto do presente trabalho. Berla descreveu-a de Pernambuco, com base num casal de indivíduos adultos, que tivemos ocasião de estudar no Museu Nacional, antes de conseguir o exemplar de Alagoas. As características descritas nos espécimes típicos acham-se presentes no ♂ agora registrado, possuindo ao nosso vêr importância especial a tonalidade francamente cinzento-azulada do manto e porção alta do peito. Este caráter reforça velho ponto de vista nosso, segundo o qual as afinidades maiores de *Tinamus solitarius* seriam com *Tinamus tao*, e não com *Tinamus major*, como pareceu a Hellmayr & Conover (*Catal. Bds. Americas*, pte. 1, n.º 1, p. 10, nota 1). Todavia, a lista que ladeando a nuca e o pescoço de ambos, rufo-cinza em *T. solitarius*, branca em *T. tao*, constitui indício inequívoco deste estreito parentesco, é muito pouco distinta, senão ausente, em *T. solitarius pernambucensis*. O colorido fundamental das partes superiores da subespécie nordestina, como foi reconhecido por Berla, é predominantemente oliváceo, com mescla de cinza, ao contrário do que acontece em *T. s. solitarius*, em que ele, embora extremamente variável, oscila entre o ruivo-azeitonado e o bruno-arruivado. A área de dispersão de *T. s. pernambucensis*, para quem o Rio São Francisco talvez represente o limite meridional nos dias de hoje, é de crêr abrangesse primitivamente não só o Estado de Sergipe, mas o próprio nordeste da Bahia. Seja como for, as populações sul-baianas da espécie são tipicamente de *T. s. solitarius*, acontecendo até que um ♂ do Rio Jucuruçu (Pinto col., março de 1933), pertencente às coleções do Departamento de Zoologia, é de todos os exemplares aquele cuja plumagem, muito carregada de ruivo, mais se afasta do exemplar de Alagoas. Quanto às subespécies que Miranda-Ribeiro (*Rev. do Museu Paulista*, XXIII, 1938, p. 738) julgou reconhecer nas populações distribuídas pela Serra dos Órgãos, em que

pese o nosso apreço pela obra do saudoso zoologista patricio, não temos dúvida sobre o carater meramente individual das diferenças em que se basearam.

Crypturellus strigulosus (Temminck)

Inambu-relógio

Tinamus strigulosus Temminck, 1815, Hist. Nat. Fig. et Gallin., III, pp. 594 e 752: "province de Para".

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂, adultos (ou quase), de out. 28, nov. 4 e 9.

Não é novidade a ocorrência no Nordeste desta espécie baixo-amazônica, pois já fora ela registrada em Pernambuco, por Berla (op. cit., p. 3); isso porem, não diminui a importância zoogeográfica do fato, no fornecer mais um exemplo valioso das relações existentes entre as duas regiões faunísticas, hoje isoladas pela destruição das matas situadas de permeio. A despeito do extenso intervalo, nenhuma diferença apreciável revela a comparação dos espécimes de Alagoas com os do Pará.

Crypturellus soui albigularis (Brabourne & Chubb)

Tururim

Crypturellus soui albigularis Brabourne & Chubb, 1914, Ann. Magaz. Nat. Hist., (8), XIV, p. 320: Rio de Janeiro.

São Miguel: 1 ♂, muito jovem, de 5 de outubro de 1951.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ adulto, de 9 de novembro de 1952; 1 ♂ imaturo, de 3 de novembro do mesmo ano.

Crypturellus parvirostris (Wagler)

Nambu

Crypturus parvirostris Wagler, 1827, Syst. Av., gen. *Crypturus*, sp. 13: "Brasil" (= Baía, loc. típ. escolhida por Hellmayr, 1929).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de nov. 15 (1952); 1 ♂ imat., de out. 28 (1952).

Rhynchotus rufescens rufescens (Temminck)

Perdiz

Tinamus rufescens Temminck, 1815, Hist. Nat. Fig. et Gallin., III, pp. 552 e 747: Brasil e Paraguay, ex Azara (local. típica São Paulo, por design. de Hellmayr, 1929).

Engenho Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ muito jovem, de nov. 11 (1951).

Exemplar muito jovem (asá 170 mm.) para uma apreciação das características de plumagem. Material conveniente talvez o fizesse referir a *R. rufescens cattingae*, raça sôbre cuja solidez não deixamos de ter alguma dúvida, dada a amplitude das variações de colorido que se observam nas diferentes populações meridionais da espécie, nas do Estado de São Paulo em particular. Seja como for, por imaturidade ou não, o exemplar de Quebrangulo não apresenta nenhuma das características atribuídas à subespécie nordestina; as orlas das penas dorsais são distintamente tintas de ferrugem e, no que se refere às partes inferiores, as peculiaridades alegadas pelos autores afiguram-se-nos destituídas de significação geográfica.

Nothura boraquira (Spix)

Codorna

Tinamus boraquira Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 63, tab. 79: "districtus adamantini" (= região de Diamantina, norte de Minas Gerais).

Palmeira dos Índios: 2 ♀ ♀ adultas, de out. 29 e nov. 3; 1 ♂ juv., de out. 28, (1951).

Engenho Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ imat. de nov. 9 (1951).

Esta codorna, que é comum em todos os campos secos (tabuleiros, na linguagem local) do Brasil este-setentrional, desde o norte de Minas Gerais até o Ceará, ocorre ainda na região do Chaco (Bolívia e Paraguai), onde foi descrita por Gray (1867), sob a denominação de *Nothura marmorata*. Das várias espécies do gênero parece ser a única existente em Alagoas. Baseando-se no testemunho negativo de Reinhardt, que não a encontrou em qualquer parte da zona por ele percorrida, puzera Hellmayr (*Field Mus. Nat. Hist. Publ.*, XII, 1929, p. 478) em dúvida a exatidão da pátria registrada por Spix; sem embargo, parece-nos mais que provável venha a espécie a ter um dia confirmada a sua existência no Estado de Minas Gerais.

Família ARDEIDAE

Butorides striatus striatus (Linné)

Socòzinho

Ardea striata Linné, 1758, Syst. Nat., ed. 10.^a, p. 144: Guiana Holandesa.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 4 ♂ ♂ adultos, de out. 21 e 31 e nov. 1; 1 ♀ imat. de nov. 1 (1952).

No Brasil litorâneo é esta garcinha, quase por toda parte, o mais comum dos membros da família. A dignidade de espécie tem

suscitado ultimamente grande discussão (cf. Hellmayr & Conover, *Catal. Bds. Amer.* pte. I, n.º 2, p. 184), não sendo de admirar venham ulteriores estudos reconhecer-lhe a coespecificidade com *B. virescens*, sua legítima representante na metade septentrional de nosso hemisfério.

***Tigrisoma lineatum marmoratum* (Vieillot)**

Socó-boi

Ardea marmorata Vieillot, 1817, *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, nouv. édit., XIV, p. 415 (com base em Azara, *Apunt.*, N.º 353, "Garza jaspeada"): Paraguai.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ adulta, de 15 de nov. (1952).

Exemplar adulto, exemplificando de modo perfeito o que descrevemos há tempos (*Pap. Avulsos do Dept. de Zool.*, vol. VII, 1946, n.º 2, pp. 45-50) como 3.º estágio da evolução individual da plumagem, muito mutadiça, desta espécie. A asa mede 320 mm., correspondendo assim à média do que é regra nos indivíduos da subespécie em questão, como é fácil verificar pelas tabelas apresentadas naquele nosso trabalho.

***Ixobrychus exilis erythromelas* (Vieillot)**

Ardea erythromelas (graf. *crythromelas* por erro tipogr.) Vieillot, 1817, *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, nouv. édit., XIV, p. 422 (bas. em "Garza roxa y negra" de Azara, *Apuntam.*, N.º 360).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 20; 1 ♀ ad., e 1 ♀ juv. de out. 31 (1952).

Até poucos anos atrás, quando Lamm (*Auk*, 1948, p. 263) a registrou em Pernambuco, proximidades de Recife, nada constava na literatura ornitológica sobre a ocorrência desta garcinha nos Estados nordestinos situados entre a Baía e o Maranhão. Não obstante, os presentes exemplares parecem demonstrar que ela está longe de ser ali rara, devendo reproduzir-se normalmente após o inverno.

Família ANATIDAE

***Dendrocygna viduata* (Linné)**

Marreca-viúva

Anas viduata Linné, 1766, *Syst. Nat.*, ed. 12.ª, I, p. 205: Cartagena (Colômbia).

Palmeira dos Índios: 2 ♀ ♀ imaturas, colecionadas em 3 de nov. de 1951.

Ao contrário do que seria de supor pelas descrições geralmente encontradas nas obras gerais, sem excetuar a monografia de Salvadori no Catálogo das Aves do Museu Britânico (vol. XXVII, p. 148), a cor e desenho da plumagem da marreca viuva experimentam profundas modificações, consoante a idade. Aos dois exemplares de Palmeira dos Índios, evidentemente muito jovens, faltam as características mais salientes da espécie. A cabeça, a que falta inteiramente a máscara branca, é branco-acinzentada, com o píleo pardo-escuro; a base do pescoço, cinzento-ferruginosa, faz transição gradual com o restante das partes inferiores cor de cinza, sem qualquer vestígio da grande nódoa central negra que nos adultos se estende do peito à cauda. Nos flancos esboçam-se já as faixas transversais pretas peculiares à ave adulta, enquanto que no restante das partes inferiores elas se reduzem a pequenas nódoas escuras, de contorno aproximadamente semilunar e realçadas de cinza-claro no centro.

Nettion brasiliense (Gmelin)

Paturi

Anas brasiliensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, pte. 2, p. 517 (baseada em "Mareca secunda" de Marcgrave, através de *Anas brasiliensis* Brisson, Orn. VI, p. 360): "Brasília" (pátria típica, nordeste do Brasil, ex. Marcgrave).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ adulta, de nov. 3 (1951).

Dafila bahamensis bahamensis (Linné)

Anas bahamensis Linné, 1758, Syst. Nat., 10.^a ed., I, p. 124 (baseada em Catesby, Nat. Hist. Carolina, I, p. 53, pl. 93 - "The Ilathera"): Ilhas Bahama.

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de 31 de out. de 1951.

As medidas acusadas pelo exemplar (asa 204, cauda 76, culmen 42 mm.) concordam com as que dão os autores para a raça típica. Um ♂ ad. da República Argentina (provincia de Buenos Aires), com que foi comparado o de Alagoas, tem-nas bem superiores (asa 224, cauda 110, culmen 46 mm.), confirmando as características em que se baseia a separação das populações meridionais da espécie, como *D. bahamensis rubrirostris* (Vieillot). De três exemplares de Manguinhos (Rio de Janeiro, Distrito Federal), o que apresenta medidas maiores (asa 205, cauda 91, culmen 40 mm.) não se avanta em tamanho ao de Alagoas, do que se deve concluir pertencerem à raça típica todas as populações brasileiras da espécie, com exceção provável das do Rio Grande do Sul. Isso confirma

o que pensavamos a respeito da distribuição geográfica das duas formas ⁽¹⁾.

Família CATHARTIDAE

Cathartes aura ruficollis Spix

Urubu de cabeça vermelha

Cathartes ruficollis Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 2: interior da Baía e do Piauí (local. típica Joazeiro, no Rio São Francisco, sugerida por Pinto, 1937).

São Miguel: 1 ♂ adulto, de 30 de set. (1951).

As partes nuas da cabeça e pescoço apresentavam no exemplar recém-abatido o vivo colorido róseo característico da espécie; o negro da plumagem era fortemente lustrado de azul ferrete, com cambiantes de violeta, tal como descreveu Spix ("fusco violaceoque niger"). Só nas coberteiras superiores das asas existe mistura apreciável de pardo; mas, ainda assim, mesmo na falta de outras provas de identidade da ave, não haveria risco de confusão com o "urubu de cabeça amarela", cuja plumagem é inteiramente preto-azulada, inclusive as mencionadas coberteiras. De acordo com o que escrevem Hellmayr & Conover (*Catal. Birds of the Americas*, part. I, n.º 4, p. 8, nota 2) sobre o tipo de *Oenops pertinax*, o exemplar de São Miguel deve ser dos que apresentam perfeita semelhança com a ave amazônica colecionada por Wallace e arrolada sob aquele nome por Sharpe no *Catal. of Birds in the Brit. Mus.* (vol. I, p. 27). As medidas do nosso exemplar (asa 501, cauda 260 mm.) estão dentro do que é regra na raça brasileira.

Família ACCIPITRIDAE

Accipiter bicolor pileatus (Temminck)

Falco pileatus Temminck (*ex MS. de Wied*), 1823, Nouv. Rec. Pl. Color, 35.ª livraison, pl. 205: ilha Cachoeirinha (no Rio Belmonte, Est. da Baía).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ e ♂, adultos, colecionados respectivamente em 1 e 2 de nov. de 1951.

Espécimes perfeitamente adultos, de colorido geral cinzento-plúmbeo, fazendo contraste com as tíbias cor de chocolate. Nas coberteiras inferiores das asas é também esta última a cor predominante. A diferença de medidas entre o ♂ (asa 206 mm., cauda 168 mm.) e a ♀ (asa 238 mm., cauda 202 mm.) atesta o forte dimorfismo que distingue os dois sexos. Está fora de discussão que *A. bicolor* (Vieillot) e *A. pileatus* (Temm.) representam simples ra-

(1) Cf. Pinto, *Catal. Av. do Brasil*, I, p. 54 (1938).

ças geográficas de uma mesma espécie, convindo notar que no último a tonalidade do castanho das ditas coberteiras vai se tornando progressivamente mais carregada à medida que se avança para o sul. Em consequência, as populações nordestinas de *A. bicolor*, adequadamente exemplificadas pelo casal de adultos obtido agora em Alagoas, são praticamente intermediárias entre as guianenses e amazônicas, de infracaudais descoradas, e as do Brasil meridional.

No ♂ de Palmeira dos Índios o cinzento das partes inferiores é muito claro, aproximando-o de um de Bonfim (norte da Baía), que as tem quase brancas. Fato semelhante observa-se por vezes em *A. bicolor bicolor*, disso sendo a prova um ♂ adulto da região de Itacoatiara (Lago Canaçari), cujo lado inferior é de fato branco, com leve tinta plúmbea no alto do peito.

***Buteo magnirostris nattereri* (Sclater & Salvin)**

Gavião-rapina

Asturina nattereri Sclater & Salvin, 1869, Proc. Zool. Lond., p. 132, em parte: vizinhanças da Baía (= cidade do Salvador).

Palmeira dos Índios: 1 ♀, incompletamente adulta, de out. 28 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 8 (1952).

A forte tonalidade chistácea referida por Hellmayr & Conover ⁽¹⁾ nas aves do norte do Maranhão verifica-se também nestes espécimes de Alagoas; mas, na ♀ de Palmeira dos Índios há muito maior mistura de pardo, tal como é de regra na raça nordestina. As características desta última, em confronto com as de suas afins, foram por nós estudadas com minúcia em trabalho que nos dispensa agora de lhes dispensar maior atenção. ⁽²⁾

Família CRACIDAE

***Mitu mitu* (Linné)**

Mutum

Crax mitu Linné, 1766, Syst. Nat., ed. 12.^a, I, p. 270 (baseado em "*Mitu* vel *Mutu* Brasiliensibus", de Marcgrave, 1648, Hist. Nat. Brasil., p. 194): nordeste do Brasil (como pátria típica restrita proponho Alagoas).

Urax mitu Burmeister, 1856, System. Uebers, Th. Bras., III, p. 349, em parte: "nördlich von Bahia, bei Pernambuco".

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, vol. XIII, pte. I, n.º 4, p. 140, nota 1.

(2) Pinto, "Contribuição ao estudo crítico das raças geográficas de *Rupornis magnirostris* (Gmelin)", em *Revista Argentina de Zoogeografia*, vol. IV, pp. 129-133 (1944).

São Miguel: 1 ♀ adulta, colecionada em 5 de Outubro de 1951.

Na circunstanciada notícia que tivemos o ensejo de publicar (*Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia*, X, p. 325-334, maio de 1952) sobre este precioso exemplar, autêntico representante da espécie marcgraviana, já foi retificado o velho erro de supô-la a mesma ave baixo-amazônica descrita por Spix com o nome de *Crax tuberosa*. Dos autores que pudemos consultar, só Burmeister soube reconhecer, com base aparentemente objetiva, a perfeita dualidade das duas formas; o que é fácil compreender dada a extrema raridade da ave nordestina nos dias atuais e a consecutiva carência de exemplares dela em todos os museus. A tuberosidade que assinala a base do culmen em *Mitu tuberosus* falta de todo em *Mitu mitu*. Diferença, não menos importante se encontra nas rectrizes, que na espécie paraense têm, as centrais inclusive, a ponta largamente branca, ao passo que na nordestina as rectrizes centrais são pretas até quase a orla terminal, e as laterais terminam em branco-sujo, mal delimitado com o preto da pena.

Família RALLIDAE

Rallus nigricans Vieillot

Rallus nigricans Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVIII, p. 560 (baseado no "Ypacabá obscuro" de Azara, Apuntam., N.º 371) : Paraguai.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ adulta, de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de 31 de out. e 19 de nov.; 1 ♀ ad., de 15 de nov. (1952).

É bastante singular a distribuição deste frango-d'água, visto como ocorrendo em quase toda a faixa oriental da América do Sul sub-tropical, até o Paraguai e o nordeste da Argentina, êle reaparece na porção oeste-septentrional do continente (Colômbia, leste do Equador e do Peru), ao que consta sem divergência apreciável em suas características. No Brasil, seu limite septentrional conhecido é o Estado de Pernambuco, onde deve ter distribuição restrita, e quiçá limitada à porção meridional do Estado, pois depois de Forbes, não se tem notícia de que tenha sido novamente colecionado ali.

Aramides cajanea cajanea (P. L. S. Müller)

Sericoia

Fulica cajanea P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 119 (com base na "Poule d'eau de Cayenne" de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 352) : Cayenne.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad. e 1 ♀ imat., respectivamente de nov. 13 e out. 27; (1 ♀ juv. de out. 23 (1952)).

Porzana albicollis albicollis (Vieillot)

Rallus albicollis Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVIII, p. 561 (baseado em Azara, n.º 374) : Villa Curuguatí (Paraguay).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 15; 1 ♀ ad., de nov. 13 (1952).

No Brasil, a distribuição deste frango d'agua, comuníssimo nos Estados do sul, coincide praticamente com o da espécie anterior. Imitando ainda o que acontece com *Rallus nigricans*, é que vemos *P. albicollis* reaparecer no norte extremo da America Meridional (norte da Colombia, Venezuela, Guianas), mas suficientemente diferenciado para constituir-se em subespécie particular.

Laterallus melanophaius melanophaius (Vieillot)

Rallus melanophaius Vieillot, 1815, Nouv. Dict. d'hist. Nat., nouv. édit., XXVIII, p. 549 (com base em Azara, N.º 376, "Ypacahá pardo obscuro") : Paraguay.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ subadulta, de 12 de novembro (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 20, nov. 10 e 15; 2 ♀ ♀ ad., de nov. 15 (1952).

Não difere este exemplar dos do Brasil meridional, na generalidade dos quais acha-se também presente a tinta arruivada dos loros e regiões auriculares. Esta particularidade, em que pese houvesse a princípio fornecido a Hellmayr ⁽¹⁾ o bastante para separar as aves da Baía e Estados nordestinos sob a designação subespecífica de *lateralis*, mostra-se destituída de significação. Tivemos o ensejo de acentuar em trabalho anterior ⁽²⁾, quanto é ela inconstante, coisa aliás que aquele eminente ornitologista foi o primeiro a reconhecer, a ponto de rejeitar mais tarde ⁽³⁾, a suposta raça. Novo material do Estado do Espírito Santo, recebido posteriormente aos comentários que nos sugerira o estudo dos exemplares da Baía, confirmam o juízo então emitido sobre o colorido intensamente arruivado dos loros nas aves daquele Estado. Num ♂ de Pau Gigante (Leoberto de C. Ferreira col., 13-X-1940) a rufecência se estende até a fronte, lembrando muito exatamente o que se observa nos exemplares menos bem caracterizados de *L. m. oenops* (Sclater & Salvin). Por outro lado, um ♂ de Curupeba (Baía), e outro de Inhumas (sul de Goiás), são, entre todos sob exame, os em que os loros são mais perfeitamente cor de cinza.

(1) C. E. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 483 (1929).

(2) O. Pinto, *Rev. Mus. Paul.* XIX, p. 75 (1935).

(3) Hellmayr & Conover, *Catal. of the Birds of the Americas* (*Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, vol. XIII) parte 1, n.º 1, p. 380, nota 1 (1942).

Laterallus viridis viridis (P. L. S. Müller)*Pinto d'agua*

Rallus viridis P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 120 (com base em "Râle de Cayenne" de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 368) : Cayenne.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 24 (1952).

Gallinula chloropus galeata (Lichtenstein)*Galo d'agua*

Crex galeata Lichtenstein, 1818, Verz. Säugeth. und Vögel Berliner Mus., p. 36 (baseada em "Yahaná" de Azara, Apunt., N.º 379) : Paraguay.

Palmeira dos Indios: 3 ♀ ♀, de 27 de out., colecionados pelo sr. E. Dente.

Dos exemplares, só um havia atingido pleno desenvolvimento; um outro, muito imaturo, apresenta forte mistura de branco na garganta e no baixo abdome. A tonalidade olivácea do baixo dorso, importante na conceituação da raça paraguaio-brasileira, é bastante fraca em todos os três espécimes, e em verdade apenas perceptível na ♀ plenamente desenvolvida. A ave tem sido registrada em todos os Estados brasileiros, com exceção de Amazonas e Goiás; os presentes exemplares foram colecionados numa lagoa artificial das vizinhanças de Palmeira dos Indios, onde esta franga d'agua vivia e nidificava em número incontável de indivíduos.

Porphyryla martinica (Linné)

Fulica martinica Linné, 1766, Syst. Nat., ed. 12.ª, I, p. 259: ilha de Martinica (Antilhas).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ adulto, 1 ♀ imat. e 1 ♀ juv., todos de out. 31 (1952).

Família JACANIDAE

Jacana spinosa jacana (Linné)

Parra jacana Linné, 1766, Syst. Nat., ed., 12.ª, I, p. 259 (baseada essencialmente em "Jacana quarta species" de Marcgrave, Hist. Nat. Bras., p. 191) : "in America australi" (pátria típica implícita, nordeste do Brasil).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ juv., de out. 18 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ adulto, de out. 21 (1952).

A nomenclatura desta espécie trivialíssima sugere-nos algumas reflexões que nos parece oportuno abordar neste momento. Não ignoramos a anterior designação, feita por Berlepsch (*Novit. Zool.*,

XV, 1908, p. 304) e até aqui aceita por nós, da Guiana Holandesa como localidade típica da espécie. Entretanto, voltando à questão já apreciada alhures (*Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 89, nota 2), somos hoje de parecer que a pátria típica se acha implicada na preeminência indiscutível que tem a citação de Marcgrave na conceituação da espécie por parte de Lineu; em consequência, opinamos pela conveniência de aceitar-se em definitivo como tal o nordeste do Brasil (ou, talvez melhor, Pernambuco). Isso nos poupará ao contrassenso de, no caso de opinar-se algum dia pela diversidade subespecífica das populações da Guiana e de leste do Brasil, termos de conceder às primeiras o nome lineano e criar um novo para aquelas que a este têm, por assim dizer, direito de nascença.

Estendido o presente critério a casos análogos, em que abunda a ornitologia brasileira, ter-se-ia terreno menos movediço para solucionar problemas de nomenclatura neles envolvidos, os quais, pequenos embora, nem por isso se mostram menos embaraçosos ou incômodos ao sistematista.

. Família SCOLOPACIDAE

***Tringa solitaria solitaria* Wilson**

Maçarico

Tringa solitaria Wilson, 1813, Amer. Ornithol., VII, p. 53, pl. 58, fig. 3: monte Pocono (Pennsylvania, E.U.A.).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 13 (1952).

***Capella paraguaiae paraguaiae* (Vieillot)**

Scolopax paraguaiae Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 356 (baseado na "Becasina prima" de Azara Apuntam., N.º 387): Paraguai.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de nov. 17 (1952).

Família COLUMBIDAE

***Columba speciosa* Gmelin**

Pomba trocal

Columba speciosa Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 783 (baseada no "Pigeon ramier, de Cayenne", de Buffon e em Daubenton, Pl. Enl. 213): Caiena.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de Nov. 7 (1952).

Abstração feita do Maranhão, onde obtiveram exemplares Schwanda (1 ♂ de Miritiba) e Mme. Snethlage (Guimarães), parece ser esta a primeira observação materialmente comprovada da ocorrência da pomba pedrez no nordeste do Brasil.

Scardafella squammata squammata (Lesson)*Fogo-apagou*

Columba squammata Lesson, 1831 (não Bonaterre, 1792), *Traité d'Orn.*, p. 474 (nome novo para *Columba squamosa* Temminck & Knip) : Baía. Mangabeira (Usina Sinimbu) : 1 ♀ ad., de out. 29 (1952).

Columbigallina minuta minuta (Linné)*Rolinha*

Columba minuta Linné, 1766, *Syst. Nat.*, ed. 12.^a, I, p. 285 (baseada em “La petite Tourterelle brune d’Amérique” de Brisson, *Orn.* I, p. 116) : Ilha de “Saint Domingue” (local. errônea, substituída por Cayenne, localidade típica). ⁽¹⁾

Palmeira dos Índios: 1 ♀ ad. de out. 17; 1 ♀ imat. de out. 28 e 1 ♀ juv. de out. 27 (1951).

Em nosso diário temos nota das circunstâncias em que colecionamos os exemplares de 27 de outubro, durante uma excursão ao açude do Salgado, a pouca distância da cidade. Batendo o campo à volta da lagoa, descobrimos inúmeros casais em trabalhos de nidificação; “os ninhos, construídos muito simplesmente de caules finos de gramíneas, encontravam-se ora no chão, mal ocultos pelo capim, ora a alguns centímetros do solo, sob arbustos baixos, entre os quais algodoeiros e pés de “palma” (*Opuntia* sp.), de que existia grande plantação. Em todos havia dois ovos brancos em estado mais ou menos avançado de incubação”.

Columbigallina talpacoti talpacoti (Temminck)*Rôla*

Columba talpacoti Temminck, 1811, em Temminck & Knip, *Les Pigeons*, I, *Colombigallines*, p. 22: “Amérique méridionale” (Baía, local. típica sugerida por Pinto, 1938).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ adulto, de out. 28 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu) : 1 ♂ ad., de out. 23 e 1 ♂ juv. de out. 26 (1952).

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez)*Parari*

Peristera pretiosa Ferrari-Perez, 1866, *Proc. Un. St. Nat. Mus.*, IX, p. 175: Jalapa (México).

Mangabeira (Us. Sinimbu) : 1 ♀ adulta, de nov. 13 (1952).

(1) Cf. Berlepsch & Hartert, *Novit. Zool.*, IX, p. 119 (1902).

Leptotila verreauxi approximans (Cory)*Juriti*

Leptotila ochroptera approximans Cory, 1917, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 7: Serra de Baturité (Ceará).

Quebrangulo: 1 ♀ imat., de nov. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad. de nov. 4, 1 ♂ imat. de nov. 15, 1 ♀ ad., de nov. 14 (1952).

A raça nordestina da juriti comum quando comparada com a dos Estados meridionais caracteriza-se não só pelas suas proporções relativamente reduzidas (asa raramente alcançando 140 mm.), como por diferenças bastante sensíveis na coloração, que é mais amarelada (menos cinzenta) nas partes superiores, e mais clara nas inferiores. Também a região frontal é de ordinário muito mais clara, quase branca (em vez de cinzento-vinácea). No ♂ adulto de Mangabeira (Sinimbu) a asa mede 135 mm.

Família CUCULIDAE

Coccyzus melacoryphus Vieillot

Coccyzus melacoryphus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., VIII, p. 271 (com base em "Ceniciento" de Azara, Apuntam., N.º 267): Paraguai.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad. de out. 27 e 1 ♀ de nov. 3 (1951).

Piaya cayana pallescens (Caban. & Heine)*Alma-de-gato*

Piaya cayana pallescens Cabanis & Heine, 1862, Mus. Heineanum, IV, p. 86: "Nord-Brasilien" (Baía, teste Hellmayr, 1929).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 24 e nov. 4; 1 ♀ ad., de out. 26, (1952).

Crotophaga ani Linné*Anum*

Crotophaga ani Linné, 1758, Syst. Nat., 10 ed., I, p. 105 (baseado essencialmente em "Ani" de Marcgrave): local. típica, nordeste do Brasil.

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 14 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 31 (1952).

Guira guira (Gmelin)*Anum-branco*

Cuculus guira Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, parte 1, pag. 414 (baseado em *Cuculus cristatus brasiliensis*, de Brisson, Orn. 4, p. 144 e em "Guiraacangatara brasiliensibus" de Marcgrave, Hist. Nat. Bras., p. 216): "Brésil" (pátria típica aceita, nordeste do Brasil).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 13 (1951).

Família PSITTACIDAE

Aratinga jandaya (Gmelin)*Jandaia*

Psittacus jandaya Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, pte. 1, pg. 319 (baseado em "Jendaya" de Marcgrave, através de Brisson).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de out. 28 (1952).

Forpus crassirostris flavissimus Hellmayr ⁽¹⁾*Cuiuba*

Forpus passerinus flavissimus Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 446: Turiaçu (norte do Maranhão).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 4 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 24 (1952).

Touit surda (Kuhl)

Psittacus surda Kuhl, 1820, Consp. Psittac., p. 59: "Brasília" (local. típica Rio Mucuri, Est. da Baía, design. por Pinto, 1938).

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 26, (1951).

Esta espécie sulina parece ter gosado de extensa distribuição no nordeste brasileiro, onde todavia sua ocorrência só era documentalmente conhecida até aqui através dos exemplares coligidos por Berla, em Pernambuco.

Pionus menstruus (Linné)*Suia*

Psittacus menstruus Linné, 1766, Syst. Nat., 2.^a ed., I, p. 148: "Surinamo" (= Guiana Holandesa).

Rio Largo: 1 ♂ ad., de out. 11 (1951).

Conhecida também das matas litorâneas do sul da Baía (Rio Jucuruçu), é mais um exemplo a confirmar as relações zoogeográficas.

(1) Cf. Pinto, *Rev. Argent. de Zoogeograf.*, V, pp. 11-19 (1945).

ficas da Hiléia com a faixa florestada do Brasil este-setentrional. Como às vezes acontece, falta ao exemplar de Alagoas qualquer vestígio da nódoa peitoral côr de carmim normalmente presente nos indivíduos da espécie.

Família NYCTIBIIDAE

Nyctibius griseus griseus (Gmelin)

Mãe-da-lua

Caprimulgus griseus Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 1029 (baseado no "Engoulevent gris", de Brisson) : Caiena.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 18 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 3 e 4 (1952);
3 ♀ ♀ ad., de nov. 3, 3 e 4.

Família CAPRIMULGIDAE

Hydropsalis brasiliana brasiliana (Gmelin)

Caprimulgus brasilianus ⁽¹⁾ Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 1032 (baseado em "Ibijau" de Marcgrave, através de Brisson e outros) : nordeste do Brasil.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de nov. 3 (1952).

Nyctidromus albicollis albicollis (Gmelin)

Bacurau

Caprimulgus albicollis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 1030: Caiena.

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 30 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 18 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 1 e 3; 1 ♀ ad., de nov. 3 (1952).

Caprimulgus rufus rufus Boddaert

Caprimulgus rufus Boddaert, 1783, Tabl. pl. enlum., p. 46 (baseado no "Engoulevent roux" de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 735) : Caiena.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 27 e nov. 1;
1 ♀ ad., de nov. 3 (1952).

O estudo dêstes exemplares conduziu-nos a examinar os que representam a espécie nas coleções do Departamento de Zoologia.

⁽¹⁾ *Caprimulgus brasilianus* Gmelin (op. cit., p. 1031) e *C. torquatus* Gmelin (op. cit., p. 1032), com base o primeiro em "Ibijau", e o segundo em "Guiraque-rea" de Marcgrave, correspondem, segundo Schneider (*Journ. f. Ornithol.*, LXXXVI, p. 96), respectivamente à fêmea e ao macho da presente espécie.

Nossa atenção foi logo despertada por um ♂ do Rio Anibá (margem septentrional do Rio Solimões), que pela tonalidade intensamente ruiva da plumagem se destaca dos demais, harmonizando-se com a descrição de *Caprimulgus rufus noctivigulus* Wetmore & Phelps ⁽¹⁾, cujo tipo é de Atures, sul da Venezuela (Território Amazonas). Não hesitamos assim em ampliar a área conhecida da nova raça, incluindo-a ipso facto na avifauna Brasileira. A diagnose entre *C. r. rufus* e *C. r. rutilus* afigura-se-nos das mais difíceis, negando-se o nosso material a confirmar as diferenças de colorido assinaladas por Griscom ⁽²⁾. Todavia com base nas medidas é possível reconhecer sofrivelmente os exemplares de cada uma, conforme mostra a tabela junta.

TABELA DE MEDIDAS (em milímetros).

| <i>Caprimulgus rufus rufus</i> | asa | cauda |
|---|-----|-------|
| 10.894, ♀, Santarem (Pará) | 163 | 123 |
| 10.894, ♂, Mangabeiras Alagoas | 170 | 121 |
| 10.894, ♂, " " | 175 | 130 |
| 10.894, ♀, " " | 174 | 128 |
| <i>Caprimulgus rufus noctivigulus</i> | | |
| 23.082, ♂, Rio Anibá (Amazonas) | 176 | 120 |
| <i>Caprimulgus rufus rutilus</i> | | |
| 5.011, ♀, Itapura (Rio Paraná) | 185 | 135 |
| 12.551, ♂, Valparaizo (São Paulo) | 180 | 136 |
| 27.953, ♂, Rio Verde (Goiás) | 177 | 126 |
| 35.054, ♂, Rio das Mortes (M. Grosso) | 180 | 131 |
| 2.115, ♀, São Lourenço (R. G. do Sul) | 180 | 130 |
| 7.055, ♀, Ocampo (R. Argentina) | 185 | 135 |

Família APODIDAE

Chaetura spinicauda subsp.

Cypselus spinicauda Temminck, 1839, Tabl. method. Pl. Color., p. 57 (baseada na "Hirondelle à queue pointue de Cayenne" de Daubenton, Pl. Enlum. 726, fig. 1): Caiena.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ e 1 ♀?, de nov. 13 (1952).

Falta-nos material topotípico desta espécie para melhor ajuizarmos da posição sistemática dos presentes exemplares, pois várias raças são presentemente nela admitidas ⁽³⁾. Comparamo-los com um ♂ e uma ♀, de Ilhéus (nordeste da Baía), evidentemente

(1) A. Wetmore & W. H. Phelps, Proc. Biol. Soc. Was., vol. 66, p. 18 (março de 1953).

(2) Cf. L. Griscom, Bull. Mus. Compar. Zool., vol. LXXXI, N.º 2, pp. 423-25 (1937).

(3) Vide Zimmer & Phelps, Amer. Mus. Novit., N.º 1544, p. 1 (jan. de 1952).

pertencentes à mesma espécie, verificando que as duas fêmeas de Alagoas apresentam: partes superiores e asas mais escuras, e acentuadamente lustradas de azul (com cambiantes de oliva, conforme a incidência da luz); garganta mais clara, fazendo maior contraste com o restante das partes inferiores, também mais escuras do que nos exemplares da Baía, e distintamente lustradas de oliváceo; faixa uropigial mais clara, em contraste mais forte com o dorso. Em resumo, os exemplares de Mangabeiras apresentam colorido geral mais carregado e com nítido brilho metálico, enquanto que os de Ilhéus, são antes fuliginosos, sem lustro visível. É possível, todavia, que as diferenças por nós encontradas entre uns e outros decorram do fato de terem os exemplares de Ilhéus sido colecionados há nada menos de dez anos, enquanto que os de Alagoas o foram a menos de dois. Convém ainda acrescentar que os primeiros, examinados há alguns anos por J. T. Zimmer, voltaram com a nota de pertencerem a *C. s. spinicauda*.

Família TROCHILIDAE

Pygmornis ruber ruber (Linné)

Trochilus ruber Linné, 1758, Syst. Nat., 10.^a ed., I, p. 121 (baseado em "Edwards"): "Surinamo" (= Guiana Holandesa).

Espécie largamente distribuída por quase todo Brasil setentrional e oriental.

Eupetomena macroura simoni Hellmayr

Eupetomena macroura simoni Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 386: Rio do Peixe, perto de Queimadas (Baía).

Palmeira dos Índios: 3 ♂ adultos, de out. 27; 1 ♀ imat., de out. 31 (1951).

Melanotrochilus fuscus (Vieillot)

Trochilus fuscus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VII, p. 348: "Brésil" (pátria típica Baía, suger. por Pinto, 1938).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ad., de nov. 8 e 10 (1951).

Amazilia fimbriata nigricauda (Elliot)

Thaumatias nigricauda Elliot, 1878, The Ibis, 4.^a Ser., V, p. 47: Baía.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 10 (1951).

Hylocharis sapphirina (Gmelin)

Trochilus sapphirinus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 496 (baseado em Buffon): Guiana (local, típica aceita, Caiena).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12 (1951).

As populações este-brasileiras desta espécie têm sido consideradas raça à parte, com base principal na tonalidade predominantemente amarelo-dourada das partes superiores. Todavia, corroborando o parecer de Peters (*Check-list of Birds of the World*, V, p. 53), esta característica, conquanto muito saliente em alguns dos nossos exemplares, está longe de ser constante, podendo além disso ocorrer em indivíduos amazônicos. O espécime de Canoas ocupa sob este particular posição intermediária.

***Chlorostilbon aureoventris pucherani* (Bourcier & Mulsant)**

Trochilus pucherani Bourcier & Mulsant, 1848, Rev. Magaz. de Zool., II, p. 271: "Brésil" (Rio de Janeiro, local. tip. design. por Hellmayr, 1929).

Palmeira dos Índios: 2 ♂ ♂ ad., de out. 27 e 29 (1951).

***Thalurania watertonii* (Bourcier)**

Trochilus watertonii Bourcier (ex Loddiges M.S.), 1847, Proc. Zool. Soc. of Lon., pte. 15, p. 44: "Miribi Creek, 40 miles from the Essequibo River, British Guiana" (localidade provavelmente errônea, que propomos substituir por Pernambuco, nordeste do Brasil).

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 28 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 3 ♂ ♂ ad., de nov. 8, 10 e 11 (1951).

Posto de parte o tipo da espécie, todos os exemplares sobre cuja procedência se possuem dados precisos procedem da faixa costeira este-septentrional do Brasil, ou mais precisamente dos Estados de Pernambuco (Peri-Peri, exempl. de Gounelle, adquirido pelo Tring Museum) e Baía (*teste* Simon, *Hist. Natur des Trochil.*, p. 83). Não é pois para surpreender esteja este beija-flor bem representado no material por nós trazido do Estado de Alagoas, sendo os exemplares ali obtidos os primeiros a entrar para as coleções do Departamento de Zoologia de São Paulo. O colorido violeta intenso do dorso distingue ao primeiro lance de olhos os ♂ ♂ desta espécie dos das suas congêneres; a diagnose das ♀ ♀, embora exija maior atenção, faz-se comodamente graças a várias características, entre as quais fica em primeiro plano a forma alongada e estreita das rectrizes laterais, cujo trecho basal é esbranquiçado em larga extensão, em detrimento da porção azul metálica interposta entre ele e a ponta branca da pena.

A pátria típica atribuída a esta espécie parece-nos extremamente duvidosa, afigurando-se muito provável tenha havido engano ao rotular o espécime original como da Guiana Inglesa. Sabe-se que Waterton viajou pelo interior de Pernambuco durante o ano de 1816, depois de haver estado na Guiana seis anos antes.

Chrysolampis elatus (Linné). ⁽¹⁾

Trochilus elatus Linné, 1766, Syst. Nat. ed. 12.^a, I, p. 192 (baseado em Edwards, tab. 344, fig. super., "Mellivora cristata rubra"): "in India orientali", *errore* (= Cayenne, *fide* Edwards).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ e 1 ♀ adultos, de out. 27 (1951).

Família TROGONIDAE

Trogon strigilatus strigilatus Linné*Perua-choca*

Trogon strigilatus Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 167 (bas. em Brisson): Caiena.

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 26 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 3 e 4, 1 ♂ subad., de nov. 6 (1952).

As medidas relativamente reduzidas dos exemplares de Alagoas (140 a 143 mm. de asa) concordam com as da forma típica da espécie, divergindo do que é regra nas aves do Brasil este-meridional, conforme tivemos ocasião de acentuar. ⁽¹⁾

Família ALCEDINIDAE

Chloroceryle amazona amazona (Latham)

Alcedo amazona Latham, 1790, Index Ornithol., I, p. 257: Caiena.

Sinimbu: 1 ♂ ad., de nov. 5 (1952).

Chloroceryle americana americana (Gmelin)

Alcedo americana Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 451 (bas. em Buffon e Daubenton): Caiena.

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 27 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de nov. 8 (1952). de out. 20 e nov. 1 (1952).

Família MOMOTIDAE

Momotus momota parensis Sharpe*Figudo* (nome loc.)

Momotus parensis Sharpe, 1892 Catl. Bds. Brit. Mus., XVII, p. 320: Pará (= região de Belém, que deverá considerar-se localidade típica).

⁽¹⁾ A diagnose de *Trochilus mosquitus*, tal como aparece na 10.^a edição do *Systema Naturae*, e bem assim a sugestão diminutiva contida na apelação específica, são de molde a fazer supôr que êsse deveria continuar sendo o nome próprio dêste lindo beija-flor. Não tendo à disposição o *Prodromus*, onde se diz ter sido dada descrição mais minuciosa de *Trochilus mosquitus*, é-nos impossível avaliar até que ponto assiste razão a Berlepsch quando se recusou a aceitar este nome, arrastando consigo tôdos os ornitologistas que a êle se seguiram.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ (?) ad., de out. 15 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de nov. 8 (1952).

É com os da região de Belém do Pará e do norte do Maranhão (Miritiba) que mais se parecem os exemplares trazidos de Alagoas; não obstante, nestes últimos a nódoa ferrugínea nugal é menor e, por conseguinte, menos distinta, embora de tonalidade mais carregada, tirante a castanho. Em nossos espécimes paraenses a porção posterior da coroa é de um anil mais carregado, e sempre sem mescla de azul-cobalto, como nos de Mangabeiras. Todavia, o exemplar de Canoas não difere sob este particular dos de Belém. No mesmo exemplar as partes superiores são verde intenso, sem mistura de amarelo, ao passo que nos de Mangabeira o verde é distintamente lavado de amarelo. As partes inferiores são mais acaneladas do que verdes, embora não tanto quanto nos do Pará, e se note visível variação neste particular. As rectrizes centrais acham-se ainda inteiras na ♀ de Mangabeiras, denunciando mais propriamente muda recente do que juvenildade da ave.

Não deve ficar sem reparo a curiosa onomatopéia escolhida pelos matutos de Alagoas para designar a juruva, evidente semelhança existindo entre “fígudo” (pronuncia plebeia de fígado) e “hudu”, nome da ave na Amazônia.

Família GALBULIDAE

Galbula ruficauda rufoviridis Cabanis

Galbula rufoviridis Cabanis, 1851, em Ersch. & Gruber, Algem. Encycl. Wissens. und Künste, 1.^a Sec., LII, p. 305: “Brasilien” (como pátria típica design. Baía, onde a espécie é muito comum).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3; 2 ♀ ♀ ad., de set. 29 e out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 13 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 20, 23 e 28; 1 ♀ ad., de nov. 3 (1952).

Família BUCCONIDAE

Nystalus maculatus maculatus (Gmelin)

Alcedo maculata Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 451 (bas. em “Matuitui” de Marcgrave, através de Brisson): “in Brasilia” (local. típica, nordeste do Brasil).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 (1952).

(¹) Pinto, Pap. Av. do Dept. de Zool., IX, p. 131 (1950).

Família RAMPHASTIDAE

Ramphastos vitellinus ariel Vigors*Tucano*

Ramphastos ariel Vigors, 1826, Zool. Journ., II, n.º 8, p. 466, pl. 15: Rio de Janeiro.

São Miguel: 1 ♀ ad., de out. 1 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de nov. 17 (1952).

Pteroglossus aracari aracari (Linné)*Araçari*

Ramphastos aracari Linné, 1758, Syst. Nat., 10.^a ed., p. 104 (bas. em "Araçari" de Marcgrave): "in America meridionali" (pátria típica Pernambuco, design. por Pinto, 1938).

São Miguel: 1 ♀ and. de out. 5; 1 ♀ juv., de set. 30 (1951).

Família PICIDAE

Piculus flavigula erythropsis (Vieillot)*Pinica-pau* (nome loc.)

Picus erythropsis Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 98: "Brésil" (Rio de Janeiro, pátria típica design. por Pinto, 1938).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 6 e 10; 1 ♀ ad., de out. 22 (1952).

Celeus flavus subflavus Sclater & Salvin

Celeus subflavus Sclater & Salvin, 1877, Proc. Zool. Soc. of London, 1877, p. 21: Baía.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de nov. 8 (1952).

As características desta bem caracterizada subespécie acham-se nitidamente presentes nestes dois exemplares de Alagoas, embora a quantidade de pardo-escuro nas penas do peito seja muito maior no ♂ do que na ♀. Sob êste particular não há nenhuma diferença entre eles e os que já o Departamento possuía de leste da Baía (Ilhéus, Belmonte) e do Espírito Santo (Rio Doce, Pau Gigante). A espécie é aparentemente nova para os Estados nordestinos situados entre a Baía, pátria típica da presente raça, e o Piauí, onde já a substitui *C. flavus tectricialis*.

Veniliornis affinis ruficeps (Spix)

Picus ruficeps Spix, 1824, Av. Bras., I, p. 63, tab. LVI, figs. 2 e 3: "flum. Amazonum" (Pará, local. típica por design. de Hellmayr, 1929).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 24; 1 ♀ ad., de nov. 6 (1952).

O exemplar é inseparável dos do norte do Maranhão (Miritiba), apresentando no dorso e nas coberteiras das asas a mesma abundante sufusão sanguínea que distingue à primeira vista a subespécie nordestina da forma típica, de distribuição mais meridional (Baía, Espírito Santo e Rio de Janeiro).

Veniliornis passerinus taenionotus (Reichenbach)

Chloronerpes taenionotus Reichenbach, 1854, Scans. Picinae, p. 354, pl. 625, figs. 4164 e 4165: interior do Brasil (Baía, pátria típica design. por Cory. 1919).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ ad., de out. 29 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 14 (1952).

Família DENDROCOLAPTIDAE

Dendrocolaptes certhia medius Todd

Dendrocolaptes certhia medius Todd, 1920 Proc. Biol. Soc. Was., XXXIII, p. 74: Benevides (a leste do Pará).

São Miguel: 2 ♂ ♂ ad., de out. 1 e 2 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Os exemplares alagoanos concordam muito exatamente com um ♂ praticamente topotípico, colecionado em Utinga (Pará, nos arredores de Belém), por Carlos Estevam ⁽¹⁾. A espécie já tinha sido registrada no nordeste brasileiro por H. Berla, que a encontrou em Pernambuco. ⁽²⁾

Dendroplex picus bahiae Bangs & Penard

Dendroplex picus bahiae Bangs & Penard, 1921, Bull. Mus. Compar. Zool., LXVI, p. 369: Baía.

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 27 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 24 e nov. 5
3 ♀ ♀ ad., de out. 28 e nov. 3 e 3 (1952).

⁽¹⁾ Vide Pinto, *Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia*, XI, p. 157 (1953).

⁽²⁾ H. Berla, *Bol. Mus. Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia*, n.º 65 p. 11 (1946).

Xiphorhynchus guttatus guttatus (Lichtenstein)

Dendrocolaptes guttatus Lichtenstein, 1820, Abhandl. Berl. Akad. Wissens., 1818-19, p. 201: Baía.

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 5 (1951); 1 ♀ ad., de set. 27 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 16; 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♀ ♀ ad., de out. 28 e nov. 6 (1952).

Lepidocolaptes fuscus atlanticus (Cory)

Picolaptes fuscus atlanticus Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 341: Serra de Baturité (Ceará).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 29 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12 (1951); 3 ♀ ♀ ad., de out. 11, 11 e 15 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de nov. 19 (1952).

São estes os primeiros exemplares da subespécie cearense que nos é dado conhecer. Aliás, coincidem exatamente com a idéia que através da descrição de Cory havíamos formado da última, quando passamos em revista as variações geográficas da espécie ⁽¹⁾. Como reconhece Zimmer ⁽²⁾, *atlanticus* é de todas as formas a que apresenta partes inferiores mais ocráceas; além disso, em *atlanticus* as estriações ocráceas das partes inferiores são de regra mais largas e muito menos distintamente debruadas de preto do que em *L. f. fuscus* e em *L. f. tenuirostris*. Acompanhando essa tendência a uma tonalidade mais carregada de colorido, as rectrizes são mais escuras na subespécie nordestina do que nas duas raças ha pouco referidas. *L. f. brevirostris*, raça peculiar à zona seca do interior da Baía, afora o comprimento decididamente menor do bico, tem plumagem mais desbotada do que qualquer de suas companheiras; sua área de distribuição alcança o Brasil central, a ela devendo referir-se um exemplar de Rio Verde, no extremo sul de Goiás.

Lepidocolaptes angustirostris bahiae (Hellmayr)

Picolaptes bivittatus bahiae Hellmayr, 1903, Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIII, p. 219: Baía.

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 2 (1951).

⁽¹⁾ Pinto, *Rev. do Mus. Paulista*, vol. XIX, p. 195 (1935).

⁽²⁾ J. T. Zimmer, *Proc. of Biol. Soc. of Washington*, vol. LX, pp. 102-3 (1947).

Semelhante, no colorido fortemente ocráceo e uniforme das partes inferiores, aos do interior sêco da Baía (Bonfim, Joazeiro, Barra do Rio Grande).

Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris (Lichtenstein)

Dendrocolaptes trochilirostris Lichtenstein, 1820, Abhandl. Akad. Wiss. Berlin, 1818-19, p. 207, pl. 3: "Brasilien" (localidade típica Baía, verificada por Hellmayr).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12 (1951).

O exemplar aproxima-se decididamente de um ♂ de Ilhéus (Baía) e outro do Rio Jucurucu (sul extremo da Baía), legítimos representantes da forma típica de *C. trochilirostris*; todavia, comparado com estes últimos, difere no colorido mais escuro da cabeça, na tonalidade mais carregada (menos olivácea) das costas e das asas, e na ausência quase completa de estriações na porção mais alta do dorso. Estas diferenças parecem-nos demasiado leves para aconselhar a separação do espécime de Alagoas em subespécie particular, sem excluir porém a hipótese de que isso venha a ser feito mais tarde, à luz de material mais abundante.

Dois ♂ ♂ (inclusive o tipo de *C. t. omissus* Pinto) e uma ♀ de Bonfim (interior árido da Baía) divergem diametralmente do ♂ de Canoas, não só no colorido ferruginoso claro (em vez de castanho) das partes superiores e das rectrizes, como na grande quantidade e largura das estriações, que nas partes superiores se estendem até o baixo dorso e nas inferiores até o abdomen. Duas ♀ ♀ adultas da Serra do Baturité (Ceará) recebidas recentemente, e havidas como exemplares típicos de *C. t. major* Ridgway, são inseparáveis das de Bonfim, o que forçosamente nos leva à conclusão de que *C. t. omissus* deve cair na sinonímia de *C. t. major*. As alegadas diferenças de medidas entre *C. t. trochilirostris* e *C. t. major* parecem destituídas de base, como nô-lo demonstra a tabela aqui apresentada.

Aliás, o conhecimento das variações geográficas em *C. trochilirostris*, apesar da atenção que lhe têm dispensado autores competentes, é ainda muito imperfeito, pois muitos problemas só poderão ser resolvidos à luz de material mais vasto do que o existente nas mãos dos que se têm dedicado ao estudo do assunto. Disso acaba de nos convencer o novo exame da coleção ao nosso dispôr no Departamento de Zoologia. Assim é que verificamos a sem-razão que há em fazer *C. t. rufo-dorsalis* Chapman sinônimo de *C. t. lafresnayanus* (D'Orbigny). Saltam ao mais leve exame as diferenças existentes entre as aves do centro de Mato Grosso (Cuiabá, Rio Aricá, Cáceres) e as do sul do mesmo Estado (Corumbá, Salobra e Miranda), contrastando o colorido ferruginoso intenso da plumagem das últimas com a tonalidade mais desbotada,

pardo-ferruginosa da das primeiras. Não há como deixar de reconhecer nas populações de Corumbá e cercanias a forma descrita por Chapman, e mais tarde, com base em material do Chaco Argentino, rebatizada como *Campylorhamphus trochilirostris hellmayri* por Laubmann ⁽¹⁾.

Outro ponto a merecer novo exame é a dualidade específica de *C. trochilirostris* e *C. procurvoides* (Lafresnaye), advogada convictamente por J. T. Zimmer ⁽²⁾ com base em diferenças sutis e insusceptíveis de verificação objetiva. Um ♂ e uma ♀ de Aveiro (margem direita do baixo Tapajós), um ♂ e uma ♀ do Rio Curuá (afl. da margem ocid. do Xingu), que é de supôr representem legitimamente *Campylorhamphus multostriatus* Sneath apresentam caracteres nitidamente intermediários entre os de *C. t. trochilirostris* e um ♂ do Rio Anibá seguramente pertencente a *C. procurvoides* em seu sentido restrito.

MEDIDAS (em milímetros)

| <i>Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris</i> | asa | cauda | culmen |
|--|-----|-------|--------|
| 14.183, ♂, Rio Jucuruçu (Baía) | 105 | 91 | 58 |
| 10.251, ♂, Ilhéus (Baía) | 99 | 88 | 59 |
| 37.334, ♂, Rio Largo (Alagoas) | 106 | 90 | 57 |
| <i>Campylorhamphus trochilirostris major</i> | | | |
| 33.262, ♀ ad., Serra de Baturité (Ceará) | 102 | 89 | 61 |
| 33.261, ♀ imat., Serra de Baturité (Ceará) | 95 | 90 | 59 |
| 7.303, ♂ ad., Bonfim (Baía) | 102 | 92 | 59 |
| 7.301, ♂ ad., Bonfim (Baía) | 97 | 85 | 57 |
| 7.299, ♀ ad., Bonfim (Baía) | 98 | 77 | — |
| 8.385, ♂ ad., Pirapora (Minas Gerais) | 105 | 93 | 59 |
| 15.067, ♂, Inhumas (Goiás) | 106 | 89 | 61 |
| 27.859, ♀, Rio Verde (Goiás) | 99 | 98 | 59 |
| 16.228, ♂, Nova Roma (Goiás) | 102 | 86 | 62 |

Sittasomus griseicapillus reiseri Hellmayr

Sittasomus griseicapillus reiseri Hellmayr, 1917, Verhandl. Orn. Gesells. Bayern, XIII, p. 190: Pedrinha (sul do Piauí).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 27 (1951).

Dendrocincla fuliginosa taunayi Pinto

Dendrocincla taunayi Pinto, 1939 Boletim Biológico, Nova Série, IV, p. 190: Tapera (Pernambuco, perto de Recife).

⁽¹⁾ Alfr. Laubmann, *Wissens. Ergebn. Denks.*, Gran-Chaco Exped., Vögel, p. 198 (1930).

⁽²⁾ J. T. Zimmer, *Amer. Mus. Novit.*, N.º 728, p. 9 (1934).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Depois que descrevemos esta subespécie com base num ♂ adulto por nós colecionado em Tapera, não muito longe de Recife, uma ♀ foi conseguida por H. Berla, na mesma região (Igarauçu) ⁽¹⁾. O exemplar obtido agora em Alagoas, ao que parece o terceiro conhecido, confirma as características apontadas na descrição original ⁽²⁾, a que remetemos os mais interessados no assunto. Passando em revista as formas do grupo, tivemos já a oportunidade de apontar as razões que nos levaram a incluir no grupo *fuliginosa* não só a ave nordestina, como também a forma baiana, tida geralmente por boa espécie sob o nome de *D. turdina* ⁽³⁾. Não há necessidade de voltar à discussão do tema, tanto mais quanto as nossas conclusões parece não terem sido até aqui objeto de apreciação da parte dos ornitologistas.

Família FURNARIIDAE

Furnarius leucopus assimilis Cabanis & Heine

Furnarius assimilis Cabanis & Heine, 1859, Mus. Hein., II, p. 22: "Brasilien" (pátria típica Baía, suger. por Hellmayr).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ ad., de nov. 4 (1951). Medidas: asa 84, cauda 56, bico 20 mm.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 (1951). Medidas: asa 88, cauda 60, bico 19 mm.

Diferem estes dois exemplares dos da série baiana pelo colorido mais carregado (menos aruivado) do píleo, que só na região frontal se mostra acentuadamente tingido de ruivo. Essa particularidade parece ocorrer aqui e acolá na área da subespécie, havendo Hellmayr ⁽⁴⁾ de há muito chamado a atenção para ela em dois exemplares de Cocos, interior do Maranhão. Todavia, em nossos exemplares de Alagoas o píleo está longe de apresentar a côr denegrida observada por Hellmayr e por nós nas aves do Rio Araguaia, que por isso aventuramos separar, faz pouco tempo, como raça particular, sob a rubrica de *F. leucopus araguaiae* Pinto & Camargo ⁽⁵⁾. Um ♂ de Pacoti, na Serra de Baturité (Estado do

(1) H. Berla, *Bol. Mus. Nacional, Zoologia*, n.º 65, p. 12 (1946).

(2) Publicada primeiramente no *Boletim Biológico*, Nova Ser., vol. IV, N.º 2, p. 190, aparece depois transcrita no tomo I (1940), art. 5, pag. 248 dos *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*, como parte do nosso estudo sobre as aves trazidas de Pernambuco em 1939.

(3) Cf. Pinto, *Arq. de Zoologia do Est. de São Paulo*, V, pp. 417-22 (1947).

(4) C. E. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser.*, XII, p. 347 (1929).

(5) O. Pinto & E. A. Camargo, *Papéis Avulsos do Dept. de Zool.*, X, p. 217 (1952).

Ceará), confirmando ainda a velha observação de Hellmayr ⁽¹⁾ em material da mesma procedência, não se distingue dos de Joazeiro e Bonfim, localidades ambas do norte da Baía.

Furnarius figulus figulus (Lichtenstein)

Turdus figulus Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 40: Baía.

Canoas (Rio Largo): 2 ♂ ♂ ad., de out. 11 e 12; 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 28 e 1 ♀ ad., de nov. 5 (1952).

Synallaxis ruficapilla infusata Pinto

Synallaxis ruficapilla infusata Pinto, 1950, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, XI, p. 363: Vitória de Santo Antão (Estado de Pernambuco).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 13 (1951).

Não nos consta que esta subespécie, das mais conspicuamente caracterizadas, haja sido colecionada depois de seu descobrimento por nós, em Pernambuco. Os dois exemplares alagoanos agora registrados estendem sua distribuição em direção ao sul e confirmam a firmeza de características por nós apontadas ao descrever a raça nordestina de *S. ruficapilla*, espécie cuja forma típica, há muito conhecida, está confinada aos Estados meridionais do Brasil e parece nunca ter sido notificada ao norte do Espírito Santo.

Synallaxis frontalis frontalis Pelzeln

Synallaxis frontalis Pelzeln, 1859, Sitzungsab. math. naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, XXXIV, p. 117 (nome novo para *Parulus ruficeps* Spix, não *Sphenura ruficeps* Licht.): Rio São Francisco (Minas Gerais).

Palmeira dos Índios: 2 ♂ ♂ ad., de out. 28 e 30 (1951); ? 1 ♂ e 1 ♀ jovens, respectivamente de out. 29 e 27 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 (1951).

Os exemplares adultos não deixam margem a dúvida; mas o casal de juvenis só hipoteticamente são referidos a *S. frontalis*, visto que só nas pequenas coberteiras superiores das asas apresentam tinta ferruginosa evidente; no píleo só arrepiando as penas descobrem-se alguns vestígios de ferrugem. As rectrizes, muitas das quais ainda em curso de crescimento, são cinzento-pardas como as partes superiores, sem qualquer sinal de ferrugem.

⁽¹⁾ V. *Catal. of Birds of the Americas* (Field Mus. Publ., Zool. Ser., XIII), pte. IV, p. 19, nota a (1925).

Synallaxis scutata scutata Sclater

Synallaxis scutata Sclater, 1859, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVII, p. 191: "Brazil" (= Baía, teste Hellmayr).

Palmeira dos Índios: 2 ♀ ♀ ad., de nov. 1 e 2 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 8 (1951).

Synallaxis scutata ocorre sabidamente no Ceará e na Baía; mas parece nova para os Estados nordestinos intermédios.

Certhiaxis cinnamomea cearensis (Cory)

Synallaxis cinnamomea cearensis Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 340: Juá (Ceará, perto de Igatu).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 13 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ imatura, de out. 27 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀, de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 20 (1952).

Semelhantes aos de Pernambuco e interior da Baía.

Phacellodomus rufifrons specularis Hellmayr

Phacellodomus rufifrons specularis Hellmayr, 1925, Field Museum Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte 4, p. 160: Pau d'Alho (Pernambuco, perto de Recife).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3^o (1951).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 7 e 10; 2 ♀ ♀ ad., de nov. 7 e 10 (1951).

Automolus leucophthalmus lammi Zimmer

Automolus leucophthalmus lammi Zimmer, 1947, Proc. Biol. Soc. Wash., LX, p. 100: Recife (Pernambuco).

São Miguel: 1 ♂ e 1 ♀, respectivamente de 26 e 27 de set. (1952):

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 30 (1952).

Os presentes exemplares, do mesmo passo que confirmam as características assinadas por Zimmer à subespécie pernambucana de *Automolus leucophthalmus*, ampliam-lhe um pouco para o sul a área de dispersão. Pelo seu colorido geral mais sombrio e partes superiores muito menos ferruginosas (mais brunas, com tendência apreciável a oliváceo), *A. leucophthalmus lammi* distancia-se das populações baianas pertencentes restritivamente a *A. leucophthalmus leucophthalmus*, de que *A. l. bangsi* Cory deve considerar-se sinônimo. Como observa Zimmer, revela *A. leucophthalmus lammi* evidente aproximação com *Automolus infuscatus*, pássaro amazônico que nos parece valeria incluir desde já no mesmo grupo, rebaixando-o a subespécie. Mais para o sul, a partir do Estado do

Espirito Santo, tal como o referido ornitologista foi também o primeiro a apontar, a raça típica passa a ser gradativamente substituída por *A. l. sulphurascens* Licht., forma fracamente caracterizada, cuja diferenciação se opera em sentido inverso ao de *A. l. lammi*, apresentando conseqüentemente colorido mais claro do que o de *A. l. leucophthalmus*, com especialidade o das rectrizes. Do que se conclui, partindo do norte para o sul, adquirirem as populações plumagem cada vez mais clara. Não obstante, para demonstrar a complexidade das mutações experimentadas pela espécie, um ♂ adulto de Ubatuba (litoral norte de São Paulo) coligido pelo Serviço Nacional da Febre Amarela (Dr. Leoberto Castro Ferreira col., 27-VII-1941), a despeito de provir da área que racionalmente deveria pertencer a *A. l. sulphurascens*, tanto na tonalidade pardo-cinamômea das costas, como na côr ferrugínea çarregada da cauda, é de tódo inseparavel dos de Ilhéus.

***Xenops minutus alagoanus* nov. subsp.**

São Miguel: 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de set. 27 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de out. 15 e 16 (1951).

DIAGNOSE — Muito semelhante a *Xenops minutus genibarbis*, do distrito este-paraense, mas diferindo dêle pela coloração menos escura (mais pardo-arruivada) do alto da cabeça, ausência completa de estriações no píleo, e tamanho um pouco menor em média (asa 55 a 62 mm., em vez de 60 a 67 mm.).

TIPO — N.º 36414 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto, da Fazenda Canoas, no vale do Rio Pratagi (Estado de Alagoas, município de Rio Largo), col. por O. Pinto (E. Dente prep.) em 16 de outubro de 1951.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Dorso pardo-arruivado ("Brussels Brown" de Ridgway), passando-a canela ("Cinnamon Rufous") no uropígio; píleo da cor do dorso, sem estriações, mas com a porção central das penas levemente arruivada; região auricular pardo-olivácea, marcada de finas estriações longitudinais; lista superciliar brancacenta, lavada de ferrugem; lista malar branco-puro; partes inferiores pardo-oliváceas ("Dresden Brown"); mento e garganta brancacentos, manchados distintamente de pardo-oliva; primárias (asa vista de cima) pretas, com larga nódoa cor de canela no trecho médio (prolongando-se até a ponta na barba externa das primárias externas) e a porção subterminal tingida mais levemente da mesma cor; rectrizes centrais côr de ferrugem, as dos 2 pares seguintes negras, as do quarto par um pouco menos escuras e manchadas de ferrugem na ponta; as dos dois pares externos cor de

ferrugem clara; supracaudais cor de ferrugem; tíbias da cor do abdome, com a porção inferior tingida de ferrugem; encontros e coberteiras inferiores das asas cor de ferrugem clara; patas pardo-escuras, bico da mesma cor, com a base da mandíbula esbranquiçada. Medidas: asa 60, cauda 50, bico (culmen exposto) 12 mm.

OBSERVAÇÕES — A forma que mais se aproxima desta nova subespécie é, como ficou dito, *X. minutus genibarbis*, raça cuja distribuição abrange a porção mais baixa da margem meridional do Amazonas, o leste do Pará (distrito de Belém etc.) e o norte do Maranhão. Nosso exemplar deste último Estado, oriundo de Miritiba, sugere transição com *X. m. alagoanus*, quase não apresentando estriações no píleo. A outra subespécie cuja comparação se impõe com a agora descrita é *X. minutus minutus*, de distribuição mais meridional (Baía a Santa Catarina); mas a raça este-brasileira, tendo de comum com *alagoanus* a ausência de estrias no píleo, destaca-se da última à primeira vista pela sua garganta alva, quase imaculada, e pelo tom mais arruivado das partes superiores, afora outras diferenças.

É de toda probabilidade pertencer à forma agora descrita o pássaro alistado por Donald W. Lamm ⁽¹⁾ como *Xenops minutus (genibarbis?)* em seu conhecido trabalho sobre a ornitologia de Pernambuco e Paraíba.

***Sclerurus caudacutus caligineus* nov. subsp.**

Mangabeira (Sinimbu): 1 “♂?” ad., de nov. 7; 1 ♀ imat., de nov. 17; 1 ♀ juv., de out. 28 (1952).

DIAGNOSE — Parecido com *Sclerurus caudacutus umbretta*, da Baía e Espírito Santo, mas diferindo à primeira vista pela cor muito mais escura, oliváceo-fuliginosa (em vez de bruno-arruivada) da plumagem, rectrizes pretas, quase sem mistura de pardo, e menor quantidade de branco na garganta.

TIPO — N.º 36.415 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂, aparentemente adulto, de Mangabeiras (Engenho Sinimbu), col. por E. Dente, em 17 de novembro de 1952.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Partes superiores, asas inclusive, oliváceo-fuliginosas (“Mummy Brown” de Ridgway), com banho leve de ruivo, passando a castanho-arruivado (“Mars Brown”) no uropígio; píleo um pouco mais arruivado, principalmente na fronte e na nuca; lados da cabeça, loros, malares ruivo-pardacentos; partes inferiores oliváceo-fuliginosas, um pouco mais rufescentes que as superiores, principalmente no peito e no crisso; mento e porção

(1) Cf. *The Auk*, LXV, p. 272 (1948).

contígua da garganta esbranquiçados, com as penas oureladas de escuro, dando ao conjunto aspecto escamoso; coberteiras superiores da cauda castanho-ruivas; ditas inferiores das asas pardo-aliváceas; rectrizes escuras, quase pretas; pernas e bico cor escura de chifre.

OBSERVAÇÕES — Pena é tenham vindo apenas três exemplares pássaro, aparentemente o primeiro do gênero *Sclerurus* registrado na região nordestina entre Ceará e Baía. É possível que indivíduos mais erados venham a mostrar com referência aos do sul da Baía (Ilhéus, Itabuna, Rio Jucuruçu), com que comparamos os de Alagoas, diferenças menos sensíveis do que as consignadas em nossa descrição. Temos porém pouca dúvida de que as aves alagoanas continuarão a justificar a sua separação em subespécie particular à vista da tonalidade acentuadamente escura da plumagem, em oposição às da Baía, cuja coloração é mais clara, e muito mais tingida de canela ("Cinnamon Brown" x "Prout's Brown"), a das rectrizes inclusive. *S. caudacutus caligineus* põe-nos diante de interessante problema da variação da espécie, que se sabe representada no baixo Amazonas por *Sclerurus caudacutus pallidus* Zimmer, cuja plumagem é mais clara do que a de *S. c. umbretta*.

Família FORMICARIIDAE

Taraba major stagurus (Lichtenstein)

Lanius stagurus Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 45: Baía.

Palmeira dos Índios: 3 ♀ ♀ ad., de out. 29, nov. 1 e 4 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 24, 28 e nov. 12 (1952).

É essa a subespécie encontrada em todo o nordeste brasileiro, desde o Maranhão até o Espírito Santo e Minas Gerais. O número e tamanho das pintas brancas nas margens das rectrizes centrais dos ♂ ♂ adultos varia muito; o nosso exemplar de 28 de outubro apresenta-as bastante grandes, mórmente na barba interna, ao passo que no de 12 de novembro apenas se observa uma pequena nódoa branca apical. À presente forma pertencem, sem nenhuma dúvida, as 2 ♀ ♀ por nós colecionadas em Tapera (Pernambuco). ⁽¹⁾

Thamnophilus doliatus capistratus Lesson

Thamnophilus capistratus Lesson, 1840, Rev. Zool., III, p. 226: "Brésil" (como pátria típica Baía, suger. por Pinto, 1938).

⁽¹⁾ Cf. Pinto, *Arquivos de Zoologia*, vol. I, art. 5, p. 251 (1940).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 7; 3 ♀ ♀ ad., de nov. 7, 9 e 10 (1951).

No ♂ único obtido na fazenda Riachão, ao inverso do que é regra nos da presente raça, não só as rectrizes centrais, mas também a maioria dos demais apresentam nódoas marginais brancas, pequenas embora, em ambas as barbas. Fora disso, há concordância dele com 1 ♂ da Baía, também o único da mesma forma com que nos é dado comparar o de Alagoas. Ambos se harmonizam, aliás, na escassez de faixas pretas nas partes inferiores, cujo fundo é branco, sem mescla de cinza.

***Thamnophilus aethiops distans* subsp. nov.**

Thamnophilus aethiops incertus Berla (*nec* Pelzeln), Bol. Mus. Nacional do Rio de Janeiro, LXV, p. 13: Dois Irmãos (Pernambuco).

São Miguel: 1 ♂ ad., de nov. 27 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 16 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ imat., de out. 24 e nov. 7 e 13; 2 ♀ ♀ ad., de nov. 6 e 13 (1952).

DIAGNOSE — Parecido com *Thamnophilus aethiops incertus* da margem direita do baixo Amazonas, mas diferindo dêle ao primeiro lance de olhos pelo colorido muito mais carregado da plumagem de ambos os sexos, e pela presença de pequenas nódoas brancas apicais em muitas das pequenas coberteiras superiores das asas dos machos adultos.

TIPO — N.º 36.416 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto de São Miguel dos Campos (Estado de Alagoas, ao sul de Maceió) colecionado por O. Pinto, em 27 de setembro de 1951.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Partes superiores plúmbeo-ardosiadas escuras ("Blackish Plumbeous"), passando a plumbeo-anegradadas ("Plumbeous Black" de Ridgway) no alto da cabeça, e a ardosiadas ("Dark Plumbeous") no uropígio; partes inferiores plumbeo-ardosiadas no peito, clareando em direção ao abdomen, que é cinzento-ardosiado claro, como também o mento; primárias anegradadas, com a margem externa orlada de cinzento; rectrizes cinzento-ardosiadas, com a barba interna escurecida; as laterais com a ponta manchada de branco; coberteiras superiores das asas pretas, muitas delas com uma minúscula nódoa apical branca; encontros das asas manchadas de nódoas brancas, muito maiores que as das coberteiras subjacentes; coberteiras inferiores das asas plumbeas, manchadas de branco; coberteiras superiores e inferiores da cauda cinzento-ardosiadas claras, com a orla terminal distintamente esbranquiçada, bico e pés pardo-escuros.

OBSERVAÇÕES — Comparadas com uma ♀ de *T. aethiops incertus*, de Capanema (Pará, proximidades de Belém), as de *T. a. distans* se destacam fortemente pelo colorido geral muito mais carregado, nitidamente intermediário entre o daquela subespécie este-paraense e o de *T. a. polionotus* da margem septentrional do baixo Solimões. O peito é acanelado-pardo ("Cinnamon-Brown") em *distans*, pardo-arruivado ("Ochraceous-Tawny") em *incertus*, castanho-ferrugíneo ("Russet") em *polionotus*; o abdome é pardo-arruivado em *distans*, fulvo-acinzentado em *incertus* e acanelado claro ("Tawny") em *polionotus*. O píleo é de um ferrugíneo mais carregado em *distans* do que em *incertus*; o dorso, pardo-ferrugíneo em *distans*, em *incertus* é muito mais claro, com mistura evidente de cinza (na ♀ de Capanema). Em *polionotus*, o píleo, ainda muito mais carregado do que em *distans*, é castanho-chocolate, enquanto que o dorso, pardo-castanho naquele, é pardo-ferrugíneo no último. Mais pormenores sobre as características das raças anteriormente conhecidas podem ser procurados no estudo crítico a que nos levou o casal de *T. a. incertus* obtido em Capanema ⁽¹⁾.

A subespécie que agora descrevemos deverão seguramente pertencer tres ♂ ♂ e uma ♀ de Dois Irmãos (Pernambuco, próximo de Recife), colecionados por H. Berla e por êle determinados como *T. a. incertus*. À vista das diferenças que apresentamos entre a raça este-paraense e a nordestina, fica-nos a suposição de que faltasse ao mencionado autor exemplares de *incertus* com que pudesse comparar os seus.

***Thamnophilus punctatus pelzelni* Hellmayr**

Thamnophilus punctatus pelzelni Hellmayr, 1924, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. 3, p. 96: Abrilongo (Estado de Mato Grosso, perto de Chapada).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 29; 3 ♀ ♀ ad., de set. 27 e 29 e out. 4 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 1; 1 ♀ ad., de nov. 1 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 4 e 8; 1 ♀ ad., de nov. 9 (1952).

Nos ♂ ♂ de Alagoas, não só as rectrizes centrais, mas também algumas das intermediárias, apresentam a barba interna inteiramente negra, ou senão com simples vestígio da nódoa marginal branca. Entram assim corretamente na definição que para a presente raça dá o velho esquema por nós apresentado com o fim de facilitar o seu reconhecimento entre as mais afins ⁽²⁾.

(1) Pinto, *Arquivos de Zoologia*, V, p. 443-44 (1947).

(2) V. *Rev. do Museu Paulista*, XVII, 2.ª parte, pp. 62-65 (1932).

Thamnophilus caerulescens cearensis (Cory)

Erionotus cearensis Cory, 1919, Auk, XXXVI, p. 88: Serra de Baturité (Ceará).

Riachão (Quebrangulo): 4 ♂ ♂ ad., de nov. 8, 9, 11 e 11; 1 ♀ ad., de nov. 8 (1951).

Concordam os quatro ♂ ♂ entre si e com dois indivíduos topotípicos, do mesmo sexo, colecionados na Serra Baturité pelo Serviço Nacional da Febre Amarela; a ♀ de Alagoas, por sua vez, em nada difere da coligida por nós em Tapera (Pernambuco), e ao depois minuciosamente estudada no relatório crítico das aves colecionadas em Pernambuco⁽¹⁾. Temos agora, por conseguinte, apêlo bastante sólido para os pontos de vista que nos fizeram concluir então pela sionímia entre *T. c. cearensis* e *T. c. pernambucensis* Naumburg.

Thamnophilus torquatus Swainson

Thamnophilus torquatus Swainson, 1825, Zool. Journ., II, p. 89: Urupé (norte da Baía).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 (1952).

Espécie largamente espalhada pelo Brasil oriental e central, mas ainda não verificada nos Estados nordestinos, exceção feita de Pernambuco.

Dysithamnus mentalis emiliae Hellmayr

Dysithamnus mentalis emiliae Hellmayr, 1912, Abhandl. math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wiss., XXVI, n.º 2, p. 92: Santo Antônio do Prata (local típica), Flor do Prado, Rio Capim (locals. todas da região de Belém do Pará).

São Miguel: 2 ♂ ♂ ad., de 29 e ? de set.; 2 ♀ ♀ ad., de 28 e 29 de set. (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de 8 de nov. (1951).

O abdome quase branco (levemente tingido de amarelo mostarda em direção ao crisso) e o colorido cinzento quase puro do dorso (apenas levemente tingido de oliváceo na metade posterior) distingue facilmente *D. mentalis emiliae* da forma típica da espécie. Nesta última, afora medidas possivelmente superiores em média (nossa experiência demonstra que neste particular as diferenças encontradas são insignificantes), as partes superiores, exceção feita do píleo, são mais ou menos intensamente tingidas de oliváceo e as inferiores francamente amarelas. No que respeita ao cinzento do píleo, se em *emiliae*, como observou Hellmayr, for êle efetiva-

(1) Pinto, *Arquivos de Zoologia*, I, p. 252-3 (1940).

mente mais escuro, essa diferença dificilmente se verifica em nosso material.

Já agora é possível estabelecer de modo aparentemente satisfatório a área de dispersão de *D. m. emiliae*, cujo tipo, como se sabe é de Santo Antônio do Prata, não longe de Belém do Pará. Ao tempo em que o saudoso Dr. Hellmayr passou em revista a avifauna do nordeste brasileiro ⁽¹⁾, admitia-se que ela estivesse confinada à porção mais oriental da Hiléia, não ultrapassando o oeste do Maranhão; anos mais tarde, em fevereiro de 1941, um exemplar autêntico da raça este-paraense foi colecionado na Serra de Baturité, no Estado do Ceará, pelo pessoal do Serviço da Febre Amarela (exemplar n.º 33377 da Col. Ornitól. do Dept. de Zoologia); mais perto de nós, em agosto e outubro de 1944, colecionou-a H. Berla ⁽²⁾ em Pernambuco, não longe de Recife (Dois Irmãos); finalmente, em nossos dias, coube ao Departamento de Zoologia verificar a presença dela no leste de Alagoas, através dos exemplares colecionados pelo Autor e seu auxiliar E. Dente.

Thamnomanes caesius caesius (Temminck)

Muscicapa caesia Temminck, 1820, Nouv. Réc. Pl. Color., livr. 3, pl. 17, fig. 1 (♂) e 2 (♀) : Baía (exempls. do príncipe de Wied).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 15; 2 ♀ ♀ ad., de out. 11 e 12 (1951).

Inseparáveis dos do sul da Baía (Ilhéus, Rio Jucurucu) e Espírito Santo (Rio Doce, etc.). O pássaro ocorre ainda sem variação mais para o norte, já tendo sido encontrado em Pernambuco, por H. Berla.

Myrmotherula axillaris luctuosa Pelzeln

Myrmotherula luctuosa Pelzeln (*ex* Temminck MS.) 1868, Orn. Bras., II, pp. 82 e 153, em parte (só a descr. do ♂) : Baía (Sellow col.).

São Miguel: 3 ♂ ♂ ad., de set. 27, 30 e out. 4 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 11 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 26 (1952).

Ocorre em quase toda faixa oriental atlântica, desde o Rio de Janeiro e leste de Minas Gerais, até Pernambuco, onde tem sido encontrado por todos os colecionadores.

Myrmorchilus strigilatus strigilatus (Wied)

Myiothera strigilata Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, (2), p. 1064: "Sertong der Provinz Bahia".

⁽¹⁾ Pinto, *Arquivos de Zoologia*, I, pp. 252-3 (1940).

⁽¹⁾ C. E. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, vol. XII, p. 370 (1929).

⁽²⁾ H. Berla, *Bol. Mus. Nacional*, n.º 65, p. 14 (1946).

Palmeiras dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 4 (1951).

Peculiar às regiões campestres do interior do nordeste brasileiro, desde o norte da Baía (Barra do Rio Grande, Joazeiro) ao sul do Piauí e do Ceará. D. W. Lamm incluiu-o entre os pássaros por ele observados em Pernambuco, informando ser bastante comum nos arredores de São Caetano.

***Formicivora grisea grisea* (Boddaert)**

Turdus griseus Boddaert, 1873, Tabl. Pl. enlum., p. 39 (com base em "Le Grisin de Cayenne", de Buffon e Daubenton Pl. enlum. 643, fig. 1 (= ♂) : Cayenne.

São Miguel: 1 ♀ ad., de out. 3 (1951).

Palmeira dos Índios: 2 ♂ ♂ ad., de out. 28 e nov. 1 (1951).

Largamente difundida pelo Brasil septentrional e central, estendendo-se até às Guianas.

***Formicivora melanogastra bahiae* Hellmayr**

Formicivora melanogastra bahiae Hellmayr, 1909, Bull. Brit. Orn. Cl., XXIII, p. 65: Lamarão (interior da Baía, não muito longe da cid. do Salvador).

É dos pássaros característicos do sertão seco do nordeste, ocorrendo do norte da Baía ao sul do Piauí, mas ainda não registrado nos litorâneos intermédios, com exceção do Ceará (Juá, perto de Igatu).

***Pyriglena leucoptera pernambucensis* Zimmer**

Pyriglena leucoptera pernambucensis Zimmer, 1931, Amer. Mus. Novit., n.º 509, p. 10: Brejão (Estado de Pernambuco).

São Miguel: 3 ♂ ♂ ad., de set. 28, 29 e out. 5; 1 ♂ imat., de set. 28; 3 ♀ ♀ ad., de out. 5 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 24, 31 e nov. 3; 1 ♀ ad., de out. 24 (1952).

Ao estudar os exemplares (2 ♂ ♂ e 1 ♀) por nós colecionados em Pernambuco anos atrás, podemos apreciar as diferenças que separam a raça nordestina da forma típica, embora esta última estivesse representada apenas por um ♂ de Utinga (Pará, prox. de Belém), e dois de Miritiba (norte do Maranhão). Infelizmente, nenhum material adicional recebemos de *P. leucoptera leuconota*, pelo que nada importante haveria acrescentar hoje à observação anterior. A ausência de branco nas coberteiras superiores das asas dos ♂ ♂, e a presença de larga nódoa branca semi-oculta no dorso das ♀ ♀, caracteres comuns às subespécies paraense e pernambucana, separam

golpeantemente *P. l. leuconota*, e *P. l. pernambucensis* de *P. l. leucoptera*, do Brasil meridional. *Pyriglena atra*, forma primitiva do Recôncavo da Baía, serve de liame aparente às companheiras de grupo, assemelhando-se às duas primeiras na falta de branco nas coberteiras superiores das asas dos ♂♂, e aproximando-se da última na ausência de nódoa branca na região interescapular das ♀♀. Ademais, a alopatria de todas estas formas é, mau grado o valor das diferenças apontadas, forte convite para que, a exemplo de Zimmer, a todas se dê o tratamento de simples variedades geográficas de uma e mesma espécie.

***Myrmeciza ruficauda soror* Pinto**

Myrmeciza ruficauda soror Pinto, 1940, Arqu. de Zool. do Est. de São Paulo, I, p. 256: Fazenda São Bento (Pernambuco, perto de Tapera e não longe de Recife).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 29 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂♂ ad., de out. 25 e nov. 9 (1952).

Esta pequena série, constituída, infelizmente, apenas de ♂♂, pelas variações individuais de que dá o testemunho, atenua as diferenças que observamos há anos num ♂ de Tapera (Pernambuco), tomado por nós como tipo de uma raça particular. Nenhum dos exemplares de Alagoas alcança as medidas do de Pernambuco; mas a diferença para menos é em alguns deles insignificante, reduzindo-se a 2 mm., no que respeita à asa. Ainda assim, a rufescência da plumagem é menos acentuada do que em *M. ruficauda ruficauda*, da Baía e Espírito Santo, especialmente nas rêmiges, que se apresentam mais escuras, com mistura visível de pardo-oliváceo. H. Berla, (op. cit., p. 16) no estudo das aves por êle coligidas em Pernambuco, aceitando a subespécie, descreve-lhe a ♀, com base em três exemplares de São Bento (Tapera) e Igaraçu (Usina São José).

***Formicarius colma ruficeps* (Spix)**

Myiothera ruficeps Spix, 1824, Av. Bras., I, p. 72, tabl. LXXII, fig. 1: sem indic. de localidade.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 15 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂♂ ad., de nov. 9, 13 e 15; 1 ♀ ad., de nov. 8 (1952).

As matas do sul da Baía marcavam o limite septentrional da área conhecida deste bonito formicariíida, enquanto a sua presença no nordeste não havia sido verificada através de dois ♂♂ adultos,

colecionados por H. Berla ⁽¹⁾, no leste de Pernambuco (Igarauçu).

A razão parece estar com Zimmer quando faz de *F. ruficeps* (Spix) subespécie de *F. colma*. Com efeito, a extensão da côr ferrugínea do píleo à região frontal dos juvenis de *colma* (como aliás o atesta a estampa de Daubenton, base da espécie de Boddaert) é prova do parentesco muito estreito existente entre a ave guianense-amazônica e a sua representante este-brasileira.

Família CONOPOPHAGIDAE

Conopophaga melanops nigrifrons subsp. nov.

Conopophaga melanops perspicillata Berla (não de Lichtenstein), 1946, Bol. do Mus. Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia, n.º 65, p. 17: Dois Irmãos, prox. de Recife (Pernambuco).

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 29 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 15 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 22 e nov. 7 (1952).

Este material prova pertencer a uma subespécie particular que, sob a denominação acima, a seguir descreveremos.

DIAGNOSE — Machos diferindo dos de *C. melanops perspicillata* Licht., da Baía, pela tonalidade decididamente cinzento-ardosiada do dorso, pela confluência do branco da garganta com o do abdomen (o que restringe o cinzento aos flancos) e, principalmente, pela extensão muito maior da barra frontal negra. Fêmeas com as partes superiores mais claras, mais oliváceas (menos ocráceas), inclusive o píleo, cujo colorido será, quando muito, algo acinzentado (sem nenhuma mistura distinta de ocre); as inferiores também mais claras, com o mento e a porção central do abdomen brancos.

TIPO — N.º 36.417 da Coleção Ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto, de Mangabeira, na Usina Sinimbu (sudeste do Estado de Alagoas), colecionado por E. Dente, em 7 de novembro de 1952.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Dorso cor de cinza, quase pura na região interescapular, e misturando-se progressivamente de oliváceo no baixo dorso e dos lados; coberteiras mais externas do dorso às vezes com a barba externa orlada de preto; píleo cor de canela ("Tawny") no centro, passando a amarelo-ocre ("Yellow-ocher") na periferia; fronte negra, numa altura não menos de 4 milímetros (em vez de 1 a 2 mil., como em *perspicillata*) e prolongando-se sobre os olhos em largo supercílio da mesma cor; loros, bochechas e regiões auriculares igualmente denegridas; primárias cinzento-es-

(1) H. Berla, *Bol. Mus. Nac.*, n.º 65, p. 16 (1946).

curas, com as bordas tingidas de oliváceo; primária externa com a barba externa largamente orlada de branco; secundárias e terciárias cinzento-escuras, com a porção exposta tingida de oliváceo e às vezes com vestígio da mancha apical clara peculiar à ave imatura; coberteiras superiores internas das asas cor de canela, contrastando com as externas, cinzento-escuras; barba externa da coberteira superior marginal das asas branca (como a da primária externa); mento e garganta brancos imaculados; parte média do peito e do abdomen branca como a garganta, e em continuidade com esta; lados do peito e do abdomen cor de cinza intenso; crisso e tíbias cor de cinza mais claro, sem mescla apreciável de pardo ou ocráceo; coberteiras da cauda brancas; bico escuro, quase preto; pés plumbeo-pardacentos; coberteiras inferiores das asas brancas, excetuadas as mais externas, cinzento-denegridas. Medidas: asa 66, cauda 28, culmen 13 (milímetros).

OBSERVAÇÕES — Dúvida não ha de que à presente subespécie deve pertencer o exemplar único, um ♂ adulto, obtido por H. Berla em Pernambuco (Dois Irmãos, perto de Recife), e por êle alistado como *C. melanops perspicillata* ⁽¹⁾. Como também é impossível deixar de reconhecer, pelo material que temos em mãos, diferenças subespecíficas entre os exemplares baianos (Ilhéus) e os de Alagoas. A forma típica, cuja área se estende do Espírito Santo e leste de Minas à faixa litorânea de São Paulo, deixa-se facilmente reconhecer, no sexo masculino pela extensão do capacete canelino do píleo até à base do bico, e no feminino pela tonalidade francamente arruivada do píleo, em contraste com o dorso, predominantemente azeitonado.

Família COTINGIDAE

***Attila spadiceus uropygiatus* (Wied)**

Muscicapa uropygiata Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 868: baixo Rio Doce (Estado do Espírito Santo).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 15 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 31 e nov. 9; 1 ♀ peq., de nov. 3 (1952).

É essa, que nos conste, a primeira vez que se registra a ocorrência de *A. spadiceus* no nordeste brasileiro. As medidas dos espécimes alagoanos, como o mostra a nossa tabela, assinam-lhes posição natural ao lado dos oriundos do sul da Baía e do Espírito Santo, o que vem estender consideravelmente para o norte a área geográfica da subespécie descoberta pelo príncipe Maximiliano. Como ensina Hellmayr, a plumagem de *A. s. uropygiatus* está sujeita às mes-

(1) H. Berla, *Bol. Mus. Nacional*, n.º 65, p. 17 (1946).

mas extraordinárias variações individuais encontradas na forma típica; os exemplares trazidos de Alagoas fornecem bom exemplo desse fato, pois enquanto os ♂♂ de outubro (1951 e 1952) exibem o colorido predominantemente verde correspondente a “*viridescens*”, o ♂ de novembro (1952) apresenta a plumagem cinzenta de “*spodiostethus*”, e a ♀ do mesmo mês a coloração rufescente de “*uropygialis*”.

MEDIDAS (em milímetros)

| <i>Attila spadiceus spadiceus</i> | asa | cauda | culmen |
|--|-----|-------|--------|
| 17.850, ♂, Lago do Batista (Rio Madeira) | 87 | 68 | 19 |
| 23.395, ♀, João Pessoa (alto Juruá) | 82 | 64 | 20 |
| 36.093, ♀, Utinga (Pará, prox. de Belém) | 82 | 66 | 19 |
| <i>Attila spadiceus uropygiatus</i> | | | |
| 37.444, ♂, Rio Largo (Alagoas) | 99 | 78 | 22 |
| 37.445, ♂, Usina Sinimbu (Alagoas) | 93 | 75 | 22 |
| 37.447, ♂, Usina Sinimbu (Alagoas) | 92 | 70 | 20 |
| 37.446, ♀, Usina Sinimbu (Alagoas) | 85 | 66 | 26 |
| 24.639, ♂, Santa Cruz (Espírito Santo) | 94 | 74 | 21 |
| 33.440, ♂, Colatina (Espírito Santo) | 95 | 72 | 21 |
| 33.439, ♀, Pau Gigante (Espírito Santo) | 90 | 71 | 20 |

Casiornis fusca Sclater & Salvin

Casiornis fusca Sclater & Salvin, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 57 e 59:

“Bahia” (como localidade típica foi sugerida Bonfim, antiga Vila Nova da Rainha) ⁽¹⁾

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 1 (1951).

Como já observara Hellmayr ⁽²⁾, apesar da grande semelhança que há entre esta espécie nordestina e *C. rufa*, sua representante centro-brasileira, a superposição parcial das respectivas áreas de dispersão não consente considerá-las simples “variedades geográficas”.

Rhytipterna simplex simplex (Lichtenstein)

Muscicapa simplex Lichtenstein, 1823, Vez. Dubl. Berl. Mus., p. 53: “Bahia”

(o Reconcavo da baía de Todos os Santos pode ter-se como pátria mais provável do tipo).

São Miguel: 1 ♀ ad., de out. 3 (1951).

Sinimbu: 3 ♂♂ ad., de out. 30 e 31, e nov. 3; 1 ♀ ad., de nov. 3 (1952).

(1) Cf. Pinto, *Catal. das Aves do Brasil*, 1.ª parte (in Rev. do Mus. Paulista, vol. XXII, p. 23 (1938)).

(2) Vide *Catal. of Bds. of the Americas* (vol. XIII das *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*), parte VI, p. 148, nota 2 (1929).

subespécie particular por Todd ⁽¹⁾, com base em exemplares de Buena Vista.

Pachyramphus viridis viridis (Vieillot)

Tityra viridis Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 348 (baseado em Azara n.º 210): Paraguai.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 13 (1951).

Pachyramphus polychopterus polychopterus (Vieillot)

Platyrhynchus polychopterus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXVII, p. 10: "Nouvelle Hollande" (local. errônea, que Hellmayr substituiu pela Baía).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 30 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 3 (1952).

Atenção deve haver para não confundir a presente espécie com *P. marginatus*, que com ela existe frequentemente lado a lado. Os ♂ ♂ de *P. polychopterus*, além de não apresentarem a orla frontal e os loros branco-acinzentados dos de *P. marginatus*, têm plumagem muito mais escura, especialmente a do dorso, que é quase inteiramente preto, com exceção apenas do uropígio. Nas ♀ ♀, a diferença mais marcante reside na cor do píleo, que é igual à do dorso em *polychopterus*, e mais ou menos intensamente ferrugínea em *marginatus*.

Pachyramphus marginatus marginatus (Lichtenstein)

Todus marginatus Lichtenstein, 1823, Vez. Dubl. Berl. Mus., p. 51 (= ♀): Baía.

Rio Largo: 1 ♀ ad., de out. 15 (1951).

Sabe-se por quantas alternativas tem passado a difícil questão de traduzir em correta linguagem sistemática as variações geográficas de *P. marginatus*. Hellmayr, a princípio ⁽²⁾, reconhecendo embora, com Sclater ⁽³⁾ e outros antigos observadores, que os exemplares septentrionais são, via de regra, menores, achava não ser possível subdividir a espécie com base nesta diferença; mas, poucos anos depois ⁽⁴⁾, aceitava decididamente esta divisão, restringindo a área da forma típica ao Brasil este-meridional e aceitando como boa a subespécie amazônico-guianense proposta em 1921 por Bangs

(1) J. C. Todd, *Proc. Biol. Soc. Wash.*, LXIII, p. 7 (1950). As medidas de *Lipaugus vociferans dispar* Todd (asa 136-141 mm., cauda 115-118 mm.) ultrapassam as encontradas por nós nas diferentes populações brasileiras da espécie. Cf. Pinto, *Bol. Mus. Paraense*, X, pp. 302-3 (1948).

(2) *Novitates Zoologicae*, XXXII, p. 16-7 (1925).

(3) *Catal. of the Birds of British Museum*, XIV, p. 348 (1888).

(4) *Field Museum Nat. Hist., Zool. Ser.*, vol. XII, p. 342 (1929, março).

& Penard ⁽¹⁾, com o nome de *P. marginatus nanus*. De seu lado, e quase pela mesma época, a Sra. E. Naumburg ⁽²⁾, comparando material amazônico com exemplares da Baía, manifesta-se contrariamente à aceitação das duas subespécies, defendendo seu ponto de vista com a apresentação de uma tabela de medidas, em que vemos aves baianas apresentando comprimentos de asa e cauda inferiores aos encontrados na maioria dos espécimes da Guiana, Venezuela e Amazônia. Nossa observação, conforme o demonstra a tabela abaixo, é plenamente concordante com a da distinta ornitologista há poucos anos falecida. Isso não nos impede, todavia, de reconhecer para as aves da porção meridional extrema da área de distribuição da espécie, não representada no material de Naumburg, tamanhos máximos jamais encontrados nas populações septentrionais, trate-se das amazônico-guianenses ou das nordeste-brasileiras, aí incluídas as da Baía. Assim, temos que o problema aguarda ainda solução satisfatória, a qual bem poderá redundar na sinonimização de *P. m. nanus* com *P. m. marginatus*, de par com, *ipso facto*, a atribuição de um novo nome às populações sudeste-brasileiras, quiçá a partir do Espírito Santo (Rio Doce). A esta subespécie meridional ficaria bem chamar-se *Pachyramphus marginatus majusculus* subsp. nov., tomado como tipo o ♂ de Porto Cachoeiro (Estado do Espírito Santo), n.º 6143 da Col. Ornitol. do Dept. de Zoologia da Secret. da Agricultura (Est. de São Paulo).

MEDIDAS (em milímetros)

| <i>Pachyramphus marginatus marginatus</i> | asa | cauda | culmen |
|--|-----|-------|--------|
| 16.731, ♀, Manacapuru (Rio Solimões, marg. sept.) | 66 | 50 | 14 |
| 23.178, ♀, Rio Juruá | 65 | 50 | 12 |
| 35.736, ♀, Rio Iquiri (afl. do alto Purus) . . | 65 | 49 | 13 |
| 17.863, ♀, Rio Anibá (R. Amazonas, marg. sept.) . | 63 | 47 | 13 |
| 10.816, ♂, Óbidos (baixo Amazonas, marg. sept.) . | 70 | 49 | 14 |
| 32.690, ♂, Oriximiná (baixo Amazonas, marg. sept.) | 73 | 55 | 13 |
| 37.465, ♀, Rio Largo (Alagoas) | 65 | 52 | 12 |
| 10.290, ♂, Itabuna (Baía) | 63 | 51 | 12½ |
| 33.469, ♂, Ilhéus (Baía) | 67 | 52 | 13 |
| <i>Pachyramphus marginatus</i> subsp. | | | |
| 6.173, ♂, Pto. Cachoeiro (Espírito Santo) . . | 77½ | 58 | 13 |
| 25.241, ♂, Rio Doce (Espírito Santo) | 69 | 55 | 13 |
| 28.253, ♂, Sta. Leopoldina (Espírito Santo) . . | 69 | 55 | 11 |
| 33.467, ♀, Pau Gigante (Espírito Santo) . . . | 70 | 54 | 12 |
| 11.820, ♀, Rio Doce (Espírito Santo) | 65 | 51 | 13 |

(1) *Pachyramphus marginatus nanus* Bangs & Penard, 1921, Bull. Mus. Comp. Zool., LXIV, p. 395: Xeberos (leste do Peru).

(2) E. Naumburg, Bull. Amer. Mus. of Nat. Hist., vol. LX, p. 309 (1930).

| | | | |
|--|----|----|----|
| 25.239, ♀, Rio Doce (Espírito Santo) | 68 | 54 | 11 |
| 1.206, ♀, São Sebastião (São Paulo) | 73 | 55 | 13 |
| 4.841, ♀, Alto da Serra (São Paulo) | 70 | 58 | 13 |

Procnias averano averano (Hermann)

Araponga

Ampelis averano, Hermann, 1783, Tab. Affin. Anim., pp. 211 e 214 (baseado no "Averano" de Buffon): pátria típica, nordeste do Brasil (designada por Hellmayr, *ex* Marcgrave).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ imat., de nov. 5 (1952).

Fácil é avaliar-se o contentamento trazido por este exemplar à vista do baldado empenho que ao efetuarmos a nossa primeira viagem ornitológica a Pernambuco pudemos em esclarecer o interessante problema da ocorrência ainda hoje no nordeste brasileiro da ave que Marcgrave foi o primeiro a referir ali, sob o nome de "Guirapunga". Confirmando as nossas previsões a respeito ⁽¹⁾, tem-se agora não só a certeza da existência do pássaro, como ainda a prova de sua extensa distribuição primitiva por todo o este-setentrão brasileiro. Sabe-se também quão longo tempo esteve imersa em obscuridade a verdadeira identidade da espécie margraviana, e como coube a Hellmayr de uma vez deslindá-la, ao reconhecer nela exemplares obtidos no interior do Maranhão pelo Dr. Heinrich Sneathlage, nas primaveras dos anos de 1924 e 1925 ⁽²⁾. Depois dessa data, já hoje recuada, não temos conhecimento de que a espécie tenha sido autenticamente registrada em algum Estado nordestino. Entretanto, desde alguns anos, temos a prova de sua presença no Ceará, através de um casal de adultos colecionados por E. G. Holt e Gentil Dutra na Serra Baturité, e doados ao Dept. de Zoologia de São Paulo pelo "Serviço de Estudos e Pesquisas Sobre a Febre Amarela" ⁽³⁾. Que devia de ser a araponga de cabeça chocolate a ouvida por nós nas matas de Alagoas estávamos também convencido desde a viagem que ali fizemos no ano anterior ao em que se colecionou o exemplar presente, pois mais de um ♂ adulto da espécie observamos em Maceió, mantidos em gaiola.

O exemplar de Mangabeira (Usina Sinimbu), além de único, traz indícios evidentes de imaturidade; o que aliás não se opõe a que se mostrem bem nítidos os seus caracteres principais, como sejam o forte banho de ferrugem sobre o fundo negro do píleo, e a presença na porção baixa da garganta dos filamentos ou barbas

⁽¹⁾ Cf. Pinto, *Arq. de Zoologia do Estado de São Paulo*, I, p. 223, nota 1 (1940).

⁽²⁾ Cf. C. E. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser.*, XII, p. 345-6 (1929).

⁽³⁾ Cf. O. Pinto, *Boletim do Museu Paraense E. Goeldi*, X, p. 311 (1948).

características da idade adulta. De modo geral, essas diferenças postas de lado, a plumagem do exemplar em estudo se assemelha de perto à dos imaturos de *P. nudicollis*, espécie sulina, cuja ocorrência em algum ponto do Estado de Alagoas não nos parece improvável, dada a sua presença no nordeste da Baía, na bacia do Rio Itapicuru (Bonfim). Aliás, as relações que ao sistematista se apresentam entre *P. averano* e *P. nudicollis*, formas aparentemente alopátricas, são das que lhe deixam dúvidas no espírito, que tanto poderá inclinar-se pela independência de ambas como espécies, como pela sua filiação a uma mesma unidade lineana. À análise desse problema não será supérflua a junta tabela de medidas.

MEDIDAS (em milímetros)

| | asa | cauda | culmen |
|---|-----|-------|--------|
| <i>Procnias averano averano</i> | | | |
| 33.486, ♂ subad., Serra de Baturité (Ceará) | 150 | 90 | 17 |
| 37.466, ♂ imat., Mangabeiras (Usina Sinimbu, Alagoas) | 151 | 88 | 19 |
| 33.487, ♀ ad., Mangabeiras (Usina Sinimbu, Alagoas) | 130 | 78 | 17 |
| <i>Procnias nudicollis</i> | | | |
| 7.595, ♂ ad., Bonfim (Baía) | 158 | 85 | 19 |
| 33.484, ♀ ad., Ilhéus (Baía) | 135 | 85 | 16 |
| 28.251, ♂ ad., Rio São José (Espírito Santo) | 152 | 89 | 20 |
| 24.418, ♀ ad., Juquiá (São Paulo) | 138 | 91 | 17 |
| 32.152, ♀ ad., Juquiá (São Paulo) | 137 | 81 | 18 |
| 15.097, ♂ ad., Cananéia (litoral sul de São Paulo) . | 160 | 89 | 20 |
| 26.281, ♂ ad., Lins (oeste de São Paulo) | 159 | 86 | 21 |

Família PIPRIDAE

Pipra erythrocephala rubrocapilla Temminck

Pipra rubrocapilla Temminck, 1821, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 54, fig. 3
(= ♂): "Brésil" (Baía, pátria típica designada por Hellmayr).

São Miguel: 4 ♂ ad., de set. 26, 26, 27, 27; 1 ♂ juv., de out. 4 (1951).

Rio Largo: 1 ♂ ad., de out. 15 (1951).

Sendo largamente difundida em todo o vale do Amazonas, não há notícia da ocorrência desta espécie em Estados nordestinos situados ao norte de Pernambuco, inclusive o Maranhão; isso faz supor haja de fato, nos dias atuais, descontinuidade na área de distribuição do pássaro.

A série, constituída exclusivamente de ♂ ad., confirma a observação feita por Berla (op. cit., p. 18) em Pernambuco, fazendo supor que a decidida predominância dos indivíduos deste sexo seja de regra em todas as populações, pelo menos na região nordestina.

Chiroxiphia pareola pareola (Linné)

Pipra pareola Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., p. 339 (baseado precipuamente em Brisson, Orn., IV, p. 459, pl. 35, fig. 1): "in Brasilia, Cayana" (pátria típica geralmente aceita, Caiena).

São Miguel: 2 ♂ ad., de set. 28; 1 ♂ imat., de out. 1; 1 ♂ juv., de set. 27; 2 ♀ ad., de set. 27 e out. 5 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 30; 1 ♀ ad., de out. 28 (1952).

Manacus manacus gutturosus (Desmarest)*Rendeira*

Pipra gutturosa Desmarest, 1806, Hist. Nat. Tang. Manak. & Tod., livr. 6, pl. 58: nenhuma indicação de localidade (Rio de Janeiro, pátria típica sugerida por Pinto, 1944).

Canoas (Rio Largo): 2 ♂ ad., de out. 11 e 14; 1 ♂ juv. de out. 14 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 14 (1952).

A "rendeira" é também bastante encontrada em Pernambuco, ali tendo sido colecionada tanto por Berla como por D. Lamm, e observada por nós próprio nos arredores de Gameleira (Engenho Curuzu), por ocasião de nossa segunda excursão àquele Estado, em setembro de 1950.

Schiffornis turdinus intermedius subsp. nov.

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 1 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 25 (1952).

DIAGNOSE — Semelhante a *Schiffornis turdinus turdinus* da Baía e Espírito Santo, mas imediatamente reconhecível pela tonalidade geral mais clara da plumagem e, principalmente, pela cor muito menos arruivada (mais olivácea) das asas (lado superior), da garganta, e do peito.

TIPO — N.º 36.589 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto, das matas do município de São Miguel dos Campos, no leste do Estado de Alagoas, colecionado por E. Dente, em 1 de outubro de 1951.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Partes superiores oliváceo-pardacentas, com leve mistura de tons arruivados no alto da cabeça; partes inferiores mais claras, antes oliváceo-acinzentadas, com a garganta e o alto do peito levemente tingidos de ruivo; primárias pardo-oliváceas, com as bordas externas arruivadas e a barba interna escurecida; coberteiras superiores das asas pardo-oliváceas, debruadas de pardo-arruivado claro; rectrizes pardo-oliváceas; coberteiras superior-

res e inferiores da cauda oliváceo-acinzentadas, como o abdomen; coberteiras inferiores das asas cinzentas, com as bordas brancacintas; bico todo pardo-escuro; tarsos pardos, apenas menos escuros do que o bico. Medidas: asa 101, cauda 76, culmen 13 mm.

DISTRIBUIÇÃO — Conhecido apenas das matas da porção oriental do Estado de Alagoas (nordeste do Brasil).

OBSERVAÇÕES — Os dois espécimes agora registrados ampliam de maneira insuspeitada a área coberta pelas populações extra-amazônicas de *Schiffornis turdinus*, cuja forma típica, descoberta na Baía pelo Príncipe de Wied, sabíamos já, por um ♂ adulto do Rio Piracicaba, ocorrer também na região florestada de Minas Gerais compreendida na bacia do Rio Doce. No tocante às medidas, os dois exemplares de Alagoas não diferem apreciavelmente dos da Baía e Espírito Santo; mas, quanto à coloração da plumagem, apresentam eles diferenças extremamente sensíveis, já pela tonalidade geral mais clara, já principalmente pela quantidade muito menor de pardo-arruivado na garganta, no peito e nas asas. Essas diferenças colocam o pássaro de Alagoas em posição rigorosamente intermediária entre a forma típica e *S. turdinus wallacii*, do baixo Amazonas e porções mais orientais da Hiléia (norte do Maranhão).

O material constante de nossa tabela de medidas suplementa os dados apresentados por Friedmann ⁽¹⁾ relativamente à distribuição da subespécie primeiramente descrita.

| | ♂ ♂ | | | ♀ ♀ | | |
|---|-----|-------|--------|-----|-------|--------|
| | asa | cauda | culmen | asa | cauda | culmen |
| <i>Schiffornis turdinus turdinus</i> | | | | | | |
| 25.850, Rio Piracicaba (Minas Gerais) . | 95 | 76 | 14 | | | |
| 28.256, Rio São José (Espírito Santo) . | 97 | 74 | 13 | | | |
| 24.634, Linhares (Espírito Santo) | 74 | 72 | 14 | | | |
| 33.514, Santa Cruz (Espírito Santo) ... | | | | 97 | 74 | 15 |
| 34.564, Rio Itaunas (Espírito Santo) ... | 98 | 76 | 13 | | | |
| 11.869, Ilhéus (Baía) | 98 | 75 | 14 | | | |
| 33.515, " " | 98½ | 80 | 14 | | | |
| 10.288, " " | | | | 98 | 72 | 15 |
| <i>Schiffornis turdinus intermedius</i> | | | | | | |
| 36.589, São Miguel (Alagoas) | 101 | 76 | 13 | | | |
| Usina Sinimbu | 98 | 79 | 13 | | | |
| <i>Schiffornis turdinus wallacii</i> | | | | | | |
| 32.687, Capanema (leste do Pará) | 90 | 71 | 13 | | | |
| 18.855, Caxiricatuba (baixo Tapajós) .. | 90 | 65 | 12 | | | |
| 17.855, Aramaná (baixo Tabajós) ... | | | | 84 | 65 | 13 |
| 23.461, Rio Anibá (Amazonas) | 98 | 70 | — | | | |
| 17.856, Rio Anibá (Amazonas) | | | | 90 | 65 | 14 |

(1) H. Friedmann, *Proceedings of Un. St. Nat. Museum*, vol. XCVII, pp. 497-8 (1948).

Neopelma pallescens (Lafresnaye)

Tyrannula pallescens Lafresnaye, 1853, Rev. Magaz. Zool., (2), V, p. 57: Baía.

São Miguel: 1 ♂ ? ad., de out. 3 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 20, 22, 22; 1 ♀ ? imat., de out. 29 (1952).

Família TYRANNIDAE

Fluvicola climazura climazura (Vieillot)*Lavadeira*

Oenanthe climazura Vieillot, 1824, Galer. d'Ois., I, p. 255, pl. 157: "Brésil" pátria típica, Recôncavo da Baía, design. por Pinto, 1940, in Arq. de Zool., I, p. 259).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 3 ♀ ♀ ad., de out. 14, 15 e 17 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 (1952).

Pássaro caracteristicamente nordestino e dos mais comuns na orla marítima, ocorre também, como tivemos nós próprio o ensejo de observar, no Estado de Minas Gerais, ao longo do Rio Doce. Não há, todavia, testemunho de sua presença no Espírito Santo, onde com toda probabilidade se deve também encontrar. O exemplar de São Miguel foi por nós colecionado nas margens da Lagoa de Sant'Ana, ao lado de sua companheira (que não pôde ser aproveitada) e nas proximidades do respectivo ninho, construído sobre uma laranjeira, a 5 metros de altura do solo.

Arundinicola leucocephala (Linné)*Viuvinha*

Pipra leucocephala Linné, 1764, Mus. Ad. Frid., I, Prodr., p. 33: sem indicação de localidade (Surinam, pátria típica, *apud* Linné, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 340).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 27 (1951).

Raras vezes tivemos o ensejo de avistar este passarinho durante as nossas excursões em Alagoas; mas é de acreditar não deva ser ali menos encontradiço do que na Baía, Pernambuco e mais Estados nordestinos.

Machetornis rixosa rixosa (Vieillot)

Tyrannus rixosus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXV, p. 85 baseado no "Suiriri" n.º 197 de Azara).

Canoas: (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12 (1951).

Tyrannus melancholicus despotes (Lichtenstein)*Siriri*

Muscicapa despotes Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 55: Baía.

São Miguel: 1 ♀ ad., de out. 4 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 7; 1 ♀ ad., de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): - ♂ ad.?, de out. 21; 1 ♀ ad., de nov. 1 (1952).

Nos ♂ ♂ do lote trazido de Alagoas vemos a asa atingir o comprimento de 10 mm., não alcançado por nenhum dos nossos exemplares da Baía, pátria típica da subespécie. Esta, como se sabe, foi reconhecida por Bangs & Penard ⁽¹⁾ há mais de trinta anos, com base em pequenas divergências de colorido (faixa peitoral mais estreita e predominantemente amarelada, garganta cinzento mais claro) e na exiguidade relativa de tamanho, em confronto com as populações do Brasil este-meridional. Os pontos de vista de Bangs & Penard com referência ao caso são aceitos sem qualquer restrição por Hellmayr ⁽²⁾, que concorda também em referir à subespécie baiana as populações amazônico-guianenses de *Tyrannus melancholicus*. Zimmer ⁽³⁾, por sua vez, ao estudar o assunto com grande abundância de material, não ousou romper com o esquema traçado para as populações brasileiras da espécie, chamando todavia a atenção para as diferenças que o faziam suspeitar da existência de uma forma peculiar ao vale amazônico, com possível extensão ao nordeste do Perú, sul da Venezuela e Guianas. De nossa parte ⁽⁴⁾ não podendo fugir a tomar posição no problema, tivemos também a impressão de que as populações amazônicas, apresentando embora características sob certos pontos de vista intermediárias às de *T. m. melancholicus* e *T. melancholicus despotes*, especialmente no que tange às medidas, mais se aproximam das do sul e centro do Brasil do que das do nordeste brasileiro. Não obstante, conformando-nos com a alternativa de encaixar as populações brasileiras numa ou noutra das subespécies em questão, aventuramos alistar sob *despotes* os poucos exemplares da porção mais baixa do vale amazônico (Santarém, Belém) que tínhamos à disposição. Impugnando nosso modo de ver, é Gyldenstolpe ⁽⁵⁾ de opinião que não só as aves desta região, mas também as da margem esquerda (ou septentrional) do grande rio, concordam melhor com *despotes* do que com *melan-*

(1) Bangs & Penard, *Bull. Mus. Compar. Zool.*, LXIV, p. 378 (1921).

(2) C. E. Hellmayr, *Catalogue of Birds of the Americas* (*Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XIII), parte V, p. 107, nota b (1927).

(3) J. T. Zimmer, *Amer. Mus. Novit.*, n.º 962, p. 14 e segs. (1937).

(4) O.M.O. Pinto, *Catal. Aves do Brasil*, 2.ª parte, p. 135, nota 1 (1944).

(5) Nils Gyldenstolpe, *Arkiv för Zoologi*, Ser. 2, vol. II, n.º 1, p. 248 (1951).

cholicus. A difícil questão permanece assim sob litígio, patenteando o pouco satisfatório das soluções propostas. A causa disso não há duvidar, está no propósito a que se têm atido os envolvidos no assunto de, a todo o transe, encaixar as populações amazônicas nas duas subespécies classicamente admitidas, a despeito de suas características próprias, tendentes umas a aproximá-las da raça baiana e outras da sul-brasileira. Consequentemente, temos que as ditas populações merecem ser consideradas subespécie particular, de características intermediárias entre *melancholicus* e *despotes*, aproximando-se mais das do primeiro no valor médio das medidas, e das do último na tonalidade mais clara da plumagem, garganta brancacenta (menos cinzenta), peito amarelado (menos cinzento-esverdeado). À subespécie amazônica, tipificada por um ♂ adulto de Manacapuru (N.º 16.839), proponho chamar-se *T. melancholicus zimmeri*, em reconhecimento pela contribuição inestimável trazida ao esclarecimento do assunto por Dr. J. T. Zimmer, o competente ornitologista do American Museum.

Em nossa tabela de medidas, organizada segundo o novo esquema, a área de *T. m. despotes* aparece reduzida ao nordeste brasileiro, inclusive o norte do Maranhão, e excluído o sul extremo da Baía.

MEDIDAS (em milímetros)

| | ♂ ♂ | | | ♀ ♀ | | |
|--|-----|-------|--------|-----|-------|--------|
| | asa | cauda | culmen | asa | cauda | culmen |
| <i>Tyrannus melancholicus zimmeri</i> | | | | | | |
| 16.841, São Gabriel (Rio Negro) | 115 | 97 | 21 | | | |
| 16.839, Manacapuru (Rio Solimões marg. sept.) | 115 | 98 | 22 | | | |
| 16.840, Manacapuru (Rio Solimões marg. sept.) | | | | 108 | 81 | 22 |
| 19.794, Rio Anibá (Rio Amazonas, marg. sept.) | 117 | 94 | 23 | | | |
| 19.795, Rio Anibá (Rio Amazonas, marg. sept.) | 114 | 94 | 21 | | | |
| 23.102, Igarapé Boiuçu (Rio Amazonas, marg. sept.) | 114 | 96 | 21 | | | |
| 2.683, Alto Juruá | | | | 115 | 91 | 22 |
| 23.103, Rio Eiru | 116 | 91 | 22 | | | |
| 35.764, Territ. do Acre | 114 | 94 | 22 | | | |
| 35.766, " " " | | | | 109 | 90 | 22 |
| 35.765, " " " | | | | 112 | 91 | 19 |
| 23.100, Santarem (Rio Tapajós) | 112 | 90 | 22 | | | |
| 32.713, Aramanaí (Rio Tapajós) | 112 | 99 | 22 | | | |
| 11.971, Utinga (prox. Belém, Pará) ... | 108 | 85 | 22 | | | |
| 11.975, Utinga (prox. Belém, Pará) ... | | | | 100 | 93 | 20 |

| | ♂ ♂ | | | ♀ ♀ | | |
|--|-----|-------|--------|-----|-------|--------|
| <i>Tyrannus melancholicus despotes</i> | asa | cauda | culmen | asa | cauda | culmen |
| 6.820, Boa Vista (Maranhão) | 105 | 85 | 22 | | | |
| 18.195, Tapera (Pernambuco) | 103 | 85 | 23 | | | |
| 37.501, Quebrangulo (Alagoas) | 110 | 97 | 20 | | | |
| 37.503, Usina Sinimbu (Alagoas) | 110 | — | 22 | | | |
| 37.504, Usina Sinimbu (Alagoas) | | | | 104 | 87 | 20 |
| 37.500, São Miguel (Alagoas) | | | | 104 | 92 | 21 |
| 37.574, Palmeira dos Indios (Alagoas) . | | | | 105 | 92 | 20 |
| 7.537, Joazeiro (Baía) | | | | 105 | 90 | 21 |
| 27.692, Ilha Madre-Deus (Baía) | 106 | 96 | 22 | | | |
| 14.198, " " " | | | | 103 | 89 | 21 |
| 27.695, " " " | | | | 104 | 86 | 21 |
| 33.540, Ilhéus " " | 106 | 92 | 21 | | | |
| 33.539, Ilhéus " " | | | | 105 | 91 | 20 |
| <i>Tyrannus melancholicus melancholicus</i> | | | | | | |
| 10.089, Belmonte (Baía) | 115 | 98 | 20 | | | |
| 14.197, Rio Gongogi (Baía) | 114 | 99 | 22 | | | |
| 34.567, Rio Itaunas (Esp. Santo) | 112 | 97 | 24 | | | |
| 28.536, Rio São José (Esp. Santo) | 112 | 98 | 21 | | | |
| 33.542, Pau Gigante (Esp. Santo) | 112 | 103 | 22 | | | |
| 24.624, Pau Gigante (Esp. Santo) | | | | 110 | 98 | 22 |
| 6.161, Porto Cachoeiro (Esp. Santo) . | 115 | 98 | 22 | | | |
| 28.538, Guarapari (Esp. Santo) | 114 | 99 | 22 | | | |
| 29.214, Rio Muriaé (Est. do Rio) | 111 | 100 | 22 | | | |
| 29.213, Rio Muriaé (Est. do Rio) | 115 | 101 | 20 | | | |
| 25.171, São José da Lagoa (Minas) ... | 112 | 99 | 21 | | | |
| 25.172, " " " " " ... | 113 | 100 | 23 | | | |
| 25.170, " " " " " ... | | | | 108 | 92 | 20 |
| 25.169, " " " " " ... | | | | 110 | 92 | 20 |
| 1.471, Vargem Alegre (Minas) | 114 | 100 | 21 | | | |
| 29.674, Batatais (São Paulo) | 113 | 96 | 22 | | | |
| 29.610, Ubatuba (São Paulo) | 115 | 103 | 23 | | | |
| 29.611, Ubatuba (São Paulo) | | | | 110 | 91 | 21 |
| 2.950, São Sebastião (São Paulo) | 115 | 97 | 23 | | | |
| 28.007, Rio Juquiá (São Paulo) | 115 | 95 | 20 | | | |
| 15.531, Cananéia (São Paulo) | 115 | 100 | 21 | | | |
| 31.579, Boracéia (São Paulo) | 115 | 95 | 24 | | | |
| 26.394, Lins (São Paulo) | 117 | 103 | 20 | | | |
| 23.826, Macaúbas (São Paulo) | 116 | 99 | 21 | | | |
| 29.455, Rio Paranapanema (São Paulo) | 119 | 103 | 23 | | | |
| 35.505, Rio das Antas (Sta. Catarina) . | 120 | 100 | 22 | | | |
| 15.532, Inhumas (Goiás) | 115 | 95 | 22 | | | |
| 35.204, São Domingos (a oeste do rio Araguaia) | | | | 112 | 89 | 23 |

| | | | | ♂ ♂ | ♂ ♂ | ♀ ♀ | ♀ ♀ |
|---------|----------|------------------|-------|-----|-------|--------|------------|
| | | | | asa | cauda | culmen | culmen |
| 17.201, | Cuiabá | (Mato Grosso) | | 111 | 98 | 21 | |
| 17.202, | " | " | | 113 | 94 | 23 | |
| 17.203, | Chapada | " | | | | | 116 100 21 |
| 30.302, | Corumbá | | | 111 | 92 | 21 | |
| 30.303, | " | " | | 116 | 99 | 21 | |
| 30.301, | " | " | | | | | 112 95 21 |
| 30.300, | " | " | | | | | 112 91 21 |
| 13.224, | Tucuman | (Rep. Argentina) | | 115 | 98 | 22 | |
| 3.887, | La Plata | " | | 117 | 100 | 22 | |

Empidonomus varius rufinus (Spix)

Muscicapa rufina Spix, 1825, Av. Bras., II, p. 22, tab. XXXI, figs. 1 e 2:
"in provincia fl. Amazonum".

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., nov. 2 (1951).

Myiozetetes similis pallidiventris Pinto

Myiozetetes similis pallidiventris Pinto, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 212:
Ilha da Madre-Deus (Baía).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 29; 1 ♀ ? ad., de set. 30 (1951).
Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 31 (1952).

Pitangus sulphuratus maximiliani (Cabanis & Heine)

Saurophagus maximiliani Cabanis & Heine, 1859, Mus. Hein., II, p. 63:
"Brasilien" (= Baía, teste Hellmayr).

Rio Largo: 1 ♂ ad., de out. 21 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 21, nov. 10 e 17 (1952).

Myiarchus tyrannulus bahiae Berl. & Leverkühn

Myiarchus bahiae Berlepsch & Leverkühn, 1890, Ornith., VI, p. 17, no texto:
Baía.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de nov. 1 (1951).

É este, ao que supomos, o primeiro registro de *Myiarchus tyrannulus* em toda a região nordestina compreendida entre Ceará e Baía.

Myiarchus ferox ferox (Gmelin)

Muscicapa ferox Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 934 (baseado principalmente em "Le Tyran de Cayenne", de Brisson): Caiena.

Canoas (Rio Largo): 3 ♂ ♂ ad., out. 12, 13 e 17; 1 ♀, out. 17 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 25; 1 ♀ ad., de nov. 9 (1952).

Contopus cinereus pallescens (Hellmayr)

Myiochanes cinereus pallescens Hellmayr, 1927, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. V, p. 194: São Marcelo do Rio Preto (Baía).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ad., de nov. 9 e 12; 1 ♂ juv., de nov. 9 (1951).

Myiobius barbatus mastacalis (Wied)

Muscicapa mastacalis Wied, 1821, Reise Brasilien, II, p. 151: Rio Catolé (afl. do Rio Pardo, sul do Est. da Baía).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 28; 1 ♀ juv., de set. 26 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 5 (1952).

São referidas à presente subespécie as populações de *Myiobius barbatus* dispersas pelo Brasil central e este-meridional. Pelo material ao nosso dispôr, verificamos aparente tendência para a redução dos comprimentos de asa e cauda, em direção ao norte. A tabela de medidas abaixo, constituída exclusivamente de ♂ adultos, acusa um mínimo para os exemplares trazidos de Alagoas.

MEDIDAS (em milímetros)

| | asa | cauda | culmen |
|---|-----|-------|--------|
| 26.759, Rio Claro (Goiás) | 67 | 60 | 11 |
| 33.588, Ubatuba (São Paulo) | 66 | 59 | 10 |
| 5.478, Ubatuba (São Paulo) | 65 | 56 | 10 |
| 25.619, Rio Doce (Minas Gerais) | 65 | 59 | 10 |
| 28.574, Santa Leopoldina (Espírito Santo) | 66 | 58 | 10 |
| 28.573, Santa Leopoldina (Espírito Santo) | 66 | 60 | 10 |
| 33.587, Ilhéus (Baía) | 65 | 53 | 10 |
| 10.269, Ilhéus (Baía) | 63 | 55 | 10 |
| 10.278, Itabuna (Baía) | 64 | 55 | 10 |
| 7.541, Bonfim (Baía) | 63 | 53 | 10 |
| 37.525, São Miguel (Alagoas) | 60 | 52 | 11 |
| 37.527, Usina Sinimbu (Alagoas) | 62 | 54 | 11 |

Myiophobus fasciatus flammiceps (Temminck)

Muscicapa flammiceps Temminck, 1822, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 144, fig. 3: "Brésil" (Rio de Janeiro, escolhida como pátria típica por Pinto, 1944).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ ad., de nov. 3 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 24 (1952).

***Platyrinchus mystaceus niveigularis* subsp. nov.**

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 27 (1951).

Rio Largo: 1 ♂ ad., de out. 15 (1951).

Mangabeiras (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 21 e 22;
1 ♀ ad., de out. 22 (1952).

DIAGNOSE — Semelhante a *P. mystaceus mystaceus*, do Brasil este-meridional, mas diferindo dêle, à primeira vista, pela cor nívea da garganta, partes superiores mais escuras, mais oliváceas (menos amareladas), peito mais pardo-oliváceo e abdomen mais claro (menos ocráceo).

TIPO — N.º 36.502 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto, da Fazenda Canoas, no vale do Rio Prata (município de Rio Largo, Estado de Alagoas), col. por O. Pinto em 15 de outubro de 1951.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Dorso bruno-oliváceo claro ("Light Brownish Olive" de Ridgway); píleo pardo-oliváceo escuro ("Brownish olive"), com o vértice ornado de grande nódoa amarelo-citrina, semi-oculta; loros branco-acamurçados, continuando-se para trás em estreito anel periorbital, e inferiormente tismados de pardo-escuro; lista superciliar mal distinta, branco-amarelada; região auricular branco-acamurçada no centro, e pardo-escuro, quase preta, na periferia; asas pardo-oliváceas, com a orla das penas mais azeitoadas; coberteiras superiores da mão pardo-escuras; rectrizes pardo-oliváceas; mento, garganta e lado inferior do pescoço brancos, sem mistura distinta de amarelo; peito pardo-arruivado; abdomen amarelado claro, com flamulações pardo-arruivadas nos flancos e no crisso; maxila pardo-escuro; mandíbula branca; tarsos amarelados. Medidas: asa 60, cauda 33, culmen 10 (milímetros).

OBSERVAÇÕES — Os cinco exemplares de Alagoas (4 ♂ ♂ e 1 ♀, adultos) assemelham-se perfeitamente uns com os outros, destacando-se logo dos de qualquer outra procedência pelo branco-puro (em vez de branco-amarelado), da garganta, e mais caracteres indicados na diagnose. A diferença é tão visível que mal se compreende houvesse escapado aos observadores que tiveram sob os olhos exemplares da subespécie agora descrita. Não obstante, dúvida não temos de que a ela deve pertencer o material de *P. mystaceus* coligido nas proximidades de Recife (Dois Irmãos), Estado de Pernambuco, por H. Berla (op. cit., p. 21) e D. Lamm (op. cit., p. 276). Fato dos mais dignos de atenção é a extraordinária semelhança da subespécie nordestina com *P. mystaceus albigularis* Sclater, da vertente pacífica do Equador e da Colômbia. A cor escura da mandíbula torna todavia fácil o reconhecimento da última, acrescentando ainda a circunstância de ser a garganta de *niveigularis* de um branco muito

mais puro do que em *albigularis*. Do ponto de vista zoogeográfico, é mister acentuar ainda que a área de dispersão de *P. m. niveigularis* parece restringir-se às matas da faixa oriental marítima do nordeste brasileiro, pois exemplares do interior da Baía septentrional (Bonfim) e do Ceará (Serra de Baturité), provam pertencer à forma sulina, de garganta branco-amarela. No que respeita às medidas, mostra a tabela junta serem equivalentes nas três subespécies brasileiras.

MEDIDAS DE ♂ ♂ ADULTOS (em milímetros)

| <i>Platyrinchus mystaceus mystaceus</i> | asa | cauda | culmen |
|--|-----|-------|--------|
| 594, Nova Hamburgo (Rio Grande do Sul) | 54 | 30 | 9 |
| 8.770, Castro (Paraná) | 58 | 31 | 9 |
| 31.409, Monte Alegre, pto. de Amparo (S. Paulo) . | 55 | 34 | 8½ |
| 5.580, Ubatuba (S. Paulo) | 53 | 27 | 9 |
| 31.207, S. Fr. Xavier (Serra da Mantiqueira, S.P.) | 57 | 32 | 10 |
| 16.039, Maria da Fé (Minas Gerais) | 52½ | 31 | 9 |
| 33.604, Terezópolis (Est. do Rio de Janeiro) | 56 | 35 | 10 |
| 34.410, Itatiaia (Est. do Rio de Janeiro) | 54 | 33 | 8½ |
| 28.607, Santa Leopoldina (Espírito Santo) | 54½ | 29 | 10 |
| 28.605, Santa Leopoldina (Espírito Santo) | 56 | 32 | 9½ |
| <i>Platyrinchus mystaceus niveigularis</i> | | | |
| São Miguel (Alagoas) | 55 | 29 | 10 |
| Rio Largo (Alagoas) | 60 | 33 | 10 |
| Mangabeiras (Alagoas) | 58 | 31 | 10 |
| Mangabeiras (Alagoas) | 54 | 28 | 10 |
| <i>Platyrinchus mystaceus bifasciatus</i> | | | |
| 32.516, Rio das Mortes (Mato Grosso) | 60 | 32 | 10 |
| 17.186, Chapada (Mato Grosso) | 58 | 31 | 9 |

Tolmomyias flaviventris flaviventris (Wied)

Muscipeta flaviventris Wied, 1831, Beitr. Naturges. Brasil., III, p. 929: rio Mucuri e Alcobaça (extremo sul do Estado da Baía).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 1 (1951).

Rhynchocyclus olivaceus olivaceus (Temminck)

Platyrhynchos olivaceus Temminck, 1820, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 12, fig. 1: "Brésil" (Rio de Janeiro, pátria típica designada por Pinto, 1944).

São Miguel: 1 adulto, de que se ignora sexo e dia de coleta.

O único exemplar encontrado dêste pássaro durante a excursão acha-se representado apenas pela respectiva cabeça, havendo o mais sido destruído pelo chumbo. Desconhecido atualmente no extremo nordeste, ocorre todavia em Pernambuco, havendo-o encontrado Berla em Recife (Dois Irmãos) e Igaraçu. Estritamente sil-

vestre, mostra-se relativamente comum nas porções ainda densamente florestadas do Brasil oriental, da Baía ao Espírito Santo e leste de Minas Gerais (Rio Doce).

Todirostrum cinereum cearae Cory

Todirostrum cinereum cearae Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 342: Serra de Baturité (Ceará).

Rio Largo: 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 12 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 28 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ e 1 ♀ ?, de nov. 10 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 21 (1952).

Aspectos bem interessantes assume a variação geográfica nas populações este-brasileiras de *Todirostrum cinereum*, seja por efeito de intergradação ou da flutuação. Na série de Alagoas, as partes superiores, conquanto predominantemente cor de cinza, apresentam sempre visível mistura de verde, coisa que quase não se verifica em nossos exemplares do Recôncavo da Baía e de leste de Pernambuco. Nos exemplares de Ilhéus, na costa meridional da Baía, a quantidade de verde é muito maior, fazendo transição com os do Rio de Janeiro (Distrito Federal), e São Paulo (Ipiranga), em que todo o dorso é verde, com mistura maior ou menor de cinza, tal como acontece nos de Mato Grosso, tipicamente pertencentes a *T. c. colorum*. Nos do Espírito Santo, a regra é ocuparem a mesma posição intermediária dos do litoral baiano; mas, como se aí as flutuações atingissem o seu máximo, num casal de Guarapari a diferença de colorido das costas é tão grande, que dir-se-ia pertencer um deles (♀) a *cinereum* e o outro (♂) a *cearae*. Tudo isso mostra a dificuldade que há em estabelecer, ao longo da faixa litorânea, linha divisória entre as duas subespécies em questão.

Idioptilon zosterops naumburgae (Zimmer)

Euscarthmornis zoesterops naumburgae Zimmer, 1945, Proc. Biol. Soc. Wash., LVIII, p. 45: Palmares (Estado de Pernambuco, perto de Recife).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 12 (1951).

Esta subespécie de *Idioptilon zosterops* é mais uma reminiscência das estreitas relações existentes entre a fauna amazônica e do nordeste do Brasil ao tempo em que até este se estendiam os

(1) *Idioptilon* Berlepsch, 1907 (*Ornis*, XIV, p. 356), tendo grande prioridade sobre *Euscarthmornis* Oberholser, 1923 (*Auk*, XL, p. 327), toma o lugar deste último, uma vez provado (Zimmer, 1940, *Amer. Mus. Novit.*, n.º 1066, p. 13) que *Idioptilon rothschildi* Berlepsch é mero sinônimo de *Euscarthmus zosterops* Pelzeln. Cf. Zimmer, *Amer. Mus. Novit.* n.º 1605, p. 7 nota 2 (1953).

prolongamentos da hiléia. Depois de E. Kaempfer (1927), cujo material, oriundo das proximidades de Recife, permitiu a Zimmer descrevê-la, coube a H. Berla (1944) obter na mesma região novos exemplares dela, tomando-os embora como *I. zosterops griseipectus*, forma do alto Amazonas cuja extraordinária semelhança com a nordestina podemos apreciar, através de dois espécimes colecionados ultimamente no Território do Acre pelo Departamento de Zoologia ⁽¹⁾. Pouco posterior é a notícia que delas nos dá também D. W. Lamm (op. cit., p. 276), informando que o passarinho é comum nas matas de Pernambuco. Comparados com os de *griseipectus* os nossos exemplares de *I. z. naumburgae* se distinguem pelo verde mais claro do dorso, pelas penas do píleo mais distintamente escurecidas na porção central, pela grande mistura de verde no cinzento do peito, pela estriação mais forte da garganta e, finalmente, pela maior largura e colorido mais escuro do bico.

Idioptilon margaritaceiventer wuchereri (Sclater & Salvin)

Euscarthmus wuchereri Sclater & Salvin, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 158: Baía.

Palmeira dos Índios: 2 ♂ ad., de out. 28 e nov. 1 (1951).

Disseminada do norte da Baía (Cidade da Barra, Joazeiro, Bonfim) ao do Maranhão (Grajáú, Miritiba, etc.), inclui-se a presente p. 405 (1954).

subespécie entre as formas mais caracteristicamente endêmicas do interior descampado e sêco de todo o nordeste brasileiro.

Idioptilon mirandae (Snethlage)

Todirostrum mirandae Snethlage, 1925, Journ. f. Ornithol., LXXIII, p. 266: Serra de Ibiapaba (Ceará).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 11 (1951). Medidas: asa 55, cauda 49, culmen 12 (mm.).

Abstraindo das medidas, sensivelmente superiores às obtidas por Hellmayr no tipo, e aparentemente único representante conhecido até aqui, de *Todirostrum mirandae* Snethlage, o exemplar agora em questão concorda muito exatamente com a descrição que da espécie nos deu aquele saudoso ornitologista ⁽¹⁾. O dorso, verde acinzentado claro, passa a verde-pardacento mais escuro no píleo; os lados da cabeça, a garganta e o peito são pardo-aleonados, passando a branco-amarelado no abdomen primárias pardo-escuras, com a orla verde-claro; terciárias, de igual côr, com a barba externa largamente branco-amarelada; coberteiras superiores escuras, orladas de verde; a maxila, escura, faz contraste com a mandíbula, in-

⁽¹⁾ Cf. Pinto & Camargo, *Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia*, vol. XI,

teiramente clara. Pelo contrário, nenhuma semelhança tem o pássaro de Alagoas com *Todirostrum fulmifrons*, donde se conclui pela improcedência do que aventamos anos atrás ⁽²⁾, com relação ao íntimo parentesco das duas espécies. Mais do que isso, enquanto o bico de *furmifrons* se enquadra exatamente nas características do gênero *Todirostrum*, o de *mirandae*, si a determinação do nosso exemplar está certa, como supomos, mostra feitio muito diferente, combinando antes com os das espécies referidas costumeiramente a *Euscarthmornis*.

***Euscarthmus meloryphus meloryphus* Wied**

Euscarthmus meloryphus meloryphus Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 947: confins dos Estados de Baía e Minas Gerais.
Palmeiras dos Índios: 1 ♀ imat., de out. 31 (1951).

***Elaenia flavogaster flavogaster* (Thunberg)**

Marid'-é-dia

Pipra flavogaster Thunberg, 1822, Mém. Acad. Sci.: St. Petersb., VIII, p. 286: "Brésil" (= Rio de Janeiro, fide Lönnberg, 1903).

São Miguel: 1 ♀ ad., de out. 1 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ imat., de out. 11 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

Capítulo a esclarecer é o da distribuição das espécies do gênero *Elaenia* na região nosdestina. *E. flavogaster*, ao contrário do que sucede no litoral da Baía, onde é a espécie mais comum, nos lugares por nós visitados de Alagoas não era lá muito frequente. O mesmo parece acontecer em Pernambuco, visto que nem Lamm, nem Berla a ela fazem qualquer referência.

Família HIRUNDINIDAE

***Stelgidopteryx ruficollis ruficollis* (Vieillot)**

Hirundo ruficollis Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 523: "Brésil" (= Rio de Janeiro, col. Delalande).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 21 (1951).

Família CORVIDAE

***Cyanocorax chrysops interpositus* subsp. nov.**

Cã-Cã

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀, de nov. 8 (1952).

(1) *Catal. of Birds of the Americas* (Field Mus. Publ., Zool. Ser., XIII), pte. V, p. 305, nota b (1927).

(2) Pinto, *Arquivos de Zoologia do Est. de São Paulo*, I, p. 251-2 (1940).

DIAGNOSE — Semelhante a *C. c. cyanopogon* da Baía e do Brasil central, mas com o abdomen e as extremidades das rectrizes amarelo-creme (em vez de brancos), dorso, asas e rectrizes mais escuras.

TIPO — N.º 36.503 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♀ adulta, da Fazenda Mangabeiras (Usina Sinimbu), no Estado de Alagoas, colecionado por E. Dente, em 8 de novembro de 1952.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Píleo preto, com as penas da fronte e do vértice eriçadas à maneira de crista, passando bruscamente a branco na região occipital; nuca branca, tingindo-se levemente de anil em direção ao manto, cuja cor cinzento-fuliginosa escurece progressivamente, passando a preto-fuliginoso no dorso e nas supra-caudais; lados da cabeça pretos, com larga mancha retro-superciliar branco-anilada, outra, pequena, abaixo de cada olho, e mais outra, maior e tirante a violeta, junto à mandíbula; asas escuras, quase pretas, com tênue lustro violáceo nas rêmiges; mento e alto do peito denegridos; porção baixa do peito e abdomen amarelo-creme, passando a mais claro nos flancos e no crisso; rectrizes pretas, com as porções terminais cor clara de creme, como o abdomen; coberteiras inferiores das asas entre creme e branco, passando a escuro fuliginosas junto à borda da asa; bico escuro, quase preto; tarsos e pés da mesma cor. Medidas: asa 145, cauda 164, culmen 26 (milímetros).

OBSERVAÇÕES — O exemplar de Alagoas, infelizmente único dessa procedência, apresenta caracteres de plumagem rigorosamente intermediários aos das aves do sul do Brasil e as da Baía e Brasil central. Forçoso é portanto concluir ser êle amostra de subespécie particular, estabelecendo conexão entre *C. chrysops* e *C. cyanopogon* da corrente literatura, e, *ipso facto*, reduzindo estas últimas a igual categoria. Em sua qualidade de forma intermédia, a subespécie alagoana acha-se muito mais próxima de *cyanopogon*, possuindo como esta dorso cinzento-fuliginoso, rêmiges e rectrizes pretas (em vez de azuis-violáceas), a porção alta do manto branco-acinzentada (em vez de branco-anilada) etc.; mas, por outro lado, aproxima-se de *chrysops* na cor decididamente amarelada (em vez de branca) do abdomen e das pontas das rectrizes. No confronto de *cyanopogon* com *interpositus*, às diferenças já apontadas entre ambas, provavelmente deverá acrescentar-se, para a última, a menor extensão e quantidade de branco na porção alta do manto. Achan-do-se a subespécie nordestina representada por um só exemplar, nada seguro é possível concluir no que se refere às medidas. Não obstante, poderá a tabela que adiante apresentamos servir de elemento subsidiário para estudos posteriores.

Em face da forma agora descrita, a coespecificidade entre *chrysops* e *cyanopogon* ter-se-ia decerto imposto a Hellmayr ⁽¹⁾ quando, aflorando o problema, teve entretanto como óbvia a diferença específica de ambas.

MEDIDAS (em milímetros)

| | ♂ ♂ | | | ♀ ♀ | | |
|---|-----|-------|--------|-----|-------|--------|
| | asa | cauda | culmen | asa | cauda | culmen |
| <i>Cyanocorax chrysops chrysops</i> | | | | | | |
| 9.073, Nova Wurttemberg (Rio Grande do Sul) | 154 | 167 | 30 | | | |
| 4.052, Itararé (São Paulo) | | | | 160 | 173 | 30 |
| <i>C. chrysops interpositus</i> | | | | | | |
| 36.503, Usina Sinimbu (Alagoas) | | | | 145 | 164 | 26 |
| <i>C. chrysops cyanopogon</i> | | | | | | |
| 15.176, Jaraguá (Goiás) | 150 | 170 | 25 | | | |
| 15.177, Jaraguá (Goiás) | | | | 149 | 174 | 15 |
| 8.484, Rio S. Francisco (Minas Gerais) | | | | 140 | 150 | 24 |
| 32.555, Rio das Mortes (Mato Grosso) . | | | | 146 | 164 | 25 |

Família TROGLODYTIDAE

Thryothorus longirostris bahiae (Hellmayr)

Rouxinol

Thryophilus longirostris bahiae Hellmayr, 1903, Journ. für Ornithol., p. 535 — nome novo para *Thryophilus longirostris striolatus* Hellm., 1901 (não Spix, 1824), Verh. Zool. Bot. Gesellsch. Wien, LI, p. 776: Baía.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de nov. 4; 2 ♀ ♀ ad., de out. 28 e nov. 1 (1951).

Thryothorus genibarbis genibarbis Swainson

Thryothorus genibarbis Swainson, 1937, Anim. in Menager., p. 322: "Brazil" (= Baía, pátria típica design. por Hellmayr, 1905, in Nov. Zool., XII, p. 271).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3; 1 ♀ ad., de nov. 29 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 10 e 1 ♀ ad., de out. 26 (1952).

Troglodytes musculus musculus Naumann

Carriça

Troglodytes musculus Naumann, 1823, Naturges. Vög. Deutschl., III, prancha em face da p. 724: Baía.

Quebrangulo: 1 ♂ ad., de nov. 7 (1951).

(1) *Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser.*, XII, p. 271 (1929).

Família MIMIDAE

Mimus saturninus arenaceus Chapman*Calhandra*

Mimus arenaceus Chapman, 1890, Auk. VII, p. 135: Baía.

Palmeira dos Índios: 1 ♀ ad. e 1 ♀ ?, de out. 29 (1951). Medidas, em milímetros: asa 112 e 116; cauda 137 e 144; culmen 24 e 24.

Os dois exemplares de Palmeira dos Índios concordam em tudo com os colecionados por nós, há anos, no Recôncavo da Baía de Todos os Santos (Curupeba, Ilha da Madre de Deus, etc.). O comprimento do bico, em que reside a principal característica da subespécie, alcança em ambos 24 mm., que é o máximo registrado para ela por Hellmayr, ao confrontá-la com *M. saturninus frater*, raça largamente espalhada pelo Brasil meridional e central, e cujo bico raramente alcança 20 milímetros. D. Lamm ⁽¹⁾, sem aduzir comentário, alistou como *M. saturninus frater*, os indivíduos por êle observados, com grande frequência, no interior sêco de Pernambuco. Embora saibamos que a raça sulina estende o seu domínio geográfico até o interior do Estado do Maranhão, não seria fora de propósito um novo exame do material em que apoiara aquele autor a sua opinião, pois é pouco provável que a região de Palmeira dos Índios difira ecológicamente do sertão de Pernambuco.

Donacobius atricapillus atricapillus (Linné)*Maria-chorona* (nome loc.)

Turdus atricapillus Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 295 (baseado em Brisson, VI, Append., p. 47, pl. 3, fig. 2): Cabo da Boa Esperança, local. errônea! (pátria típica Brasil, ou mais restritivamente o Nordeste, por ato de Berlepsch & Hartert, 1902, suplem. por Pinto, 1944).

Rio Largo: 1 ♀ ad., de out. 17 (1951).

Sinimbu: 1 ♂ ad., de nov. 1; 2 ♀ ♀ ad., de out. 28 e nov. 1 (1952).

Família TURDIDAE

Turdus leucomelas albiventer Spix*Sabiá branco*

Turdus albiventer Spix, 1824, Av. Bras. Sp. Nov., I, p. 70, pl. 69, fig. 2 (cf. Hellmayr, 1906, Abhandl. 2. Kl. Bayr. Akad. Wissens. XXII, n.º 3, p. 618): Pará.

(1) Donald W. Lamm, *Birds of Pernambuco and Paraíba*, Auk, LXV, p. 277 (1948).

Quebrangulo: 1 ♀ ad., de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ? de out. 24; 2 ♀ ♀ ad., de out. 23 e nov. 8 (1952).

***Turdus rufiventris juensis* (Cory)**

Sabiá-gongá

Planesticus rufiventris juensis Cory, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 344: Juá (Ceará, perto de Igatu).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 12 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 17 e 18; 2 ♀ ♀ ad., de out. 29 e 31 (1952).

Família SYLVIIDAE

***Polioptila plumbea atricapilla* (Swainson)**

Culicivora atricapilla Swainson, 1823, Zool. Illustr., II, p. 57: sem indic. de localidade (Baía, pátria típica sugerida por Pinto, 1944).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 29 (1951).

***Ramphocaenus melanurus melanurus* Vieillot**

Ramphocaenus melanurus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXIX, p. 6: "Brésil" (= Rio de Janeiro, *fide* Hellmayr, 1924).

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 26 (1951).

Família MOTACILLIDAE

***Anthus lutescens lutescens* Pucheran**

Anthus lutescens Pucheran, 1855, Arch. Mus. Hist. Nat. Paris, VII, p. 343: "Brésil" (= Rio de Janeiro, col. Delalande, *teste* Hellmayr, 1906).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 13 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 29 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., 1 ♀ ? de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 21 (1952).

É, neste lote, extremamente variável a intensidade do amarelo das partes inferiores; em alguns exemplares a cor das ditas partes se aproxima do amarelo sulfúreo, enquanto que n'outros se apresenta muito mais desmaiada. Na ♀ da Usina Sinimbu, particularmente, apenas na garganta se percebe distintamente o banho amarelado.

Família CYCLARHIDAE

Cyclarhis gujanensis cearensis Baird*Pitiguari*

Cyclarhis cearensis Baird, 1866, Rev. Amer. Birds, I, p. 391: Ceará.

Riachão (Quebrangulo): 2 ♀ ♀ ad., de 10 e 12 de nov. (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de 4 de nov. (1952).

Família VIREONIDAE

Vireo virescens chivi (Vieillot)

Sylvia chivi Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 174 (baseado em Azara, n.º 152): Paraguai.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de 12 de out. (1951).

Família COEREBIDAE

Cyanerpes cyaneus cyaneus (Linné)

Certhia cyanea Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 188 (baseado principalmente em Edwards, Glean. Nat. Hist., II, p. 114, pl. 264, "The Black and Blue Creeper"): Surinam (pátria típica fixada por Hellmayr, 1906, Novit. Zool., p. 9).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 17 (1951).

Dacnis cayana paraguayensis Chubb

Dacnis cayana paraguayensis Chubb, 1910, The Ibis, Ser. 9, IV, p. 619: Paraguai. (= Sapucaí, local. típ. restr. por Hellmayr, 1921, Novit. Zool., XXVIII, p. 247, nota 5).

São Miguel: 2 ♂ ♂ ad., de out. 2; 1 ♀ ad., de set. 28 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12; 1 ♀ ad., de out. 13 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23; 1 ♂ juv., de nov. 14 (1952).

Nas populações brasileiras de *Dacnis cayana*, quer quanto à natureza e sentido da variação, quer quanto à distribuição, observa-se estreito paralelismo com o que acontece em *Nemosia pileata* e outras.

Coereba flaveola chloropyga (Cabanis)

Certhiola chloropyga Cabanis, 1851, Mus. Hein., I, p. 97: Baía.

Palmeira dos Índios: 2 ♂ ♂ ad., de out. 30 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 21 (1952).

Conirostrum speciosum speciosum (Temminck)

Sylvia speciosa Temminck (ex Wied MS.), 1824, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 293, fig. 2: Rio de Janeiro.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de nov. 1 (1951).

É muda a literatura ornitológica quanto à ocorrência desta espécie nos Estados compreendidos entre Ceará e Baía. Ao inverso de *C. bicolor*, já várias vezes notificado na costa de Pernambuco, é passarinho afeiçoado às regiões secas e pouco florestadas do interior.

Família PARULIDAE

Basileuterus flaveolus (Baird)

Myiothlypis flaveolus Baird, 1865, Rev. Amer. Birds, I, p. 252, *in* nota margin.: Paraguai.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ?, de out. 13 (1951).

Palmeira dos Indios: 2 ♂ ♂ ad., de nov. 2 e 4 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 (1952).

Relatando nosso encontro com este passarinho no leste de Pernambuco ⁽¹⁾, consignamos alguns apontamentos ecológicos que é excusado repetir. Na peculiaridade e constância do habitat está decerto a chave da fixidez de suas características específicas, as quais se mantêm constantes, a despeito da amplitude da distribuição e do grande hiato geográfico existente entre certas populações.

Família THRAUPIDAE

Tanagra chlorotica serrirostris (Lafresnaye & d'Orbigny)*Vi-vi*

Euphonia serrirostris Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., em Magaz. Zool., VII, Cl. 2, p. 30: Guarayos (Bolivia, prov. de Santa Cruz).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 12 (1951).

As medidas, exatamente iguais, de ambos os exemplares (asa 58, cauda 35, bico 8 mm.), correspondem à média verificada nas populações leste-brasileiras desta espécie. O material que dela possuímos é exclusivamente brasileiro e além de tudo bastante deficiente; razão a mais para que não nos aventuremos a discutir-lhe agora o árduo problema das variações geográficas, aliás magistralmente já estudado por Hellmayr, há mais de trinta anos ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Pinto, *Arquiv. de Zool. do Est. de S. Paulo*, I, p. 270 (1940).

⁽²⁾ C.E. Hellmayr, *Novitates Zoologicae*, XXX, p. 232 (1923).

Tanagra violacea aurantiicollis (Bertoni)

Euphonia aurantiicollis Bertoni, 1901, Anal. Cient. Parag., I, p. 94: Puerto Bertoni (Paraguai, no Rio Paraná).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 11 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 9 e 12; 1 ♀, de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 20; 3 ♀ ♀ ad., de out. 20, 20 e 21 (1952).

No que respeita à variação, dá-se em *Tanagra violacea* fato muito semelhante ao estudado mais adiante em *Nemosia pileata* e outras aves brasileiras. À medida que se segue para o sul observa-se um aumento gradual nas medidas médias da asa e da cauda, conforme se poderá ver na tabela junta. A dificuldade, para não dizer prática impossibilidade, em separar raças geográficas neste complexo é a mesma que existe em todos os *clines*, mórmente quando em causa parece entrar apenas um único carater utilizavel. Portanto, devemos ter como provisória a maneira de compreender as relações zoogeográficas das duas subespécies admitidas em *Tanagra violacea*, devendo o hiato verificado entre as populações amazônicas e as restantes traduzir, antes de tudo, a falta de material referente às que lhes ficam de permeio.

MEDIDAS (em milímetros)

| | ♂ ♂ | | | ♀ ♀ | | |
|--|-----|-------|--------|-----|-------|--------|
| | asa | cauda | culmen | asa | cauda | culmen |
| <i>Tanagra violacea violacea</i> | | | | | | |
| 22.950, Lago Cuipeva (baixo Amazonas) | 56 | 32 | 8 | | | |
| 17.810, Rio Anibá (baixo Amazonas) .. | | | | 58 | 32 | 8½ |
| 35.965, Santarem (Rio Tapajós) | 57 | 32 | 8 | | | |
| 32.771, Macapá | 56 | 31 | 8 | | | |
| <i>Tanagra violacea aurantiicollis</i> | | | | | | |
| 37.608, Rio Largo (Alagoas) | 59 | 32 | 9 | | | |
| 37.613, Mangabeiras " | 60 | 35 | 9 | | | |
| 37.612, " " | 58 | 34 | 9 | | | |
| 37.609, Quebrangulo " | | | | 59 | 33 | 9 |
| 37.615, Mangabeiras " | | | | 59 | 34 | 9 |
| 37.614, " " | | | | 60 | 35 | 9 |
| 14.371, Ilha da Bimbarra (Baía) | 61 | 38 | 9 | | | |
| 33.775, Ilhéus (Baía) | 60 | 31 | 8 | | | |
| 33.780, Ilhéus (Baía) | | | | 58 | 38 | 9 |
| 10.319, Belmonte (Baía) | | | | 58 | 37 | 9 |
| 28.387, Rio São José (Esp. Santo) | 60 | 36 | 9 | | | |
| 33.777, Pau Gigante " " | 63 | 35 | 9 | | | |

| | | | | | ♂ ♂ | | | ♀ ♀ | | |
|---------|------------------|-------------------|-------|------|-----|-------|--------|-----|-------|--------|
| | | | | | asa | cauda | culmen | asa | cauda | culmen |
| 24.657, | " | " | " | | 62 | 31 | 9 | | | |
| 33.778, | " | " | " | | | | | 60 | 37 | 9 |
| 28.390, | Santa Leopoldina | " | " | | | | | 60 | 35 | 9 |
| 26.142, | Rio Piracicaba | (Minas Gerais) | . | | 61 | 35 | 8 | | | |
| 26.143, | Rio Doce | (Minas Gerais) | | | | | | 62 | 36 | 9 |
| 15.260, | Rio das Almas | (Goiás) | | | 60 | 36 | 8 | | | |
| 15.250, | Jaraguá | (Goiás) | | | 59 | 34 | 9 | | | |
| 15.251, | Rio das Almas | (Goiás) | | | | | | 59 | 40 | 8 |
| 24.313, | Rio Juquá | (São Paulo) | | | 66 | 36 | 9 | | | |
| 27.645, | Rio Paraná | (São Paulo) | | | 65 | 40 | 9 | | | |
| 10.633, | Ipiranga | (São Paulo, cid.) | | | 61 | 37 | 8 | | | |
| 129, | Penha | (São Paulo, cid.) | | | | | | 62 | 40 | 8 |
| 27.005, | Caraguatatuba | (São Paulo) | .. | | | | | 60 | 35 | 9 |
| 8.668, | Santos | (São Paulo) | | | | | | 63 | 38 | 9 |
| 36.091, | Joinville | (Sta. Catarina) | | | 65 | 38 | 9 | | | |
| 612, | Nova Hamburgo | (R. G. Sul) | .. | | 64 | 38 | 8 | | | |

Tangara cyanocephala corallina (Berlepsch)

Calospiza cyanocephala corallina Berlepsch, 1903, Orn. Monatsber, XI, p. 18: Baía.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de 8 de nov. (1951).

O material de *Tangara cyanocephala* que temos à disposição cobre toda a área conhecida da espécie, com exceção apenas de sua porção mais meridional, abrangida pelos três Estados ao sul de São Paulo. Andam as populações dessa área repartidas em três subespécies, de características nitidamente intergradantes apesar da acentuada diferença existente entre os ♂ ♂ adultos das formas extremas, a saber, *T. cyanocephala cyanocephala* (do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo), de mento denegrido, garganta cor de anil e supracaudais verdes, e *T. cyanocephala cearensis* (Pernambuco ao Ceará), de garganta quase toda denegrida como o mento, e coberteiras superiores da cauda mais ou menos cor de anil. *T. cyanocephala corallina*, cuja pátria típica é a Baía, conquanto divirja aparentemente das duas anteriores na maior exiguidade das dimensões, ocupa posição intermédia, apresentando cópia variável de preto no alto da garganta e mistura distinta de anil nas supracaudais. É pelo menos o que podemos concluir do ♂ de Alagoas, origem destes comentários e tido por nós como da forma baiana, de que nos faltam infelizmente exemplares mais autênticos.

MEDIDAS (♂ ♂ adultos, em milímetros)

| <i>Tangara cyanocephala cyanocephala</i> | asa | cauda | culmen |
|--|-----|-------|--------|
| 23.977, Rio Juquiá (São Paulo) | 68 | 48 | 9 |
| 27.015, Serra de Caraguatatuba (São Paulo) | 69 | 52 | 9 |
| 27.426, Angra dos Reis (Rio de Janeiro) | 70 | 51 | 9 |
| 28.368, Santa Leopoldina (Espírito Santo) | 67 | 46 | 9 |
| <i>Tangara cyanocephala corallina</i> | | | |
| 37.617, Quebrangulo, (Alagoas) | 63 | 43 | 9 |
| <i>Tangara cyanocephala cearensis</i> | | | |
| 33.794, Serra de Baturité (Ceará) | 66 | 45 | 9 |
| 33.793, Serra de Baturité (Ceará) | 63 | 45 | 9 |

Tangara cayana flava (Gmelin)

Tanagra flava Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 896 (baseado em "Guira-perea" de Marcgrave, através de Brisson, Orn., III, p. 39) : nordeste do Brasil (Ceará pátria típica restr. por Hellmayr, 1929).

São Miguel: 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 30 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 3 ♂ ♂ ad., de nov. 8, 8 e 9; 1 ♀ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 28 e 30, e nov. 8 (1952).

Thraupis sayaca sayaca (Linné)*Sanhaço*

Tanagra sayaca Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 316 (baseada em "Sayacu" de Marcgrave): "Brasília" (Pernambuco, pátria típica design. por Naumburg, 1924, Auk, XLI, p. 111).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 29 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂, de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂, de out. 20; 1 ♀ ad., e 1 ♀ imat. de out. 20 (1952).

Thraupis plamarum palmarum (Wied)

Tanagra palmarum Wied, 1821, Reis. nach Brasilien, II, p. 76: Canavieiras (sul da Baía).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 28; 1 ♀ ad., de set. 30 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♀ ♀ ad., de out. 20 e 28 (1952).

Ramphocelus bresilius bresilius (Linné)*Sangue de boi*

Tanagra bresilia Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 314 (baseado essencialmente em "Tijepiranga" de Marcgrave): "India occidentali & orientali", local. errônea, por Nordeste do Brasil (pátria típica Pernambuco, design. por Pinto, 1935) ⁽¹⁾.

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., e um ♂ juv., de out. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 21 e nov. 5;
1 ♂ juv., de out. 20 (1952).

Piranga flava saira (Spix)

Tanagra saira Spix, 1825, Av. Sp. Nov. Bras., II, p. 35, pl. XLVIII, fig. 1: sem indicação de localidade (Caxias, no Piauí, pátria típica design. por Hellmayr, 1929).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de 12 de nov. (1951).

Parece não haver nenhum registro anterior da ocorrência deste lindo passarinho, típico das zonas descobertas do planalto central brasileiro, nos Estados do nordeste compreendidos entre a Baía e o Piauí.

Habia rubica bahiae Hellmayr

Habia rubica bahiae Hellmayr, 1936, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., vol. XIII, part. XI, p. 300: Baía.

São Miguel: 1 "♂" juv., e 1 ♀ ad., de set. 27 (1951).

É de lamentar que o material de Alagoas se mostre inadequado à justa apreciação dos caracteres da raça baiana, a que deve seguramente pertencer. O exemplar de 27 de setembro, rotulado como ♂ pelo colecionador, parece-nos antes do sexo feminino, pois em sua plumagem, inteiramente pardo-aleonada, o único indício de pertencente aos ♂ ♂ adultos acha-se nas penas centrais do píleo, as quais possuem a porção basal desbotada e mais ou menos tingida de amarelo claro.

As diferenças de colorido entre *H. rubica bahiae* e *H. rubica rubica*, corretamente analisadas por Hellmayr ⁽²⁾, são muito evidentes quando se confrontam ♂ ♂ adultos de São Paulo com os da Baía; nas populações intermédias, porém, a transição entre o colorido vermelho sombrio das partes inferiores dos primeiros e a tonalidade esbranquiçada do abdome dos últimos, opera-se de maneira tão gradual e insensível que se torna frequentemente muito

(1) *Rev. Mus. Paulista*, XIX, p. 264 (1935).

(2) *Catal. of Birds of the Americas*, IX, p. 301, nota 2 (1936).

incerta a determinação dos exemplares de Minas Gerais (vale do Rio Doce) e Espírito Santo. Particularmente, em se tratando das populações mais septentrionais do último Estado, é matéria de opinião referi-las subespecificamente a *rubica* ou a *bahiae*.

MEDIDAS (em milímetros)

| | ♂ ♂ | | | ♀ ♀ | | |
|--|-----|-------|--------|-----|-------|--------|
| | asa | cauda | culmen | asa | cauda | culmen |
| <i>Habia rubica rubica</i> | | | | | | |
| 31.046, Ipiranga (São Paulo) | 94 | 87 | 15 | | | |
| 31.047, " " " | 97 | 90 | 16 | | | |
| 31.050, " " " | | | | 90 | 83 | 16 |
| 31.522, Serra do Mar, Boracéia (São Paulo) | 99 | 93 | 16 | | | |
| 31.731, Boracéia | 96 | 94 | 14 | | | |
| 29.636, Ubatuba (São Paulo) | 94 | 92 | 16 | | | |
| 35.418, Itatiaia (Rio de Janeiro) | 94 | 86 | 16 | | | |
| 36.186, Itatiaia (Rio de Janeiro) | | | | 87 | 85 | 16 |
| 28.361, Rio S. José (Espírito Santo) ... | | | | 89 | 81 | 15 |
| 28.356, Santa Leopoldina (Esp. Santo) . | 100 | 93 | 18 | | | |
| 34.586, Rio Itaunas (Espírito Santo) .. | 103 | 95 | 17 | | | |
| 26.614, Rio Suçuí (Minas Gerais) | 98 | 90 | 18 | | | |
| <i>Habia rubica bahiae</i> | | | | | | |
| 11.347, Rio Jucuruçu (Baía) | 100 | 92 | 16 | | | |
| 33.825, Ilhéus (Baía) | 95 | 90 | 18 | | | |
| 33.826, Ilhéus (Baía) | | | | 90 | 80 | 15 |
| 37.646, juv., São Miguel (Alagoas) | 95 | 87 | 19 | | | |
| 37.647, São Miguel (Alagoas) | | | | 90 | 82 | 19 |

Tachyphonus rufus rufus (Boddaert)

Tangara rufa Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 44 (baseado no "Tangarou", de Buffon): Cayenne.

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 13 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 11 e 1 ♀ ad., de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 e 1 ♀ ad., de out. 22 (1952).

Excetuando-se a Amazônia ocidental e o extremo sul do Brasil, encontra-se este gurundi espalhado por todo o país, havendo notável constância em seus caracteres específicos. A julgar pelo material disponível, apenas os três exemplares de Bonfim, no interior da Baía, apresentam diferenças capazes de distingui-los, no conjunto, das demais populações. Reputamos por isso boa a subespécie que sob o nome de *T. r. subulirostris* (tipo ♂ ad., de Bon-

fim, n.º 7572 da Col. orn. do Dept. de Zool.), e com base principal na conformação alongada e maior comprimento (20 a 21 mm.) do bico, para eles criamos há cousa de dois decênios ⁽¹⁾. Nos espécimes de Alagoas o comprimento do bico acompanha a regra, oscilando entre 18 e 19 milímetros. Alguns espécimes da região central de Mato Grosso destacam-se pelas medidas sensivelmente maiores de asa e cauda, sugerindo a possibilidade de virem a merecer, no futuro, separação como forma particular.

Tachyphonus cristatus brunneus (Spix)

Tanagra brunnea Spix, 1825, Av. Sp. Nov. Bras., II, p. 37, Tab. XLIII, fig. 2: Rio de Janeiro.

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 29; 1 ♀ ad., de out. 1 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 15; 1 ♂ juv. e 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 22 e 28; 2 ♂ ♂ juv., de out. 26 e 31; 1 ♀ ad., de nov. 6 (1952).

Nemosia pileata caerulea (Wied)

Hylophilus caeruleus Wied, 1831, Beitr. Naturges. Brasilien, III, (2), p. 731 (descrição da fêmea): Baía.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ e 1 ♀, ad., de 12 de nov. (1951).

O maior tamanho das aves do Paraguai, em comparação com as das Guianas, constitui, como se sabe, a única diferença constante entre *Nemosia pileata paraguayensis* Chubb ⁽²⁾ e a forma típica da espécie. À vista porém da marcha gradual a que obedece a variação do referido caráter, nasce o difícil problema da colocação que melhor convém às populações brasileiras interpostas às daquelas zonas extremas. Abordando-o anos atrás, pareceu-nos, como a Hellmayr ⁽³⁾, que à forma septentrional deveriam referir-se todas as populações do norte do Brasil, inclusive as da Baía; hoje, dispondo de maior material relativo ao assunto, estamos disposto a concordar com Zimmer ⁽⁴⁾ quando refere à subespécie paraguaiese todas as populações brasileiras, com exceção das da Amazônia. Tal modo de sêr, como ao mesmo ornitologista coube advertir, redundaria em fazer de *N. pileata paraguayensis* simples sinônimo de *Hylophilus caeruleus* Wied, cujo tipo procede da região costeira da Baía.

(1) Pinto, *Rev. do Mus. Paulista*, XIX, p. 268 (1935).

(2) *Nemosia pileata paraguayensis* Chubb, 1910, *Ibis*, Ser. 9.ª, IV, p. 629: Sapucay (Paraguai).

(3) C. E. Hellmayr, *Catal. Bds. Amers.*, parte IX, pp. 368-70 (1936).

(4) J. T. Zimmer, *Amer. Mus. Novit.*, n.º 1345, pp. 5-6 (1947).

A tabela de medidas que adiante apresentamos, embora deficiente, pois lhe faltam exemplares dos Estados nordestinos ao norte de Pernambuco, diz melhor do que o faria a discussão prolixa do interessante problema de zoogeografia.

MEDIDAS (em milímetros)

| | ♂ ♂ | | | ♀ ♀ | | |
|---|-----|-------|--------|-----|-------|--------|
| | asa | cauda | culmen | asa | cauda | culmen |
| <i>Nemosia pileata pileata</i> | | | | | | |
| 31.437, Manacapuru (Rio Solimões, marg. sept.) | 67 | 45 | 12 | | | |
| 19.510, Itacoatiara (Rio Amazonas, marg. sept.) | 65 | 45 | 10 | | | |
| 19.224, Itacoatiara (Rio Amazonas, marg. sept.) | 69 | 45 | 12 | | | |
| 19.509, Itacoatiara (Rio Amazonas, marg. sept.) | | | | 65 | 45 | 11 |
| 19.511, Rio Eiru (afl. do alto Juruá) . | 67 | 45 | 11 | | | |
| 3.372, Santarem (boca do Tapajós) ... | 69½ | 46 | 11½ | | | |
| <i>Nemosia pileata caerulea</i> | | | | | | |
| 18.605, Tapera (Pernambuco) | 68 | 48½ | 11 | | | |
| 18.607, Ilha de Itamaracá (Pern.) | 68 | 45 | 11 | | | |
| 18.606, Ilha de Itamaracá (Pern.) | | | | 70 | 47 | 12 |
| 37.665, Quebrangulo (Alagoas) | 70 | 48 | 11 | | | |
| 37.666, Quebrangulo (Alagoas) | | | | 69 | 50 | 12 |
| 7.514, Joazeiro (Baía) | 74 | 47 | 12 | | | |
| 7.513, " " | 73 | 52 | 13 | | | |
| 7.512, " " | | | | 71½ | 50 | 12 |
| 14.366, Madre de Deus (Baía) | | | | 67 | 49 | 11½ |
| 27.726, " " | 68 | 46 | 11 | | | |
| 14.364, " " " " | | | | 69 | 42½ | 12 |
| 14.370, " " " " | | | | 69 | 49 | 11½ |
| 6.231, Rio Doce (Espírito Santo) | 73 | 48 | 12½ | | | |
| 6.233, " " " " | 75½ | 52 | 12½ | | | |
| 26.349, " " " " | 76 | 52 | 12 | | | |
| 6.696, " " " " | | | | 75 | 51 | 13 |
| 24.668, " " " " | | | | 73 | 50 | 13 |
| 11.932, São Luiz de Cáceres (M. Grosso) | 73 | 49½ | 11 | | | |
| 30.779, Cuiabá " | 72 | 49 | 12 | | | |
| 30.781, Rio Aricá " | 78 | 52 | 12 | | | |
| 17.379, Chapada " | | | | 71 | 45 | 13 |
| 17.377, Coxim " | 77 | 51 | 11½ | | | |
| 30.777, Corumbá " | 72 | 50 | 12 | | | |
| 30.780, Corumbá " | 73 | 51 | 13 | | | |
| 26.351, Salobra " | 75 | 50½ | 10 | | | |

| | ♂ ♂ | | | ♀ ♀ | | |
|---------------------------------------|-----|-------|--------|-----|-------|--------|
| | asa | cauda | culmen | asa | cauda | culmen |
| 26.774, Salobra " | 74 | 51 | 13 | | | |
| 33.837, Pouso Alto (Goiás) | 74 | 50 | 14 | | | |
| 26.348, São José da Lagoa (M. Gerais) | 72 | 45½ | 11 | | | |
| 4.882, Itapura (São Paulo) | 74 | 52 | 12 | | | |
| 4.885, Itapura (São Paulo) | | | | 75 | 51 | 12 |
| 8.057, Franca (São Paulo) | | | | 72 | 51 | 12½ |

Hemithraupis flavicollis melanoxantha (Lichtenstein)

Sylvia melanoxantha Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 34: Baía.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ e 1 ♀ ad., respectivamente de 5 e 6 de nov. (1952).

As medidas do ♂ (asa 71, cauda 55,5, culmen 13 mm.) correspondem às correntemente assinadas à subespécie.

Thlypopsis sordida sordida (Lafresnaye & d'Orbigny)

Nemosia sordida Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 28: Yuracares (leste da Bolívia).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ juv., de out. 30 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

Compsothraupis loricata (Lichtenstein)

Tanagra loricata Lichtenstein, 1819, Abhandl. Akad. Wissens. Berlin, Physik. Kl., ano 1816-1817 (baseado no "Jacapu", de Marcgrave): nordeste do Brasil (Ceará, pátria típica, por design. de Hellmayr, 1929).

Palmeiras dos Índios: 1 ♂ ad., e 2 ♂ ♂ juv., de nov. 2; 1 ♀ juv., de nov. 2 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 " ♂ ♂ " juv., de out. 23 (1952).

Espécie peculiar ao interior sêco e descampado do este-sentrião brasileiro, inclusive Goiás e norte de Minas. É nova, todavia, ao que parece, para os Estados compreendidos entre Ceará e Baía, este último sua pátria típica. Os dois exemplares da Usina Sinimbu, conquanto rotulados como ♂ ♂, têm a plumagem azul-negra lustrosa, sem o mínimo indício do escudo peitoral sanguineo que caracteriza os adultos do referido sexo. Dir-se-ia tratar-se de ♀ ♀ adultas, pois nos jovens do sexo oposto, mesmo antes de haver a plumagem adquirido o brilho metálico dos adultos, é regra encontrarem-se já vestígios de vermelho no alto do peito.

Schistochlamys ruficapillus capistratus (Wied)

Tanagra capistrata Wied, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 179: Fazenda da Ilha, nos confins da Baía e Minas Gerais).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 25, nov. 9 e 15; 2 ♀ ♀ ad., de out. 25 e 26; 1 ♀ ? juv., de nov. 8 (1952).

Forbes, nos fins do século passado, registrou a presença deste pássaro em mais de uma localidade de Pernambuco por êle visitada; mas, tal como conosco sucedeu nas duas visitas feitas àquele Estado, nem Lamm, nem Berla tiveram ocasião de encontrá-lo ali.

Família ICTERIDAE

Cacicus cela cela (Linné)*Xexéu*

Parus cela Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 191: "in Indiis", local. errônea! (= Surinam, pátria típica designada por Hellmayr, 1906).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 14 (1951).

Cacicus haemorrhous affinis Swainson

Cassicus affinis Swainson, 1834, Orn. Draw., pte. 1, pl. 2: "Brazil" (pátria típica, Baía, design. por Pinto, 1944).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 6 e 19; 2 ♀ ♀ ad., de nov. 6 e 19 (1952).

Falta notícia de que o guache ocorra ainda nos Estados nordestinos ao norte de Alagoas. Em Pernambuco, ninguém parece tê-lo registrado depois de Forbes, de quem Sclater, no Catálogo das Aves do Museu Britânico, refere dois exemplares.

Molothrus bonariensis bonariensis (Gmelin)

Tanagra bonariensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 898 (bas. em Daubenton, Pl. enlum. 270): Buenos Aires.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 10 (1951).

Molothrus badius fringillarius (Spix)

Icterus fringillarius Spix, 1824, Av. Sp. Nov. Bras., I, p. 68, tab. XLV: campos de Minas Gerais.

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 2 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 e 1 ♀ juv. de nov. 7 (1951).

Nenhum dos Estados entre Baía e Ceará incluía até aqui esta espécie em sua avifauna conhecida. Hellmayr, baseando-se na circunstância de não a haverem encontrado no Estado de Minas Gerais todos os viajantes que nele reuniram material ornitológico depois de Spix, deu como errônea a procedência atribuída por este último aos seus exemplares. Já tivemos ocasião de demonstrar a sem-razão dessa corrigenda à luz de vários espécimes obtidos em Pirapora (Rio São Francisco, Estado de Minas Gerais) por E. Garbe, em agosto de 1913 ⁽¹⁾.

***Icterus cayanensis tibialis* Swainson**

Xexéu de bananeira

Icterus tibialis Swainson, 1837, Anim. in Menager., p. 302: "Brazil" (como pátria típica, proponho Pernambuco).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ juv., de out. 27 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 7 e 1 ♂ juv., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♀ ♀ ad., de out. 20 e 27 (1952).

***Icterus jamacaii* (Gmelin)**

Coneriz, Sofrê

Oriolus jamacaii Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 391 (baseado em "Jamacaii" de Marcgrave, através de Brisson).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ imat., de nov. 4; 1 ♀ juv. de out. 29 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 21 (1952).

***Agelaius ruficapillus frontalis* Vieillot**

Agelaius frontalis Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXXIV, p. 545: Caiena.

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 3; 1 ♂ juv. de out. 28; 1 ♀ ad., de nov. 1 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., e 2 ♂ ♂ imat., de nov. 10; 3 ♀ ♀ ad., de nov. 10, 10 e 15 (1952).

Subespécie encontrada aqui e ali, na parte oriental de quase toda América do Sul, desde as Guianas até o sul do Brasil (Estado de São Paulo); mais para oeste substitui-a *A. ruficapillus ruficapillus* Vieillot, cuja primeira descrição deve-se a Azara e tem por localidade típica o Paraguai.

(1) Cf. Pinto, *Catal. das Aves do Brasil*, 2.^a parte, p. 565, nota 1 (1944). Sobre a estada de Garbe na região, veja-se a notícia que dela demos em *Arquivos de Zoologia*, vol. IV, p. 283 (1944).

Gnorimopsar chopi chopi (Vieillot)

Agelaius chopi Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXXIV, p. 537 (com base em "Chopi", de Azara n.º 62): Paraguai.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 (1951).

Muito para lamentar é que nas duas explorações levadas a cabo em Alagoas só se houvesse conseguido um exemplar desta espécie, e ainda assim uma ♀ em fase de muda. As medidas que acusa (asa 90 milímetros, cauda 98, culmen 23), mesmo levando em conta o sexo do exemplar, são das mais exíguas.

Leistes militaris superciliaris (Bonaparte)*Feitor*

Trupialis superciliaris Bonaparte (*ex* Natterer MS.), 1850, Consp. Gen. Av., I, (2), p. 430: "México", local. errônea, que Berlepsch (Novit. Zool., 1908, p. 123) subst. por "Mato Grosso" (*ex* Natterer).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

Família FRINGILLIDAE

Saltator maximus maximus (P. L. S. Müller)

Tanagra maxima P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 159 (bas. em Daubenton, Pl. enlum. 205): Cayena.

São Miguel: 2 ♂ ♂ de set. 28 e out. 1 (1951).

Canoas (Rio Largo): 3 ♀ ♀ de out. 12, 13 e 13 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ de out. 20, 26 e 31; 1 ♀ ad., de nov. 8; 3 "♀ ♀ ?", de out. 20, 23 e 28 (1952).

Caryothraustes canadensis frontalis (Hellmayr)

Pitylus canadensis frontalis Hellmayr, 1905, Novitates Zoologicae, XII, p. 277: São Lourenço, Pernambuco (A. Robert col., jul. 29, de 1903).

São Miguel: 1 ♂ e 1 ♀ ad., de set. 26; 1 ♀ de out. 4 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 26; 1 ♀ ad., de out. 30; 1 ♀ imat., de out. 26 (1952).

Vai para cinquenta anos que Hellmayr ⁽¹⁾, examinando exemplares de Pernambuco, verificou diferenças bastante sensíveis e constantes para lhes valer lugar aparte, como boa subespécie. A faixa frontal preta, carater predominante, acha-se presente em todos os indivíduos obtidos em Alagoas, e só por si torna muito mais fácil o reconhecimento das aves nordestinas entre as do Brasil meridional, inclusive o Estado da Baía, pátria típica de *C. c. brasiliensis*

(¹) Novit. Zoologicae, XII, p. 277.

Cabanis. Nas aves adultas chama também a atenção a viva tonalidade amarela de quase todo o píleo e o amarelo brilhante das partes inferiores, onde só se vê mistura apreciável de oliváceo nos flancos e no crisso.

Paroaria dominicana (Linné)

Galo-de-campina

Loxia dominicana Linné, 1758, Syst. Nat., 10.^a ed., I, p. 172: "in Brasilia" (pátria restrita, Recôncavo da Baía, suger. por Pinto, 1944, in Catal. Av. do Bras., II, p. 602).

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 30 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ juv. de nov. 2 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 7 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ imat., de out. 24 (1952).

Cyanocompsa cyanea cyanea (Linné)

Azulão

Loxia cyanea Linné, 1758, Syst. Nat., 10.^a ed., I, p. 174 (bas. em Edwards "The Blue Grosbeak"): "Angola", local. errônea, subst. pela Baía, (design. de Todd, 1923, in Auk, XL, p. 65).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 13 (1951).

Sporophila albogularis (Spix)

Loxia albogularis Spix, 1825 Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 46, figs. 1 e 2: nenhuma indicação de localidade (a Baía foi designada como pátria típica por Hellmayr, 1906).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 4 (1951).

Sporophila leucoptera cinereola (Temminck)

Papa-capim

Pyrrhula cinereola Temminck, 1820, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 11, fig. 1: "Brésil" (pátria típica, Baía, design. por Hellmayr, 1929).

Rio Largo: 2 ♂ ♂ ad., de out. 13 e 15; 1 "♂ juv.", de out. 10 (1951).

Mangabeira (Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 20; 1 ♀ ad., de out. 22 (1952).

Bem tênues são as diferenças existentes entre a subespécie nordestina e a forma típica de *Sporophila leucoptera*, que sabemos ser peculiar ao Brasil meridional, e nada se pode acrescentar ao que foi dito por Hellmayr (¹), com a sua habitual agudeza de observação. Convém todavia acentuar que, com a nossa tabela também

o atesta, só encarando as populações extremas se nota apreciável variação nas medidas de asa e cauda. Por outro lado, a faixa uropigial branca, cuja ausência constante é talvez a característica mais valiosa na diagnose de *S. leucoptera cinereola*, só nas populações mais meridionais e ocidentais da espécie se mostra bem patente.

MEDIDAS (♂ ♂ adultos em milímetros)

| | asa | cauda | culmen |
|--|-----|-------|--------|
| <i>Sporophila leucoptera leucoptera</i> | | | |
| 12.588, Aquidauna (Mato Grosso) | 64 | 58 | 10½ |
| 30.422, Cuiabá (Mato Grosso) | 60 | 55 | 10 |
| 35.420, Rio Preto (São Paulo) | 62½ | 56 | 11 |
| <i>Sporophila leucoptera cinereola</i> | | | |
| 27.056, Lagoa Feia (Rio de Janeiro) | 62 | 58 | 10 |
| 24.680, Pau Gigante (Espírito Santo) | 58 | 52 | 10 |
| 33.891, Ilhéus (Baía) | 55 | 48 | 10 |
| Rio Largo (Alagoas) | 61 | 54 | 11 |
| Mangabeiras (Alagoas) | 61 | 54 | 11½ |
| 18.616, Itamaracá (Pernambuco) | 59½ | 53 | 10½ |

***Sporophila nigricollis nigricollis* (Vieillot)**

Pyrrhula nigricollis Vieillot, 1823, Tabl. Enc. Méth. Ornith., livr. 93, p. 1027 : "Brésil" (procedência mais provavel Rio de Janeiro, que sugerimos como pátria típica).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 27 (1952).

***Sporophila bouvreuil bouvreuil* (P. L. S. Müller)**

Caboclinho

Loxia bouvreuil P.L.S. Müller, 1776, Natursyst. Supplem., p. 154 (bas. em Daubenton, Pl. enlum. 204, fig. 1, = ♂) : Ilha Bourbon, local. errônea! (Baía, design. por Hellmayr, 1904, como pátria típica).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ imat., de out. 31 (1951).

***Oryzoborus angolensis angolensis* (Linné)**

Curio

Loxia angolensis Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 303 (bas. em *Coccothraustes niger* de Edwards) : Angola, local. errônea! (pátria típica Ceará, design. por Berlepsch, 1908, Novit. Zool., p. 119).

São Miguel: 2 ♂ ♂ ad., de set. 26 e 30 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 24 (1952).

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, pp. 294-6 (1929).*

Volatinia jacarina jacarina (Linné)*Tisiu*

Tanagra jacarina Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 314 (bas. princip. em "Jacarini" de Marcgrave) : nordeste do Brasil.

Palmeira dos Indios: 1 ♀ ad., de nov. 1 (1951).

Spinus yarrellii (Audubon)*Pintassilgo*

Carduelis yarrellii Audubon, 1839, Syn. Bds. North Amer., p. 117, em parte (♂) : California, local. errônea (pátria típica, suger. por J. C. Todd, 1926).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 10 (1951).

Sicalis flaveola brasiliensis (Gmelin)*Canário-da-terra*

Emberiza brasiliensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 872 (base principal "Guiranheemgatu" de Marcgrave) : nordeste do Brasil.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12; 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Coryphospingus pileatus pileatus (Wied)*Cravina*

Fringilla pileata Wied, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 160: Barra da Vereda (Rio Pardo, Estado da Baía, proxim. da fronteira de Minas Gerais).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 13 (1951).

Como foi observado com justesa por W. Lamm, que o encontrou com frequência em Pernambuco, a "cravina" é passarinho de sertão, vale dizer das zonas descampadas do interior do Brasil centro-oriental (desde o Maranhão até Minas e sul de Goiás).

Arremon taciturnus taciturnus (Hermann)

Tanagra taciturna Hermann, 1783, Tabl. Affin. Anim., p. 214, nota (bas. em Daubenton, Pl. Enlum. 742) : Cayenne

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 15 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 26; 1 ♀ ad., de nov. 6 (1952).

Myospiza humeralis humeralis (Bosc)

Tanagra humeralis Bosc, 1792, Journ. d'Hist. Natur., II, p. 179, pl. 34, fig. 4: Caiena.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de out. 31; 1 ♀ ad., de out. 27 (1951).

Zonotrichia capensis matutina (Lichtenstein)

Fringilla matutina Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 25: Baía.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ juv. de nov. 2; 1 ♀ ad., de nov. 4 (1951).

Emberizoides herbicola herbicola (Vieillot)

Sylvia herbicola Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 192 (bas. em Azara n.º 230, "Cola aguda encuentro amarillo"): Paraguai.

Canoas (Rio Largo): 2 ♂ ♂ ad., de out. 13 (1951).

A B S T R A C T

SYNOPSIS OF NEW SUBSPECIES DESCRIBED

Xenops minutus alagoanus

DIAGNOSE — Very similar to *X. m. genibarbis*, from the District of Para, but having the size somewhat lesser (wing 52-62 mm., instead of 60-67 mm.); the crown less blackish (more rufous-brown); top of the head without any stripes.

TYPE — N.º 36.414 from the Ornithological Collection of the Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, São Paulo: adult ♂, from Fazenda Canoas, at Rio Pratagi valley (Estado de Alagoas, município de Rio Largo), collected by O. Pinto (E. Dente prep.), October 16, 1951.

Sclerurus caudacutus caligineus

DIAGNOSE — Somewhat similar to *S. c. umbretta*, from Baía and Espírito Santo, but general coloration very much darker, olivaceous-sooty (instead of rufous-brown) rectrices blacker, without brownish tinge; throat less whitish.

TYPE — N.º 36.415: ♂, supposed adult, from Mangabeiras (Engenho Sinimbu), collected by E. Dente, November 17, 1952.

Thamnophilus aethiops distans

DIAGNOSIS — Like *T. a. incertus* from the right margin of the lower Amazon, but adult males with general coloration more deeper and white spots on upper wing coverts.

TYPE — N.º 36.416: adult ♂, from São Miguel dos Campos (Estado de Alagoas — Sul de Maceió) collected by O. Pinto, September 27, 1951.

Conopophaga melanops nigrifrons

DIAGNOSIS — Males differing from *C. m. perspicillata*, from Baia, by the decidedly plumbeous color of back; black frontal bar broader; white of throat continued posteriorly over the abdomen consequently grayish color of the flanks more restricted. Females with upper parts paler, more olivaceous (less ochraceous), tinged of grayish on the pileum; under parts likewise clearer, with the chin and middle of abdomen white.

TYPE — N.º 36.417: adult ♂ from Mangabeiras, Usina Sinimbu (sudeste do Estado de Alagoas), collected by E. Dente, November 7, 1952.

Schiffornis turdinus intermedius

DIAGNOSE — Similar to *S. t. turdinus*, from Baia and Espirito Santo, but immediately recognized by clearer general coloration; wings throat and chest more olivaceous (less rufescent.).

TYPE — N.º 36.589: adult ♂ from the Municipio de São Miguel dos Campos forest, eastern Estado de Alagoas, collected by E. Dente, October 15, 1951.

Platyrinchus mystaceus niveigularis

DIAGNOSIS — Differs at first sight from *P. m. mystaceus* in pure white throat; darker and more olivaceous (less yellowish) upper parts; more brownish-olive breast and clearer (less ochraceous) abdomen.

TYPE — N.º 36.502: adult ♂ from Fazenda Canoas, Rio Pratagi valley, (Municipio de Rio Largo — Estado de Alagoas), collected by O. M. de O. Pinto, October 15, 1951.

Cyanocorax chrysops interpositus

DIAGNOSIS — Similar to *C. c. cyanopogon* from Baia and Brazilian tableland, but having the abdomen and the tips of rectrices cream-yellowish (instead of white), the back, the wings and the tail darker.

TYPE — N.º 36.503: adult ♀, from Fazenda Mangabeira (Usina Sinimbu) Estado de Alagoas, collected by E. Dente, November 8, 1952.

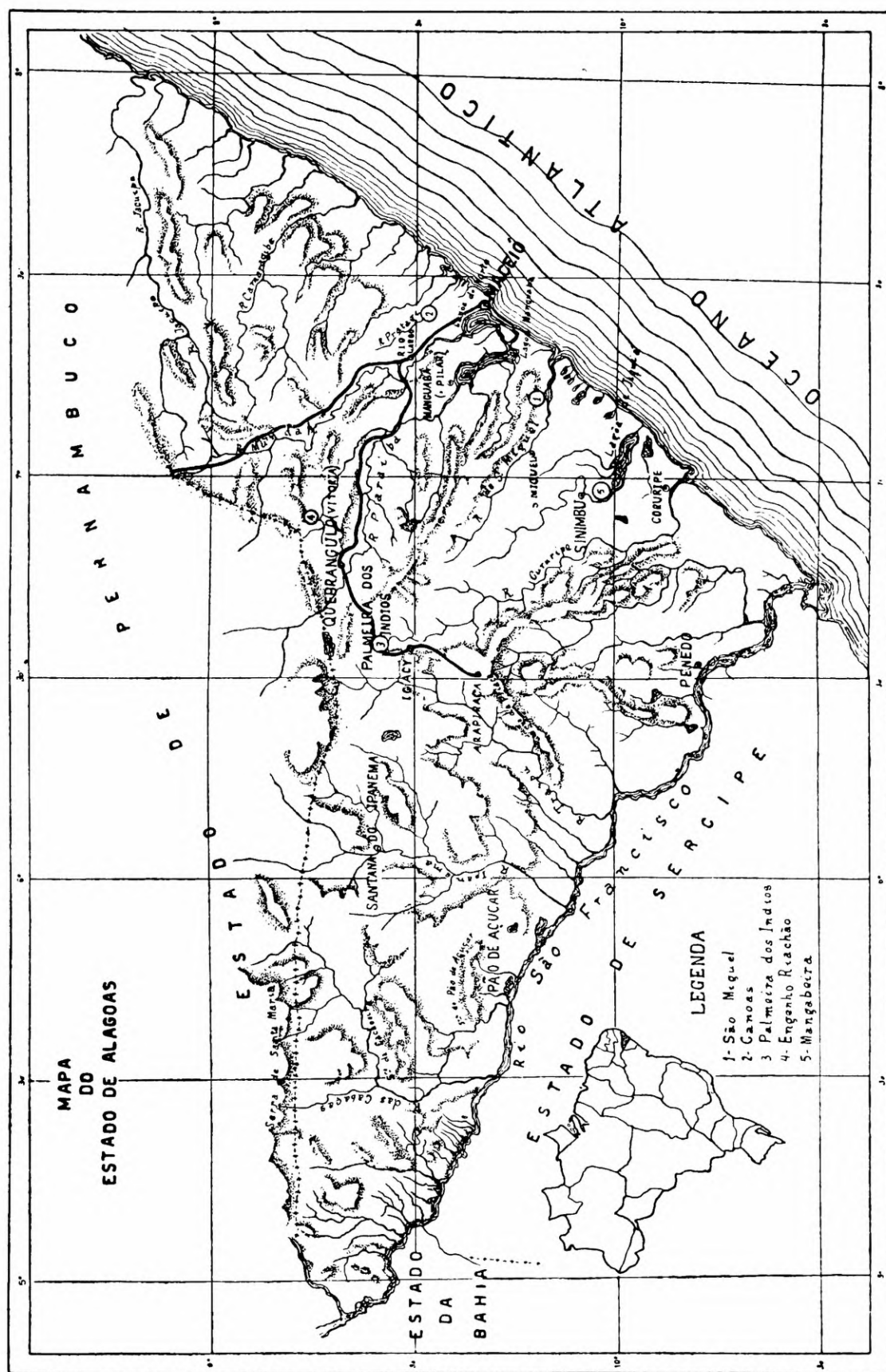


Fig. 1 — Carta do Estado de Alagoas. Indica a legenda as cinco estações de coleta abrangidas pelas duas expedições do Departamento de Zoologia.

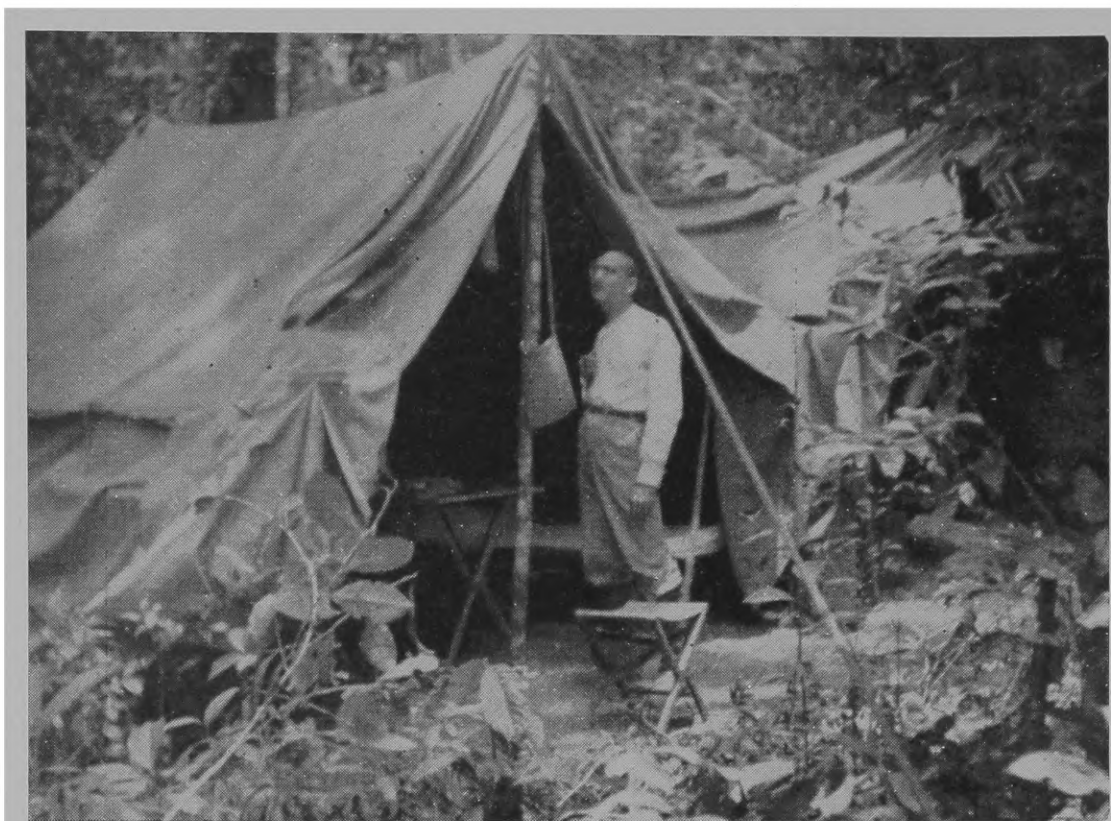


Fig. 2 — Instalado o acampamento de São Miguel, observa o Autor a passarada em derredor.



Fig. 3 — Estrada mestra ladeando as matas de São Miguel.



Fig. 4 — Em São Miguel, o sr. E. Dente faz secar ao ar livre peles recém-preparadas de mamíferos.



Fig. 5 — O exemplar único do mutum nordestino, em mãos do caçador Joaquim Pedro.



Fig. 6 — Vista da Lagoa de Jiquiá, próximo ao local em que a expedição de 1952 realizou os seus trabalhos.



Fig. 7 — Nas baixadas da Usina Sinimbu o transporte da cana em lombo de burro é ainda praticado em escala apreciável.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

NOVOS GÊNEROS E NOVAS ESPÉCIES DE *DASYPOGONINAE* NEOTROPICAIS (*DIPTERA*, *ASILIDAE*)

POR

MESSIAS CARRERA

Os novos gêneros e espécies, descritos neste trabalho, foram encontrados no material que o Museu Britânico nos enviou para identificação e, ao qual, juntamos espécimes da nossa coleção.

Ao Dr. H. Oldroyd, dipterologista daquele Museu, consignamos os nossos agradecimentos por nos ter proporcionado a possibilidade de estudar material tão interessante.

Tribo SAROPOGONINI

Os dois novos gêneros aqui propostos devem ser incluídos entre os *Saropogonini* que possuem esporão no ápice da tibia anterior; êles podem ser facilmente reconhecidos pela seguinte chave dicotômica.

- | | |
|--|-------------------------|
| 1 - Terceiro artículo antenal sem estilo, mas com um espinho apical, sub-apical ou na borda dorsal | 2 |
| - Terceiro artículo antenal com um nítido estilo de forma piramidal | 16 |
| 2 - Escutelo com cerdas | 3 |
| - Escutelo sem cerdas | 12 |
| 3 - Asas com a 4. ^a célula posterior aberta; inserção das antenas situada muito acima do meio da cabeça, sendo a superfície da face muito maior que a da fronte | <i>Tocantinia n. g.</i> |
| - Asas com a 4. ^a célula posterior fechada; inserção das antenas situada pouco acima do meio da cabeça, sendo a superfície facial pouco maior que a frontal | 4 |

- 4 - Pulvilos das pernas posteriores atrofiados, no máximo alcançando o terço basal da garra *Caenarolia* Thomson
- Pulvilos das pernas posteriores desenvolvidos, sempre maiores que o terço basal da garra 5
- 5 - Face mais larga que $1/3$ da largura total da cabeça ou mais larga que a largura de um olho .. *Allopopogon* Schiner
- Face mais estreita que $1/3$ da largura total da cabeça ou mais estreita que a largura de um olho 6
- 6 - Face convexa em toda sua extensão e inteiramente coberta de pêlos *Lastaurina* Curran
- Face plana em cima e um pouco saliente na borda bucal 7
- Face gradualmente saliente desde a base das antenas até a borda bucal 9
- 7 - Terceiro artículo antenal não fusiforme, longo, duas ou mais vezes maior que os 2 basais reunidos *Lastaurax* Carrera
- Terceiro artículo antenal fusiforme, nunca duas vezes maior que os dois basais reunidos 8
- 8 - Espécies delgadas e pouco pilosas; palpos não dobrados em ângulo reto *Diogmites* Löew
- Espécies robustas e muito pilosas, principalmente nos machos; palpos dobrados em ângulo reto ... *Lastauroides* Carrera
- 9 - Terceiro artículo antenal não fusiforme, longo, duas ou mais vezes maior que os 2 basais reunidos *Lastaurus* Löew
- Terceiro artículo antenal fusiforme, nunca duas vezes maior que os dois basais reunidos 10
- 10 - Face quase inteiramente recoberta por um tufo de finos e longos pêlos, sem cerdas na borda bucal *Lastauropsis* Carrera
- Face com cerdas na borda bucal e alguns pêlos pouco acima 11
- 11 - Pilosidade do abdômen situada na margem de cada segmento; palpos não dobrados em ângulo reto; espécies muito grandes (35 mm) *Neodiogmites* Carrera
- Pilosidade do abdômen espalhada pela superfície de cada segmento; palpos dobrados em ângulo reto; espécies não muito grandes (15 mm) *Lastauronia* Carrera
- 12 - Asas com a quarta célula posterior aberta 13
- Asas com a quarta célula posterior fechada 14

- 13 - Antenas com o primeiro artículo quase 3 vezes maior que o segundo; corpo inteiramente brilhante, sem pruina *Macrocolus* Engel
- Antenas com o primeiro e segundo artículos de igual comprimento (fig. 1); corpo recoberto de pruina *Austenmyia* n. gen.
- 14 - Terceiro artículo antenal com um pequeno espinho situado na região mediana (ou sub-apical) da borda dorsal; espécies delgadas *Mirolestes* Curran
- Terceiro artículo antenal com espinho apical, nunca na borda dorsal; espécies robustas 15
- 15 - Abdômen claviforme; terceiro artículo antenal fusiforme *Blepharepium* Rondani
- Abdômen estreitando-se da base para o ápice; terceiro artículo antenal mais largo na base *Phonicocleptes* Arribalzaga
- 16 - Escutelo sem cerdas nem pêlos 17
- Escutelo com cerdas ou com pilosidade mais ou menos longa 18
- 17 - Asas com a quarta célula posterior fechada; estilo antenal pouco menor que o terceiro artículo . *Cyrtophrys* Loew
- Asas com a quarta célula posterior aberta ou fechada na margem; estilo antenal pequeno, sempre muito menor que o terceiro artículo *Deromyia* Philippi
- 18 - Estilo antenal formado por um único artículo, tendo no ápice um minúsculo espinho 19
- Estilo antenal formado por dois artículos, tendo no ápice do segundo um minúsculo espinho 20
- 19 - Mesonoto com dorso-centrais atrofiadas; mistax formado por cerdas muito curtas; fronte sem pilosidade lateral; 5.º e 6.º tergitos do abdômen dos ♂ com um aglomerado de cerdas esquamiformes nos lados *Cleptomyia* Carrera
- Mesonoto com dorso-centrais desenvolvidas; mistax formado por longas cerdas; fronte com numerosos pêlos laterais; abdômen sem cerdas esquamiformes nos lados *Araiopogon* Carrera
- 20 - Pulvilos atrofiados *Theromyia* Williston
- Pulvilos desenvolvidos 21
- 21 - Tarsos das pernas anteriores longos, duplamente maiores que a tíbia; face fortemente saliente .. *Annamyia* Pritchard
- Tarsos das pernas anteriores de comprimento normal; face saliente apenas na borda bucal .. 22

- 22 - Tíbias medianas com uma ou duas grossas e curtas cerdas no ápice, bem diferenciadas e simulando esporões; face com cerdas na margem bucal e pilosidade até a base das antenas 23
- Cerdas do ápice das tíbias medianas não diferenciadas; face com densa cerdosidade recobrimdo toda a sua metade inferior *Aphamartania* Schiner
- 23 - Abdômen e fêmures posteriores ligeiramente claviformes; genitália do ♂ com o 9.º tergito expandido para os lados em forma de dois grandes escudos; genitália da ♀ bastante aparente . *Aspidopyga* Carrera
- Abdômen e fêmures posteriores de modo nenhum claviformes; genitália do ♂ com o 9.º tergito pequeno, em grande parte encoberto pelo 8.º tergito; genitália da ♀ escondida pelos últimos segmentos abdominais *Cophura* Osten Sacken

Tocantinia gen. nov.

CARACTERES — Cabeça tão larga quanto o tórax; face plana, levemente saliente na região clipeal e na base das antenas, tão alta quanto $3/4$ da altura dos olhos e um pouco alargada na borda bucal; mistax constituído por algumas cerdas situadas na margem inferior da face; fronte levemente côncava no meio; calo ocelar com pequenas e poucas cerdas; cerdas occipitais desenvolvidas; probóscida pontiaguda; palpos com o segundo artículo fusiforme e um pouco menor que o primeiro artículo antenal, com cerdas pequenas e delgadas; antenas com o primeiro artículo duas vezes maior que o comprimento dos basais reunidos; sem estilo, mas com uma minúscula concavidade apical onde se insere um espinho microscópico. Prosterno reduzido a duas pequenas placas entre as coxas anteriores; mesonóto revestido de pruina grossa, com cerdas laterais e dorso-centrais muito desenvolvidas, iniciando-se a fileira de dorso-centrais muito antes da sutura transversa; escutelo com um par de cerdas grandes e marginais; região pós-escutelar sem pêlos lateralmente. Pernas delgadas, com poucas cerdas; esporão apical das tíbias anteriores afilado como um estilete. Asas com a 4.ª célula posterior aberta. Abdômen fino e alongado. Genitália do macho globosa; genitália da fêmea com espinhos.

Genótipo: *Dasytrogon miser* Walker, 1854.

Este gênero é próximo de *Macrocolus* Engel e, até certo ponto, também de *Mirolestes* Curran e *Austenmyia*, gênero novo que descrevemos adiante. Distingue-se de todos eles por apresentar cerdas na margem escutelar. Além deste caráter ele pode ser separado de *Macrocolus* pelo grande desenvolvimento das cerdas dorso-

centrais e pela presença de grossa pruina sobre o corpo que o torna completamente sem brilho; de *Mirolestes* se separa por apresentar a 4.^a célula posterior aberta e pela forma das antenas; de *Austenmyia* pelo comprimento do primeiro artícolo antenal, que é duas vezes maior que o segundo, e pela forma do terceiro artícolo das antenas.

Embora sem muita certeza, parece-nos que *Saropogon mellipes* Bromley, 1934, deve ser incluído neste gênero.

Tocantinia misera (Walker)

Dasytrogon miser Walker, 1854, List Dipt. Brit. Mus. 6 supl. 2: 433; Williston, 1891, Trans. Amer. Ent. Soc. Philad. 18: 76; Kertész, 1909, Cat. Dipt. 4: 130.

REDESCRITÃO ♂ ♀ — Comprimento do corpo 10-13 mm; da asa 8-11 mm.

Cabeça: face revestida de pruina branco-amarelada, pouco mais escura na base das antenas; mistax formado por algumas cerdas esbranquiçadas; fronte preto-brilhante no meio, castanha na base das antenas; calo ocelar castanho-escuro, com alguma pruina amarela e dois pequenos pêlos pretos; occipício recoberto de pruina dourada, com cerdas e pilosidade amarelas; probóscida castanha; palpos castanho-escuros, com pilosidade amarela; antenas castanho-escuras, o terceiro artícolo amarelo; primeiro e segundo artículos com pilosidade amarela inferior e em mistura com pêlos pretos superiormente.

Tórax: protórax amarelo, exceto no pronoto que é preto; mesonoto revestido de grossa pruina amarela, deixando descoberta duas regiões laterais que são pretas e separadas pela pruina da sutura transversa; na porção mediana do mesonoto, longitudinalmente, existe uma faixa preto-brilhante parcialmente recoberta de pruina amarela, sendo a porção anterior completamente nua; calos umerais e pós-alares revestidos de pruina dourada; cerdas pretas: duas pré-suturais, duas supra-alares e uma pós-alar; escutelo amarelo, a metade anterior com pruina amarela, a posterior nua; um par de longas cerdas marginais pretas; região pós-escutelar revestida de pruina dourada; pleuras recobertas de pruina amarela, com mancha castanha sobre a mesopleura e esternopleura.

Pernas amarelas, exceto no fêmur posterior que apresenta (nem sempre muito nítida) mancha castanha na superfície dorsal; pilosidade inteiramente amarela; tíbias com cerdas amarelas; tarsos escurecidos e com cerdas castanhas.

Asas amareladas; célula anal aberta; nervura transversa anterior situada pouco antes do meio da célula discal. Halteres amarelo-avermelhados.

Abdômen amarelo-avermelhado com manchas pretas dorsais; no primeiro tergito ela se estende pela margem anterior; no segundo forma uma grande mancha mediana, às vezes bastante diluída; nos tergitos restantes esta mancha ocupa toda a margem anterior, sendo no quinto e sexto tergitos bastante nítida e quase tão extensa quanto a metade de cada um destes tergitos; pilosidade preta, curta e esparsa; cerdas laterais do primeiro tergito amarelas; ventre amarelo. Genitália do macho com pilosidade amarela; da fêmea com espinhos avermelhados.

MATERIAL EXAMINADO: 1 ♂ e 2 ♀ ♀ da coleção do Museu Britânico, exceto uma ♀ que se acha na coleção do Departamento de Zoologia, sob n.º 27.556.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL: Brasil, Estado do Amazonas, Rio Tocantins (H. W. Bates).

***Austenmyia* gen. nov.**

Caracteres: Cabeça um pouco mais larga que o tórax; face plana, tão extensa quanto 3 vezes a superfície da fronte, sem pilosidade; mistax constituído por algumas finas cerdas dispostas em fileira transversal sobre a margem superior da cavidade bucal; probóscida cilíndrica; palpos com o segundo artículo desenvolvido, fusiforme, tão longo quanto $1/4$ do tamanho da probóscida; calo ocelar com duas pequenas cerdas; antenas com os dois primeiros artículos iguais em comprimento, sendo cada um destes artículos tão longos quanto o comprimento do último artículo dos palpos; terceiro artículo antenal com o mesmo tamanho dos dois basais reunidos, tendo no ápice da superfície interna uma microscópica concavidade. Prosterno reduzido a duas placas entre as coxas anteriores; mesonoto com cerdas laterais e dorso-centrais muito desenvolvidas; as dorso-centrais formam duas fileiras de 7 cerdas cada uma que se iniciam no quarto anterior do prescuto; escutelo sem cerdas; região pós-escutelar sem pilosidade nas calosidades laterais. Pernas finas e alongadas; esporão apical das tíbias anteriores pequeno. Asas com a 4.^a célula posterior e anal abertas. Abdômen levemente mais largo na base, tão longo quanto duas vezes o comprimento do tórax. Genitália da ♀ mais ou menos globosa, com espinhos recurvados.

Genótipo: *Austenmyia amazona* esp. nov.

Este gênero apresenta caracteres intermediários entre *Macrocolus* e *Mirolestes*. Distingue-se de *Macrocolus* pela forma das antenas e pela pruina que lhe reveste o corpo, tornando-o opaco e sem brilho; de *Mirolestes*, se distingue pela 4.^a célula posterior aberta, pelas cerdas dorso-centrais desenvolvidas e pela pilosidade do calo ocelar.

Com a denominação de *Austenmyia* homenageamos aquele que capturou o único representante dêste gênero, o grande dipterologista que foi E. E. Austen.

***Austenmyia amazona* sp. nov.**

♀ - Comprimento do corpo 9 mm. da asa 8 mm.

Cabeça: face revestida de pruina sedosa, branco-amarelada; mistax constituído por 5 cerdas longas e esbranquiçadas; probós-cida castanha; palpos costanho-escuros e com cerdas amarelas; fronte recoberta de pruina amarelo-escuro; calo ocelar castanho-escuro e com um par de pequenas cerdas pretas; occipício revestido de pruina cinza-amarelada, com um par de cerdas castanhas um pouco acima do pescoço; cerdas castanhas na metade superior do occipício e amarelas na metade inferior; barba amarela; antenas (fig 1) com os dois primeiros artículos amarelos e com esparsas cerdinhas pretas; o 3.º artículo castanho.

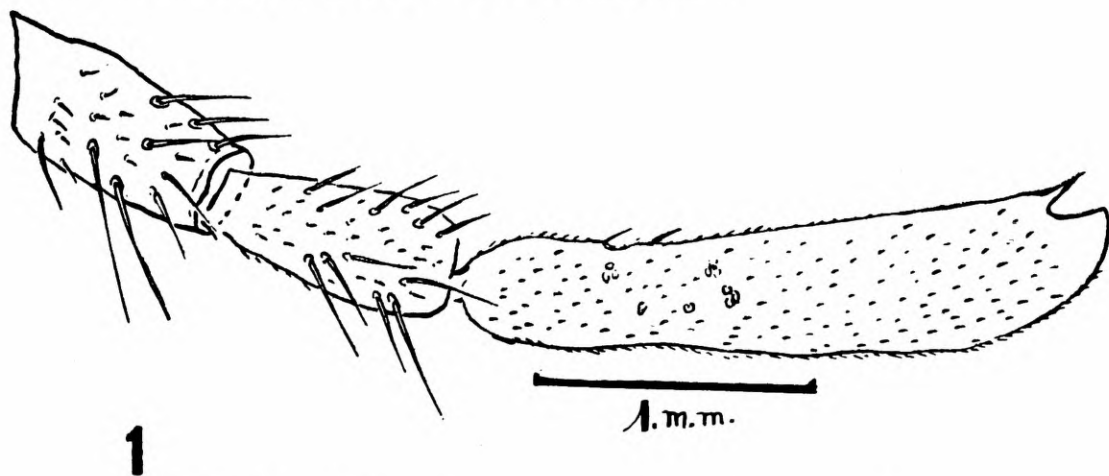


Fig. 1 - *Austenmyia amazona* n. gen. nov. sp. antena.

Torax: pronoto castanho-amarelado e com cerdas pretas na margem anterior; mesonoto recoberto de pruina amarelo-cinza e com 3 faixas longitudinais castanhas, sendo a mediana mais larga na margem anterior e terminando pouco antes da sutura pré-escutelar; as laterais divididas ao meio pela pruina da sutura transversa e não alcançando a sutura pré-escutelar; desta sutura se expande uma pequena mancha castanha, lisa, de forma triangular cujo vértice vai encontrar-se com a porção final da faixa mediana; cerdas pretas; duas pré-suturais, uma supra-alar e uma pós-alar; dorso-centrais anteriores praticamente do mesmo tamanho que as posteriores; escutelo recoberto de pruina cinza-amarelada; região pós-escutelar com pruina castanho-escuro no meio, cinza-amarelada nos lados; pleuras revestidas de pruina cinza-amarelada, com duas man-

chas castanhas situadas uma na esternopleura e outra na hipopleura; cerdas da metapleura longas e amareladas.

Pernas: coxas recobertas de pruina branco-amarelada e com cerdas desta mesma cor; fêmures e tíbias das pernas anteriores e medianas amarelas; fêmur e tíbia das pernas posteriores amarelas e com o ápice castanho-escuro; basitarsos amarelos e com o ápice escurecido, principalmente os das pernas posteriores; os tarsos restantes castanhos e com a base amarela; cerdas e pêlos amarelos. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas hialinas, com muito leve tintura amarelada; nervura transversa anterior situada pouco além da metade da célula discal. Halteres amarelo-avermelhados.

Abdômen amarelo, exceto no primeiro tergito, onde existe mancha preta, e na base dos tergitos 5-6 onde existe faixa transversal de cor castanho-escuro; cerdas laterais do 1.º tergito amarelas; pilosidade sobre os segmentos curta e amarela; ventre amarelado. Genitália ocrácea, com finas cerdas amarelas e finos espinhos castanhos.

Holótipo ♀ depositado na coleção do Museu Britânico.

LOCALIDADE TIPO: Brasil, Estado do Amazonas, Manáus, fevereiro de 1896 (E. E. Austen).

***Cophura picta* nov. sp,**

♂ ♀ - Comprimento do corpo 9 mm; da asa 8 mm.

Cabeça: fronte revestida de pruina amarela e com pilosidade amarelada lateral; calo ocelar com a mesma pruina da fronte, dois pares de finas e longas cerdas amarelas e pilosidade desta mesma cor; face plana e recoberta de pruina amarela, havendo pilosidade clara até quase a base das antenas; mistax formado por cerdas e pêlos longos situados na margem bucal; probóscida e palpos castanho-escuros com fina pilosidade amarelada; o comprimento dos palpos é tanto quanto $\frac{1}{3}$ o comprimento das antenas; barba fina e amarelada; occipício preto, revestido de pruina cinza nas órbitas oculares, onde existem cerdas e pêlos amarelos; antenas castanho-escuras, com abundantes cerdas e pêlos amarelos nos dois artículos basais; êstes são de comprimento sub-iguais; o terceiro artículo tão longo quanto 2 vezes o comprimento dos dois basais reunidos; estilo um pouco inclinado para baixo e tão comprido quanto o segundo artículo antenal.

TÓRAX: pronoto castanho-escuro; mesonoto com uma faixa preta longitudinal mediana que termina muito antes da sutura escutelar; nos lados desta faixa o mesonoto é castanho-escuro, sendo cinzento nas margens laterais e sobre a sutura transversa; antes da sutura pré-escutelar há uma mancha quadrangular de pruina ama-

rela que se expande pelos calos pós-alares; calos umerais revestidos de pruina amarelo-escura; o disco do mesonoto apresenta esparsa e fina pilosidade amarelada; cerdas dorso-centrais muito longas, amarelas, iniciando-se a fileira destas cerdas antes da sutura transversa; cerdas laterais amarelas, sendo duas pré-suturais, duas supra-alares e uma pós-alar; escutelo inteiramente revestido de pruina amarela, havendo também pilosidade amarela dorsal e marginal, misturando-se esta com duas ou quatro longas cerdas amareladas; região pós-escutelar recoberta de pruina cinza-amarelada;

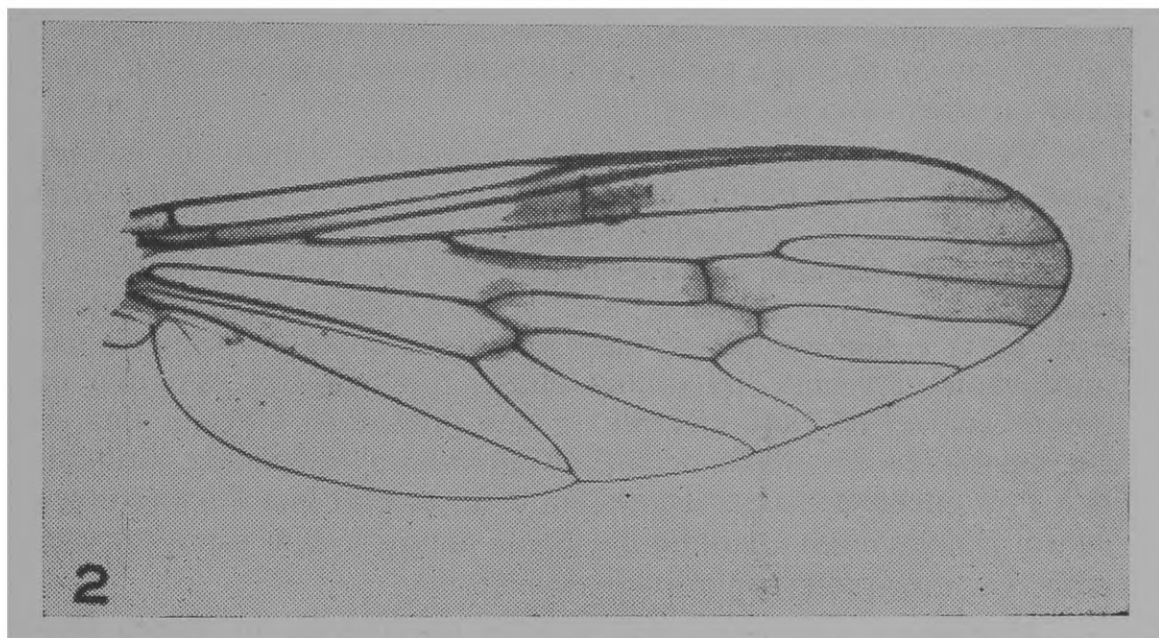


Fig. 2 - *Cophura picta* n. sp. - asa.

pleuras revestidas de pruina castanha em baixo e anteriormente e pruina cinzenta na porção posterior, iniciando-se esta coloração na linha mediana da mesopleura; metapleura com finas cerdas amarelo-escuras.

Pernas: coxas revestidas de pruina castanha; as anteriores e medianas com longa pilosidade amarelada na face anterior e as posteriores munidas de um longo tubérculo anteriormente; trocanteres preto-brilhantes; fêmures pretos e com o ápice amarelado; a pilosidade dos fêmures é amarelada, longa na superfície inferior dos fêmures anteriores e medianos, mais curta e abundante nos das pernas posteriores; tíbias avermelhadas e com esparsas cerdas amarelas; na superfície inferior das tíbias das pernas posteriores dos machos existe pilosidade prateada, curta e deitada; os tarsos das quatro pernas anteriores são pretos e com cerdas e pêlos amarelos; os tarsos das pernas posteriores são avermelhados e com pilosidade amarela e prateada, sendo a amarela esparsa e situada na su-

perfície ventral; nas fêmeas não existe pilosidade prateada sobre as tíbias e tarsos posteriores, sendo ela aqui inteiramente amarelada e esparsa. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 2) hialinas, com pequenas manchas escuras, muito nítidas, situadas nos seguintes pontos: na base e no ápice da célula sub-costal, no segundo terço da célula marginal, sobre a forquilha e nervura transversa do ápice da segunda célula basal, sobre as nervuras transversais que fecham posteriormente as células discal e primeira basal e no ápice da asa onde escurece as porções apicais das células marginal, primeira e segunda sub-marginais e primeira posterior; nervura transversa anterior situada sobre o último quarto da célula discal; célula anal fechada e peciolada. Halteres amarelo-avermelhados.

Abdômen preto e com pruina amarelada, exceto na metade posterior da borda lateral de cada tergito onde se encontra pruina cinza; nos machos, a margem posterior do 5.º, 6.º e 7.º tergitos é amarela; nas fêmeas, a margem posterior de todos os tergitos é castanho-escura, exceto no 6.º e 7.º tergitos onde é amarela; pilosidade curta e amarela dorsal, mais longa nos lados do primeiro tergito; ventre revestido de pruina cinza, com mancha castanha na porção central de cada esternito e com pilosidade longa e fina de côr amarelada. Genitália do macho amarelo-avermelhada, brilhante e com pilosidade amarela, exceto o 8.º tergito que é coberto por densa pruina cinza; genitália da fêmea amarela, com espinhos castanho-escuros e curta pilosidade amarelada.

Holótipo ♂, alótipo ♀ depositados na coleção do Museu Britânico; um parátipo ♂ n.º 27.555 depositado na coleção do Departamento de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO — Equador, 1932 (C. T. Bingham).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA — De acôrdo com o critério de Pritchard (1943, Ann. Ent. Soc. Amer. 36: 281-309, Pl. I, 9 figs.) para a classificação das espécies deste gênero, *Cophura picta* sp. n. pertence ao grupo *fur* (Williston), pois ela apresenta os caracteres deste grupo que são: escutelo inteiramente recoberto de pruina, asas hialinas e com algumas manchas nas nervuras transversas e no ápice, cerdas do mistax situadas na margem oral e coxa posterior com um tubérculo na face anterior. Do mesmo modo que em *clausa* (Coquillett), espécie também pertencente a este grupo e com a qual *picta* tem certa afinidade, a célula anal é fechada, mas se distinguem pelas manchas escuras das asas e pela intensa pilosidade prateada que se encontra na face inferior das tíbias e tarsos das pernas posteriores dos machos, caracteres estes presentes em *picta* e ausentes em *clausa*.

As relações de afinidade de *picta* com as espécies dos outros grupos estabelecidos por Pritchard são menos evidentes que aquelas existentes para com *clausa*.

As espécies de *Cophura* Osten Sacken são menos abundantes na América do Sul que na América do Norte. São conhecidas no continente sul-americano duas espécies: *sundra* Pritchard, do Equador, e *zandra* Pritchard, do Peru. Estas espécies, juntamente com *trunca* (Coquillett), da Califórnia, formam, segundo ainda o critério de Pritchard, um agrupamento de espécies ao qual *picta* não pode ser incluída porque as cerdas do mistax estão situadas apenas sobre a borda bucal. Além deste caracter, *picta* distingue-se de *trunca* pela ausência de apêndice de nervura na R4 e pela cor fôlca do abdômen; de *sundra* e *zandra* ela se distingue por apresentar um tubérculo na superfície anterior das coxas posteriores e pelas marcações das asas.

Tribo LAPHYSTIINI

Apoxyria americana sp. nov.

♂ ♀ — Comprimento do corpo 12-13 mm; da asa 10 mm.

Cabeça (figs. 3 e 4): face preta, apresentando curta pilosidade amarela quase escondendo a cor do tegumento; mistax constituído de numerosas cerdas pretas situadas sobre a gibosidade facial; entre esta e a base das antenas existem pêlos longos, esparsos, pretos e amarelos; fronte preta, com pruina castanha muito esparsa e longa pilosidade preta em mistura com pilosidade amarela, esta situada próximo do vértice; calo ocelar preto e com seis a oito finas cerdas pretas; occipício preto, revestido de pruina amarela e com longa e grossa pilosidade preta superiormente; barba amarelada; probóscida castanho-escura e com fina pilosidade na metade basal, inferiormente; palpos pretos e com pilosidade preta; antenas (fig. 5) pretas; primeiro e segundo artículos com grossa pilosidade preta e subiguais em comprimento; terceiro tão longo quanto os basais reunidos, estreitado na metade basal; estilo curto e com um espinho na base.

Tórax preto-brilhante; protórax com pilosidade preta anteriormente e pilosidade amarela nas calosidades laterais; mesonoto com pilosidade preta em mistura com pêlos amarelados, sendo esta mais abundante nos machos; cerdas laterais pretas e finas: duas pré-suturais, uma ou duas supra-alares e duas pós-alares; escutelo com curta pilosidade preta dorsal; cerdas marginais finas e numerosas; inteiramente preta nos machos, em mistura com pêlos amarelos nas fêmeas; região pós-escutelar preta e com pruina amarelada nas calosidades laterais; pleuras revestidas de pruina cinza, com pilo-

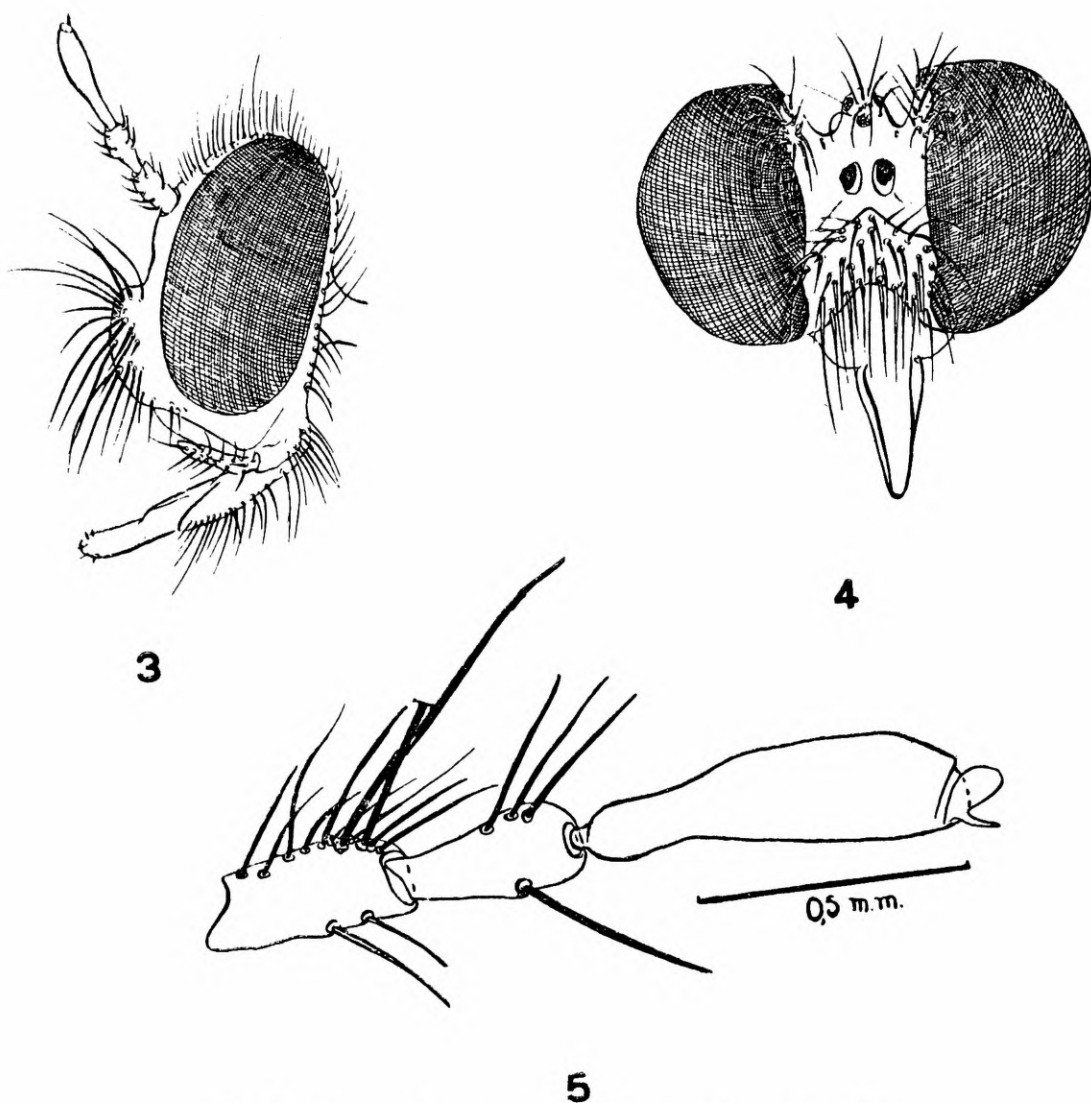


Fig. 3 *Apoxyria americana* n. sp. - cabeça (perfil).

Fig. 4 - *Apoxyria americana* n. sp. - cabeça (de frente).

Fig. 5 - *Apoxyria americana* n. sp. - antena.

sidade preta e amarela na mesopleura e um tufo de longa pilosidade amarela na hipopleura; metapleura com curtos pêlos amarelos.

Pernas pretas ou castanho-escuras, brilhantes; coxas revestidas de pruina cinza e com pilosidade amarelada; fêmures com finos pêlos amarelados na superfície posterior e inferior e longas cerdas pretas superiormente; tíbias anteriores com pilosidade amarelada, longas cerdas amarelas e curtas cerdas pretas; na superfície anterior encontra-se muito curta e compacta pilosidade dourada que se estende até o basitarso; tíbias medianas semelhantes às anteriores, mas sem a pilosidade dourada acima referida; tíbias posteriores com cerdas pretas e pilosidade amarela na face inferior e posterior;

tarsos com pêlos e cerdas pretos; nos tarsos posteriores, inferiormente, existe curta e compacta pilosidade dourada. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 6) hialinas; célula marginal aberta, terminando a 2.^a nervura longitudinal a alguma distância da primeira; primeira célula posterior aberta, um pouco estreitada na margem da asa; álula com uma franja de curtos pêlos amarelos; esquâmula amarela e com curta pilosidade da mesma côr. Halteres amarelo-claros e com a base castanha.

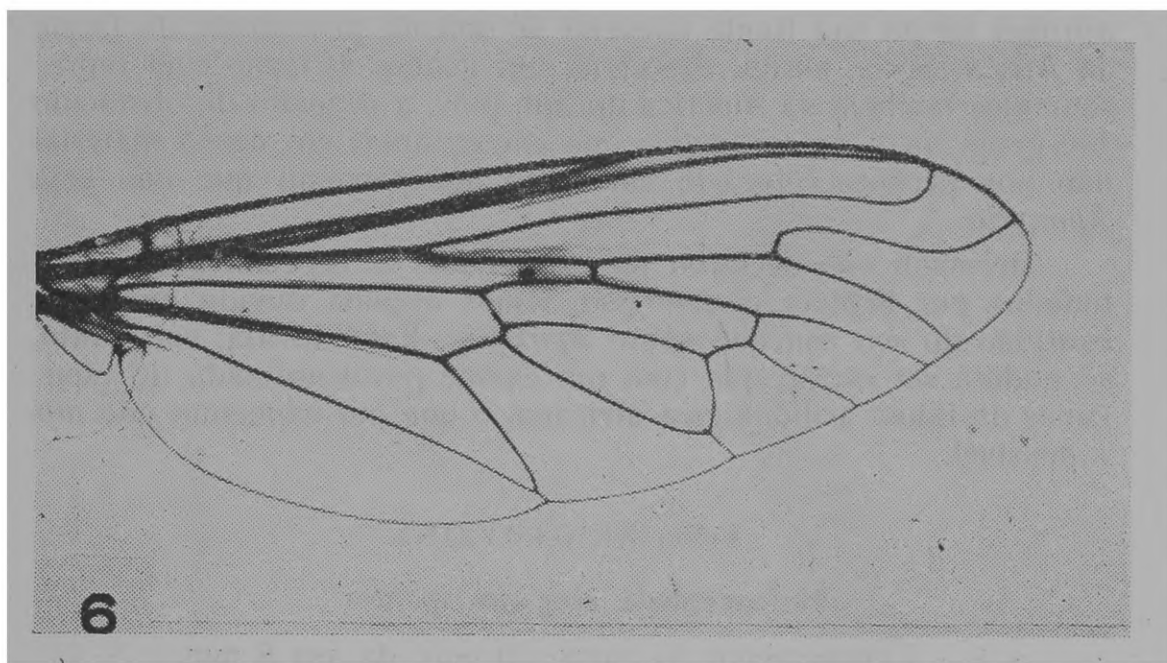


Fig. 6 - *Apoxyria americana* n. sp. - asa.

Abdômen preto-brilhante, com curta pilosidade preta dorsal e longa pilosidade amarela, em mistura com alguns pêlos pretos, nas margens laterais; nas ♀♀ a pilosidade lateral é curta; ventre com fina e longa pilosidade amarela nos ♂♂, muito menos abundante que nas ♀♀.

Holótipo ♂ N.º 63.101, alótipo ♀ N.º 63.100 e 5 parátipos, sendo o holótipo, alótipo e dois parátipos ♀♀ N.ºs 63.102 e 63.103, depositados na coleção do Departamento de Zoologia; dois parátipos ♂♂ depositados na coleção do Museu Britânico e um parátipo ♀ devolvido à coleção Bromley.

LOCALIDADE TIPO: Brasil, Estado de Goiás, Corumbá, Faz. Monjolinho, novembro de 1945 (M. P. Barretto).

LOCALIDADES ADICIONAIS: Estado de Santa Catarina, Nova Teutônia, dezembro de 1936, fevereiro de 1937 e novembro de 1940 (F. Plaumann).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA: *Apoxyria americana* sp. nov., distingue-se de *A. apicata* Schiner, 1867, pela ausência de pruina cinza no disco do mesonoto, por serem pretos todos os segmentos abdominais (em *apicata* o 6.º segmento e a genitália do macho são amarelo-avermelhados) e, ainda, pelas asas inteiramente hialinas e destituídas de mancha escura apical.

A espécie tipo do gênero *Apoxyria* Schiner, 1866, é *apicata*, descrita de material sem indicação de procedência, isto é, como de "Pátria ignota". Em 1920, porém, Hermann (Zool. Jahrbüch. 43: 180), tecendo considerações a respeito dos caracteres dêste gênero, afirmou ter na sua frente material de *apicata* procedente do Oeste da África. Seria, assim, *Apoxyria*, um gênero africano com representantes também na América do Sul, pois, a despeito do obstáculo zoo-geográfico, os caracteres que encontramos em nosso material não nos permite colocá-lo em outro agrupamento que não seja *Apoxyria*.

Hermann não declarou ter examinado os espécimes tipos estudados por Schiner e, por isso, temos alguma dúvida quanto à exatidão do seu conceito sobre *Apoxyria*. Esta dúvida, entretanto, só poderá ser esclarecida com um exame pormenorizado de espécimes da fauna asilidológica africana, o que, no momento, não nos é possível.

Tribo XENOMYZINI

***Holcocephala mogiana* sp. nov.**

♂ ♀ - Comprimento do corpo 10 mm; da asa 8 mm.

Cabeça: fronte e face escuras e revestidas de pruina amarelo-esverdeada, pouco mais clara na margem orbital da face e na concavidade bucal; mistax formado por cerdas amarelo-escuras e dispostas em uma fileira sobre a margem da boca, acima da qual existem alguns finos pêlos escuros voltados para as antenas; calo ocelar grande e preto; occipício preto, revestido de pruina amarela com tonalidade verde e com esparsa pilosidade amarelada; probóscida preto-brilhante e com pilosidade amarela inferiormente; palpos castanho-escuros, cilíndricos, tão longos quanto à metade da probóscida e com cerdas amarelo-escuras; antenas (fig. 7) pretas; os dois primeiros artículos subiguais em comprimento e com pilosidade preta; o terceiro fusiforme, duas vezes o tamanho dos dois basais reunidos e com alguns curtos pêlos no ápice da borda superior; estilo preto-brilhante, tão longo quanto $\frac{2}{3}$ do comprimento do terceiro artículo.

Tórax: protórax preto com pilosidade clara; mesonoto castanho-amarelado nas margens laterais e posterior, sendo a porção

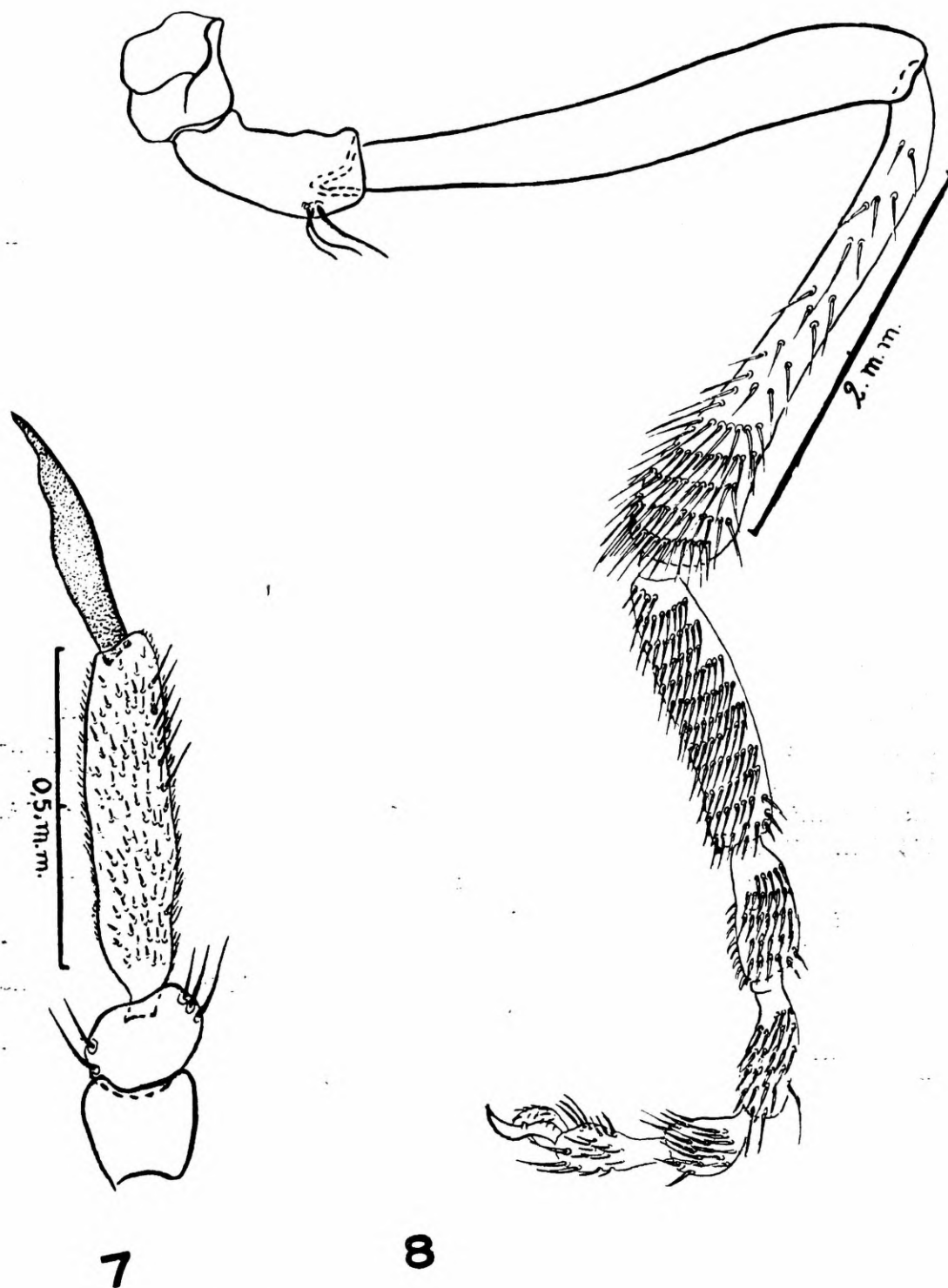


Fig. 7 - *Holcocephala mogiana* n. sp. antena.

Fig. 8 *Holcocephala mogiana* n. sp. - perna posterior.

central e a margem anterior preto-aveludadas, indicando uma fusão das faixas longitudinais no prescuto; na metade posterior do mesonoto estas faixas tornam-se mais ou menos individualizadas, sendo a mediana muito curta e as laterais alcançando a sutura pré-escutelar; calos umerais pretos, às vezes avermelhados; calos pós-alares pretos ou revestidos de pruina castanha; pilosidade do mesonoto praticamente inexistente; escutelo revestido de pruina castanha e com alguns curtos pêlos amarelados em sua superfície; região pós-escutelar castanho-escura; pleuras revestidas de pruina cinzenta, havendo, porém, regiões pretas ou castanho-escuras, sem pruina, de contorno e posição irregulares.

Pernas (fig. 8) castanho-escuras, pretas nos fêmures posteriores e no terço apical das tíbias posteriores; os últimos artículos tarsais, às vezes também são bastante escuros; coxas pretas, revestidas de pruina cinza; fêmures posteriores não entumecidos; ápice das tíbias posteriores um pouco dilatado; pilosidade curta e preta, exceto nos dois primeiros artículos tarsais de todas as pernas onde é amarela, como também no ápice da face anterior dos fêmures posteriores onde é esbranquiçada; cerdas das tíbias anteriores e medianas amarelas e longas; cerdas castanhas na extremidade dos artículos tarsais. Garras pretas; pulvilos castanhos.

Asas: célula costal um pouco dilatada; nervura transversa anterior situada antes do meio da célula discal; nos machos a metade basal da asa é castanho-escura e a metade apical hialina com mancha escura no ápice das células marginal e sub-marginais; nas fêmeas a metade basal da asa é castanho-escura e a metade apical castanho mais claro. Halteres castanho-claro ou ferruginoso.

Abdômen preto, com as margens laterais de cada tergito revestidas de pruina cinza-amarelada, expandindo-se esta, um pouco, nos cantos posteriores; a margem posterior do primeiro tergito apresenta pruina amarelo-acastanhada, o que acontece também na margem posterior do segundo e terceiro tergitos, mas de modo pouco nítido; pilosidade escassa, preta no dorso e amarela nas margens laterais; ventre revestido de pruina cinzenta e com alguns finos pêlos também cinzentos. Genitália do macho castanho-avermelhada e com pilosidade clara, aedeagus grande, em forma de tridente e com a porção basal bastante larga, sendo o dente mediano mais curto, aproximadamente a metade do comprimento dos dentes laterais; genitália da fêmea castanho-escura, com pilosidade preta superiormente e branca nas margens.

Holótipo ♂ (62.375), alótipo ♀ (62.373), 2 parátipos ♂ ♂ e 2 parátipos ♀ ♀ (22.317, 62.237, 22.241, 62.374) depositados na coleção do Departamento de Zoologia; um parátipo ♂ depositado na coleção do Museu Britânico.

LOCALIDADE TIPO: Brasil, Estado de São Paulo, Mogi das Cruzes, novembro de 1939 (M. Carrera).

LOCALIDADES ADICIONAIS: Brasil: Estado de São Paulo, Cantareira, Chapadão, novembro de 1945 (M. Carrera); Estado do Paraná, V. Grande, outubro de 1944 (R. Hertel); Estado do Rio de Janeiro, Teresópolis (Museu Britânico).

Discussão taxionômica: — Esta espécie, pela pilosidade que apresenta no ápice do terceiro artículo antenal, aproxima-se das espécies do gênero *Rhipidocephala*. Entretanto, ela não pode ser incluída neste gênero porque, além de outros caracteres, não possui cerdas no mesonoto, nem no escutelo e nem no calo ocelar. *H. mogiana* sp. n., pertence ao grupo de espécies que se caracterizam pelas asas escuras na metade basal. A espécie mais próxima de *mogiana* é *affinis* (Bell., 1861), da qual se distingue pela forma das asas (não dilatadas na célula costal e ângulo anal), pela pilosidade do terceiro artículo antenal e pela coloração do mesonoto e abdômen.

***Holcocephala pectinata* sp. nov.**

♂ ♀ — Comprimento do corpo 8 mm; da asa 7 mm.

Cabeça: fronte e face revestidas de pruina castanha e com pilosidade mais ou menos abundante também castanha; na fronte, esta pilosidade se encontra nos lados do calo ocelar, mas na face ela se acha na metade inferior e é dirigida para cima; calo ocelar preto; mistax formado por uma fileira de cerdas amarelas guardando a borda bucal; probóscida preta e com alguns pêlos amarelos em baixo; palpos cilíndricos, tão longos quanto $3/4$ do comprimento da probóscida, pretos e com cerdas amarelas; occipício revestido de pruina cinza-amarelada e com fina pilosidade amarelada; antenas (fig. 9) castanho-escuras, com pilosidade amarela nos dois artículos basais; o terceiro artículo maior que duas vezes os basais reunidos; estilo brilhante, grosso e tão longo quanto $1/3$ do comprimento do terceiro artículo.

Tórax: protórax revestido de pruina cinza-amarelada, exceto no pronoto onde ela é castanho-escura; mesonoto com as margens laterais castanho-amarelada, havendo na frente do escutelo mancha quadrangular castanha; calos umerais castanhos; calos pós-alares castanho-escuros; o resto do mesonoto é preto-aveludado e com pilosidade amarelada bastante nítida; escutelo e região pós-escutelar castanho-escuros e com pilosidade muito fina sobre o escutelo; pleuras revestidas de pruina cinza-amarelada e com pilosidade amarela, muito fina e longa na mesopleura e na esterno-pleura.

Pernas (fig. 10) de côr castanha, brilhantes, com manchas escuras na superfície dorsal dos fêmures, na metade apical da tíbia e no ápice dos quatro últimos artículos tarsais; cerdas amarelas; coxas revestidas de pruina cinza e com pilosidade amarela; fêmures não entumecidos; tíbias posteriores grossas no terço apical; ba-

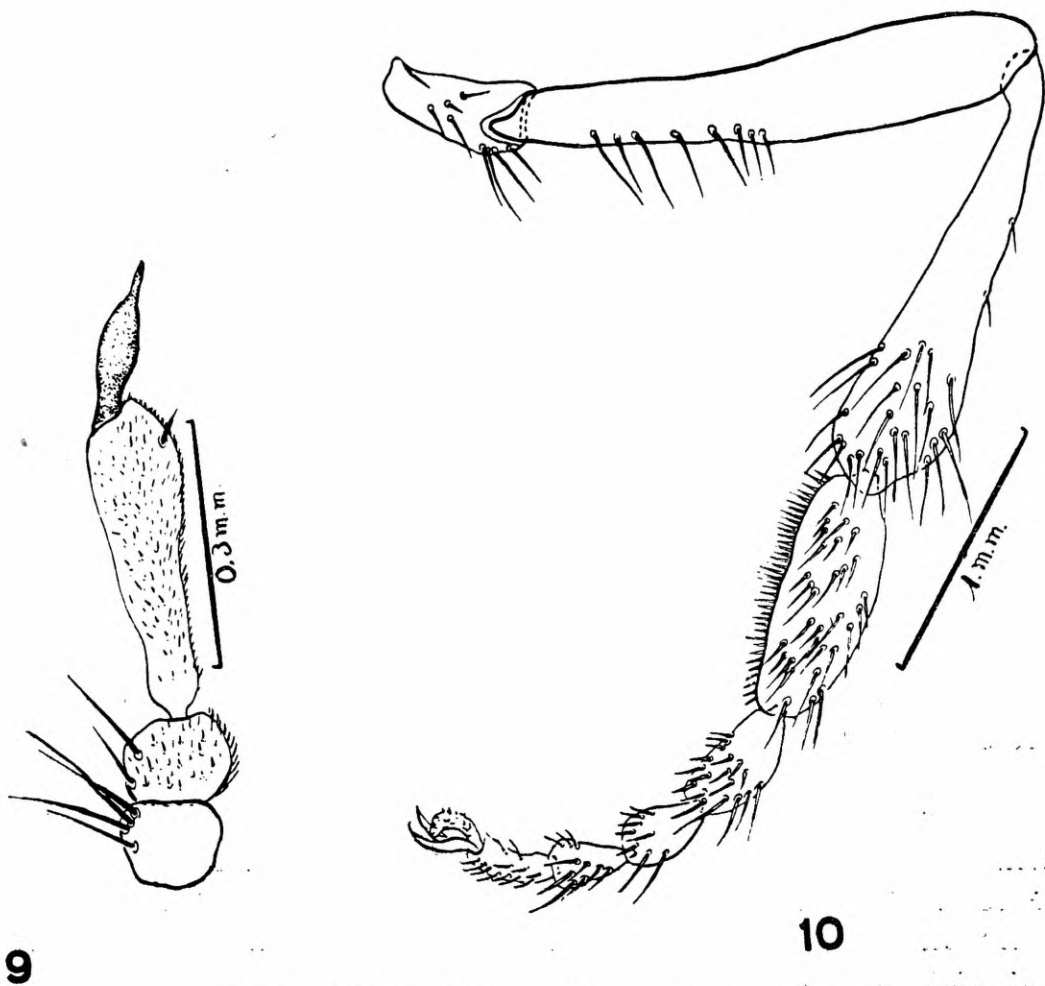


Fig. 9 - *Holcocephala pectinata* n. sp. - antena.
Fig. 10 - *Holcocephala pectinata* n. sp. - perna posterior.

sitarso posterior desenvolvido. Garras pretas; pulvilos castanhos.

Asas inteiramente castanhas, levemente mais escuras na base; célula costal e angulo anal não dilatados; nervura transversa anterior quase sôbre o meio da célula discal. Halteres castanhos.

Abdômen com os tergitos castanho-escuros, aveludados no dorso, amarelos nas margens laterais, onde também existe grossa pilosidade amarela mais ou menos abundante e cerrada; esternitos recobertos de pruina amarelada. Genitália do macho amarelo-avermelhada e com pilosidade castanha; genitália da fêmea castanho-escura dorsalmente, amarelada e com pêlos claros na porção ventral.

Holótipo ♂ depositado na coleção do Museu Britânico, alótipo ♀ (62.293) e um parátipo ♀ (62.285) depositados na coleção do Departamento de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO: Brasil: Estado de Santa Catarina, Nova Teutônia, outubro de 1938 (F. Plaumann); Estado de São Paulo, Mogi das Cruzes, novembro de 1939 (M. Carrera).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA: — Esta espécie é próxima de *fimbriata* Hermann da qual se distingue pelos seguintes caracteres: presença de pilosidade na fronte; margem anterior do mesonoto preta e não amarelo-ocre; abdômen com os tergitos castanho-escuros no dorso e amarelos nas margens laterais; a grossa pilosidade lateral de cada tergito é amarela e não preta; asas castanhas.

A B S T R A C T

In this paper two new genera and five new species of Neotropical *Asilidae*, subfamily *Dasytrogoninae*, from the material sent by the British Museum for identification, are described.

The new genera, *Tocantinia* and *Austenmyia*, belong to the Amazonian subregion. The genotype of *Tocantinia* is *Dasytrogon miser* Walker, 1854, and a new species, *amazona*, is the genotype of *Austenmyia*.

Tocantinia may be distinguished from all other genera of calcaratae *Dasytrogoninae*, by the scutellar bristles, the fourth posterior cell open, and the position of the antennae which is inserted very high on the head. Perhaps *Saropogon mellipes* Bromley 1934, belongs to it.

Austenmyia, also with an apical spur in the tibiae, is recognized by the absence of scutellar bristles, the fourth posterior cell open, the subequal length of the first two antennal segments, and by the thick pollinosity covering the body.

Both these genera are allied to *Macrocolus* Engel and *Mirolestes* Curran, from which they can be separated by the above mentioned characters and by the shape of the third antennal segment.

A new species of *Cophura* Osten Sacken, described as *picta*, from Equador, is related to *clausa* (Coquillett) but distinct by the dark spots in the wings and by the silvery pilosity in the posterior tibiae of the male. It is interesting to note, that *picta* does not belong to Pritchard's (1943) group of species to which belong *sundra* Pritchard and *zandra* Pritchard, the only known South American species.

In the tribe *Laphystiini* we found a new species of the genus *Apoxyria* Schiner. The genotype of this genus is *apicata* Schiner, a species of "Patria ignota", but Hermann (1920), without seeing the typical material, identified as *apicata* African specimens. However, a better knowledge of African *Asilidae* is necessary to confirm our supposition that *Apoxyria* is common to both continents.

Two new species of *Holcocephala* belong to Southern South America. *Holcocephala mogiana* n. sp. is distinguished from *affinis* (Bellardi, 1861) by the shape

of the wings, the heavy third antennal segment, and the color of the mesonotum and abdomen. It seems this species, judging by the pilosity of the antennae, could be placed in *Rhipidocephala* Hermann, but the absence of mesonotal and scutellar bristles remove this possibility.

Holcocephala pectinata n. sp. is very closely related to *fimbriata* Hermann, from which it can be separated by the black anterior margin of the mesonotum, the dark-brown abdominal tergites with yellow posterior margins, the yellow lateral pilosity of the abdomen, and the brown wings.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

SÔBRE *GONATODES VARIUS* (AUGUSTE DUMÉRIL),
COM NOTAS SÔBRE OUTRAS ESPÉCIES DO GÊNERO
(SAURIA, GEKKONIDAE) ⁽¹⁾

POR

P. E. VANZOLINI

INTRODUÇÃO

Em 1856, no volume oitavo dos “Archives du Muséum d’Histoire Naturelle” de Paris, páginas 437-588, Auguste Duméril publicou sua segunda memória sôbre os répteis novos ou mal conhecidos das coleções do Museu, tratando de lagartos das famílias Gekkonidae, Varanidae, Iguanidae e Agamidae. A primeira memória, publicada no volume sexto da mesma revista, versava os Chelonia, Crocodilia e lagartos da família Chamaeleotidae.

Com êsses trabalhos visava Auguste Duméril entrosar no plano da “Erpétologie Générale” as espécies descritas depois da publicação daquela monumental sinopse, bem como descrever, de acôrdo com o mesmo sistema, as formas novas que pessoalmente encontrara. Tais trabalhos, de fôlego alentado e baseados em coleções importantes, receberam natural divulgação e comentário. É, por isso, muito de extranhar que uma espécie, descrita na segunda memória, sôbre material adequado e de procedência conhecida, ficasse, desde a publicação, sepulta em total esquecimento.

Trata-se de *Gymnodactylus varius*, descrito às páginas 475-77 sôbre 5 exemplares provenientes de Caiena.

Buscando esclarecer a situação dessa forma, obtive por empréstimo, graças à gentileza do Dr. Jean Guibé, um exemplar rotulado como tipo da espécie, exemplar que passo a descrever e comentar.

(1) Trabalho parcialmente executado quando em gozo de uma bolsa de estudos da John Simon Guggenheim Memorial Foundation.

DESCRIÇÃO DO TIPO DE *GYMNODACTYLUS VARIUS*

Pranchas 1, fig. 1, e 2, figs. 1-4

Museu de Historia Natural de Paris n.º 6746, aparentemente um ♂ (por inspeção externa), medindo 39 mm da ponta do focinho à fenda anal, cauda reduzida a um côto de aproximadamente 5 mm.

Pupila redonda. Rostral alta, de margem superior chanfrada (recebendo um grânulo na chanfradura), incisa ao longo dos $\frac{2}{3}$ superiores, escavada de cada lado pela supra-nasal e pela narina. Esta limitada pela rostral na frente, por três post-nasais, das quais a mediana é a maior, e por uma supra-nasal grande, entumescida, formando um canto rostral curto e obtuso porém nítido, separada de sua simétrica por grânulos. Grânulos do focinho grosseiros, diminuindo na fronte, vértex e nuca. Supra-labiais 6, a 1.ª muito grande, 2.ª e 3.ª sub-iguais, 4.ª, 5.ª e 6.ª decrescentes, atingindo a última o nível do meio do olho. Parte posterior da rima bucal de forma sigmoide pouco pronunciada, revestida de grânulos. Supercílio com 2-3 grânulos levemente aumentados, não chegando a formar acúleos. Grânulos temporais semelhantes aos do vértex. Ouvido pequeno, de orla simples. Distância do ouvido à ponta do focinho 10 mm, do meio do olho à ponta do focinho 6 mm. Sinfisal grande, posteriormente escavada pelas post-sinfisais, que são 2, aumentadas, situadas no centro de uma fileira de escamas poligonais, 6 ao todo, que se estendem entre as 1.ªs infra-labiais. Várias fileiras de gulares aumentadas, lisas, juxtapostas, decrescendo posteriormente até se transformarem, na garganta, em grânulos altos; estes, por sua vez, vão-se achatando e aumentando para trás, até se transformarem nas escamas do peito. Infra-labiais 4, a 1.ª muito grande, as demais decrescentes, a última emparelhada com a 6.ª supra-labial.

Grânulos do dorso grosseiros, um pouco menores que os do focinho, juxtapostos. Escamas ventrais pequenas (do comprimento aproximado de 2 grânulos dorsais), elípticas, lisas, imbricadas, quincuncialmente arranjadas. Orla anal simples.

Escamas dorsais do braço e mão e anteriores do ante-braço lisas, imbricadas; restante do membro granuloso. Dedos simples, sem lamelas dilatadas, com os artículos distais recurvos e os proximais ligeiramente achatados na base. Ordem (decrescente) de tamanho dos dedos: 3-4, 2-5, 1. 19 lamelas sob o 4.º dedo.

Escamas ântero-ventrais do membro posterior semelhantes às ventrais. Restante do membro granuloso. Artelhos semelhantes aos dedos, porém mais longos e de artículos mais pronunciadamente angulados, roliços na base. Ordem de tamanho 4, 3, 5, 2, 1. 20 lamelas sob o 4.º artelho.

Cauda dorsalmente revestida por grânulos dispostos em fileiras transversais mais ou menos regulares, maiores que os dorsais. Aos lados da cauda êsses grânulos vão-se transformando em escamas lisas, imbricadas, das quais as médio-ventrais são semelhantes às ventrais, alargando-se na extremidade distal do côto presente (5 mm).

Colorido aparentemente bem conservado. Côr fundamental das partes dorsais castanho-pardacento. Cabeça marmoreada, com tendência à formação de chevrons no vértex e nuca. Labiais tarjadas de negro no centro, suturas mais claras. No

dorso, 3 séries longitudinais de manchas de cada lado. A série para-vertebral compõe-se de 5 manchas arredondadas, nítidas, emparelhadas com suas simétricas. A segunda e terceira série são menos regulares e nítidas e estendem-se ao longo do flanco; ambas são encabeçadas por uma mancha supra-escapular alongada, oblíqua, muito marcada. Partes ventrais amareladas, imaculadas, com pontuações escuras nas escamas.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

ATRIBUIÇÃO GENÉRICA

O gênero *Gymnodactylus*, tal como o conceituavam Duméril e Bibron e, portanto, também Augusto Duméril, era um composto; suas espécies sul-americanas acham-se hoje distribuídas por *Gymnodactylus* e *Gonatodes*.

A espécie em mãos, possuindo pupila redonda e lepidose dorsal homogênea, é evidentemente um *Gonatodes*. Aliás, como tal constava a espécie na coleção do Museu de Paris.

SITUAÇÃO DO NOME

Há três hipóteses a considerar com respeito ao *status* do nome *varius*:

1. Teria sido devidamente aplicado a uma espécie realmente nova ao tempo da descrição, não tendo essa espécie recebido posteriormente nenhum outro nome.

2. Embora fosse a espécie realmente nova ao tempo da descrição, viria ela sendo conhecida por outro nome posterior, devido ao esquecimento em que caíra o nome *varius*.

3. Ao tempo da descrição de Auguste Duméril a espécie já haveria sido anteriormente descrita, sendo *varius*, portanto, um sinônimo.

A segunda e terceira hipóteses aventadas podem ser testadas pela comparação do tipo de *varius* com exemplares e descrições de outras formas de *Gonatodes*; a primeira hipótese prevaleceria por exclusão das outras.

Uma investigação desta natureza entre espécies de *Gonatodes* oferece toda a sorte de dificuldades, bem atestadas pela inexistência de uma revisão sequer do gênero desde a insuficiente tentativa de Boulenger no Catálogo do Museu Britânico (1885). Esta, pouco satisfatória para a época, o é ainda menos hoje em dia, pois muitas espécies foram descritas desde então, e nem sempre de maneira adequada.

Essas dificuldades derivam principalmente da pouca valia (ou pelo menos limitado emprego) de caracteres folidóticos na sistemática do gênero, com conseqüente ênfase nos caracteres de colo-

rido. Êstes, contudo, apresentam acentuado dimorfismo sexual e, consequentemente, ontogenético, ampla variabilidade individual e modificações devidas à preservação.

Assim é que, por êses motivos, não confio muito em identificações, minhas e de outros, de lagartos dêste gênero, a não ser em casos especiais de fórmulas bem características. Dêsse modo, apresento abaixo descrições mais ou menos detalhadas das formas com que lido neste trabalho, afim de que se saiba exatamente a que conceito correspondem os nomes que uso.

ESPÉCIES DE *GONATODES* ASSINALADAS NAS GUIANAS E BAIXO AMAZONAS

Parece-me que o único registro autêntico de *Gonatodes* para a Guiana Francesa é o de *varius*. Algumas espécies são, contudo, conhecidas de territórios adjacentes. Tais são:

1. *G. humeralis* (Guichenot), a espécie de distribuição mais ampla em todo o gênero, que se espalha por todo o vale amazônico, do Peru à foz, e de Mato Grosso às Guianas (Parker, 1935, Guiana Inglesa).

2. *G. annularis* Boulenger, apenas assinalada da Guiana Inglesa.

3. *G. beebei* Noble, conhecida de um exemplar da Guiana Inglesa.

4. *G. booni* Van Lidth de Jeude, conhecida de um exemplar da Guiana Holandesa e um da Guiana Inglesa.

5. *G. vittatus* Lichtenstein, registrado por Beebe (1944) para a Guiana Inglesa, porém de forma pouco convincente. Não considerarei esta forma no presente contexto.

G. humeralis e *annularis*, espécies próximas, diferem amplamente de *varius* em uma série grande de caracteres, dos quais os mais evidentes são o tamanho dos grânulos dorsais (muito maiores em *varius*), a forma do focinho (mais obtuso em *varius*) e a diferença em padrão de colorido, principalmente no que diz respeito à mancha escapular característica de *annularis* e *humeralis*.

Os machos de *Gonatodes booni* são tão caracteristicamente coloridos (vide excelentes figuras de Van Lidth de Jeude, 1904, e Beebe, 1944) que não há dúvidas quanto à sua identidade. Quanto às fêmeas (e machos jovens), nada se sabe. Do lado da foliose, nada de muito diferente se nota, a não ser a presença de nítidos acúleos superciliares em *booni*. Este caráter é aparentemente bastante satisfatório, mas algumas observações devem ser feitas a respeito:

a) parece haver variação sexual e ontogenética em algumas formas (Boulenger 1885, *Gonatodes caudiscutatus*);

b) há certamente variação individual (vide abaixo *Gonatodes concinnatus*);

c) há certamente alteração por questões de preservação.

Por isso, embora crendo que a diferença é até certo ponto satisfatória, prefiro não concluir em definitivo.

G. beebei é espécie de colorido uniforme, mesmo em vida (Beebe, 1944). Os caracteres foliódicos oferecidos por Noble (1925) não oferecem elementos diagnósticos de valor, a não ser a já comentada presença de acúleos superciliares nítidos e, talvez, a forma da rostral. Eu tive ocasião de ver o tipo de *beebei* em 1949, e de tomar notas a seu respeito. Como é geralmente o caso com notas tomadas na ausência de problemas específicos, elas de nada valem neste contexto.

Assim, não é possível assimilar *G. varius* a nenhuma das espécies geograficamente vizinhas, pelo menos com base no escasso material atualmente disponível.

OUTRAS ESPÉCIES DE *Gonatodes*

A julgar pelas descrições e material em minhas mãos, três outras espécies de *Gonatodes* merecem comparação com *varius*: *fuscus*, *concinnatus* e *albogularis*.

Tenho em mãos um exemplar (DZ 776) de *G. fuscus* (Hallowsell), sem procedência definida, rotulado apenas "America Central". Tive ocasião, contudo, de compará-lo com excelentes séries do Museum of Comparative Zoology, Harvard University, e de assim confirmar a identificação. Este exemplar assemelha-se muito em colorido ao tipo de *varius*. A única diferença que noto é que o exemplar de *fuscus* tem o colorido fundamental mais claro e o dorso mais profusamente reticulado (Prancha 1, fig. 2). Do lado da folidose, verifica-se que o exemplar de *fuscus* tem pequenos, porém nítidos acúleos superciliares, caráter este que já discuti acima. *G. fuscus* tem sido assinalado na região noroeste da America do Sul (Colômbia e Venezuela), mas não é difícil que alguns desses registros se devam a exemplares de espécies próximas, como *concinnatus* e *albogularis*.

Dois exemplares (DZ 2145-46) de *G. concinnatus* (O'Shaughnessy), uma fêmea adulta e um macho jovem de Villavicencio, Colômbia, foram também comparados com o tipo de *varius*. Encontrei diferenças de colorido, principalmente a presença de um colar inter-escapular branco em *concinnatus* (Prancha 1, fig. 3). Quanto à folidose, *varius* tem artelhos muito mais longos (não consegui medir satisfatoriamente este caráter) e *concinnatus* apresenta pe-

quenos acúleos superciliares. Sobre a identificação destes exemplares como *concinatus*, vide nota abaixo.

Um exemplar (AMNH 5283) de *G. albogularis* (D & B.) de Mérida, Venezuela, gentilmente cedido para estudo por C. M. Bogert, do American Museum of Natural History, a quem devo inúmeras gentilezas semelhantes, difere tanto de *varius* quanto de *fuscus* pela forma do focinho, que é achatado, não mostrando o curto e rombo porém nítido canto rostral, e pelo colorido, que é uniforme no dorso do exemplar em questão e bastante característico na face ventral (Prancha 1, fig. 4). A distribuição de *albogularis* não é muito clara, mas parece que a espécie é indubitavelmente encontrada na costa norte da América do Sul e ilhas adjacentes.

CONCLUSÃO

Os elementos disponíveis só permitem uma conclusão provisória e, por isso mesmo, conservadora. Tal conclusão é que deve ser conservado o nome *Gonatodes varius* (Auguste Duméril, 1856), até que se conheçam melhor a sistemática e distribuição dos *Gonatodes* de grânulos dorsais grosseiros, que se tenha mais material da zona norte do continente sul americano e que se confirme Caiena como localidade tipo de *G. varius*.

Infelizmente, esse tipo de conclusão é dos mais comuns em herpetologia sul americana.

SÔBRE A DETERMINAÇÃO DE *GONATODES CONCINNATUS*

Os dois exemplares de *Gonatodes concinnatus* que me serviram de base para as comparações feitas acima chegaram-me às mãos como *Gonatodes caudiscutatus* (Günther) e como tal alistados na literatura (Burt & Burt, 1931). Acho, portanto, indispensável explicar porque difiro de Burt e deixar bem claro a que se refere o nome *concinatus* quando empregado neste trabalho.

HISTÓRICO

Em 1881 O'Shaughnessy descreveu e figurou duas espécies de lagartos coletados por Buckley no Equador: *Goniodactylus concinnatus* (localidade tipo Canelos) e *G. buckleyi* (Canelos e Pallatanga). Boulenger (1885), revendo os tipos, verificou que as diferenças entre as duas espécies eram mera expressão do dimorfismo sexual de uma mesma forma, selecionando o nome *concinatus* (que tinha precedência de página), originalmente aplicado aos machos.

Gymnodactylus caudiscutatus Günther, 1859, foi baseado em exemplares de ambos os sexos, procedentes da Cordilheira Ocidental do Equador (Palmer leg.). Também no Catálogo, Boulenger redescreveu esta espécie, figurando, além disso, ambos os sexos.

Transcrevo as descrições de Boulenger, baseadas no material tipo.

Gonatodes caudiscutatus, Boulenger, 1885: 61. Pl. 5: 2, 2.^a

"Head considerably more depressed than in *G. albogularis*; snout a little longer. In the males the supraocular spine-like scales are much developed, and the subcaudal shields very broad. Males dark grey on the back and limbs, with light blue, black-edged spots; a more or less distinct larger ocellus above axilla; head white above, with reticulated black lines, one from the eye towards the snout being very constant; chin, throat, and breast white, uniform or with a few black specks; belly grey or blackish. Female grey-brown above, with darker spots symmetrically arranged in pairs on the back and tail: lower surfaces a little lighter, the throat with brown reticulation."... "Ecuador and Colombia".

Boulenger contava com os tipos (4♂ ♀) e mais 2 ♂ ♂ do Panamá. A descrição original de Günther (1859: 410) junta mais alguns detalhes de escutelação, pouco significantes, porém, no presente contexto, a não ser a menção de que "the lower median labial shield... has a pair of small shields behind".

Gonatodes concinnatus, Boulenger, 1885: 61-62.

"The snout is a little longer and more pointed than in *G. albogularis*; the digits are slightly depressed at the base, as in *G. humeralis*; the anterior chin-shields are very small, and can hardly be termed such. Males: head and fore part of body above and below as far as the shoulder, and including the fore limb, pale brown or yellowish, abruptly terminated by two vertical humeral bands, sometimes meeting above and forming a regular collar of pure white with black borders; the rest of the body with the hind limb blue, with black vermiculations complicately interwoven; tail darker, with the variegations continued; inferior surface from chest blue, paler again at the hind limb and anal region. Females: ground-color greyish brown; head variegated with black; back with two parallel longitudinal rows of black blotches, pointed in front and separated by the median line; a narrow white vertical streak on the shoulder; gular region, from the chin to the chest, with alternating black and white oblique stripes converging behind, and making a triangular pattern."... "Ecuador".

Boulenger tinha em mãos apenas a série tipo. A descrição original de O'Shaughnessy, acompanhada de boas figuras (1881, pl. 23: 2, 3) junta, no caso da fêmea, que nos interessa, que a cauda tem escamas largas na face ventral.

A julgar por êsses dados da literatura, pode-se vêr que as fêmeas de *concinnatus* e *caudiscutatus* diferem nos seguintes pontos:

1. Presença de acúleos superciliares em *caudiscutatus*, embora menos desenvolvidos que nos machos, e ausentes em *concinnatus*.

2. Dígito ligeiramente deprimido na base em *concinnatus* e não em *caudiscutatus* (detalhe não citado na descrição de Boulenger, mas incluído em sua chave para as espécies do gênero).

3. Desde que Boulenger não se refere às gulares anteriores de *caudiscutatus* é de crer que sejam aproximadamente normais para o gênero, ao passo que as de *concinatus* são ditas quase indiferenciadas. No entanto, convem lembrar que Günther assinala o tamanho pequeno das post-sinfisais (= gulares anteriores) de *concinatus*.

4. O colorido fundamental do dorso parece ser mais ou menos o mesmo nas duas formas. Nota-se contudo a presença de duas faixas verticais brancas na região escapular de *concinatus*, estendendo-se para a linha mediana.

5. Ambas espécies apresentam manchas dorsais simétricas. Comparando as figuras dos tipos, verifica-se que as manchas de *concinatus* são bastante mais densas e marcadas.

6. As partes ventrais de *concinatus* são aparentemente immaculadas, com chevrons delicados na garganta e peito. As superfícies correspondentes de *caudiscutatus* são ditas mais claras que o dorso (portanto amareladas pálidas) com reticulações castanhas na garganta.

DESCRIÇÃO DOS EXEMPLARES EM DISCUSSÃO

(Pranchas 1, fig. 3, e 3, figs. 1-3)

Trata-se de uma fêmea adulta (AMNH 35292, agora DZ 2146) de comprimento corporal (focinho-fenda anal) 40 mm, côto de cauda 13 mm; e de um macho jovem (AMNH 35293, agora DZ 2145), comprimento corporal 34 mm, cauda regenerada 24 mm. Ambos procedentes de Villavicencio, Colombia, colecionados pelo Hno. Nicéforo Maria.

Rostral alta e larga, chanfrada no meio da borda superior e entalhada nos seus $\frac{2}{3}$ superiores. Narina entre a rostral, 3 post-nasais pequenas e uma supra-nasal grande, entumescida, formando um curto canto rostral. Grânulos do focinho grosseiros, diminuindo para a frente, vértex e nuca. Supra-labiais 6, decrescentes, atingindo a última o nível do meio do olho. Rima bucal daí para trás revestida de grânulos, sigmoide. Grânulos temporais semelhantes aos do vértex. Ouvido pequeno, de orla simples. Supercílio da ♀ com 4 5 grânulos aculeados, do ♂ jovem com 2-3 fracamente desenvolvidos à esquerda e quase liso à direita. Infra-labiais 5, decrescentes, alcançando o nível da última supra-labial. Sinfisal grande, indentada atrás (na ♀) por 2 post-sinfisais pequenas, redondas, às quais se sucedem escamas redondas, lisas, juxtapostas, desordenadas, que se transformam nos grânulos estreitos e altos da garganta, os quais por sua vez se transformam nas escamas ventrais. No ♂ jovem as post-sinfisais não se diferenciam das demais escamas da região.

Grânulos dorsais quase iguais aos do focinho, altos, grosseiros. Escamas ventrais hexagonais, lisas, imbricadas. Margens do ânus simples.

Superfícies dorsais do braço e mão, ântero-dorsal do ante-braço com escamas grandes, lisas, imbricadas. Restante do membro coberto de grânulos. Dedos ligeiramente achatados na base, em ordem (decrecente) de tamanho 3-4, 5, 2, 1, todos relativamente bem longos para um *Gonatodes*. Lamelas ventrais do 4.º dedo, 19 no ♂, 20 na ♀.

Superfícies ventrais do membro posterior cobertas de escamas semelhantes às ventrais, porém maiores. Restante do membro coberto de grânulos. Artelhos ligeiramente achatados na base, na seguinte ordem: 4, 3, 2-5, 1. Lamelas ventrais do 4.º artelho, 22 na ♀, 23 no ♂.

Grânulos superiores da cauda maiores que os do tronco, mais ou menos alinhados transversalmente, transformando-se nos lados em escamas lisas, das quais as médio-ventrais são dilatadas.

Colorido fundamental do dorso castanho claro, com manchas escuras simétricas separadas na linha mediana, formando faixas mais definidas no ♂ jovem. Uma nítida faixa clara vertical, (Prancha 1, fig. 3), começando sobre a raiz de cada braço e quase atingindo a linha mediana. Na cabeça há vermiculações que não chegam a se condensar em linhas distintas. Os escudos labiais superiores e inferiores são fortemente manchados de negro, menos nas suturas. A garganta da ♀ apresenta curtas linhas laterais castanhas, voltadas para o meio e para trás, não ultrapassando o 1/3 externo da região; no ♂ jovem essas linhas são muito menos distintas. O resto das partes ventrais é imaculado.

DETERMINAÇÃO DE EXEMPLARES

Rememorando as diferenças entre *caudiscutatus* e *concinatus* e conservando a sequência das páginas 125-128, podemos dizer:

1. Acúleos superciliares (presentes só em *caudiscutatus*), presentes na ♀ adulta e evidentes, mas pouco desenvolvidos, em um dos lados do ♂ jovem.

2. Dígitos ligeiramente deprimidos na base, como em *concinatus*.

3. Post-sinfisais diferenciadas na ♀ (como em *caudiscutatus*) e indiferenciadas no ♂ jovem (como em *concinatus*).

4. Colorido das partes dorsais com o colar branco de *concinatus*, muito evidente em ambos os exemplares.

5. Manchas dorsais coincidindo melhor com a figura de *buckleyi* (= *concinatus* ♀) do que com a de *caudiscutatus*.

6. Colorido fundamental semelhante ao de *concinatus*. Padrão gular muito menos marcados que em qualquer das duas espécies, mas mostrando vestígios do tipo *concinatus* (linhas voltadas para trás e para o meio, embora não chegando a formar chevrons).

Verifica-se assim que, dos 6 caracteres diferenciais aplicáveis a fêmeas (e machos jovens), 1 perde seu valor por se apresentarem as duas modalidades contraditórias em dois exemplares da

mesma forma; trata-se do tamanho relativo das post-sinfisais. Dos restantes 5 caracteres, 4 se inclinam decididamente para o lado de *concinatus* (dígitos deprimidos, colorido dorsal, manchas dorsais, padrão de colorido ventral) e 1 para o de *caudiscutatus* (acúleos superciliares).

Este último caráter também se mostra variável, embora me pareça que o material de Boulenger, mais abundante e provavelmente uniforme a este respeito, contribua para dar certo peso a êle. Por outro lado, as diferenças em colorido são marcadas, inequívocas e importantes. É por isso que decidi determinar os exemplares em mãos como *Gonatodes concinnatus* e não *caudiscutatus*.

Tendo pedido ao colega R. Ruibal que examinasse a série de exemplares a que pertenciam os 2 espécimes permutados com o American Museum, êle gentilmente o fez, e veio a concordar com o meu ponto de vista.

Em todo o caso, para que não haja dúvida sobre o conceito a que corresponde o nome *concinatus* neste trabalho, apresento as descrições acima e correspondentes figuras.

O EXEMPLAR DE *GONATODES ALBOGULARIS* AMNH 5283

(Pranchas 1, fig. 4, e 3, fig. 4)

O dito no parágrafo acima para *G. concinnatus* aplica-se exatamente ao espécime de *G. albogularis* utilizado nas comparações com *varius*.

O exemplar em questão pode ser assim descrito:

AMNH 5283, de Mérida, Venezuela, comprimento corporal 37 mm, cauda partida mas conservada junto ao exemplar.

Rostral baixa, não muito larga, levemente chanfrada na margem superior, incisa mas não depressa na linha mediana. Narina limitada pelo rostral, por uma infra-nasal um tanto deslocada para trás, 2 post-nasais e 1 supra-nasal achatada, amplamente separada de sua simétrica. Grânulos do focinho grosseiros, decrescendo para a frente, vértex e nuca. Supra-labiais 6, decrescentes, alcançando o meio do olho. Rima bucal posteriormente revestida de grânulos, curta, de curvatura reduzida. Grânulos temporais iguais aos do vértex. Ouvido pequeno, de orla simples. Infra-labiais 5, a 1.ª enorme, as demais rapidamente decrescentes, igualando o nível das supra-labiais. Sinfisal grande, seguida de uma fileira de 6 gulares anteriores, das quais as 2 medianas (post-sinfisais) maiores. Gulares lisas, achatadas, juxtapostas, transformando-se posteriormente em grânulos.

Grânulos dorsais um tanto menores que os do focinho. Escamas ventrais grandes (iguais a 3-4 grânulos), lisas, ovaladas, imbricadas.

Superfície dorsal do braço e mão, ântero-dorsal do ante-braço revestidas de escamas lisas, imbricadas, maiores que as ventrais. No mais, granulosas. Mãos mutiladas.

Superfície ântero-ventral da coxa e demais ventrais do membro posterior escamosas, nos demais granulosas. Artelhos na seguinte ordem decrescente de tamanho: 4, 3, 2, 5, 1. Lamelas ventrais do 4.º artelho, 20.

Cauda fraturada e aparentemente já tendo sofrido um processo de regeneração. Grânulos dorsais da parte basal mais ou menos alinhados transversalmente, desordenados para trás. Lateralmente êles se transformam em escamas lisas, desordenadas basalmente, mais ordenadas distalmente, onde as médio-ventrais são 2-3 vezes mais largas que as outras.

Colorido dorsal castanho-vináceo uniforme, focinho mais claro, labiais posteriores irregularmente tarjadas. Superfícies ventrais anteriores esbranquiçadas, do meio do abdômen para trás vináceas, com áreas claras na região anal e superfície ventral das coxas. Superfície ventral do membro anterior um pouco mais clara que o abdômen.

COMPARAÇÃO COM A DESCRIÇÃO ORIGINAL

Nos caracteres que podem ser comparados com a descrição original (Duméril & Bibron, 1836: 415-17), nota-se excelente acordo. Tais são a folidose da região nasal, com a característica infra-nasal e supra-nasal achatada, e o colorido das partes ventrais.

Há uma diferença aparente no que diz respeito à primeira fileira de gulares. Duméril & Bibron assinalam 4 escamas nesta fileira, e o presente exemplar tem 6. Verifica-se, porém, que as 2 escamas extremas laterais são desviadas para trás, o que diminui o valor da diferença (Prancha 3, fig. 4).

SUMÁRIO

1. O tipo de *Gymnodactylus varius* Auguste Duméril, 1856, espécie esquecida desde a publicação original, é descrito e ilustrado.
2. A localidade tipo é Caiena, mas não se têm registros posteriores.
3. A espécie deve ser colocada no gênero *Gonatodes*.
4. Das espécies de *Gonatodes* geográficamente próximas, nenhuma pode ser assimilada a *G. varius*.
5. Dentre as demais espécies do gênero disponíveis para comparação, 3 mais se aproximam de *varius*: a) *fuscus* (comparação baseada em 1 exemplar da América Central), extremamente parecido; b) *concinatus* (comparação baseada em 2 exemplares de Villavicencio) e c) *albogularis* (1 exemplar de Mérida).
6. Conclui-se que o nome deve ser mantido até que se conheça melhor o gênero em geral, que se tenha mais material da costa norte da América do Sul e que se torne certo que a localidade tipo "Caiena" é correta.
7. Visto os exemplares de *concinatus* utilizados terem sido anteriormente identificados (em trabalho publicado) como *caudiscutatus*, são êles descritos e ilustrados, e a determinação discutida.
8. O exemplar de *albogularis* é também descrito e ilustrado.

AGRADECIMENTOS

Apresento meus melhores agradecimentos ao dr. Jean Guibé, do Museu de Paris, e ao dr. Charles M. Bogert, do American Museum of Natural History, por terem cedido por empréstimo exemplares preciosos. Ao colega R. Ruibal, de New York, por ter examinado a meu pedido o material de Burt de *G. caudiscutatus*. À John Simon Guggenheim Memorial Foundation, por ter auxiliado generosamente grande parte de minhas pesquisas sobre lagartos sul americanos.

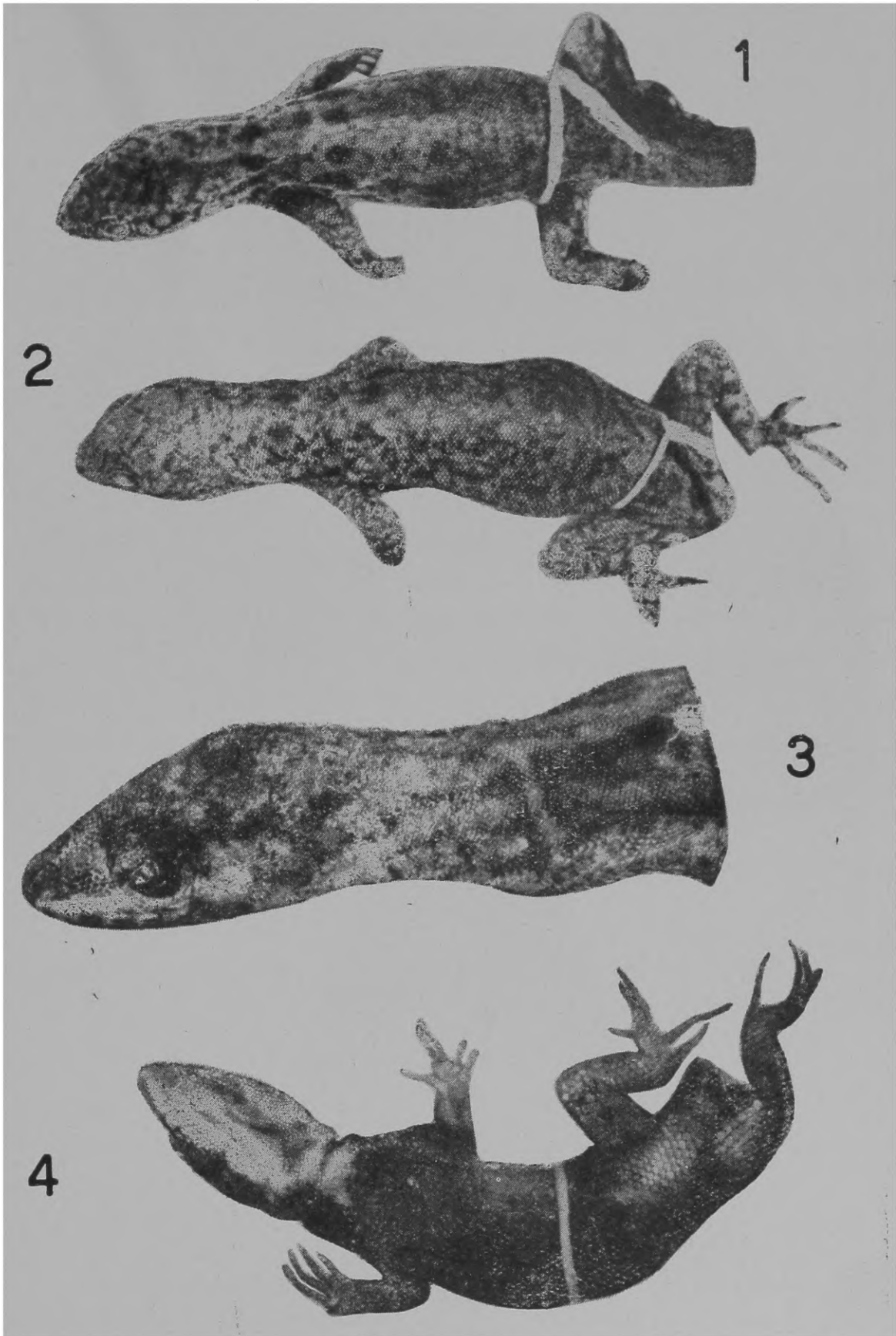
A B S T R A C T

1. The type specimen of *Gymnodactylus varius* Auguste Duméril, 1856, species described in 1856 and since then entirely neglected, is described and figured.
2. The type locality is Cayenne, but no further records are known to me.
3. A species should be placed in the genus *Gonatodes*.
4. No species of *Gonatodes* known from adjacent regions can be identified with *varius* with basis on presently available materials.
5. Among the species of *Gonatodes* available for comparison, 3 should deserve special attention: a) *fuscus* (1 specimen from Central America), very similar; b) *concinatus* (2 specimens from Villavicencio) and c) *albogularis* (1 specimen from Mérida).
6. The name *varius* should be maintained until more is known about the genus in general, more material is available from the northern coast of South America, and the locality "Cayenne" is confirmed.
7. Since the specimens of *concinatus* used for comparison have been previously published as being *caudiscutatus*, they are described and figured, and the identification discussed.
8. The specimen of *albogularis* is also described and figured.

BIBLIOGRAFIA

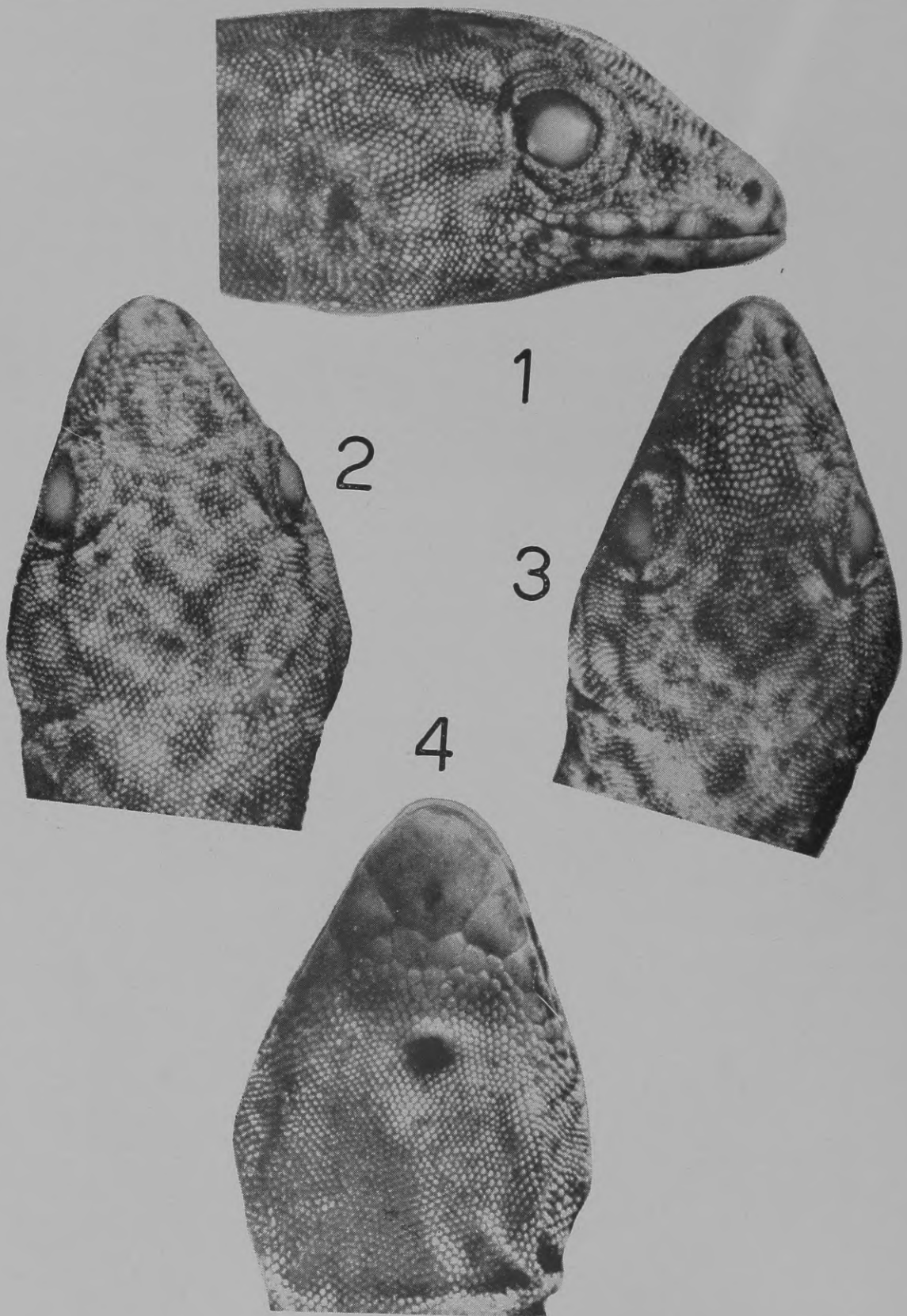
- BEEBE, W. — 1944 — Field Notes on the Lizards of Kartabo, British Guiana, and Caripito, Venezuela. Part 1. Gekkonidae. *Zoologia* 29: 145-159. pls. 1-6.
- BOULENGER, G. A. — 1885 — Catalogue of the Lizards of the British Museum (Natural History). Vol. 1.
- BURT, C. E. & M. D. BURT — 1931 — South American Lizards in the collection of the American Museum of Natural History. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* 61: 227-395.
- DUMÉRIL, A. M. & G. BIBRON — 1836 — *Erpétologie Générale ou Histoire Naturelle Complète des Reptiles*. Vol. 3.

- DUMÉRIL, AUG. — 1856 — Description des Reptiles nouveaux ou imparfaitement connus de la collection du Muséum d'Histoire Naturelle et remarques sur la classification et les caractères des Reptiles. Deuxième Mémoire, Troisième, quatrième et cinquième familles de l'Ordre des Sauriens (Geckotiens, Varaniens et Iguaniens). Arch. Mus. Hist. Nat. Paris 8: 437-588.
- GÜNTHER, A. — 1859 — Second List of Coldblooded Vertebrata collected by Mr. Fraser in the Andes of Western Ecuador. Proc. Zool. Soc. London 27: 402-420, pl. 20.
- VAN LIDTH DE JEUDE, TH. W. — 1904 — Reptiles and Batrachians from Surinam. Notes from the Leyden Museum 25: 83-94, pl. 7.
- NOBLE, G. K. — 1923 — New Lizards from the Tropical Research Station, British Guiana. Zoologica 3: 301-03.
- O'SHAUGHNESSY, A. W. E. — 1881 — An Account of the Collection of Lizards made by Mr. Buckley in Ecuador and now in the British Museum, with Descriptions of the new Species. Proc. Zool. Soc. London 1881: 227-245. pls. 22-25.
- PARKER, H. W. — 1935 — The Frogs, Lizards and Snakes of British Guiana. Proc. Zool. Soc. London 1935: 505-530.



PRANCHA 1

- 1 - *Gonatodes varius*, tipo; 2 - *Gonatodes fuscus*, DZ 776, America Central;
3 - *Gonatodes concinnatus*, DZ 2146, fêmea, Villavicencio, Colombia. Note-se a
faixa vertical clara; 4 - *Gonatodes albogularis*, AMNH 5283, Mérida, Venezuela.
Note-se o típico colorido abdominal.



PRANCHA 2

Gonatodes varius tipo.

1 - Vista lateral da cabeça; 2 - lado dorsal da cabeça, lente paralela ao plano do vértex; 3 - lado dorsal da cabeça, lente paralela ao plano do focinho; 4 - lado ventral da cabeça.



PRANCHA 3

1, 2 - *Gonatodes concinnatus*, DZ 2146, fêmea, Villavicencio, Colombia; 3 - *Gonatodes concinnatus*, DZ 2145, macho jovem, mesma localidade. Note-se o tamanho pequeno e variável das post-sinfisais; 4 - *Gonatodes albogularis*, AMNH 5283, Mérida, Venezuela.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

O GÊNERO *MYOXOMORPHA* WHITE, 1855, E DESCRIÇÃO DE UMA NOVA ESPÉCIE

POR

ALBERTO F. PROSEN e FREDERICO LANE

Até aqui todos os autores, com exceção de Neave, têm atribuído a Bates a autoria deste gênero. Acontece que White, embora não o caracterizasse, incluiu nele *Myoxomorpha funesta* (Erichs., 1848), validando assim o nome.

Myoxomorpha White, 1885

Myoxomorpha White, Cat. Col. Ins. Brit. Mus., 8: 355; Bates, 1861, Long. Col. Amaz. Valley, Ann. Mag. Nat. Hist., (3) 8: 151-152; Thomson, 1864, Syst. Ceramb.: 17, 350 (chave); Thomson, 1868, Physis, 2 (6): 147; Lacordaire, 1872, Gen. Col., 9 (2): 737 (chave), 745-746; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10: 3143; Aurivillius, 1912, in Junk et Schenkling, Col. Cat., 23 (pars 74): 380; Neave, 1940, Nomenclator Zoologicus, 3 (M-P): 245; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., etc., U. S. Nat. Mus., Bull. 185 (4): 609.

Não obstante ter sido *funesta* a única espécie válida incluída por White em *Myoxomorpha* e, portanto, o tipo do gênero, ainda foi esta mesma espécie, posteriormente, designada como tipo por Thomson, em 1864.

O gênero inclui até o presente duas espécies, das quais possui o Departamento de Zoologia bom número de exemplares. Os mais antigos foram identificados por E. Gounelle, os restantes por J. Melzer e F. Lane. Uma terceira espécie, *Myoxomorpha pereirai*, sp. n., encontra-se descrita mais adiante.

Myoxomorpha funesta (Erichson, 1848)

Acanthoderes funesta Erichs., 1848, in Schomb. Reise, 3: 573.

Myoxomorpha funesta (Erichson, 1848) - White, 1855, Cat. Col. Ins. Brit. Mus., 8: 355; Bates, 1861, Ann. Mag. Nat. Hist., (3) 8: 152; Thomson,

1864, Syst. Ceramb.: 17; Lacordaire, 1872, Gen. Col., 9 (2): 746, nota 4; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10: 3143; Aurivillius, 1912, in Junk et Schenkling, Col. Cat., 23 (pars 74): 380; Blackwelder, 1946, Checklist, etc., U. S. Nat. Mus., Bull., 185 (4): 609.

A diagnose original de *funesta* ⁽¹⁾, e as descrições de Bates e de Lacordaire são omissas em relação aos ápices dos élitros, de modo que resta como caráter distintivo a pontuação, mais ou menos cerrada, restrita à parte basal dos élitros, para separar esta espécie da que Lacordaire descreveu sob o nome de *vidua* e que possui os élitros totalmente pontuados. Os exemplares mais característicos de *funesta* apresentam os ápices dos élitros apenas angulosos nos cantos externos, ou quando muito formando um pequeno dente. Nas coleções do Departamento de Zoologia, um exemplar proveniente do Amazonas (Rio Juruá) e determinado por Gounelle, corresponde bem à diagnose de Erichson e apresenta os ápices apenas angulosos. Outro exemplar de Santa Catarina (Col. Hansa Blum.), determinado também por Gounelle como *funesta*, corresponde mais à descrição de *vidua*, levando-se em conta a pontuação extensa dos élitros. Os ápices são apenas agudos externamente, caráter que talvez tenha pesado mais no julgamento de Gounelle. Mais três exemplares de Mato Grosso (Salobra), identificados por F. Lane, completam a série. Apresentam os élitros uniformemente pontuados na base, tornando-se a pontuação cada vez mais esparsa em direção aos ápices. Nas manchas cinéreas dos élitros aparecem estas pontuações esparsas aureoladas, formando pequenos pontos castanhos. Os ápices são truncados e angulosos externamente. Dois destes exemplares são ♀♀ e o terceiro ♂. Este, se bem que não apresente o dimorfismo sexual que se nota em *Dryoctenes*, mostra os tarsos anteriores bem mais largos que os da ♀, e também mais ciliados.

***Myoxomorpha vidua* Lacordaire, 1872**

Myoxomorpha vidua Lacordaire, 1872, Gen. Col., 9 (2): 746, nota 4; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10: 3143; Aurivillius, 1912, in Junk et Schenkling, Col. Cat., 23 (pars 74): 380; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull. 185 (4): 609.

(1) "*A. funesta* Erichs. nov. spec.

Von länglicher Form, weisslichgrau, des Halsschild aus jeder Seite der Länge nach schwarz; die Flügeldecken von der Wurzel bis zur Mitte geschwärzt, tief oushirt, dann weissgrau, schwarz punktirt, mit einen schwarzen, fust bis zur naht reichenden Seitenfleck hinter der Mitte, und einen andern kleinen neben der gerade abgeschnittenen Spitze. Die Beine schwarz mit weissgrauen Fussen. Die Fühler am Grunde der einzelnen Glieder, vom dritten an, grau gerisgelt. — Länge 10".

Lebt in der Umgebung des Roraima-Gebirges auf Sträuchern. Schomb."

Desta espécie possui o Departamento de Zoologia uma série de 32 exemplares que, de um modo geral, apresentam os élitros totalmente pontuados e os ápices com pequeno espículo no canto externo. Todavia, a variabilidade é muito acentuada. A pontuação é ora mais, ora menos cerrada, por vezes mais esparsa em direção aos ápices, se bem que não tão esparsa como em *funesta* e nem apresentando o aspeto de pontos aureolados de castanho. Os ápices apresentam os espículos ora mais, ora menos acentuados e, em alguns exemplares, quase obsoletos. A distribuição e o contorno das manchas branco-cinéreas dos élitros raramente se repete, sendo ora mais definida a ornamentação, ora mais difusa e irregular essa côr clara no fundo escuro. Um exemplar de Minas Gerais, Lavras, colecionado em 1919 por F. Lane e identificado por J. Melder, apresenta um aspeto de colorido que levaria especialistas menos avisados a descrevê-lo como espécie nova. Apresenta também os cantos externos dos ápices elitrais apenas angulosos, sem espículos.

Quanto ao tamanho, a variação é também interessante, abrangendo desde um pequeno exemplar de 11,5 mm até o maior espécime com 22 mm. Nenhum dos exemplares atinge o comprimento de 24 mm que consta da diagnose original de Lacordaire.

A localidade típica da espécie é, segundo Lacordaire, apenas Brasil. Os exemplares da coleção do Departamento de Zoologia são provenientes das seguintes localidades brasileiras: Estado do Amazonas, Mojú; Estado de Mato Grosso, Salobra; Estado de Goiás, Leopoldo Bulhões e Jaraguá; Estado de Minas Gerais, Lavras, Pouso Alegre e Irará; Estado de São Paulo, Franca, Rio Claro, Batatais, Amparo, Monte Alegre, Campos do Jordão e Capital (Ipiranga). Considerando como *vidua* o exemplar de Santa Catarina, identificado como *funesta* por Gounelle, seria êste o limite setentrional da espécie, até agora verificado.

Em Rio Claro, segundo informes do Rev. Pe. Francisco S. Pereira, a espécie ocorre durante os meses de outubro a dezembro em açoita-cavalo (*Luhea* sp.).

Myoxomorpha vidua, pela sua extrema variabilidade, chega a aproximar-se tanto de *M. funesta* que, em alguns casos, é difícil uma identificação segura. Todavia, os autores não julgam prudente fundir as duas espécies sem um exame minucioso e diante de séries numerosas de exemplares. O dimorfismo sexual não responde por essas diferenças, porquanto ocorrem ♂ ♂ e ♀ ♀ nos dois lotes estudados, *vidua* e *funesta*.

***Myoxomorpha pereirai*, sp. n.**

♀ - Negra, no lado superior revestida de fina e densa pubescência negra, entremeada de ornatos de pilosidade pardacentas, ou branco-pardacentas, dispostos da seguinte maneira: na cabeça, irregularmente, no bordo clipeal, bordos externos da fronte, base superior dos tubérculos das antenas e entre os lobos superiores dos olhos, além de duas pequenas pintas, uma de cada lado, acima dos olhos e junto ao bordo do pronoto; lados e parte inferior da cabeça lisos; no pronoto, uma faixa dupla, longitudinal, separada ao meio pela carena mediana e atingindo a base interna dos tubérculos pronotais; escutelo com apenas levíssima pilosidade parda na base; élitros, de cada lado, com uma mancha muito irregular, em sentido mais ou menos oblíquo, da margem externa à sutura, e salpicada de pequenas manchas negras; dessa mancha sai um prolongamento muito tênue e falhado entre os úmeros e as cristas basais; na base das cristas e acima das manchas irregulares descritas, uma pequena mancha semilunar, contígua com a do outro élitro, e com a convexidade voltada para o lado do escutelo; outra faixa muito irregular, e também salpicada de negro, atravessa o tórax apical, tendo como limite distal a queda elitral; a região apical propriamente apresenta pequenas manchas muito irregulares e apagadas; os frisos suturais, desde as manchas semilunares até os ápices, são irregularmente, e sem conexão, manchadas de pardo. Lado inferior revestido de pilosidade mais longa e sedosa, de cor acinzentada, com exceção do último segmento abdominal, que é negro. Pernas acinzentadas até o quarto apical dos fêmures; nas tíbias com um anel mediano irregular e estreita faixa nos ápices das tíbias medias e posteriores; as anteriores com o ápice negro; tarsos com o artícolo basal cinzento, os anteriores apenas em pequena extensão; o artícolo distal, com exceção da parte basal estreitada, cinzento; as partes não especificadas como cinzentas, de cor negra; as sólas dos tarsos pardacentas.

Cabeça com a fronte esparsa mas grossamente pontuada, com umas poucas pontuações entre os tubérculos das antenas e os lobos superiores dos olhos; os tubérculos das antenas não proeminentes nos ápices. Antenas com cerca do comprimento do corpo, com o escapo claviforme, de base estreitada, atingindo cerca do meio do pronoto; o segundo artícolo anelar, bastante longo, cerca da metade do comprimento do 5.º artícolo, o ápice nodoso; os artículos seguintes cilíndricos, finos, levemente achatados, o 3.º muito longo, maior em comprimento que o escapo e o 2.º artícolo em conjunto; o 4.º com 3/5 partes do comprimento do 3.º; o 5.º com a metade do comprimento do 3.º; 6-11 gradualmente decrescentes.

Protorax com um tubérculo agudo de cada lado; no disco do pronoto com duas áreas deprimidas, centrais, separadas por uma

carena longitudinal mediana e bem marcada, que se estende do bordo anterior do pronoto até cerca de $2/3$ para trás, até uma pequena elevação transversal, curva, que dá ao conjunto uma forma de âncora; de cada lado dessas depressões, com um robusto tubérculo, que para o lado anterior ainda se destaca em pequena proeminência romba. As pontuações no protorax são grossas e esparsas nas depressões do pronoto e em série junto aos bordos anterior e posterior, adensando-se bastante junto ao canto ínfero-anterior do protorax, em parte ao redor do tubérculo lateral, em sua base ântero-inferior; prosterno sem pontuação.

Escutelo amplo, levemente estreitado em direção ao ápice, êste bilobado.

Élitros quase cinco vezes o comprimento do pronoto, largos, abaulados, com os úmeros salientes, arredondados; para os ápices gradualmente estreitados; na base entre a sutura e os úmeros com uma crista espessa, prolongada depois em *costela* até a queda elital; com indício de uma segunda *costela*, mais externa; tôda a base dos élitros salpicada de pontuações grossas encimadas de pequenos tubérculos; da base para os ápices, os tubérculos vão desaparecendo, restando apenas as pontuações esparsas; os ápices chanfrados em meia lua, com os cantos internos apenas arredondados, os externos com espículo saliente.

Cavidades coxais anteriores fechadas, angulosas externamente; cavidades médias abertas. Processo prosternal arqueado, relativamente largo, com um friso espesso e elevado nos bordos, de lados paralelos entre as coxas, no ápice prolongado em ponta de cada lado, o bordo um tanto sinuoso e espessado no meio. Processo mesosternal um pouco mais largo, de bordos espessos, lados paralelos, no meio, entre as coxas, elevado em forte espessamento longitudinal, o ápice um nada mais largo e truncado reto. Metasterno amplo, transversal; metaepisternos largos, cuteliformes, a base um tanto larga, mas logo depois mais estreitados, o ápice pouco agudo.

Pernas com os fêmures anteriores adelgaçados no têrço basal e fortemente engrossados nos $2/3$ distais; um nada mais curtos que as respectivas tíbias; fêmures médios e posteriores um pouco mais longos, subiguais às respectivas tíbias, na base mais estreitados e levemente curvos, acompanhando a convexidade do corpo, clavados na metade distal; tíbias anteriores um tanto entortadas, fortemente sulcadas nos $2/3$ apicais, mediocrementemente expandidas para o ápice; tíbias médias e posteriores mais lineares e retas, suavemente alargadas para o ápice, as médias com sulco dorsal aquém do ápice; tarsos longos, os anteriores um nada mais curtos que os médios e os posteriores, o primeiro segmento com cêrca do comprimento de 2-3 em conjunto, o 3.º profundamente bilobado, o 4.º

estreito na base e gradualmente engrossado para o ápice; garras tarsais finas, agudas e recurvas.

♂ - Difere da ♀ pelas antenas um pouco mais longas em relação ao comprimento do corpo (nas ♀ ♀ as antenas são um pouco mais curtas ou quando muito cêrca do comprimento do corpo); pelos tarsos anteriores bem mais largos e ciliados, sem que este caráter se apresente tão acentuado como no gênero *Steirastoma*; o abdômen com o último segmento mais largo e menos convexo. Num dos dois exemplares dêste sexo o último segmento é recortado no ápice; no outro o recorte é menos acentuado, dando ao ápice mais o aspeto de chanfrado reto. Nas ♀ ♀ o último segmento é fortemente estreitado para o ápice e curtamente recortado, além de ser fortemente convexo, formando como que um meio cartucho.

MATERIAL ESTUDADO

HOLOTIPO ♀ — Estado de São Paulo, Batatais, X-1947, Pe. F. S. Pereira col. — Comp. 25,25 mm, larg. úmeral, 10 mm. Na coleção Prosen.

ALOTIPO ♂ — Estado de Goiaz, Leopoldo Bulhões, X-1935, R. Spitz col. — Comp. 19,5 mm, larg. úmeral, 8 mm. Na coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, sob o n.º 22.832 (Insecta).

PARATIPO ♂ — Estado de Goiaz, R. Spitz col. — Comp. 24 mm, larg. úmeral, 9,5 mm. Na coleção do Departamento de Zoologia, sob o n.º 22.833.

PARATIPO ♀ — Estado de Goiaz, Leopoldo Bulhões, XI-1937, R. Spitz col. — Comp. 25,75 mm, larg. úmeral 11 mm. Na coleção do Departamento de Zoologia sob o n.º 22.834.

PARATIPO ♀ — Com as mesmas indicações do exemplar anterior. Comp. 24,5 mm, larg. úmeral, 9,5 mm. Na coleção do Departamento de Zoologia, sob o n.º 22.835.

PARATIPO ♀ — Estado de Goiaz, Bananeiras, X-1938 (Ex-col. J. Guerin, n.º 8595). Comp. 24,5 mm, larg. úmeral 10 mm. Na coleção entomológica do Instituto Biológico de São Paulo.

Como se vê pela relação dos exemplares estudados, o comprimento varia de 19,5 a 25,75 mm e a largura úmeral de 8 a 11 mm. A coloração esbranquiçada da cabeça, pronoto e élitros é pardacenta em alguns exemplares, como por exemplo no holotipo, e mais clara em outros, tomando quase a tonalidade de um creme-pardacento.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA — Esta espécie é perfeitamente distinta de *M. funesta* e *M. vidua*. Além de muito mais robusta e de

apresentar o colorido claro dos élitros mais perfeitamente separado em duas faixas, uma post-basal e outra ante-apical, ainda difere: pelo colorido negro-pardacento do último segmento do abdomen; pela forma bilobada do ápice do escutelo (uniformemente arredondado naquelas espécies); pelas elevações basais dos élitros bem marcadas e de pontuação tuberculiforme; pela pontuação elitral muito mais esparsa; pelas carenas longitudinais dos élitros bem marcadas e pelo recorte semilunar dos ápices e um maior desenvolvimento do espículo externo.

Os autores têm o grato prazer de dedicar esta espécie ao distinto amigo e destacado entomologista Rev. Pe. Francisco S. Pereira, CMF.

A B S T R A C T

The authors discuss the species of *Myoxomorpha* White, 1855, and describe a third species of this genus, from the Brazilian States of São Paulo and Goiaz, under the name of *Myoxomorpha pereirai*, n. sp.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

NOVOS GÊNEROS E ESPÉCIES DE COLEOPTERA LYMEXYLONIDAE E NOTAS SÔBRE *MELITTOMMA* MURRAY, 1867

POR

FREDERICO LANE

Murray criou o gênero *Melittomma* para espécies discrepantes de *Hylecoetus* Latreille, 1806, citando o fato de que Lacordaire, 1857 ⁽¹⁾, já havia sugerido a necessidade de separar do gênero *Hylecoetus brasiliensis* e o *H. cylindricus* do catalogo de Dejean, ambas indescritas na ocasião.

Melittomma é válido em relação a *Melitoma* Lepeletier et Serville, 1825 (Hymenoptera), por serem ambos de formação e significado diversos e não incidirem, portanto, no que estatui a opinião 147, 1 - inciso d, da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica.

Melittomma Murray, 1867

Melittomma Murray, 1867, Ann. Mag. Nat. Hist. (3) 20: 314-315; Gorham, 1881, Biol. Centr.-Amer., Ins. Col., 3 (2): 110-111; Fairmaire, 1891, Ann. Soc. Ent. France, 60: 246; Germer, 1912, Zeitschr. wiss. Zool., 101: 721; Schenkling, 1914, Ent. Mitteil., 3 (10-12): 320; Schenkling, 1915, Col. Cat. Junk et Schenkling, 10 (pars 64): 9; Blackwelder, Checklist Col. Ins., etc., U. S. Nat. Mus. Bull. 185 (3): 408.

(1) Diz Lacordaire, p. 503, comentando *Hyloecetus* (sic): "Le genre comprend en outre trois espèces de l'Amérique du Nord et de Java ⁽¹⁾; mais la formule qui précède en exclut quelques espèces inédites du Brésil ⁽²⁾ qu'on y comprend, à tort, dans les collections."

"(2) J'entends parler des *Hyl. brasiliensis* et *cylindricus* Dejean (Cat. éd. 3, p. 128). Tous deux ayant les yeux énormes et fortement granulés des *Atractocerus* (ils sont contigus sur le front chez les mâles, un peu séparés chez les femelles), réunis au prothorax allongé des *Lymexylon*, ne sauraient rester parmi les *Hyloecetus*. Ils forment manifestement un genre intermédiaire entre ces derniers et les *Atractocerus*."

Os principais caracteres diferenciais apontados por Murray para caracterizar *Melittomma* são: antenas fortemente imbricadas no ♂ e subserradas na ♀; ausência de ocelo na cabeça e olhos muito grandes, cobrindo os lados da cabeça e contíguos na fronte (*Hylecoetus* apresenta ocelo e olhos pequenos, redondos, situados lateralmente na cabeça); o epístoma com uma projeção central e uma de cada lado acima da inserção das antenas (em *Hylecoetus* a margem do epístoma é reta); a parte posterior da cabeça é constricta, formando um pescoço; o torax é mais longo que largo; o primeiro artículo dos tarsos mais longo que em *Hylecoetus*; abdômem com cinco segmentos; coxas muito longas, cônicas e projetadas, as do par anterior quase tão longas quanto os fêmures. Quanto ao tipo do gênero, Murray afirma claramente que: "The type of this genus is the *Hylocoetus brasiliensis* of Castelnau". Descreve logo a seguir (pp. 316-317) uma espécie africana do Gabão, sob o nome de *M. castaneum*.

Gorham (1881) confirma a validade genérica de *Melittomma* (nome que grafa com um só *t*), mas acrescenta que "It is not very clear, however, whether the characters of his genus were taken from the Brazilian species or from the insect described by him as *M. castaneum* from Old Calabar; nor do I feel at all sure that, if such a species exists, it is distinct from the American insect. The Lymexylonidae of Mr. Murray's collection were purchased by me; but although I find specimens of what I refer to *H. brasiliensis*, there is no type of *M. castaneum* among them. A species, however, which appears identical with Mr. Murray's is in the collection from Siam, Laos, Celebes, and the Andaman Islands; and what is very remarkable is that there is really no specific difference between these beetles and the species sent from Central America".

O que escreve Murray, com certa ambiguidade, parece indicar ter êle tomado, para a caracterização genérica de *Melittomma*, os caracteres do ♂ de *M. brasiliense*, porquanto o unico exemplar que serviu para a descrição de *M. castaneum* era uma ♀. Diz Murray (p. 317), referindo-se a *M. castaneum*: "Only a female specimen received. The above description therefore applies only to the female; but, as it is almost identical with *M. brasiliense*, I have taken the characters of the male specified in the characters of the genus from one of that species".

Gorham coloca *castaneum* na sinonímia de *brasiliense* (p. 110) e dá a seguinte distribuição geográfica para a espécie: Mexico, Guatemala, Nicaragua, Brasil, Celebes, Africa Ocidental, Ilhas Andaman, Sião (p. 111) e adiante acrescenta o Panamá (p. 313). Tornando a afirmar que o tipo de *castaneum* nunca fôra examinado por êle, Gorham esclarece que a única diferença entre essa espécie e

brasiliense é que naquela forma o colorido é mais fortemente castanho ou ferrugíneo avermelhado, mas que, ainda assim, num exemplar de El Raposo (Guatemala) os élitros são mais escuros e mais lisos do que nos outros espécimens americanos. Comenta o maior tamanho das ♀ ♀ em relação aos ♂ ♂ entre os exemplares da forma oriental. Diz não ter encontrado entre os exemplares da América Central e do Sul exemplares ♂ ♂, com exceção de um de Santa Catarina que apresenta, como as formas do Amazonas e do Perú, margens pretas no torax e nos élitros. Mas não considera essas formas como espécies diferentes e, portanto, nenhuma razão têm para supor que os machos do México ou da Guatemala sejam diferentes.

Fairmaire, 1891, considera *M. castaneum* Murray como sinônimo de *Hylecoetus africanus* Thomson, 1858, e faz uma certa confusão quanto à origem do gênero. Diz êle que "Ce genre a été créé pour un Insecte décrit auparavant sous le nom de *Hylecoetus africanus* Th. et que Murray a redécrit sous le nom de *M. castaneum*". O certo é que Murray, como já vimos, designou claramente o *Hylocoetus brasiliensis* Cast. como o tipo de seu novo gênero. Germer, 1912, no entanto, trata *africanum* como espécie válida de *Melittomma* e figura o palpo maxilar do ♂ (p. 722, fig. 23).

No catalogo de coleopteros de Junk et Schenkling, êste último, em 1915, na parte referente aos Lymexylonidae (pars 64), coloca *Melittomma castaneum* na sinonímia de *M. africanum*. Desconsidera, evidentemente, a argumentação de Gorham, pois que inclui êste autor apenas na bibliografia geral da família, sem faze-lo constar nas referências sobre *Melittomma*. A diagnose de Thomson é muito sucinta para permitir um juízo seguro, mas na descrição do colorido, dando a cabeça, as antenas e o protorax como negros, descreve êle, sem dúvida, uma forma extremamente carregada na côr, se considerarmos *castaneum* como sinônimo de *africanum* e ambos como sinônimos de *brasiliense*.

Blackwelder, 1945, p. 408, seguramente estribado em Gorham, inclui como sinônimo de *brasiliense* além do *Hylecoetus angustus* Taschenberg, 1908, pl. 26, fig. 61, o *M. castaneum* Murray. Desconsidera *africanum*, talvez por não considerá-lo coespecífico.

O certo é que as ♀ ♀ de *M. brasiliense*, em relação aos ♂ ♂, são em geral bem maiores; os olhos, embora aproximados na fronte, não são contíguos; as antenas são pectinadas e os palpos maxilares longos, mas simples. Os ♂ ♂, além de menor tamanho, têm os olhos muito aproximados na fronte, realmente holópticos; as antenas são imbricadas e os palpos maxilares dendriformes. Além dessas diferenças, os ♂ ♂ parecem variar também em colorido, apresentando os lados do torax e a parte latero-basal dos élitros escurecidos. Êsse

dimorfismo sexual parece ter levado não poucos autores a descrever como formas novas apenas o sexo oposto de espécies já conhecidas.

Na sinonímia abaixo, de *M. brasiliense*, reuni as referências bibliográficas de cada nome sem levar em conta pequenas discrepâncias ortográficas, sem interêsse no presente trabalho.

Melittomma brasiliense (Castelnau, 1832)

Hylecoetus brasiliensis Laporte ⁽³⁾, 1832, Ann. Soc. Ent. France, 1: 398; Castelnau, 1840, Hist. Nat. Ins. Col., 1: 291; Lacordaire, 1857, Gen. Col., 4: 503, nota 2; Gemminger et Harold, 1869, Cat. Col., 6: 1760.

Melittomma brasiliense: Murray, 1867, Ann. Mag. Nat. Hist., (3) 20: 314-315, 317; Gorham, 1881, Biol. Centr.-Amer., Ins. Col., 3 (2): 110-111, 313, pl. 7, fig. 3; Germer, 1912, Zeitschr. wiss. Zool., 101: 722-723, figs. 21-22; Schenkling, 1915, Col. Cat. Junk et Schenkling, 10 (pars 64): 9; Blackwelder, 1945, Checklist Col. Ins., etc., U. S. Nat. Mus. Bull. 185 (3): 408; Costa Lima, 1953, Insetos do Brasil, 8 (Col. 2): 177, figs. 138-140.

Hylecoetus angustus Taschenb., 1908, in Heyne-Taschenberg, Exot. Käfer: 192, pl. 26, fig. 61.

Melittomma castaneum Murray, 1867, Ann. Mag. Nat. Hist., (3) 20: 316-317, 1 fig.; Fairmaire, 1891, Ann. Soc. Ent. France, 60: 246; Gorham, 1881, Biol. Centr.-Amer., Ins. Col., 3 (2): 110-111; Schenkling, 1915, Col. Cat. Junk et Schenkling, 10 (pars 64): 9; Blackwelder, 1945, Checklist, U. S. Nat. Mus. Bull. 185 (3): 408.

Esta espécie têm sido bastante comentada e figurada, dispensando de momento uma redescrição. Oportuno, no entanto, é salientar algumas das suas principais características, afim de facilitar o confronto com as suas congêneres e, principalmente, com as duas espécies novas descritas mais adiante, para as quais julguei necessário criar um novo gênero de Lymexylonidae.

♀ Cabeça, protorax e escutelo, de um castanho-avermelhado, geralmente mais escuro na cabeça e clareando para a parte posterior do pronoto e para o prosterno; antenas, palpos, meso e metasterno mais claros; élitros de um amarelo côr de palha, um pouco mais escurecidos na região basal e principalmente na queda úmeral, onde podem apresentar um colorido carregado; próximo aos ápices, alguns exemplares mostram em cada élitro uma pequena mancha escurecida; abdomen às vezes totalmente claro, da côr dos élitros, ou mais avermelhado nos últimos segmentos, ou ainda totalmente carregado na côr, nêsse caso de um castanho-avermelhado escuro; o último segmento abdominal apresenta às vezes a margem apical escurecida; o meso e o metasterno às vezes de côr mais carregada;

⁽³⁾ F. L. de Laporte, Comte de Castelnau.

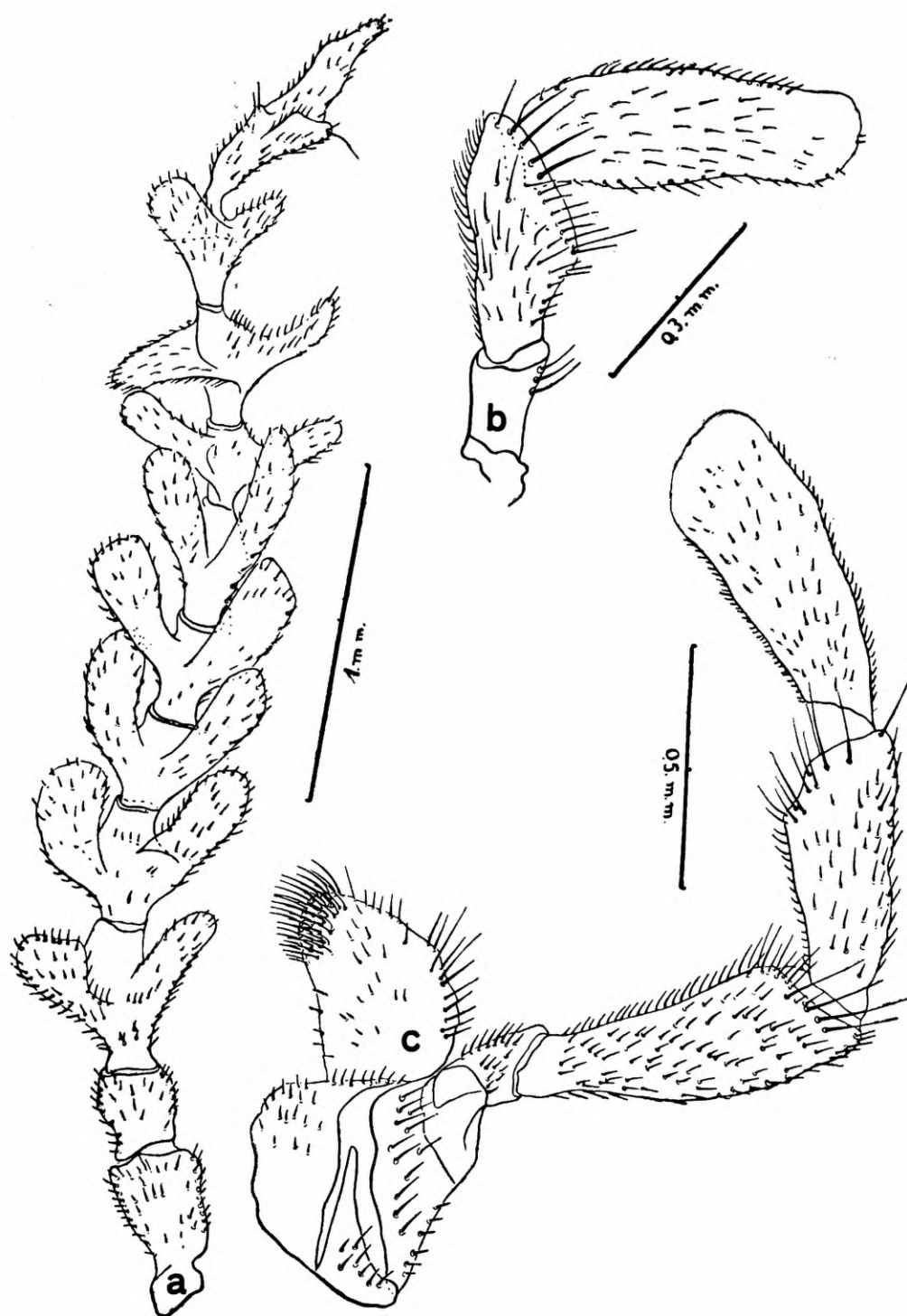


Fig. 1 - *Melittomma brasiliense* (Cast.) ♀ : a, antena; b, palpo labial; c, palpo maxilar.

as pernas ora são inteiramente pálidas, ora acastanhadas, ou ainda com essa côr restrita às coxas, ou aos pares anterior e médio até os fêmures inclusive. O revestimento piloso é de um amarelo pálido.

Palpos labiais (fig. 1-b) com o artículo basal curto e obcônico; o 2.º cêrca de três vezes o comprimento do basal, alargado para o ápice e aí truncado obliquamente; o 3.º com quase uma e meia vezes o comprimento do 2.º, um pouco estreito em pequena extensão na base e com o terço distal também um tanto estreitado, o ápice arredondado. Palpos maxilares (fig. 1-c) bem mais longos que os labiais; com quase $2/3$ do comprimento das antenas, alcançando cêrca do oitavo artículo; o artículo basal curtinho; o 2.º estreitado na base, um pouco mais longo que o 3.º e subigual ao 4.º; 3-4 gradualmente alargados para o ápice; 1-3 truncados obliquamente, o distal um tanto obliquamente arredondado. Antenas (fig. 1-a) de 11 artículos, alcançando cêrca do meio do pronoto; o escapo relativamente curto, obcônico; o 2.º artículo com cêrca da metade do comprimento do escapo, utriculiforme; 3-10 flabeliformes; 11.º de forma irregular, com um pseudoartículo apendiculado distalmente. Olhos negros, grandes, um tanto transversais, com curta e erecta cerdosidade pardacenta disposta entre os omatídeos; quanto ao contorno, são curvos regularmente da margem clipeal ao vértice e daí ao canto infero-externo; no vértice afastados; internamente cada vez mais aproximados em direção à margem do clipeo, porém sem contiguidade; da margem clipeal curvam-se em direção ao tubérculo lamelar das antenas, volteando êste de modo a apresentar estreito mas bem marcado recorte; depois seguem em linha quase reta a base do processo jugular até atingir a região gular, de onde, em ângulo reto, seguem até o canto infero-externo em linha levemente curva; no canto infero-externo são extremamente salientes para fóra, pois que a parede que posteriormente completa a convexidade dos olhos é pouco convexa, um tanto achatada, e fica quase em ângulo reto com o pescoço formado pela constrição abrupta da cabeça; a curvatura dessa parede forma uma reentrância posterior nos olhos.

Cabeça densamente pontuada; a fronte, em virtude da disposição dos olhos, estreitada para o clipeo; vértice muito convexo.

Pronoto mais largo anteriormente; o bordo anterior arredondado e um tanto elevado sobre a cabeça; posteriormente elevado em giba; as margens laterais um tanto sinuosas; a margem posterior sub-reta, um pouco sinuosa de cada lado, os cantos posteriores em ângulo reto; a pontuação densa, mais grossa anteriormente. Escutelo alongado moderadamente, densamente pontuado, convexo, com o ápice levemente arredondado.

Identifiquei como *brasiliense*, em 1939, 6 exemplares colecionados à luz no Estado do Rio de Janeiro, Angra dos Reis, Fazenda Japubyba, pelo Professor Lauro Travassos (1930-1932). Posterior-

mente, em 1945, mais 4 exemplares foram colecionados, na mesma localidade e também à luz, pelo Dr. Lauro Travassos Filho. É interessante notar que nesta série de 10 exemplares apenas 1 é ♂. Os exemplares de 1945 foram coletados em setembro; os outros durante os meses de abril, maio, setembro e dezembro. A tonalidade e a distribuição da cor amarela e da castanho-avermelhada varia; o tamanho vai de 11.5 a 20.5 mm de comprimento e 1.75 a 4 de largura úmeral.

Como integrante da Comissão do Instituto Oswaldo Cruz, em Salôbra, no Estado de Mato Grosso, colecionei à luz em outubro de 1938 um único exemplar ♀, com 17 mm de comprimento. Além de relativamente mais claro, parecia variar um nada dos exemplares de Angra, mas foi identificado tentativamente como *brasiliense*, identificação confirmada pelo meu colega Dr. Dario Mendes, do Rio de Janeiro. De início dei certa importância ao 3.º artigo das antenas, com o ápice apenas fendido em pequena extensão. Verifiquei, no entanto, que o mesmo se dá com os exemplares menores de Angra. Os maiores apresentam esse artigo fendido até a base, perfeitamente flabelado.

Recentemente (16-IX-1952), coletei, também à luz, mais um exemplar ♀ em Goiânia, capital do Estado de Goiás. Exemplar delgado e com apenas 14 mm de comprimento, apresenta como o exemplar de Salôbra o 3.º artigo apenas fendido no início do ápice.

♂ Embora de aspeto geral muito semelhante, apresenta acentuado dimorfismo sexual. Os olhos são contíguos na região frontal, separados por estreitíssima área da fronte e num pequeno exemplar de 9 mm de comprimento, de Angra dos Reis, já mencionado linhas atrás, são perfeitamente holópticos, restando da fronte apenas um leve indicio careniforme visível. As antenas são apenas imbricadas. Os palpos labiais (fig. 2-a) são muito similares aos da ♀, mas os maxilares (fig. 2-b-d) são dendriformes, lembrando as chamadas “rosas de Jericó”, e muito parecidos ao palpo figurado por Germer para o ♂ de *africanum* (Germer, l. c. p. 722, fig. 23).

Na cor os ♂ ♂ variam por apresentar uma faixa marginal de cada lado do pronoto, e às vezes os lados do protorax, de um castanho-avermelhado quase negro. Essa cor carregada também ocorre na base dos élitros, sem envolver o escutelo, nos úmeros e na margem lateral, onde a faixa lateral escura pode ocupar o terço basal todo. Quanto ao tamanho, são em geral menores que a ♀, variando de 9 a 13.5 mm de comprimento.

O material deste sexo nas coleções do Departamento de Zoologia consta apenas de três exemplares:

N.º 5480 — Estado de São Paulo, Anhangahy, 7-XII-1926, R. Spitz col.

N.º 5485 — Estado do Rio de Janeiro, Angra dos Reis, XII-1931, L. Travassos col.

N.º 5493 — Estado de São Paulo, Batatais, XI-1945, Col. Ginásio São José.

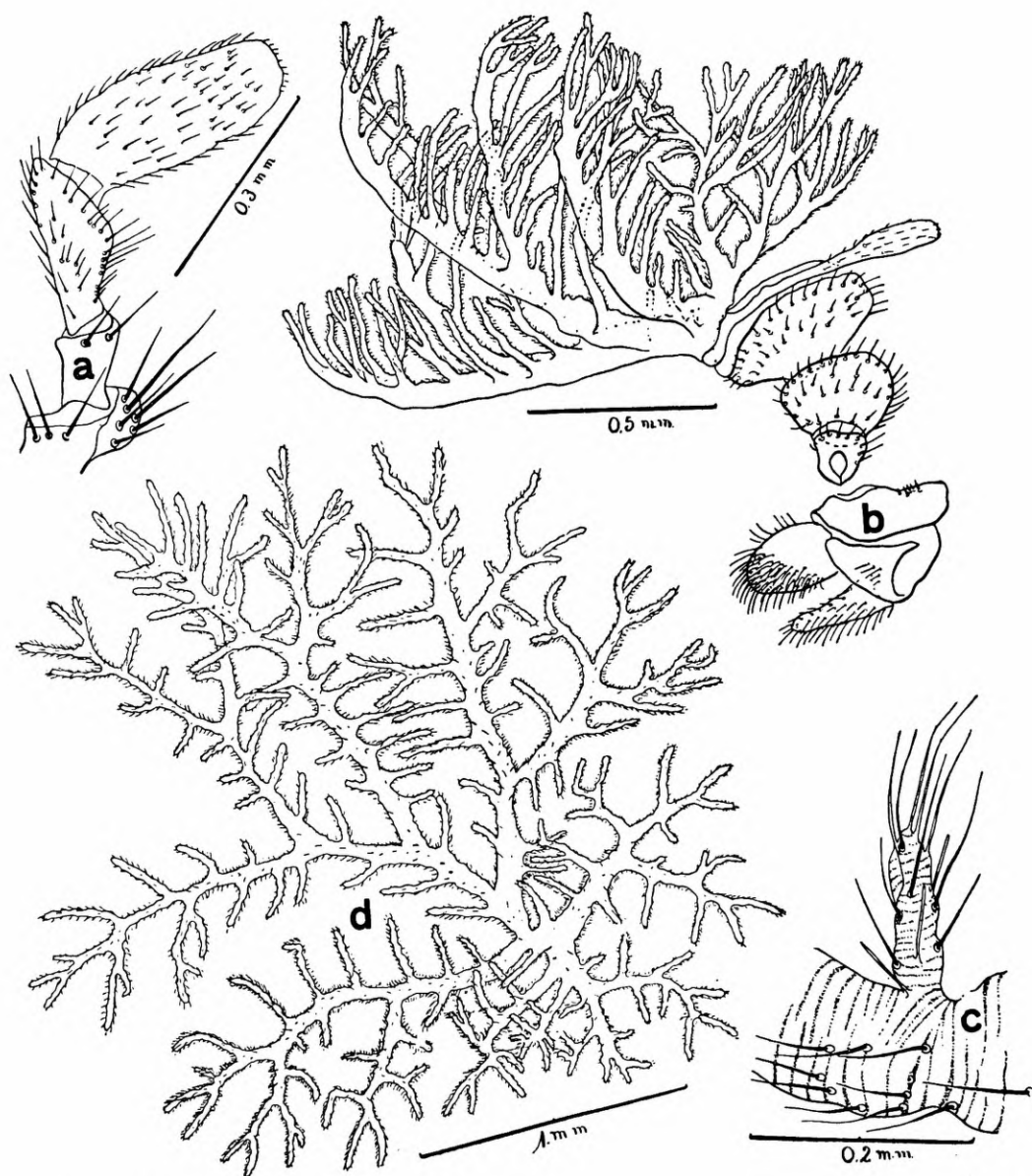


Fig. 2 - *Melittomma brasiliense* (Cast.) ♂ : a, palpo labial; b, palpo maxilar, dendriforme; c, detalhe estrutural, com grande aumento, de uma secção de ramo do palpo maxilar; d, desdobramento em plano do palpo maxilar distendido em água.

Sobre os hábitos desta espécie existe pouca coisa. Lacordaire, 1830, p. 250 (cf Bibliografia no fim deste trabalho) diz apenas que o "*H. brasiliensis*, Dej., N. Sp., la plus grande du genre, vit dans les bolets, et y creuse de longues galeries cylindriques; on la trouve quelquefois à leur surface." E Perty, 1830, p. 6 (cf Bibliografia)

afirma que o "*Hylecoetus brasiliensis* Dej. maximus sui generis supra fungos et in iis degit, ubi canales longos cylindricos cavat."

***Melittomma lateritium* (Fairmaire, 1887)**

Hylecoetus lateritius Fairmaire, 1887, Notes Leyden Mus., 9: 156-157.

Melittomma lateritium, Schenkling, 1915, Col. Cat. Junk et Schenkling, 10 (pars 64): 9; Blackwelder, 1945, Checklist, etc., U. S. Nat. Mus. Bull. 185 (3): 408.

Melittomma lateritium var. *ruficollis* Pic, 1936, Mélanges exot.-ent., 67: 3.

Melittomma lateritium var. *binotatum* Pic, 1936, l. c. p. 3.

Pela diagnose é duvidosa a validade desta espécie, e eu não teria escrupulo em considerá-la como sinônima de *brasiliense*. O exame eventual do tipo provavelmente confirmará essa suposição.

Nas coleções do Departamento de Zoologia, os exemplares ♂♂ de *brasiliense* (n.º 5480, 5485 e 5493), por mim identificados, correspondem perfeitamente com a descrição de Fairmaire para *lateritium*. Esse autor não discriminou o sexo do único exemplar que serviu para a sua diagnose, mas pelo tamanho, pela cor e principalmente pelas antenas, é evidente tratar-se de um ♂. A extensa área de distribuição geográfica de *brasiliense* inclui também o Surinam, localidade típica de *lateritium*.

Sobre as variedades *ruficollis* e *binotatum*, descritas da Guiana por Pic, e cujas diagnoses não me foram acessíveis, provavelmente são meras variações de colorido, não merecendo nomenclatura zoológica discriminativa.

Transcrevo a seguir a diagnose original de Fairmaire:

"*Hylecoetus lateritius*, n. sp.

Long. 10 millim. — Filiformis, rufotestaceus, subtiliter fulvo-sericans, capite prothoraceque opacis, hoc lateribus fusco sat late marginato, elytris dilutioribus, nitidulis, base extus infuscatis, corpore subtus cum pedibus dilutiore, nitidiore, segmento abdominali ultimo supra lateribus et apice infuscato; antennis brevibus, medium prothoracis haud attingentibus, sat angustis, serratis, articulo ultimo longiore, acuminato; prothorace oblongo, lateribus fere parallelis, ad angulos anticos tantum obliquatis, vix rotundatis, margine postico fere recto, ante angulos posticos vix sinuato, angulis subacutis, dorso subtilissime dense asperulo, margine laterali carinata; scutello truncato; elytris apice angustatis et obtusis, subtilissime dense asperulo punctulatis, abdomine haud brevioribus, utrinque lineolis 2 obsoletissime elevatis; abdomine apice paulo latiore, tarsi filiformibus, valde elongatis.

Hab. Suriname (Dr. H. ten Kate). — Un seul exemplaire.

Le *H. brasiliensis* Lap. est bien plus grand (18 mill.), d'un brun clair avec les élytres jaunâtres, le corselet très long, relevé en avant, et les antennes fortement pectinées. Dans notre espèce ces dernières sont assez étroites, seulement dentées en scie, les articles paraissant plus aigus à l'angle apical parce qu'il est prolongé par quelques poils."

Melittomma marginellum Schenkling, 1914

Melittomma marginellum Schenkling, 1914, Ent. Mitteil., 3 (10-12) : 320-321; Schenkling, 1915, Col. Cat. Junk et Schenkling, 10 (pars 64) : 9; Blackwelder, 1945, Checklist, etc., U. S. Nat. Mus. Bull. 185 (3) : 408.

A diagnose desta espécie concorda perfeitamente com a de *M. lateritium* e foi baseada em dois exemplares ♂♂, um do Ecuador e outro do Brasil, Estado de Goiás. É mais que provável que um exame eventual dos tipos prove ser a espécie identica e sinônima de *M. brasiliense*. Transcrevo abaixo a descrição original:

"*M. marginellum* n. sp.

Elongatum, flavum, densissime breviter flavo-griseo pilosum, oculis grandis, late contingentibus (♂), antennis flavis, serratis, pronoto lateribus densissime reticulato et nigro marginato, elytris densissime punctulatis, carinis duabus munitis, marginibus nigris.

Long. 10-11 mm.

Ecuador: Bucay (Mus. Dresden).

Brasilia: Jatahy, Goiás (Mus. Paris).

Diese neue Art, die mir in je einem Exemplar aus den genannten beiden Museen vorliegt (das Pariser Stück trägt den von Fairmaire geschriebenen Namen *Hylecoetus merginellus*), ist leicht kenntlich an der schwarzen Seitenrandung von Halsschild und Flügeldecken. Der schwarze Saum der Flügeldecken umfasst vorn die Basis bis zum Schildchen, entfernt sich aber nach der Deckenspitze zu etwas von dem Seitenrande. Die zwei schwachen Rippen der Flügeldecken verlieren sich kurz vor der Spitze. Der Hinterleib ist mehr oder weniger gebräunt."

Melittomma africanum (Thomson, 1858)

Hyloecetus africanus Thomson, 1858, Arch. Ent., 2: 82; Gemminger et Harold, 1869, Cat. Col., 6: 1760.

Melittomma africanum, Fairmaire, 1891, Ann. Soc. Ent. France, 60: 246; Germer, 1912, Zeitschr. wiss. Zool., 101: 723, fig. 23 (p. 722); Schenkling, 1915, Col. Cat. Junk et Schenkling, 10 (pars 64) : 9.

Esta espécie, no caso de estarem certos Fairmaire e Schenkling, incluiria como sinônimo *M. castaneum* Murray. É de se supor que

pelo menos Fairmaire, ao estabelecer a sinonímia, tivesse examinado as duas formas.

Gorham, entretanto, como já vimos, não consegue encontrar diferenças específicas entre *brasiliense* e o que êle supõe ser *castaneum*. Existe, assim, a possibilidade de *africanum* vir a ser mais um outro sinônimo de *brasiliense*.

A diagnose de Thomson é muito omissa para permitir um juízo seguro. O tamanho do exemplar indicaria o sexo como ♀, mas o colorido carregado descrito por Thomson vai além do que se encontra nos ♂ ♂ da forma americana. Germer descreve e figura o palpo do ♂ de *africanum* e tanto a figura como a descrição mostram grande semelhança com o palpo de *brasiliense*. Abaixo a transcrição da diagnose de Thomson, baseada num exemplar do Gabão:

“113. *Hyloecetus africanus*.

Long. 22 mill.; larg. 4 mill.

Tête, antennes et prothorax noirs; tête et prothorax recouverts de poils jaunâtres; le reste du corps d'un brun assez clair.

Alongé, cylindrique. Tête et prothorax lisses. Élytres ne dépassant guère le prothorax à leur naissance; subarrondies à l'extrémité, ayant six côtes longitudinales peu marquées, y compris celles de la suture; très-finement ponctuées, la ponctuation serrée, ainsi que sur le dessous du corps et les pattes.”

Seria razoável supor que *M. brasiliense* é espécie introduzida da África para o Brasil, talvez ainda na época colonial, mas o inverso também é possível. Se uma eventual revisão das espécies do gênero *Melittomma* relegar à categoria de sinônimos as espécies duvidosas comentadas páginas atrás, teríamos uma imensa distribuição geográfica para *brasiliense*.

Segundo Gorham (p. 111), essa distribuição teria se processado através das rotas comerciais. Diz êle:

“My own belief is that this will prove to be a species which is transported with commerce, in the spars or timber of shipping, although in that case the occurrence of it at high elevations must be admitted to be singular.”

Levando-se em conta a navegação fluvial que penetrava pelo interior da América do Sul, principalmente do Brasil, não é tão estranha a ocorrência de *brasiliense* nos estados brasileiros de Goiás e Mato Grosso, ou no Surinam e Ecuador.

Em relação a *Hylecoetus*, pela descrição genérica de Murray, *Melittomma* apresenta cinco segmentos no abdomen, ao invés de seis como naquele gênero. Acontece que um exame mais cuidadoso de *Melittomma brasiliense*, revela mais um estreito segmento basal, encoberto pelas coxas posteriores, além dos cinco segmentos visíveis normalmente. Apesar disso, os outros caracteres diferenciais

parecem ser suficientes para manter a independência genérica de *Melittomma*.

Melittommopsis, gen. n.

Próximo de *Melittomma*, do qual se distingue pela forma mais robusta; pelas antenas apenas expandidas para o ápice, não flabeladas; pelos palpos maxilares com o último artículo largo e securiforme; pela fronte mais larga; pela forma do pronoto, mais alargado posteriormente; pela giba pronotal posterior mais elevada; pela ausência de convexidade do escutelo, e pela falta do estreito segmento basal que se nota no abdomen de *Melittomma brasiliense*.

Genotipo: *Melittommopsis juquiensis*, sp. n.

Melittommopsis juquiensis, sp. n.

♀ De um negro-azulado muito escuro, com exceção do protorax, pernas anteriores até quase o ápice dos fêmures, coxas e trocanteres das pernas médias, de um amarelo-alaranjado; mesosterno na maior parte de um amarelo-avermelhado; parte central do clipeo castanho-avermelhado.

Cabeça relativamente pequena, estrangulada atrás dos olhos, formando um curto pescoço; fôscas, densa e confluentemente pontuada, os rebordos das pontuações reduzidos à pequenas projeções isoladas, brilhantes, com um aspecto geral de superfície finamente denticulada; toda a parte superior da cabeça revestida de fina pilosidade semi-recumbente, de um castanho-avermelhado, tornando-se mais clara na região clipeal, labro e mandíbulas; região latero-posterior da cabeça com pontuação rasa, esparsa e brilhante; a região latero-anterior completando, em continuação, a esfericidade dos olhos: lado inferior sem pontuação e liso-brilhante. Fronte relativamente larga, estreitada moderadamente para o clipeo, êste transversal, de bordo anterior sinuoso, lateralmente limitado pelos tubérculos das antenas; labro pequeno, de bordo arredondado; tubérculos das antenas lateral, de bordo saliente, laminar, sobreposto à articulação do escapo; processos jugulares cupuliformes, expandidos nos bordos; mandíbulas pequenas, largas, trianguliformes, a face externa finamente denticulada e revestida de pilosidade amarela, o gume interno, a parte inferior e o ápice lisos e brilhantes, o ápice bidentado. Palpos maxilares muito mais longos e robustos que os labiais; êstes (fig. 3-b) com o artículo basal diminuto, o 2.º estreitado na base, alargado gradualmente para o ápice e aí truncado muito obliquamente, de modo a dar à articulação com o artículo distal a forma geniculada; artículo distal subigual em comprimento ao 2.º, mas mais robusto, um tanto achatado, um pouco estreitado na base e menos no ápice, êste arredondado e despondado em gume; o basal com cerdas longas, o distal com cerdas me-

nores e mais densas. Palpos maxilares (fig. 3-c) com o artículo basal pequeno, o 2.º o mais longo, alargado gradualmente para o ápice, truncado obliquamente; o 3.º com cêrca da metade do comprimento do 2.º, levemente obliquo no ápice; o 4.º, ou distal, robusto, largo, securiforme, com uma pequena depressão ovalada, ou fovea, na extremidade do ápice; artículos 2-3 com cerdosidade mais forte, o distal com cerdas menores e mais densas. Olhos grandes, globulares, salientes, afastados na frente; com curta e erecta cerdosidade castanha entre os omatídeos, em toda a superfície dos olhos; os lobos inferiores estreitados em ponta romba, volteando os processos jugulares no lado inferior da cabeça; na frente com um pequeno recorte abaixo dos tuberculos das antenas e junto à implantação destas; lobos superiores pouco destacados do conjunto a não ser pelo recorte inferior. Como a situação dos olhos é transversal, os lobos superiores estão na realidade voltados para a frente. Antenas (fig. 3-a) curtas, não alcançando bem o meio do pronoto; com cerdas entremeadas na densa pilosidade castanha, quase negra, que reveste as antenas; de 11 artículos, o escapo obcônico, robusto; o 2.º pequeno, caliciforme; o 3.º subigual em comprimento ao escapo, bastante estreitado na base e alargado gradualmente para o ápice; os artículos seguintes até o 10.º mais curtos que o 3.º e subiguais entre si, prolongando-se no ápice, de um lado, em curta expansão; o 11.º com o mesmo formato do anterior, mas com um pseudo-artículo (12.º vestigial?) apendiculado a êle, sem movimento articular. A antena esquerda (fig. 3-a) é anômala, com os artículos 9-10 parcialmente soldados e o 11.º com o apêndice, praticamente sem vestígios de articulação, formando peça inteiriça com o corpo do artículo.

Torax com os lados perfeitamente demarcados, formando quilha viva com o pronoto; êste mais longo que largo, finamente escabroso e revestido de pilosidade sedosa, recumbente, alaranjada, com pilosidade mais longa, de um amarelo quase dourado na parte anterior, na posterior, junto ao escutelo, e nas margens explanadas; com o bordo anterior avançado sobre a cabeça e fortemente arredondado; os lados de contorno sinuoso, sendo a maior largura do pronoto atingida no limite do terço posterior; daí estreitado para traz, formando junto ao úmero um canto agudo e um nada recurvo para fóra; bordo posterior bisinuoso e da mesma largura que a base dos élitros; no disco do pronoto, a margem anterior é elevada, formando-se logo atrás um enselamento e na mesma linha mediana, na metade basal, uma forte elevação, arredondada, bastante regular, e declive para todos os lados; as margens laterais do pronoto são um tanto explanadas, especialmente adiante e atrás, devido à uma mudança de ângulo de declividade na elevação anterior e na posterior. O pronoto lembra uma seleta de equitação um tanto dis-

forme. Lados do protorax bem reentrantes, menos escabrosos e pilosos que o pronoto, prosterno um tanto deprimido, no meio quase liso, um tanto brilhante.

Escutelo alongado, os lados subparalelos, o ápice arredondado; a cor de um castanho-avermelhado escuro; a superfície escabrosa e revestida de pilosidade longa, sedosa, de um amarelo dourado.

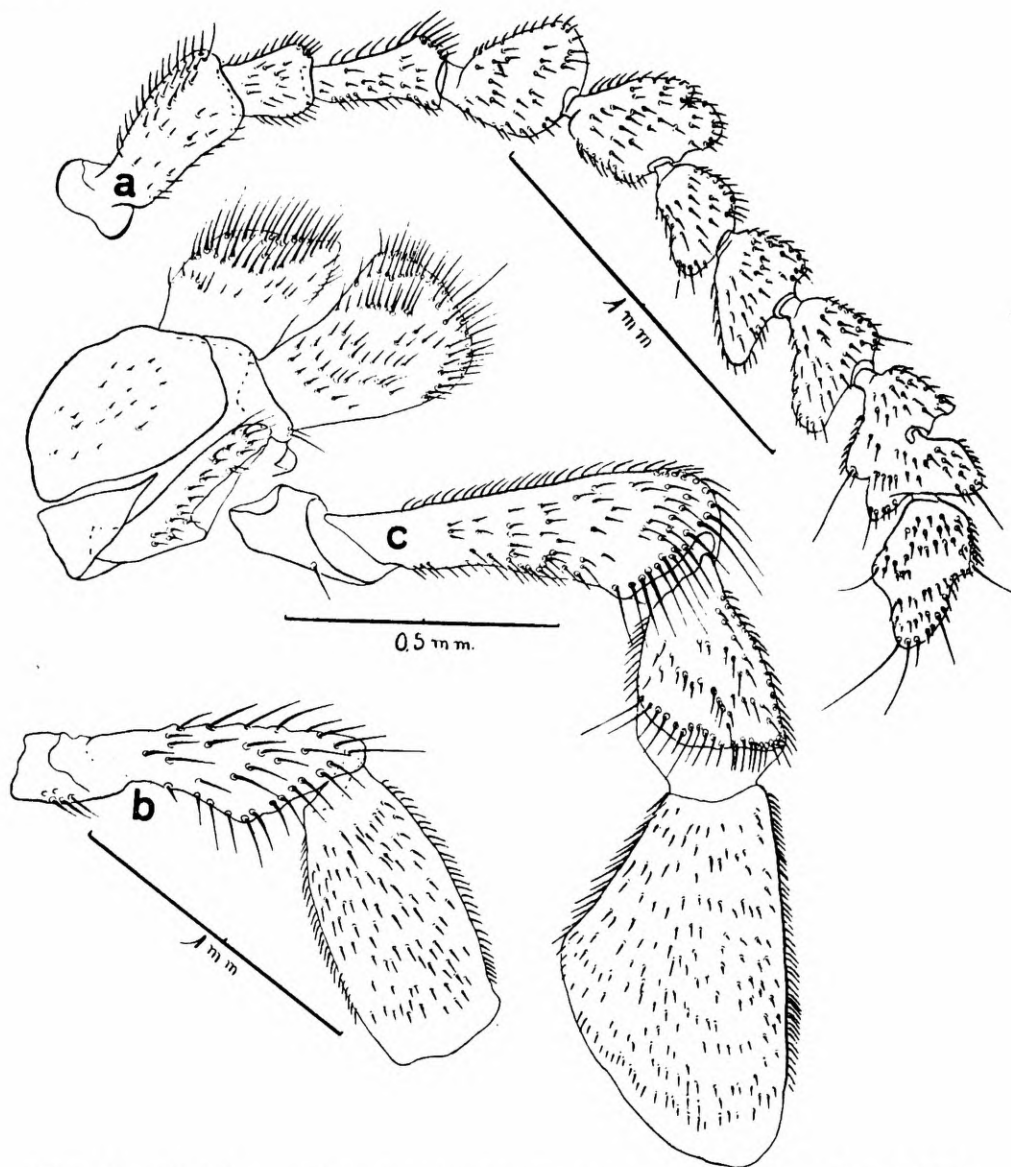


Fig. 3 *Melittommopsis juquiensis*, sp. n.: a, antena; b, palpo labial; c, palpo maxilar (♀).

Élitros cêrca de 3.5 vezes o comprimento do pronoto, alongados, subcilíndricos, fortemente abaulados; na base da largura da parte posterior do pronoto, para traz um pouco alargados e explanados; os úmeros muito arredondados, nada salientes; os ápices

um pouco deiscentes, isoladamente obtuso-arredondados; a superfície finamente escabrosa e revestida de pilosidade sedosa, semi-recumbente, castanho-avermelhada.

Metasterno abaulado, alongado, com fino sulco longitudinal mediano; metaepisternos cuneiformes, bem estreitados para traz. Abdomen cilindriforme, de 5 segmentos; os três primeiros subiguais em comprimento, o 4.º um nada mais curto e o distal com cêrca de 2/3 do comprimento do 3.º, com o ápice obtusamente arredondado.

Pernas anteriores curtas, com as coxas exsertas, livres, muito alongadas, em cône reverso, apenas um pouco mais curtas que os fêmures; trocanteres pequenos; fêmures moderadamente espessados, estreitados apenas um pouco na base e no ápice; tíbias delgadas, subiguais aos respectivos fêmures, algo achatadas, mui moderadamente alargadas para os ápices; tarsos lineares, mais curtos que as tíbias, subiguais em comprimento às coxas, com o 1.º artículo subigual ao distal, cêrca do comprimento de 2-3 em conjunto; 2-4 subiguais entre si; o distal sem grande diferenciação de forma a não ser a inserção das garras, estas pequenas, agudas, divaricadas. Pernas médias com as coxas um pouco mais curtas que as anteriores, mas mais largas na base e, apesar de livres, com alojamento no mesosterno e uma face externa lisa, onde se dobra o fêmur em posição de recolhimento; fêmur com o dobro do comprimento da coxa, mais largo e achatado que o correspondente anterior, um tanto curvo em sentido lateral, acompanhando a curvatura do corpo, o dorso regularmente recurvado da base ao ápice; tíbia linear, mais longa que o fêmur, com dois pequenos espículos agudos no ápice interno; tarsos lineares, mais longos que as respectivas tíbias, com o 1.º artículo subigual em comprimento a 2-3 em conjunto, 2-4 decrescentes em comprimento, o 4.º cêrca da metade do comprimento do 2.º; o distal subigual ao 3.º. Pernas posteriores longas, com as coxas normais, não exsertas; os fêmures um pouco mais longos que os médios, mas estruturalmente idênticos; as tíbias muito longas, delgadas, com cêrca de 1.75 vezes o comprimento dos respectivos fêmures; estreitas na base e gradualmente espessadas para os ápices; êstes armados de dois dentinhos ou espículos agudos; um tanto entortadas; os tarsos muito longos, com mais de 4/5 do comprimento das tíbias, o 1.º artículo igual em comprimento aos três seguintes em conjunto, 2-4 decrescentes em comprimento, o 5.º cêrca do comprimento do 3.º. A articulação tarsal é unida, os artículos bem encaixados entre si, os ápices obliquamente truncados, com exceção do distal.

Comprimento: 20 mm, largura úmeral, 3.75 mm.

Localidade-tipo: Brasil, Estado de São Paulo, Juquiá, Fazenda Poço Grande, 12-X-1936, F. Lane col.

Holótipo ♀ nas coleções entomológicas do Departamento de Zoologia sob o n.º 5487.

O exemplar foi colecionado sôbre tronco de jissára ou palmitreiro (*Euterpe edulis* Mart.), nas matas úmidas do vale do rio Juquiá.

***Melittommopsis nigra*, sp. n.**

♀ Completamente negra, com revestimento bastante denso de pubescência curta e recumbente, no lado superior escura, com leve tom acobreado; no lado inferior grisea, levemente alourada, e um pouco mais longa, acamada e sedosa. Cabeça e torax com pontuação densa e unida, em parte confluyente; os élitros asperos, totalmente revestidos de diminutas protuberâncias, muito unidas, dando o aspeto de fina escabrosidade; a pontuação encoberta; metasterno, meta-episternos e abdômem finamente chagrinados, com pontuação raza e indecisa.

Cabeça quase vertical, estrangulada atrás dos olhos, formando curto pescoço; levemente deprimida no vértice e nêste com um sulco longitudinal apagado, que atinge o bordo do pronoto; fronte larga entre os olhos, estreitando-se gradualmente em direção ao clipeo; êste relativamente curto, transversal, com o bordo anterior sub-reto, levemente recortado no meio, reentrante nos lados, liso no centro, apenas na margem; labro pequeno, com algumas cerdas em pincel; tubérculos das antenas bem afastados entre si, levemente divergentes, salientes para o lado externo, as saliências arredondadas no ápice; mandíbulas relativamente curtas, um tanto falciformes, com o ápice liso, bidentado, a superfície dorsal um tanto larga, sub-plana, finamente escabrosa, o gume interno liso, rebaixado. Palpos labiais (fig. 4-b) pequenos, com o artículo basal diminuto, o 2.º duas e meia vezes mais longo, obliquamente truncado; o distal mais longo que o 2.º, muito afilado na base e gradualmente alargado para o ápice. Palpos maxilares (fig. 4-c) muito mais desenvolvidos, robustos, com o artículo basal diminuto; o 2.º caliciforme, estreitado na base e alargado para o ápice; o 3.º curto, cônico; o distal securiforme, mais longo que o 2.º, um tanto achatado, com o bordo distal em gume arredondado, um tanto obliquamente; no canto dorsal do gume, com uma pequena fóvea alongada. Ambos os palpos revestidos de esparsa cerdasidade, mais forte e longa no ápice do 2.º artículo labial e no do 3.º maxilar. Olhos grandes, um tanto transversais, finamente granulosos, salientes, com cerdas curtas e erectas, de côr castanha, entre os omatídeos, em toda a superfície; afastados no vértice e fronte mas gradualmente mais aproximados para o clipeo; suavemente arredondados em cima; inferiormente contornam os processos jugulares e estreitam-se bastante; o contorno nos processos jugulares produz na margem infero-frontal dois recortes, um ao nível dos tubérculos das antenas e o outro no con-

torno dos processos jugulares; na margem posterior os lados da cabeça, antes do estrangulamento posterior, são arredondados e

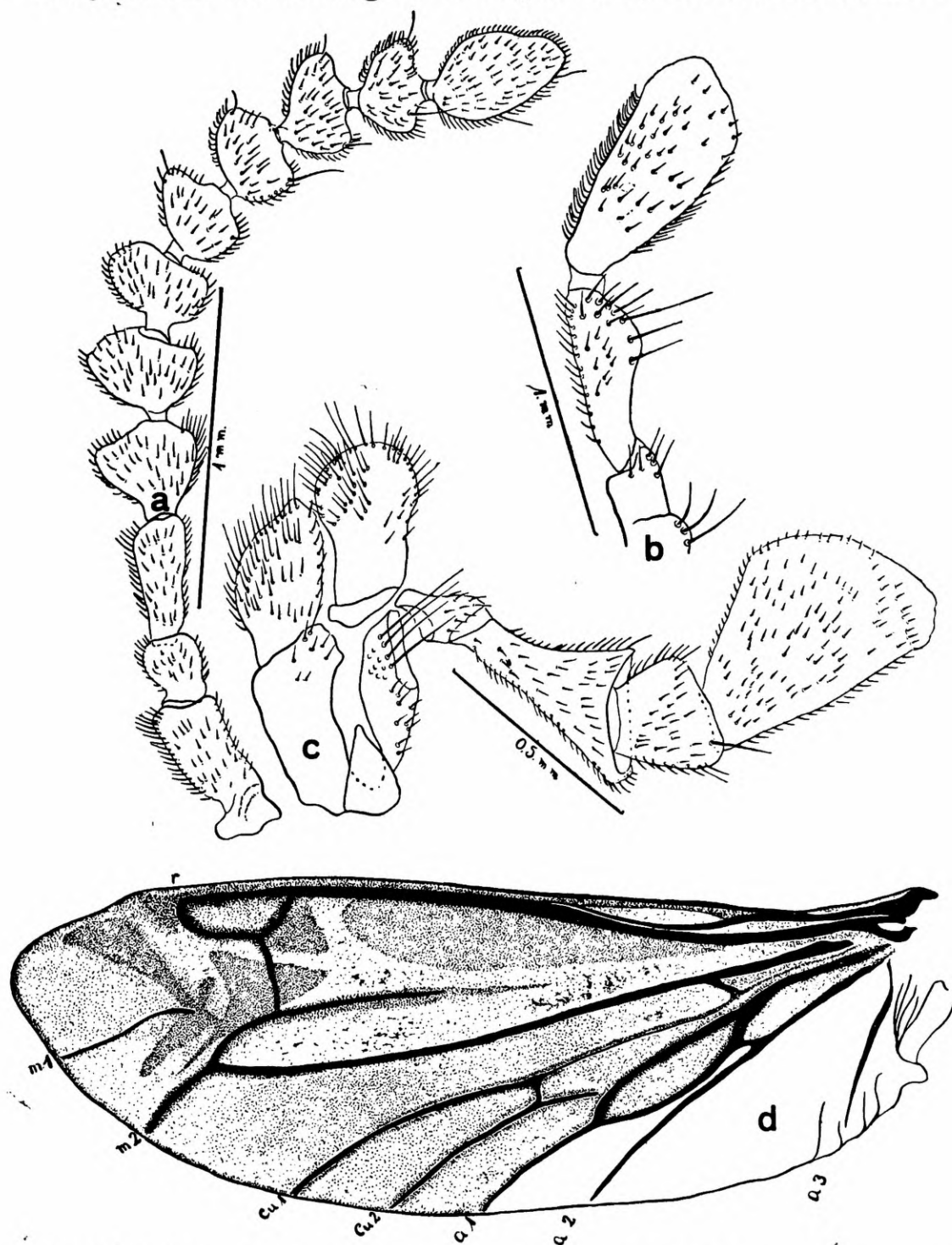


Fig. 4 - *Melittommopsis nigra*, sp. n.: a, antena; b, palpo labial; c, palpo maxilar; d, asa inferior, mostrando a nervulação (♀).

completam a convexidade dos olhos; para o lado inferior da cabeça os olhos terminam em lobo estreitado. Antenas (fig. 4-a) um pouco

mais curtas que o comprimento do pronoto, finamente cerdas, com exceção da base do 3.º artículo, que é lisa; a face anterior do escapo e os ápices dos demais artículos com cerdas mais esparsas, fortes e longas; o escapo levemente cônico, o 2.º artículo pequeno, cêrca da metade do comprimento do escapo; o 3.º um nada mais longo que o escapo, estreitado na base e alargado gradualmente para o ápice; 4-10 curtos, cupuliformes, um tanto expandidos para o lado externo; o 11.º mais alongado, com um leve indício de um pseudo-artículo apendiculado.

Protorax mais longo que largo, os lados bem marcados e em gume; o pronoto longo-arredondado e enelado anteriormente; posteriormente giboso; a margem anterior elevada sôbre a cabeça, a posterior levemente reentrante e bisinuosa; os cantos postero-laterais bem marcados, formando um ângulo quase reto. A superfície do pronoto densamente pontuada, a pontuação muito junta mas mais contigua que confluyente, mais fina na giba posterior.

Escutelo alongado, os lados subparalelos, o ápice arredondado; a superfície coberta de pontuação cerrada, meio escabrosa; fina e esparsamente coberta de pilosidade cuprea, com pêlos mais longos, de um amarelo muito pálido, ao redor do ápice.

Élitros alongados, cêrca de 3 1/2 vezes o comprimento do pronoto; na região basal bastante convexos, na apical mais explanados; os úmeros arredondados, conjuntamente mais largos que a base do pronoto e mesmo mais largos que o pronoto em sua maior largura; nos ápices levemente deiscentes e arredondados em ângulo agudo; a pilosidade apical mais densa e longa.

Metasterno muito convexo, mais alargado para a parte distal; com um fino sulco longitudinal mediano; com o bordo distal sinuoso e obliquo dos cantos externos para o centro; aí com duas pequenas projeções dentiformes junto às faces internas das coxas posteriores; meta-episternos cuneiformes, o lado anterior levemente obliquo. Abdomen muito convexo, tubuloso, com os quatro primeiros segmentos subiguais em comprimento, o último mais curto, estreitado para o ápice e aí angulosamente arredondado.

Pernas delgadas, longas, especialmente as posteriores; as anteriores as mais curtas; finamente escabrasas e revestidas de fina pilosidade cinérea. As pernas anteriores com as coxas livres, exsertas, com quase 2/3 do comprimento dos fêmures, coniciformes, estreitadas para o ápice, a face interna aplanada e concava distalmente, o ápice irregular, um pouco expandido, com um pequeno processo dentiforme interno; trocanteres pequenos, trianguliformes; fêmures retos, achatados lateralmente, um tanto espessados, levemente estreitados na base e um pouco mais para o ápice; tíbias lineares, um pouco mais curtas que os fêmures, moderadamente alargadas para os ápices; tarsos delgados, um nada mais curtos que as tíbias com

os artículos 1-4 gradualmente decrescentes em comprimento, o 5.º subigual ao 1.º, os artículos todos cilíndricos, 1-4 truncados obliquamente, garras tarsais divaricadas, finas e agudas. Pernas médias com as coxas mais curtas, contíguas, mais largas na base, com a face externa com uma área apical lisa, com cêrca da metade do comprimento dos fêmures; êstes arqueados, acompanhando a curvatura do metasterno, a linha superior moderadamente curva; tíbias um pouco mais longas que os fêmures; tarsos mais longos que as tíbias, com o 1.º artículo igual em comprimento a 2-3 em conjunto, o último cêrca da metade do comprimento do 1.º. Pernas posteriores com coxas normais, transversais, com uma excavação externa para o alojamento dos fêmures, no ápice articular com um processo dentiforme interno; fêmures apenas um pouco mais longos que os médios, arqueados, com a linha dorsal bem curva; tíbias longas, uma e meia vezes o comprimento dos fêmures, um tanto entortadas; tarsos um pouco mais curtos que as tíbias, a relação dos artículos como nos tarsos médios.

Asas inferiores (fig. 4-d) enegrecidas; com as nervuras anais a^1 e a^2 anastomoseadas, formando uma célula basal e outra interna, a^3 vestigial; a cubital bifurcada, o ramo de cu^2 estendendo-se além da base da bifurcação, em direção à célula interna das anais; a mediana anterior (m^1) vestigial, a posterior (m^2) bifurcada em sentido interno; a radial espessa, próxima da costal e subcostal, formando uma célula distal, da qual sai um ramo para o galho superior da m^2 .

Comprimento: 12.5 - 19.5 mm., largura umeral 2.5 - 4 mm.

LOCALIDADE TIPO: Brasil, Estado de São Paulo, Campos do Jordão, 1-5/I/1948, F. Lane col.

HOLÓTIPO ♀ (n.º 5488) e 5 PARATIPOS (n.º 5489-5492) nas coleções entomológicas do Departamento de Zoologia; 1 PARATIPO nas coleções entomológicas do Instituto Biológico de São Paulo; 1 PARATIPO nas coleções entomológicas do British Museum.

♂ desconhecido.

Os exemplares todos foram capturados, com rêde, esvoaçando ao redor de uma pilha de lenha de "guamirim", numa mata de gróta, no ribeirão do Homem-morto em Campos do Jordão.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA: Esta espécie é muito afim de *M. juquiensis*, da qual difere principalmente pela côr totalmente negra; pelo tipo de pontuação da cabeça e do pronoto; pelos cantos posteriores do pronoto, em ângulo reto; pela largura da base dos élitros, que excede a largura posterior do pronoto e mesmo a maior largura dêste; pelo escutelo relativamente mais largo. Ambas são congênericas e bastante diferentes em alguns detalhes estruturais do *Melittomma brasiliense*.

O *Melittomma validum* Fairmaire, 1914, descrito do Rio de Janeiro, a julgar pela diagnose, apresenta grandes afinidades com a espécie acima descrita. A pilosidade inferior, de um amarelo brilhante, e a descrição das antenas, especialmente quanto ao 3.º artículo, parecem diferenciar bem as espécies. Todavia, um confronto do paratipo de *M. nigra*, depositado no Museu Britânico, com o tipo de *M. validum*, pertencente ao mesmo museu, dissipará qualquer dúvida. A descrição de *M. validum*, embora omissa, indicaria a inclusão desta espécie em *Melittommopsis*.

Hylecoetopsis, gen. n.

A espécie que figura no catalogo de Dejean (Cat. Col., 1833, 2.ª ed.: 114; 1837, 3.ª ed.: 128) sob o nome de "*Hylecoetus cylindricus*. Dej.", aparece ainda em Gemminger et Harold, 1869, p. 1760, evidentemente sem qualquer validez, apenas como nome de catalogo. Sobre esta espécie já se havia manifestado Lacordaire, 1857 (cf. nota 2, p. 503, e nota na p. 1 do presente trabalho). Pareceria, assim, tratar-se de um *Melittomma*. Mas Germer, 1912, pp. 719-720, fig. 17, baseado num exemplar do Museu Estadual de Genova, mantém a espécie em *Hylecoetus*. Comenta êle apenas o palpo maxilar, de quatro artículos, e a antena com 10 artículos, dando desta uma descrição. Esta descrição parcial de Germer ⁽¹⁾ valida o nome de Dejean. Discordo, porém, da posição genérica dêste inseto, completamente discordante no grupo a que foi filiado, e proponho para êle o nome *Hylecoetopsis*, gen. n., com os seguintes caracteres da descrição parcial de Germer:

♂ Antenas de 10 artículos, os últimos com cerdosidade densa, todos com cerdas maiores dos lados; o escapo desenvolvido; o 2.º artículo com a metade do comprimento do escapo; 3-7 decrescentes em tamanho; 8-10 muito desenvolvidos, em conjunto mais longos que os sete anteriores reunidos; corte transversal dos artículos oval ou elipticamente achatado.

(1) "1. *Hylecoetus cylindricus* Dejean.

Über dies Art ist mir in der Literatur nur das eine bekante geworden, dass sie in der Grösse sehr variiert und bei Nacht in die Häuser kommt, da sie vom Licht angezogen wird (Perty, Delect. Animal. Articul. Bras. pref. p 8ff.). Ich erhielt durch die Liebenswürdigkeit des Herrn Sigmund Schenkling, Berlin, ein männliches aus Cajenne stammendes Exemplar dieses Käfers aus dem stadtischen Museum in Genua. Die Maxillarpalpe dieses Tieres ist normal viergliedrig, während der Fühler aus zehn Gliedern aufbaut (Textfig. 17). Auf das erste grosse sich Glied folgt das um die Hälfte kleinere zweite. Die Glieder drei bis sieben nehmen an Grösse konstant ab. Das siebente ist doppelt so breit als lang. Das achte bis zehnte dagegen ist ausserordentlich vergrössert. Diese drei Glieder sind länger als die andern sieben zusammen. Der Querschnitt sämtlicher Glieder ist oval bis flach elliptisch. Die Beborstung ist auf den letzten drei Gliedern ziemlich reichlich. An den Seiten sämtlicher Glieder finden sich wieder grosse Schutzborsten."

Genotipo: *Hylecoetus cylindricus* Germer, 1912.

Localidade-tipo: Caiena, Guiana Francêsa.

Enquanto não fôr redescrito o exemplar que Germer estudou, forçoso é considerar o gênero novo como próximo de *Hylecoetus*.

AGRADECIMENTOS

Trabalho interrompido em 1948, teve êle em sua fase inicial o estímulo de vários colegas, que fastidioso, senão quase impossível, seria agradecer nominalmente. Cumpre-me, no entanto, destacar dentre êles D.^a Maria Aparecida Vulcano d'Andretta pela execução dos desenhos que ilustram o trabalho: ao Dr. Dario Mendes, do Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas, Rio de Janeiro, agradecimentos pelo exame do exemplar de *Melittomma brasiliense*, proveniente de Salobra; ao Rev. Pe. Jesus Moure, C.M.F., da Universidade do Paraná, pelas sugestões sobre a validade do gênero *Melittomma*; ao Rev. Pe. Francisco S. Pereira, C.M.F., pelo estímulo e constante interesse com que acompanhou o trabalho em sua fase final.

ABSTRACT

The author makes a critical survey of *Melittomma brasiliense* (Cast., 1832), a species which is probably not indigenous to America. A revision of the genus *Melittomma* and the examination of type material will most likely enlarge the list of synonyms of *M. brasiliense*, judging by the similarity of the descriptions of several American and African species. Sexual dimorphism, with differences in the structure of the maxillary palps and antennae, the separate or united disposition of the eyes on the front of the head, as well as size and a peculiar colour pattern in the male, will probably account for the description of some of these species, such as *M. lateritium* (Fairmaire) and *M. marginellum* Schklg. If *M. castaneum* Murray is really synonymous with *M. brasiliense*, the situation of *M. africanum* (Thomson) must be decided.

The name *Melittomma* Murray, 1867, is valid on account of being of a different origin and meaning in relation to the older genus *Melitoma* Lep. et Serv., 1825, for Hymenoptera (Opinion 147 of the International Commission on Zoological Nomenclature).

Melittommopsis, n. gen. is established for two Brazilian species, which diverge from *Melittomma brasiliense* in the structure of the maxillary palps, the antennae, and especially in the lack of a basal abdominal segment, which appears in *M. brasiliense* partly covered by the hind coxae, and which seems to have been overlooked by specialists of the group. This segment approximates *Melittomma* to *Hylecoetus*, one of the differences between these two genera being the supposed five segments of *Melittomma*, as compared with the visible six abdominal segments of *Hylecoetus*. Even if other species of *Melittomma* should prove having

only five abdominal segments, lacking this extra basal one, it should be remembered that *M. brasiliense* is the type of the genus (Murray, p. 315). The type-species of *Melittommopsis* is *M. juquiensis*, n. sp., from the coastal region of the State of São Paulo, Brazil. The second species, *M. nigra*, n. sp., comes from the Mantiqueira mountain range, also in the State of São Paulo. The type-locality, Campos do Jordão, is about 1.700 meters above sea level. This last species has many affinities with *Melittomma validum* Schenkling, 1914, based on Rio de Janeiro specimens, and may be the same species. Judging from the description, however, there are differences in the colour of the underside pilosity, which is bright yellow in *validum*, and the structure of the antennae, especially the third segment. As a paratype of *Melittommopsis nigra* has been deposited in the British Museum, and a type of *Melittomma validum* also belongs to that institution, there will be no difficulty in clearing any doubts.

Hylecoetopsis, n. gen. is established for *Hylecoetus cylindricus* Germer, 1912, a species long known as a Dejean catalogue name. Germer, although he only gives a partial description of the insect, validates the name. The very peculiar antennae he describes and figures do not conform, however, to the diagnostic characters of *Hylecoetus*. As *Hylecoetopsis* is based solely on Germer's very abridged diagnosis, a redescription of the type would be very useful to entomologists interested in Lymexylonidae.

BIBLIOGRAFIA

- BLACKWELDER, R. E. — 1945 - Checklist of the Coleopterous Insects of Mexico, Central America the West Indies, and South America, *U. S. National Museum Bulletin* 185 (3) : iv, 343-550. Washington.
- CASTELNAU, COMTE DE — 1840 *Hist. Nat. Ins. Col.*, 1: cxxv, 324 pp., ilustrado. Paris.
- COSTA LIMA, A. DA — 1953 - *Insetos do Brasil*, 8 (Col. 2) Escola Nacional de Agronomia, Série Didática, n.º 10: 323 pp., 259 figs. Rio de Janeiro.
- DEJEAN, COMTE — 1833-35 - *Catalogue de la Collection de Coléoptères de M. le Comte Dejean*, 2.ª ed., 443 pp.; 1837, 3.ª ed., 503 pp. Paris.
- FAIRMAIRE, L. — 1887 - Note XII, Coléoptères nouveaux ou peu connus du Musée de Leyde, *Notes from the Leyden Museum*, 9: 145-162.
- FAIRMAIRE, L. — 1891 - Notes sur quelques Coléoptères de l'Afrique intertropicale et descriptions d'espèces nouvelles. *Ann. Soc. Ent. France*, 60: 231-274, pl. 5.
- GERMER, F. — 1912 - Untersuchungen über den Bau und die Lebensweise der Lymexyloniden speziell des *Hylecoetus dermestoides*, *Zeitschr. wiss. Zool.*, 101: 683-735, figs. no texto e 2 pls. Leipzig.
- GORHAM, — Rev. H. S., 1880-86 — *Biol. Centr.-Amer.*, Col. (Malacodermata), 3 (2) : xii, 372 pp., 13 planchas coloridas.
- LACORDAIRE, TH. — 1830 Mémoire sur les Habitudes des Insectes coléoptères de l'Amérique méridionale, *Ann. Sc. Nat.*, 20: 185-291. Paris.

- LACORDAIRE, TH. — 1857 - *Histoire Naturelle des Insectes, Genera des Coléoptères*, 4: 579 pp. Paris.
- LAPORTE, F. L. DE — 1832 - Mémoire sur cinquante espèces nouvelles ou peu connues d'insectes, *Ann. Soc. Ent. France*, 1: 386-415. Paris.
- MURRAY, ANDREW — 1867 - List of Coleoptera received from Old Calabar, on the West Coast of Africa (em continuação), *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (3) 20: 20-23, 83-95, 314-323, figs. London.
- PERTY, M. — 1830 - *Delectus Animalium Articulorum Bras.* : iii, 224 pp., 40 pls. col. Monaco.
- PIC, M. — 1936 - Nouveautés diverses, *Mélanges exot.-ent.*, 67 : 36 pp. Moulins.
- SCHENKLING, S. — 1914 - Beiträge zur Kenntnis der Lymexyloniden, *Entomol. Mitteil.*, 3 (10-12) : 317-321. Berlin-Dahlem.
- SCHENKLING, S. — 1915 - Coleopterorum Catalogus W. Junk et S. Schenkl., 10 (pars 64) : 13 pp. (Fam. Lymexylonidae). Berlin.
- TASCHENBERG, O. — 1908 - in Heyne et Taschenberg, *Die Exotischen Käfer in Wort und Bild*, L, VII, 262 pp., 39 pls. col. Leipzig.
- THOMSON, J. — 1858 - Voyage au Gabon, *Arch. Ent.*, 2: 29-239, pls. 1-8. Paris.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

O ARTICULADO DOS DENTES LABIAIS NOS SÍMIOS DA FAMÍLIA *CEBIDAE* SWAINSON, 1835 (PRIMATES - MAMMALIA).

POR

OCTAVIO DELLA SERRA

INTRODUÇÃO

Em um artigo publicado nos "Papéis Avulsos" do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (Della Serra, 1951), tivemos o ensejo de estudar as variações do articulado dos dentes incisivos nos macacos do gênero *Alouatta* ⁽¹⁾. Nessa oportunidade, ressaltamos a opinião generalizada, mesmo entre especialistas, que os dentes dos *Primates* (exceto o *Homo*) são quase invariáveis na sua morfologia, posição, grau de inclinação e relações recíprocas.

A relativa invariabilidade morfológico-topográfica dos dentes em todos os gêneros de *Primates* outros que não o homem, seria, como pensa a maioria dos autores, consequência da maior uniformidade das suas condições de vida (habitat selvagem, dieta alimentar, etc.).

Pelo que se depreende das considerações feitas até aqui, as alterações morfológico-topográficas dos dentes humanos, ou dos mamíferos domésticos, seriam devidas, respectivamente, à civilização e à domesticação.

Entretanto, como bem diz Osburn (1913), as relações estáticas entre dentes de arcos opostos não devem ser consideradas como pré-estabelecidas, e muito menos como imutáveis, por isso que os vários tipos de articulado dentário encontrados nos animais superiores são resultado de um longo e fastidioso processo de evolução.

Há, pelas razões expostas, fortes evidências de que o articula-

⁽¹⁾ Aceitando a definição de Izard (1930), chamaremos de articulado dentário as relações estáticas que os dentes antagonistas mantêm entre si durante a oclusão. A oclusão é, por sua vez, um estado dinâmico.

do dentário, tal como êle se apresenta nos animais vivos, nem sempre existiu, e será novamente modificado para o futuro.

Além desta evolução filogenética do articulado dentário, é preciso levar em conta, também, a sua evolução ontogenética, isto é, as modificações que se processam nos dentes, desde o seu aparecimento no arco, até o seu desaparecimento da bôca.

É óbvio que inúmeros fatores devem influenciar a morfologia e a topografia dos dentes, porém, dentre todos, os hereditários estão em primeiro plano. Contudo, a situação final e as relações dos dentes entre si são condicionadas por fatores outros, tais como a ação da musculatura lábio-glosso-geniana, a usura, a dieta alimentar, e outros mais, que certamente modificam o tipo do articulado dentário.

Nos *Primates*, os dentes incisivos ocluem, via de regra, borda contra borda ⁽²⁾, como afirmam muitos autores (Osburn, 1913; Gregory, 1918; Schultz, 1925 e 1926; Widdowson, 1946; e outros mais). Esse tipo de articulado dentário é encontrado, com grande frequência, nos homens fósseis (*Homo neanderthalensis*, *Homo krapinensis*) como o é, também, entre os indivíduos de certas raças humanas primitivas (australianos autóctones, bosquimanos etc.).

Os dentes caninos, nos macacos, exibem um tipo de articulado bastante diverso daquele encontrado no homem. Em virtude do seu enorme desenvolvimento, a dita peça é recebida num diastema do arco oposto ⁽³⁾. No arco superior o diastema localiza-se entre o incisivo lateral e o canino; no arco inferior, entre o primeiro premolar e o canino.

Na dentadura humana, o diastema não é constatado no adulto, senão a título de anomalia, e a evolução do articulado canino “tipo antropeide” para o articulado “tipo humanoide” se faz por diminuição do volume do dente canino e conseqüente desaparecimento do diastema.

Também o *trema*, isto é, o espaçamento entre os dentes incisivos, ou os jugais, foi constatado em todos os gêneros examinados, e dêle teremos oportunidade de tratar mais adiante.

Na presente nota trataremos, com detalhes, das variações do articulado dos dentes incisivos nos símios dos gêneros *Cebus* Erxleben, 1777; *Ateles* Geoffroy, 1806; *Brachyteles* Spix, 1823; *Lagothrix* Geoffroy, 1812; *Cacajao* Lesson, 1840 e *Pithecia* Desmarest, 1804.

Não nos preocupamos com as relações oclusais dos outros dentes labiais (caninos), nem com as dos dentes jugais, pois além

⁽²⁾ Articulado em labidontia de Welcker (1862), *mordex rectus* de Carabelli (1844) ou prosarmose de Iszlay (1891).

⁽³⁾ Diastema é a denominação anatômica dada ao intervalo do arco dentário onde penetra o dente canino do arco oposto.

de suficientemente conhecidas, são ainda de disposição quase constante.

As anomalias do articulado do dente canino, ou dos jugais, são excepcionais. Nós mesmo (Della Serra, 1950), após passarmos em revista cerca de dois mil cento e setenta (2.170) crânios de macacos *Platyrrhina*, só pudemos constatar um caso de anomalia do articulado da primeira das citadas peças.

Dentre as inúmeras classificações propostas para exprimir as relações oclusais dos dentes preferimos a de Iszlay (1891), por isso que nos parece a mais detalhada e a que melhor define os vários tipos de articulado dos dentes labiais.

As odontarmoses de Iszlay ⁽⁴⁾ compreendem seis grupos que, com exceção de dois deles, comportam subdivisões segundo o grau de profundidade da mordida.

A *enarmose* (*mordex normalis* de Carabelli, 1844 ou *psalidodontia* de Welcker, 1862) caracteriza-se pelo fato dos dentes incisivos inferiores tomarem contato com a face lingual dos incisivos superiores. A borda incisal dos dentes inferiores pode tocar na face lingual dos dentes superiores segundo três níveis diferentes, isto é, no terço oclusal, no terço mediano ou no terço cervical. Essas variedades podem ser denominadas, respectivamente, de mordida leve, mordida média e mordida profunda.

O segundo grupo contém a *efarmose* (*mordex prorsus* de Carabelli, 1844), tipo de articulado onde os dentes superiores tocam na face lingual dos dentes inferiores. Aqui, como no grupo precedente, é possível distinguir as variedades de mordida leve, média e profunda, segundo o nível de oclusão do dente superior contra o inferior.

Na *prosarmose* (*mordex rectus* de Carabelli, 1844 ou *labidontia* de Welcker, 1862), os dentes dos arcos opostos ocluem tôpo a tôpo, ou, borda incisal contra borda incisal. Neste grupo não há subdivisões.

O quarto grupo é constituído pela *ofarmose* (*mordex apertus* de Carabelli, 1844 ou *hiatodontia* de Welcker, 1862), caracterizada por ausência de relações imediatas entre os dentes labiais, com permanência de um intervalo mais ou menos grande entre eles. Neste grupo também não há subdivisões.

A *dicarmose* constitui o quinto grupo (*mordex tortuosus* de Carabelli, 1844) e caracteriza-se por apresentar uma combinação dos tipos de oclusão anteriormente vistos. Assim, numa metade do arco,

(4) Grevers (1905), estudando as várias formas de oclusão dentária cita Iszlay (1891) a propósito das *odontarmosis*, por êste dividida em seis grupos, a saber: *enarmosis*, *epharmosis*, *prosarmosis*, *opharmosis*, *dicharmosis* e *typharmosis*. Neste trabalho nos permitimos transpôr para o vernáculo os vocábulos gregos empregados por Iszlay, conservando, contudo, suas raízes originais.

as relações são do tipo enarmose; na outra metade, são elas do tipo efarmose, e assim sucessivamente. Aqui há variedades do tipo fundamental, as quais obedecem o critério exposto a propósito dos dois primeiros grupos.

Finalmente, o último grupo, o da *tirfarmose*, caracteriza-se por conter tipos de articulado dentário que não podem ser classificados em qualquer dos grupos precedentemente assinalados. Neste grupo há, também, variedades dos tipos fundamentais.

MATERIAL

As nossas verificações foram feitas em quatrocentos e vinte e oito (428) crânios de símios da família *Cebidae* dos gêneros *Ateles*, *Brachyteles*, *Lagothrix*, *Cebus*, *Cacajao* e *Pithecia*. Os três primeiros gêneros assinalados foram reunidos por Simpson (1945) na subfamília *Atelinae* Miller, 1924, enquanto os dois últimos gêneros e mais *Chiropotes* constituem a sub-família *Pithecinae* Mivart, 1865 ⁽⁵⁾. No que respeita à sub-família *Cebinae* Mivart, 1865, estudamos tão somente os representantes do gênero *Cebus*.

Algumas das peças que estudamos são provenientes do Museum National d'Histoire Naturelle de Paris, enquanto outras são originárias do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Contudo, a maioria desses crânios pertence à coleção osteológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo ⁽⁶⁾.

De qualquer modo, os exemplares examinados pertencem a várias espécies, são adultos ou sub-adultos, e de ambos os sexos. O quadro I reúne o número dos exemplares examinados, classificados segundo as sub-famílias, gêneros, espécies ⁽⁷⁾ e sexos. Nêsse quadro, as ?? significam: espécime de sexo que não pôde ser determinado.

Devemos assinalar, ainda, que os crânios examinados pertencem a animais mortos no seu habitat, e, por isso, as variações que apresentamos nesta nota, não devem ser atribuídas a fatores decorrentes da permanência do animal em cativeiro, nem a mudanças dos hábitos alimentares.

⁽⁵⁾ Não concordamos com Simpson (1945), e assim estamos com a maioria dos autores, na criação do gênero *Chiropotes*. Efetivamente, não vemos nêsse símio, caracteres distintivos que permitam isolá-lo num gênero à parte. Por êsse motivo, no nosso material de *Pithecia* estão incluídos espécimes do pretense gênero *Chiropotes* de Simpson.

⁽⁶⁾ Consignamos os nossos agradecimentos aos senhores Dr. Olivério Mario de Oliveira Pinto e Carlos Octaviano da Cunha Vieira, respectivamente Diretor e Biologista encarregado da secção de mamíferos, que tão amavelmente colocaram ao nosso dispôr a coleção do Departamento de Zoologia.

⁽⁷⁾ As espécies estão classificadas de acôrdo com os trabalhos de Cruz Lima (1944), Elliot (1914) e Herschkowitz (1949).

QUADRO I

| Sub-famílias | Gêneros | Espécies | Sexo | | | Num. de exemplares | Total |
|--------------|-------------------------------|--|--|--|--------------------------------------|---|-------|
| | | | ♂ ♂ | ♀ ♀ | ?? | | |
| ATELINAE | <i>Ateles</i> Geof., 1806 | <i>A. paniscus</i> (L.), 1758 <i>A. fusciceps</i> Gray, 1866 <i>A. variegatus</i> Wagner, 1840 <i>A. grisecens</i> Gray, 1865 <i>A. belzebuth</i> E. Geof., 1806 <i>A. geoffroy</i> Has. e Kuhl, 1820 | 7 2 2 1 3 — | 11 1 3 — 1 2 | 3 — 1 — 3 — | 21 3 6 1 7 2 | 40 |
| | <i>Brachyteles</i> Spix, 1823 | <i>B. arachnoides</i> (E. Geof.), 1806 | 9 | 7 | 2 | 18 | 18 |
| | <i>Lagothrix</i> Geof., 1812 | <i>L. lagotherica</i> (Humb.), 1812 <i>L. ubericola</i> Elliot, 1909 <i>L. infumata</i> (Spix), 1823 <i>L. sp.</i> | 3 1 7 1 | 3 3 5 — | 2 2 1 — | 8 6 13 1 | 28 |
| PITHECINAE | <i>Cacajao</i> Les., 1840 | <i>C. rubicundus</i> (I. Geof.), 1848) <i>C. calvus</i> (I. Geof.), 1847 | 7 2 | 9 1 | — — | 16 3 | 19 |
| | <i>Pithecia</i> Desm. 1804 | <i>P. chiropotes</i> (Humb.), 1812 <i>P. satanas</i> (Hoffm.), 1807 <i>P. albinasa</i> I. Geof. e Dev., 1848 <i>P. pithecia</i> (L.), 1766 <i>P. monacha</i> (E. Geof.), 1812 <i>P. sp.</i> | 10 — 7 16 13 1 | 10 1 8 1 20 — | — 1 — 1 1 4 | 20 2 18 15 34 5 | 94 |
| CEBINAE | <i>Cebus</i> Erxl., 1777 | <i>C. fatuellus</i> (L.), 1766 <i>C. frontatus</i> Kuhl, 1820 <i>C. gracilis</i> Spix, 1823 <i>C. libidinosus</i> Spix, 1823 <i>C. nigritus</i> (Goldf.), 1809 <i>C. paraguayanus</i> Fisch. 1820 <i>C. robustus</i> Kuhl, 1820 <i>C. versutus</i> Elliot, 1910 | 44 8 — 20 22 9 11 3 | 36 10 1 16 15 11 8 11 | — — — — — — — — | 80 18 1 36 37 20 19 14 | 225 |
| TOTAL GERAL | | | 209 | 194 | 21 | 424 | 424 |

Outro dado digno de ser assinalado é que no nosso material só estudamos exemplares com dentes levemente desgastados, não obstante reconhecermos que o desgaste de média intensidade não modifica o tipo do articulado. Nos exemplares com dentes profundamente desgastados pudemos observar certa tendência para o articulado do tipo prosarmose (borda contra borda), em virtude da transformação da borda incisal das peças incisivas numa superfície oclusal tão extensa quanto a de um premolar.

OBSERVAÇÕES

Igualmente ao que acontece com os macacos do gênero *Alouatta*, a maioria dos gêneros que examinamos apresenta *trema* entre os dentes incisivos, ou entre o incisivo lateral inferior e o canino inferior.

Assim, o *trema* entre o incisivo central e lateral superior foi constatado, para cada gênero, e segundo os sexos examinados, nas percentagens mostradas no quadro II.

QUADRO II

| Sub-Famílias | Gêneros | SEXOS | | Número de espécimes | Total % |
|--------------|--------------------|-------|-----|---------------------|---------|
| | | ♂ ♂ | ♀ ♀ | | |
| ATELINAE | <i>Ateles</i> | 16% | 74% | 40 | 90% |
| | <i>Brachyteles</i> | 0% | 7% | 18 | 7% |
| | <i>Lagothrix</i> | 0% | 10% | 28 | 10% |
| CEBINAE | <i>Cebus</i> | 0% | 0% | 225 | 0% |
| PITHECINAE | <i>Cacajao</i> | 0% | 6% | 19 | 6% |
| | <i>Pithecia</i> | 13% | 13% | 94 | 26% |

Como se depreende da leitura desse quadro, a frequência do *trema* entre os incisivos superiores varia bastante, não só de acordo com os gêneros estudados, como também segundo o sexo do animal considerado. Contudo, a ausência do *trema* nos representantes do gênero *Cebus*, quer nos indivíduos machos, quer nas fêmeas, é um fato que chama a nossa atenção pela sua singularidade. Em todos os outros gêneros de símios o *trema* estava presente, variando a

sua freqüência desde 6% como em *Brachyteles*, até 90% como em *Ateles*.

No que se refere aos sexos há, também, uma evidente disparidade, como são os casos de todos os gêneros examinados, exceto em *Pithecia*, onde a freqüência é idêntica. Devemos assinalar, ainda, a enorme diferença percentual da presença do trema nos indivíduos machos e fêmeas do gênero *Ateles*.

É fora de dúvida que essas constatações devem ter algum significado anatômico funcional e provavelmente filogenético, porém uma semelhante tentativa para explica-los ainda não está ao nosso alcance.

Além do trema inter-incisivo, verificamos um outro entre o incisivo lateral e o canino inferior. Este espaçamento foi constatado em todos os exemplares, de todos os gêneros, com exceção de *Cebus*, cujos representantes mostram 15% de indivíduos sem êsse dispositivo.

No que concerne ao trema entre os incisivos inferiores, ou entre os jugais, jamais o encontramos em qualquer dos gêneros examinados.

Após estas considerações preliminares, faremos agora, e para cada gênero, um breve resumo sobre o tipo de articulado dentário, inclusive um quadro que reúne as observações coligidas.

Afim de não estender muito o texto, e facilitar a leitura, usaremos, tôdas as vezes que fôr conveniente, a seguinte notação dentária: os dentes incisivos serão representados pela inicial maiúscula do seu nome, seguida do algarismo 1 ou 2, para significar, respectivamente, incisivo central e incisivo lateral.

1) Gênero *Ateles* Geoffroy, 1806.

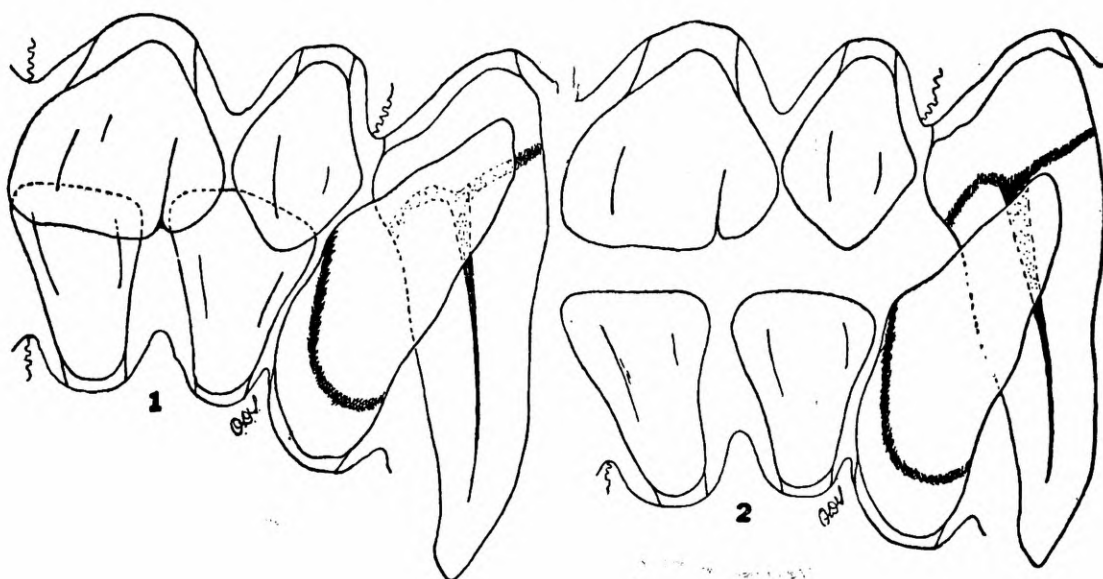
Num primeiro grupo compreendendo trinta e cinco observações (14 machos, 14 fêmeas e 7 espécimes de sexo não identificado), a borda oclusal dos dentes incisivos inferiores toca na face lingual dos dentes homônimos superiores. Todavia, como a série dos incisivos inferiores é de dimensão menor que a série dos incisivos superiores, resta sempre o terço ocluso-disto-lingual do I2 superior, que por isso toma contato com o canino inferior (fig. 1).

No articulado dentário com a disposição que acabamos de assinalar, a profundidade da mordida é variável. Assim, em dois (2) exemplares, a oclusão se estabelece ao nível do terço incisal da face lingual da peça superior; em vinte e três (23) outros espécimes, os dentes inferiores tocam no terço médio da face lingual dos superiores; nos dez (10) exemplares restantes, a oclusão se estabelece ao nível do terço cervical (tubérculo lingual) da face lingual das peças superiores.

O tipo de articulado dentário que descrevemos, bem como as variações de mordida que assinalámos, cabem bem no grupo da

enarmose e suas variedades de mordida leve, média e profunda. O articulado do tipo enarmose representa, por isso, 87,5% das observações sôbre quarenta exemplares dêsse gênero de símios.

Os dois (2) únicos exemplares (duas fêmeas) do segundo grupo de observações, exibem um articulado no qual as peças incisivas opostas ocluem tôpo a tôpo (borda incisal contra borda incisal). Todavia, dos dois casos apresentados, apenas um pode ser considerado puro, por isso que o outro mostra articulado borda a borda no lado esquerdo, e, em hiátodontia no lado direito. Dêsse modo, no grupo prosarmose há apenas um exemplar representando 2,5% sôbre o total de quarenta observações. O caso assinalado como impuro é pertencente ao grupo da dicarmose.



O terceiro grupo de observações inclui três (3) exemplares, dos quais dois são fêmeas e um é macho. Nêste tipo de articulado, os dentes superiores e inferiores não se tocam, permanecendo entre essas peças, um hiáto de dimensões variáveis (fig. 2). Também nêste grupo há um caso impuro que merece ser incluído no grupo da dicarmose, por isso que seu articulado é em hiátodontia à direita e tôpo a tôpo à esquerda.

Em consequência, os dois casos restantes do grupo pertencem ao tipo da ofarmose, e, representam 5% do total das nossas observações sôbre *Ateles*.

Também no grupo da dicarmose há dois casos, que perfazem 5% do total das observações efetuadas.

O quadro III reúne as nossas observações sôbre os tipos e variedades de articulado, segundo os sexos, fornecendo, além disso, as percentagens parciais e totais de cada tipo.

QUADRO III

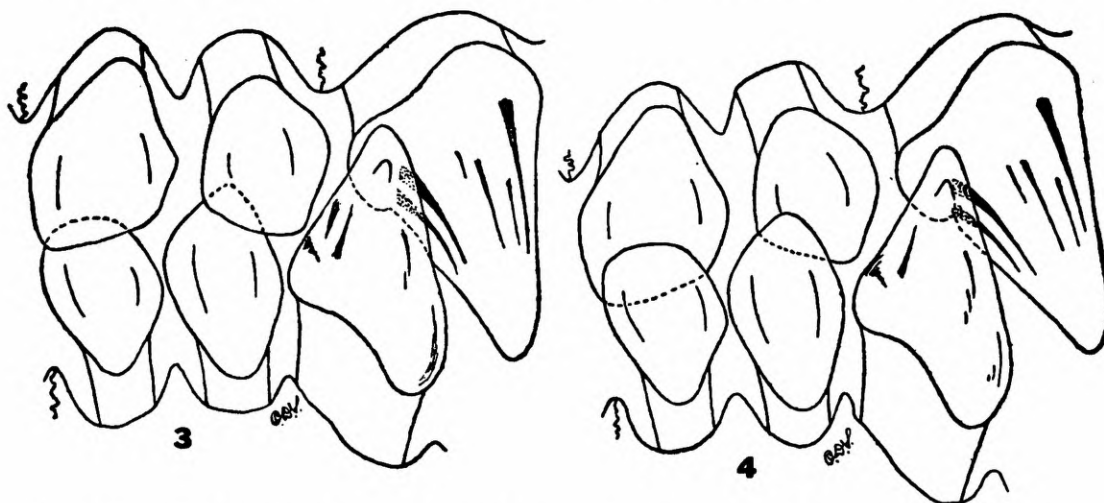
Os tipos de odontarmoses em 40 espécimes do gênero *Ateles*

| Tipo e variedade do articulado | S e x o | | | Número de casos | Parcial % | Total % |
|-----------------------------------|----------|-----|----|--------------------|--------------|------------|
| | ♂ ♂ | ♀ ♀ | ?? | | | |
| Enarmose | leve | 1 | — | 1 | 5,0 | 2 |
| | média | 7 | 11 | 5 | 57,5 | 23 |
| | profunda | 6 | 3 | 1 | 25,0 | 10 |
| Prosarmose | — | 1 | — | 2,5 | 1 | 2,5 |
| Ofarmose | 1 | 1 | — | 5,0 | 2 | 5,0 |
| Tirfarmose | — | 2 | — | 5,0 | 2 | 5,0 |
| TOTAL | 15 | 18 | 7 | 100,0 | 40 | 100,0 |

2) Gênero *Brachyteles* Spix, 1823

Não obstante ser pequeno o número de casos examinados (dezoito exemplares), foi no gênero *Brachyteles* que encontramos maior variedade de odontarmoses.

Núm primeiro grupo, incluindo seis (6) espécimes (dois machos, três fêmeas e um espécime de sexo não determinado), a borda oclusal dos dentes incisivos toca na face lingual dos incisivos supe-

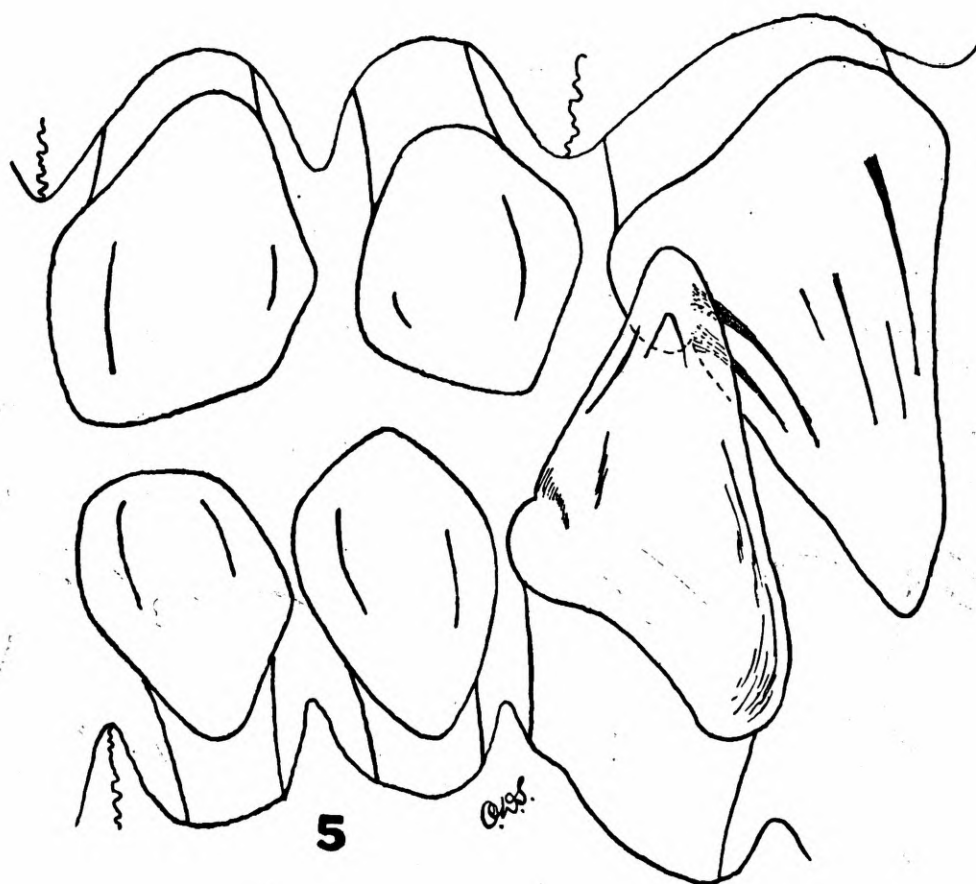


riores (fig. 3). Este grupo inclui um único caso de mordida de profundidade média. As cinco observações restantes são da variedade de mordida profunda. O articulado deste primeiro grupo de obser-

vações é do tipo enarmose, e representa 33,2% sôbre as dezoito observações efetuadas.

O segundo grupo, contendo ainda seis (6) exemplares (três machos, duas fêmeas e um de sexo não determinado), caracteriza-se por apresentar um articulado onde a borda oclusal dos dentes incisivos superiores toca na face lingual das peças homônimas inferiores (fig. 4). O tipo de articulado em questão pertence ao grupo efarmose, com duas variedades de mordida: a leve, com dois casos, e a média, com quatro casos. Do total das nossas observações sôbre êsse gênero de símios, a efarmose representa 33,3%.

O articulado tôpo a tôpo ou em prosarmose foi verificado em dois exemplares fêmeas, representando 11,1% das nossas observações.

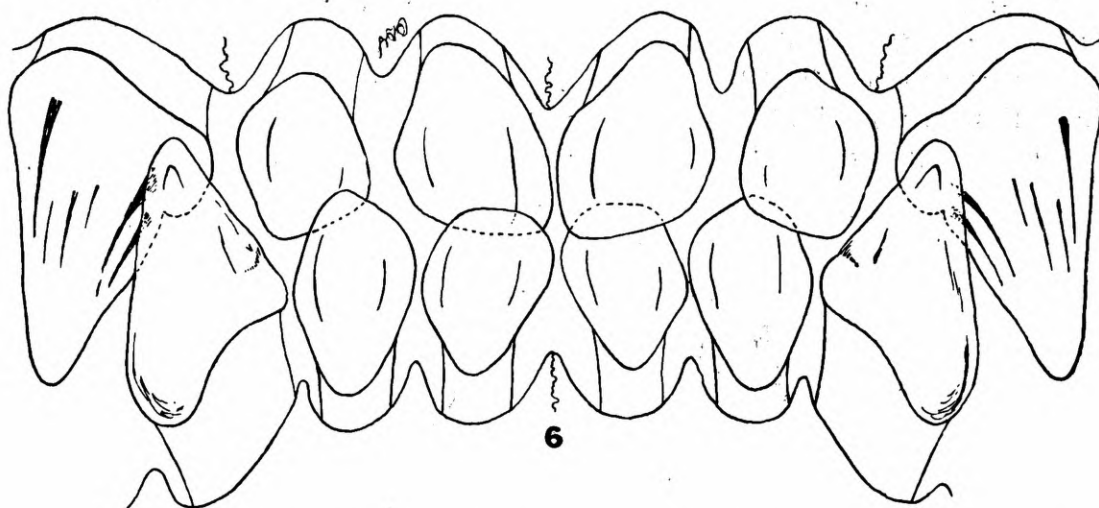


O articulado em hiatodontia ou ofarmose foi encontrado num exemplar macho, representando 5,5% das nossas observações (fig. 5).

As restantes três observações (três machos) pertencem ao tipo da tirfarmose, que como vimos, inclui tôdas as variantes que não podem ser classificadas nos outros grupos. De fato, em dois dos

casos que observamos, os incisivos inferiores ocluem tôpo a tôpo com o I1 superior; porém, o I2 superior oclue com o quarto disto-ocluso-lingual do I2 inferior. Dessa maneira, os incisivos centrais relacionam-se segundo o tipo prosarmose, e os laterais, em efarmose. No outro exemplar, as relações do I2 inferior se fazem com o terço m sio-ocluso-lingual do I2 superior, isto  , em  narmose (fig. 6).

Do total das nossas observações sôbre êste símios, a t rfarmose representa 16,6%.



O quadro IV resume as nossas observações a propósito dos  sp cimes do gênero *Brachyteles*.

QUADRO IV

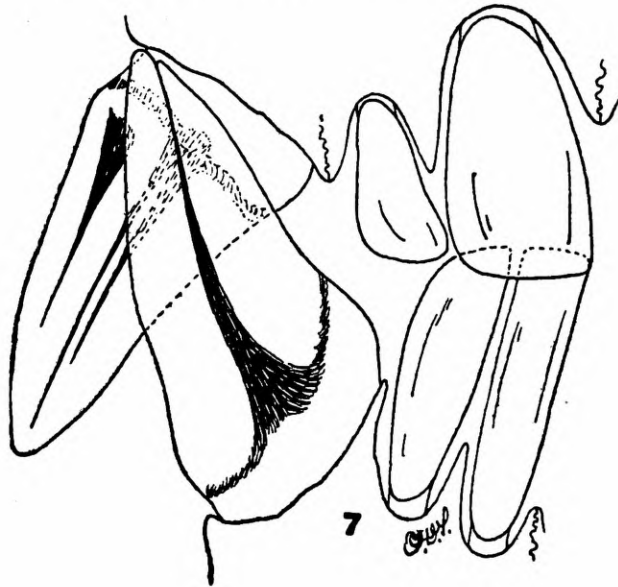
Os tipos de odontarmoses em 18 exemplares do gênero *Brachyteles*.

| Tipo e variedade do articulado | | S e x o | | | Número de casos | Parcial % | Total % |
|--------------------------------|----------|---------|-----|----|-----------------|-----------|---------|
| | |     |     | ?? | | | |
| Enarmose | leve | — | — | — | — | — | 33,2 |
| | média | — | 1 | — | 1 | 5,5 | |
| | profunda | 2 | 2 | 1 | 5 | 27,7 | |
| Efarmose | leve | 2 | — | — | 2 | 11,1 | 33,3 |
| | média | 1 | 2 | 1 | 4 | 22,2 | |
| | profunda | — | — | — | — | — | |
| Prosarmose | | — | 2 | — | 2 | 11,1 | 11,1 |
| Ofarmose | | 1 | — | — | 1 | 5,5 | 5,5 |
| Dicarmose | | 3 | — | — | 3 | 16,6 | 16,6 |
| TOTAL | | 9 | 7 | 2 | 18 | 99,4 | 99,4 |

3) Gênero *Cacajao* Lesson, 1840

Os espécimes do gênero *Cacajao* exibem um articulado dos dentes labiais bastante característico, por causa da morfologia e da disposição que assumem essas peças, em particular, as inferiores.

Num primeiro grupo de observações contendo seis (6) exemplares (dois machos e quatro fêmeas), as relações entre as peças inferiores e a central superior fazem-se com aquelas ocluindo no terço incisal da face lingual destas (fig. 7). É óbvio que esta disposição está condicionada não apenas pelo menor volume dos dentes inferiores, mas também, pela sua pronunciada inclinação mesial, aglomerando-se afim de tomar contato apenas com o dente incisivo central superior. Todavia, o comportamento do I2 superior mostra-se variável, não só em face da profundidade da mordida, mas também



segundo a sua maior ou menor inclinação vestibular. Assim, em quatro espécimes o I2 superior oclue, através da sua borda oclusal, com a aresta distal do I2 inferior. Nos dois casos restantes, o I2 superior toca no terço incisal da face lingual do I2 inferior, ou permanece em hiatodontia. Como se vê, não obstante o comportamento dos incisivos inferiores em relação ao central superior obedecer o tipo enarmose (variedade de mordida leve), o I2 superior mostra três diferentes modos de oclusão, a saber: em prosarmose, em efarmose e em ofarmose.

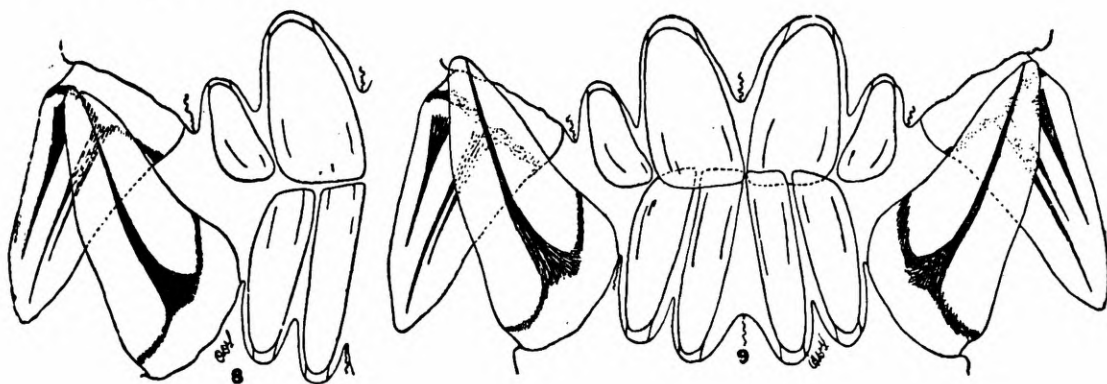
O segundo grupo de observações, ainda pertencente ao tipo de oclusão em enarmose, porém, com mordida de profundidade média, os dentes incisivos inferiores ocluem no terço médio da face lingual do I2 superior. O comportamento do I2 inferior com relação ao I2 superior é, também, variável. Assim, dos onze (11) exemplares exa-

minados (seis fêmeas e cinco machos), sete exibem o I2 inferior tocando no terço ou no quinto incisal da face lingual do I2 superior; em outros três casos, a borda oclusal do I2 superior toca na borda distal do I2 inferior; e, no último caso, o I2 superior recobre o quinto incisal da face vestibular da peça homônima inferior.

No terceiro grupo estão incluídos espécimes cujos dentes inferiores ocluem tampo a tampo com os dentes superiores. Este dispositivo foi encontrado uma única vez, num exemplar macho (fig. 8). Como variedade dêste tipo de articulado há que consignar a forma onde o I1 e I2 inferiores ocluem tampo a tampo com o I1 superior, enquanto o I2 superior permanece em hiatodontia e retrodонтia em relação ao dente homônimo inferior. Esta disposição foi verificada num exemplar macho.

Do que se disse acima depreende-se que o tipo de articulado incisivo da maioria dos exemplares examinados (dezessete espécimes) pode ser incluído no grupo enarmose, representando 89,3% das nossas observações sobre o gênero de símios em apreço. A profundidade da mordida variou entre as formas leve e média, respectivamente, nas seguintes proporções: 31,5% e 57,8%.

Das duas observações restantes, uma pertence ao tipo da pro-sarmose e a outra da dicarmose, respectivamente com 5,2% cada uma (fig. 9).



O comportamento do dente lateral superior com relação ao homônimo inferior é variável. Em alguns casos, o I2 inferior oclue no terço ou no quinto incisal da face lingual do I2 superior (sete casos); em outros, a borda oclusal do dente lateral superior toca na borda distal do I2 inferior (dois casos); finalmente, em outros espécimes, o I2 superior recobre o quinto incisal da face vestibular da peça homônima inferior. A disposição das peças incisivas laterais, tanto a superior como a inferior, tal como foi descrito acima, permite sua inclusão no grupo da enarmose (oito casos), efarmose (dois casos), e *distarmose*. A *distarmose* ou *distodontia* são os termos que propomos para classificar o tipo de articulado no qual a face lingual (ou vestibular) de uma peça dentária oclue com a ares-

ta distal e com o terço incisal da face proximal do dente do arco oposto. Um tal dispositivo é relativamente freqüente na dentadura dos símios, não obstante anormal na dentadura humana, e por êsse motivo não consignado na classificação de Iszlay.

O quadro V contém as observações que fizemos a propósito dêsse gênero de símios.

QUADRO V

Os tipos de odontarmoses em 19 espécimes do gênero *Cacajao*.

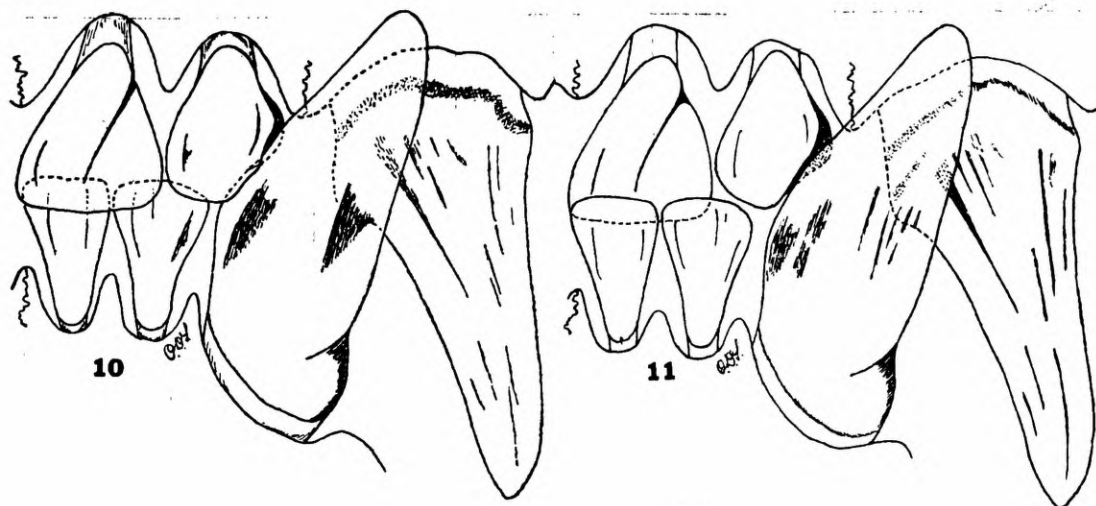
| Tipo e variedade do articulado | S e x o | | | Número de casos | Parcial % | Total % |
|-----------------------------------|---------|-----|----|--------------------|--------------|------------|
| | ♂ ♂ | ♀ ♀ | ?? | | | |
| leve | 2 | 4 | — | 6 | 31,5 | 89,3 |
| Enarmose média | 5 | 6 | — | 11 | 57,8 | |
| profunda | — | — | — | — | — | |
| Prosarmose | 1 | — | — | 1 | 5,2 | 5,2 |
| Dicarmose | 1 | — | — | 1 | 5,2 | 5,2 |
| TOTAL | 9 | — | — | 19 | 99,7 | 99,7 |

4) Gênero *Cebus* Erxleben, 1777

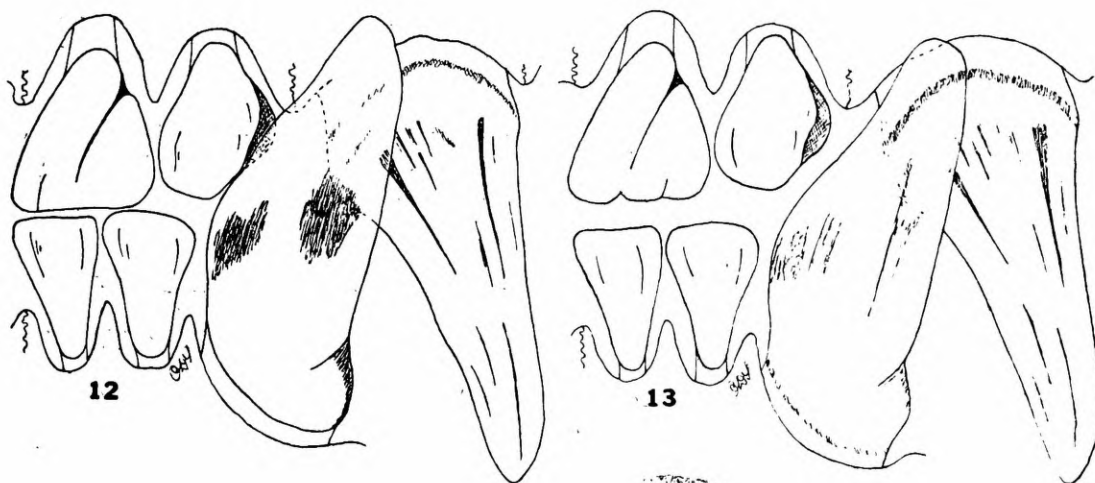
Examinamos duzentos e vinte e cinco (225) crânios de várias espécies dêsses símios, dos quais cento e dezessete do sexo masculino e cento e oito do sexo feminino. Também aqui pudemos verificar variabilidade relativamente grande nas relações entre dentes de arcos oposto. Contudo, a maioria dos exemplares examinados, representando 86,9% sobre o total, mostraram o tipo de articulado em enarmose.

Num primeiro lote de exemplares, os dentes incisivos inferiores ocluem na face lingual dos dentes superiores (fig. 10). Esta disposição em enarmose foi constatada em cento e noventa e seis casos, incluindo tôdas as espécies que examinamos, e de ambos os sexos. Todavia, a profundidade da mordida variou de modo a permitir a divisão dêsse grupo nas três variedades seguintes: mordida profunda, constatada em cento e três casos, ou seja, em 52,5% sobre o total das enarmoses; a mordida média foi verificada em noventa e um casos, ou seja, em 46,4% das enarmoses; finalmente, a mordida leve foi encontrada em um único exemplar, ou seja em 0,5% sobre o total dêsse grupo. Como se verifica, há uma flagrante maioria para as duas primeiras variedades de mordida, em detrimento da última.

No segundo lote incluímos as observações onde as relações dos dentes incisivos se fazem de maneira contrária à precedentemente descrita, isto é, em efarmose (fig. 11). De todos os casos que examinamos, apenas um, uma fêmea (0,4%) exibiu o dispositivo em questão.



O terceiro grupo comporta já um número bastante maior de observações, pois são vinte e cinco casos (11,1%) que exibem o tipo de articulado em que as bordas oclusais dos dentes opostos se tocam tampo a tampo, isto é, segundo o tipo da prosarmose (fig. 12).



Finalmente, o quarto grupo contém três casos nos quais os dentes incisivos deixam entre si, ou melhor, entre suas bordas oclusais, um hiato mais ou menos grande. Este tipo de articulado em ofarmose reúne 1,3% sobre o total de casos examinados (fig. 13).

O quadro VI resume as nossas observações a respeito do articulado dos dentes labiais nos macacos do gênero *Cebus*.

QUADRO VI

Os tipos de odontarmoses em 225 espécimes do gênero *Cebus*.

| Tipo e variedade do articulado | S e x o | | | Número de casos | Parcial % | Total % |
|-----------------------------------|---------|-----|----|--------------------|--------------|------------|
| | ♂ ♂ | ♀ ♀ | ?? | | | |
| leve | 1 | 1 | — | 2 | 0,8 | |
| Enarmose média | 50 | 41 | — | 91 | 40,4 | |
| profunda | 47 | 56 | — | 103 | 45,7 | 86,9 |
| Efarmose | — | 1 | — | 1 | 0,4 | 0,4 |
| Prosarmose | 17 | 8 | — | 25 | 11,1 | 11,1 |
| Ofarmose | 2 | 1 | — | 3 | 1,3 | 1,3 |
| TOTAL | 117 | 108 | — | 225 | 99,7 | 99,7 |

5) Gênero *Lagothrix* Geoffroy, 1812

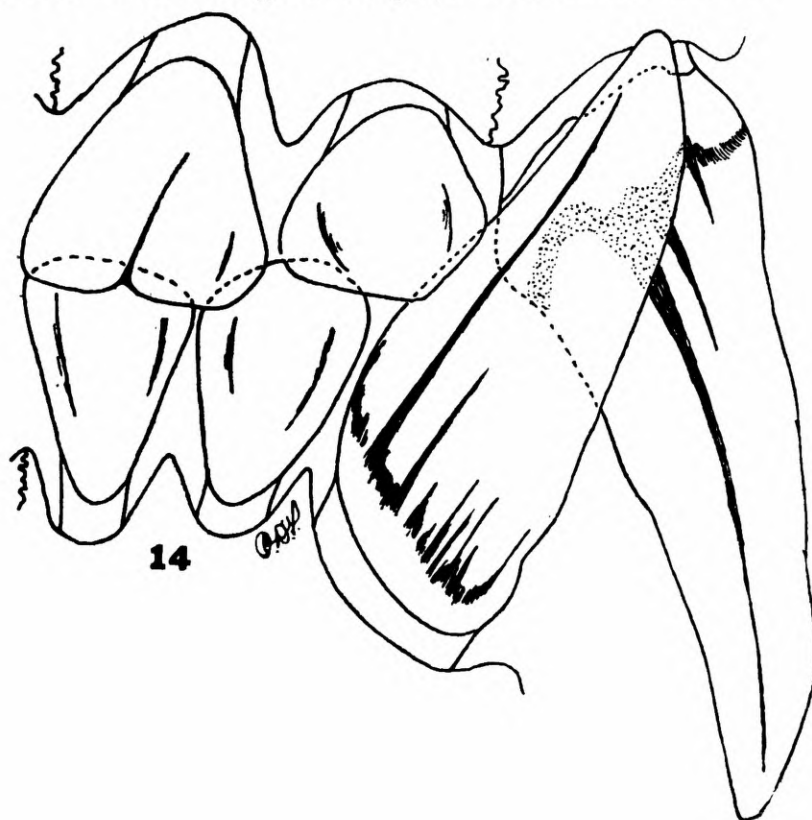
Estudamos vinte e cinco exemplares de monos dêste gênero (dez machos, dez fêmeas e cinco de sexo não determinado) e pudemos constatar uma certa variabilidade do tipo de articulado dentário, à semelhança do que vimos para os gêneros de símios precedentemente estudados.

Assim, num primeiro grupo de observações incluímos os casos onde a borda oclusal dos dentes incisivos inferiores toca na face lingual das peças homônimas superiores (fig. 14). Esta disposição foi encontrada em onze exemplares, e, tal como sucedeu para outros gêneros estudados, aqui também a profundidade da mordida variou. Em quatro exemplares a oclusão se faz ao nível do terço incisal da face lingual dos incisivos superiores, caracterizando a mordida de profundidade leve; em outros quatro casos, a mordida era profunda. Êste primeiro lote de observações pode ser catalogado no grupo da enarmose e suas variedades, representando 48% sôbre o total das nossas observações a propósito dêsse gênero de símios.

O segundo grupo compreende os exemplares cujos dentes incisivos ocluem tôpo a tôpo. Êsse tipo de articulado em prosarmose foi verificado em 28% dos casos examinados.

Num terceiro grupo, compreendendo sete casos, os dentes incisivos inferiores ocluem tôpo a tôpo com o I1 superior, porém, a disposição do I2 superior é diversa. Com efeito, em cinco casos, o I2 de ambos os lados do maxilar superior, toca no terço ou no quinto oclusal da face lingual do I2 inferior, caracterizando o articulado do tipo efarmose; num outro caso, o I2 superior esquerdo

oclue em prosarmose, porém, o I2 superior direito recobre o quinto disto-incisal da face vestibular do I2 inferior; finalmente, num outro exemplar, o comportamento do I2 superior é também diverso, segundo o lado considerado, por isso que a direita a dita peça permanece em hiato e retrodontia, enquanto o da esquerda recobre a aresta méso-ocluso-língual da peça homônima inferior.



QUADRO VII

Os tipos de odontarmoses em 25 exemplares do gênero *Lagothrix*.

| Tipo e variedade do articulado | S e x o | | | Número de casos | Parcial % | Total % |
|-----------------------------------|---------|-----|----|--------------------|--------------|------------|
| | ♂ ♂ | ♀ ♀ | 10 | | | |
| Enarmose | — | 1 | 3 | 4 | 16 | 48 |
| | 1 | 2 | 1 | 4 | 16 | |
| | — | 2 | 1 | 7 | 12 | |
| Prosarmose | 4 | 3 | — | 3 | 28 | 28 |
| Tirfarmose | 5 | 2 | — | 7 | 28 | 28 |
| TOTAL | 10 | — | ?? | 25 | 100 | 100% |

Os oito casos citados devem ser incluídos no grupo da tífarmose, o que nos dá 28% sobre o total das observações sobre esse gênero de símios.

O quadro VII contém as nossas observações sobre o articulado dentário em *Lagothrix*.

6) Gênero *Pithecia* Desmarest, 1804

Para o estudo do articulado dos dentes incisivos neste gênero de macacos, utilizamos noventa e quatro exemplares, de ambos os sexos.

Num primeiro lote, comportando trinta e dois exemplares (treze fêmeas, quatorze machos e cinco de sexo não determinado), os dentes incisivos inferiores tocam no terço incisal da face lingual dos I1 superiores, pelo menos estáticamente. Dentro desse grupo verificamos que as relações do I2 superior são variáveis, pois em 29 casos o I2 superior oclue, através da sua borda incisal, com o terço oclusal da face distal do I2 inferior; nos casos restantes, o I2 superior recobre o terço disto-incisal da face vestibular do I2 inferior.

O segundo grupo, compreendendo trinta e seis casos (vinte machos, quinze fêmeas e um de sexo não determinado), os dentes inferiores tocam no terço médio da face lingual do I2 superior. Ainda aqui, a peça lateral superior comporta-se de maneira diferente. Em vinte e sete casos, a borda oclusal do I2 superior toca no quarto incisal da face vestibular do I2 inferior; em nove exemplares, as relações são invertidas, pois é o dente superior que recobre o quarto ocluso-disto-vestibular do dente inferior.

O articulado dos dentes labiais dos espécimes do terceiro grupo faz-se de maneira que as peças inferiores tocam no tubérculo lingual das peças centrais superiores. Este dispositivo foi constatado em vinte e dois exemplares (treze machos e nove fêmeas). Ainda aqui, o I2 superior comporta-se de maneira diversa. Em nove casos, a borda oclusal do I2 superior toca no quarto disto-ocluso-lingual do dente inferior; em treze exemplares, as relações são ao converso da precedente, pois o dente superior recobre o quarto disto-vestíbulo-oclusal do dente inferior.

O quarto grupo reúne apenas três observações (dois exemplares machos e um de sexo não determinado), nas quais, os dentes incisivos inferiores ocluem tampo a tampo com os superiores, isto é, em prosarmose.

Por fim, o quinto grupo compreende um único exemplar no qual os dentes incisivos não se tocam, permanecendo entre eles um hiato mais ou menos grande, relação esta que caracteriza a ofarmose.

O quadro VIII resume o número e as percentagens dos diferentes tipos de articulado dentário neste gênero de símios.

QUADRO VIII

Os tipos de odontarmoses em 94 espécimes do gênero *Pithecia*.

| Tipo e variedade do articulado | S e x o | | | Número de casos | Parcial % | Total % |
|-----------------------------------|---------|-----|----|--------------------|--------------|------------|
| | ♂ ♂ | ♀ ♀ | ?? | | | |
| leve | 14 | 13 | 5 | 32 | 34,0 | 95,6 |
| Enarmose média | 20 | 15 | 1 | 36 | 38,2 | |
| profunda | 13 | 9 | — | 22 | 23,4 | |
| Prosarmose | — | 2 | 1 | 3 | 3,0 | 3,0 |
| Ofarmose | — | 1 | — | 1 | 1,0 | 1,0 |
| TOTAL | 47 | 40 | 7 | 94 | 99,6 | 99,6 |

COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

Antes de passarmos ao comentário final dos resultados das nossas observações, acreditamos de bom alvitre resumir, como vai no quadro IX, as freqüências percentuais dos vários tipos de odontarmoses encontradas nos diferentes gêneros de símios que estudamos.

Como se pode verificar através desse quadro, todos os gêneros estudados exibem, em maior ou menor proporção, articulado dentário em enarmose, e também, quase todos, mostram as já assinaladas três variedades de mordida (leve, média e profunda).

Não pretendemos entrar em considerações mais detalhadas, nem mesmo analisar estatisticamente os dados apresentados. Todavia, parece-nos lícito poder estabelecer, em face dos dados percentuais verificados, uma maior freqüência do articulado em enarmose, em detrimento das outras odontarmoses.

Em quase todos os gêneros de símios que estudamos, exceto em *Brachyteles* e *Lagothrix*, a freqüência da enarmose variou entre 86,9% e 95,6%, ou seja, de cinco e meia a dezenove vezes maior que a soma das percentagens de tôdas as outras odontarmoses. No próprio gênero *Lagothrix*, assinalado como exceção, a freqüência da enarmose foi de 44%, ou seja, um pouco menor que a metade da soma das freqüências percentuais dos outros cinco tipos de articulado dentário. No que tange a *Brachyteles* observa-se, efetivamente, uma diferença bem mais sensível entre a freqüência da enarmose (33,2%) e o conjunto das outras odontarmoses (66,8%). Po-

QUADRO IX

Tipos e variedades de odontarmoses nos vários gêneros de símios *Cebidae*.

| GÊNEROS | Número de espécimes | Tipos e variedades de articulado em % | | | | | | | | | |
|--------------------|---------------------|---------------------------------------|-------------|-------------|------------|------------|----------|---------------|-----------------|----------------|-----------------|
| | | Enarmose | | | Efarmose | | | Ofarmo- se | Prosar- mose | Dicar- mose | Tirfar- mose |
| | | L | M | P | L | M | P | | | | |
| <i>Ateles</i> | 40 | 5 | 57,5 | 25 | — | — | — | 5 | 2,5 | — | 5 |
| <i>Brachyteles</i> | 18 | — | 5,5 | 27,7 | 11,1 | 22,2 | — | 5,5 | 11,1 | 16,6 | — |
| <i>Lagothrix</i> | 28 | 16 | 16 | 12 | — | — | — | — | 28 | — | 28 |
| <i>Cebus</i> | 225 | 0,8 | 40,4 | 45,7 | 0,4 | — | — | 1,3 | 11,1 | — | — |
| <i>Cacajao</i> | 19 | 31,5 | 57,8 | — | — | — | — | — | 5,2 | 5,2 | — |
| <i>Pithecia</i> | 94 | 34 | 38,2 | 23,4 | — | — | — | 1 | 3 | — | — |
| TOTAL | 424 | 10,8 | 39,1 | 33,7 | 0,7 | 0,9 | — | 3,1 | 9,1 | 0,9 | 2,1 |

rém, nem mesmo este caso particular parece invalidar a precedente afirmativa se se comparar a freqüência percentual da enarmose com a freqüência percentual das outras odontarmoses isoladamente.

Os fatos acima apontados parecem indicar a enarmose como o tipo de articulado que deve ser considerado como habitual entre os símios estudados. Tais fatos firmam-se ainda mais, se levarmos em conta que para o conjunto dos símios observados, a enarmose é verificada em 83,6% dos casos. Semelhante constatação diverge, e bastante, daquilo que foi verificado para os macacos do gênero *Alouatta* (Della Serra, 1951), nos quais, a efarmose aparece em 43,6% dos casos e a enarmose em apenas 19,7% das vezes.

A segunda coluna do quadro IX, a coluna da efarmose, revela-nos um fato inteiramente diverso do precedentemente tratado. Com efeito, o articulado em efarmose é raro entre os símios por isso que na maioria dos gêneros estudados não evidenciamos sequer um exemplar com êsse dispositivo. Contudo, devemos assinalar aqui duas exceções. A primeira, concernente com macacos do gênero *Cebus*, bem pode ser interpretada, face ao único caso verificado, como uma anomalia bastante rara. Entretanto, o mesmo não se pode afirmar para *Brachyteles* onde 33% dos seus representantes exibem a efarmose. Como se vê, a freqüência da efarmose em *Brachyteles* é praticamente idêntica à da enarmose. De qualquer modo, e para o conjunto dos gêneros de símios que examinamos, a articulação em efarmose é rara, pois orça em 1,6%.

Na terceira coluna estão consignadas as percentagens do articulado em ofarmose. Como se pode verificar, este tipo de articulado é, no cômputo geral, ligeiramente mais freqüente que a efarmose (3,1% contra 1,6%). Os representantes dos gêneros *Cacajao* e *Lagothrix* foram os únicos que não apresentaram êsse tipo de articulado. Dos restantes gêneros estudados, *Brachyteles* e *Ateles* são os que apresentaram maior freqüência percentual (respectivamente 5,5% e 5% dos casos).

A quarta coluna contém os dados percentuais para a prosarmose, isto é, para o articulado tôpo a tôpo. Como se pode constatar, todos os gêneros estudados possuem, em maior ou menor percentagem, exemplares com êsse tipo de articulado. Vale assinalar, contudo, a freqüência relativamente grande da prosarmose em *Lagothrix* (28%), como também, se bem que muito menos, em *Brachyteles* e *Cebus*, (11,1% para cada gênero). No cômputo geral é, ainda, êsse tipo de articulado que contribui com maior número de casos (9,1%), depois da enarmose.

A dicarmose é, como já vimos, o tipo de articulado dentário no qual as relações oclusais diferem segundo o lado do maxilar que se observa. Apenas dois gêneros de símios, de todos os que estudamos, exibem semelhante tipo de articulado, e são eles *Brachyte-*

les e *Cacajao*. Para o total das observações efetuadas, êsse tipo de articulado contribui com apenas 0,9%, sendo, por isso, a odontarmose menos freqüente entre os *Cebidae*.

Finalmente, na última coluna estão contidos os casos de tirtarmose, isto é, de articulado irregular, atípico, se assim se pode dizer. Tal tipo de odontarmose foi verificado em apenas dois gêneros: *Lagothrix*, com 28% dos exemplares, e *Ateles*, com 15%. Entretanto, êsse tipo de articulado contribui, para o total das observações efetuadas, com somente 2,1% dos casos.

Como se acaba de verificar, através dêste breve comentário, é a enarmose (em qualquer das suas variedades) o tipo mais freqüente de articulado dentário dos *Cebidae*. Dos 424 exemplares examinados 83,6% exhibe êsse tipo de odontarmose. Vem em seguida, e por ordem decrescente de freqüência percentual, a prosarmose com 9,1%, a ofarmose com 3,1%, a tirtarmose com 2,1%, a efarmose com 1,6%, e por fim a dicarmose com 0,9%.

Em face dêsses resultados, e contrariamente ao que afirma a maioria dos autores, é a enarmose e não a prosarmose o tipo de articulado habitual nos símios *Cebidae*. É óbvio que os representantes do gênero *Alouatta* fazem exceção, porém, mesmo nêstes não é a prosarmose o articulado mais freqüente.

De qualquer modo, e mesmo na ausência de uma análise estatística, parece-nos poder dizer que as outras odontarmoses, qualquer que seja a sua freqüência percentual, devem ser consideradas como normais para os *Cebidae*.

Após as considerações feitas, parece-nos lícito emitir as seguintes conclusões:

- 1) O articulado dentário, nos vários gêneros da família *Cebidae*, é variável.
- 2) Parece não existir qualquer relação entre o sexo do animal e a preferência para determinado tipo de odontarmose.
- 3) O diastema é um dispositivo constante nas espécies examinadas.
- 4) O diastema é igualmente freqüente em ambos os sexos.
- 5) O trema inter-incisivo foi constatado, com percentagens variáveis, em quase tôdas as espécies examinadas.
- 6) Nos espécimes do gênero *Cebus* não foi constatado o trema inter-incisivo.
- 7) O trema entre o incisivo lateral e o canino inferior foi verificado na totalidade dos casos examinados, exceto em *Cebus*, que em 15% dos casos são desprovidos dêsse dispositivo.
- 8) Ao contrário do que afirma a maioria dos autores, a enarmose é o articulado mais freqüente nos *Cebidae*.

9) Em quase todos os gêneros de cebideos estudados, exceto em *Brachyteles* e *Lagothrix*, a frequência da enarmose foi maior que 80%.

10) Mesmo em *Brachyteles* e *Lagothrix* houve maior frequência percentual para a enarmose quando comparada com as outras odontarmoses isoladamente.

11) A julgar pelo número relativamente pequeno de observações feitas, as espécies de um mesmo gênero exibem tipos de odontarmoses semelhantes.

RESUMO

O autor estuda o articulado dos dentes labiais em quatrocentos e vinte e quatro (424) símios da família *Cebidae*, distribuídos pelos gêneros *Ateles*, *Brachyteles*, *Lagothrix*, *Cebus*, *Cacajao* e *Pithecia*. Dentre os vários tipos de odontarmoses, a enarmose foi a mais frequente, contrariando, assim, as verificações feitas por outros autores. Também o trema e o diastema da dentadura desses símios, foram objeto de estudo.

ABSTRACT

The author studies the occlusion of the labial teeth in several genera of monkeys of the family *Cebidae*. Four hundred and twenty four specimens were studied comprising the following genera: *Ateles*, *Brachyteles*, *Lagothrix*, *Cebus*, *Cacajao* and *Pithecia*.

Several types of odontarmosis were found in the various genera, enarmosis being the most frequent type not only in the various genera as also in the family *Cebidae* as a whole. This conclusion is not in agreement with the current opinion. No sexual and specific differences were observed. The trema and diastema of this monkeys were also studied.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — CARABELLI — 1844 in Grevers (1905).
- 2 — CRUZ LIMA, ELÁDIO DA — 1944 - Mamíferos da Amazonia. I (Introdução geral e Primatas), 273 pp., 42 prs., Of. Gráfica Mauá, Rio de Janeiro.
- 3 — DELLA SERRA, O. — 1950 - Interessante anomalia do articulado dentário em um bugio (*Alouatta caraya*). Anais da Fac. de Farm. e Odont. da U.S.P., VIII: 221-225, 3 figs.
- 4 — DELLA SERRA, O. — 1951 - Variações do articulado dos dentes incisivos nos macacos do gênero *Alouatta* Lac., 1799. Papéis Avulsos do Dep. de Zoologia (Secretaria da Agricultura de S. Paulo), X(7): 139-146, 8 figs.
- 5 — ELLIOT, D. G. — 1913 - A review of the Primates. I (Lemuroidea and Anthropeidea), CXXVI + 317 + XXXVIII, ilustr. II (Anthropeidea), XVIII + 382 + XXVI, ilustr., Ed. Amer. Mus. Nat. Hist., New York.

- 6 — GREGORY, W. K. — 1918 - The evolution of Orthodonty. *The Dental Cosmos*, 40(5) : 417-425, 9 figs.
- 7 — GREVERS, J. E. — 1905 - Odontharmosis: a classification of the various forms of occlusion of the teeth. *The Dental Cosmos*, 47(5) : 552-558, 12 figs.
- 8 — HERSHKOWITZ, P. — 1949 - Mammals of Northern Colombia. Preliminary report n.º 4: Monkeys (Primates), with taxonomic revision of some forms. *Proc. United States Nat. Mus. Washington*, 98 (3232) : 323-427, 8 figs., 3 pls.
- 9 — ISZLAY — 1891 - in Grevers (1905).
- 10 — IZARD, G. — 1930 - Orthodontie (in *La Pratique Stomatologique*). XV+762, ilustr., Masson & Cie, Paris.
- 11 — OSBURN, R. C. — 1913 - The evolution of the occlusion, with special reference to that man. *The Dental Cosmos*, 55(12) : 1236-1242.
- 12 — SCHULTZ, A. H. — 1925 - Studies on the evolution of the human teeth. *The Dental Cosmos*, 67(11) : 1053-1063, 13 figs.
- 13 — SCHULTZ, A. H. — 1926 - Studies on the variability of the *Platyrrhina* monkeys. *Journal of Mammalogy*, 7(4) : 286-305.
- 14 — SIMPSON, G. G. — 1945 - The principles of classification and a classification of Mammals. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., New York*, 85:XVI+350.
- 15 — WELCKER — 1862 - in Grevers (1905).

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

NOTAS SOBRE GEOPLANAS BRASILEIRAS

(Turbellaria Tricladida)

POR

CLAUDIO G. FROEHLICH

O presente trabalho trata de diversas espécies de *Geoplana* que necessitavam de alterações nomenclaturais; quatro espécies são colocadas na sinonímia de outras mais antigas e dois nomes novos são introduzidos. Contem ainda a descrição sucinta de três espécies novas, cujo estudo mais detalhado será feito oportunamente.

***Geoplana pulchella* Fritz Müller (Fig. 1)**

Geoplana pulchella Fritz Müller 1857, p. 25.

Geoplana pulchella Graff 1899, p. 330.

O único verme coligido, ainda imaturo, media em reptação 20 mm. de comprimento por 1,5 mm. de largura. Conservado, suas dimensões são, respectivamente, de 13,5 por 1,5 mm. localizando-se a boca a 8,2 mm. da ponta anterior. A maior largura situa-se aproximadamente ao nível da faringe. O estreitamento anterior é muito paulatino; o posterior, mais rápido.

Pouco menos da metade anterior do dorso apresenta colorido vermelho-laterício (desbotado no material conservado) com manchas ovais onde aparece o fundo lácteo, manchas essas que não são halos de olhos. Para trás, com exceção da zona mediana e da extremidade caudal, também lácteas, a pigmentação do dorso é escura. No limite com a zona mediana, o pigmento concentra-se muito, formando de cada lado uma espécie de listra preta longitudinal que, para a frente, avança um pouco na região avermelhada e, para trás, termina antes da ponta. Em direção às margens a pigmentação dilue-se adquirindo tonalidade cinzenta e pouco atrás da faringe forma uma faixa transversal que interrompe a zona branca mediana. Esse pigmento estende-se ainda, pouco concentrado e com tom acinzentado, ao ventre, onde também deixa livre uma zona láctea mediana, de largura semelhante à do dorso.

Os olhos da região cefálica são unisseriais e de cálices alongados; medem comumente 62μ de comprimento por 30 de diâmetro; o maior tinha respectivamente 78 e 36μ . Para trás os olhos, de cálices globulosos com $20-30\mu$ de diâmetro, avançam de cada lado sobre ca. $1/3$ do dorso e ocorrem até a extremidade posterior.

A faringe, do tipo cilíndrico, tem 1,1 mm de comprimento da inserção ventral à ponta. O comprimento da bolsa faríngea é de 1,5 mm., situando-se a boca aproximadamente na metade da mesma.

LOCALIDADE. Blumenau (Est. Santa Catarina), sob tronco caído à beira de pequena mata, em 24 de junho de 1953.

DISCUSSÃO. Fritz Müller não descreveu o colorido dos restantes $2/3$ do dorso e não viu os pequenos olhos post-cefálicos do seu único espécime. Por outro lado, nosso exemplar, ainda imaturo, tem apenas pouco mais da metade do tamanho do verme original e a região anterior avermelhada pouco mais extensa. Contudo, o padrão invulgar do colorido da *G. pulchella* permite-nos classificar com bastante segurança o nosso exemplar.

G. pulchella E. du Bois-Reymond Marcus 1951 revela-se não conspecífica com *G. pulchella* Fritz Müller. Naquela, além do tamanho maior, a região anterior avermelhada é muito restrita e desprovida de manchas brancas, e o ventre, salvo estreita orla ferrugínea, é todo êle branco-acinzentado. Redenominâmo-la *Geoplana velina*, nom. nov.

***Geoplana burmeisteri* Max Schultze**

Geoplana burmeisteri Max Schultze 1857, p. 33-38.

Geoplana polyophthalma Schirch 1929 (part.), p. 37 f. 1, t. 2 f. 4, 5, 7 e 8 (non t. 2 f. 6, t. 3 f. 2).

Geoplana leucophryna Marcus 1951, p. 88-91, t. 22 f. 138, t. 32 f. 231-35, t. 33 f. 236, t. 39 f. 297. nov. syn.

Max Schultze (1.c., p. 33) descreve os caracteres externos de *G. burmeisteri* do seguinte modo (tradução): "O comprimento atinge $2\frac{1}{2}$ polegadas (64 mm); a largura máxima, atrás da metade do corpo, quase $1/2$ polegada (13 mm); a espessura, 1 linha (2,1 mm). O corpo adelgaça-se mais rapidamente para trás e muito paulatinamente para a frente, estirando-se numa longa ponta. A côr, no dorso, é pardo-sépia; na extremidade anterior, pardo-negra. No meio do dorso corre, da extremidade anterior até a posterior, uma listra pardo-clara de $1/2$ linha (1 mm) de largura. Esta listra, muito clara e nítida, limitada por margens quase pretas; no quarto anterior do animal, torna-se depois indistinta e só na proximidade da extremidade posterior, novamente mais nítida. Sobre o dorso encontra-se ainda uma quantidade de pequenos pontinhos

circulares e esbranquiçados, reconhecíveis mesmo a olho nu. Na metade anterior são menores e mais cerradamente dispostos que na posterior e, em direção à extremidade cefálica, desaparecem afinal inteiramente. O lado ventral, amarelo-acinzentado uniforme,

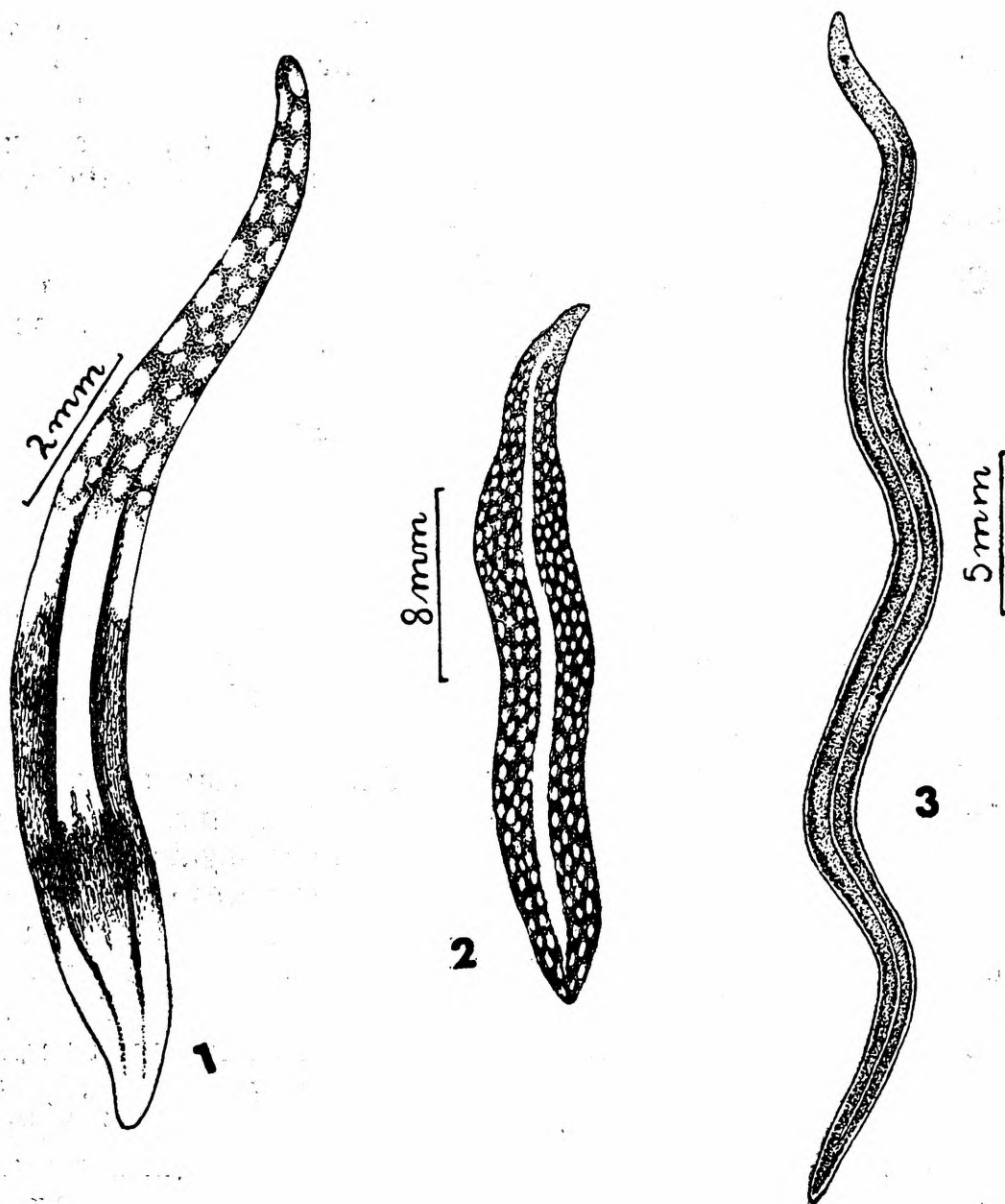


Fig. 1 - *G. pulchella* Fr. Müller. Aspecto de dorso.

Fig. 2 - *G. splendida* Graff. Aspecto do dorso.

Fig. 3 - *G. oliverioi*, n. sp. Verme em reptação, aspecto do dorso.

mostra, logo atrás da metade, a abertura bucal, da qual, no nosso exemplar, protraí-se a extremidade bucal, muito dobrada e alargada em funil, da faringe ("Schlundrohr"). 5 linhas (10,5 mm) mais para trás situa-se o gonópore muito pequeno..."

O colorido do verme descrito acima coincide com o dos vermes mais velhos de *G. leucophryna* Marcus. Os "pontinhos claros" são os halos de olhos. O ventre, avermelhado em vida, torna-se comumente amarelo-acinzentado após a conservação, pelo dissolução do pigmento responsável por aquela côr.

O tamanho, a forma e a posição dos orifícios do corpo também são compatíveis com os da espécie citada. Para comparação com os dados de M. Schultze, seguem-se algumas medidas, em mm., de *G. leucophryna*. A posição da boca e do gonóporo são medidas em relação à ponta anterior. A primeira serie de medidas refere-se ao exemplar de Marcus 1951, p. 88.

| Compr. | Largura | Boca | Gonóporo | distância boca-gonóporo |
|--------|---------|------|----------|----------------------------|
| 110 | 11 | 68 | 80 | 12 |
| 90 | 11,5 | 52 | 66 | 14 |
| 65 | — | 39 | 49 | 10 |
| 59 | 7,5 | 37 | 45 | 8 |
| 58 | — | 34 | 44 | 10 |
| 50 | 8,5 | 30 | 36 | 6 |

Aliando-se aos citados, o fato de que *G. leucophryna* é uma espécie comum no Rio de Janeiro, localidade do espécime de M. Schultze, é nossa opinião que essa espécie é sinônima de *G. burmeisteri* M. Schultze.

O material que Graff (1899, p. 303-05) classificou como *G. burmeisteri* é, com toda probabilidade, heterogêneo e não concorda com o verme descrito por M. Schultze nos seguintes pontos: 1) os vermes do material de Graff são todos menores e mais esbeltos; 2) a posição dos orifícios do corpo é muito mais recuada; 3) o colorido de grande parte das "variedades" não é compatível com o descrito por M. Schultze e 4) o aparelho copulador do exemplar estudado por Graff é provavelmente do tipo sem papila penial, pois o primórdio não a apresenta (Graff, 1.c., p. 159 f. 15), ao passo que *G. burmeisteri* tem papila bem desenvolvida (M. Schultze, 1.c., p. 38; Marcus 1.c., p. 89). Essas diferenças levam-nos à exclusão do material de Graff de *G. burmeisteri*. A situação nomenclatorial desse material, devido à sua heterogeneidade, tem de ficar por ora em suspenso.

***Geoplana applanata* Graff**

Geoplana applanata Graff 1899, p. 307, t. 1 f. 20.

Geoplana rufiventris, Schirch 1929, t. 1 f. 1-3.

Geoplana notocelis Bresslau 1933, p. 159 f. 151, p. 177 f. 171 nov. syn.

Geoplana notophthalma Riester 1938, p. 52-56 f. 60-61, t. 2 f. 59 nov. syn.

Bresslau (1927, p. 222), antes de sua primeira viagem ao Brasil, em 1913-14, fora informado por Graff de que a espécie mais comum no Brasil médio era *Geoplana rufiventris* Fr. Müller. Não é de se estranhar, portanto, que Bresslau, e com ele Schirch, tenham classificado a espécie mais comum de Teresópolis, um tanto semelhante a *G. rufiventris*, como esta. Depois de sua volta, Bresslau (1.c., p. 222-23) verificou que a espécie por ele encontrada em Teresópolis não coincidia com *G. rufiventris* na distribuição dos olhos, e estranhou o fato de que nenhuma das pessoas que antes dele colecionaram exemplares de *G. rufiventris*, não tivesse encontrado também exemplares da espécie por ele coligida. Como Steinböck lhe informara que o material de *G. rufiventris* de Graff era heterogêneo, Bresslau (1.c.), nessa ocasião, considerou sua espécie como mais um elo do "Formenkreis" de *G. rufiventris*. Nas suas notas do diário de excursão de 1929, ano de sua segunda viagem ao Brasil, Bresslau já chama a espécie em discussão de *G. notocelis* (Riester 1938, p. 53), nome que também adota, atribuindo-o a Steinböck, no capítulo "Turbellaria" do "Handbuch der Zoologie" de Kükenthal-Krumbach (Bresslau 1933, p. 159 f. 151 (3), p. 177 f. 171). Carlé (1935), bem como Marcus (1951), classificaram a espécie como *G. notocelis* Bresslau, pois Steinböck nada publicou a respeito. Riester (1938, p. 52) redenominou-a, chamando-a de *G. notophthalma*.

Evidentemente, a todos esses autores passou despercebida *G. applanata* Graff (1899, p. 307, t. 1 f. 20), espécie coligida por Goeldi no baixo Rio Pomba, no Estado do Rio de Janeiro. Tanto a descrição como a figura de *G. applanata* coincidem com a dos exemplares mais claros de Teresópolis, como se vê comparando a figura de Graff (1.c.) com a fotografia de um espécime de Bresslau (Riester 1938, t. 2 f. 59a). Exemplares por nós coligidos em Teresópolis, especialmente depois de conservados, também coincidem com as figuras citadas. Além disso, *G. rufiventris* é apenas conhecida, no Brasil, dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ao passo que *G. applanata* foi encontrada em local não muito distante de Teresópolis, no próprio Estado do Rio de Janeiro.

Dos fatos acima somos levados a concluir que a espécie coligida por Bresslau, Schirch, e por nós em Teresópolis é *G. applanata* Graff, devendo os nomes *G. notocelis* Bresslau e *G. notophthalma* Riester ser colocados na sinonímia daquela.

***Geoplana splendida* Graff (Fig. 2)**

Geoplana splendida Graff 1899, p. 326-27, t. 1 f. 8.

O único exemplar coligido media, em reptação, 30 mm. de comprimento por 3 de largura e, depois de fixado, 27,5 por 3,8. Boca e gonópore respectivamente a 16,6 e 21,2 mm. da extremidade anterior, no verme fixado. Largura máxima na 2.ª metade do corpo. Extremidade anterior obtusa, suavemente afilada; extremidade posterior aguda e abruptamente estreitada. Dorso pouco abaulado.

Colorido dorsal castanho-escuro, quase preto, mais escuro medialmente, no limite com a faixa mediana amarelo-alaranjada. Extremidade cefálica castanho-avermelhada. Ventre lácteo, com orla escura da cor do dorso. Fileira de fossetas sensoriais nítida nos 4 primeiros mm.

Olhos numerosos; os dorsais, ausentes apenas na faixa mediana, no centro de grandes halos claros. Estes menos conspícuos na região cefálica.

Faringe campanuliforme, com 1,5 mm. de comprimento; bolsa com 1,7 mm. de comprimento e bôca a 1 mm. da inserção ventral.

Vesícula seminal extra-bulbar, papila penial ausente, átrio masculino amplo, de paredes pregueadas; trechos ectais dos oviductos e ental do canal genital feminino, este dirigido ventralmente, funcionando como ductos glandulares; revestimento da parte ental do átrio feminino alto, lacunoso; capas musculares das partes masculina e feminina independentes.

LOCALIDADE. Alto de Teresópolis, em bromeliácea epífita caída, 24 de julho de 1952.

DISCUSSÃO. Graff (1899 p. 326) descreveu apenas os caracteres externos de seu único exemplar, coligido por E. Goeldi em Colônia Alpina, perto de Teresópolis. O verme presente concorda com a descrição de Graff, divergindo apenas na largura da faixa alaranjada mediana. Esta ocupa 1/3 da largura do dorso no exemplar original ca. 1/6 no nosso. Como, porém, a largura da zona clara mediana tem-se revelado caráter especificamente pouco constante, consideramos nosso verme como *G. splendida* Graff.

Riester (1938, p. 66) classificou como *G. splendida* alguns vermes colecionados por E. Bresslau em Teresópolis. O colorido destes vermes, contudo, difere do de *G. splendida* Graff nos seguintes pontos: 1. Há uma estria mediana amarela. 2. As zonas mediais castanho-avermelhadas apresentam halos de olhos. 3. Essas zonas são obliteradas pelas faixas pretas laterais bem antes da

ponta posterior. 4. As margens são claras, da cor de fundo amarela. 5. A extremidade anterior é preta. Além disso, o aparelho copulador, provido de grande papila penial, é incompatível com o

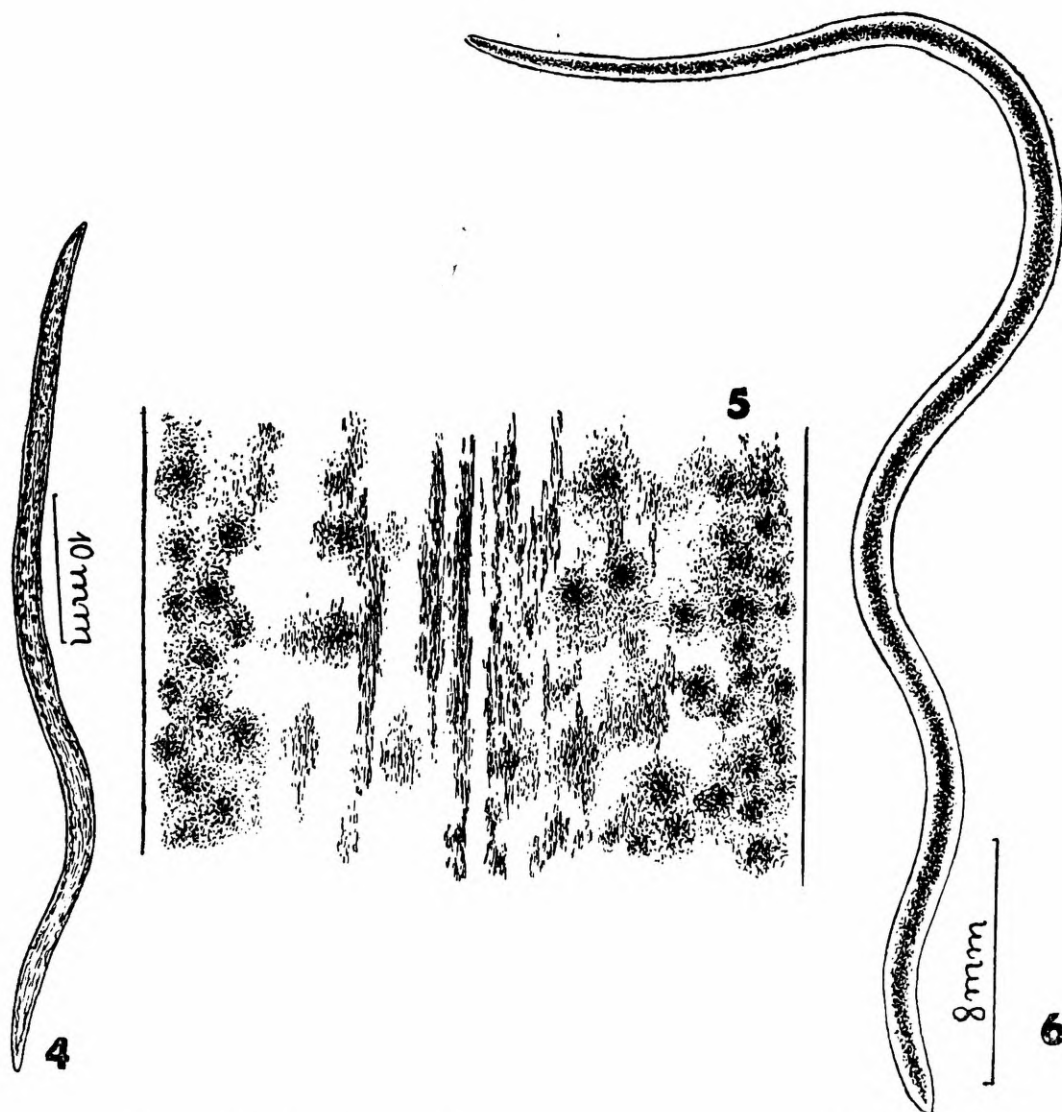


Fig. 4 - *G. fragai*, n. sp. Verme em reptação, aspecto do dorso.

Fig. 5 - *G. fragai*, n. sp. Trecho do dorso mostrando a distribuição do pigmento.

Fig. 6 - *G. jandira*, n. sp. Verme em reptação, aspecto do dorso.

do nosso exemplar, sem papila penial. Essas diferenças excluem a espécie de Riester de *G. splendida* Graff. Redenominamo-la *Geoplanea riesteri* nom. nov.

***Geoplanea itatiayana* Schirch**

Geoplanea itatiayana Schirch 1929, p. 34, t. 2 f. 14, t. 4 f. 3.

Geoplanea itatiayana Riester 1938, p. 64-66 f. 72-74.

Geoplana duca Marcus 1951, p. 82-84, t. 22 f. 135, t. 30 f. 210, t. 31 f. 211-215.
nov. syn.

O colorido dorsal desta espécie, dentro do padrão geral de manchas pretas sobre fundo amarelado, é variável. Nos vermes mais escuros o fundo amarelo quase não aparece. Marcus (1951) baseou a descrição do colorido de *G. duca* em vermes escuros. Temos, porém, presentemente, exemplares muito semelhantes ao fotografado por Schirch (1929, t. 4 f. 3). O ventre, tanto em *itaiyana* como em *duca* é sempre avermelhado.

A distribuição dos olhos, a faringe e o aparelho copulador são também concordantes em *G. itaiyana* (Riester 1938, p. 64-66) e em *G. duca*. Esses fatos fazem-nos concluir pela inclusão de *G. duca* Marcus 1951 na sinonímia de *G. itaiyana* Schirch 1929.

***Geoplana lumbricoides* Schirch**

Geoplana lumbricoides Schirch 1929, p. 34, p. 37 f. 3-4, t. 3 f. 2-3.

Geoplana (?) *atropurpurea* Riester 1938, p. 81-82 f. 95, t. 2 f. 28, nov. syn.

Comparando-se as descrições e os desenhos de *G. lumbricoides* Schirch 1929 e de *G. atropurpurea* Riester 1938, verifica-se que há coincidência entre ambas espécies. Como, além disso, a procedência das duas é a mesma, colocamos *G. atropurpurea* Riester na sinonímia de *G. lumbricoides* Schirch.

***Geoplana oliverioi*, n. sp. (Fig. 3)**

Em reptação, 40 mm. de comprimento por 2 mm. de largura; bordos paralelos em quase toda extensão do corpo, exceto na extremidades afiladas. Conservado, 30 por 2,2 mm, respectivamente; boca a 20,2, gonóporo a 24,0 mm. da ponta anterior. Dorso com duas largas faixas castanhas, margens e estria mediana róseas. Ventre branco acinzentado. Olhos marginais. Faringe cilíndrica de 1,2 mm. de comprimento.

Aparelho copulador desprovido de papila penial. Vesícula seminal extensa e enovelada, situada fora do envoltório comum do aparelho copulador. Átrios masculino e feminino extensos e pregueados. Glândulas da casca nos trechos ectais dos oviductos pares e no longo ducto feminino encurvado para o ventre.

LOCALIDADE. Alto de Teresópolis (Parque Nacional da Serra dos Órgãos), um exemplar em julho de 1952.

Dedicamos esta espécie ao Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto, em homenagem às suas numerosas e importantes contribuições ao progresso da Zoologia.

***Geoplana fragai*, n. sp. (Fig. 4 e 5)**

Os três exemplares coligidos desta espécie mediam, em reptação, 60, 45 e 43 mm. de comprimento por 0,8, 1 e 1 mm. de largura,

respectivamente. Conservados, os dois maiores passaram a ter 36,7 por 2,2 mm., boca a 27,5 e gonóporo a 30,7 mm. da ponta anterior, e 27,8 por 2,7 mm., boca a 19,6 e gonóporo a 23,8 mm. Corpo muito esbelto, de bordos aproximadamente paralelos; extremidade anterior mais paulatinamente afilada que a posterior. Côr de fundo do dorso, rósea, aparecendo nas margens e numa estria mediana que não atinge as extremidades; resto do dorso ocupado por duas largas faixas de pigmento castanho-negro disposto em manchas e risquinhos. Ventre café-com-leite róseo, olhos marginais. Faringe tipicamente cilíndrica.

Ductos eferentes reunindo-se, dentro do bulbo penial musculoso, num ducto ejaculatório que não se dilata numa vesícula seminal. Papila penial pequena; oviductos reunindo-se no canal genital feminino horizontal. Átrio feminino globular na parte ental e estreito na ectal. Átrios masculino e feminino separados por dobra dorsal.

LOCALIDADE. Alto de Teresópolis, 3 exemplares no interior de bromeliáceas caídas, julho de 1952.

Dedicamos a espécie ao Dr. Manoel Verçosa Fraga, então administrador do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, em reconhecimento pelas facilidades concedidas durante nossa visita a esse local.

***Geoplana jandira*, n. sp. (Fig. 6)**

Em reptação, 55 mm. de comprimento por 1,3 mm. de largura. Conservado, 41,6 mm. por 2 mm., boca a 31,4, gonóporo a 38,1 mm. da ponta anterior. Côr de fundo do dorso, rósea, evidente em duas faixas marginais; no resto, coberta por larga faixa castanha, olhos marginais unisseriais. Faringe em colarinho, com 1,8 mm. de comprimento.

Aparelho copulador masculino com vesícula seminal intrabulbar e provido de longa papila penial com bainha. Aparelho feminino com glândulas da casca nos trechos ectais dos oviductos pares e no ducto comum horizontal. Átrio feminino amplo, de paredes muito pregueados, ligado posterior e lateralmente ao átrio masculino e canal do gonóporo. O conjunto dos órgãos copuladores forma, destarte, um J no plano horizontal.

LOCALIDADE. Varzea de Teresópolis (caminho do Quebra-Frasco), sob pequeno tronco, julho de 1952.

S U M M A R Y

One immature worm, whose colours fit very well to Fritz Müller's (1857) description of *G. pulchella* is considered by us to belong to this species. *G. pulchella* du Bois-Reymond Marcus 1951 is not conspecific with Müller's species, and the new name *G. velina* is given to it.

Max Schultze's (1857) description of *G. burmeisteri* this perfectly to older specimens of *G. leucophryna* Marcus 1951, which species is considered as a synonym of *G. burmeisteri* M. Schultze. *G. burmeisteri* Graff 1899 comprises a heterogeneous assortment of worms from various localities, but does not seem to include Schultze's species.

Geoplana notocelis Bresslau 1933 (= *G. notophthalma* Riester 1938) is considered a synonym of *G. applanata* Graff 1899.

One worm we collected at Teresopolis agrees much better with *G. splendida* Graff 1899 than Riester's (1938) specimens. We consider our species to be *G. splendida* Graff, and a description of its pharynx and copulatory organs is given. Riester's species receives the new name *G. riesteri*.

G. duca Marcus 1951 is considered as a synonym of *G. itatiayana* Schirch 1929.

G. atropurpurea Riester 1938 is considered as a synonym of *G. lumbricoides* Schirch 1929.

G. oliverioi, n. sp., *G. fragai*, n. sp., and *G. jandira*, n. sp. are described.

BIBLIOGRAFIA

- DU BOIS-REYMOND MARCUS, E. — 1951 - On South American Geoplanids. Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n. 16 p. 217-255, t. 1-8. São Paulo.
- BRESSLAU, E. — 1927 - Ergebnisse einer zoologischen Forschungsreise in Brasilien 1913-1914. Abh. Senckenb. Naturf. Ges. v. 40, p. 181-235, t. 24-25. Frankfurt a.M.
- 1933 - Turbellaria. W. Kükenthal & Th. Krumbach, Hand. Zool. v. 2 1.ª metade, p. 52-293. Berlin e Leipzig (W. de Gruyter).
- CARLÉ, R. — Beiträge zur Embryologie der Landplanarien I. Zeitschr. Morph. Oek. v. 29, p. 527-558. Berlin.
- GRAFF, L. VON — 1899 - Monographie der Turbellarien II. Tricladida Terricola v. 1, XIII+574 p.; v. 2, 58 t.
- MARCUS, E. — 1951 - Turbellaria Brasileiros (9). Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n. 16 p. 5-215, t. 1-40. São Paulo.
- RIESTER, A. — 1938 - Beiträge zur Geoplaniden-Fauna Brasiliens. Abh. Senckenb. Naturf. Ges. n. 441, p. 1-88, t. 1-2. Frankfurt a. M.
- SCHIRCH, P. — 1929 - Sobre as planarias terrestres do Brasil. Bol. Mus. Nacional v. 5, p. 27-38, t. 1-4. Rio de Janeiro.
- SCHULTZE, MAX e FRITZ MÜLLER — 1857 - Beiträge zur Kenntnis der Landplanarien, etc. Abh. Naturf. Ges. Halle v. 4, p. 19-38.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

CHAVE PARA A CLASSIFICAÇÃO DAS GEOPLANAS BRASILEIRAS

POR

EUDÓXIA M. FROEHLICH

Com as numerosas espécies novas descritas por Schirch 1929, Riester 1938, Marcus 1951, e E. Froehlich 1955, a chave de Graff tornou-se insuficiente para a classificação das geoplanas brasileiras. Por outro lado, não é mais possível basear uma chave de classificação de geoplanas apenas em caracteres do colorido, como fez Graff.

A chave presente, além dos caracteres referidos, utiliza também, frequentemente, a distribuição dos olhos e a existência ou não de halos em torno deles. Procurei evitar sempre que possível o uso do tamanho e da forma, visto que o primeiro está sujeito a variações individuais e a segunda a mudanças com o estado de repouso ou movimento. Em casos excepcionais foi necessário recorrer também a caracteres da anatomia interna, fazendo-se mister então cortar, ou pelo menos diafanizar o material.

A chave não serve, porém, para a identificação dos vermes jovens da maioria das espécies, cujo colorido pode variar muito da eclosão até a maturidade. Identifica-se o verme maduro pela posse de dois orifícios, a boca (anterior) e o gonópore (posterior). Nem sempre a existência do segundo orifício indica maturidade completa, mas nesta altura já se acha presente o colorido definitivo.

Para exame do colorido e, principalmente, dos olhos é indispensável o uso da lupa.

Como a cor se altera pela ação dos fixadores e dos líquidos de conservação, a chave aplica-se exclusivamente a material vivo nas espécies em que este é conhecido. Muitas das espécies mais antigas (Graff) e algumas das mais recentes são, contudo, conhecidas apenas de material conservado. A ação dos fixadores e dos líquidos de conservação manifesta-se pelo empalidecimento geral das cores e pela dissolução completa de algumas, alterando totalmente,

em muitos casos, o padrão do colorido. Para êstes casos será necessário, oportunamente, refazer a chave.

Algumas explicações são necessárias para precisar determinados conceitos aqui utilizados: assim, chamo de estria uma listra cuja largura não ultrapasse a $1/8$ da largura total do verme; as mais largas chamo de faixas. É claro que algumas ficarão no limite entre as duas, neste caso a espécie é incluída em dois pontos da chave, com estrias e com faixas.

Considero estrias claras as de côr branca, rósea, amarela, alaranjada, ou as da mesma côr geral do dorso, mas muito menos intensa. No caso de *G. vaginuloides* chamei de clara a estria mediana vermelha, que de fato o é quando comparada às faixas pretas que caracterizam o colorido desta espécie. O conceito é, portanto, relativo.

No caso de espécies com o dorso manchado e estria mediana clara evidente (p. ex., *G. phocaica*) deve-se tomar o item 2 e não o 90. Quando houver apenas uma indicação de estria imperceptível,

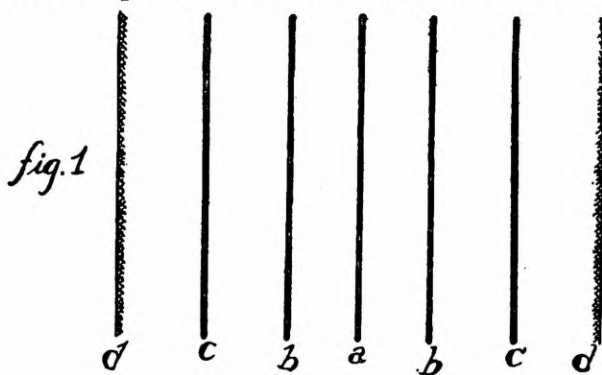


Fig. 1 - a, estria mediana; b, estrias mediais ou para-medianas; c, estrias laterais; d, estrias marginais.

ou quase, a olho nu, como em *G. dictyonota* Riester, pode-se tomar indiferentemente o item 2 ou o 90. *G. argus* (Schirch 1929, Riester 1938, non Graff 1899), que tem indicação de estria clara apenas na metade anterior, foi colocada somente no item 90.

Os critérios usados para a distinção entre manchas e pintas dizem respeito à sua forma e tamanho relativo. Chamo de pintas às de contorno regular, mais ou menos isodiamétricas, e reservo a denominação de manchas para as grandes, de contorno muito irregular. Pontinhos são pintas muito pequenas.

Para os conceitos de posição (mediano, medial, lateral, marginal) veja-se a fig. 1.

Considero marginais olhos que se espalham até ca. $1/10$ da largura do dorso; daí por diante os olhos recebem a denominação de dorsais.

Aparecem em itens distintos, por diferenças de colorido indicadas na própria chave, *G. argus* Graff 1899 e *G. argus* Schirch 1929 e Riester 1938, sendo possível que a espécie de Schirch e Riester não seja a de Graff. *G. bresslaui* Schirch 1929 e *G. bresslaui* Riester 1938 também surgem em itens diferentes, pois a segunda, além de seu tamanho consideravelmente maior, apresenta padrão de colorido diferente do da primeira. Também aqui estamos provavelmente diante de duas espécies distintas. Como não possuo material nem de *G. argus*, nem de *G. bresslaui*, prefiro deixar abertos, por ora, esses problemas.

Algumas espécies não foram incluídas por se acharem insuficientemente descritas (*G. riedeli* Schirch, 1929; *cardosi* Schirch, 1929 e *obscura* Schirch 1929) ou referirem-se a material heterogêneo (*G. brasiliensis* (Blainville) 1826 e *G. incognita* Riester 1938).

- 1 Geoplanas com estrias ou faixas - 2.
— Geoplanas com outra disposição de pigmento - 90.
- 2 Só estrias - 3.
— Estrias e faixas ou só faixas - 55.
- 3 Estrias escuras - 4.
— Só estrias claras - 30.
- 4 Estrias pares - 5.
— Estrias ímpares - 19.
- 5 Com três faixas transversais claras e várias estrias pardo avermelhadas (um par medial e os restantes laterais). Olhos marginais - *elegans* (Darw.).
— Sem faixas transversais claras - 6.
- 6 Com duas estrias - 7.
— Com mais de duas estrias - 12.
- 7 Estrias nitidamente delimitadas; olhos numa única série marginal - 8.
— Estrias sem limites nítidos; olhos com outra disposição - 10.
- 8 Estrias largas em posição medial. Com mancha oval clara dorsal, na altura dos orifícios externos. No resto do dorso, pigmento pardo formando risquinhos, mais grossos e condensados nas margens. Bordos claros - *parca* E. Froehl.
— Estrias finas em posição lateral - 9.
- 9 Côr de fundo ocre; extremidade anterior pontilhada de pardo-escuro. Mancha parda fina e alongada na região dorsal aos orifícios externos - *pseudorhynchodemus* Riester.

- Côr de fundo siena natural; linha mediana parda na extremidade anterior; pontos pardos e avermelhados na região mediana do dorso - *burri* Riest.
- 10 Olhos dorsais - 11.
- Olhos numerosos e amontoados nas margens em várias fileiras; côr de fundo amarelo-acinzentado - *distincta* Gr.
- 11 Zona mediana alaranjada; no restante do dorso côr de fundo castanho-acinzentado; margem externa clara - *tapetilla* Marc.
- Fraca marmoreação preta sobre fundo castanho-esverdeado; margens do mesmo colorido que o restante do dorso - *velutina* Riest.
- 12 Com 4 estrias - 13.
- Com 6 ou 8 estrias - 18.
- 13 Estrias limitadas ao terço médio da largura do corpo. Restante do dorso marmoreado - *doederleini* Sch.
- Estrias ocupando mais de um terço da largura do corpo. Dorso não marmoreado - 14.
- 14 Olhos marginais - 15.
- Olhos dorsais - 16.
- 15 Estrias atingem a extremidade anterior; o par externo, mais largo, tem posição lateral - *modesta* Gr.
- Estrias não atingem a extremidade anterior; o par externo, mais estreito, tem posição marginal, não é visto dorsalmente - *perspicillata* Gr.
- 16 Estrias atingem a extremidade anterior - 17.
- Estrias desfazem-se em pontinhos em direção à extremidade anterior; dorso amarelo-acinzentado; extremidade anterior avermelhada - *modesta* Riest. (non *modesta* Graff.)
- 17 Estrias laterais transformam-se em linhas finas nas duas extremidades. Zona mediana amarelo-clara; ventre amarelo-acinzentado - *penhana* Riest.
- Estrias com a mesma largura em toda a extensão do corpo. Zona mediana alaranjada; ventre esbranquiçado - *tapetilla* Marc.
- 18 Seis estrias. Olhos dorsais - *tapetilla* Marc.
- Seis ou 8 estrias. Olhos marginais - *sexstriata* Gr. (provavelmente idêntica a *octostriata* F. Müller).
- 19 Uma estria mediana - 20.
- Mais de uma estria - 24.

- 20 Dorso manchado - 21.
— Dorso sem manchas - 22.
- 21 Manchas de centro claro e limites escuros. Duas faixas pretas paramedianas de contorno irregular na extremidade anterior, também orlada de preto. Côr de fundo alaranjada. Ventre sem manchas - *argus* Gr. (non *argus* Sch.; non *argus* Riest.).
— Manchas pardas de tendência longitudinal; fundo verde amarelado. Ventre manchado de castanho - *bresslaui* Sch. (non *bresslaui* Riest.).
- 22 Olhos numa única série marginal - 23.
— Olhos em mais de uma série marginal. Dorso cinzento amarelado; estria clara mediana no extremo cefálico - *distincta* Gr.
- 23 Côr de fundo amarelo vivo; ventre amarelo-claro - *schultzei* Dies.
— Côr de fundo pardo-esverdeado; ventre cinzento amarelado - *olivacea* F. Müll.
- 24 Com três estrias; olhos marginais - 25.
— Com cinco estrias; olhos dorsais - 28.
- 25 Estrias mais externas em posição marginal - *fryi* Gr.
— Estrias externas em outra posição - 26.
- 26 Estrias externas ferrugíneas e mediana preta; fundo amarelo vivo - *mülleri* Dies.
— Estrias de outra côr - 27.
- 27 Estria mediana preta, laterais cinzento-escuras ou cinzento-claras; côr de fundo cinzenta - *trina* Marc.
— Três estrias igualmente escuras; côr de fundo verde amarelado - *tristriata* F. Müll.
- 28 Par externo em posição marginal, orlando a extremidade anterior; estria muito mais fina que as restantes. Halos de olhos visíveis a olho nu - *regia* E. Froehl.
— Par externo lateral, terminando antes da extremidade anterior; estria mediana mais larga, pouco mais estreita ou semelhante às demais. Halos dos olhos invisíveis a olho nu - 29.
- 29 Vesícula seminal terminando em fundo cego, muito comprida e diverticulada - *caissara* E. Froehl.
— Vesícula seminal recebe os ductos eferentes no extremo ental; tem tamanho médio, sem divertículos - *marginata* F. Müll.
- 30 Estria clara incompleta - 31.
— Estria clara em tôda a extensão do dorso - 33.

- 31 Estria clara orlada de preto, só na extremidade anterior; côr de fundo verde oliva, margens amareladas; ventre com grandes manchas pardas - *arpi* Sch.
— Estria clara nas duas extremidades - 32.
- 32 Estria clara orlada de preto, restante do dorso cinzento - *burmeisteri* Gr., Est. 3 f. 21 (non *burmeisteri* Max Schultze).
— Estria clara sem orla mais escura; dorso pardo acinzentado. Olhos dorsais com halos visíveis a olho nu - *velina* E. Froehl. (sin.: *pulchella* du B. R. Marcus; non *pulchella* Graff).
- 33 Dorso vermelho minhoca, orlado de preto azulado; ventre cinzento com estria clara mediana e bordos preto-azulados - *lumbroides* Sch. (sin.: *atropurpurea* Riester).
— Outro colorido - 34.
- 34 Olhos marginais - 35.
— Olhos dorsais - 45.
- 35 Olhos em uma única fileira em tôda a extensão do corpo - 36.
— Olhos em mais de uma fileira - 40.
- 36 Bordos mais claros que o resto do dorso - 37.
— Bordos da mesma côr que o resto do dorso - 38.
- 37 Bordos branco-acinzentados; dorso castanho-escuro, quase preto - *tuxaua* E. Froehl.
— Bordos róseos; dorso castanho rosado - *goettei* Sch.
- 38 Dorso alaranjado, extremidade anterior verde - *yara* E. Froehl.
— Dorso preto - 39.
- 39 Estria clara ramificada na ponta anterior, formando linhas transversais - *quagga* Marc.
— Estria mediana simples - *preta* Riest.
- 40 Olhos plurisseriais apenas num pequeno trecho da extremidade anterior. Dorso violeta-acinzentado escuro ou pardo-avermelhado com reflexos violeta; ventre crêmeo - *maximiliani* F. Müll.
— Olhos plurisseriais em todo o comprimento do corpo - 41.
- 41 Estria clara orlada de preto; resto do dorso cinza-amarelado - *distincta* Gr.
— Estria clara sem orla preta - 42.
- 42 Dorso com grandes manchas pretas alongadas; côr de fundo ocre claro ou variando de róseo a encarnado. Ventre pintado - *phocaica* Marc.
— Outro colorido - 43.

- 43 Dorso amarelo-vivo tendendo para siena nas margens e nas extremidades - *flava* Mos.
— Dorso pardo escuro de bordos róseos - 44.
- 44 Pigmento escuro homogeneamente distribuido; ventre branco; olhos com halos claros - *oliverioi* C. Froehl.
— Pigmento escuro em risquinhos longitudinalmente dispostos; ventre róseo. Sem halos dos olhos - *fragai* C. Froehl.
- 45 Estria mediana amarela ou alaranjada - 46.
— Estria mediana de outra côr - 50.
- 46 Dorso preto marmoreado; estria amarelo-avermelhada - *dictyonota* Riest.
— Dorso não marmoreado - 47.
- 47 Halos dos olhos visíveis a olho nu - 48.
— Halos invisíveis a olho nu - 49.
- 48 Extremidade anterior da mesma côr que o resto do dorso, castanho a pardo escuro - *multicolor* Gr.
— Extremidade anterior avermelhada; dorso pardo escuro a preto - *splendida* Gr. (non *splendida* Riester).
- 49 Bordos amarelos como a estria mediana; duas largas faixas de pontinhos pardos; extremidade anterior orlada de pontinhos pardos - *tamoia* E. Froehl.
— Bordos como o resto do dorso, pardo-acinzentados - *tapetilla* Marc.
- 50 Côr de fundo rósea - *rosea* E. Froehl.
— Outra côr de fundo - 51.
- 51 Com mancha clara na região dorsal à faringe e aparelho genital - 52.
— Sem manchas claras nesta região - 53.
- 52 Uma mancha clara; bordos negros, separados do restante do dorso, também preto, por estreita zona de pigmento mais diluido. Parênquima e ventre lácteos. Quando em repouso, bordos lisos - *crioula* E. Froehl.
— Duas manchas claras; dorso uniformemente pardo-anegrado. Parênquima e ventre café com leite. Quando em repouso bordos muito ondulados - *plana* Sch.
- 53 Ventre branco; dorso pardo-acinzentado, com ou sem faixa transversal clara na extremidade anterior. Halos de olhos visíveis a olho nu - *pasipha* Marc.
Ventre de outra côr - 54.

- 54 Ventre côm de tijolo; dorso preto ou pardo acinzentado, caso em que a estria mediana é orlada de preto na extremidade anterior e na posterior - *burmeisteri* M. Sch. (sin.: *leucophryna* Marcus; non *burmeisteri* Graff).
- Ventre cinza-esverdeado; dorso siena, bordos mais claros. Grandes halos dos olhos - *pavonina* Riest.
- 55 Com faixas transversais claras e faixa mediana longitudinal clara - 56.
- Sem faixas transversais claras - 59.
- 56 Com uma ou mais estrias longitudinais na faixa mediana clara - 57.
- Sem estrias longitudinais - 58.
- 57 Com uma estria castanha na zona clara mediana; uma faixa amarela transversal na região anterior - *evelinae* Marc.
- Com quatro estrias ferrugíneas na zona clara mediana; uma ou mais faixas transversais brancas - *barreirana* Riest.
- 58 Pigmento escuro homogeneamente distribuido em duas largas faixas laterais; uma faixa transversal amarela na região anterior - *evelinae* Marc.
- Pigmento escuro formando manchas irregulares entre as quais aparece o fundo branco; várias faixas claras transversais na extremidade anterior - *zebroides* Riest.
- 59 Só faixas - 60.
- Estrias e faixas - 73.
- 60 Faixa mediana amarela, alaranjada ou ferrugínea - 61.
- Faixa mediana de outra côm - 69.
- 61 Com duas largas faixas laterais escuras (castanho a preto) - 62.
- Com quatro faixas escuras longitudinais, duas laterais e duas marginais separadas por faixas amarelas. Faixa mediana amarela - *rostrata* Gr.
- 62 Faixas não atingindo os bordos - 63.
- Faixas atingindo os bordos - 65.
- 63 Olhos marginais. Faixas marginais amarelas como a mediana - *theresopolitana* Sch.
- Olhos dorsais - 64.
- 64 Faixa mediana amarela; bordos ferrugíneos circundando a extremidade posterior. Ventre amarelo claro. Halos dos olhos visíveis nas faixas pretas e nas ferrugíneas. - *tricolor* Riest.

- Faixa mediana vermelha ou ferrugínea; bordos brancos ou ferrugíneos, não circundando a extremidade posterior. Ventre lácteo. Halos visíveis só nas faixas escuras - *hina* Marc.
- 65 Halos de olhos visíveis a olho nu - 66.
- Halos invisíveis a olho nu - *tapetilla* Marc.
- 66 Ventre avermelhado; faixa clara mediana orlada de preto nas duas extremidades — *burmeisteri* M. Sch. (sin.: *leucophryna* Marcus; non *burmeisteri* Graff).
- Ventre branco ou crêneo - 67.
- 67 Extremidade anterior avermelhada - *riesteri* C. Froehl.
- Extremidade anterior como o resto do dorso - 68.
- 68 Com maciço de células no átrio feminino - *multicolor* Gr.
- Sem maciço de células no átrio feminino - *metzi* Gr.
- 69 Faixa mediana preta - 70.
- Faixa mediana não preta - 71.
- 70 Resto do dorso amarelo, com pontinhos pretos mais condensados nas margens. Olhos dorsais - *taxiarcha* Marc.
- Resto do dorso lácteo. Olhos amontoados nas margens - *albo-nigra* Riest.
- 71 Dorso com pintas pretas e bordos amarelos; faixa mediana castanho-amarelada como a côr de fundo - *goeldii* Gr.
- Dorso sem pintas pretas - 72.
- 72 Faixa mediana pardo-escura; duas faixas marginais cinzento-azulada. Halos dos olhos grandes, cerradamente dispostos - *pinima* E. Froehl.
- Faixa mediana castanha; bordos róseos. Olhos marginais sem halos - *jandira* C. Froehl.
- 73 Estria mediana clara - 74.
- Sem estria mediana clara - 83.
- 74 Bordos ou faixas marginais da mesma côr da estria - 75.
- Bordos e estria de cores diferentes - 78.
- 75 Olhos marginais - 76.
- Olhos dorsais - 77.
- 76 Bordos e estrias róseos; resto do dorso pardo - *oliverioi* C. Froehl.

- Estria e faixas marginais alaranjado vivo; estria mediana e bordos internos das faixas marginais orlados de manchas pretas alinhadas; linhas pretas separadas de cada lado por faixas amarelo-claras - *pseudovaginuloides* Riest.
- 77 Com halos de olhos visíveis a olho nu. Duas faixas mediais côm de tijolo, duas faixas laterais pretas - *riesteri* C. Froehl.
- Olhos sem halos. Duas largas faixas mediais de pontinhos pardos cerradamente dispostos; extremidade anterior orlada de pardo - *tamoia* E. Froehl.
- 78 Olhos anteriores de cálices alongados. Estria mediana vermelha, bordos brancos; dois pares de faixas pretas, mediais e laterais, separados por estrias lácteas - *vaginuloides* (Darw.)
- Olhos anteriores de cálices normais. Outra combinação de cores - 79.
- 79 Olhos marginais - 80.
- Olhos dorsais - 81.
- 80 Olhos unisseriais. Um par de faixas mediais pardas, um par de estrias amarelas laterais; bordos castanho-escuros - *goetschi* Riest.
- Olhos em mais de uma série irregular. Dois pares de faixas verde-escuras separadas por estrias alaranjadas - *bonita* Sch.
- 81 Grandes halos nos olhos - 82.
- Sem halos visíveis a olho nu. Um par de faixas mediais e um par de estrias marginais pretas separadas por estrias amarelas - *taxiarcha* Marc.
- 82 Bordos ferrugíneos. Halos dos olhos deixando livre apenas a estria mediana clara - *velina* C. Froehl. (sin.: *pulchella* du B-R. Marcus; non *pulchella* F. Müller).
- Sem bordos ferrugíneos. Halos de olhos no máximo ocupando um terço no dorso de cada lado - *pinima* E. Froehl.
- 83 Com uma estria mediana escura - 84.
- Sem estria mediana escura - 87.
- 84 Ventre avermelhado - *burmeisteri* M. Sch. (sin.: *leucophryna* Marcus; non *burmeisteri* Graff).
- Ventre de outra côm - 85.
- 85 Estria mediana mais larga e interrompida no meio do corpo; um par de estrias pretas laterais - *wetzeli* Sch.
- Estria mediana ininterrupta e de largura uniforme; sem estrias laterais - 86.

- 86 Olhos dorsais, halos visíveis a olho nu - *livia* E. Froehl.
— Olhos marginais - *trigueira* E. Froehl.
- 87 Olhos anteriores de cálices alongados. Várias combinações de faixas e estrias pretas, brancas e de cores que variam desde amarelo-marfim a vermelho (Bol. Fac. Fil. Ci. Le. Zoologia 17, p. 1952) - *vaginuloides* (Darw.)
— Olhos anteriores de cálices normais - 88.
- 88 Olhos dorsais. Estrias amarelas mediais - 89.
— Olhos marginais. Estrias amarelas laterais - *goetschi* Riest.
- 89 Maciço de células no átrio feminino - *multicolor* Gr.
— Sem maciço de células no átrio feminino - *metzi* Gr.
- 90 Dorso uniforme - 91.
— Dorso pintado, manchado ou reticulado - 112.
- 91 Dorso verde - 92.
— Dorso de outra cor - 93.
- 92 Extremidade cefálica preta - *chiuna* E. Froehl.
— Extremidade cefálica verde - *ladislavii* Gr.
- 93 Dorso róseo-pardacento - *nephelis* F. Müll. (non *nephelis* Graff).
— Dorso pardo-escuro a preto - 94.
- 94 Extremidade anterior avermelhada; ventre cinzento - *carrièrei* Gr.
— Extremidade como o resto do dorso - 95.
- 95 Bordos amarelo-vivo a ferrugíneos - 96.
— Bordos como o restante do dorso - 97.
- 96 Olhos dorsais. Terço anterior não especialmente afilado. Ventre amarelo acinzentado - *nigrofusca* (Darw.).
— Olhos marginais. Terço anterior muito afilado ($1/8$, mais ou menos, da largura do dorso). Ventre pintado - *bergi* Gr.
- 97 Ventre pintado - 98.
— Ventre sem pintas - 100.
- 98 Terço anterior muito mais fino que o restante do dorso (até $1/8$ mais ou menos da largura do dorso). Extremidade anterior sempre enrolada para o dorso. Ventre com pintinhas - *bergi* Gr.

- Terço anterior não excessivamente afilado (mais ou menos $1/2$).
Ventre marmorado (manchas irregulares) - 99.
- 99 Dorso carinado; extremidade anterior afilada. Grandes vermes largos e chatos - *blaseri* Sch.
- Dorso sem carina; extremidade anterior obtusa. Vermes pequenos quase cilíndricos - *atra* F. Müll.
- 100 Dorso reticulado - 101.
Dorso pintado ou manchado - 102.
- 101 Dorso com retículo alaranjado ou ferrugíneo. Ventre alaranjado claro com salpicos castanhos - *matuta* E. Froehl.
- Dorso com retículo alaranjado. Ventre alaranjado claro sem salpicos - *chimbeva* E. Froehl.
- 102 Com faixas transversais claras e manchas pretas de contorno irregular. Olhos marginais - *cassula* E. Froehl.
- Sem faixas transversais claras - 103.
- 103 Manchas claras só no terço anterior, vermelho tijolo - *pulchella* F. Müll. (non *pulchella* E. du B-R. Marcus).
- Pintas ou manchas escuras com outra disposição - 104.
- 104 Dorso com pontinhos ou pintas - 105.
- Dorso com manchas - 111.
- 105 Pontinhos só no terço ou na metade posterior, sobre fundo alaranjado; resto do dorso pardo-avermelhado - *braunsi* Gr.
- Pontos com outra disposição - 106.
- 106 Pontinhos formando duas faixas laterais e orlando o corpo inteiro; muito condensados na extremidade anterior, formam duas faixas pretas. Fundo amarelo limão a oliváceo - *férus-saci* Gr.
- Pontinhos ou pintas irregularmente distribuídos pelo dorso todo - 107.
- 107 Ventre pintado - 108.
- Ventre sem pintas - 110.
- 108 Pontos muito cerrados, colorido parece homogêneo a olho nu 109.
- Pontos pretos perfeitamente destacados a olho nu, sobre fundo amarelo. Terço anterior muito mais fino que o restante do corpo (ca. $1/8$ da largura do corpo). Extremidade anterior enrolada para o dorso - *bergi* Gr.

- 109 Nos casos típicos, dorso preto ou pardo oliváceo. Faringe com ca. 10 mm. e 6 dobras de cada lado - *carinata* Riest.
— Dorso pardo-oliváceo tirante a amarelo. Faringe com ca. 18 20 mm. e mais ou menos 20 a 25 dobras - *divae* Marc.
- 110 Pontinhos e pintas pretas grandes, muito espaçados, sôbre fundo amarelo, alaranjado ou ferrugíneo. Olhos no centro das pintas - *applanata* Gr.
— Pintas pouco espaçadas; olhos marginais - *rufiventris* Gr.
- 111 Ventre côr de tijolo - 112.
— Ventre de outra côr - 115.
- 112 Com indicação de estria mediana clara muito estreita - 113.
— Sem qualquer indicação de estria mediana - 114.
- 113 Ventre com pintinhas cinzentas - *dictyonota* Riest.
— Ventre sem pintas - *argus* Sch. (idêntica a *argus* Riester; non *argus* Graff).
- 114 Zona mediana larga de manchas alongadas; zona clara lateral de limites irregulares, onde aparece a côr de fundo - *bresslaui* Riest. (non *bresslaui* Schirch).
— Só manchas ou manchas e pontinhos pretos de contorno irregular, sôbre fundo amarelo ou amarelo-esverdeado; sem zona clara lateral - *itatiayana* Sch. (sin.: *duca* Marcus).
- 115 Dorso pardo marmoreado, extremidade anterior avermelhada, ventre róseo-acinzentado - *marmorata* F. Müll.
— Dorso não marmoreado - 116.
- 116 Grandes manchas castanhas, pretas ou ferrugíneas de desenho irregular e intensidade de colorido variável. Ventre amarelado. Halos de olhos - *polyophthalma* Gr.
— Larga zona mediana de manchas alongadas e zonas marginais de manchas arredondadas e pontinhos castanho-escuro a pretos; fundo amarelo claro a ferrugíneo. Ventre branco liso ou salpicado de castanho. Halos invisíveis a olho nu - *pavani* Marc.

BIBLIOGRAFIA

- DU BOIS-REYMOND MARCUS, E. — 1951 On South American Geoplanids. Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 16, p. 217-255 t. 1-8. São Paulo.
- FROELICH, C. G. — 1955 - Sôbre morfologia e taxonomia das Geoplanidae. Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 19, p. 195-279 t. 1-14. São Paulo.

- FROEHLICH, E. M. — 1955 - Sobre espécies brasileiras do gênero *Geoplana*. Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 19, p. 289-369 t. 1-16. São Paulo.
- GRAFF, L. V. — 1899 - Monographie der Turbellarien II. Tricladida Terricola. v. 1, XIII+574 p., v. 2, 58 t. Leipzig (Engelmann).
- MARCUS, E. — 1951 - Turbellaria Brasileiros (9). Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 16, p. 5-215 t. 1-40. São Paulo.
- 1952 - Turbellaria Brasileiros (10). Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 17, p. 5-187 t. 1-32. São Paulo.
- RIESTER, A. — 1938 - Beiträge zur Geoplanidenfauna Brasiliens. Abh. Senckenb. Naturf. Ges. Abh. 441, p. 1-88 t. 1-2. Frankfurt a. M.
- SCHIRCH, P. — 1929 - Sobre as planárias terrestres do Brasil. Bol. Mus. Nacional v. 5, p. 27-38 t. 1-4. Rio de Janeiro.

ERRATA

Pág. 211. Onde se lê 112, leia-se 100
Onde se lê 100, leia-se 117

Pág. 213. Acrescentar:

- 117 Olhos marginais - *preta* Riest.
— Olhos dorsais - *astraea* Marc.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

LISTA ANOTADA DE AVES COLECIONADAS NOS LIMITES OCIDENTAIS DO ESTADO DO PARANÁ

POR

OLIVÉRIO M. DE O. PINTO

e

EURICO A. DE CAMARGO

I — INTRODUÇÃO

O material ornitológico de que vamos nos ocupar é fruto de uma excursão de cerca de dois meses realizada no oeste extremo do Estado do Paraná pelos snrs. Emílio Dente e Dionísio Seraglia, práticos de laboratório no Departamento de Zoologia. Partindo da cidade de São Paulo pela Estrada de Ferro Sorocabana, alcançam ambos no dia imediato Presidente Epitácio, na margem paulista do Rio Paraná, onde pernoitam, para na manhã seguinte embarcarem rumo a Porto Felipe, distante quarenta horas de vapor, na margem oposta (Estado de Mato Grosso) do mencionado rio, e quase em frente à foz do Rio Ivaí.

Na manhã de 4, atravessando novamente, de bote, a grande caudal, prosseguiram os excursionistas a viagem rio abaixo, tendo próxima a margem paranaense, que a certa altura se empina em alcantilado paredão, muito frequentado pelas araras vermelhas (*Ara chloroptera*). Ao alcançar a foz do Rio Paracáí, modesto tributário do Rio Paraná, situado mais ou menos a meia distância entre os rios Ivaí e Piquiri, puzeram os excursionistas pé em terra, dando início aos trabalhos de coleta, que se prolongaram até o dia 21 de Janeiro. Durante as duas semanas de permanência na foz do Rio Paracáí fizeram-se algumas excursões fluviais Paracáí acima e Paraná abaixo, sem que se oferecesse ponto propício a uma segunda estação de coleta. A vista disso, tornando-se desinteressante o prosseguimento ali dos trabalhos, resolveram os naturalistas-

coleccionadores subir o Rio Paraná, onde, cerca de 12 quilómetros ao sul da boca do Ivaí, no lugar chamado Porto Camargo, foi instalado o segundo acampamento. A estada em Porto Camargo foi de menos de quinze dias, pois já a 6 de Fevereiro era iniciada a viagem de regresso a São Paulo. As aves coligidas nas duas localidades visitadas somam 480 peças, representativas de 134 formas diversas, com porcentagem grande de indivíduos jovens e imaturos, devido à época do ano.

As localidades de que procede o material tratado no presente trabalho, parece não terem sido anteriormente visitadas por nenhum ornitologista-coleccionador, inclusive E. Kaempfer, que do Rio Paraná percorreu apenas o trecho mais meridional compreendido entre Foz do Iguaçu e Guaira. Todavia, como era de prever, dada a sua vizinhança da margem paulista, bem explorada, do rio em questão, ela não nos proporcionaram novidades de monta; ainda assim, mais de um problema zoogeográfico se enriquece de dados suficientemente interessantes para serem desde logo submetidos ao exame dos entendidos.

II — LISTA SISTEMÁTICA

Família TINAMIDAE

***Crypturellus undulatus vermiculatus* (Temminck)**

Rio Paracá: 3 ♂, de 9 e 12 de Janeiro.

Parece-nos que estes são os primeiros indivíduos da presente espécie registrados no Estado do Paraná, onde sua distribuição não irá provavelmente além da faixa mais ocidental do Estado. Sztolcman, cujas longas peripetivas ornitológicas não se estenderam para oeste além do médio Ivaí, onde colecionou várias vezes *C. obsoletus*, a ela não se refere ⁽¹⁾.

Família ARDEIDAE

***Butorides striatus striatus* (Linnaeus)**

Rio Paracá: 1 ♂, de 19 de Jan.; 1 ♀, de 6 de Janeiro.

***Tigrisoma lineatum marmoratum* (Vieillot)**

Rio Paracá: 1 ♂, de 8 de Janeiro.

Em nada difere dos de outras procedências.

⁽¹⁾ Jan Sztolcman, "Étude des collections ornithologiques de Paraná", in Annales Zool. Mus. Polonici Historiae Naturalis, tomo V, pp. 107-196 (1925)

Família THRESKIORNITHIDAE

Theristicus caudatus caudatus (Boddaert)

Porto Camargo: 1 ♂ ?, de 8 de Fevereiro.

Família ANHIMIDAE

Anhima cornuta (Linnaeus)

Rio Paracá: 1 ♀, de 18 de Janeiro.

Família ANATIDAE

Cairina moschata (Linnaeus)

Rio Paracá: 2 ♂ ♂ adultos, de 11 de Janeiro; 1 ♀ adulta e 1 ♀ jovem, de 8 e 9 de Janeiro; 1 ♂ jov., de 11 de Janeiro.

Família ACCIPITRIDAE

Ictinia plumbea (Gmelin)

Rio Paracá: 1 ♂, de 6 de Jan.; 2 ♀ ♀, de 16 e 17 de Janeiro.

Família FALCONIDAE

Micrastur ruficollis ruficollis (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♀, de 2 de Fevereiro.

Muita tinta se tem feito correr em torno do problema difícil das relações de *M. gilvicollis* (Vieillot) com o seu próximo parente *M. ruficollis* (Vieillot). Anos atrás, discutindo o problema à luz de material relativamente copioso, apresentou um de nós ⁽²⁾ as boas razões que há para considerá-las boas espécies, ponto de vista que veio a ser compartilhado pouco depois por Hellmayr & Conover ⁽³⁾, com base em argumentos não menos decisivos.

Família RALLIDAE

Aramides cajanea cajanea (Müller)

Rio Paracá: 2 ♂ ♂, de 15 e 20 de Janeiro.

Família COLUMBIDAE

Columba cayennensis sylvestris Vieillot

Rio Paracá: 6 ♂ ♂, de 7, 10, 13 e 14 de Jan.; 2 ♀ ♀, de 9 e 10 de Janeiro.

(2) Olivério Pinto, *Arq. de Zool. do Est. de São Paulo*, V, pp. 322-8 (1947).

(3) Hellmayr & Conover, *Catal. of Birds of the Americas*, pte I, n.º 4, p. 257, nota 5 (1949).

Leptotila verreauxi decipiens (Salvadori)

Porto Camargo: 1 ♀, de 4 de Fevereiro.

Família CUCULIDAE

Coccyzus melacoryphus Vieillot

Rio Paracáí: 2 ♂ ♂, de 9 e 15 de Janeiro.

Coccyzus euleri Cabanis

Porto Camargo: 1 ♂, de 28 de Jan.; 1 ♀?, de 6 de Fevereiro.

Deste raro cucúlida possui o Depart. de Zoologia 5 exemplares, sendo um do Rio Gongogi (Bahia) e os restantes de S. Paulo, o mais meridional dos Estados onde a sua ocorrência havia sido até aqui verificada. É notável a constância observada nas características da espécie, não obstante a extensão de sua área geográfica, que alcança, ao norte, a Venezuela e as Guianas.

Piaya cayana macroura Gambel

Rio Paracáí: 1 ♂, de 6 de Janeiro; 1 ♀, de 8 de Janeiro.

Porto Camargo: 1 ♂?, de 30 de Janeiro; 1 ♀, de 6 de Fevereiro.

Crotophaga major Gmelin

Rio Paracáí: 3 ♂ ♂, de 6, 7, e 20 de Janeiro.

Família PSITTACIDAE

Ara chloroptera Gray

Porto Camargo: 1 ♂, de 26 de Janeiro; 1 ♀, de 24 de Janeiro.

É esta a arara mais comum ao longo do Rio Paraná, onde frequenta particularmente os chamados paredões, trechos em que as margens do rio se alteiam em barrancas argilosas talhadas a pique.

Aratinga leucophthalma leucophthalma (Müller)

Rio Paracáí: 6 ♂ ♂, de 7, 9, 10 e 12 de Janeiro.

Aratinga aurea aurea (Gmelin)

Rio Paracáí: 1 ♂ juv., de 20 de Janeiro.

Pyrrhura frontalis chiripepé (Vieillot)

Rio Paracáí: 1 ♂, de 20 de Janeiro; 1 ♀, de 16 de Janeiro.

Porto Camargo: 6 ♂ ♂, de 24 de Janeiro e 2 de Fevereiro; 6 ♀ ♀, de 24, 26 e 27 de Janeiro e 6 de Fevereiro.

Forpus crassirostris vividus (Ridgway)

Rio Paracá: 1 ♂, de 6 de Janeiro.

Amazona aestiva aestiva (Linnaeus)

Rio Paracá: 5 ♂ ♂, de 14, 16 e 17 de Jan.; 1 ♀, de 13 de Janeiro.

Pionus maximiliani siy Souancé

Rio Paracá: 2 ♂ ♂, de 13 e 20 de Jan.; 1 ♀ de 12 de Janeiro.

Porto Camargo: 4 ♂ ♂, de 2 e 3 de Fevereiro.

Família STRIGIDAE

Otus choliba choliba (Vieillot)

Rio Paracá: 1 ♂ de 18 de Janeiro.

Glaucidium brasilianum brasilianum (Gmelin)

Porto Camargo: 1 ♀, de 3 de Fevereiro.

Família NYCTIBIIDAE

Nyctibius griseus griseus (Gmelin)

Rio Paracá: 1 ♀, de 8 de Janeiro.

Família TROCHILIDAE

Amazilia versicolor subsp.

Rio Paracá: 1 ♀, de 16 de Janeiro.

Porto Camargo: 1 ♀, de 2 de Fevereiro.

Os dois exemplares, um do Rio Paracá e outro de Porto Camargo, ambos ♀ ♀, têm a garganta verde, abstração feita da orla das penas, que é branca, como a porção basal, normalmente encoberta. Nisso combinam eles com os do oeste de São Paulo (Avañhandava, Rio Dourado, Rio Feio, Bebedouro, Itapura), sul de Goiás (Inhumas, Jaraguá, Rio Claro) e Mato Grosso (Coxim, Rio das Mortes, Palmeiras), ao mesmo tempo que divergem da generalidade dos do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Baía, em que a regra é apresentarem os indivíduos adultos o mento e a garganta brancos, não raro sem mescla de verde. Como teve um de nós a ocasião de concluir em trabalho anterior ⁽⁴⁾, não há como deixar de reconhecer duas subespécies distintas com base nessa diferença,

(4) Pinto, *Papéis Avulsos do Depart. de Zoologia*, XII, pp. 173-175 (1951).

em confirmação do que já haviam demonstrado Simon e Hellmayr, há quase meio século.

Para a subespécie centro-brasileira parece não haver entre os velhos nomes nenhum aproveitável. É ponto, todavia a ser futuramente resolvido, já que agora nos escasseia tempo para fazer a indispensável revisão de toda a nomenclatura a ele concernente.

***Hylocharis chrysura lessoni* nov. subsp.**

Rio Paracáí: 3 ♂, de 11, 12 e 15 de Janeiro.

Porto Camargo: 1 ♂, de 29 de Janeiro; 1 ♀, de 28 de Janeiro.

TIPO. ♂ adulto de Porto Camargo (Rio Paraná, marg. esquerda), N.º 36.793 da Coleção Ornitológica do Dept. de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, colecionado por E. Dente, em 29 de Janeiro de 1954. Medidas: asa 55 mm, cauda 32 mm, bico 20 mm.

DIAGNOSE. Bastante semelhante a *Hylocharis chrysura chrysura* do norte da Argentina e sul de Mato Grosso, mas um pouco menor, com a maxila escurecida até próximo à base, as partes superiores verdes, com lustro dourado (em vez de brônzeas, ou acobreadas), as rectrizes centrais muito menos acobreadas, a mancha mental menor e menos ferruginosa, bem como o baixo abdome.

O material de *Hylocharis chrysura* (Shaw) que temos em mãos, muito maior do que o utilizado por Pinto, há um quarto de século, não infirma as conclusões a que ele chegara no tocante às características divergentes das aves argentinas, mas, muito ao contrário as reforça. Sob esse ponto de vista, os exemplares trazidos agora do Rio Paracáí são particularmente preciosos, por isso que se colocam entre os que mais fortemente divergem dos da região platina, tanto pela tonalidade decididamente verde das partes superiores (ao em vez de douradas ou brônzeas), e a grande redução da nódoa mental ferrugínea, como pelo tamanho menor e escurecimento quase completo do bico (maxila superior). As aves de Mato Grosso, de que temos copiosa série, destacam-se também à primeira vista das do Paraná e das de quase todo Estado de São Paulo, aproximando-se mais até das da Argentina no forte colorido acobreado do dorso, restrição do escuro à ponta do bico etc. No que respeita à nomenclatura forçoso é reconhecer em *H. chrysura platensis* Pinto (⁵) um simples sinônimo de *Hylocharis chrysura chrysura* (Shaw) à vista da perfeita semelhança que todos os ornitologistas afirmam existir entre as aves da Argentina e as do Paraguai, pátria típica da espécie. Não temos nenhum material de *H. chrysura maxwelli* Hartert, da região boliviana banhada pelo Rio Beni, com que possamos comparar os nossos exemplares do

(⁵) Pinto, *Rev. Museu Paulista*, vol. XVII, 2.ª parte, p. 49 (1932).

Rio Paraná; mas a descrição que dão os ornitologistas da subespécie boliviana ajusta-se extraordinariamente aos caracteres destes últimos, mormente quando se tomam para comparação as aves da República Argentina. Afigura-se-nos apesar disso pouco provável possam pertencer à raça boliviana as populações sudeste-brasileiras de que são exemplos os espécimes do Rio Paracá; consequentemente, como não aparece na sinonímia da espécie nenhum nome aplicável restritivamente a estes últimos, propomos seja a nova subespécie denominada *Hylocharis chrysura lessoni*, em consideração pelo fato de que a ela deveriam provavelmente pertencer os exemplares brasileiros referidos por Lesson (*Hist. Naturelle des Colibris*, p. 107, pl. 4) sob o nome de Shaw.

Família TROGONIDAE

Trogon surrucura surrucura Vieillot

Rio Paracá: 1 ♂, de 10 de Janeiro.

Família ALCEDINIDAE

Megaceryle torquata torquata (Linnaeus)

Rio Paracá: 1 ♀, de 12 de Janeiro.

Chloroceryle amazona (Latham)

Rio Paracá: 1 ♂, de 17 de Janeiro.

Chloroceryle americana mathewsi Laubmann

Rio Paracá: 3 ♂ ♂, de 10, 16 e 18 de Jan.; 1 ♀ ?, de 10 de Janeiro.

Família MOMOTIDAE

Baryphthengus ruficapillus (Vieillot)

Porto Camargo: 3 ♂ ♂, de 24 e 26 de Janeiro e 3 de Fevereiro; 1 ♂ ?, de 30 de Janeiro.

Família GALBULIDAE

Galbula ruficauda rufoviridis Cabanis

Rio Paracá: 1 ♂, de 9 de Janeiro; 1 ♀ ?, de Janeiro.

Porto Camargo: 3 ♂ ♂, de 24 e 30 de Janeiro e 6 de Fevereiro.

Jacamaralcyon tridactyla (Vieillot)

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 24 de Janeiro e 3 de Fevereiro; 4 ♀ ♀, de 30 de Janeiro e 3 de Fevereiro.

Família BUCCONIDAE

Malacoptila striata striata (Spix)

Rio Paracá: 1 ♂ de 15 de Janeiro.

Porto Camargo: 3 ♂ ♂, de 25, 28 e 30 de Janeiro; 1 ♀, de 30 de Janeiro.

Nonnula rubecula rubecula (Spix)

Porto Camargo: 1 ♀, de 5 de Fevereiro.

Neste exemplar merece reparo o apresentar-se a garganta menos ferrugínea e o dorso mais acizentado do que os indivíduos de São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

Família RAMPHASTIDAE

Ramphastos toco toco Müller

Rio Paracá: 1 ♂ ?, de 19 de Janeiro; 1 ♀, de 11 de Janeiro.

Ramphastos dicolorus Linnaeus

Rio Paracá: 2 ♂ ♂, de 18 de Janeiro.

Porto Camargo: 4 ♀ ♀, de 23 e 24 de Janeiro e 5 de Fevereiro.

Bailloniuss bailloni (Vieillot)

Porto Camargo: 2 ♀ ♀, de 27 de Janeiro e 4 de Fevereiro.

Pteroglossus castanotis australis Cassin

Porto Camargo: 1 ♂, de 25 de Janeiro; 1 ♀, de 26 de Janeiro.

Sendo estes os de procedência mais meridional que nos é dado conhecer, e os primeiros a serem registrados no Estado do Paraná, comparamo-los minuciosamente com os de São Paulo e Mato Grosso, sem que encontrássemos a mais leve diferença.

Família PICIDAE

Melanerpes flavifrons (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♂, de 25 de Janeiro; 1 ♀ de 28 de Janeiro.

Celeus flavescens flavescens (Gmelin)

Rio Paracá: 1 ♀ de 8 de Janeiro e 1 ♀ ?, de 11 de Janeiro.

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 26 de Janeiro e 5 de Fevereiro; 3 ♀ ♀, de 23, 26 e 28 de Janeiro.

Dryocopus lineatus erythrops (Valenciennes)

Rio Paracá: 1 ♀, de 17 de Janeiro.

As íntimas relações entre *C. lineatus* e *C. erythrops* foram objeto das atenções de um de nós e, segundo nos parece, corretamente interpretadas ⁽⁶⁾.

Dryocopus galeatus (Temminck)

Porto Camargo: 1 ♂, de 25 de Janeiro.

Veniliornis passerinus olivinus (Malherbe)

Rio Paracá: 2 ♂, de 13 e 14 de Janeiro.

Porto Camargo: 1 ♂, de 2 de Fevereiro.

Veniliornis spilogaster (Wagler)

Porto Camargo: 1 ♀, de 23 de Janeiro.

Picumnus guttifer Sundevall

Rio Paracá: 4 ♂, de 8, 9, 15 e 17 de Janeiro.

Porto Camargo: 3 ♂, de 24, 25 e 28 de Janeiro.

Família DENDROCOLAPTIDAE

Dendrocolaptes platyrostris platyrostris Spix

Porto Camargo: 3 ♂, de 24 e 30 de Jan. e 2 de Fevereiro; 1 ♂?, de 6 de Fevereiro.

Xiphocolaptes albicollis albicollis (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♀, de 30 de Janeiro.

Lepidocolaptes fuscus fuscus (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♀, de 1 de Fevereiro.

Campylorhamphus trochilirostris guttistriatus subsp. nov.

Rio Paracá: 1 ♂, de 14 de Janeiro.

Porto Camargo: 1 ♂, de 3 de Fevereiro.

DIAGNOSE. Semelhante a *Campylorhamphus trochilirostris major*, das regiões semi-áridas do Brasil este-septentrional e centro-oriental, mas diferindo pelo píleo muito mais escuro, dorso mais pardo-oliváceo (menos arruivado), rêmiges e rectrizes de cor ferrugínea mais carregada, estriações do pescoço e do peito mais largas, por vezes gutiformes, e de contorno nitidamente delimitado por debrum escuro (quase preto).

⁽⁶⁾ Cf. Pinto, *Arq. de Zool. do Est. de S. Paulo*, V, pp. 399-400 (1947).

TIPO. N.º 36.852 da Col. ornitológica do Dept. de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto de Porto Camargo (margem esquerda do Rio Paraná, entre os rios Ivaí e Paracai), coligido por E. Dente em 3 de Fevereiro de 1954.

DESCRIÇÃO DO TIPO. Píleo pardo-escuro, com largas estrias longitudinais ocráceas; manto e dorso pardo-oliváceos (com leve banho de ocre), com estrias ocráceas, largas e gutiformes abaixo da nuca, e tornando-se cada vez mais delgadas em direção ao uropígio; baixo dorso tingido de ruivo e desprovido de estriações; coberteiras superiores da cauda côm de ferrugem; garganta brancacenta, levemente tinta de ocre, e com as penas orladas de escuro; pescoço e peito pardo-oliváceos, distintamente banhados de ocre e ornados de largas estriações longitudinais ocráceo-brancacentas, a princípio nitidamente debruadas de preto, e perdendo progressivamente em largura e contorno próximo ao abdome, onde desaparecem; rêmiges côm clara de ferrugem; rectrizes intensamente ferruginosas no lado superior e mais claras no inferior; coberteiras superiores das asas pardo-oliváceas (como o dorso), as menores distintamente mais claras ao longo do raque; bico pardo-amarelado.

OBSERVAÇÕES. No conjunto de seus caracteres, inclusive o pequeno comprimento e a côm relativamente clara do bico, os dois exemplares do Rio Paraná aproximam-se seguramente muito mais da raça centro-brasileira de *C. trochilirostris* do que de *C. falcularius*, forma esta muito bem caracterizada, que sob certos pontos de vista poderia considerar-se espécie autônoma. Os traços de aproximação com esta última, são, principalmente, a côm anegrada do píleo, a tonalidade mais escura, mais pardo-olivácea (menos ocrácea) do dorso, e ainda a coloração relativamente sombria do bico. Não obstante, a nova subespécie diverge decididamente de *C. falcularius* no comprimento muito menor do bico (58 mm de comprimento, em vez de 65 mm, ou mais); na côm relativamente clara, pardo-escura (em vez de denegrada) do alto da cabeça; na estriação abundante do dorso; na muito maior largura e contorno nitidamente delimitado das estrias do peito (debruadas de escuro); na côm relativamente clara do bico etc.

Em direção ao norte *C. trochilirostris guttistriatus* faz transição insensível com *C. t. major* Ridgw. (de que *C. t. omissus* Pinto parece inseparável), disso sendo prova a tendência para os caracteres do primeiro verificada em dois exemplares do sudeste extremo de Goiás (♂ de Inhumas e ♀ de Rio Verde), com que comparamos os do Paracai e Porto Camargo.

Em aditamento a estas notas, a ocasião se oferece para registarmos a possibilidade de reconhecer duas variedades geográficas suficientemente diferenciadas nas populações costumeiramente in-

cluidas na área geográfica de *C. trochilirostris falcularius*, forma que aliás sabemos ocorrer na parte oriental montanhosa do Estado do Paraná. De fato, nas aves da zona litorânea correspondente às serras do Mar (Terezópolis, Serra da Bocaina, Rio Juquiá) e da Mantiqueira (Itatiaia) o colorido da plumagem é muito mais carregado do que nas procedentes do planalto de além-serra (Ipiranga, Tietê, Castro). Nestes últimos a plumagem apresenta tonalidade francamente arruivada (menos olivácea), o píleo é negro-pardacento (em vez de francamente denegrado), as rêmiges e rectrizes são antes ferruginosas (em vez de castanho-ferruginosas), o bico menos escuro. Todavia, a escassês de estriações no dorso e a sua redução no peito, a simples raquístrias apontam-lhes o lugar ao lado de *C. t. falcularius*.

Sittasomus griseicapillus sylviellus (Temminck)

Porto Camargo: 3 ♂ ♂, de 23 e 30 de Jan. e 1 de Fevereiro; 1 ♂ ?, de 29 de Janeiro; 4 ♀ ♀, de 23 e 29 de Jan. e 3 de Fev.

Família FURNARIIDAE

Synallaxis cinerascens Temminck

Porto Camargo: 1 ♀, de 26 de Janeiro.

Cranioleuca vulpina vulpina (Pelzelin)

Rio Paracá: 4 ♂ ♂, de 7, 10, 15 e 18 de Janeiro; 5 ♀ ♀ de 9, 10, 13 e 15 de Fevereiro.

Não deve passar sem reparo serem estes, ao que nos consta, os exemplares de procedência mais meridional na área conhecida da forma típica de *C. vulpina*, cujo limite septentrional atinge a margem direita do baixo Amazonas.

Philydor dimidiatus baeri Hellmayr

Porto Camargo: 1 ♂, de 3 de Fevereiro. Medidas: asa 88 mils., cauda 79, culmen 17.

Em que pese a sua procedência meridional, as características do exemplar de Porto Camargo, ajustam-se fielmente à descrição de *Philydor baeri* Hellmayr, não representado até então nas coleções do Departamento de Zoologia. Nele, em vez de ferrugem, como em *P. dimidiatus* Pelz., a tonalidade predominante do colorido da plumagem é o oliváceo-pardo; as partes inferiores, abundantemente tingidas de ocráceo no peito e no abdome, passam a azeitonado nos flancos, e a ferrugem clara nas coberteiras inferiores da cauda.

Estas diferenças são todavia de ordem meramente quantitativa, podendo dizer-se que *dimidiatus* difere apenas de *baeri* pelo colorido geral muito mais carregado, ou intenso. Pelo que, não vemos como adiar a sua classificação como simples subespécies, a despeito da contiguidade estreita das áreas geográficas que lhes devemos atribuir, com base no escasso material de ambas existente nos museus. A distribuição conhecida de *P. baeri* (sudoeste de Minas e sul de Goiás), já registrado nos limites do Paraguai com de Mato Grosso (Rio Apa), é bem mais ampla do que a de *P. dimidiatus*, de que só se conhecem exemplares oriundos deste último Estado.

Philydor atricapillus (Wied)

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 27 e 28 de Janeiro; 1 ♂ ?, de 1 de Fevereiro;
2 ♀ ♀, de 28 e 29 de Janeiro.

Philydor lichtensteini Cab. & Heine

Porto Camargo: 8 ♂ ♂, de 23, 25 e 28 de Janeiro, 4 e 5 de Fevereiro;
1 ♀, de 5 de Fevereiro.

Philydor rufus rufus (Vieillot)

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 26 e 27 de Janeiro; 1 ♀, de 27 de Janeiro.

Automolus leucophthalmus sulphurascens Lichtenstein

Rio Paracá: 1 ♂, de 20 de Janeiro.

Automolus rectirostris (Wied)

Rio Paracá: 4 ♂ ♂, de 10, 11, 13 e 16 de Janeiro.
Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 2 e 3 de Fevereiro.

Xenops minutus minutus (Sparrman)

Rio Piracá: 1 ♂, de 19 de Janeiro.

Sclerurus scansor scansor (Ménétrières)

Porto Camargo: 1 ♂, de 28 de Janeiro; 2 ♀ ♀, de 25 e 30 de Janeiro;
1 ♀ ?, de 30 de Janeiro.

Família FORMICARIIDAE

Hypoedaleus guttatus guttatus (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♂, de 28 de Janeiro.

A maior largura das raia negra da cauda (e, consequentemente, o seu menor número), base de *Hypoedaleus guttatus apuca-*

ranae Sztolcman ⁽⁷⁾, não possui nenhum valor do ponto de vista da variação geográfica, correndo possivelmente por conta da idade. Já o mesmo não acontece com a tonalidade branca quase pura (em vez de ocrácea) do abdome e do crisso, que é caracter suficientemente constante nas aves do Espírito Santo e leste de Minas Gerais para justificar a sua separação sob *Hypoedaleus guttatus leucogaster* Pinto ⁽⁸⁾.

Taraba major major (Vieillot)

Porto Camargo: 4 ♂ ♂, de 2 e 3 de Fevereiro; 1 ♀, de 12 de Fevereiro.

Thamnophilus doliatus radiatus Vieillot

Rio Paracai: 4 ♂ ♂, de 8, 9, 12 e 19 de Janeiro; 5 ♀ ♀, de 7, 13, 15 e 19 de Janeiro.

Porto Camargo: 3 ♂ ♂, de 3 de Fevereiro.

Thamnophilus caerulescens caerulescens Vieillot

Porto Camargo: 5 ♂ ♂, de 28 e 29 de Janeiro, 1, 2 e 4 de Fevereiro; 3 ♀ ♀, de 25 e 30 de Janeiro e 4 de Fevereiro.

Dysithamnus mentalis mentalis (Temminck)

Porto Camargo: 3 ♂ ♂, de 25, 28 e 29 de Janeiro; 1 ♀, de 30 de Janeiro.

Herpsilochmus pileatus atricapillus Pelzeln

Porto Camargo: 1 ♀, de 25 de Janeiro.

Herpsilochmus longirostris Pelzeln

Rio Paracai: 3 ♂ ♂, de 13, 14 e 20 de Janeiro; 5 ♀ ♀, de 8, 14, 16, 17 e 18 de Janeiro.

Herpsilochmus rufimarginatus rufimarginatus (Temminck)

Porto Camargo: 1 ♂, de 29 de Janeiro.

Pyriglena leucoptera leucoptera (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♂, de 26 de Janeiro.

Família CONOPOPHAGIDAE

Conopophaga lineata vulgaris (Ménétrières)

Porto Camargo: 1 ♂, de 23 de Janeiro; 1 ♀, de 26 de Janeiro.

⁽⁷⁾ *Hypoedaleus guttatus apucaranae* Sztolcman, 1926, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 145: tipo de Candido de Abreu (a 54 quilom. de Terezina, Estado do Paraná).

⁽⁸⁾ *Hypoedaleus guttatus leucogaster* Pinto, 1932, Rev. Mus. Paulista, XVII, 2.^a parte, p. 61: Rio Matipoó (sudeste de Minas Gerais).

Corythopsis delalandi (Lesson)

Rio Paracá: 1 ♀, de 19 de Janeiro.

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 30 de Janeiro e 1 de Fevereiro; 1 ♀, de 30 de Janeiro.

Família COTINGIDAE

Pachyramphus polychopterus spixii (Swainson)

Rio Paracá: 2 ♂ ♂, de 10 e 11 de Janeiro.

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 26 de Janeiro e 3 de Fevereiro; 1 ♀, de 2 de Fevereiro.

Tityra inquisitor inquisitor (Lichtenstein)

Porto Camargo: 1 ♀, de 26 de Janeiro.

Família PIPRIDAE

Piprites chloris chloris (Temminck)

Porto Camargo: 1 ♀, de 28 de Janeiro.

Píprida descoberto em começos do século passado por Natterer (5 exemplares, de Ipanema, Estado de São Paulo) e sabidamente raro nas coleções. O Departamento de Zoologia dele não possuía até aqui mais de 2 exemplares, ambos coletados no Estado de São Paulo, em 1897 (Rio das Pedras, perto de Piracicaba) e 1905 (Rio Feio). Chrostowski, em suas demoradas peregrinações ornitológicas pelo Estado do Paraná, não conseguiu mais de dois espécimes, um de Salto de Ubá (Rio Ivaí), e outro de Porto Mendes (Rio Paraná).

Pipra fasciicauda scarlatina Hellmayr

Porto Camargo: 5 ♂ ♂, de 24, 25, 29 e 30 de Janeiro e 2 de Fevereiro; 6 ♀ ♀, de 24, 25, 26, 29 e 30 de Janeiro.

Antilophia galeata (Lichtenstein)

Rio Paracá: 1 ♂, de 17 de Janeiro; 1 ♀, de 18 de Janeiro.

É essa, ao que supomos, a localidade mais meridional em que se registra a ocorrência deste lindo píprida, característico das matas ciliares do altiplano centro-brasileiro. Alfr. Laubmann ⁽⁹⁾, noticiando pela primeira vez a presença da espécie no Paraguai (região do Rio Apa), fez também o devido reparo sobre a importância do fato, do ponto de vista zoogeográfico.

(9) Alfr. Laubmann, *Anzeiger Ornithol. Gesellsch. Bayer.* 11, p. 297 (1933).

Chiroxiphia caudata (Shaw e Nodder)

Porto Camargo: 3 ♂ ♂, de 24 e 26 de Janeiro e 6 de Fevereiro.

Ilicura militaris (Shaw e Nodder)

Porto Camargo: 1 ♂, de 3 de Fevereiro.

Manacus manacus gutturosus (Desmarest)

Rio Paracá: 2 ♂ ♂, de 18 de Janeiro.

Schiffornis virescens (Lafresnaye)

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 5 e 6 de Fevereiro; 2 ♀ ♀, de 23 de Janeiro e 1 de Fevereiro.

Família TYRANNIDAE

Colonia colonus colonus (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♀, de 24 de Janeiro.

Tyrannus melancholicus melancholicus Vieillot

Porto Camargo: 1 ♀, de 23 de Janeiro.

Legatus leucophaeus leucophaeus (Vieillot)

Rio Paracá: 1 ♀, de 20 de Janeiro.

Sirystes sibilator sibilator (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♀, de 29 de Janeiro.

Myiodynastes solitarius (Vieillot)

Rio Paracá: 2 ♂ ♂, de 10 e 17 de Janeiro; 1 ♀, de 20 de Janeiro.
Porto Camargo: 1 ♂, de 25 de Janeiro; 1 ♂ ?, de 1 de Fevereiro.

Megarynchus pitangua pitangua (Linnaeus)

Porto Camargo: 1 ♀, de 26 de Janeiro.

Myiarchus swainsoni swainsoni Cabanis & Heine

Rio Paracá: 2 ♂ ♂, de 11 e 19 de Janeiro; 1 ♀, de 7 de Janeiro.
Porto Camargo: 1 ♂, de 5 de Fevereiro.

Myiarchus ferox australis Hellmayr

Rio Paracá: 1 ♂, de 20 de Janeiro; 2 ♀ ♀, de 8 e 12 de Janeiro.
Porto Camargo: 1 ♂, de 2 de Fevereiro; 3 ♀ ♀, de 3, 5 e 6 de Fevereiro.

Cnemotriccus fuscatus bimaculatus (Lafresnaye & d'Orbigny)

Rio Paracá: 1 ♂, de 10 de Janeiro.

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 29 de Janeiro e 3 de Fevereiro.

Platyrinchus mystaceus mystaceus Vieillot

Porto Camargo: 1 ♂, de 23 de Janeiro.

Tolmomyias sulphureus sulphureus (Spix)

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 1 e 2 de Fevereiro.

Idioptilon margaritaceiventer margaritaceiventer (Lafresnaye e d'Orbigny)

Rio Paracá: 1 ♀, de 16 de Janeiro.

Idioptilon ⁽¹⁰⁾ **orbitatus** (Wied)

Porto Camargo: 2 ♀ ♀, de 23 de Janeiro e 1 de Fevereiro.

Os exemplares de Porto Camargo em nada diferem dos de São Paulo, apresentando como estes o abdome decididamente amarelo citrino. A espécie, como observou Pinto, parece nunca ter sido verificada ao certo no Estado do Paraná, pois que o pássaro de ventre branco "ali colecionado por Chrostowski em várias localidades (Banhado, Cara Pintada, Vermelho) e dubitativamente referido a *E. orbitatus* por Sztolcman (*Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat.*, V, 1926, p. 162) pertence com segurança a outra espécie, talvez *E. margaritaceiventer* ⁽¹¹⁾, cuja ocorrência no referido Estado acaba de ser agora comprovada.

Myiornis auricularis auricularis (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♂, de 24 de Janeiro.

Pogonotriccus eximius (Temminck)

Porto Camargo: 1 ♂, de 1 de Fevereiro.

Capsiempis flaveola flaveola (Lichtenstein)

Rio Paracá: 1 ♂, de 17 de Janeiro.

Elaenia chiriquensis albivertex Pelzeln

Porto Camargo: 1 ♀, de 27 de Janeiro.

⁽¹⁰⁾ *Idioptilon* Berlepsch, 1907 (*Ornis*, XIV, p. 356), tendo como tipo *Idioptilon rothschildi* Berl. (= *Euscarthmus zosterops* Pelzeln), substitui, por direito de prioridade, *Euscarthmornis* Oberholser. Cf. J. T. Zimmer, *Amer. Mus. Novit.*, N.º 1.605, p. 7 (1953).

⁽¹¹⁾ Cf. Pinto, *Catal. das Aves do Brasil*, 2.ª pte., pag. 231, nota 1 (1944).

Myiopagis viridicata viridicata (Vieillot)

Rio Paracá: 1 ♂, de 12 de Janeiro.

Porto Camargo: 3 ♂ ♂, de 30 de Janeiro e 6 de Fevereiro.

Leptopogon amaurocephalus amaurocephalus Tschudi

Rio Paracá: 1 ♂, de 15 de Janeiro; 2 ♀ ♀, de 15 de Janeiro.

Porto Camargo: 2 ♂ ♂ ?, de 23 de Janeiro e 3 de Fevereiro; 3 ♀ ♀, de 24 de Janeiro e 5 de Fevereiro.

Família HIRUNDINIDAE

Iridoprocne albiventer (Boddaert)

Rio Paracá: 1 ♂, de 18 de Janeiro; 3 ♀ ♀, de 17 e 18 de Janeiro.

Família CORVIDAE

Cyanocorax chrysops chrysops (Vieillot)

Rio Paracá: 5 ♂ ♂, de 6, 12, 17 e 20 de Janeiro; 2 ♀ ♀, de 8 e 17 de Janeiro.

Porto Camargo: 3 ♂ ♂, de 24 de Janeiro e 2 e 3 de Fevereiro.

Família TROGLODYTIDAE

Thryothorus leucotis rufiventris Sclater

Rio Paracá: 7 ♂ ♂, de 7, 8, 10, 14, 15, 18 e 19 de Janeiro; 3 ♀ ♀, de 7, 15 e 18 de Janeiro.

Comparada com as aves de latitudes mais septentrionais, e especialmente com as de Mato Grosso, a série de Paracá impressiona à primeira vista pela tonalidade uniformemente mais carregada da plumagem, que é de um pardo sombrio (sem mescla apreciável de ferrugem) nas partes superiores, e intensamente ferrugínea no abdome. Dois exemplares do Rio Paraná (Porto Tibiriçá, Taquaruçu) são sob este ponto de vista praticamente inseparáveis dos de Paracá, ilustrando o caráter gradual a que obedece a modificação de colorido a que nos referimos, e a dificuldades de separar em subespécie particular as populações meridionais da espécie. Há ainda um ponto em que o lote de Paracá difere do grosso do material restante, sendo nisso também acompanhado pelos dois mencionados exemplares da margem paulista do Rio Paraná; vem a ser o comprimento menor do bico, cujo culmen orça em 18 milímetros (em vez de 19 a 21). Preferimos, contudo, deixar a questão em suspenso, recomendando-a à atenção dos estudiosos.

Família MIMIDAE

Donacobius atricapillus atricapillus (Linnaeus)

Rio Paracá: 1 ♀, de 8 de Janeiro.

Aparentemente novo para o Estado do Paraná.

Família TURDIDAE

Turdus leucomelas leucomelas Vieillot

Rio Paracá: 1 ♂ ad., de 17 de Janeiro; 1 ♀ imat. de 20 de Janeiro; 3 ♂ ♂ juv., de 9 e 20 de Janeiro e 5 de Fevereiro; 3 ♀ ♀ juv., de 14, 17 e 18 de Janeiro.

Porto Camargo: 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de 3 de Fevereiro; 1 ♀ imat., de 2 de Fevereiro.

Excetuando 1 ♂ de Paracá obtido em 17 de Janeiro e um casal de Porto Camargo datado de 3 de Fevereiro, todos os exemplares restantes, colecionados durante o mesmo período, eram imaturos ou completamente jovens, apresentando como tais as partes inferiores manchadas de pintas pardo-escuras e as coberteiras superiores das asas com uma nódoa apical cuneiforme, côr de canela. A côr canelina das coberteiras inferiores das asas, caráter conspícuo na caracterização da espécie, é muito mais intensa do que nas aves adultas.

Turdus rufiventris rufiventris Vieillot

Rio Paracá: 1 ♂, de 12 de Janeiro.

Família PARULIDAE

Parula pitiayumi pitiayumi (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♂, de 28 de Janeiro; 1 ♀ de 25 de Janeiro.

Basileuterus leucoblepharus (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♂, de 30 de Janeiro; 1 ♀, de 24 de Janeiro.

Basileuterus auricapillus auricapillus (Swainson)

Rio Paracá: 1 ♂ ?, de 19 de Janeiro; 1 ♀, de 17 de Janeiro.

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 23 de Janeiro; 2 ♂ ♂ ?, de 25 e 30 de Janeiro; 1 ♀, de 26 de Janeiro; 1 ♀ ? de 1 de Fevereiro.

Família TERSINIDAE

Tersina viridis viridis (Illiger)

Rio Paracá: 1 ♂ e 1 ♀, de 7 de Janeiro.

Família THRAUPIDAE

Chlorophonia cyanea cyanea (Thunberg)

Porto Camargo: 1 ♂, de 28 de Janeiro.

Tanagra violacea aurantiicollis (Bertoni)

Rio Paracá: 2 ♂ ♂, de 6 e 26 de Janeiro.

Porto Camargo: 1 ♀, de 26 de Janeiro.

Tanagra pectoralis (Latham)

Porto Camargo: 1 ♂, de 26 de Janeiro; 1 ♀, de 28 de Janeiro.

Tangara seledon (P. L. S. Müller)

Porto Camargo: 2 ♂ ♂ imats., de 24 e 28 de Janeiro; 1 ♀, de 6 de Fevereiro.

Tangara cayana chloroptera (Vieillot)

Rio Paracá: 1 ♀, de 20 de Janeiro.

Thraupis sayaca sayaca (Linnaeus)

Rio Paracá: 1 ♂, de 14 de Janeiro.

Porto Camargo: 1 ♂, de 5 de Fevereiro; 1 ♀, de 30 de Janeiro.

Thraupis palmarum palmarum (Wied)

Porto Camargo: 1 ♂, de 26 de Janeiro; 1 ♀, de 5 de Fevereiro.

Ramphocelus carbo centralis Hellmayr

Rio Paracá: 5 ♂ ♂, de 7, 12 e 13 de Janeiro; 3 ♀ ♀, de 10 e 12 de Janeiro.

Porto Camargo: 1 ♂, de 2 de Fevereiro; 5 ♀ ♀, de 24 e 27 de Janeiro e 2, 3 e 5 de Fevereiro.

Habia rubica rubica (Vieillot)

Porto Camargo: 1 ♂, de 29 de Janeiro.

Tachyphonus coronatus (Vieillot)

Porto Camargo: 2 ♀ ♀, de 29 e 30 de Janeiro.

Trichothraupis melanops (Vieillot)

Porto Camargo: 5 ♂ ♂ imats., de 23, 24 e 25 de Janeiro e 4 de Fevereiro.

Estes espécimes, muito jovens, não possuem ainda o menor vestígio do topete amarelo peculiar aos machos adultos.

Thlypopsis sordida sordida (Lafresnaye & d'Orbigny)

Rio Paracá: 1 ♂, de 16 de Janeiro.

A área conhecida deste passarinho alcança o norte da Argentina (Tucuman), mas, no Brasil, não havia sido ainda registrado de São Paulo para o sul.

Cissopis leveriana major Cabanis

Porto Camargo: 2 ♂ ♂, de 24 de Janeiro; 1 ♀, de 24 de Janeiro.

Família ICTERIDAE

Ostinops decumanus maculosus Chapman

Rio Paracá: 1 ♂ ?, de 14 de Janeiro; 5 ♀ ♀, de 13 e 14 de Janeiro.

Cacicus haemorrhous affinis Swainson

Porto Camargo: 1 ♀ ?, de 23 de Janeiro.

Archiplanus solitarius (Vieillot)

Rio Paracá: 1 ♂ e 1 ♀, de 13 de Janeiro.

Icterus cayanensis pyrrhopterus (Vieillot)

Rio Paracá: 3 ♂ ♂, de 6, 8 e 9 de Janeiro; 1 ♂ jov., de 13 de Janeiro;
1 ♀, de 16 de Janeiro.

Porto Camargo: 1 ♂, de 3 de Fevereiro.

A raça meridional de *I. cayanensis* alcança o Rio Grande do Sul e república do Prata, mas não havia ainda, ao que nos conste, sido colecionado no Estado do Paraná.

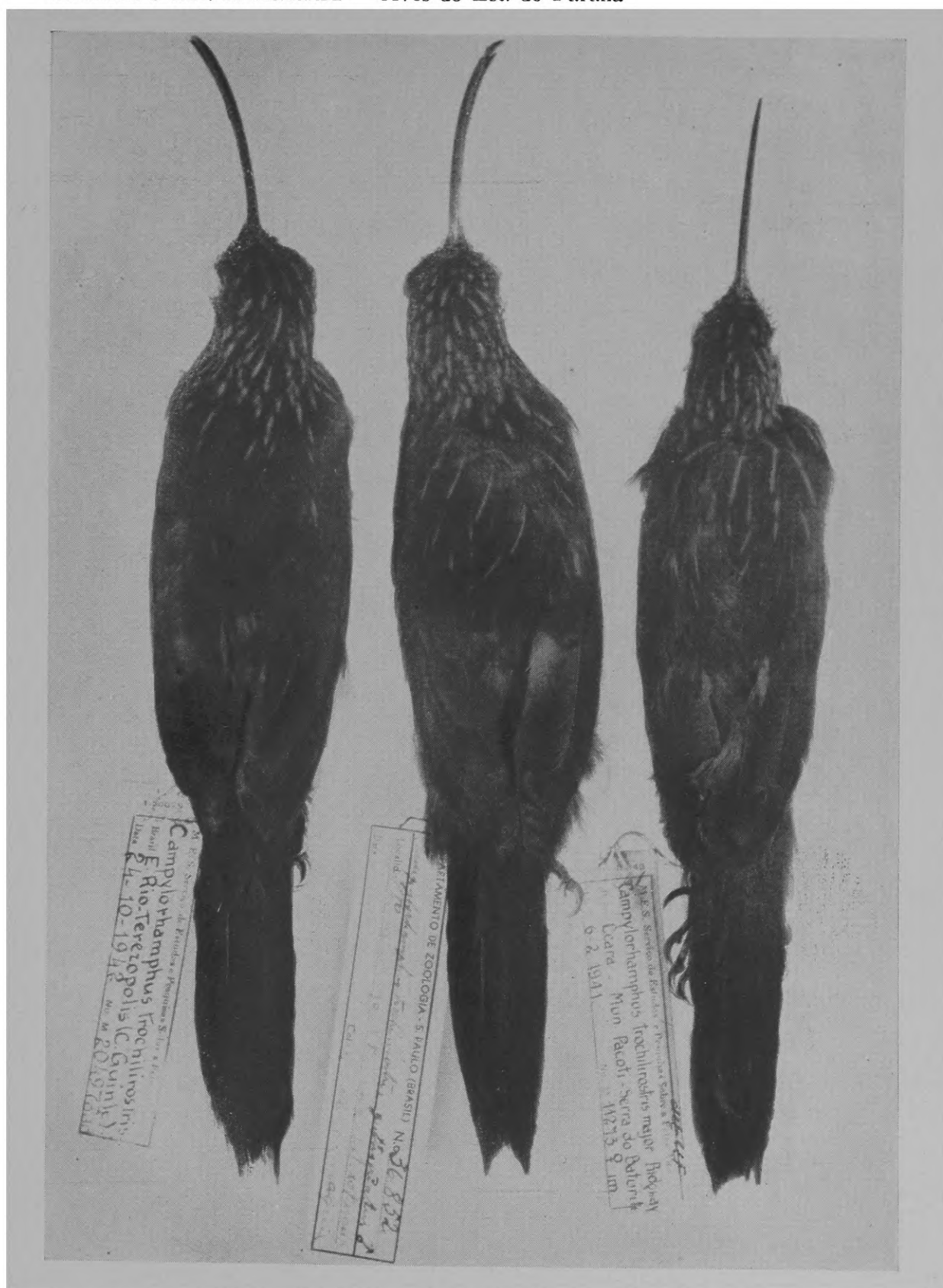
Família FRINGILLIDAE

Coryphospingus cucullatus rubescens (Swainson)

Porto Camargo: 1 ♂, de 23 de Janeiro.

Arremon flavirostris polionotus Bonaparte

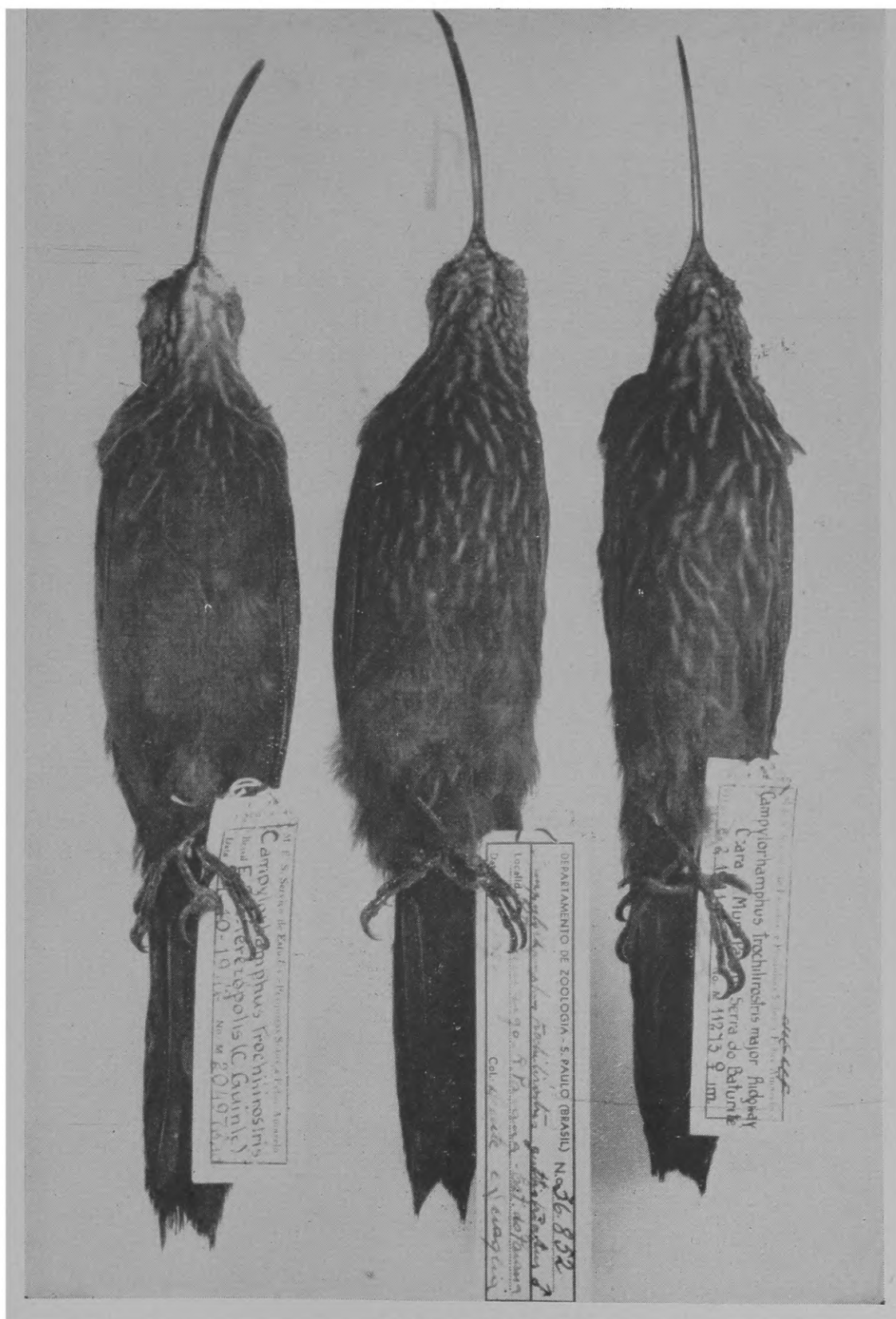
Rio Paracá: 1 ♀, de 15 de Janeiro.



ESTAMPA I

Vista dorsal.

Da esquerda para a direita: *Campylorhamphus trochilirostris falcularius*,
Campylorhamphus trochilirostris guttistriatus, *Campylorhamphus trochi-*
lirostris major.



ESTAMPA II

Vista ventral.

Da esquerda para a direita: *Campylorhamphus trochilirostris falcularius*, *Campylorhamphus trochilirostris guttistriatus*, *Campylorhamphus trochilirostris major*.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

SÔBRE O GÊNERO *DICRANUS* LOEW, 1851
(*DIPTERA*, *ASILIDAE*)

POR

MESSIAS CARRERA

Descrevemos neste trabalho uma nova espécie de *Dicranus* e aproveitamos a oportunidade para acentuar os caracteres das três outras espécies sul americanas que pertencem ao mesmo gênero. *Dicranus jaliscoensis* Williston, 1901, do México, cuja diagnose original transcrevemos, é a única espécie que não nos foi possível examinar.

Os desenhos que ilustram êste trabalho foram executados pela colega Maria A. V. d'Andretta, a quem sinceramente agradecemos.

Dicranus Loew

Dicranus Loew, 1851, Progr. Realsch. Meseritz p. 13; Kertész, 1909, Cat. Dipt. 4:155; Bromley, 1934, in Curran, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 66: 330.

Macronix Bigot, 1857, Ann. Soc. Ent. France (3), 5: 549.

Este gênero é facilmente reconhecido pela forma peculiar das garras (fig. 1), longas, retas, apenas encurvadas na extremidade e com duas pequenas projeções na base, e também, pela ausência de pulvilos e empódio.

É um gênero da tribo *Sarapogonini* que deve ser incluído entre aqueles que apresentam as tíbias anteriores inermes. Com êstes caracteres, *Dicranus* fica completamente isolado nesta tribo, havendo porém, afinidade um tanto remota com o gênero *Phonicocleptes* Arribalzaga, 1881, cujas espécies têm as tíbias anteriores providas de esporão.

Dicranus foi estabelecido para uma espécie brasileira, *utilus*, descrita por Wiedemann em 1821 que, por consequência, deve ser considerada o genótipo.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DO GÊNERO *DICRANUS*

- 1 Mistax amarelo; pernas inteiramente amarelas ou amarelas manchadas de preto 2
 - Mistax e pernas inteiramente pretos *nigerrimus* sp. n.
- 2 Lados do mesonoto com cerdas e pêlos pretos; abdômen com pruina cinza nos lados da margem posterior dos tergitos 2 a 4; os três últimos tarsos pretos 3
 - Lados do mesonoto com cerdas e pêlos amarelos; abdômen com tufo de pêlos amarelos nos lados da margem posterior dos tergitos 2 a 4; tarsos amarelos *rutilus* (Wiedemann)
- 3 Tíbias anteriores amarelas e com mancha preta de extensão variável na face inferior; pêlos e cerdas do calo ocelar e porção superior do occipício pretos (não sabemos se este carácter existe em *jaliscoensis*) 4
 - Tíbias anteriores inteiramente amarelas; pêlos e cerdas do calo ocelar e do occipício amarelos ou avermelhados *tucma* Arribalzaga
- 4 Antenas pretas; escutelo preto com pruina cinza superiormente *schrottkyi* Bezzi
 - Antenas e escutelo amarelos *jaliscoensis* Williston

***Dicranus rutilus* (Wied.)**

Dasyopogon rutilus Wied., 1821, Dipt. exot. 231; 1828, Auss. zweifl. Ins. 1: 370; Walk., 1854, List. Dipt. Brit. Mus. 6 supl. 2: 445.

Dicranus rutilus (Wied.), Loew, 1851, Prgr. Realsch. Meseritz 13; Schiner, 1866, Verh. zool.-bot. Ges. Wien 16: 676; Williston, 1891, Trans. Amer. Ent. Soc. Philad. 18: 70; Kertész, 1909, Cat. Dipt. 4: 155.

REDESCRIÇÃO. ♂ ♀ - Comprimento do corpo 23-32 mm; da asa 16-21 mm.

Cabeça: fronte e face revestidas de pruina dourada; a fronte com pilosidade dourada, a face com o mistax formado por um tufo de cerdas amarelas situadas na margem bucal superior; calo ocelar castanho-escuro, com cerdas e pêlos amarelos; occipício preto, com pruina cinzenta na região central e pruina dourada na borda ocular; cerdas e pêlos amarelos; barba amarela; probóscida e palpos pretos ou castanho-escuros, com pilosidade amarela; no 2.º artigo dos palpos existem cerdas amarelas; antenas com os dois primeiros artigos amarelo-avermelhados e o 3.º castanho-escuro,

exceto na base que também é amarelo-avermelhado; cerdas e pêlos amarelos.

Tórax: protorax preto, com mancha de pruina amarela nos lados do pronoto e sobre as placas do prosterno; pilosidade amarela, abundante e em tufo nos lados do pescoço; mesonoto castanho-escuro, exceto nas margens laterais que estão largamente recobertas de pruina amarela; calos umerais e pós-alares revestidos de pruina amarela, mais clara nos calos pós-alares; no disco do mesonoto se encontram quatro manchas de pruina, sendo duas triangulares de cor dourada ou castanha, segundo a incidência luminosa, situadas nos lados internos dos calos umerais e duas outras, pequenas, triangulares e de cor amarelo-clara na extremidade interna da sutura transversa, bem no alinhamento das cerdas dorso-centrais; pilosidade amarela, abundante lateralmente; cerdas amarelas: 3 pré-suturais, 6 supra-alares e 3 ou 4 pós-alares; dorso-centrais posteriores desenvolvidas; escutelo preto, com pruina cin-

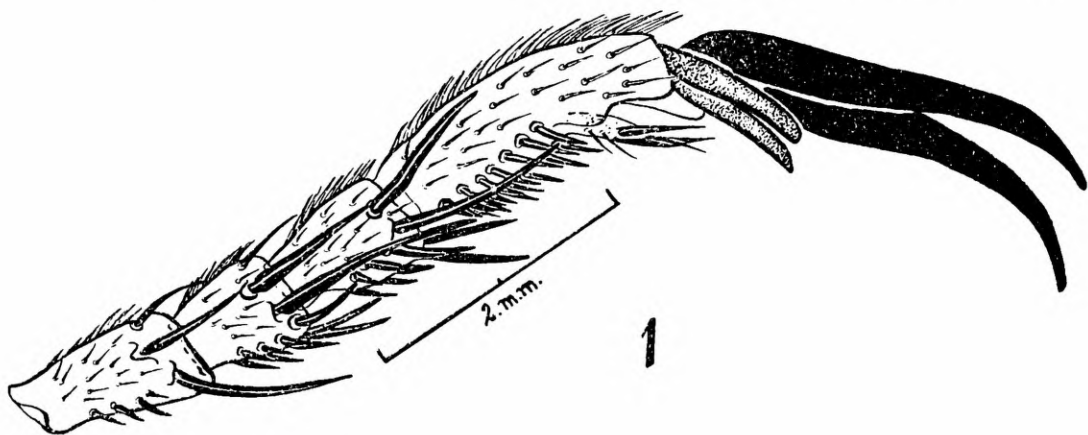


Fig. 1 *Dicranus rutilus* tarsos e garras.

zenta dorsal e duas longas cerdas amarelas marginais, às vezes mais de duas cerdas; região pós-escutelar preta, com pruina dourada sobre as calosidades laterais; pleuras castanho-escuras, com manchas de pruina dourada na propleura, na margem posterior da mesopleura, na parte superior da esternopleura, duas pequenas na pteropleura uma em cima outra em baixo, na hipopleura e na metapleura; pilosidade amarela existe sobre as manchas amarelas da mesopleura e esternopleura, abundante nesta última; cerdas e pêlos amarelos, abundantes, na metapleura; espiráculo anterior castanho-escuro ou cinzento, conforme a incidência de luz; espiráculo posterior castanho-escuro.

Pernas: coxas castanho-escuras, com mancha de pruina amarela na face anterior, onde também se encontra densa pilosidade amarela; o resto das pernas é amarelo-avermelhado, exceto na face

anterior dos fêmures anteriores e medianos onde se encontra alongada mancha preta; cerdas e pêlos amarelos. Garras pretas.

Asas levemente amareladas, com microtriquia escurecendo um pouco o interior das células; pilosidade da basicosta curta e avermelhada. Halteres amarelos.

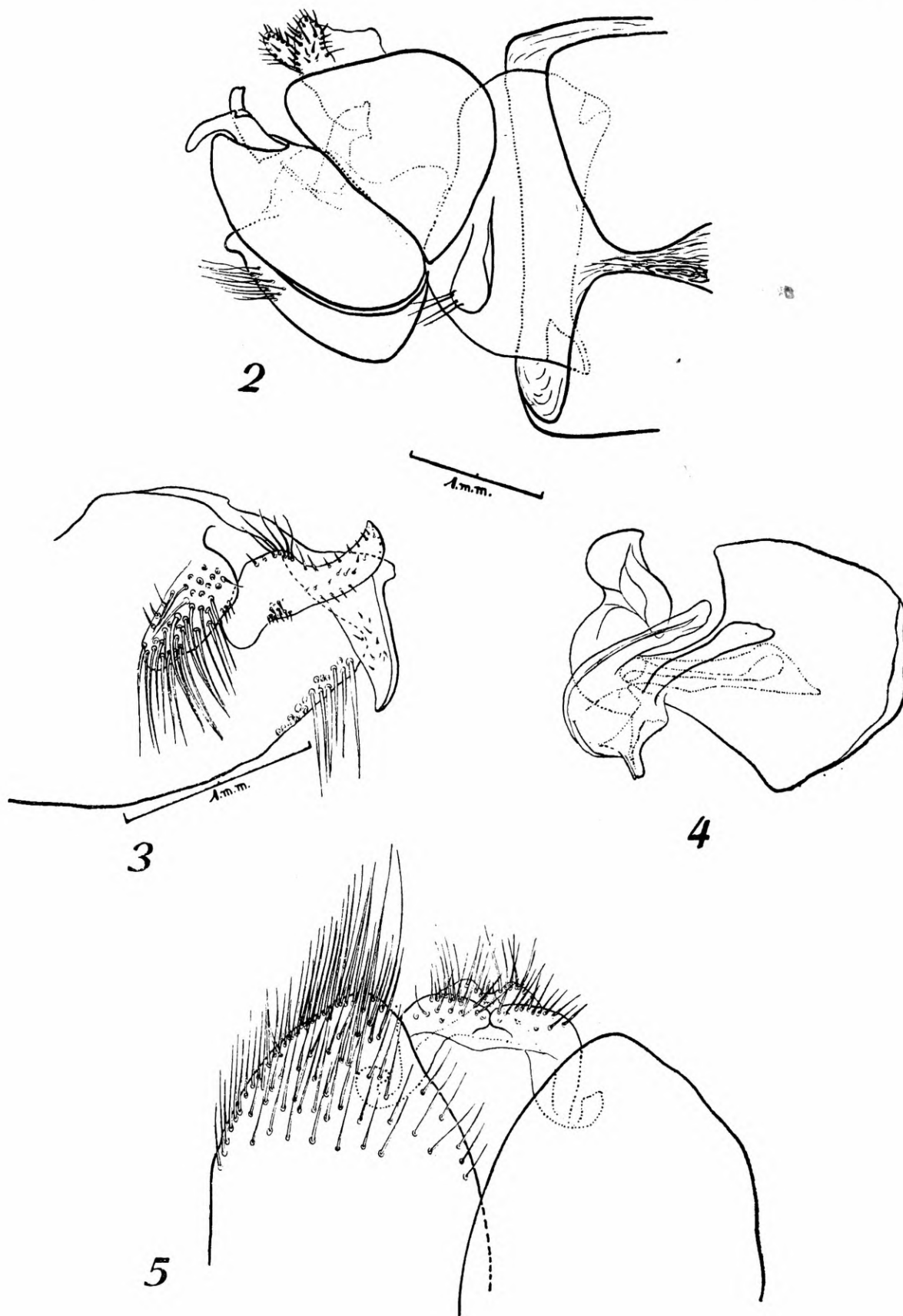
Abdômen preto, com pilosidade amarela, sedosa, compacta, parecendo almofadas, nos lados da margem posterior dos tergitos 2 a 5; nos lados da margem anterior do 2.º tergito existe mancha de pruina cinza; cerdas e pêlos amarelos nos lados do 1.º tergito; no resto dos tergitos a pilosidade é preta, menos no 6.º e 7.º (♂) onde se encontra longa pilosidade avermelhada; esternitos pretos, com pruina cinza nas margens posteriores dos 4 primeiros; pilosidade amarela, sendo avermelhada nos dois últimos esternitos; nas ♀♀ os dois últimos segmentos abdominais apresentam pilosidade avermelhada muito escassa. Genitália do ♂ (figs. 2 a 5) preta, com pilosidade avermelhada; genitália da ♀ preto-brilhante, com espinhos castanho-escuros.

Pupário — Comprimento 32 mm. Coloração castanha; calota cefálica com 8 grossos espinhos pretos situados na borda anterior; os lados do estojo mesotorácico com dois longos e finos prolongamentos espiniformes, recurvados para trás; 1.º segmento abdominal com a margem anterior munida de uma fileira de espinhos que se curvam em direção ao ápice do abdômen; os segmentos restantes com uma crista transversal no dorso, inserindo-se sobre ela espinhos que, nos lados formam séries regulares, mas dorsalmente se intercalam com projeções achatadas, como se fossem vários espinhos aglutinados; nos pleuritos e esternitos os espinhos são finos e menores; extremidade apical em forma de cone truncado.

Material examinado: 7 ♂♂, 8 ♀♀ e 1 pupário. Os exemplares com os números 21.721 a 21.723, 27.684 a 27.689 (êste último do pupário), 62.334, 62.336 e 62.337 pertencem à coleção do Departamento de Zoologia. Um ♂ foi enviado à coleção do Instituto Miguel Lillo, Argentina. Ao Sr. F. Plaumann, de Santa Catarina, foi devolvida uma ♀; ao Museu Nacional, Rio de Janeiro, uma ♀; ao Instituto Biológico de São Paulo, uma ♀.

Procedência do material: Brasil. Estado de São Paulo: Avanhanda, 1910 (E. Garbe); Aimoré, dezembro de 1947 (D. Bras); Atibaia (M. C. Leite). Estado de Goiás: Vianópolis, novembro de 1931 (R. Spitz); Jataí, janeiro de 1955 (M. Carrera & Pd. F. Pereira), Estado de Mato Grosso: Maracaju, maio de 1937 (S.F.A.); Grota Bonita, outubro de 1949 (W. Bockermann). Estado de Santa Catarina: Rio Caraguatá, fevereiro de 1953 (F. Plaumann).

São numerosos os caracteres que separam esta espécie das suas congêneres. Entretanto, para reconhecê-la à primeira vista, é suficiente atentar-se para a pilosidade amarela do tórax, para as



Figs. 2 a 5 *Dicranus rutilus* genitalia do ♂.

almofadas de pêlos amarelos nos lados do abdômen e para a coloração dos tarsos que são inteiramente amarelos. A genitália do ♂ das espécies de *Dicranus* não fornecem caracteres de relevância para sua distinção.

***Dicranus tucma* Arribalzaga**

Dicranus tucma Arribalzaga, 1880, An. Soc. Cient. Argent. 4: 26; 1881, l. c. 11: 124; Wulp, 1882, Tijdschr. Ent. 25: 98; Arribalzaga, 1882, Bol. Ac. Nat. Cienc. Cordoba 4: 142; Williston, 1891, Trans. Amer. Ent. Soc. Philad. 18: 70; Kertész, 1909, Cat. Dipt. 4: 156.

REDESCRIÇÃO. ♂ ♀ - Comprimento do corpo 30 mm; da asa 21 mm.

Cabeça: fronte recoberta de pruina amarelo-castanha, com pêlos amarelos nos lados da região frontal mediana; calo ocelar preto, com cerdas amarelas e pêlos pretos; occipício revestido de pruina dourada, com pêlos e cerdas dessa mesma cor; barba amarela; probóscida castanha; palpos castanhos, com cerdas e pêlos amarelos; face recoberta de pruina dourada; mistax situado na margem superior da abertura bucal e constituído por um espesso tufo de cerdas amarelas; antenas amarelo-avermelhadas, o primeiro artículo um pouco mais claro, com pilosidade preta e amarela, havendo no 2.º artículo uma ou duas grandes cerdas amarelas.

Tórax: pronoto inteiramente castanho-escuro, com pilosidade preta; mesonoto castanho, com 3 finas faixas longitudinais castanho-escuras ocupando a região central e com manchas de pruina amarela situadas uma em cada calo umeral, outra próxima das faixas escuras laterais, outra se estendendo pelas margens laterais, calo pós-alar e margem posterior e uma última em cada extremidade interna da sutura transversa, quase sobre a linha de cerdas dorso-centrais; a cor amarela das manchas centrais do mesonoto é mais clara que a que reveste os lados e a margem posterior; a faixa mediana do mesonoto chega quase até a sutura pré-escutelar e as duas que estão logo ao lado destas convergem posteriormente; pilosidade preta, mais ou menos abundante lateralmente; cerdas pretas; dorso-centrais posteriores desenvolvidas, as anteriores atrofiadas; uma cerda umeral, 3 pré-suturais, 5 supra-alaes e 3 pós-alaes; escutelo preto, com pruina cinza na superfície dorsal e alguns curtos pêlos e duas longas cerdas pretas marginais; região pós-escutelar castanho-escura, com as calosidades laterais recobertas de pruina dourada; pleuras castanho-escuras, com manchas de pruina amarelo-escura na margem posterior da mesopleura, na porção superior da esternopleura, na pteropleura próximo à raiz

das asas e próximo às coxas medianas e na hipopleura, esta última muito pequena; sobre a metapleura existem cerdas pretas, mas não pruina amarela; o espiráculo anterior é amarelo, o posterior castanho; pilosidade preta, abundante na mesopleura.

Pernas: coxas pretas, com alguma pruina amarela no ápice das anteriores e medianas, com cerdas e pêlos amarelos, abundantes no primeiro par; fêmures, tíbias, 1.º e 2.º artículos tarsais amarelo-avermelhados, havendo na superfície dorsal de todos os fêmures e na superfície ventral das tíbias medianas e posteriores uma alongada mancha de cor castanho-escura; 3.º, 4.º e 5.º artículos tarsais pretos; cerdas avermelhadas, exceto algumas das tíbias medianas e todas as que se acham nos três últimos tarsos que são pretas. Garras pretas.

Asas com leve tonalidade amarelada; microtriquia menos densa que em *schrottkyi*; nervuras amarelo-avermelhadas; pilosidade da basicosta preta. Halteres amarelos.

Abdômen preto-brilhante, com manchas de pruina cinza nos lados da margem posterior dos tergitos 2 a 5, sendo neste último muito pequenas; nos lados do 1.º tergito existem pêlos amarelos e cerdas amarelas e pretas; no resto do abdômen a pilosidade é preta, exceto sobre as manchas cinzentas dos tergitos 2 e 3, onde se encontram pêlos esbranquiçados; região ventral preto-fôska, exceto no 2.º e 3.º esternitos, onde existe pequena mancha de pruina cinza lateralmente; pilosidade esbranquiçada. Genitália do ♂ preto-brilhante, com cerdas e pêlos pretos; genitália da ♀ também preto-brilhante, com espinhos castanho-escuros.

Material examinado: 4 ♂♂ e 8 ♀♀. Os exemplares com os números 27.678 a 27.683 pertencem à coleção do Departamento de Zoologia. Foram devolvidos à coleção do Instituto Miguel Lillo, Tucumán, Argentina, 1 ♂ e 3 ♀♀; ao Sr. L. A. Terán, Argentina, 1 ♀; ao Rev. J. M. Arnau, Argentina, 1 ♀.

Procedência do material: — Argentina. La Candelaria, fevereiro de 1928; El Morenillo, março de 1935; Depto. de Oran, Vespucio, fevereiro de 1940; Salta, Tartagal, fevereiro de 1925; Cel. Moldes, fevereiro de 1948 (Willink & Monrós); Córdoba, outubro de 1947 (P. Lopes); Tucumán, S. P. de Calalao, janeiro e fevereiro de 1949 (Arnau) e (A. L. Terán); Jujuy, Calilegua, fevereiro de 1950 (Willink & Monrós).

A coloração amarela que predomina nas pernas e nas cerdas do calo ocelar e occipício distingue esta espécie de *schrottkyi*; a ausência de tufo de pêlos amarelos no abdômen a distingue de *rutilus*.

Dicranus schrottkyi Bezzi

Dicranus schrottkyi Bezzi, 1910, Societa Entomologica, Stuttgart, N.º 17, Ano XXV: 67 (nom. nov.); Carrera, 1947, Pap. Avuls. 8: 83.

Dasygogon longiungulatus Macq., 1849, Dipt. exot. suppl. 4: 67, T. 6, fig. 14 (não Macq., 1838).

Macronix longiungulatus (Macq.), Bigot, 1857, Ann. Soc. Ent. France (3), 5: 549.

Dicranus longiungulatus (Macq.), Schiner, 1866, Verh. zool.-bot. Ges. Wien 16: 676; Williston, 1891, Trans. Amer. Ent. Soc. Philad. 18: 70; Kertész, 1909, Cat. Dipt. 4: 155.

REDESCRIÇÃO. ♂ ♀ - Comprimento do corpo 27-31 mm; da asa 20-23 mm.

Cabeça: fronte revestida de pruina amarela, exceto na região mediana onde a cor é castanha; pilosidade preta na margem ocular e em dois tufos, um de cada lado da fronte; calo ocelar preto, com cerdas e pêlos pretos; vértice escuro; occipício revestido de pruina amarela ou cinzenta, com cerdas pretas na metade superior e cerdas amarelas na inferior, marginando os olhos; barba dourada; probóscida preto-brilhante, com finos pêlos amarelos em baixo; palpos pretos, com cerdas e pêlos amarelos; face recoberta de pruina amarela; mistax denso, situado na borda superior da abertura bucal e formado por compacto aglomerado de cerdas amarelo-claras; antenas pretas, castanho-escuras nos dois artículos basais, com cerdas e pêlos pretos, sendo duas, no 2.º artículo, muito grandes.

Tórax: protórax castanho; placas prosternais com pruina amarela; pilosidade preta no pronoto, castanho-escuro no resto; mesotórax castanho, com manchas de pruina dourada ou amarelo-cinza; úmeros com pruina dourada em cima e preta nos lados, cerdas e pêlos pretos; mesonoto com faixa mediana longitudinal pouco nítida, mas posteriormente é perceptível a sua afinada extremidade muito antes da sutura pré-escutelar; na parte posterior do mesonoto a cor é preta, pouco brilhante, formando grande mancha quadrangular e se expandindo pela sutura pré-escutelar; manchas de pruina dourada se encontram nas margens laterais, nos calos pós-alares, no lado interno dos úmeros e sobre a linha de cerdas dorso-centrais, tendo aqui a forma triangular e indicando um prosseguimento ao longo da sutura transversa; cerdas e pêlos pretos abundantes nos lados e posteriormente; cerdas dorso-centrais posteriores desenvolvidas, as anteriores inexistentes; 3 cerdas pré-suturais, 3 ou 4 supra-alares e 3 pós-alares; escutelo com pruina cinza em cima, preto-fôsko na margem e em baixo, com duas longas cerdas pretas marginais; região pós-escutelar preta, com pruina dourada nas calosidades laterais; espiráculos amarelo-escuros; pleuras com manchas de pruina dourada situadas na propleura, na margem pos-

terior da mesopleura, no canto superior da esternopleura, na porção superior da pteropleura e junto às coxas medianas, na metapleura e no canto inferior da hipopleura; pilosidade preta, escassa; cerdas da metapleura pretas.

Pernas: coxas castanhas, revestidas de pruina amarela e com cerdas e pêlos também amarelos; fêmures pretos em cima, amarelos ou castanho-amarelados em baixo; tíbias anteriores e medianas castanho-amareladas, exceto em uma alongada mancha preta que se estende por quase toda a superfície ântero-ventral; tíbias posteriores quase inteiramente pretas, havendo apenas mancha amarelo-escura na metade basal da superfície dorsal; basitarso das pernas anteriores amarelado em cima e preto em baixo; basitarso das pernas medianas e posteriores amarelo-escuro, preto no ápice (às vezes, o basitarso das pernas posteriores é bastante escuro); os quatro últimos tarsos de todas as pernas são pretos; cerdas pretas, muito desenvolvidas nas tíbias e nos tarsos; a coloração da pilosidade acompanha, de um modo geral, a coloração do tegumento, mas no basitarso anterior a cor dominante da pilosidade é a preta. Garras pretas.

Asas claras, com microtriquia escurecendo um pouco o interior das células centrais e apicais; no extremo basal a asa é amarela; pilosidade da basicosta preta. Halteres castanho-escuros.

Abdômen preto, com manchas de pruina cinza nos lados da margem anterior e posterior do 2.º tergito e nos lados da margem posterior dos tergitos 3 e 4, sendo neste último menos nítida, principalmente nos ♂♂; nos lados do 1.º tergito existem cerdas pretas e pilosidade amarela; nos tergitos restantes a pilosidade é preta, exceto sobre as manchas de cor cinza e sobre a margem posterior do 4.º e 5.º tergitos onde a pilosidade é cinzenta; nas ♀♀ a pilosidade é escassa e os três últimos tergitos são preto-brilhantes; esternitos pretos ou castanho-escuros, com manchas de pruina cinzenta e pilosidade amarelada. Genitália do ♂ preto-brilhante, com cerdas e pêlos pretos; genitália da ♀ com pilosidade mais curta e grossos espinhos pretos.

Material examinado: 8 ♂♂ e 8 ♀♀. Os exemplares pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia estão com os seguintes números: 27.554, 27.671 a 27.677 e 62.335. Uma ♀ foi devolvida ao Sr. F. Plaumann, Santa Catarina; 2 ♂♂ e 1 ♀ à coleção do Instituto Miguel Lillo, Tucumán, Argentina; 1 ♀ à coleção do Museu Britânico.

Procedência do material: — Brasil. Estado do Amazonas (1915). Estado de Goiás: Anápolis, fevereiro de 1937; Jataí, janeiro de 1955 (M. Carrera & Pd. F. Pereira). Estado de Santa Catarina: Rio Caraguatá, janeiro de 1953 (F. Plaumann).

Peru: Mischuyan, 1933 (E. Le Moulton).

Bolivia: Roboré, março de 1954 (Pd. F. Pereira & C. Gans).

Paraguai: Sapucay, dezembro de 1927 (Fr. Schade); Col. Independencia, dezembro de 1951 (Foerster); Guayrá, fevereiro de 1951.

Argentina: Misiones, Loreto, abril de 1936 (Bosq).

Esta espécie é muito parecida com *tucma*, da qual se distingue, principalmente, pela coloração preta que predomina nas pernas e pelas cerdas do calo ocelar e porção superior do occipício que são pretas e não amarelas.

Macquart, primeiro em 1838 e depois em 1849, deu o nome específico de *longiungulatus* a duas espécies diferentes de *Asilidae* por ele colocadas no antigo gênero *Dasypogon*. O *longiungulatus* de 1838, segundo Wulp, é um sinônimo de *Allopogon vittatus* (Wiedemann, 1828); o *longiungulatus* de 1849 foi colocado por Schiner no gênero *Dicranus*, mas tratando-se de um nome específico preocupado, Bezzi (1910) propôs a nova denominação de *schrottkyi*, a que, parece-nos, deve prevalecer.

***Dicranus jaliscoensis* Williston**

Dicranus jaliscoensis Williston, 1901, Biol. Centr. Amer. Dipt. 1: 302, Tb. 5, fig. 15; Aldrich, 1905, Cat. Nort. Amer. Dipt. p. 255; Kertész, 1909, Cat. Dipt. 4: 155.

TRANSCRIÇÃO DA DIAGNOSE ORIGINAL: “ ♂ ♀. Front and face light yellow, with a whitish-yellow-pollinose covering; mystax yellowish-white. Antennae yellow; the third joint red, with some black hairs on its upperside. Beard shorter and less abundant than in *D. rutilus* Wiedemann, yellowish-white or white. Mesonotum yellowish-brown, the humeri and the lateral margins ochraceous-yellow; on the inner side of each humerus, broadly in front, but narrowly behind, and reaching to about the middle of the mesonotum, there is a dark brown stripe, between which there is a smoother geminate stripe; bristles black. Scutellum yellow. Pleurae thickly yellowish-grey-pollinose. Abdomen brownish-red, opaque, the posterior segments blackish, the anterior ones red (in some specimens it is dark brown throughout, in other dark red); lateral margins of all the segments thickly grey-pollinose.

Legs yellow, sometimes wholly so, but usually with the hind femora or all the femora along the upperside, and the hind tibiae or all the tibiae along the outer side, black; distal hind tarsal joints more or less blackish at their tips. Wings hyaline; all the cells opening on the distal part of the wing, and the interior of the discal and fourth posterior cells, with grey clouds. Length 27 mm.

Hab. — Mexico, San Blas, Santiago Iscuintla and Guadalajara in Jalisco (Schumann).

Five specimens. The three species of this genus hitherto known are all from the Argentine Republic or Brazil. I have compared the Mexican examples with others of *D. rutilus* from Brazil, and find that they agree closely in their structural characters. From both this and *D. longiungulatus* the present insect differs in the colour and vestiture of the third antennal joint, and in the absence of yellow-haired cross-bands on the abdomen. From *D. tucma*, Lynch, with which *D. jaliscoensis* agrees best, it will be at once distinguished by the opaque colour of the abdomen: the face, too, is not golden-yellow".

Verifica-se, pela discussão taxonômica de Williston, que êle considera *Dicranus longiungulatus* (= *schrottkyi*) uma espécie muito semelhante a *rutilus*, apresentando ambas pilosidade amarela no abdômen. Tal não é exato, pois esse caráter só se encontra em *rutilus*, havendo em *schrottkyi* e *tucma* manchas de pruina cinza.

***Dicranus nigerrimus* sp. n.**

♀ - Comprimento do corpo 30 mm; da asa 22 mm.

Esta espécie se distingue de todas as outras do gênero por ser inteiramente preta, excetuando-se a pruina castanha que se encontra na fronte, na face, nos calos umerais e nos lados do mesonoto, e pruina cinzenta que se encontra na superfície dorsal do escutelo e nos lados da margem posterior dos segmentos abdominais 2 a 4, sendo neste último em muito pequena extensão. Também, na superfície dorsal das tíbias anteriores há uma região basal, mais ou menos extensa, de coloração mais clara, assim como no basitarso das pernas anteriores e medianas que são castanho-escuros e levemente mais claros, portanto, que o resto das pernas intensamente pretas.

O único exemplar que examinamos acha-se danificado, mas a coloração escura que predomina em todo o corpo, não nos permite considerá-la uma das espécies conhecidas, embora haja possibilidade de se tratar de um espécime melanótico de *Dicranus schrottkyi*.

Holótipo ♀, depositado na coleção do Instituto Miguel Lillo, Tucumán, Argentina.

Localidade tipo: — Argentina, Est. 7 de Abril, setembro de 1919.

A B S T R A C T

This paper includes the description of a new species of *Dicranus*, and re-descriptions of *D. rutilus* (genotype), *D. schrottkyi* and *D. tucma*.

The species of this genus may be separated as follows:

- | | | |
|---|---|-------------------------------|
| 1 - Mystax yellow; legs intirely yellow or with black spots | 2 | |
| - Mystax and legs intirely black | | <i>nigerrimus</i> n. sp. |
| 2 Black bristles and hairs on the lateral margins of the mesonotum; abdominal tergites 2-4 with grey pollen on the sides of the posterior margins; the last three tarsal joints black | 3 | |
| - Yellow bristles and hairs on the lateral margins of the mesonotum; abdominal tergites 2-4 with thick yellow pilosity on the sides of the posterior margins; all tarsi yellow | | <i>rutilus</i> (Wiedemann) |
| 3 Anterior tibiae yellow with an elongated black spot on the ventral surface; black bristles and hairs on the ocelar callus and occiput (at least in <i>schrottkyi</i>) | 4 | |
| - Anterior tibiae wholly yellow; yellow bristles and hairs on the ocelar callus and occiput | | <i>tucma</i> Arribalzaga |
| 4 - Antennae black; scutellum with grey pollen on the dorsum | | <i>schrottkyi</i> Bezzi |
| Antennae and scutellum yellow | | <i>jaliscoensis</i> Williston |

The characters of *jaliscoensis*, from Mexico, were taken from the original diagnosis, as this species was not examined.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

NOVOS ESCARABEÍDEOS E NOVAS SINONÍMIAS (Col. Scarabaeidae)

POR

P. F. S. PEREIRA, CMF (*)

e

M. A. V. d'ANDRETTA (*)

Descrevem os autores no presente trabalho algumas espécies novas de Scarabaeidae existentes nas coleções do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo e graças à generosidade do Dr. R. Malaise do Ricksmuseum de Stockholm. Puderam eles examinar vários tipos de Bohman, o que contribui para esclarecer a verdadeira posição de uma espécie americana de *Copris* descrita como de Galapagos, e demonstrou que *Catharsius troglodytes* Boh. é um *Metacatharsius* Paul. com *M. anderseni* Waterh. e *M. simulator* Balth. como seus sinônimos.

***Dichotomius eucranioides*, sp. n.**

Figs. 1 e 2

Luederwaldt em 1935 (Rev. Ent. Bras. 6:334-342) p. 241 descreve um *Dichotomius* novo, baseado em um exemplar que julga ser uma ♀ proveniente de Chapada, Mato Grosso, XI.902, Robert leg. e pertencente ao British Museum; espécie caracterizada singularissimamente pela desproporção manifestada no encurtamento dos élitros em relação ao pronoto e cabeça, e pelo pronoto quase duas vezes mais largo que longo, dando ao inseto um aspecto peculiar aos *Eucraniini*.

Recebemos ultimamente uma ♀ de Três Lagoas, Fazenda Ca-

(*) A presente contribuição foi executada na Divisão de Insecta do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo e sob os auspícios do Conselho Nacional de Pesquisas.

naã, Mato Grosso, 16-II-953, F. Lane leg., com os caraterísticos gerais do inseto estudado por Luederwaldt, mas que por outros carateres pertence a uma espécie bem diferente, ubicada mesmo em subgênero diverso, que passamos a descrever no presente trabalho.

De fato, Luederwaldt colocou a espécie no seu subgênero *Cephagonus* que é um sinônimo de *Selenocopris* Burm., ao passo que a espécie descrita aqui pertence ao subgênero *Luederwaldtinia* Martinez.

Examinamos o tipo de *D. ingens* (Luederw.) depositado no British Museum e em vista disto resolvemos, descrever o presente exemplar como novo, não o podendo contudo colocar em qualquer um dos grupos ou seções erigidas por Luederwaldt pelo motivo de ainda não conhecermos o ♂ e desde já aventamos a suposição de que não se possa integrar em nenhuma das mencionadas Seções, pelo aspecto completamente aberrante e pela formação especial do clipeo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Mato Grosso. Três Lagoas, Fazenda Canaã (margem esquerda do Rio Sucuriú), 16-II-953, F. Lane leg.

Comprimento 18 mm.; Largura umeral 10 mm.; comprimento dos élitros 8 mm.; comprimento do tórax 6 mm.; largura do tórax 11 mm.

Cor geral preta, pronoto com brilho muito fraco e os élitros completamente opacos; pubescência vermelha escura; artículos antenais avermelhados e as clavas pardacento-amareladas.

♀. CABEÇA com o clipeo fortemente rugoso na frente e atrás com fortes pontos; armadura cefálica em forma de pequena carena bigibosa situada na frente dos olhos; margem anterior do clipeo com 2 dentes robustos e rombudos e nos lados, perto da sutura genal, com outro dente forte; o espaço compreendido entre esses dentes laterais e os médios, serrilhado; sutura genal manifesta e terminando próximo ao canto interno dos olhos, bem separada da armadura cefálica; genas pontuado-granulosas e não forma ângulo na junção com o clipeo, na parte posterior arredondada; parte superior dos olhos grande e arredondada; margem inferior do clipeo e genas com fileiras de cerdas amarelas voltadas para cima; antenas com o escapo enorme e liso, maior que os 4 artículos seguintes juntos, 2.º artículo grosso e moniliforme, 3.º e 4.º subiguais, 3.º alargado para o ápice e o 4.º não alargado apicalmente, 5.º e 6.º curtos e largos, 7.º, 8.º e 9.º em longas lamelas revestidas de densas e pequenas cerdas amarelas; palpos maxilares com o 1.º artículo estreito e um pouco dilatado no ápice, 2.º mais grosso e mais longo que o 1.º, o 3.º, porém menor que o anterior embora também robusto, 5.º longo, tão longo como os anteriores juntos, dilatado no centro e afilado nas extremidades.

TÓRAX com o pronoto muito mais largo que comprido, com fortes pontos ocelares nas margens anterior, lateral e posterior, nas cicatrizes laterais e no sulco médio; disco com pontos finos; margem anterior com uma fôvea na região central; porção ântero-superior nos lados com pontos fortes, mas não tão fortes como os laterais; sulco médio grande atrás e fino na frente, atingindo até as fôveas anteriores, situadas logo atrás da margem anterior; ângulos anteriores agudos e os posteriores arredondados; prosterno com fortes pontos ocelares e pilíferos em toda a sua extensão, excepto uma porção média junto às coxas anteriores, sem carena transversal e margens guarnecidas de fileira de longas cerdas; processo prosternal também com pontos ocelares.

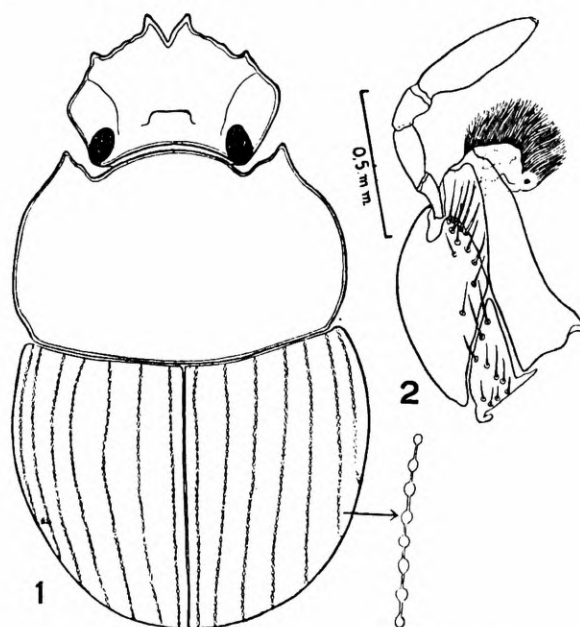


Fig. 1 - *Dichotomius eucranioides* n. sp.
Vista dorsal e detalhe das estrias; Fig. 2
Palpos maxilares.

Mesosterno estreito e liso no centro e com pontos ocelares nos lados; sutura meso-metasternal arqueada e manifesta sòmente na parte central; mesoepisternos alargados com pontos ocelares; mesoepímeros curtos.

Metasterno com pontos ocelares fortes nos lados e na parte central anterior, porção central posterior lisa e com profunda fôvea no centro; metaepisternos com pontos ocelares na margem anterior, porção interna mais lisa; metepímeros muito pequenos.

ABDÔMEN com os segmentos revestidos de fortíssima pontuação, de modo particular nos lados, mas mesmo no centro pelo menos há uma fileira de pontos em cada segmento, 6.º segmento mais largo que os outros na parte central; pigídio com pontos mais for-

tes na base e nos sulcos laterais; ápice com pontos mais finos, fortemente sulcado e emarginado nos lados e no ápice, base com sulco e carena tortuosa.

ÉLITROS soldados, completamente opacos, com 8 estrias com fortes pontos que invadem as interestrias; a 1.^a quase atinge o ápice, as demais terminam cada uma mais longe do ápice; 2.^a e 3.^a, 4.^a e 5.^a, 6.^a e 7.^a são convergentes para trás e as duas últimas chegam a unirem-se no ápice, a 8.^a situada na margem externa e dotada de pontos bem menores; interestrias quase lisas, com pontos microscópicos; epipleuras estreitas, com quilha cortante que as separa dos élitros.

PERNAS anteriores com as coxas parcialmente lisas e com pontos ocelares na parte posterior; trocanteres pequenos e lisos; fêmures com pontos muito pequenos na região inferior, somente com alguns pontos ocelares na região apical, parte superior lisa, parte anterior fracamente escavada, com denticulo na parte apical na margem superior e na margem externa com pontos dotados de longas cerdas; tíbias nos lados com 4 fortes dentes e na margem superior com duas fileiras de pontos pilíferos, uma no centro e outra acompanhando a margem externa; cálcres robustos e longos; tarsos insertos na face inferior, basitarso longo e do tamanho dos 3 artículos seguintes juntos, 2.º, 3.º e 4.º fracamente decrescentes, o 5.º igual ao basitarso, com duas pequenas garras recurvas.

Pernas médias com alguns pontos ocelares nas coxas, trocanteres pequenos e lisos, os fêmures mais fracos que os anteriores e com esculptura semelhante; tíbias muito finas e dilatadas brusca-mente no ápice que está adornado de uma coroa de fortíssimas cerdas, lados externos com numerosos denticulos; cálcres longos e em laminas lanceoladas, o menor é um pouco maior que a metade do outro; tarsos revestidos de longas cerdas nas margens interna, externa e apical, basitarso um pouco maior que o 2.º artículo e muito dilatado na margem externa, os 3 seguintes decrescentes e de configuração parecida, o 5.º longo, cilíndrico e igual aos 2 anteriores, com duas garras mais robustas que as dos tarsos anteriores.

Pernas posteriores com fortes pontos na região posterior das coxas e com pontos fracos na região anterior; trocanteres lisos; fêmures e tíbias semelhantes aos das pernas médias, assim como os tarsos e garras; cálcres pontiagudos.

Distingue-se a presente espécie de todas as demais do gênero, pelo fácies todo característico, pelo desenvolvimento enorme do pronoto que é quase duas vezes mais largo que longo, pelos élitros curtos em relação ao tamanho do pronoto e soldados, dando-nos à primeira vista uma certa aparência dos representantes dos *Eucraniini*; igualmente a presença do dente lateral do clípeo, situado per-

to das genas, o caracteriza facilmente de todas as demais espécies de *Dichotomius*.

***Ontherus elegans* Luederwaldt, 1930**

Figs. 3, 4, 5 e 6

Luederwaldt, 1930, Arch. Inst. Biol. S. Paulo 3: 106 (♀); 1931, Rev. Mus. Paul. 17: 371, 382, 407.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: São Paulo: Paranapiacaba (Alto da Serra) I. X IV, Ipiranga IV. R. Spitz leg.; Minas Gerais: Passa Quatro XI. Jaeger leg.; S. Catarina: Rio das Antas I. 953 (2 ♂, 3 ♀) Camargo & Dente leg. Alótipo ♂ e todo o material depositado nas coll. do Dpto. de Zoologia de São Paulo.

Comprimento 8-10 mm. Largura umeral 4-6 mm.

Cor geral: verde ou completamente preto, antenas marron com as lamelas amareladas.

DESCRIÇÃO DO ALÓTIPO ♂. Diferencia-se da ♀ por ter a pontuação do pronoto bem mais fina, pela presença de um par de foveolas ou impressões na parte anterior do pronoto logo acima das margens, pelos fêmures anteriores com robusto dente na margem súpero-apical e os posteriores com forte formação dentiforme dirigida para fora, um pouco adiante da margem anterior; pela fóvea metasternal pouco mais acentuada.

ADENDA à descrição original: Antenas com o escapo enorme, 2.º artículo pequeno e globuliforme, 3.º cilíndrico e um pouco maior que os 2 seguintes, 4.º e 5.º campanuliformes e subiguais, o 6.º campanuliforme e muito curto, 7.º, 8.º e 9.º em grandes lamelas completamente revestidas de pequeníssimas cerdas. Peças bucais com o mento bem côncavo na parte anterior, palpos labiais com o 1.º artículo alongado e um pouco alargado no lado interno, um pouco maior que o 2.º que é arredondado e o 3.º fino, alongado e estreitado na ponta; palpos maxilares com o 1.º artículo estreito e maior que o 2.º que é um pouco alargado apicalmente, 3.º subigual ao anterior embora mais fino, 4.º longo quase do tamanho dos 3 anteriores juntos.

Prosterno pontuado em toda a sua superfície, excetuada uma parte central perto das coxas anteriores, que é completamente lisa; carena transversal quase completa, terminando pouco antes das margens laterais, parte anterior pouco escavada, processo prosternal longo e pontuado.

Mesosterno com pontos fortes e contíguos em toda sua extensão, sutura meso-metasternal angulosa no centro; mesoepisternos quadrangulares.

Metasternó brilhante e com pontos pequenos no centro, com pêlos fortes mas imberbe na parte posterior, lados opacos.

ABDÔMEN com os segmentos fortemente pontuados e foveolados nas margens.

Tíbias anteriores quadridentadas nas margens externas, cálcres longos, tortuosos e afilados na ponta que está voltada para dentro; basitarso inserto na face inferior, na mesma altura do penúltimo dente lateral e um pouco maior que os 2 seguintes juntos, 2.º, 3.º e 4.º curtos e iguais, 5.º longo e um pouco mais engrossado para o ápice; garras longas finas e muito curvas; tarsos mé-

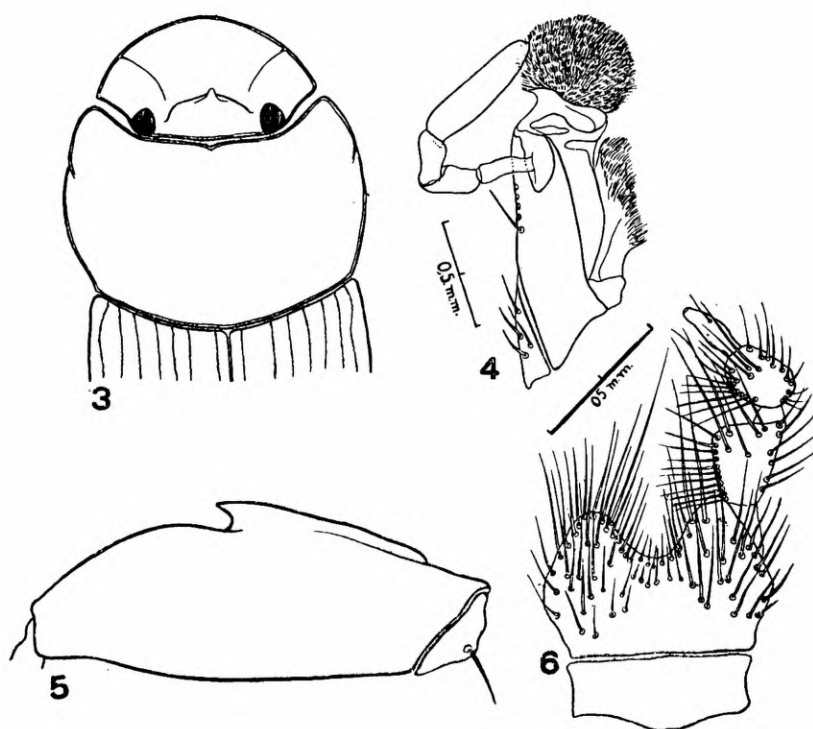


Fig. 3 - *Ontherus elegans* Luederw. ♂ vista dorsal da cabeça e do pronoto; Fig. 4 Palpo maxilar; Fig. 5 - Fêmur posterior; Fig. 6 - Mento e palpos labiais.

dios com os 4 primeiros artículos alargados para o ápice e decrescentes, 5.º e as garras como os das tíbias anteriores: tarsos posteriores iguais aos médios.

Ao recebermos ultimamente o material do Rio das Antas S. C. verificamos que os exemplares trabalhados por Luederwaldt eram todos ♀ ♀ e que a cor verde atribuída à espécie pode variar até um completo preto e que os ♂ ♂ com o característico espinho dos fêmures posteriores ainda não estavam descritos o que fizemos nesta oportunidade.

Phanaeus (Coprophanaeus) alvarengai, sp. n.

Figs. 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Rio Grande do Norte: Canguaretama VIII. 950, F. F. Castro leg. 33 ♂ e 17 ♀. Jardim do Angico VIII. 951, 2 ♂, 1 ♀ Natal VII. 950, P. Fonseca leg. 2 ♂, 1 ♀; Ceará: Joazeiro do Norte, O.F. Alengar leg. 8 ♂; Pernambuco: Guaranhuns III. 951, 1 ♂, 1 ♀ L. N. R. Lino leg.; Alagoas: Delmiro VIII, 1 ♂.

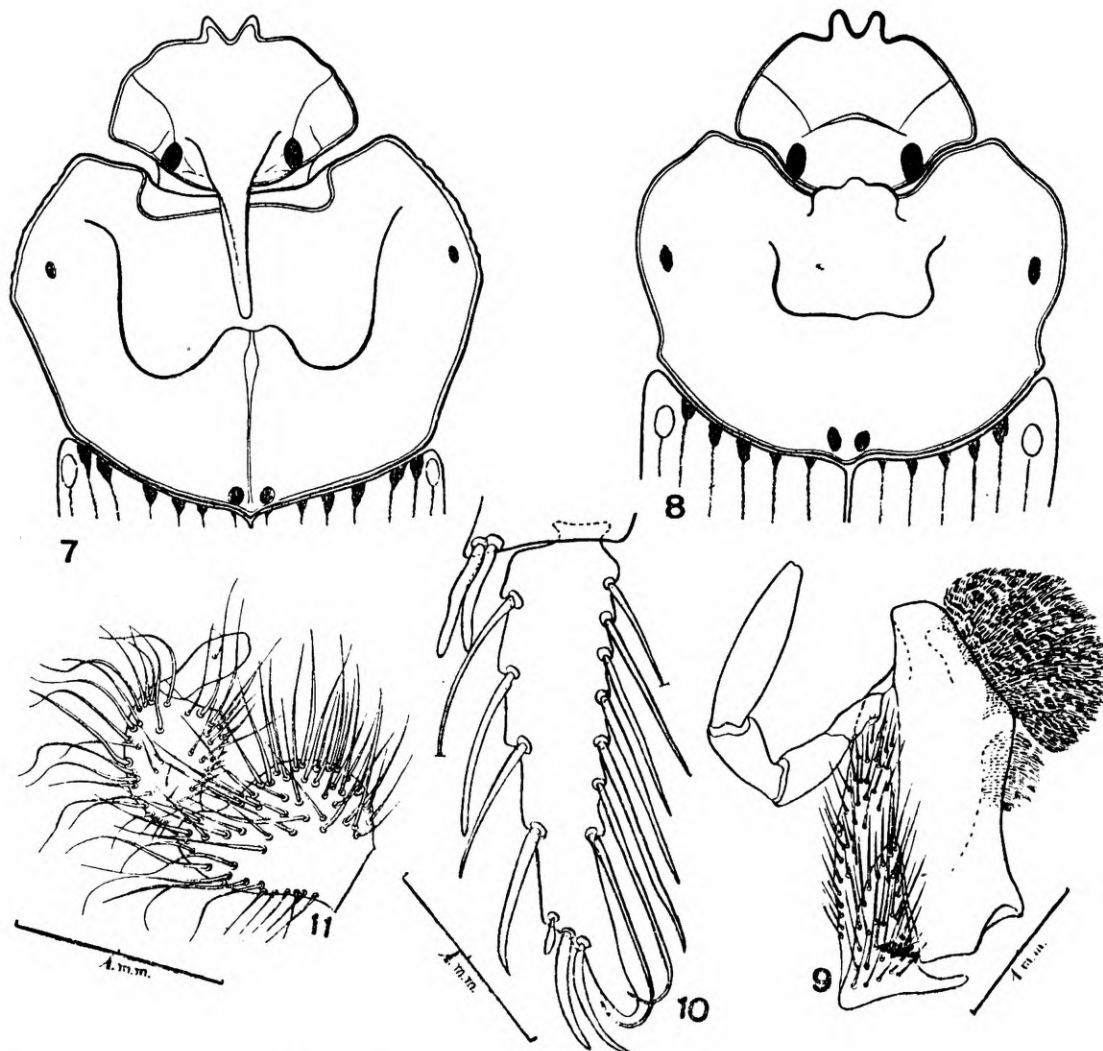


Fig. 7 - *Phanaeus (Coprophanaeus) alvarengai* n. sp. ♂ vista dorsal da cabeça e do pronoto; Fig. 8 - ♀ vista dorsal da cabeça e do pronoto; Fig. 9 - Palpo maxilar; Fig. 10 - Último artículo tarsal da perna posterior; Fig. 11 - Palpo labial.

Tipo ♂ e alótipo ♀ e 33 parátipos depositados nas coleções do Departamento de Zoologia de São Paulo; 20 parátipos nas Coleções do Te. Moacir Alvarenga e 5 na do Dr. Carlos Alberto Seabra do Rio de Janeiro; 4 parátipos na coleção de Antonio Martinez de Buenos Aires; 2 nas coleções do British Museum; 2 no Museu

de Bruxelles, Belgica e 2 nas coleções do Museum of Comparative Zoology da Harvard University, Cambridge USA.

Comprimento: 15-22 mm. Largura umeral 9-14 mm.

CÔR GERAL: Cabeça verde com o corno e a parte anterior do clipeo pretos; pronoto verde azul escuro; élitros completamente píceos sem nenhum reflexo metálico: pigídio verde, fêmures e partes inferiores do corpo verde com reflexos azulados; pubescência escura em toda a parte inferior.

♂. CABEÇA com o clipeo fortemente rugoso na frente, genas vermiculadas e arredondadas atrás, base anterior da carena cefálica pontuada, corno e partes posteriores da cabeça lisos; clipeo com 2 fortes e robustos dentes na margem anterior; armadura cefálica formada por uma carena situada logo na frente dos olhos, continuada na parte central por um longo corno reto, afilado na ponta que é um pouco voltada para trás; parte superior dos olhos grande e arredondada; nos exemplares mal desenvolvidos o clipeo é mais fortemente pontuado-rugoso, ocupando quase toda a superfície do corno que é pequeno e as suturas genais são bem mais claras e manifestas; peças bucais com os palpos labiais robustos, com o 1.º artigo alargado na base e estreitado para a frente, 2.º estreitado na base e alargados para a frente e bem mais fraco que o anterior, 3.º subcilíndrico, levemente dilatado no ápice e bem mais curto que o anterior; palpos maxilares com o 1.º artigo um pouco estreitado no centro e menor que o 2.º que é um pouco alongado para o ápice, 3.º menor e mais robusto que o 2.º, 4.º mais longo que os 2 anteriores juntos e um pouco afilado na ponta; antenas com o escapo grande maior que os 5 artigos seguintes juntos, 2.º muito mais largo que longo, 3.º e 4.º um pouco mais compridos que largos e subiguais, 5.º e 6.º muito curtos e campanuliformes, 7.º globoso, enorme e envolvendo os 8.º e 9.º que são recobertos de pubescência parda, o 7.º com numerosos pontos pilíferos.

PROTÓRAX com o pronoto coberto de pontos fortes e densos em sua parte anterior do disco que se tornam mais fracos e escassos na região central posterior, porém não faltam, mesmo entre as fôveas basais que são grandes, margens laterais com rugosidade densa, parte anterior do declive completamente lisa e brilhante, porção ântero-superior projetada em forte lamina emarginada na frente, sulco do disco manifesto somente na parte anterior, fôveas laterais grandes e rugosas, margem anterior largamente emarginada, ângulos anteriores e médios arredondados, o posterior precedido de uma forte emarginação; prosterno, com exceção de uma área central lisa, recoberto de densa pontuação com densas e longas cerdas escuras. Nos exemplares mal desenvolvidos a lamina ântero-superior é pequena e careniforme com os braços laterais voltados para a frente e o declive é pequeno e liso.

Mesotórax com o escutelo encoberto pelos élitros, fortemente pontuado no centro, margens posteriores mais opacas e a anterior completamente lisa e brilhante; mesosterno com pontuação fina e densa, recoberto de pubescência fina e curta; sutura meso-metasternal sinuosa no centro.

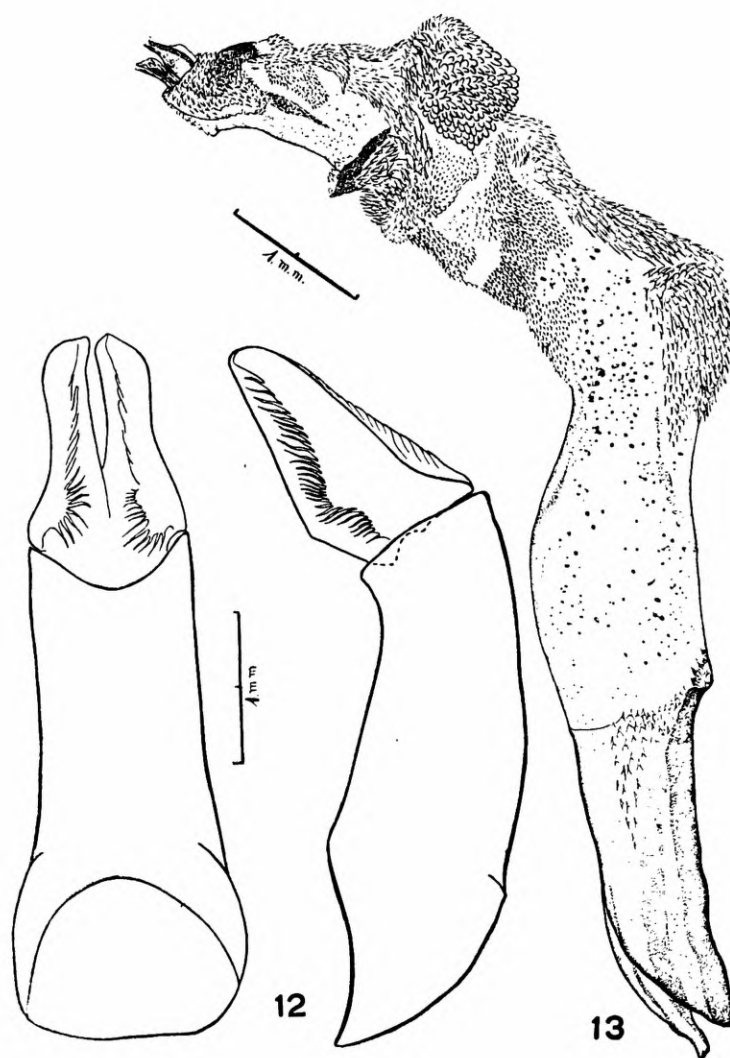


Fig. 12 *Phanaeus* (*Coproghanaeus*) *alvarengai* n. sp. Genitália de perfil e vista dorsal; Fig. 13 Desen-
vaginada.

METATÓRAX com o metasterno fortemente quilhado na parte anterior, disco completamente liso com o sulco medio fino, com pontos finos e pubescência extremamente longa até na parte posterior do centro; metaepisternos largos terminando em ápice arredondado ornado de longa pubescência como a dos lados do metasterno.

ABDÔMEN com os segmentos lisos no centro e revestido de pontos pilíferos nos lados, 1.º segmento visível no centro é muito lar-

go, 2.º e 3.º subiguais, o 4.º e 5.º mais estreitos que os anteriores e o 6.º muito estreito.

ÉLITROS com as estrias muito fracas, dotadas de pontos muito pequenos, 3.^a, 4.^a e 5.^a com fovéola na base e somente as 1.^a e 2.^a atingem o ápice, a 7.^a termina no callus umeral e a 8.^a atinge somente o meio dos élitros; interestrias opacas com pontos quase imperceptíveis, as laterais um pouco rugosas, a 1.^a, callus e ápices dos élitros com brilho apagado, a 1.^a muito estreita; epipleuras estreitas e com pontos finos e esparsos.

PERNAS anteriores com os trocanteres guarnecidos de pontos fracos, fêmures dotados nas faces anterior e posterior com longas e numerosas cerdas e nas faces superior e inferior com pontos, mas sem cerdas; tíbias com 4 fortes dentes laterais e com fileira de cerdas curtas na margem externa superior e o ápice com numerosas cerdas; cálcres robustos e insertos no canto apical interno, com a ponta virada para o lado interno e tarsos ausentes.

Pernas médias com as coxas fracamente pontuadas, os fêmures porém com fortes pontos e longas cerdas; tíbias muito finas e muito dilatadas para o ápice com longas cerdas e parte apical com 3 formações dentiformes no lado anterior; cálcres robustos; tarsos com os 4 primeiros artículos alargados para a parte apical e decrescentes, 5.º fino e tão longo como os 4 anteriores juntos, afilado na ponta e com pequeno entalhe antes da extremidade, sem garras; o pequeno entalhe pode ser o ponto de fusão das garras com os tarsos, visto que nesse estreitamento há cerdas mais longas e grossas que as demais.

Pernas posteriores com as coxas pontuadas e pubescentes na sua margem posterior; fêmures como os das patas médias; tíbias bem menos dilatadas para o ápice e mais suavemente dilatadas desde a base com enorme entalhe dentiforme no lado inferior da parte apical; cálcres longos, afilados e recurvos; artículos tarsais como os das tíbias médias porém o 5.º artículo mais robusto e terminado em ponta semelhante à das tíbias médias.

♀. Clípeo com uma carena fracamente arqueada, guarnecida de um insignificante nódulo central nos exemplares bem desenvolvidos, parte occipital pontuada com pontos pequenos e esparsos; pronoto com a lamina ântero superior bem menor e não projetada para a frente e com pequena fóvea na base. Nos exemplares pequenos e mal desenvolvidos há somente uma simples ruga e a fóvea reduz-se a um simples sulco. Logo adiante da lamela ou ruga vem a escavação anterior do pronoto, muito menor que a do ♂ e toda ela ocupada por numerosas rugas que limitam todo o declive; junto à margem anterior eleva-se uma carena alta e tridentada na sua parte superior, sendo o dente central um pouco mais alto que os

laterais, nos exemplares pequenos aparece somente uma pequena carena com o dente central, desaparecendo os laterais.

Esta espécie é próxima de *P. christoforowi* Ols. e *cyaneus* Ols., da primeira porém separa-se facilmente por ter a base do pronoto pontuada mesmo entre as fôveas basais e da segunda se distingue pela cor única dos élitros e por ter pontos rugosos na base do pronoto.

Phanaeus (Metallophanaeus) machadoi, sp. n.

Figs. 14, 15, 16 e 17

Procedencia: Minas Gerais, Açucena, II-952, ♂, Angelo Machado leg. Tipo.

Comprimento: 16 mm. Largura umeral 10 mm.

COR GERAL: Azul violeta; pronoto próximo às cicatrizes com reflexos cúpreos; parte anterior do clipeo, uma pequena porção marginal das genas, corno e úmeros pretos assim como as elevações do pronoto; parte inferior azul-escura; pubescência escura.

♂. CABEÇA com o clipeo fortemente pontuado, rugoso na frente e com pontos simples na parte posterior, dentes anteriores do clipeo fortes; genas quase lisas com pontos somente perto das margens; sutura genal manifesta com os ângulos posteriores quase completamente retos; corno longo terminando em ponta obtusa, coberto todo ele de pontos muito finos; parte superior dos olhos grande e arredondada; antenas com a escapo muito longo, 2.º artigo pequeno e globoso, 3.º alongado, 4.º menor que o anterior, 5.º e 6.º campanuliformes, 7.º em clava globosa envolvendo o 8.º e o 9.º que estão recobertos de fina pubescência parda. Peças bucais com o 1.º artigo dos palpos labiais triangular, muito largo na base e terminando em ponta, 2.º cilíndrico, mais fino e menor que o basal, 3.º muito fino e um pouco menor que o anterior; palpos maxilares com o 1.º artigo subigual ao 2.º, estreitado no meio, 2.º subcilíndrico e mais grosso, o 3.º um pouco mais longo e mais fino que o anterior, 4.º fino e maior que os dois anteriores juntos, um pouco mais estreito na base.

PROTÓRAX com o pronoto pontuado nas cicatrizes, nos ângulos anteriores e posteriores e nas margens laterais; toda a parte central do declive e as partes laterais do disco completamente lisas, e adiante das fôveas basais com pontos muito pequenos; disco do pronoto com uma lamina elevada de cada lado e convergente para o centro, limitando uma área guarnecida de rugas longitudinais; declive dividido no centro por uma carena longitudinal dotada de um denticulo um pouco antes do meio; adiante e aos lados de cada lamina há uma forte depressão; margens anterior e posterior emarginadas, excetuada a porção situada entre as fôveas ba-

sais; ângulos anteriores completamente arredondados e os posteriores retos, com profundo rebordo antes dos mesmos; fôveas laterais grandes e pontuadas somente na parte inferior; prosterno com pontos fortes e abundante pubescência, com área lisa somente no centro, perto das coxas.

MESOTÓRAX com o escutelo completamente oculto pelos élitros e pontuado na maior parte de sua superfície, somente com uma pequena faixa lisa na margem anterior; mesosterno finamente pontuado, com pelos diminutos em quase toda a sua extensão, com uma pequena faixa triangular e lisa na parte póstero-central; sutura meso-metasternal côncava no centro; mesoepisternos com pontos e pêlos mais fortes, e quilhado na margem externa.

METATÓRAX com o metasterno pontuado e pubescente na margem anterior e nas laterais com pontos mais finos e pubescência mais longa, tendo a parte central completamente lisa com sulco médio apenas indicado e terminado posteriormente em pequena fôvea; metaepisternos completamente recobertos de longas cerdas.

ABDÔMEN com os segmentos lisos no centro e fortemente pontuado e cerdosos nos lados; pigídio com pontos escassos em toda a sua extensão e marginado em todos os lados.

ÉLITROS com as estrias fracamente pontuadas, 3.^a, 4.^a e 5.^a com fôvea na base, as duas fôveas externas bem maiores que a primeira, a 7.^a estria termina no callus umeral e a 8.^a muito delgada termina no meio dos élitros e a maioria não alcança o ápice dos élitros; interestrias fracamente pontuadas, a 1.^a muito estreita e a 8.^a mais acidentada e rugosa que as demais; epipleuras pontuadas.

Pernas anteriores com as coxas quase completamente lisas e os fêmures com pontos pilíferos fortes na face inferior, na face anterior escavados e com fileira de longas cerdas na margem superior; tíbias com 4 dentes laterais; cálcres longos e recurvos para fora, estão implantados no ápice interno; sem tarsos.

Pernas médias com as coxas pontuadas na face externa e lisas na interna; trocanteres lisos; fêmures fortemente pontuados e pubescentes na parte apical da face inferior e com pêlos longos na face anterior, a posterior sulcada e lisa; tíbias finas na base e muito dilatadas no ápice com numerosas e longas cerdas, no ápice com duas formações dentiformes na face inferior; o calcar menor um pouco maior que o 1.º artigo tarsal e o outro bem maior que os 2 primeiros artigos juntos, os 4 primeiros artigos tarsais alargados para o ápice e decrescentes com numerosas cerdas, 5.º afilado para o ápice onde é estreitado.

Pernas posteriores com as coxas fortemente pontuadas e lisas no centro perto dos trocanteres; fêmures com pontos menores e cerdas mais escassas na parte apical da face inferior; face anterior e posterior com fileira de cerdas; tíbias muito menos dilatadas

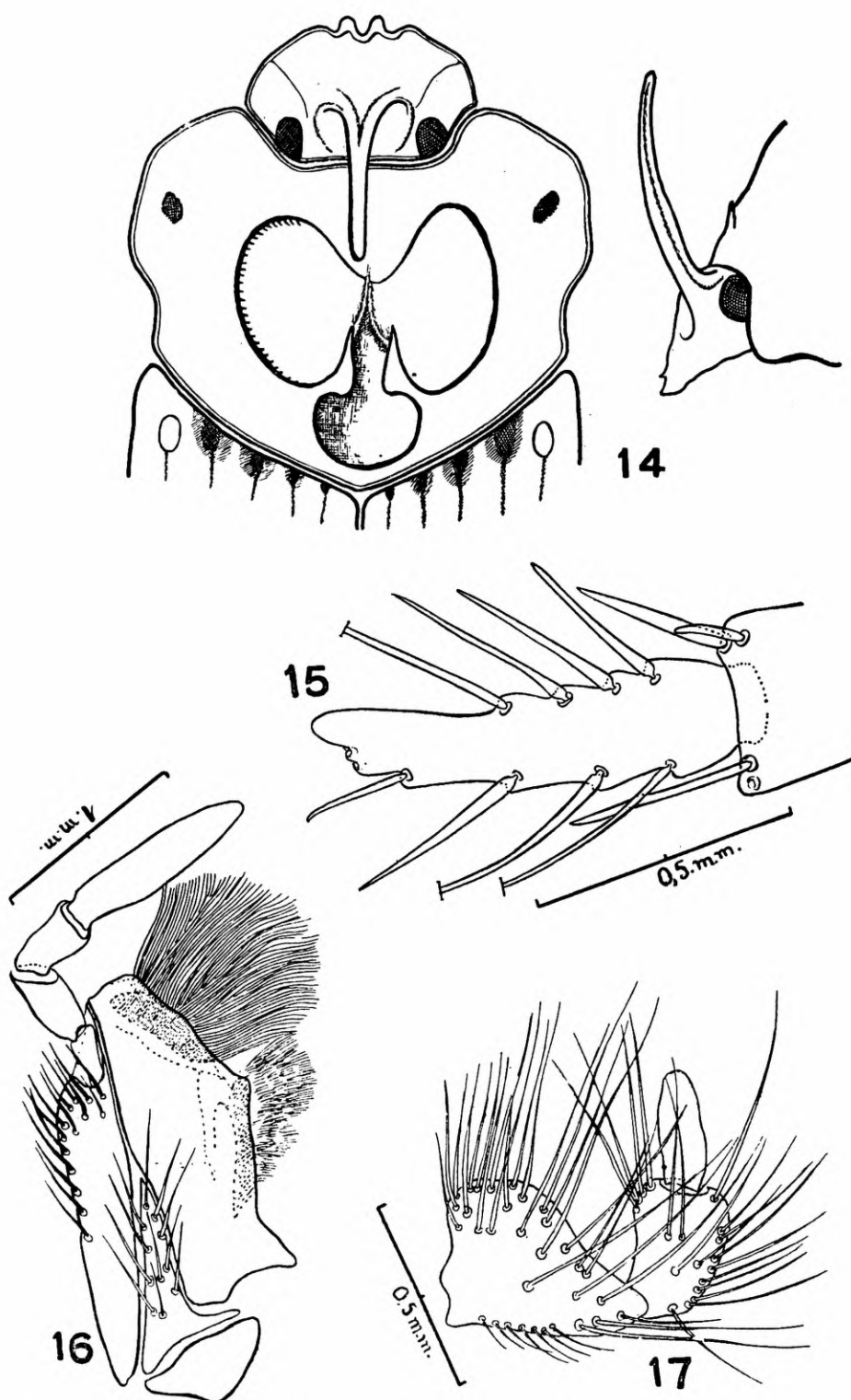


Fig. 14 - *Phanaeus* (*Metallophanaeus*) *machadoi* n. sp. Vista dorsal da cabeça e pronoto e de perfil; Fig. 15 Último artícuo tarsal da perna posterior; Fig. 16 - Palpo maxilar; Fig. 17 Palpos labiais.

para o ápice e com varias formações dentiformes; calcar com a ponta virada para fora e um pouco maior que o basitarso, os artí-culos tarsais como os das tíbias médias.

A presente espécie assemelha-se aos exemplares de *Ph. saphi-rinus* pela cor e pelas fôveas basais das estrias elitrais, porém do mesmo distingue-se pelas estrias dos élitros bem mais fortes e principalmente pelas interestrias pontuadas ao passo que na espe-cie de Sturm as interestrias são completamente lisas.

Dedicamos esta espécie ao prezado amigo Angelo B. M. Ma-chado que capturou o exemplar de Açucena.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DO SUBG. *METALLOPHANAEUS*

- 1 Cor azul violeta ou cúprea; élitros com 3 a 4 fôveas profundas na base das estrias 2-4 2
Cor verde ou dourada; estrias eli-trais sem fôveas basais ou apenas indicadas 4
- 2 - Élitros com estrias manifestas e as interestrias pontuadas; declive do pronoto nos ♂ com forte carena longitudinal e denteada antes do meio.
Minas Gerais 1) *Ph. machadoi* sp. n. ♂
Élitros com as estrias apenas marca-das por um traço azul; interestrias completamente lisas 3
- 3 Toda a superfície de uma bela cor violeta, 15-23 mm. Argentina e Brasil 2) *Ph. saphirinus* (Sturm)
Toda a superfície de cor cúprea .. 2) *Ph. s. chabrilacei* Thoms.
Thoms.
- 4 Interestrias elitrais lisas e opacas, de-primidas na base com a sutural abau-lada e brilhante. Argentina, São Paulo 3) *Ph. horus* Waterh.
Interestrias muito acidentadas e mais ou menos brilhantes, não deprimidas na base e a sutura é plana, 15-19 mm. Paraguay, São Paulo 4) *Ph. pessoai* F. Pereira

Phanaeus rhadamanthus Har. 1875

Figs. 18 e 19

P. rhadamanthus Harold 1875, Col. Heft. 13: 66; Nevins 1892, Rev. List p. 6; Gillet 1911, Junk's Col. Cat. Pars 38: 86; Olsoufieff 1924, Insecta

13: 36, 89, 148, pl. 6, fig. 2; Pessoa 1935, An. Fac. Med. S. Paulo 10: 33; Blackwelder 1944, U. S. Nat. Mus. Bull. 185: 210.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Argentina? Buenos Aires 1915 1 ♂; Brasil: Rio de Janeiro: Itatiaia 30.xi.936 2 ♀ Zikan leg. Sem outra indicação 4 ♀, 4 ♀ (British Mus.); Minas Gerais: Virginia i.916 1 ♀, Zikan leg.; Passa Quatro iii.916 1 ♂ Zikan leg.

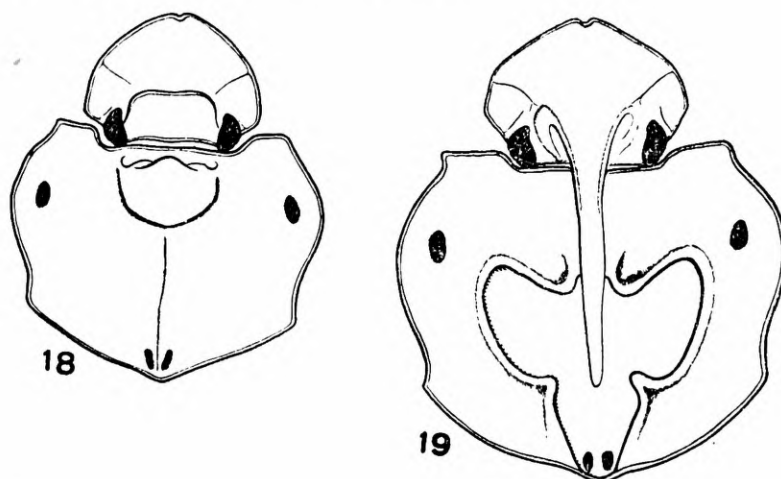


Fig. 18 *Phanaeus* (*s. str.*) *rhadamanthus* Har. ♀ vista da cabeça e do pronoto; Fig. 19 ♂ vista dorsal da cabeça e do pronoto.

Desta espécie bastante rara nas coleções conseguimos examinar somente os exemplares mencionados acima das coleções do Departamento de Zoologia, Instituto Osvaldo Cruz e do British Museum. Temos dúvidas sobre a procedência do exemplar deste Departamento com a indicação Buenos Aires pois parece ser espécie peculiar a grandes altitudes.

***Copris incertus* Say 1835**

Figs. 20 e 21

Copris incertus Say, 1835, Boston Journ. Nat. Hist. 1: 175; 1859 Complete Writings Ed. Leconte 2: 649; Harold, 1869, Ann. Soc. Ent. Fr. (4)9: 494; Bates, 1887, Biol. Centr.-Amer. (2)2:55, pl. 3, fig. 15; Heyne-Taschenberg, 1908, Exot. Kaefer p. 64; Gillet, 1911, Junk's Col. Catal. Pars 38: 74; Leng, 1920, Cat. N. Amer. Col. p. 248.

C. i. prociduus Say, 1835 l.c. p. 176; 1859, l.c. p. 650; Harold, 1869, l.c. p. 495; 1880, Stett. Ent. Zeit. 41: 27; Bates 1887, l.c. p. 54; Blanchard, 1885, Trans. Amer. Ent. Soc. 12: 171; Schaeffer, 1906, Trans. Amer. Ent. Soc. 32: 255; Leng, 1920, l.c. p. 248.

C. lugubris Boheman, 1858, Eugenes Resa Col. p. 42 (*n. syn.*); Waterhouse, 1877, Proc. Zool. Soc. Lond. 5: 82; Linell, 1898, Proc. U. S. Nat. Mus. 21: 258; Felsche 1901, Deut. Ent. Zeitschr. p. 145; Gillet, 1911, Junk's

Col. Catal. Pars 38:75; Mutchler, 1925, Zoologica 5:237; Dyke 1953, Ocas. Pap. Cal. Ac. Sci. 22:122.

Van Dyke na obra citada já manifestou claramente sérias dúvidas sobre a veracidade da procedência da espécie de Boheman, em vista de não haver mais sido encontrado nenhum *Coprinae* em Galapagos, apesar das várias excursões realizadas nessa região. Ao recebermos ultimamente o tipo da mencionada espécie gentilmente cedido para estudo pelo Dr. R. Malaise de Stockholm, pudemos constatar que realmente se trata de um exemplar ♂ pouco desenvolvido de *Copris incertus* Say, espécie de ampla distribuição em América Central e norte da América do Sul. Não consta até o presente que a mesma se haja aclimatado em Galapagos, como o foi ultimamente em Hawaii, para combater as larvas de *Haematobia*.

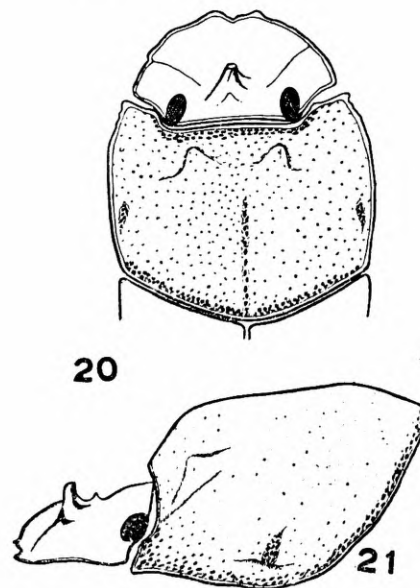


Fig. 20 *Copris lugubris* Boh. tipo. Cabeça e pronoto, vista dorsal. Fig. 21 De perfil.

Damos nas figs. 20 e 21 uma vista dorsal e de perfil da cabeça e pronoto, mostrando os diferentes tipos de pontuação, ambos os desenhos baseados no exemplar de *C. lugubris* Boh.

Até o presente examinamos material das seguintes procedências: *Mexico*: Vulcan Colima (1 ♂) Hoffmann coll.; Escuinapa, Sinaloa (3 ♂, 3 ♀) H. Betty coll.; Cordova iv.919.

Costa Rica: Esparta ix.931 (1 ♂, 5 ♀) Alfaro coll.; Desamparados iv.931, Alfaro coll..

Guatemala: Coyotenango viii.902 (5 ♂, 6 ♀) Riedel coll..

Equador: Pucay vi.xi.905 (10 exs.) Ohaus coll.; Balzapamba (5 exs.) Baron coll.; Ana Maria (1 ex.); Sigiro (1 ex.); Arenal (1 ex.); Capilla Zaruma x.905 (1 ex.) Ohaus coll.

Colombia: Anolaima iv.916 (1 ♂), A. Maria coll.; Sasaima x.934 (♂), A. Maria coll.; Medina iv.914 (1 ♀), A. Maria coll.; Fusagasuga xi.917 (1 ♀), A. Maria coll.; La Meza e Villavicencio (3 ♀) A. Maria coll..

Galapagos: ? Kin. (o tipo de Boheman do Naturhistoriska Riksmuseum de Stockholm).

Hawaii: Pupukca, Oahu viii.940 (2 ♀) R. H. Mar Lowe coll.; Koloa, Kauai i.939 (1 ♀) H. Moir coll.; Makauro ii.935 (1 ♀) O. H. Svezey coll.

***Metacatharsius troglodytes* (Boh. 1857) n. comb.**

Fig. 22

Catharsius troglodytes Boheman 1857, Ins. Caffr. 2:225; 1860, Ovf. Vet. Ak. Forh. 17:110; Harold 1878, Mitth. Muench. Ent. Ver. 2:41; Kolbe 1897, Col. Deutsch Ost Afrikas p. 143; 1908, Denks. Med. Nat. Ges Jena 13:129; Peringuey 1901, Trans. S. Afr. Philos. Soc. 12:336,340; Gillet 1911, Junk's Col. Cat. Pars 38:68; Paulian 1937, Mem. Mus. Zool. Coimbra n.º 105:27.

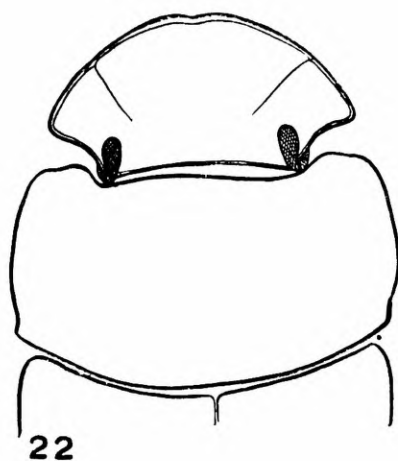


Fig. 22 - *Metacatharsius troglodytes* (Boh.)
tipo. Vista dorsal da cabeça e do pronoto.

C. anderseni Waterhouse 1821, Ann. Mag. Nat. Hist. (6) 7:510 (n. Syn.); Kolbe 1897, l.c. p. 143; Peringuey 1901, l.c. pp. 326,339; Gillet 1911, l.c. p. 67.

C. simulator Balthasar 1939, Redia 25:5 (n. Syn.).

Metacatharsius simulator, Mueller 1947, Atti Mus. Civ. Stor. Nat. Trieste 16:89 (nota).

M. anderseni Waterh. Paulian 1939, Rev. Fr. Ent. 6:15.

Também o exame do tipo desta espécie nos mostrou tratar-se de um *Metacatharsius* Paulian 1939 e idêntico à espécie de Waterhouse e presumivelmente também coespecífico com *M. simulator* Balth.

Examinamos material das seguintes procedências determinado anteriormente como *M. anderseni* Waterh. e *M. simulator* Balth.

Cafraria: J. Wahlb. (tipo de Boheman do Naturhistoriska Riksmuseum de Stockholm).

Transvaal: Zeerust xi.948 (3 exs. 1 comparado com o tipo de *M. anderseni* do British Museum) A. L. Capener coll.

Cape Colony: W. Tulbagh, Schweizer Reneke ii.953 (8 exs.) A. Reckas coll.

A B S T R A C T

In this paper two new species of *Phanaeus* are described: *P. alvarengai* from northern Brasil, and *P. machadoi* from northern Minas Gerais. A new and very extraordinary species of *Dichotomius* from the State of Mato Grosso is also described.

The description of the Allotype of *Ontherus elegans* Luederwaldt 1930, and figures of *Phanaeus rhadamanthus* Har. 1875, a rare and high altitude species, are included.

Based on the examination of Bohman's types, *Copris lugubris* Boh. 1858, is included as a synonymy of *C. incertus* Say, 1835. It seems that *C. lugubris* is a native of Central America and not from Galapagos Is. as quoted in the original description. *Catharsius troglodytes* Boh. 1857 should be included in the genus *Metacatharsius* Paul. 1939, with *M. anderseni* Waterh. 1891, and *M. simulator* Balth. 1939, as specific synonyms.

The present work was carried out under the auspices of the CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

NOTAS SINONÍMICAS

I I

POR

FREDERICO LANE

COL. PRIONIDAE

Em trabalho que publiquei em 1942 sobre o gênero *Poekilosoma* Serville, 1832, interpretei as recomendações do Art. 36 das Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica como permitindo a manutenção do gênero, em virtude de pequena variação ortográfica, no caso a letra *k*. Com interpretação contrária, *Poecilosoma* Huebner, 1819 (gênero de Lepidoptera), invalidaria o gênero de Serville. O nome próximo aproveitável seria *Ceroctenus*, erigido pelo mesmo autor, no mesmo ano e na mesma obra, páginas adiante, para o ♂ de *Poekilosoma ornatum*, sob outra denominação específica.

Agora, como já se encontra regulamentado o assunto, em virtude da Opinião 147 da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica ⁽¹⁾, torna-se necessária a revalidação de *Ceroctenus* Serville, 1832. Teremos, assim, a seguinte sinonímia genérica:

Ceroctenus Serville, 1832 (revalidado)

Ceroctenus Serville, 1832, Ann. Soc. Ent. France, 1:196-197; Dejean, 1835, Cat. Col., 2.^a ed. : 319; Dejean, 1837, Cat. Col., 3.^a ed. : 344; White, 1853, Cat. Col. Ins. Brit. Mus., 7:57-58; J. Thomson, 1860, Classif. Céramb. : 287 (chave), 304; J. Thomson, 1864, Syst. Céramb. : 275, 466 (chave); Lacordaire, 1869, Gen. Col., 8:186-187; Gemminger et Harold, 1872, Cat. Col., 9:2784.

(1) Opinions and Declarations rendered by the International Commission on Zoological Nomenclature, 1943, 2 (14) : 123-132 (Opinion 147). Edited by Francis Hemming. London.

Poekilosoma Serville, 1832, Ann. Soc. Ent. France, 1:184; Buquet in Guérin, 1844, Icon. Règne Anim., Ins. : 213 e 215; F. Lane, 1942, Arq. Inst. Pesq. Agronômicas de Pernambuco, 3:149-152.

Poecilosoma Dejean, 1835, Cat. Col., 2.ª ed. : 319; Dejean, 1837, Cat. Col., 3.ª ed. : 344; Newman, 1838, Ent. Mag., 5:492-493; Castelnau, 1840, Hist. Nat. Inst. Col., 2:411; Blanchard, 1843, Voy. D'Orb., Ins. : 207; Blanchard, 1845, Hist. Ins., 2:143; White, 1853, Cat. Col. Ins. Brit. Mus., 7:57; J. Thomson, 1857, Arch. Entomol., 1:10; J. Thomson, 1860, Classif. Céramb. : 286-287 (chave), 303; J. Thomson, 1864, Syst. Céramb. : 276, 467 (chave); Lacordaire, 1869, Gen. Col., 8:186-188; Gemminger et Harold, 1872, Cat. Col., 9:2785; Lameere, 1909, Mém. Soc. Ent. Belg., 17:28-31; Lameere, 1913, Col. Cat. Junk et Schenkling, 22 (pars 52) : 52; J. Melzer, 1919, Rev. Mus. Paulista, 11:100-104; Lameere, 1919, Gen. Ins., fasc. 172: 95 (chave), 99-100; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., Bull. U. S. Nat. Mus. 185 (4) : 554.

GENOTIPO: *Ceroctenus abdominalis* Serville, 1832 (♂) = *Poekilosoma ornatum* (Dalm., 1823) (♀).

COL. LAMIIDAE

Clytemnestra Thomson, 1860

Dillon et Dillon, 1945, consideraram as duas únicas espécies dêste gênero como sinônimas e apenas merecendo categoria sub-específica. De passagem, menciono aqui o fato de que Hermann Luederwaldt já havia atinado com a extrema semelhança das duas formas, relegando-as à categoria de subespécies na rotulagem dos exemplares nas coleções entomológicas do Museu Paulista, hoje patrimonio do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Acontece que, na série examinada por Luederwaldt, segundo me parece, todos os exemplares pertencem a *Clytemnestra adspersa*. Voltarei mais adiante a êste assunto.

Tanto na sinonímia específica de Luederwaldt, inédita e sem valor bibliográfico, como na de Dillon et Dillon, a espécie mais recente, *Clytemnestra adspersa* (Cast., 1840), é tomada como a espécie típica, passando a mais remota, *Clytemnestra albisparsa* (Germar, 1824), a figurar como simples subespécie daquela.

Dillon et Dillon designam o tipo de *Clytemnestra* como sendo "*Clytemnestra adspersa* Thomson (= *Trachysomus adspersus* Castelnau"). Em seguida, separam as subespécies da seguinte forma:

Clytemnestra adspersa adspersa Castelnau e
Clytemnestra adspersa albisparsa Germar.

Ora, quer me parecer que antes de nomear as subespécies, fica implícito o estabelecimento da sinonímia. Assim, prevalece *Cly-*

temnestra albisparsa (Germar, 1824), da qual *Clytemnestra adspersa* (Castelnau, 1840) é forçosamente sinônimo no plano específico. As subespécies seriam então:

Clytemnestra albisparsa albisparsa (Germar, 1824) e

Clytemnestra albisparsa adspersa (Castelnau, 1840).

Teremos, assim, a seguinte e curiosa sinonímia:

Clytemnestra albisparsa albisparsa (Germar, 1824)

Sinônimo: *Clytemnestra adspersa albisparsa*, Dillon et Dillon, 1945 (p. 87).

Clytemnestra albisparsa adspersa (Castelnau, 1840)

Sinônimo: *Clytemnestra adspersa adspersa*, Dillon et Dillon, 1945 (pp. 85-87).

Convem notar, no entanto, que o gênero *Clytemnestra* foi invalidado pelo próprio Thomson. Quando êsse autor descreveu o gênero, em 1860, incluiu nêle três espécies separadas em dois grupos com caracteres diferenciais, *A* e *B*. No primeiro grupo figura apenas a *Clytemnestra tumulosa* Thomson; no segundo, as espécies *C. adspersa* Thomson e *C. bonariensis* Thomson. Todas as três espécies tem início com a mesma data de 1860.

Em 1864, verificando que *C. tumulosa* outra coisa não era senão o *Hypselomus cristatus* Perty, 1830; e considerando *tumulosa* o tipo do seu gênero *Clytemnestra*, invalidou êste como sinônimo de *Hypselomus* (por homotipia). Embora não tenha Thomson especificamente apontado *tumulosa* como tipo em 1860, afirma em 1864 (p. 8) ter seguido, na obra anterior, o critério de considerar a primeira espécie como constituindo o tipo de um gênero: "Afin d'éviter la confusion dans la nomenclature, je me suis astreint dans cet ouvrage, ainsi que je l'ai fait généralement dans mon *Essai*, à considérer comme devant constituer le type d'un genre la première espèce qui en a été publiée, ou bien à défaut, la première espèce publiée qui en a été citée". E mais adiante: "Lorsqu'un genre renferme un ou plusieurs sous-genres ou divisions, j'ai considéré la première espèce de la division typique, comme devant constituer le type de ce genre". O processo de sinonimização de Thomson em 1864 (p. 101) equivale à uma legítima seleção de tipo e, como tal, quer me parecer, deve ser considerado. Não posso interpretar de outra maneira o trecho em questão:

"349. *Hypselomus* Perty.

Del. Anim. Art. p. 95.

Syn: *Clytemnestra* Thomson Ess. Class. Céramb. p. 113.

Type: *H. Cristatus* Perty l. c. p. 96, pl. 19, fig. 8. Brésil.

Syn: *Clytemnestra tumulosa* Thomson l. c."

Ficam, assim, sem denominação genérica as duas espécies da divisão *B* de Thomson. E de fato, Lacordaire, 1872, p. 669, nota 1, aceita *Clytemnestra* como sinônimo de *Hypselomus* Perty, 1830, e remove as espécies do grupo *B* de Thomson para o gênero *Hypsioma* (notas 1 e 2 da p. 676). Gemminger et Harold, 1873, p. 3120, procedem de igual maneira, catalogando *Clytemnestra* como sinônimo de *Hypselomus* e *C. tumulosa* Thomson como sinônimo de *H. cristatus* Perty. Quanto às espécies do grupo *B* de Thomson, aparecem no Catalogus Coleopterorum desses autores incluídas no gênero *Hypsioma* (pp. 3122-3123):

“*adspersa* Casteln. Hist. nat. II. 1840. p. 482, — Dej.
Cat. 3 ed. p. 370. — Thoms. Class. Longic. 1860
p. 114. — Lacord. Gen. Col. IX. 2 p. 676.
not. 2.

Brasília.

.....
albisparsa Germ. Ins. Spec. nov. 1824. p. 477.

Montevideo.

bonariensis Thoms. Class. Longic. p. 115. — Dej.
Cat. 3. ed. p. 370.

Buenos Aires.

.....
bonaëriensis Burm. Stett. Zeit. 1865. p. 179.

Buenos Aires.

.....
E ainda em 1884, Lameere, numa lista de longicórnios do Brasil e de La Plata, aponta *Hypsioma albisparsa* Germ., de Buenos Aires, e *H. adspersa* Casteln., do Rio Grande do Sul e de Teresópolis. Coloca também o *H. bonaëriensis* Burm. na sinonímia de *albisparsa*.

Muitos anos depois, em 1923, é que Aurivillius, no Coleopterorum Catalogus de Junk et Schenkling, destaca do gênero *Hypsioma* as duas espécies do grupo *B* de Thomson (sinônimos de *adspersa* Cast. e *albisparsa* Germ.). Mas, em vez de dar-lhes uma nova denominação genérica, restaura o gênero invalidado de Thomson. Certamente na fé deste autor, tanto Dillon et Dillon como Blackwelder, em 1945 e 1946, utilizaram o nome *Clytemnestra*.

Para estas duas e únicas espécies erroneamente incluídas em *Clytemnestra*, gênero inválido, proponho:

Dillonia, gen. nov.

Onciderinae de forma robusta; com a fronte um pouco mais longa que larga, mais alargada na parte basal; lobo inferior dos olhos alcançando cerca da metade da distância entre a base dos tubérculos das antenas e a margem distal dos processos jugulares; êstes obtusos; tubérculos das antenas salientes, contíguos na base, abertos em V, isto é, em ângulo agudo, armados no ápice. Antenas um pouco mais longas que o corpo na ♀, $1\frac{1}{3}$ a $1\frac{1}{2}$ vezes o comprimento do corpo no ♂; o escapo engrossado gradualmente da base ao ápice, alcançando cerca do meio do pronoto; o 3.º artículo reto, subigual em comprimento ao escapo no ♂; $\frac{1}{6}$ menor na ♀; os artículos seguintes decrescentes, 7-10 subiguais; o 11.º subigual ao 10.º na ♀, maior no ♂. Protorax transverso; estreitado anteriormente; de cada lado, mais próximo à base, com um tubérculo obtuso; o disco do pronoto com tubérculos rasos. Escutelo oblíquo, largo na base, estreitado para o ápice, êste mais ou menos arredondado. Élitros cerca de $3\frac{1}{2}$ a $4\frac{1}{2}$ vezes o comprimento do pronoto; fortemente convexos; largos na base, os úmeros salientes; para trás gradualmente estreitados, os ápices arredondados; no disco com elevações irregulares e rasas, com a forma de gibas indefinidas e mais ou menos contíguas, na parte basal; a base pontuado-escabrosa, de resto apenas pontuados. Metasterno fortemente abaulado, transverso. Pernas robustas, subiguais; as coxas anteriores e médias globulosas, exsertas; as anteriores nos ♂♂ com um pequeno processo dentiforme no lado interno do ápice; tibias posteriores fortemente engrossadas nos ♂♂, nas ♀♀ simples.

TIPO DO GÊNERO: *Clytemnestra adspersa* Thomson, 1860 (*Trachysomus adspersus* Castelnau, 1840).

Dillon et Dillon, como já vimos, reuniram as duas espécies de *Clytemnestra*, atribuindo-lhes apenas valor subespecífico. Na realidade, as subespécies de Dillon et Dillon são apenas conjecturais. O material escasso examinado por êsses autores e a distribuição geográfica não justificam plenamente essa categoria subespecífica. Fôra melhor conservar a independência específica das duas formas até que estudos mais exaustivos permitissem conclusões fundamentadas.

De *Clytemnestra adspersa* examinaram aqueles autores 9 ♂♂ e 6 ♀♀ sem indicação de localidade, e mais 2 ♀♀ de Mafra (Estado de Sta. Catarina) e um ♂ de Nova Teutonia (Estado de Sta. Catarina). Baseados, portanto, em apenas três exemplares de localidade conhecida, julgam-se os autores aptos a julgar uma questão de subespecificidade e distribuição geográfica, que é dada como "Southeastern Brazil".

Pois bem, de *Clytemnestra albisparsa* examinaram 3 ♂♂ e 4 ♀♀ de Mafra e 1 ♂ e 4 ♀♀ do Estado do Rio Grande do Sul. De Montevideo, localidade típica, 3 ♂♂ e 2 ♀♀; do Paraguai, 1 ♀ sem local certo, 1 ♂ de Horqueta e 1 ♀ de Aregua; da Argentina, 1 ♀ de La Plata. A distribuição geográfica é dada como "Extreme southern Brazil, Paraguay, Uruguay, and into Argentina".

Nestas condições, a zona de intergradação seria no Estado de Santa Catarina, pois em Mafra encontram-se as duas formas. Dillon et Dillon dando a distribuição brasileira de *albisparsa* como "Extreme southern Brazil" focalizam apenas os exemplares do Rio Grande do Sul, de vez que os de Mafra incidem na distribuição de *adspersa* (Mafra e Nova Teutonia) dada como "Southeastern Brazil".

Quer me parecer que êsses dados são por demais frageis para julgar a subespecificidade das formas em questão. Releva ainda notar que a subespécie é na escala zoológica uma entidade difícil de categorizar quando não se leva em conta os modernos conceitos da Entomologia. Tratando-se de uma questão de diversidade populacional, as pequenas séries não se prestam para definir a subespécie geográfica. Assim, longe de ser conclusivo o ponto de vista de Dillon et Dillon, o material examinado permite quatro soluções:

1. As duas formas são espécies distintas, embora muito afins, e com caracteres comuns, ora mais, ora menos recorrentes, mas com caracteres diferenciais suficientes para a sua caracterização. E, na realidade, Dillon et Dillon não encontraram dificuldade em separá-las, até mesmo quando provenientes da mesma localidade. Diagnosticam pormenorizadamente *adspersa* e fornecem bôa diagnose diferencial para *albisparsa*.

2. Trata-se de uma única espécie sujeita à variabilidade bastante acentuada, mas sem caráter subespecífico.

3. Trata-se de um cline em que a variabilidade progressiva acentua-se a ponto de produzir nos extremos formas que assumem o aspecto de espécies distintas.

4. Trata-se realmente de duas subespécies com uma zona de intergradação.

As duas últimas hipóteses esbarram em referências bibliográficas que indicam a existência de *adspersa* muito mais ao sul de uma suposta zona de intergradação, ou da possibilidade de se considerar uma variabilidade progressiva, ou cline. De fato, Lameere, 1884, reporta um exemplar de *C. adspersa* do Rio Grande do Sul e Juan M. Bosq constata essa forma na República Argentina.

Quanto à segunda hipótese, posso afirmar que a variabilidade em exemplares que eu considero como sendo de *adspersa* levou Gounelle, e mais tarde Melzer e Luederwaldt, a identificar as formas um tanto mais claras e com as manchas brancas mais esparsas como *albisparsa*. Mas essa variação em *adspersa* não atinge, segundo penso, *albisparsa* que, a julgar pelos poucos exemplares que me foi possível examinar, possui caracteres próprios.

Resta a primeira hipótese, a mais acertada até que evidência em contrário indique situação diversa. As séries do Departamento de Zoologia não permitem solucionar o problema, visto que *adspersa* encontra-se bem representada (70 exemplares), ao passo que a série de *albisparsa* conta com apenas três espécimens.

***Dillonia adspersa* (Castelnau, 1940), n. comb.**

(Fig. 1)

Trachysomus adspersus Cast., 1840, Hist. Nat. Col., 2:482.

Clytemnestra adspersa Thomson, 1860, Classif. Céramb. : 114-115.

Clytemnestra adspersa (Cast.) — Aurivillius, 1923, Col. Cat. Junk et Schenkling, 23 (pars 74) : 341; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull., 185 (4) : 603.

Hypsioma adspersa (Cast.) — Lacordaire, 1872, Gen. Col., 9 (2) : 676, nota 1; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10:3122; Lameere, 1884, Ann. Soc. Ent. Belg., 28:93.

Clytemnestra adspersa adspersa Castelnau — Dillon et Dillon, 1945, Reading Publ. Mus. & Art. gallery, Scient. Publ. n. 5:85-87; 1946, l. c., Scient. Publ. n. 6: pl. 1, fig. 7; Bosq, 1954, Cerambycidae comprobados en la República Argentina y anotados por, in Juan Foerster, Entomologia (Catalogo y Periodica).

Tegumento castanho-avermelhado quase negro, em parte mais claro, isto é, caracteristicamente castanho-avermelhado, em especial nos rebordos externos dos élitros, terço basal dos fêmures médios e posteriores e base das tibias posteriores.

Revestimento piloso de um pardo-chocolate, geralmente escuro, mas não raro de tonalidade mais clara; pronoto e lados do protorax salpicados de branco, as manchinhas muito irregulares e situadas mais para o lado posterior; escutelo pardo uniforme; élitros densamente pintalgados de branco, as manchas muito irregulares, quer em tamanho, quer em contorno; a fronte com uma faixa esbranquiçada de cada lado; uma faixa lateral esbranquiçada que abrange a parte inferior das genas, a parte latero-inferior do protorax, mesotorax, bordo superior do metasterno, meta-episternos e coxas posteriores, com alguns pontos escuros, desnudos, no protorax, mesotorax, bordo superior do metasterno, meta-episternos e coxas posteriores, com alguns pontos escuros, desnudos, no protorax, metasterno e meta-episternos; os meta-episternos com algum

pardo na parte central; parte central e infero-lateral do metasterno e todo o abdomen cobertos de pilosidade branca com pontos circulares escuros, desnudos, bastante adensados; pernas variegadas de branco; antenas quase negras, com os artículos 4, 6 e 8 com largos aneis basais brancos, 5, 7 e 10 com aneis estreitos, 3, 9 e 11 com algum branco na base, o 3.º artículo às vezes mais largamente manchado de branco no lado inferior.

Tubérculos das antenas nos ♂♂, salientes, erectos, bem aproximados entre si, formando um V agudo, as extremidades por vezes um tanto convergentes; nas ♀♀ um pouco mais abertos e menos salientes.

Comprimento: 9.5-16 mm. (♂♂) e 13-16 mm. (♀♀); largura úmeral, 4-7.5 mm. (♂♂) e 5.5-7.5 mm. (♀♀). Os ♂♂ são em geral menores que as ♀♀, sendo a média de cêrca de 13.4 mm. de comprimento por 5.5 de largura úmeral; nos ♀♀ essa média encontra-se ao redor de 14.75 mm. e 6.5 mm. respectivamente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: O mapa (fig. 2) mostra a distribuição nos Estados brasileiros do Rio de Janeiro (Serra do Mar e Serra da Mantiqueira), Minas Gerais (Serra da Mantiqueira), Estado de São Paulo (Serra do Mar, Serra da Mantiqueira, e da Capital do Estado até Olimpia, seguindo um rumo NO 325), Paraná (Curitiba e Ponta Grossa) e Santa Catarina (Rio das Antas, Joinville e Nova Teutonia). O mapa da fig. 2 representa aproximadamente a área de dispersão indicada pela série de exemplares do Departamento de Zoologia, excluído um exemplar do Rio Grande do Sul (Marcelino Ramos), cujo estado de conservação não permite identificação segura, e alguns poucos de procedência incerta. Para facilitar a compreensão do mapa, damos abaixo, por Estado, a lista dos exemplares que serviram para a sua confecção.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO: Serra do Macahé, 1909, E. Garbe col., 2 ♂♂ e 1 ♀; Corcovado, 1922, M. V. de Azevedo col., 1 ♀; Itatiaia, 700 m., 10.XI.1925, J. F. Zikán col., 1 ♀.

ESTADO DE MINAS GERAIS: Passa Quatro, 915 m., 4.XII.1922, J. F. Zikán col., 1 ♀; Virginia, Fazenda Campos, 23.II.1916, J. F. Zikán col., 1 ♂.

ESTADO DE SÃO PAULO: Serra da Bocaina, IV.1924, Luederwaldt et Spitz col., 1 ♀; Piquete, 1897, Zeck col., 1 ♀; Campos do Jordão, XII.1906, Luederwaldt col., 1 ♀; Campos do Jordão, 20.I.1936, F. Lane col., 2 ♂♂; Serra Negra, 1908, N. Toledo Mello col., 1 ♀; Monte Alegre, 1.100 m., 24-30.XI.1942, F. Lane col., 1 ♀; Amparo, Schiller Torres col., 1 ♂ e 1 ♀; Rio Claro, 1933, Claret. col., 1 ♂; Agudos, 1909, H. Redo col., 1 ♂ e 1 ♀; Olimpia, XI.1916, E. Garbe col., 1 ♂; Barueri, IX-XII.1954, K. Lenko col., 6 ♂♂ e 1 ♀; Cantareira, IX.1935, C. Worontzow col.,

1 ♂; S. Paulo (Capital), diversas datas e coletores, 2 ♂♂ e 1 ♀; São Paulo (Capital, Ipiranga), diversas datas, H. Luederwaldt col., 5 ♂♂ e 2 ♀♀; idem, 11.XII.1907, Salv. M. Torres col., 1 ♂; idem, 24.I.1938, F. Lange de Morretes col., 1 ♀.

ESTADO DO PARANÁ: Curitiba, X, XI, XII e I-II (1934-1938), Col. Clarentino col., 3 ♂♂ e 6 ♀♀; Ponta Grossa, XII.1938 e I.1939, C. A. de Camargo Andrade col., 8 ♂♂ e 4 ♀♀; Curitiba, X.1937, C. Westermann col., 1 ♀.

ESTADO DE SANTA CATARINA: Rio das Antas, I.1955, 1 ♀; Joinville, Schmalz col., 1 ♂ e 1 ♀; Nova Teutonia, 4.I.1937, F. Plauermann col., 1 ♀.

Uma análise dos meses em que foram feitas as capturas, indica ser a espécie encontrada de setembro até maio, sendo que os meses em que é mais frequente parecem ser os de novembro e dezembro.

O entomologista Karol Lenko colecionou os exemplares de Barueri sobre a planta vulgarmente conhecida como Herva-lança (*Solidago microglossa* De Candolle).

***Dillonia albisparsa* (Germar, 1824) n. comb.**

(Fig. 3)

Lamia albisparsa Germar, 1824, Ins. Spec. Nov. : 477-478.

Hypsioma albisparsa (Germar) — Lacordaire, 1872, Gen. Col., 9 (2) : 676, nota 2; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10: 3122; Lemeere, 1884, Ann. Soc. Ent. Belg., 28:93; Bruch, 1912, Rev. Mus. La Plata, 19 (2) : 210-211.

Clytemnestra albisparsa (Germar) — Aurivillius, 1923, in Col. Cat. Junk et Schenkling, 23 (pars 74) : 341; Bosq, 1943, Ingeniería Agronómica, 4 (18-22) : 24; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull., 185 (4) : 603; Prosen, 1947, Rev. Soc. Entomol. Arg., 13:331; Bosq, 1949, Rev. Soc. Entomol. Arg., 14:199. *

Clytemnestra adspersa albisparsa (Germar) — Dillon et Dillon, 1945, Reading Publ. Mus. & Art Gallery, Scienn. Publ. n. 5:87; Dillon et Dillon, 1946, l. c., Scient. Publ. n. 6 : pl. 1, fig. 8; Bosq, 1951, Com. Zool. Mus. Hist. Nat. Montevideo, 3 (n.º 62) : 23.

Clytemnestra bonariensis Thomson, 1860, Classif. Céramb. : 115.

Hypsioma bonaëriensis Burmeister, 1865, Stett. Ent. Zeit., 24:179.

Em relação a *adspersa*, Dillon et Dillon dão os seguintes caracteres diferenciais para *albisparsa*: “pubescência dorsal de côr amarelo-pardacenta a fulva; a fronte em grande parte branco-amarelada, variegada de pardo; élitros com maculas brancas menos densas, não tão distintas e mais confinadas aos dois terços distais; antenas com pubescência pardo-escura ou fusca, usualmente ane-

* Tanto Prosen, 1947 como Bosq, 1949, atribuem erradamente *albisparsa* a Castelnau.

ladas de branco nas bases de todos os segmentos a partir do quarto”.

Só me foi possível examinar 3 exemplares de *albisparsa*, de modo que qualquer conclusão seria ousada. O exemplar, ♂ representado na fig. 3, apresenta o dorso revestido de pubescência pardo-fulva, entremeada de manchas brancas muito esparsas e pouco definidas. As antenas mostram a coloração branca desde a parte infero-apical do escapo; o 3.º artículo trás um anel no terço basal, mas no lado inferior extensa por toda a metade basal; artículos 4, 6 e 8 com a metade basal branca; 5 e 7 com apenas estreito anel basal; os artículos distais com o branco muito entremeado de pardo. Aliás, todo o branco das antenas é ora mais, ora menos, entremeado de pêlos pardos. O escapo das antenas e o 3.º artículo são subiguais em comprimento; o 4.º é mais curto que o 3.º; 4-7 muito gradualmente decrescentes em comprimento; 8-10 subiguais em comprimento ao 7.º artículo; o 11.º artículo subigual ao 5.º, um pouco mais longo que o 10.º. Estas medidas relativas dos artículos antenais não servem de carater diferencial em relação a *adspersa*, cujos ♀ ♀ apresentam medidas identicas. Um caracter que talvez poderia ter valor diferencial é o aspecto dos tubérculos das antenas que neste exemplar de *albisparsa* são muito mais abertos e afastados. Nenhum dos exemplares de *adspersa*, dêsse sexo, da série do Departamento de Zoologia, mostra igual afastamento dos tubérculos; pelo contrário, os ♂ ♂ de *adspersa* mostram sempre os tubérculos em V fechado e as extremidades quase sempre algo convergentes.

Comp. 15.75 mm., larg. úmeral, 7 mm.

LOCALIDADE: Argentina, Prov. de Buenos Aires, J. M. Bosq col.

Examinei mais uma ♀ da mesma procedência que o ♂ acima comentado, e outro exemplar também ♀, pertencentes ao Instituto Entomológico de Berlin-Dahlem, procedente do Uruguay, Dept.º de San José, R. Meyer col. Êste último devo à gentileza do saudoso Dr. Walter Horn, que me enviara o exemplar e outros mais para identificação.

Segundo Bosq, 1943, a larva se desenvolve em ramos de “espinillo”, cortadas por *Oncideres*.

Platysternus Dejean, 1835.

- Dejean, 1835, Cat. Col., 2.ª ed. : 336; Dejean, 1937, Cat. Col., 3.ª ed. : 362; Blanchard, 1845, Hist. Nat. Ins., 2:156, 174; Bates, 1862, Ann. Mag. Nat. Hist., (3) 9:400; Thomson, 1864, Syst. Céramb. : 17, 350 (chave); Lacordaire, 1872, Gen. Col. 9 (2) : 730-731; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10:3139; Aurivillius, 1923, Col. Cat. Junk et Schenkling, 23 (pars 74) : 372; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull., 185 (4) : 607.

Este gênero, geralmente atribuído a Blanchard, realmente pertence a Dejean que em 1835, na 2.^a edição do seu catalogo de coleopteros, inclui nêle uma única espécie, *hebraeus* Fabr. Esta espécie fabriciana, de 1781, tem avantajado lastro de citações bibliográficas e encontra-se figurada por Olivier.

Não fôra esta prioridade, o gênero de Blanchard seria válido, mas não pelas citações de Gemminger et Harold e de Aurivillius, onde aparece apenas citada a página 156, em que se encontra uma descrição de nenhum valor em si. Acontece que essa caracterização inócua encontra-se complementada por uma designação de tipo à página 174, o que validaria o gênero.

O haplótipo e até hoje a única espécie do gênero é a seguinte:

***Platysternus hebraeus* (F., 1781)**

(Fig. 4)

Lamia hebraea F., 1781, Spec. Ins. : 210; F., 1787, Mant. Ins., 1:131 (*Ceramryx*); F., 1792, Ent. Syst., 1 (2) : 273 (*Lamia*); Linn, 1790, Syst. Nat., ed. 13.^a (Gmelin), 1 (4) : 1820 (*Cerambyx*); Olivier, 1790, Encycl. méth., 5:291 (*Cerambyx*); Olivier, 1797, Tabl. Encycl. méth. : pl. 207, fig. 6; Olivier, 1795, Ent. 4 (n.º 67) : 62 (*Cerambyx*); Olivier, 1808, l. c., 8 : pl. 15, fig. 106.

Platysternus hebraeus (Fabr.) — Bates, 1862, Ann. Mag. Nat. Hist., (3) 9:400; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10:3139; Aurivillius, 1923, Col. Cat. Junk et Schenkling, 23 (pars 74) : 372; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull., 185 (4) : 607.

Astynomus mucoreus Colas, 1952 (nec Bates), Insectes, Quatre-Vingts Agrandissements : pl. 18.

Colas reproduz em bela estampa um exemplar de *Platysternus hebraeus* (F., 1781), sob a denominação errônea de *Astynomus mucoreus* Bates, 1872, espécie que faz parte hoje do gênero *Astyochus* e que nem de leve pode ser confundida com a velha espécie fabriciana. *Platysternus hebraeus* foi figurada por Olivier, tanto no seu Tableau Encyclopedique et Méthodique, como na Entomologie, e um simples confronto entre os desenhos, embora toscos, dessas obras antigas e a reprodução fotográfica de Colas não deixam qualquer dúvida sobre o engano na identificação da espécie.

Quanto à localidade geográfica da espécie, embora Thomson mencione "Cayenne" e Pará e Lacordaire "Guyane" e Pará, os catalogadores (Gemminger et Harold, Aurivillius e Blackwelder) citam apenas o Brasil, provavelmente estribados em Bates, visto que os antigos autores se limitaram a indicar apenas a America Meridional como área geográfica. Assim, a indicação de Guiana, do exemplar figurado por Colas, comprova as referências de Thomson e Lacordaire.

Bates encontrou em Caripí, perto do Pará, certo número destes longicórnios roendo a casca de guariúbas. No entanto, a espécie parece ser rara nas coleções de insetos. O Departamento de Zoologia possui apenas um exemplar (Fig. 4) identificado por Gounelle. Este exemplar tem as manchas escuras elitrais mais uniformes que as do espécime figurado por Colas, em que as manchas são mais irregulares e interrompidas.

Esta espécie tem tantas e tão acentuadas peculiaridades, que não é estranho ter sido ela separada em grupo a parte, juntamente com o *Eusthenomus wallisi* Bates, 1875, da Colombia. Fica assim a sub-família *Platysterninae* constituída de apenas dos gêneros, cada qual com uma única espécie.

Dou abaixo uma breve descrição do exemplar do Departamento de Zoologia:

Tegumento negro; revestimento piloso branco-acinzentado, muito denso e acamado, um tanto mais sedoso e longo na parte inferior do corpo. Élitros com manchas aveludadas de cor castanho-escuro, quase negro, de forma alongada, distribuídas em quatro fileiras longitudinais em cada élitro; a fileira mais externa com manchas mais imprecisas. Entre as manchas maiores, diminutas manchinhas circulares, muito esparsas, salpicam a superfície dos élitros. Fig. 4.

Fronte toda granulada, os granulos diminutos e lustrosos; na depressão entre os tubérculos das antenas e lobos superiores dos olhos com pontuação coalescente, apenas bem isolada nos bordos junto aos lobos superiores dos olhos; lados da cabeça, labro e vértice sem pontuação. Um fino sulco longitudinal mediano parte do meio do bordo do clipeo, tornando-se evanescente na parte posterior do vértice; o labro largamente bilobado e muito largo no sentido longitudinal, cerca da mesma largura do lobo inferior dos olhos; processos jugulares inermes; região gular lisa; mandíbulas moderadamente curvas, de ápice liso, nos lados apenas alargadas na base articular. Olhos finamente granulados, os lobos inferiores situados em sentido transversal; na frente muito profundamente recortados; os lobos superiores bem afastados no vértice da cabeça, pouco mais estreitos que os inferiores. Tubérculos das antenas muito afastados entre si, rasos, os ápices apenas arredondados, não salientes; atrás dos tubérculos das antenas e junto aos ápices dos lobos superiores dos olhos, de cada lado, com uma carena de bordo arredondado, mais espessa anteriormente. Antenas revestidas de fina e densa pilosidade cinérea, passando a pardacenta para os ápices do 3.º artículo e seguintes e totalmente parda nos três últimos artículos. O escapo muito engrossado, quase desde a base, alcançando a base anterior dos tubérculos laterais do protorax; o 2.º artículo caliciforme, os seguintes cilindri-

cos, um tanto nodosos nos ápices, 3-4 levemente arqueados; o escape, o 3.º e o 4.º artículos subiguais em comprimento, os seguintes gradualmente decrescentes; o 7.º com a metade do comprimento do 3.º, o último muito curto, cêrca do comprimento do 2.º e com apenas a metade do comprimento do 9.º.

Protorax transversal, mais que duas vezes mais largo que longo, incluindo os tubérculos laterais; nos lados expandido em forte tubérculo de ápice bastante agudo e levemente dirigido para cima e para trás; anexo e anterior a êste, de cada lado, com um pequeno mas projetado tubérculo dentiforme; no centro do disco do pronoto com duas carenas espessas e junto ao bordo posterior divergentes, completando o arco de cada carena elital; entre os braços curvos dessas carenas longitudinais do pronoto há uma depressão no meio da qual aparece uma terceira carena mediana, fina anteriormente e espessada para trás, onde eleva-se em bem marcado tubérculo; dêsse ponto forma-se uma profunda depressão transversal, limitada lateralmente pelos ramos divergentes das carenas pronotais e posteriormente pelo bordo curvo e elevado do pronoto; para o lado externo das carenas o pronoto é declive em direção aos tubérculos laterais e o bordo posterior é recortado; a depressão central apresenta-se moderadamente pontuada de cada lado da carena mediana; na depressão transversal posterior a pontuação é grossa e abundante no recesso da depressão; nas margens anterior e posterior do pronoto a pontuação é adensada mas mais fina, e a mesma pontuação fina, porém esparsa, encontra-se nos declives e sobre a base dos tubérculos; o lado inferior sem pontuação excepto alguns pontos na base inferior dos tubérculos.

Escutelo obliquamente ascendente, formando estreita e transversal depressão com o bordo posterior do pronoto; o ápice arredondado e um tanto deprimido no centro, em sentido longitudinal.

Élitros moderadamente convexos, três vezes o comprimento do pronoto; a largura basal igual a do pronoto, incluídos os tubérculos laterais, e cêrca de 2/3 do comprimento dos élitros; os úmeros salientes, arredondados; os ápices arredondados, inermes, na sutura mui levemente divergentes; com duas carenas basais, formando em conjunto um circulo quase completo; na base essas carenas são espessas e de bordo superior um tanto irregular, para trás afinam-se e tornam-se obsoletas antes de alcançar a sutura; da parte posterior do circulo partem duas "costelas", ou finas carenas, bem marcadas, e da região úmeral duas mais apagadas: a 1.ª costela corre junto à sutura, alcançando o ápice dos élitros; a 2.ª, mais ou menos paralela à esta, não atinge o ápice e conflue com a 4.ª, que é a mais externa; a 3.ª situa-se entre a 2.ª e a 4.ª e não atinge o ponto de confluência destas; a margem externa dos

élitros é estreitamente explanada; na região úmeral e na depressão entre úmero e carena basal, de cada lado, aparecem pequenos granulose lustrosos.

Processo prosternal de lados sub-paralelos, com cerca da metade da largura da coxa anterior, um nada curvo entre as coxas, depois fortemente recurvo para o mesosterno, aí deprimido no centro e alargado para o ápice, este de bordo reto. Processo mesosternal um pouco mais que o dobro da largura do prosternal; com a face anterior quase a prumo, a posterior declive para o metasterno; a região estreita e convexa entre essas duas faces é fina e transversalmente rugosa; nos extremos, de cada lado, eleva-se um tuberculo saliente e lustroso. Metasterno transverso, com a parte anterior bilobada, cada lobo encostado a base dos tubérculos do processo mesosternal, os ápices dos lobos longitudinalmente rugosos; entre os lobos, por serem estes fortemente convexos, forma-se profunda depressão; o metasterno apresenta fina linha longitudinal mediana e a sua superfície é muito finamente pontilhada; os meta-episternos são largos, muito gradualmente despontados para a ponta e aí os bordos superior e inferior curvos para o ápice, este sub-truncado. Abdomen de segmentos relativamente curtos, o primeiro o mais longo, os seguintes com pequena diferença em comprimento, o último de ápice largamente truncado.

Pernas de fêmures robustos, engrossados para o meio, curta-mente despontadas na base e no ápice; tíbias relativamente delgadas, um pouco alargadas no ápice, as anteriores e médias sub-lineares, as posteriores um tanto recurvas em sentido oposto ao eixo do fêmur, quando justapostas a ele.

Comp. 28.5 mm., largura úmeral, 13 mm.

Localidade: Brasil, Estado do Pará, Santarém, 1903, E, Garbe col. Nas coleções do Departamento de Zoologia sob n.º 12.604.

***Seteirastoma meridionale* Aurivillius, 1908**

Steirastoma meridionale Aurivillius, 1908, Arkiv f. Zool., 5 (1) : 9; Aurivillius, 1923, Col. Cat. Junk et Schenkling, 23 (pars 74) : 381; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull., 185 (4) : 609.

Stirastoma depressum Heyne-Taschenberg, 1906, (nec F., 1781), Exot. Käfer : 243, pl. 37, fig. 39.

Steirastoma heros Sturm, ?, in Guy Colas, 1942, Insectes, Quatre-Vingts Agrandissements, pl. 18.

A espécie figurada por Colas ao lado direito da plancha 18 é sem dúvida o *Steirastoma meridionale* Auriv., bróca muito comum das nossas paineiras (*Bombax* sp.) e muito frequente no Ipiranga, bairro da capital de São Paulo. Ocorre durante vários meses do ano, pois que a série de exemplares das coleções do De-

partamento de Zoologia indica capturas em setembro, dezembro, janeiro, fevereiro, abril e maio, sendo, ao que parece, mais frequente em fevereiro.

Os catalogos de Dejean, de Sturm (as edições que me foi possível consultar), de Gemminger et Harold e de Junk et Schenkling, não citam, nem como sinônimo, espécie alguma que pudesse ser identificada com o *Steirastoma heros* Sturm de Colas. Existem, entretanto, três exemplares, dos primeiros identificados por Gounelle (ex-coleções entomológicas do Museu Paulista), que trazem etiqueta com o nome *Stirastoma heros* Sulzer. Outros exemplares foram identificados por Gounelle em 1910 e 1912 como *meridionale*. Não conheço a obra de Sulzer e, portanto, não posso dar uma opinião, mas parece pouco provável que Gounelle e Aurivillius, especialistas de renome, deixassem de citar a espécie de Sulzer, ou de Sturm, caso existisse uma descrição, e parece estranho que os diversos catalogadores também desconhecêssem a espécie. Se qualquer desses dois autores antigos, Sulzer, ou Sturm, tiver publicado uma descrição válida, *Steirastoma meridionale* Auriv., terá que ser colocado em sinonímia.

Aurivillius deu o nome de *meridionale* para a espécie figurada por Heyne-Taschenberg sob o nome de *Stirastoma depressum* L., argumentando que o inseto descrito por Linneu não é um *Steirastoma* e que o inseto figurado também não é o *S. depressum* (Fabricius, 1781), hoje incluído nos catalogos como sinônimo de *S. breve* (Sulzer, 1776). Aurivillius apenas aponta como caráter diferencial entre *breve* e *meridionale* a estrutura do último segmento das antenas nos ♂♂, mas existem outras diferenças muito acentuadas, tanto no escapo das antenas, na escultura do torax e dos élitros, como na pontuação e no colorido. Como tenho em elaboração um trabalho com a caracterização diferencial das espécies deste gênero, não dou nesta nota sinonímica a descrição de *meridionale*.

ABSTRACT

The author revalidates *Ceroctenus* Serville, 1832, on account of *Poecilosoma* Serville, 1832, being an homonym of *Poecilosoma* Huebner, 1819 (Rules, Opinion 147).

Dillonia, new genus, is erected for *Clytemnestra* Thomson, 1860, as it seems to the author this name was correctly invalidated by Thomson himself, as a synonym of *Hypselomus* Perty, 1830. In 1864, Thomson considered his *Clytemnestra tumulosa* of 1860 as the type of his section *A* and, therefore, invalidated his genus *Clytemnestra* on the basis of *tumulosa* being a synonym of *Hypselomus cristatus* Perty, 1830. This procedure, in 1864, is equivalent to a type-selection, which clearly invalidates his genus, independent of his own opinion on this question. Subsequent authors included the remaining species, belonging to Thomson's section *B*, or their correspondents, in the genus

Hypsioma. Aurivillius, 1923, reestablished *Clytemnestra* for the two species of this group B, a procedure accepted by Dillon et Dillon and Blackwelder.

Dillon et Dillon consider only one species in the genus, treating both forms as subspecies. Their type subspecies, however, is the most recent described species, which they name:

Clytemnestra adspersa adspersa Castelnau

Therefore, the second species is:

Clytemnestra adspersa albisparsa Germar.

As *adspersa* was described in 1840 and *albisparsa* in 1824, the contrary should rule, with *Clytemnestra albisparsa albisparsa* Germar, and *Clytemnestra albisparsa adspersa* Castelnau.

Their subspecies criterion seems to be only conjectural, as subspeciation is really a very difficult problem requiring very detailed range information and adequate series of specimens of both forms. These conditions seem to be lacking in Dillon et Dillon's treatment of the subject. It would be preferable to maintain a separate specific identification for the two forms until better data can be collected.

Two species figured by Colas, 1952 (Pl. 18), are misnamed. His *Astynomus mucoreus* Bates is *Platysternus hebraeus* (F., 1781), and his *Steirostoma heros* Sturm is *Steirastoma meridionale* Aurivillius, 1908.

BIBLIOGRAFIA RECENTE

- BLACKWELDER, 1946 Checklist of the Coleopterous Insects of Mexico, Central America, the West Indies, and South America, *U. S. Nat. Mus. Bull.*, 185 (4) : 603. Washington.
- BOSQ, JUAN M., 1943, Segunda Lista de Coleópteros de la República Argentina, dañinos a la Agricultura, *Ingeniería Agronómica*, 4 (18-22) : 24. Buenos Aires.
- BOSQ, JUAN M., 1949, Anotaciones relativas a una Lista de Fauna local sobre Cerambicidos Argentinos, *Rev. Soc. Entomológ. Arg.*, 14:199.
- BOSQ, JUAN M., 1951, Notas para el Catalogo de los Cerambicidos del Uruguay, *Com. Zool. Mus. Hist. Nat. Montevideo*, 3 (62) : 23. Montevideo.
- DILLON (LAWRENCE S.) and DILLON (ELIZABETH S.), 1945, The Tribe Onciderini, Part 1, *Reading Publ. Mus. & Art. Gallery, Scient. Publ.* 5 : xi, 85-87; Part 2, 1946, 1. c., *Scient. Publ.* 6 : pl. 1, figs. 7 and 8. Reading, Pennsylvania.
- PROSEN, ALBERTO F., 1947, Cerambycoidea de Santiago del Estero, *Rev. Soc. Entomológ. Arg.*, 13:331. Buenos Aires.

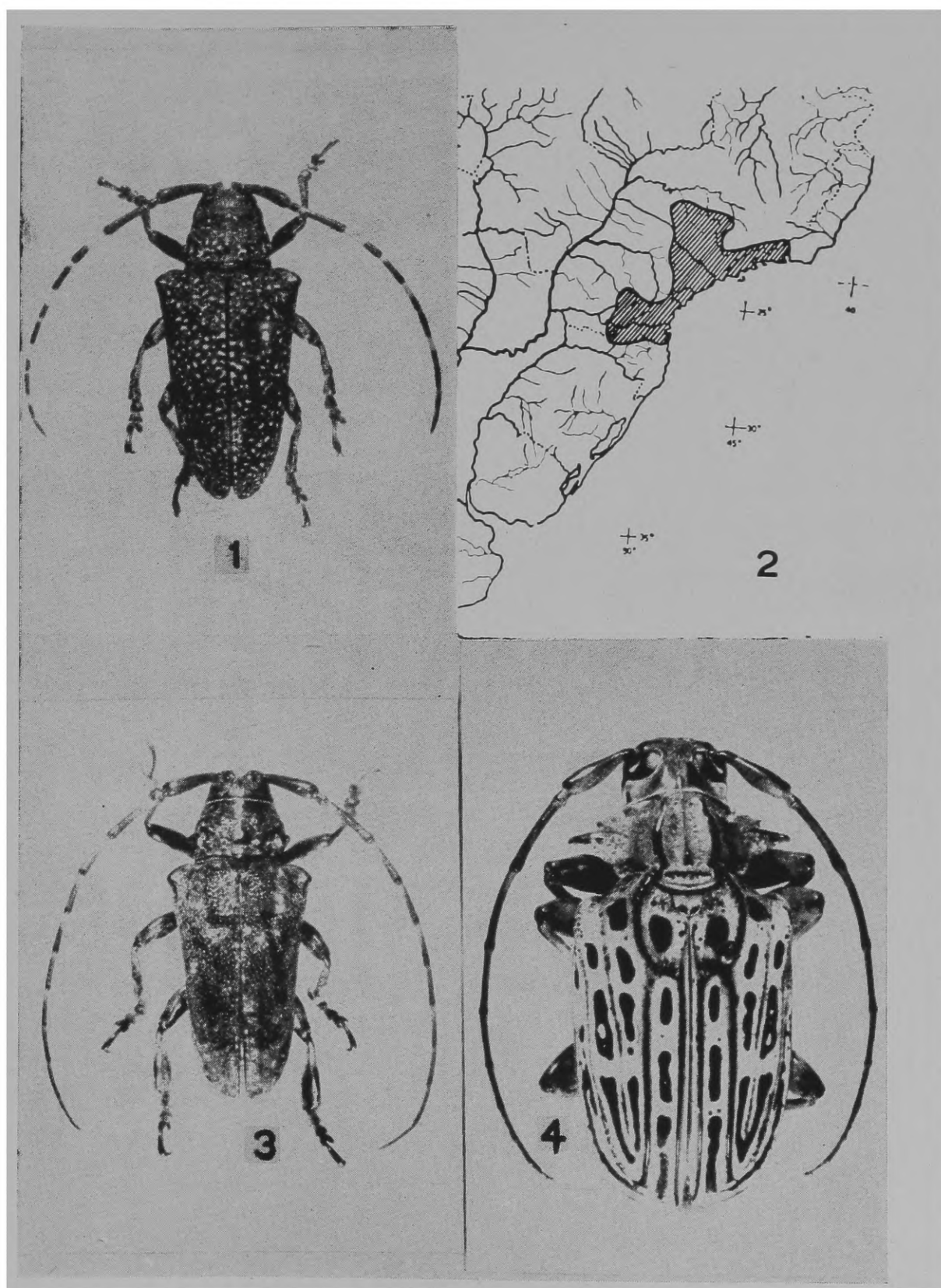


Fig. 1 - *Dillonia adspersa* (Cast., 1840) ♀ ; Fig. 2 - Distribuição geográfica de *Dillonia adspersa*, baseada na série de exemplares do Departamento de Zoologia ; Fig. 3 - *Dillonia albisparsa* (Germar, 1824) ♂ ; Fig. 4 - *Platysternus hebraeus* (F., 1781).

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

CERAMBYCOIDEA NEOTROPICA NOVA III (COLEOPTERA)

POR

FREDERICO LANE

COL. *LAMIIDAE*

ELYTRACANTHINAE, nov. subfam.

Pernas anteriores mais curtas que as médias e as posteriores; cavidade coxais intermédias fechadas; coxas anteriores globulosas, exsertas; tíbias médias sulcadas; garras tarsais divaricadas; processos esternais relativamente estreitos, subplanos; cabeça não retrátil, com a fronte rectangular; olhos inteiros, apenas recortados na margem anterior, fortemente granulados; escapo das antenas longo, alcançando cêrca do bordo posterior do pronoto, estreitado na base, depois com a grossura quase uniforme até o ápice, êste expandido no lado inferior; protorax fortemente armado lateralmente; élitros com carenas ou cristas basais.

Elytracantha, n. gen.

Palpos delgados; processos jugulares inermes; tubérculos das antenas divergentes, bem separados, inermes; terceiro artículo das antenas mais longo que o escapo e que o 4.º artículo, o 11.º mais curto que o anterior; protorax transverso, fortemente armado nos lados; élitros largos, com cristas basais, os ápices bi-espinhosos; processo mesosternal apenas um pouco mais largo, entre as coxas, que o prosternal.

Elytracantha pugionata, sp. n.

(Figs. 1 e 2)

♀ Cinérea, com exceção de duas pequenas manchas circulares no vértice da cabeça; de uma faixa mais ou menos longa, de

contorno irregular, de cada lado do protorax, abaixo dos tubérculos laterais; de uma mancha indecisa, de cada lado, junto ao bordo postero-lateral do pronoto; de uma mancha semi-circular de cada lado do escutelo, as curvaturas voltadas para o centro; de uma mancha estreita, conjunta, sutural, na base dos élitros, entre as cristas elitrais; de uma mancha irregular, de cada lado, entre a crista e o úmero, e várias manchas indecisas nas cristas e quedas dos élitros; várias pintas ao longo do frizo elitral externo e ao longo da sutura, nos ápices e na linha dos espículos basais dos élitros, entre estes e os úmeros, além de uma mancha transversal, alongada e recurva, por baixo dos espículos; todas estas marcações são de côr pardo-avermelhada. As manchas do escutelo e a mancha sutural conjunta dos élitros são de pilosidade muito junta, aveiudada. As pernas mostram a parte distal das tibias recoberta de cerdas de um vermelho ferrugíneo, com exceção de estreita faixa cinérea que se prolonga pelo lado infero-externo até o ápice. O 4.º artigo dos tarsos apresenta também o ápice recoberto de pilosidade pardacenta. Os olhos são amarelados, os palpos castanhos. O tegumento é castanho quase negro.

Cabeça com a fronte abaulada, quadrangular; clipeo estreitíssimo, de bordo apenas sinuoso; com um fino sulco do clipeo ao vértice e uma depressão bem marcada entre os tubérculos das antenas; vértice abaulado; genas relativamente largas; processos jugulares inermes, sem qualquer projecção; mandíbulas pequenas, curvas; palpos delgados; tubérculos das antenas divergentes, bem separados, inermes; olhos relativamente pequenos, de granulação grossa, porém miuda, largamente recortados na frente, o bordo posterior sub-reto, sinuoso, os lobos inferiores semi-ovais, os superiores estreitos, moderadamente afastados no vértice. Antenas longas, os quatro últimos artigos ultrapassando o ápice dos élitros; com exceção do escapo, lineares; esparsamente ciliadas no lado inferior do escapo e com algumas cerdas curtas no 3.º artigo; o escapo longo, sub-cilindrico, levemente entumescido, um pouco estreitado na base, no ápice abruptamente expandido, formando uma projecção no lado inferior, alcançando apenas o bordo posterior do pronoto; o 2.º artigo pequeno, anelar; os seguintes delgados, cilíndricos; o 3.º longo, do comprimento do escapo e 2.º artigo em conjunto; o 4.º um pouco mais curto que o escapo; os seguintes gradualmente decrescentes, o último com cerca de 1/5 do comprimento do 3.º.

Protorax transverso, um pouco arredondado e avançado no pronoto, no terço anterior, com dois pequenos tubérculos, um de cada lado da linha mediana, e um terceiro tubérculo, um pouco mais robusto e rombo, situado na linha mediana, um pouco além do

meio do pronoto; de cada lado do protorax um espessamento anterior e um tubérculo com uma pequena projecção anterior, romba, voltada para a frente e para cima, e um forte espinho curvo, posterior, de ponta afilada, voltado para trás e um pouco para cima; entre a projecção romba do tubérculo lateral e os tubérculos anteriores do pronoto existe um pequeno tubérculo raso, indeciso; abaixo dos tubérculos anteriores e aos lados do mediano, no disco do pronoto, com um grupo de pequenissimas pontuações; junto ao bordo posterior do pronoto, no centro, com pontuações um pouco maiores; de cada lado, nas manchas indecisas do bordo posterior, com uma série dupla de cerca de sete pontuações grossas; nos tubérculos laterais, na face supero-posterior, com algumas pontuações.

Escutelo obliquamente ascendente, escutiforme, largo na base, os lados retos, estreitados para o ápice, êste concavo e terminando em dois pinces curtos, convergentes, de cerdas finas, dando ao ápice um aspecto bilobado; na linha mediana, com pilosidade escassa.

Élitros com cerca de $4 \frac{1}{2}$ vezes o comprimento do pronoto; largos na base, estreitados levemente para trás, os úmeros salientes, irregular e quadrangularmente arredondados; lateralmente com queda abrupta até a região apical expandida; o declive apical suave; no dorso, na região basal, com duas fortes elevações longitudinais, semeilhando duas cristas espessas, uma em cada élitro, entre a sutura e a queda lateral, formando uma quilha sinuosa em cima e terminando atrás por um espículo robusto e anteriormente por uma pequena fóvea circular com um pincel de cerdas curtas; no limite do terço apical, de cada lado, com um forte e agudo espículo, voltado para trás, em sentido oblíquo, ambos mais afastados da sutura que as elevações basais; os ápices dos élitros bi-espinhosos, o espículo externo o mais longo e agudo, levemente voltado para cima, o interno mais reto, o chanfro entre os espículos semicircular. Toda a superfície basal dos élitros coberta de séries longitudinais de pontos grossos e fundos, encimados por pequenos tubérculos lisos; essa pontuação estende-se pelas epipleuras até o nível dos espículos posteriores; no dorso, atrás das elevações basais, em área sub-plana, as pontuações são muito mais leves e esparsas e na região apical são diminutas e ainda distanciadas umas das outras.

Cavidades coxais anteriores fechadas posteriormente e angulosas nos lados; cavidades coxais médias fechadas; processo prosternal estreitado entre as coxas, sub-plano, com frizo ao redor, no ápice expandido, prolongado em ponta de cada lado, o bordo anterior truncado, levemente sinuoso; processo mesosternal mais largo um pouco, estreitado entre as coxas e apenas truncado no

ápice, sem prolongamentos laterais; metasterno transverso, relativamente amplo, com sulco longitudinal mediano bem marcado; meta-episternos relativamente largos, apenas um pouco estreitados junto ao ápice, êste de ponta romba. Abdomen com o 1.º segmento o mais longo, os três seguintes mais estreitos, subiguais, o 5.º um pouco mais curto que o 1.º, fortemente estreitado para o ápice, êste truncado e levemente reentrante, ou recortado, no centro.

Pernas relativamente longas, com as coxas anteriores e médias globulares e exsertas; os fêmures clavados, os posteriores menos; os anteriores do comprimento dos escapo das antenas, os médios e os posteriores mais longos e com menos diferença de comprimento entre si, ambos recurvos no sentido da convexidade do corpo; tíbias retas, espessadas moderadamente para o ápice, as anteriores um pouco mais longas, as médias e posteriores subiguais aos respectivos fêmures; tarsos anteriores relativamente curtos, com os três primeiros artículos subiguais em comprimento, o distal do comprimento de 2-3 em conjunto; tarsos médios e posteriores mais longos, cêrca do comprimento dos fêmures anteriores, com o artículo basal longo, 2-3 mais curtos, subiguais, o distal um pouco mais longo que o basal; garras divaricadas.

COMPRIMENTO: 23 mm., largura úmeral, 10 mm.

HOLOTIPO ♀, nas coleções entomológicas do Museu Nacional, Rio de Janeiro, sob o n.º 25/816.

LOCALIDADE-TIPO: Brasil, Estado do Espírito Santo, IX.1937, Prof. Mello-Leitão, col.

PARATIPO ♀, nas coleções entomológicas do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco, sob o n.º 1410.

LOCALIDADE: Brasil, Estado de Pernambuco, Caruarú.

Comprimento: 25 mm., largura úmeral, 11 mm.

Êste exemplar de Pernambuco apresenta os mesmos caracteres do holotipo, com algumas pequenas diferenças. Os fêmures anteriores são um pouco mais longos que o escapo; o escutelo não é tão estreitado para o ápice e não apresenta os pinceis apicais, tendo o bordo largo-arredondado; o pequeno pincel no início de cada crista basal, nos élitros, é mais acentuado; os ângulos úmerais apresentam um pequeno tubérculo dentiforme. As mandíbulas são pequenas, de um castanho-avermelhado escuro, com exceção do ápice negro; lisas, com exceção de pequena depressão latero-basal, revestida de pilosidade; o lado externo levemente arredondado, o interno sub-reto, de gume sinuoso, a ponta em ângulo aberto com o gume, pouco saliente e pouco afilado ou agudo.

Esta nova subfamília aproxima-se muito pelo seu aspecto geral de *Polyrhaphidinae*, com a qual apresenta caracteres na armação torácica e elital muito semelhantes. Em comum com *Platys-*

terninae mostra, talvez um vestígio relictual, o pequeno dente próximo e anterior ao espículo lateral do torax. Mas o escapo das antenas obriga à sua remoção para mais longe, talvez entre *Acrocininae* e *Acanthoderinae*, ou precedendo *Acanthocininae*.

***Oreodera charisoma*, sp. n.**

(Fig. 3)

♀ Tegumento negro, mais claro, passando para um castanho-avermelhado nas antenas, pernas e parte central do abdomen. Revestimento piloso branco-acinzentado; lados e vértice da cabeça, lado inferior dos tubérculos laterais do protorax, duas pequenas manchas indecisas acima dos mesmos tubérculos, estreita margem na parte central do bordo anterior do pronoto, pequena extensão no posterior, escutelo todo, estreita faixa na base dos élitros e pequenas manchas indecisas nos lados dos segmentos abdominais, de um pardo muito claro. Nos élitros um desenho marginal irregular, anguloso, ora mais, ora menos estreito, não alcançando o bordo externo, tem origem próximo aos úmeros, na queda elitral, e quase atinge o ápice, formando perto dêste uma pinta apenas ligada ao conjunto, de côr pardo escuro; no terço anterior dos élitros, com duas pequenas manchas, uma em cada élitro, situadas junto à sutura; no terço distal com uma mancha maior, em cada élitro, mais afastada da sutura e em nível e quase unida ao prolongamento em zig-zag que sai da mancha lateral. As manchas anteriores suturais são de côr mais clara. Pernas branco-acinzentadas, com os fêmures no meio e próximo ao ápice pintadas irregularmente, em zig-zag, de pardo claro; as tíbias com um anel claro próximo à base e toda a metade apical, de pardo escuro; tarsos pardo-escuros, com exceção da metade basal do 1.º artículo e estreita faixa basal do 2.º. Antenas com fina pilosidade, cinérea, com algum pardo no ápice do escapo, quase todo o 2.º artículo, um anel apical em 3-6, mais da metade apical em 7-11; no lado inferior com uma franja de cerdas do escapo ao 6.º artículo e algumas cerdas no ápice dos artículos seguintes.

Cabeça com a fronte mais larga que longa, levemente abaulada, com um fino sulco longitudinal que inclui o vértice: clipeo de bordo curvo; processos jugulares muito obtusos, inermes; mandíbulas curvas, lateralmente escavadas e alargadas para a base; olhos fortemente recortados na frente; os lobos inferiores sub-quadrados, os superiores relativamente estreitos, afastados no vértice; tubérculos das antenas divergentes, obtusos no ápice. Antenas $1\frac{1}{3}$ vezes o comprimento do corpo; o escapo piriforme; o 3.º artículo quase o dobro do comprimento do escapo; os seguintes decres-

centes, o 7.º subigual ao escapo, o 11.º um pouco mais curto que o 4.º.

Protorax transverso, levemente elevado no bordo anterior; no centro anterior do pronoto, o bordo posterior apenas sinuoso; de cada lado armado com um tubérculo obtuso; no disco do pronoto com três tubérculos obtusos, dois anteriores e um mediano posterior, todos de ápices lisos, brilhantes; entre os tubérculos do pronoto e os laterais com grossas pontuações, bem destacadas; junto ao bordo posterior do pronoto, uma fileira bem regular de pontos grossos; junto ao bordo anterior, uma carreira mais irregular; pontuações mais finas nos tubérculos laterais, especialmente no declive posterior; prosterno sem pontuação.

Escutelo obliquo, os lados convergentes, o ápice arredondado; na ponta um tanto concavo e com uma pequena fôvea transversal; a superfície sem pontuação.

Élitros conjuntamente mais largos que o torax; a base elevada no centro, os úmeros arredondados e toda a região basal fortemente pontuado-granulosa, as granulações lustrosas; abaixo da parte central elevada, de cada lado, com uma pequena área deprimida; os dois terços apicais dos élitros apenas grossa e esparsamente pontuados, as pontuações um tanto razas; ápices chamuscados obliquamente, com um pequeno dente sutural e um bem destacado e relativamente agudo dente externo.

Processo prosternal largo, na base cêrca da largura da coxa, depois alargado para o ápice, os lados elevados, o centro convexo; nos lados do ápice em ponta, fechando a cavidade; o bordo anterior angulosamente recortado para dentro. Processo mesosternal muito largo, cêrca de 1 1/2 vezes a largura da coxa média; levemente estreitado para o ápice; a superfície irregularmente convexa; o bordo distal sub-reto e deprimido no centro sôbre o metasterno; os cantos laterais angulosos. Metasterno largo; de cada lado, próximo ao canto latero-posterior, com uma convexidade saliente. Abdomen com os segmentos centrais mais curtos que o 1.º e o apical; êste bastante convexo, recortado e muito cerdoso no ápice.

Pernas robustas, os fêmures fortemente clavados para o centro e despontados moderadamente para os ápices; tíbias anteriores mais longas que os respectivos fêmures; as médias apenas um pouco e as posteriores subiguais aos respectivos fêmures; tarsos muito longos, cêrca do comprimento das tíbias; o 1.º artículo de comprimento igual a 2-3 em conjunto, o distal mais longo que o 1.º.

COMPRIMENTO: 25.5-27.5 mm., úmeral, 10-10.75 mm.

LOCALIDADE TIPO: Brasil, Estado de São Paulo, Município de Salesópolis (Boraceia, 850 m.), 2.IV.1942, Romualdo Ferreira

d'Almeida col.; Estado de São Paulo, Peruibe, 10.XII.1939 e 1.XII.1946.

♂ Antenas com quase o dobro do comprimento do corpo; o escapo com apenas a metade do comprimento do 3.º artículo; o 5.º mais curto que o 3.º; os seguintes gradualmente decrescentes até o 10.º; 8-9 quase iguais em comprimento; 11.º subigual ao 7.º.

COMPRIMENTO: 21-24.25 mm., largura umeral, 8-9 mm.

LOCALIDADE: Estado de São Paulo, Peruibe, XII.1944, 1.XII.1946 e 7.I.1951.

HOLÓTIPO ♀ (exemplar de Boraceia), nas coleções do Departamento de Zoologia, sob o n.º 26.169; *alótipo* ♂, na coleção do Senhor Hermann Zellibor; *paratipo* ♂, nas coleções do Departamento de Zoologia, sob o n.º 26.170, e 2 paratipos ♀ ♀ e 1 paratipo ♂ na coleção do Senhor Hermann Zellibor.

O alótipo apresenta forte depressão no ápice do escutelo, depressão esta ligada ao lado externo por uma fenda profunda; os ápices dos élitros apresentam o espinho externo mais robusto, mas menos agudo, em confronto com o holótipo; os tubérculos basais um pouco mais acentuados e elevados; os tarsos anteriores muito pilosos, especialmente o artículo distal, com longos cílios por baixo; o 1.º artículo dos tarsos mais longo que 2-3 e subigual a 3-4; o 2.º artículo maior que o 3.º; o 4.º um pouco menor que o 1.º; o 3.º profundamente bilobado, os lobos estreitos; tarsos anteriores apenas um pouco mais curtos que a tíbia.

Os dois paratipos ♀ ♀ da coleção Zellibor apresentam a chanfradura apical dos élitros mais oblíqua em relação ao holótipo.

Esta espécie apresenta alguma semelhança de colorido com *Oreodora quinquetuberculata* (Drapiez, 1820), mas, além do seu maior tamanho, dela difere fundamentalmente pela natureza dos ápices dos élitros que são armados, ao passo que *quinquetuberculata* pertence ao grupo de espécies de *Oreodera* com ápices inermes, apenas truncados.

***Alphus malleri*, sp. n.**

(Fig. 4)

♂ Tegumento castanho-avermelhado, mais escuro, quase negro, na cabeça e no torax. Pilosidade branca, acamada, nas genas, ao redor dos olhos, vértice da cabeça, clipeo, torax, na base dos élitros de cada lado do escutelo, base dêste; uma faixa post-mediana transversal, irregular, no dorso dos élitros; e em todo o lado inferior. A fronte, a face anterior dos tubérculos das antenas e o resto dos élitros com pubescência parda, mais curta e fina, entremeadada de pequenas cerdas brancas, isoladas e esparsas pela su-

perfície. A parte central do pronoto tem pubescência mais escassa e aparece quase sempre mais ou menos desnuda. A faixa transversal branca nos élitros, comum, estende-se para o lado externo pelas margens elitraes, por todo o frizo, com exceção da parte apical, e em estreita faixa quase até os úmeros; na sutura avança em ponta em direção anterior; a margem posterior da faixa é sinuosa. No lado inferior a pilosidade é mais longa e sedosa, especialmente no metasterno. As antenas apresentam um anel branco mediano e outro subapical no escapo; pilosidade branca no ápice do 2.º artículo, anel basal no 3.º, o 4.º todo, com exceção do ápice e uma mancha sub-basal, 5.º com exceção do ápice, os restantes em maior ou menor extensão basal; o resto de côr parda, restrita mais à face superior dos artículos; o escapo e os artículos 2-4 trazem a parte pardacenta entremeada de pequenas cerdas brancas, isoladas.

Cabeça com a fronte abaulada, um pouco mais longa que larga, com uma fileira de pontos impressos de cada lado, junto ao bordo interno dos olhos; tubérculos das antenas bem separados desde a base, divergentes em curva para fóra, o espaço entre êles profundamente deprimido, os ápices inermes, apenas angulosos; clipeo estreito, sub-reto; processos jugulares obtusos, inermes; mandíbulas pequenas, o lado externo sub-reto, apenas um pouco curvo no ápice, na base escavado; olhos com os lobos inferiores arredondados, levemente sub-quadrados, os superiores estreitos, um tanto aproximados no vértice da cabeça. Antenas um pouco mais que o dobro do comprimento do corpo; o escapo engrossado regularmente para o ápice e ultrapassando um nada os tubérculos do pronoto, no lado externo do ápice com uma área cicatriforme; o 2.º artículo pequeno, cêrca de $1/5$ do comprimento do escapo; o 3.º mais longo que o escapo; o 4.º mais longo que o 3.º; os seguintes gradualmente decrescentes em comprimento; o 6.º subigual ao 3.º; o 7.º subigual ao escapo; o 11.º subigual ao 10.º; o escapo com algumas cerdas finas e mais ou menos longas no lado inferior; 3-4. com uma franja muito rala de cerdas curtinhas.

Protorax transverso, com o bordo anterior levemente curvo, elevado no centro, o posterior sinuoso; de cada lado, cêrca do meio, com um tubérculo de ápice agudo e levemente dirigido para cima; o pronoto desigual na área central; com dois fortes tubérculos anteriores, de ponta romba, e atrás dêstes, na linha mediana, com uma pequena elevação convexa; os bordos anterior e posterior do pronoto separados da área tuberculada por depressões transversais; as faces internas e posteriores dos tubérculos anteriores e os lados da elevação convexa com pontuação isolada; junto à margem posterior com uma série de pontuações, junto à anterior com pontuação obsoleta.

Escutelo obliquamente ascendente, com os lados curvos e no ápice com um prolongamento estreito e espesso, de lados paralelos, e truncado reto na ponta; sem pontuação.

Élitros cerca de três vezes o comprimento do pronoto; mais largos um pouco que o protorax; os úmeros salientes; os ápices separadamente arredondados e com os cantos suturais obtusamente angulosos; na base com duas cristas longitudinais, uma em cada élitro, tendo no topo uma série de quatro (às vezes 5) tubérculos lustrosos, em geral bem destacados; o dorso dos élitros além das cristas subplano, depois caindo para os ápices; os lados na metade anterior com forte queda e um tanto oblíquos para dentro; a superfície até a faixa branca transversal toda pontuada com pontos fundos e bem destacados, dispostos em séries longitudinais, depois até o ápice com pontos mais rasos e esparsos; a metade basal toda com várias séries de pequenos tubérculos salientes, dispostos da seguinte maneira: abaixo das cristas basais, em cada élitro, e incluindo a projecção anterior da faixa branca, junto à sutura, uma série de pequenos tubérculos; abaixo das cristas, mas em posição mais externa e um tanto oblíqua, outra série de quatro a cinco tubérculos maiores; três séries juntas; e mais ou menos confluentes, com início na face lateral do úmero e terminando posteriormente na faixa branca, ao longo sempre da queda dos élitros; algumas das pontuações dos élitros são encimadas de pequeno tubérculo; as pontuações junto à epipleura no bordo externo são um tanto alongadas.

Processo prosternal uniformemente arqueado, estreito de início, depois mais largo até o ápice, êste angulosamente truncado e projetado nos lados fechando as cavidades coxais; processo mesosternal muito largo na base, ascendente quase a prumo, depois subplano para o ápice, os lados fortemente convergentes para o ápice, êste angulosamente reentrante e com uma pequena projecção, de cada lado, articulada à coxa, no início da parte subplana, de cada lado, com uma pequena elevação rasa; metasterno transverso, fortemente elevado para o centro; abdomen com o 1.º segmento tão longo quanto 2-4 em conjunto, êstes subiguais, o apical cerca da metade do comprimento do 1.º e uniformemente arredondado no ápice.

Pernas relativamente longas, as coxas anteriores um tanto exsertas, as médias menos; os fêmures fortemente clavados distalmente, a parte basal delgada, as anteriores mais curtas, as posteriores as mais longas; tíbias delgadas, leve e gradualmente mais grossas para o ápice, levemente encurvadas; tarsos com os artículos 1 e 4 subiguais e mais longos que 2 e 3.

♀ A única diferença aparente, além da forma mais robusta e larga, é o comprimento das antenas, apenas 1 1/2 vezes o compri-

mento do corpo; o 3.º artículo é subigual em comprimento ao escapo e ao 5.º; o 4.º é maior que o 3.º.

COMPRIMENTO: 11-14.5 mm., largura umeral, 4-6 mm.

LOCALIDADE TIPO: Peru, Satipo, Paprzycki col., durante os meses de outubro a dezembro e março-abril; Brasil, Estado do Pará, Santarem, durante o mês de julho; Estado do Pará, Obidos, durante dezembro; Território do Guaporé, Porto Velho, novembro (êste último colecionado por Parko).

HOLÓTIPO ♂, alótipo ♀ e dois *paratipos* (♂ e ♀), nas coleções do Departamento de Zoologia, sob os números 26.171, 26.172, 26.173 e 26.174, respectivamente (todos do Perú); 1 *paratipo* ♀ (do Perú) e 2 ♂♂ (Santarem) na coleção do Senhor Hermann Zellibor; 1 *paratipo* ♂, na coleção do Doutor Alberto F. Prosen, na República Argentina (Perú); 1 *paratipo* ♂, na coleção do British Museum (Perú); 12 *paratipos* ♂♂ e ♀♀ (10 do Perú, 1 de Obidos e 1 do Guaporé), nas coleções do Dr. Carlos Alberto Campos Seabra, no Rio de Janeiro).

Dedico a espécie ao Sr. Anton Maller, de Corupá, Estado de Santa Catarina, a quem devo excelente material de estudo, além dos exemplares dêstes tipos enumerados acima, nas coleções do Departamento.

Esta espécie diverge de todas as demais pertencentes ao gênero pelo escapo das antenas com uma área apical formando uma cicatriz, caráter que não julgo suficiente, neste caso, para separá-la do gênero, com o qual apresenta todas as demais afinidades. A côr e a ornamentação são também caracteres distintos em relação às suas congeneres.

***Alphus zellibori*, sp. n.**

♀ Tegumento castanho escuro; revestido de densa pilosidade acamada de um pardo amarelado, com partes mais escuras e partes brancas, distribuidas essas côres da seguinte maneira: fronte parda com mescla de pardo mais escuro, especialmente duas manchas centrais, uma de cada lado da linha longitudinal mediana, e, dispersas pela superfície toda, diminutas cerdas brancas; tubérculos das antenas, cada qual, com uma mancha basal castanho escura; genas, parte posterior dos tubérculos das antenas e vértice (com exceção de estreito filete pardo que bordejia o contorno posterior dos lobos superiores dos olhos) de côr esbranquiçada; lado inferior da cabeça desnudo; antenas com o escapo branco, com exceção de uma alongada mancha interna e basal, de um anel post-mediano e de pequena área apical, de côr pardacenta, apenas mesclada de cerdinhas brancas; 2.º artículo pardo, com algum

branco no ápice; 3.º artículo pardo com algum branco na base e um anel sub-apical branco, sendo o pardo do ápice bem mais escuro; nos artículos seguintes o pardo basal vai-se restringindo e dando lugar ao branco, mas no ápice é êle de tonalidade mais escura, identica a do ápice do 3.º artículo, e estende-se cada vez mais até atingir nos últimos artículos toda a metade apical; torax branco, com uma mancha mais densa entre os tubérculos centrais do pronoto e outra na face antero-superior de cada tubérculo lateral, de resto com o revestimento mais ralo, deixando perceber a pontuação subjacente; escutelo pardo-amarelado; élitros de um pardo claro, amarelado, com uma mancha basal, comum, branca, e um desenho branco, também comum, que segue a sutura, abaixo das cristas basais, até o meio dos élitros e aí expande-se para cada lado, em mancha larga, não chegando a atingir o bordo lateral; entre as cristas basais, distalmente, aparece de cada lado uma mancha obliqua, confluindo para a sutura, de um pardo-escuro na base e quase negra distalmente, formando uma mancha conjunta de contorno semilunar; lado inferior do corpo esbranquiçado, um pouco pardacento nos lados do meso e metasterno; pernas esbranquiçadas, com aneis e mescla de pardo.

Cabeça com pontos grossos, esparsos, entre os tubérculos das antenas. Antenas mais longas que o corpo menos um pouco que uma e meia vezes; o escapo e o 3.º artículos subiguais em comprimento; o 4.º mais longo que o 3.º; 5-10 gradualmente decrescentes em comprimento; o 11.º subigual ao 9.º artículo.

Protorax mais largo que longo, lateralmente armado com um tubérculo de aspecto mamilar, de ápice pouco agudo; no disco do pronoto com dois tubérculos robustos e elevados, de ponta romba, separados pela linha mediana do pronoto; nesta, entre os tubérculos centrais e o bordo posterior, com um tubérculo mais baixo e achatado e, de cada lado, no mesmo nível e abaixo dos tubérculos centrais, com um tubérculo menor; a superfície toda do protorax, entre os tubérculos, com pontuação grossa, isolada, um pouco alongada.

Escutelo ascendente, estreitado para o ápice, êste arredondado e levemente deprimido no centro.

Élitros cêrca de três vezes o comprimento do pronoto; com pontuação grossa, alongada, isolada, em toda a superfície; as cristas basais espessadas internamente por uma série de pequenos tubérculos mal formados, do lado externo com um declive abrupto e no topo com uma série de tubérculos rasos, confluentes; úmeros arredondados, externamente tuberculados e, em continuidade, com uma carena sinuosa, rasamente tuberculada, obliqua em direção à sutura, confluindo com outra identica, quase obsoleta, que é prolongamento das cristas basais, e tornando-se evanescente na que-

da apical dos élitros; lados na metade basal dos élitros fortemente escabrosos; ápices com o chanfro reto, os cantos suturais e externos angulosamente arredondados.

COMPRIMENTO: 11.75 mm., largura umeral, 4.75 mm.

LOCALIDADE TIPO: Brasil, Estado de São Paulo, Peruibe, 30.X.1936.

HOLÓTIPO ♀, na coleção do Sr. Hermann Zellibor, de São Paulo.

Esta espécie, conquanto muito distinta das demais do gênero, apresenta certa afinidade no desenho elitral com a descrição de Thomson para o seu *Alphus leuconotus*, mas o desenho é impreciso e só vagamente lembra a figura 2 invertida; por outro lado, a mancha escura entre e abaixo das cristas basais dos élitros, sem ser idêntica, lembra o desenho de *Alphus senilis* Bates, espécie com a qual apresenta também afinidade quanto à estrutura do torax, diferindo apenas nos tubérculos laterais mais robustos e menos agudos.

Tenho o prazer de dedicar esta espécie ao Senhor Hermann Zellibor, de São Paulo, amigo dedicado a quem devo inúmeras oportunidades de estudar os exemplares da sua valiosa coleção de longicórnios.

***Alphus guaraniticus*, sp. n.**

Esta, espécie recebida da Argentina como sendo o *Alphus subsellatus* White, 1855, é muito semelhante à que se encontra nas coleções brasileiras também identificada como aquela espécie (Melzer), mas que corresponde mais perfeitamente à descrição de *Alphus leuconotus* Thomson, 1860. Por outro lado, a espécie que se encontra em nossas coleções identificada como *leuconotus* não corresponde à diagnose de Thomson. Esse *leuconotus*, identificado por Gounelle, nada tem em comum com o *subsellatus* identificado por Melzer.

A diagnose abaixo é diferencial em relação à espécie identificada por Melzer como *subsellatus* White, que julgo ser mais provavelmente o *leuconotus* Thomson.

♀ Tegumento castanho escuro, quase negro; com exceção das partes discriminadas adiante, revestido de densa pilosidade mixta de pêlos pardos e brancos, predominando o pardo. A cor parda é clara (principalmente nos élitros), meio amarelada, com exceção da parte superior da fronte; dos tubérculos das antenas; do pronoto (excepto a parte central); do ápice do escutelo; de pequena área umeral; de uma mancha transversa comum entre as cristas basais dos élitros, acima do desenho branco elitral; de cada lado do desenho branco, junto à reentrância lateral, uma mancha

trianguliforme; uma faixa transversa comum abaixo do desenho branco; de cada lado, próximo aos ápices, uma pequena mancha (além de outras pequenas áreas); todas estas partes de cor mais escura, da tonalidade que vulgarmente se denomina "pêlo de rato". A grande mancha branca comum dos élitros, que se estende das cristas basais à queda elital dos ápices, lembra vagamente a justa-posição de dois 2 invertidos. As antenas são brancas, com as seguintes marcações escuras: no escapo uma mancha externo-basal, um anel indeciso aquém do ápice e pequena mancha apical; no 2.º artículo, uma mancha na face externa, junto ao ápice; o 3.º artículo com uma grande mancha alongada na face externa e o ápice; 4-8 com anel mediano e ápice; 9-11 com a metade distal. Metasterno e abdomen densamente revestidos de pilosidade amarela-sulfurea, revestimento porém mais ralo na linha longitudinal mediana, deixando perceber o tegumento. Pontuação mais grossa que em *subsellatus* (sensu Melzer).

COMPRIMENTO: 12.5-14 mm., largura umeral, 5-5.75 mm.

LOCALIDADE TIPO: República Argentina, Salta, Vespucio, 1.1949; Paraguay, Guairá, Villarrica (A. Maller).

♂ Enquanto que na ♀ o comprimento das antenas atinge apenas 1 1/4 o comprimento do corpo, no ♂ chegam a 1 3/4. Os ♂ ♂ apresentam também os processos esternais, a parte central do metasterno e o ápice do primeiro segmento do abdomen densamente revestidos de pêlos flexíveis, erectos.

COMPRIMENTO: 11-12 mm., largura umeral, 4.25-4.75 mm.

LOCALIDADE: Paraguay, Assunción, V.1944; Coronel Bogado Martinez, XII.1943, Mis. Cientif. Brasil. col.; Paraguay, Guairá, Villarrica (A. Maller).

HOLÓTIPO ♀, na coleção do Dr. Alberto F. Prosen, República Argentina; *alótipo* ♂, na coleção do Departamento de Zoologia, sob o n.º 26.175; *paratipo* ♂, a disposição da Missão Científica Brasileira; 2 paratipos, o e o, na coleção do Dr. Carlos Alberto Campos Seabra, do Rio de Janeiro (exemplares de Villarrica).

Dufauxia, gen. n.

Próximo do gênero *Alphus* do qual difere pelos seguintes caracteres principais: fêmures anteriores muito engrossados, quase sem pedunculo, especialmente no ♀; tíbias encurvadas, mais acentuadamente no ♂; fronte plana; vértice da cabeça elevado; pronoto com o bordo anterior muito curvo e avançado sobre o vértice; 3.º artículo das antenas mais que o dobro do comprimento do escapo; tíbias posteriores encurvadas e angulosas nos dois terços basais, a superfície superior subplana, levemente deprimida. Do gênero *Aethomerus* fica talvez ainda mais próximo, por muitos ca-

racteres estruturais semelhantes, e pelo revestimento escamoso, mas a forma do protorax e as estruturas elitrais são diferentes, assim como a forma da tibia posterior. Em aspecto geral assemelha-se mais aos *Alphus*, devendo ser colocado entre este gênero e *Aethomerus*.

Dufauxia guaicurana, sp. n.

♂ Tegumento castanho muito escuro, com denso e acamado revestimento escamiforme, esbranquiçado e pardacento. Cabeça variegada de branco e pardo escuro, predominando esta última cor; antenas variegadas de branco e pardo claro; protorax com uma faixa lateral esbranquiçada, que se estende pelos lados do pronoto até a base externa dos tubérculos pronotais e que continua pela parte externa dos élitros, alargando-se na região basal destes até a face externa das cristas basais; com duas faixas relativamente largas, de um pardo escuro, carregado, mal definidas, da base interna e posterior dos tubérculos centrais do pronoto até o bordo posterior e prolongadas pela face interna das cristas basais dos élitros; ainda nestes, de cada lado, com uma fina lista escura, situada logo além das cristas basais e entre as cristas laterais e a sutura, atingindo apenas o meio dos élitros; uma faixa longitudinal, também de um pardo carregado, situa-se entre as cristas laterais e a declividade dos élitros; os ápices variegados de algum branco; escutelo esbranquiçado na faixa central e pardo carregado nos lados; lado inferior e pernas esbranquiçados e variegados de pardo.

Cabeça de frente subquadrada, de superfície plana, porém irregular; tubérculos das antenas largamente separados, com ápice agudo; vértice elevado, separado ao meio por um fino sulco; processos jugulares inermes; olhos grossamente granulados, fortemente recortados na frente, com os lobos inferiores distantes do bordo distal dos processos jugulares cerca de um diâmetro longitudinal do lobo, estreitando-se gradualmente até os lobos superiores; estes pequenos, alargados gradualmente até o ápice, afastados no vértice. Antenas longas, $3 \frac{1}{2}$ vezes o comprimento do corpo; com o escapo curto, encorpado, não alcançando o nível dos tubérculos do pronoto; os artículos seguintes lineares, cilíndricos; o 3.º artículo $2 \frac{1}{3}$ vezes o comprimento do escapo; o 4.º mais longo que o 3.º; o 5.º um pouco mais longo que o 3.º e mais curto que o 4.º, subigual ao 7.º; o 6.º um pouco menor que o 3.º; os seguintes mais longos que o 4.º; 9-10 mais longos que o 8.º; o 11.º um nada mais curto que o 8.º.

Protorax mais largo que longo, apenas um pouco mais estreito que os élitros na região umeral; a superfície irregular; com

o bordo anterior curvo e avançado sobre o vértice da cabeça, levemente inciso no meio, formando de cada lado diminuto tubérculo, quase frusto; o bordo posterior sinuoso; de cada lado com um tubérculo obtuso, situado um pouco além do meio; o pronoto com uma carena mediana, longitudinal, desnuda e sinuosa, deixando perceber dos lados a pontuação grossa do protorax, encoberta pelo revestimento escamoso; no disco com dois tubérculos proeminentes, obtusos, separados pela carena central, de situação mais anterior que mediana; entre os tubérculos do pronoto e os tubérculos laterais, com uma depressão longitudinal, um pouco oblíqua, formada por uma série de pontos grossos e confluentes; junto ao bordo posterior também se percebe pontuação grossa.

Escutelo transverso, obliquamente ascendente, espessado, os lados subparalelos, o ápice mui levemente arredondado e com um pequeno tubérculo de cada lado.

Élitros menos que três vezes o comprimento do pronoto; os lados subparalelos, com séries longitudinais de pontos grossos e pequenos calombos; os úmeros arredondados, munidos de pequenos tubérculos; na base de, cada lado, com uma série de pequeninos tubérculos agudos e lustrosos, situados em linha junto ao bordo posterior do pronoto; os ápices arredondados, um pouco dehiscentes na sutura; o dorso subplano; na base com uma crista espessa, de cada lado da sutura, terminada em cima por uma série de 8 e 10 diminutos tubérculos lustrosos; outra série de pequenos tubérculos, em linha curva para dentro, limita de cada lado a parte plana dos élitros, começando logo além das cristas, das quais ficam separadas por uma depressão; na parte posterior aparece uma segunda fileira, mais interna, de tubérculos idênticos; ambas as fileiras atingem o começo da declividade apical dos élitros, sendo esta um tanto escabrosa e encalombada; a parte lateral declive é relativamente larga e reentrante; entre a série de tubérculos laterais e a declividade aparece uma depressão alongada, que abrange toda a extensão da série de tubérculos.

Processo prosternal encurvado, deprimido no meio, alargado para o ápice, fechando a cavidade coxal; processo mesosternal relativamente largo, de superfície desigual e escabrosa, o ápice largo, um tanto subdividido; metasterno transverso, inferiormente entumescido nos lados.

Pernas robustas, com os fêmures muito grossos, os anteriores muito largos no meio e quase sem pedunculo; tibias anteriores curvas, adaptadas a face inferior dos fêmures; tibias médias e posteriores curvas, com os dois terços basais angulosos, a face inferior subplana, a superior deprimida, o ápice mais alargado; as médias sulcadas quase no ápice, as posteriores mais curvas que as médias.

♀ Diferencia-se do ♂ pelas antenas mais curtas, cêrca de 1 1/2 vezes o comprimento do corpo; pelos fêmures menos robustos e as tibias anteriores menos curvas.

COMPRIMENTO: 10.25-12 mm., largura umeral, 4-4.75 mm.

LOCALIDADE TIPO: Brasil, Estado de Mato Grosso, Guaicurus, klm. 1221 da E.F.N.O.B., VIII.1948 e um exemplar colecionado por J. R. Dufaux em 1938.

HOLÓTIPO ♂ e *alótipo* ♀, na coleção do Snr. Hermann Zellibor; um *paratipo* ♂ (Dufaux col.) no Departamento de Zoologia sob o n.º 26.176.

* * *

Agradecemos ao Senhor Giro Pastore as excelentes fotografias que ilustram o presente trabalho.

ABSTRACT

The author describes a new subfamily of Lamiidae, to be included between *Acrocinidae* and *Acanthoderinae*, or perhaps preceding *Acanthocininae*, based on *Elytracantha pugionata*, a new genus and species from the Brazilian States of Espírito Santo and Pernambuco. *Dufauxia guaicurana*, n. gen. n. sp. *Oreoderia charisoma*, n. sp., *Alphus zellibori*, n. sp. from Brazil; *Alphus malleri*, n. sp. from Peru and Brazil, and *Alphus guaraniticus*, n. sp., from the Argentine and Paraguay, are new lamiids also described in this paper.

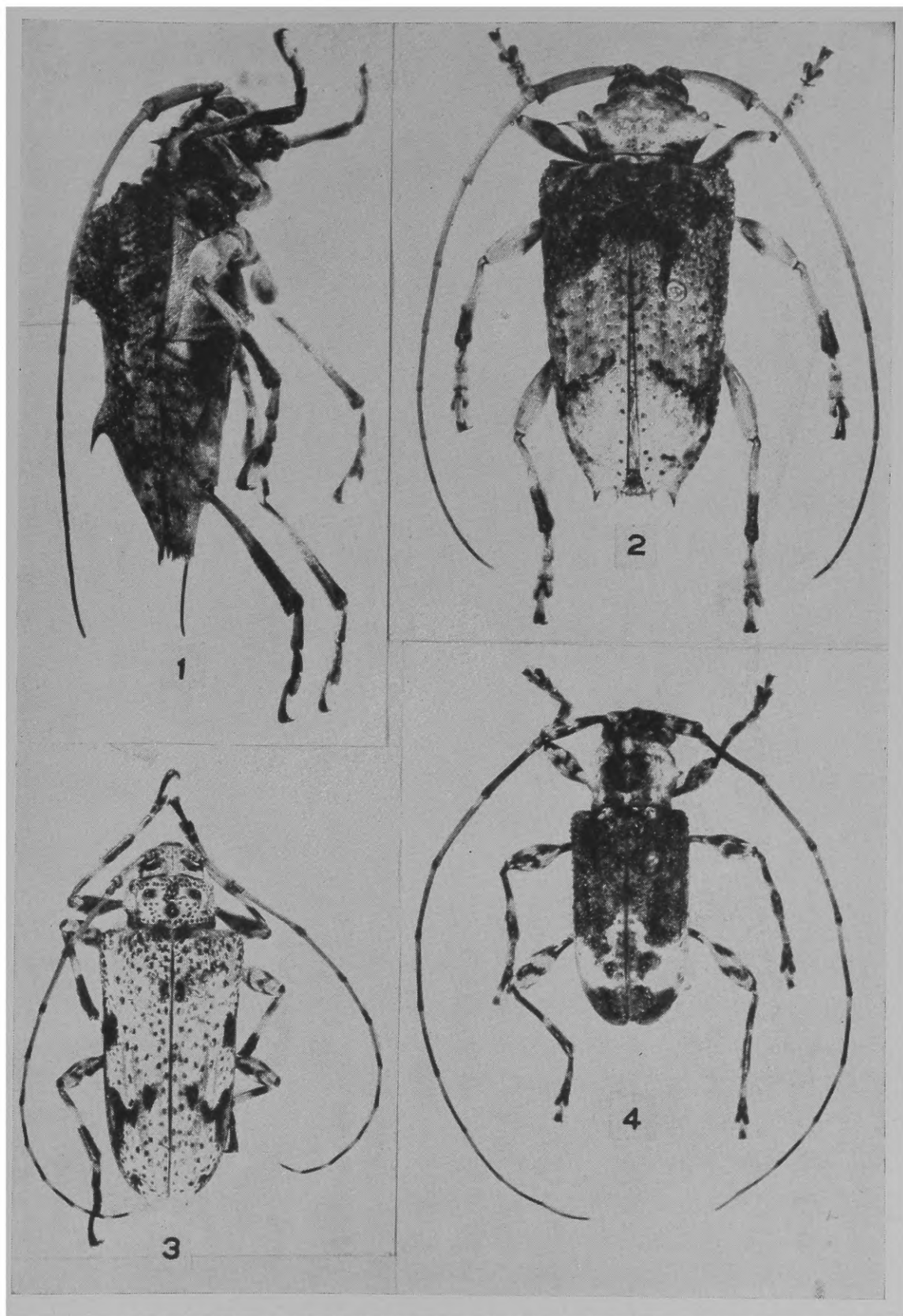


Fig. 1 *Elytracantha pugionata*, sp. n., de perfil, mostrando os espículos elitrais; Fig. 2 *Elytracantha pugionata*, sp. n., aspecto dorsal; Fig. 3 *Oreodera charisma*, sp. n., Holótipo ♀; Fig. 4 *Alphus malleri*, sp. n., Holótipo ♂.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

ASILÍDEOS DA ARGENTINA (*DIPTERA*)

II. *ACZELIA*, NOVO GÊNERO PARA *LAPARUS ARGENTINUS*
WULP, 1882⁽¹⁾

POR

MESSIAS CARRERA

Procurando identificar material procedente da Argentina e pertencente às coleções do Instituto Miguel Lillo, Tucumán, e Museu Britânico, Londres, encontramos 11 exemplares de uma espécie descrita por van der Wulp, 1882, como *Laparus argentinus*. Para esta espécie propomos, neste trabalho, um novo gênero ao qual denominamos *Aczelia* em homenagem ao Dr. Martín L. Aczél do Instituto Miguel Lillo, cuja cooperação para o estudo dos asilídeos argentinos e, conseqüentemente neotrópicos, tem sido inextinguível. Ao Dr. Aczél e ao Dr. H. Oldroyd do Museu Britânico, de onde obtivemos preciosos espécimes, os nossos mais sinceros agradecimentos.

Aczelia, novo gênero

Cabeça mais larga que o tórax; face tão larga quanto $\frac{2}{3}$ da largura de um olho, um pouco saliente na base das antenas e na borda bucal; mistax constituído por cerdas que se situam exclusivamente sobre a margem da boca, sendo nua a depressão que fica entre as duas pequenas saliências faciais; palpos com dois artículos contínuos, $\frac{1}{3}$ do comprimento da probóscida; esta é pontiaguda, tal como em *Diogmites*; fronte com a mesma largura da face e com curtas cerdas nas margens oculares; calo ocelar com 4 cerdas; antenas com os dois primeiros artículos cilíndricos e subiguais; o terceiro artículo quase duas vezes os dois basais reunidos,

⁽¹⁾ A nota I sobre Asilídeos da Argentina foi publicada na revista *Du-senia* 1 (1950) 83-90.

sem pilosidade alguma, levemente deprimido na metade apical da superfície dorsal e tendo uma pequena cavidade no ápice, voltada para o lado externo, com um minúsculo espinho no interior. Tórax com o prosterno isolado do pronoto; êste com um fundo sulco transversal, fina pilosidade na margem anterior e cerdas nos cantos pósteros-laterais; cerdas laterais do mesonoto, bem como as dorso-centrais posteriores muito desenvolvidas; escutelo com um par de cerdas marginais; região pós-escutelar nua lateralmente; nas pleuras só a metapleura é pilosa. Pernas semelhantes às de *Diogmites*, delgadas e mais ou menos longas; esporão no ápice da tíbia anterior desenvolvido; basitarso anterior com uma pequenina crista, erizada de minúsculos espinhos, situada no quarto basal e servindo de encosto à ponta do esporão da tíbia. Pulvilos grandes. Asas com a 4.^a célula posterior e célula anal abertas; nos ♂♂ as asas muito escurecidas, nas ♀♀ mais claras. Abdômen levemente mais estreito no ápice. Genitália do ♂ pequena, globosa, com forceps superiores desenvolvidos; genitália da ♀ com espinhos. Genótipo:

Laparus argentinus Wulp, 1882.

Aczelia é um gênero de *Saropogonini*, subfamília *Dasypogninae*, que apresenta esporão no ápice da tíbia anterior e mantém certa afinidade com *Diogmites* Loew, 1866, *Allopogon* Schiner, 1866 e *Macrocolus* Engel, 1929.

A aparência geral da espécie tipo é a de um *Diogmites*, diferindo nitidamente, porém, das espécies dêste gênero, pela forma do terceiro artícuo antenal, cuja concavidade é sub-apical e não apical, e pela asa, onde a 4.^a célula posterior e a anal são abertas.

Sua distinção com *Allopogon* faz-se facilmente pela menor largura da face, grande comprimento dos pulvilos e nervuras das asas.

A forma das antenas e a disposição das nervuras das asas aproximam *Aczelia* de *Macrocolus*, mas fronte muito alta, calo ocelar e escutelo sem cerdas, não se verificam no gênero que ora descrevemos.

Justifica-se a criação dêste novo agrupamento genérico por não ser possível, como pretendeu van der Wulp, a inclusão de *argentinus* em *Neolaparus* Williston, 1889 (*Laparus* Loew, 1851 é um nome preocupado), cujas espécies apresentam estilo antenal e escutelo sem cerdas, caracteres inexistentes no genótipo de *Aczelia*. Também, na fauna asilidológica neotropical, nunca se nos deparou um *Saropogonini* com esporão na tíbia anterior que, juntamente com antenas desprovidas de estilo, apresentasse abertas as células 4.^a posterior e anal.

O gênero que aqui propomos pode ser reconhecido pela seguinte chave.

- 1 — Esporão apical da tíbia anterior presente 2
 - Ausência de tal esporão vários gêneros
- 2 — Terceiro artículo antenal sem estilo 3
 - Terceiro artículo antenal com estilo vários gêneros, inclusive *Neolaparus*
- 3 — Quarta célula posterior fechada 4
 - Quarta célula posterior aberta 5
- 4 — Escutelo sem cerdas *Mirolestes*, *Blepharepium* e *Phonicocleptes*
 - Escutelo com cerdas *Caenarolia*, *Allopogon*, *Diogmites*, *Neodiogmites* e complexo *Lastaurus*.
- 5 — Escutelo sem cerdas *Macrocolus*
 - Escutelo com cerdas *Aczelia*

Neolaparus foi descrito para uma nova espécie do Brasil, *tabidus* Loew, 1851, sendo, portanto, um gênero monotípico e como tal, de genótipo tácitamente designado na própria espécie que serviu de base para a sua criação. Encontramos em um trabalho de Bromley (1936, *Ann. Transv. Mus.* 8:138) a designação, feita por Engel, de *Dasypogon volcatus* Walker, 1849, espécie de Java, como genótipo de *Neolaparus*, o que não nos parece certo.

Por isso, a não ser que esteja errada a procedência original de *tabidus*, acreditamos que às espécies de *Neolaparus*, descritas de regiões que não a neotrópica, pertençam a outro agrupamento genérico.

A única espécie que até agora conhecemos de *Aczelia* é *Aczelia argentina* (Wulp, 1882), abaixo redescrita.

***Aczelia argentina* (Wulp, 1882) nov., comb.**

Laparus argentinus (Wulp), 1882, Tijdschr. v. Ent. 25:95.

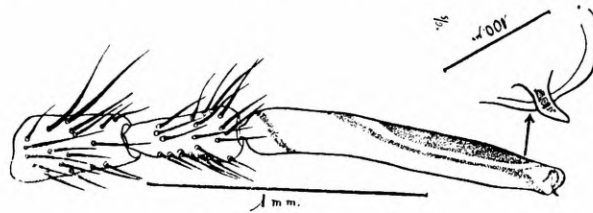
Neolaparus argentinus (Wulp), Williston, 1891, *Trans. Amer. Ent. Soc. Philad.* 18:74; Brèthes, 1907, *An. Mus. Nac. Bs. Aires* 16 (3) :287; Kertész, 1909, *Cat. Dipt.* 4:120.

Redescrição. ♂ ♀ — Comprimento do corpo 16-21 mm.; da asa 12-16 mm.

Cabeça: face revestida de pruina amarelo-esbranquiçada; mistax formado por cerdas amarelo-claras, não muito longas; palpos amarelos com pilosidade esbranquiçada; probóscida preto-brilhante, amarela na base; fronte revestida de pruina amarelo-suja, com pequenas cerdas pretas nas margens oculares; calo ocelar escuro, com 4 cerdas pretas; occipício recoberto de pruina clara ao longo da órbita ocular, castanha no meio, com cerdas e pêlos amarelos, muito claros; barba amarelada; antenas (fig. 1) amarelo-avermelhadas, os dois primeiros artículos com curta e grossa pilo-

sidade preta, às vezes amarela no primeiro; o terceiro com mancha escura se estendendo pela metade apical da superfície dorsal.

Tórax recoberto de pruina amarelo-acastanhada, um pouco mais clara nas pleuras; mesonoto com faixas longitudinais que se distinguem da coloração geral apenas por não estarem recobertas de pruina; curtíssimas cerdas pretas existem por toda a superfície do mesonoto, formando no meio uma linha completa de acrosticais;



Aczelia argentina

Fig. 1 — Antena

cerdas do pronoto e dos calos umerais amarelas; cerdas laterais do mesonoto e dorso-centrais posteriores longas e pretas; duas supra-alares e duas pós-alares; três pares de dorso-centrais posteriores; escutelo escurecido e com duas cerdas pretas marginais; região pós-escutelar com pruina amarelo-escura; metapleura com pilosidade fina e longa de côr esbranquiçada.

Pernas amarelo-avermelhadas (os fêmures posteriores às vezes são pretos ou, pelo menos, mais escuros); coxas revestidas de pruina cinza com cerdas amarelas; pilosidade das quatro pernas anteriores amarela, do par posterior preta, como também em todos os artículos tarsais; cerdas curtas, fortes e pretas. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas (figs. 2 e 3) bastante escuras nos ♂♂, havendo regiões claras nas células apicais e estreitamente na margem posterior; nas ♀♀ as asas são levemente amareladas, mas às vezes existe um pequeno escurecimento ao longo das nervuras; nervura transversa posterior pouco além do meio da célula discal; esquâmula pequena. Halteres amarelo-avermelhados.

Abdômen, nos ♂♂, amarelo-avermelhado, exceto o primeiro tergito, a base do segundo, o sexto e o sétimo que são pretos; nas ♀♀, a côr do abdômen difere da dos ♂♂ porque os últimos tergitos são também amarelo-avermelhados e os segmentos 5-8 são brilhantes (em algumas fêmeas, a porção mediana dorsal dos tergitos apresenta extensas manchas pretas); sobre os segmentos basais, onde a côr é preta, existe alguma pruina amarela e, nos lados do primeiro tergito, cerdas amarelas desenvolvidas; a pilosidade é bastante curta e preta. Genitália do ♂ preta com abundante pilosidade preta; genitália da ♀ preto-brilhante, com manchas avermelhadas e espinhos castanho-escuros.

Material examinado. — 6 ♂♂ e 5 ♀♀, sendo os exemplares números 24.884 e 24.885 pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo e os restantes às coleções do Instituto Miguel Lillo, Argentina (2 ♂♂)

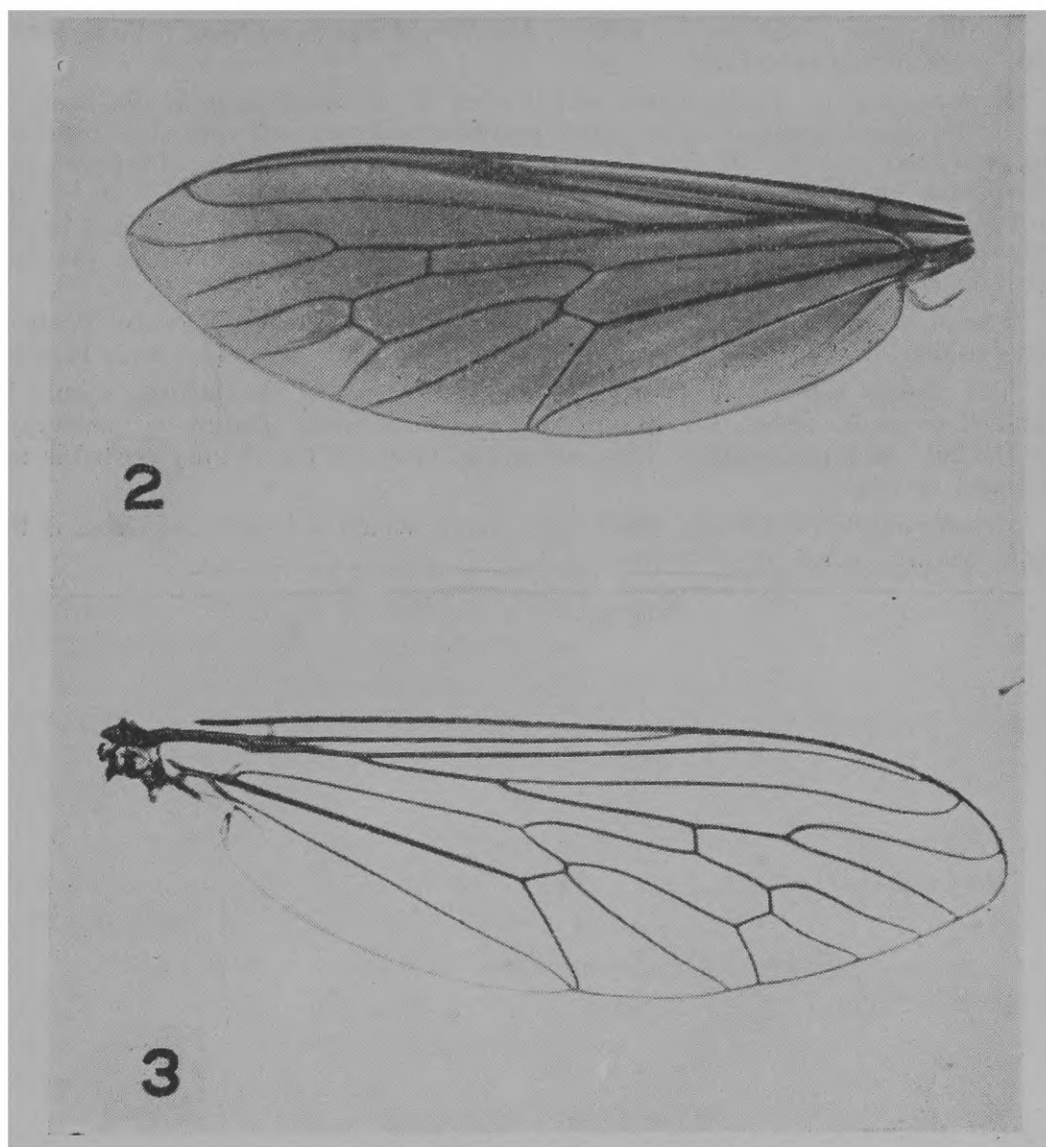


Fig. 2 — Asa do ♂

Fig. 3 — Asa da ♀

e do Museu Britânico, Inglaterra (3 ♂♂ e 4 ♀♀). Como só a fêmea desta espécie foi descrita, elegemos alótipo um exemplar macho que será depositado na coleção do Instituto Miguel Lillo.

Procedência do material. — Argentina, Tucumán, Amaicha del Valle, 1.800 metros, dezembro de 1945 (A. Willink) (alótipo); Salta, Cafayate, janeiro de 1950 (Willink & Monrós), janeiro de 1948 (Wygodzinsky); La Rioja, Patquia, dezembro de 1932 —

fevereiro de 1953 (Hayward); Mendoza, 1927 (F. & M. Edwards), Lavalley, janeiro de 1946 (Willink).

A B S T R A C T

In this paper a new genus, *Aczelia*, for *Neolaparus argentinus* (Wulp, 1882), from Argentina is proposed.

It is a genus of *Saropogonini* which presents an apical spur in the front tibiae, undeveloped antennal style, fourth posterior and anal cell open, and scutellum with marginal bristles. It may be distinguished from *Diogmites*, *Allopogon* and *Macrocolus* by the following characters: from *Diogmites* by the shape of the third antennal segment and by the structure of the wing; from *Allopogon* by the narrower face, longer pulvilli, and venation; from *Macrocolus* by the face which is not so high and marginal scutellar bristles.

The inclusion of *argentinus* in *Neolaparus*, as was done by van der Wulp is not advisable owing to the shape of the antennae and the scutellum with bristles.

The author believes that extra-neotropical species of *Neolaparus* should be excluded from the genus, whose type species (*Neolaparus tabidus*, by monotypy) has "Brasil" as type-locality. This, of course, provided the locality record is not proven erroneous.

Aczelia argentina (Wulp, 1882), nov. comb., which is here redescribed, is the unique known species of *Aczelia*.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

OSTEOMIELITE APÓS FRATURA BILATERAL DO CORPO DA MANDÍBULA DO PORCO DO MATO (*TAYASSU* *PECCARI* FISCHER), COM CURA ESPONTÂNEA

POR

OCTAVIO DELLA SERRA

As fraturas em geral, e de modo particular, as do corpo da mandíbula, são extremamente raras nos vertebrados, em razão da solidês dêsse segmento esquelético.

Também é raridade a consolidação da fratura mandibular, por isso que, se os fragmentos ósseos deslocados não mais permitem os movimentos habituais do ato mastigatório, o animal rapidamente sucumbe por inanição.

Ao que me parece, segundo pude verificar através da literatura ao meu alcance, o caso que vou relatar jamais foi descrito, pelo menos para a espécie animal em aprêço.

Para melhor entendimento daquilo que provàvelmente aconteceu com o espécime que apresento nesta nota, é mister esclarecer algo sôbre os efeitos causados pelos projéteis de arma de fogo, sôbre os ossos em geral.

A lesão do osso atingido é governada por diversos fatores, entre os quais há que destacar os seguintes:

- a. — o tipo do projétil (bala, granada etc.)
- b. — a velocidade do projétil
- c. — o ângulo de incidência do projétil
- d. — as características arquitetônicas do osso que recebe o trauma.

No caso presente, o projétil causador do traumatismo foi uma bala de calibre 32 milímetros. De uma maneira geral, êsses projéteis tendem a produzir fraturas cominutivas, não obstante essa ocorrência depender muito mais do ângulo de incidência da bala

sobre o osso. Assim, quando o projétil atinge a superfície óssea perpendicularmente, provoca a sua perfuração, quase sem perda de tecido, e sem produzir cominuição extensa. Porém, se a bala choca-se contra o osso segundo um ângulo de incidência agudo, determina cominuição extensa, com escassa perda de tecido duro.

Mas, isso não é tudo, pois, a maior resistência oferecida pelo osso à penetração do projétil é outro fator capaz de determinar cominuição em grau maior.

Para o caso que relato nesta nota, os fatores ângulo de incidência agudo e a maior resistência da compacta óssea foram, sem dúvida, os responsáveis pela extensa cominuição verificada.

A peça que apresento foi-me confiada pelo Sr. José Carlos Reis Magalhães, que mui gentilmente permitiu-me descrevê-la, bem como forneceu as informações relativas ao caso. As fotografias que ilustram esta comunicação foram executadas pelo Dr. Lauro Travassos Filho (*). A ambos apresento os meus agradecimentos.

Relatou-me o Sr. Reis Magalhães, que ao abater êsse magnífico exemplar o fez mais por se tratar de espécime bem mais volumoso dos que tinha visto até então. Na ocasião que abateu êsse troféu de caça, como não dispusesse de instrumental e drogas necessárias para o preparo e conservação da pele e do esqueleto, limitou-se a decepar a cabeça do animal, sepultando-a imediatamente. Alguns meses mais tarde, o referido senhor teve a oportunidade de retornar à mesma zona de caça, (Fazenda Itaquerê, Bôa Esperança do Sul), e então exumou a peça. Para sua grande surpresa, o esqueleto cefálico estava bem conservado, e ainda mais, mostrava estranha anormalidade.

A fratura cominutiva da mandíbula foi produzida, como já referi, por bala de calibre 32 milímetros, e complicou-se de osteomielite, consequência da exposição e infecção do osso pelos tecidos moles da boca do animal (Fig. 1 e 2).

A lesão está localizada no terço médio de ambos os lados do corpo da mandíbula, e é caracterizada por fratura cominutiva completa do lado esquerdo, e incompleta no lado direito.

Pelo que deparei, através do exame da peça, o projétil determinou fratura cominutiva da porção esquerda do corpo da mandíbula, com a formação, no ponto de impacto da bala, de dois fragmentos grandes e alguns outros pequenos. Com efeito, a face externa do segmento esquerdo do corpo do osso mostra sinais do traço de separação entre os aludidos fragmentos, como é bem visível na figura 3.

(*) As fotografias foram executadas com aparelhos obtidos com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas.



Fig. 1 — Esqueleto cefálico do porco do mato visto pela norma lateral esquerda.

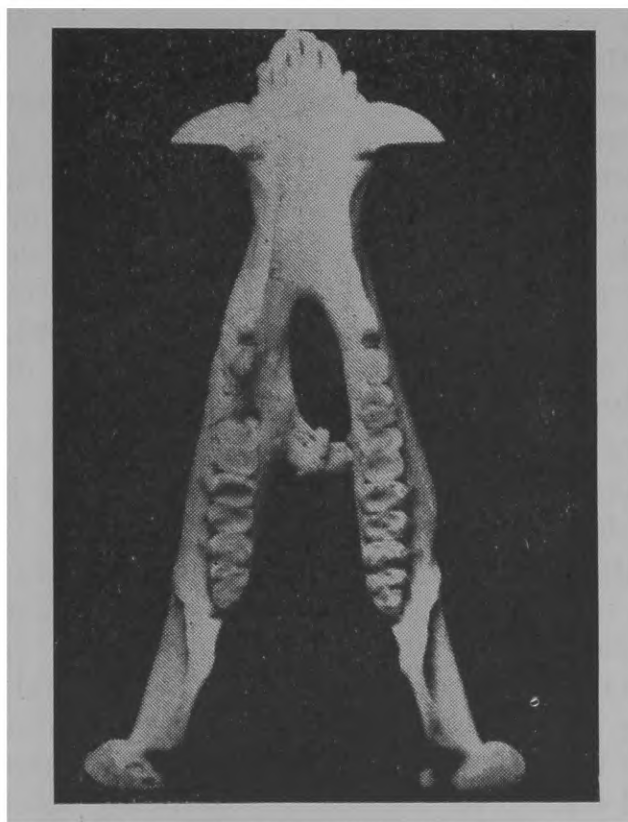


Fig. 2 — Mandíbula vista pela norma vertical. Notar a ausência do P3 esquerdo, a ponte óssea e a exuberância do calo ósseo da face interna do segmento esquerdo.

O traço de fratura tem origem ao nível da zona do alvéolo do P3 esquerdo, daí dirigindo-se para a borda inferior do osso, bifurcando-se após curto trajeto. O conjunto dos vários traços de fratura lembra o Y invertido, de cujos ramos de bifurcação, o anterior vai ter próximo da sinostose mandibular, e o posterior, descrevendo um trajeto em zig-zag, atinge a borda inferior do corpo do osso.

Os referidos traços de fratura são mui irregulares, pois irregular também foi a fratura, ulteriormente complicada pela instalação de ósteomielite.

As irregularidades ósseas que acabo de enumerar, em particular as da compacta da mandíbula, são bem visíveis na figura 3, onde se constata alguns orifícios anormais. Êsses buracos, de configuração tão irregular, dão acesso a cavidades anfractuosas situadas no seio da esponjosa mandibular. Dentre todos os orifícios, há um, relativamente grande, situado junto da borda inferior do osso, que dá acesso a uma cavidade anfractuosa, em cujo fundo ve-se o desarranjo arquitetural da esponjosa, bem como alguns sequestros (Fig. 4). Os sequestros, de um lado, e o desarranjo arquitetural da esponjosa, do outro, me permitem afirmar que, por ocasião da morte, o animal era portador de ósteomielite em evolução com fistula óssea.

O exame atento da região fez-me levar o diagnóstico retrospectivo ainda mais longe. Ao que tudo me leva a crêr, o próprio feixe vâsculo-nervoso dental inferior foi atingido e lesado pelo projétil, pois, a cateterização do canal continente não mostra continuidade entre suas porções anterior e posterior. A sonda introduzida pelo canal dental inferior, exterioriza-se por uma abertura larga existente na tábua externa do osso, que mantém comunicações, através de canais tortuosos, com outros orifícios existentes na borda inferior do osso.

Sondei, por via retrógrada, o duto mentoniano e o segmento anterior do canal dental inferior, e constatei sua interrupção ao nível do foco de fratura.

Mais ao alto, junto da raiz méso-vestibular do M1 esquerdo, há um orifício circular, através do qual se vê o lóculo alveolar da dita raiz, que se mostra parcialmente reabsorvida (risólise). Parece-me que houve, aí, formação de abcesso dental, com destruição do alvéolo e fistulização para a tábua externa do osso. O mesmo aspecto verifiquei ao nível da raiz méso-lingual dêsse dente, apenas aqui o processo patológico foi menos severo (Fig. 3).

O P3 inferior está ausente, e o seu alvéolo desapareceu por reabsorção. Parece-me provável que a queda dêsse dente tenha sido provocada pelo processo inflamatório instalado no peridente, e não por avulsão traumática.

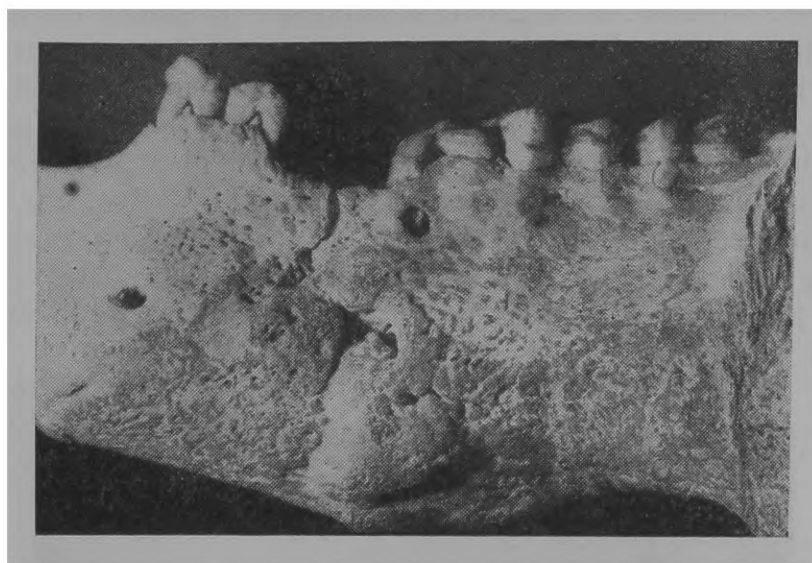


Fig. 3 — Face externa do segmento esquerdo do corpo mandibular. Notar os orifícios, fendas e outras irregularidades do osso.

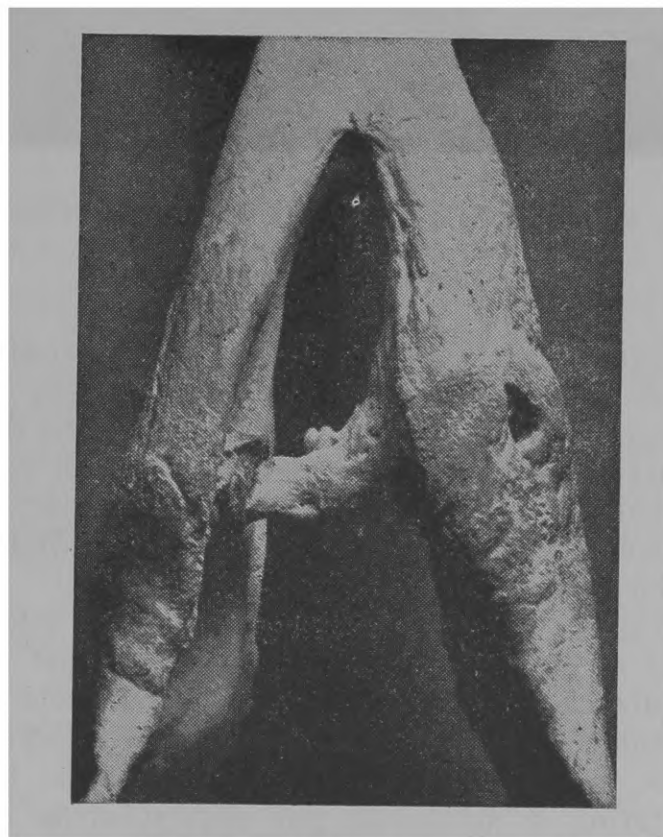


Fig. 4 — Mandíbula vista pela norma basial. Notar a bala engastada na face interna do lado direito.

Na face interna do segmento esquerdo do corpo da mandíbula, constatei outras alterações importantes. O que primeiro atraiu-me a atenção, foi a existência de volumosa ponte óssea, irregularmente conóide, obliquamente dirigida para baixo e para trás, (indicando o trajeto seguido pela bala), em direção à face interna da hemi-mandíbula direita, e desta separada por um intervalo de três milímetros mais ou menos. A ponte óssea é repleta de pequenas espículas ósseas e com base de implantação correspondendo à zona média da face externa do corpo da hemi-mandíbula esquerda (Fig. 5).



Fig. 5 — Mandíbula vista pela norma dorsal. Observar a ponte óssea desde sua base até o ápice, e em face dêste, a bala engastada.

Na face externa do lado direito do corpo encontrei sinais da consolidação de três fragmentos ósseos, situando-se o maior (como se vê na figura 6), em plena face externa, e os dois menores, junto da borda inferior do osso. Não notei, na referida zona, qualquer indício da existência de um processo de osteomielite. Muito ao contrário, estou convencido que a consolidação da fratura deu-se por primeira intenção.

O mesmo não posso dizer a respeito da face interna do osso, pois, encontrei aí fendas e orifícios irregulares que indicam processo de fistulização por osteomielite, consequência da presença de corpo estranho, representado pelo projétil causador da fratura. A bala acha-se engastada na face interna do osso, bem junto de sua borda inferior, e margeada por excrescências ósseas.

A sondagem do canal permitiu-me verificar sua total permeabilidade, e portanto, a integridade do seu conteúdo. O mesmo não

ocorreu com os vasos e nervos milo-hioídeos, provavelmente esmagados pelo projétil, ou estrangulados pela exuberância do calo ósseo.

Em resumo, a fratura cominutiva e a osteomielite terminaram pela cura, sinão com restituição anatômica *ad integrum*, pelo menos com boa recuperação funcional. Não obstante as condições anatômicas serem diferentes, houve reforçamento do corpo da mandíbula, por tecido ósseo arquiteturalmente diverso do habitual.

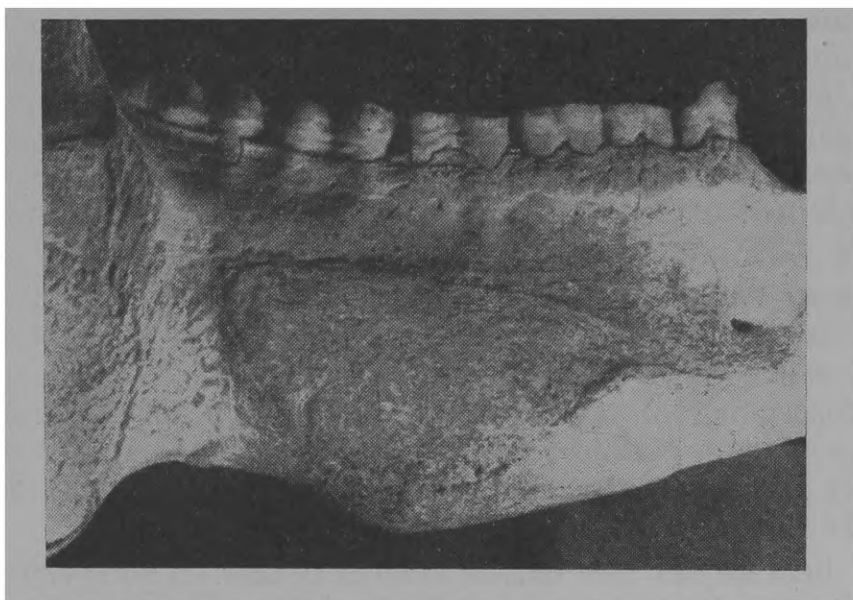


Fig. 6 — Face externa do segmento direito do corpo mandibular. Notar os traços de separação entre os fragmentos resultantes da fratura.

e formação de uma ponte óssea entre os dois segmentos do corpo da mandíbula. Houve, também, secção completa do feixe vásculo-nervoso dental inferior esquerdo, e de ambos os feixes vásculo-nervosos milo-hioídeos.

Como se depreende da descrição que vem de ser feita, o lado esquerdo do corpo mandibular sofreu fratura transversal total. Ora, os músculos mastigadores, que neste animal são bastante potentes, devem ter feito sentir sua ação, no sentido de deslocar os fragmentos em presença. Também os músculos abaixadores da mandíbula (milo-hioídeo e ventre anterior do digástrico), apesar de paralizados, em face da provável secção completa de seus nervos motores, devem ter atuado, pelo menos inicialmente, afastando ainda mais os fragmentos em presença. Mas, apesar das influências musculares em jogo, a consolidação da fratura ocorreu com boa coaptação, sem desvios maiores que os conseqüentes da exuberância do calo ósseo.

Como explicar os fatos citados, frente a ação dos músculos mastigadores? Como explicar que o animal tenha podido mastigar e manter-se com vida a fim de consolidar o osso fraturado?

A meu vêr, a explicação não é fácil de ser dada. Algumas hipóteses podem ser formuladas, porém, nenhuma delas por si só pode abranger todos os fatos que devem ter ocorrido.

A primeira hipótese é que não houve fratura completa do segmento corpóreo esquerdo, e a porção remanescente foi capaz de suportar a carga mastigatória, garantindo assim a consolidação da fratura. De fato, se não houve fratura completa, isso só pode ter acontecido ao nível da esponjosa, pois, a compacta mandibular mostra indícios seguros de fratura completa. Não posso acreditar, a menos que me demonstrem o contrário, que a esponjosa mandibular seja capaz de, por si só, suportar a pressão mastigatória desenvolvida por êsses animais, dotados de potentíssima musculatura mastigadora.

Na segunda hipótese, que me parece a mais viável, os fragmentos ósseos puderam ser mantidos em boa posição pela ação dos tecidos moles vizinhos do foco de fratura. E' provável, que a fibromucosa gengival, o periósteo, a tela sub-cutânea e os músculos cutâneos tenham podido garantir não só a coaptação dos fragmentos, mas também tenham impedido a ação deslocadora dos músculos da mastigação.

E' bem de vêr que outros fatores devem ter intervido na manutenção dos fragmentos em boa posição. O engrenamento dos diversos fragmentos, cada um dêles solidarizado à fibro-mucosa gengival e ao periósteo, a pele e a tela sub-cutânea, são outras tantas estruturas capazes de manter os fragmentos em presença.

Não é descabido dizer-se da influência dos dentes, no sentido de impedir o deslocamento dos fragmentos. Com efeito, o articulado dental dêsses animais é de molde a impedir a ampla excursão lateral (movimentos de didução), porém, permite movimentos mais ou menos grandes de abertura e fechamento da bôca. O desgaste mais acentuado dos dentes jugais do lado esquerdo, em detrimento daqueles do lado direito, é indício de funcionamento mastigatório de ambos os lados, mas também, sinal da existência de uma espécie de ruminação espástica, causada pelo contato permanente dos dentes entre si, por ação da musculatura mastigadora.

A hipoestesia dos tecidos da região traumatizada, bem como do dente e do paradente, devem ter contribuindo para a continuidade da função mastigatória.

Acredito que a sobrevivência do animal só foi possível pelas razões enumeradas, e que a consolidação da fratura e a cura da osteomielite devem ter levado tempo bastante longo.

R E S U M O

O Autor relata caso inédito de traumatismo da mandíbula do porco do mato (*Tayassu peccari*), causada por projétil de arma de fogo calibre 32 milímetros, com fratura total no lado esquerdo e parcial no lado direito do corpo do osso. A contaminação do foco de fratura acarretou processo de ósteomielite em ambos os lados. Os feixes vâsculo-nervosos milo-hioídeos e dental inferior esquerdo foram seccionados. consolidação da fratura deu-se com a formação de uma ponte óssea unindo ambos os lados do corpo mandibular, e cura espontânea da ósteomielite. O autor formula algumas hipóteses para explicar a continuação do ato mastigatório, e por isso, a sobrevivência do animal.

A B S T R A C T

The author presents a hitherto unreported case of injury of the mandible of *Tayassu peccari* caused by a 32 gauge bullet, with complete fracture on the left side and partial fracture on the right. The contamination of the wound produced bilateral osteomyelitis. There was section of the mylo-hyoideus and left inferior dental vascular and nervous bundles. Consolidation of the fracture was accompanied by the formation of a osseous bridge between both sides of the mandibular body and spontaneous cure of the osteomyelitis. The author presents some hypothesis to explain the permanence of mastication and consequently the survival of the animal.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

TRICLADIDA TERRICOLA DAS REGIÕES DE TERESÓPOLIS
E UBATUBA

POR

CLAUDIO GILBERTO FROEHLICH

Durante o inverno de 1952, minha senhora, Dra. Eudoxia Maria Froehlich e eu realizamos duas excursões à região de Teresópolis (inclusive Barreira) com o fim de coligir material de turbelários terrestres. As excursões foram possíveis graças a um subsídio do Conselho Nacional de Pesquisas, ao qual mais uma vez agradecemos. A escolha do local deveu-se à circunstância de ter sido Teresópolis visitada pelos naturalistas Goeldi (por volta de 1880), Bresslau (1913-1914 e 1929) e Schirch (1914 e seguintes), que aí coligiram vermes do referido grupo, e de diversas das espécies depois descritas [Graff, 1899 (material de Goeldi); Riester, 1938 (material de Bresslau) e Schirch, 1929] apresentarem um "status" taxonômico pouco satisfatório. Coligimos, no total, cerca de 100 vermes, distribuídos em 32 espécies, 30 das *Geoplanidae*, 1 das *Rhynchodemidae* e 1 das *Bipaliidae*. Parte deste material já foi estudada (du Bois-Reymond Marcus, 1955; Froehlich, E. M., 1955; Froehlich, C. G., 1955a e 1955b); as espécies restantes são apresentadas neste trabalho. Destas, algumas ocorrem também em Ubatuba, razão pela qual aqui incluímos o estudo do material por nós coligido nessa cidade (setembro de 1951, setembro de 1952 e julho de 1955). O trabalho trata ainda de algumas espécies colecionadas no Rio de Janeiro pelo Snr. Hans Becker, a quem somos reconhecidos.

LISTA DAS ESPÉCIES COLIGIDAS EM TERESÓPOLIS (ALTO,
VÁRZEA, P.N. SERRA DOS ÓRGÃOS)

- | | |
|-----------------------------|-------------------------------|
| 1. <i>G. applanata</i> Gr. | 5. <i>G. splendida</i> Gr. |
| 2. <i>G. bergi</i> (?) Gr. | 6. <i>G. goettei</i> Sch. (1) |
| 3. <i>G. multicolor</i> Gr. | 7. <i>G. plana</i> Sch. (1) |
| 4. <i>G. sexstriata</i> Gr. | 8. <i>G. goetschi</i> Riest. |

- | | |
|---|--|
| 9. <i>G. pseudorhynchodemus</i> Riest. | 19. <i>G. fragai</i> C. Froeh. |
| 10. <i>G. pseudovaginuloides</i> Riest. | 20. <i>G. jandira</i> C. Froeh. |
| 11. <i>G. quagga</i> Marcus | 21. <i>Geobia subterranea</i> (Fritz Müller) (²) |
| 12. <i>G. caissara</i> E. Froeh. (¹) | 22. <i>Choeradoplana iheringi</i> Gr. |
| 13. <i>G. cassula</i> E. Froeh. (¹) | 23. <i>Issoca rezendei</i> (Sch.) (²) |
| 14. <i>G. matuta</i> E. Froeh. (¹) | 24. <i>I. piranga</i> C. Froeh. (²) |
| 15. <i>G. tamoia</i> E. Froeh. (¹) | 25. <i>Xerapoa</i> sp. (²) |
| 16. <i>G. trigueira</i> E. Froeh. (¹) | 26. <i>Rhynchodemus? hectori</i> Gr. (³) |
| 17. <i>G. yara</i> E. Froeh. (¹) | 27. <i>Bipalium kewense</i> Mos. |
| 18. <i>G. oliverioi</i> C. Froeh. (¹) | |

LISTA DAS ESPÉCIES COLIGIDAS EM BARREIRA

- | | |
|-----------------------------------|---------------------------------------|
| 1. <i>G. vaginuloides</i> (Darw.) | 7. <i>G. zebroides</i> Riest. |
| 2. <i>G. applanata</i> Gr. | 8. <i>G. tapetilla</i> Marcus |
| 3. <i>G. bergi</i> Gr. | 9. <i>G. caissara</i> E. Froeh. (¹) |
| 4. <i>G. sexstriata</i> Gr. | 10. <i>G. tamoia</i> E. Froeh. (¹) |
| 5. <i>G. barreirana</i> Riest. | 11. <i>G. trigueira</i> E. Froeh. (¹) |
| 6. <i>G. goetschi</i> Riest. | 12. <i>Ch. catua</i> C. Froeh. (²) |

LISTA DAS ESPÉCIES COLIGIDAS EM UBATUBA

- | | |
|--------------------------------------|---|
| 1. <i>G. burmeisteri</i> M. Schultze | 8. <i>G. cafusa</i> , sp. n. |
| 2. <i>G. bergi</i> Gr. | 9. <i>G. picta</i> , sp. n. |
| 3. <i>G. barreirama</i> Riest. | 10. <i>Issoca rezendei</i> (Schirch) (²) |
| 4. <i>G. goetschi</i> Riest. | 11. <i>Kontikia orana</i> C. Froeh. (²) |
| 5. <i>G. tapetilla</i> Marcus | 12. <i>Rhynchodemus sciurus</i> du B. R. Marcus |
| 6. <i>G. taxiarcha</i> Marcus | 13. <i>Bipalium kewense</i> Mos. |
| 7. <i>G. caissara</i> E. Froeh. (¹) | |

ESPÉCIES DO RIO DE JANEIRO

- | | |
|--------------------------------------|---------------------------------|
| 1. <i>G. burmeisteri</i> M. Schultze | 4. <i>G. caissara</i> E. Froeh. |
| 2. <i>G. barreirana</i> Riest. | 5. <i>Bip. kewense</i> Mos. |
| 3. <i>G. tapetilla</i> Marcus | |

As espécies assinaladas com (¹), (²) e (³) foram já estudadas, respectivamente, por (1) E. Froehlich (1955a), (2) C. Froehlich (1955a) e (3) du Bois-Reymond Marcus (1955), não sendo, com exceção de *G. caissara*, incluídas no presente trabalho.

Família GEOPLANIDAE Stimpson

Gênero **Geoplana** Fr. Müll.

Geoplana Fritz Müller 1857, p. 23 (tipo do gênero: *Planaria vaginuloides* Darwin, por designação de E. Froeh. 1955, p. 293)
Geoplana C. Froehlich, 1955a, p. 208

Geoplana vaginuloides (Darwin)

Planaria vaginuloides Darwin 1844, p. 244 [loc. típica: Rio de Janeiro, Brasil]
Geoplana vaginuloides Graff 1899, p. 331; Riester 1938, p. 72; Marcus 1951, p. 54; 1952, p. 76

OCORRÊNCIA — Barreira: 4 exemplares em 19.VII.1952.

Dos quatro exemplares coligidos em Barreira, 3 pertencem ao tipo de colorido correspondente ao do verme n.º 460/1914 de Breslau (Riester 1938, p. 72; veja-se também Marcus, 1952, p. 76). A faixa vermelhão mediana quase atinge as extremidades, que são pretas. As estrias brancas laterais terminam a ca. 3 mm. de ambas as pontas. Dêstes 3 exemplares, o maior e único maduro mede, depois de fixado, 34 mm. de comprimento por 3,5 mm. de largura. A bôca situa-se a 21,0 e o gonóporo a 24,6 mm. da extremidade anterior.

O quarto exemplar tem colorido semelhante ao do verme 574/ 1914 (Riester l.c., est. 1 f. 21). E' ainda jovem, tendo 17,5 mm. de comprimento por 2,5 mm. de largura. A bôca está a 11,5 mm. da ponta anterior.

***Geoplana burmeisteri* Max Schultze**

Geoplana burmeisteri M. Schultze, 1857, p. 33 [loc. típica: Rio de Janeiro: D.F., Brasil]; C. Froehlich, 1955b, p. 190.

OCORRÊNCIA — Rio de Janeiro: (Barra da Tijuca, ca. 800 m. de altitude). 1 exemplar em 8.II.1953 (H. Becker col.)

Ubatuba: 1 exemplar em 2.IX.1951; 1 em I.IX.1952. Comum nesta localidade.

***Geoplana applanata* Graff**

(Figs. 1-2)

Geoplana applanata Graff, 1899, p. 307 [loc. típica: baixo Rio Pomba, Estado do Rio de Janeiro]; C. Froehlich 1955b, p. 192

Geoplana notophthalma Riester, 1938, p. 52

OCORRÊNCIA — Teresópolis: 16 exemplares coligidos, em junho e julho de 1952. Muito comum nessa localidade.

Barreira: Comum também nessa localidade, julho de 1952.

O padrão básico de colorido desta espécie é de pintas e pontinhos pretos sobre fundo mais claro. A côr de fundo é variável, amarelo-clara ou amarelo-esverdeada nos espécimes mais claros, ferrugínea em alguns, castanho-escuro nos mais escuros. O ventre é de côr de tijolo mais ou menos intensa.

Os maiores exemplares por nós coligidos tinham, em reptação, 120 mm. de comprimento por 12 mm. de largura. As médias das medidas de 12 vermes conservados são: comprimento, 58,4 mm.; largura, 8,4 mm.; bôca a 37,3 e gonóporo a 45,8 mm. da extremidade anterior. As dimensões do maior dêstes vermes são 82 x 14 mm., bôca a 50,5 e gonóporo a 62,5 mm. da ponta

anterior; as do menor, 39 x 6,5 mm., bôca a 26,5 e gonóporo a 32 mm. da ponta anterior.

O exemplar maior foi cortado para estudo anatômico. Sua anatomia corresponde à do tipo dos vermes “grandes, largos e achatados”. A distribuição das glândulas cutâneas e dos rabdoídes é semelhante à de *G. divae* Marcus (C. Froehlich, 1955a, p. 214); não verifiquei, porém, glândulas eritrófilas na sola. São também semelhantes aos de *G. divae* a musculatura, o sistema nervoso, a disposição dos testículos e o sistema eferente masculino.

A faringe (Fig. 1) é cilíndrica, com a inserção dorsal um pouco afastada e com orla muito dobrada, coincidindo com a descrição de Riester (1938, p. 56).

O aparelho copulador (Fig. 2) concorda também com o desenho e com a descrição de Riester (l.c., p. 55 f. 61, p. 56). Os ductos eferentes (d), cheios de espermatozoides, desembocam nos trechos entais, pares, da vesícula seminal (s). Esta, localizada fora do bulbo, tem forma muito irregular devido à parede dobrada e a numerosas pequenas expansões. Desembocam na vesícula glândulas eritrófilas (y) sub-epiteliais. A papila penial é grande e aproximadamente campanuliforme. O ducto ejaculatório (e) desemboca na ponta de um processo cônico, constrangido na base, da papila penial. Os oviductos (o) sobem atrás do gonóporo (g) e desembocam no ducto glandular comum (q). Glândulas da casca (z) desembocam aí e nos trechos ectais dos oviductos. O ducto glandular dirige-se para trás e volta-se para o ventre; continuando-se com o átrio feminino (f). Êste, que não se distingue nitidamente do masculino (a), é pouco mais longo e estreito que no exemplar de Riester.

Um dos vermes coligidos botou em 25.VII.52 uma cápsula de ovos. A eclosão verificou-se 20 dias mais tarde (14.VIII.52), saindo da cápsula 5 filhotes. O maior dos conservados mede 15 x 3,5 mm. O colorido, se bem que mais pálido, lembra o dos adultos.

***Geoplana bergi* Graff.**

Geoplana bergi Graff, 1899, p. 323 [loc. típica: São Paulo, Brasil]

Geoplana meixneri Riester, 1938, p. 11 [loc. típica: Teresópolis, Est. Rio de Janeiro, Brasil]

Geoplana bergi (?) Riester, 1938, p. 16

Geoplana bergi Marcus, 1951, p. 58; C. Froehlich, 1955a, p. 212

OCORRÊNCIA — Teresópolis: 1 fragmento, provavelmente desta espécie, 16.6.1952.

Barreira: 1 exemplar em 20.VII.1952.

Ubatuba: 1 exemplar em 6.VII.1955.

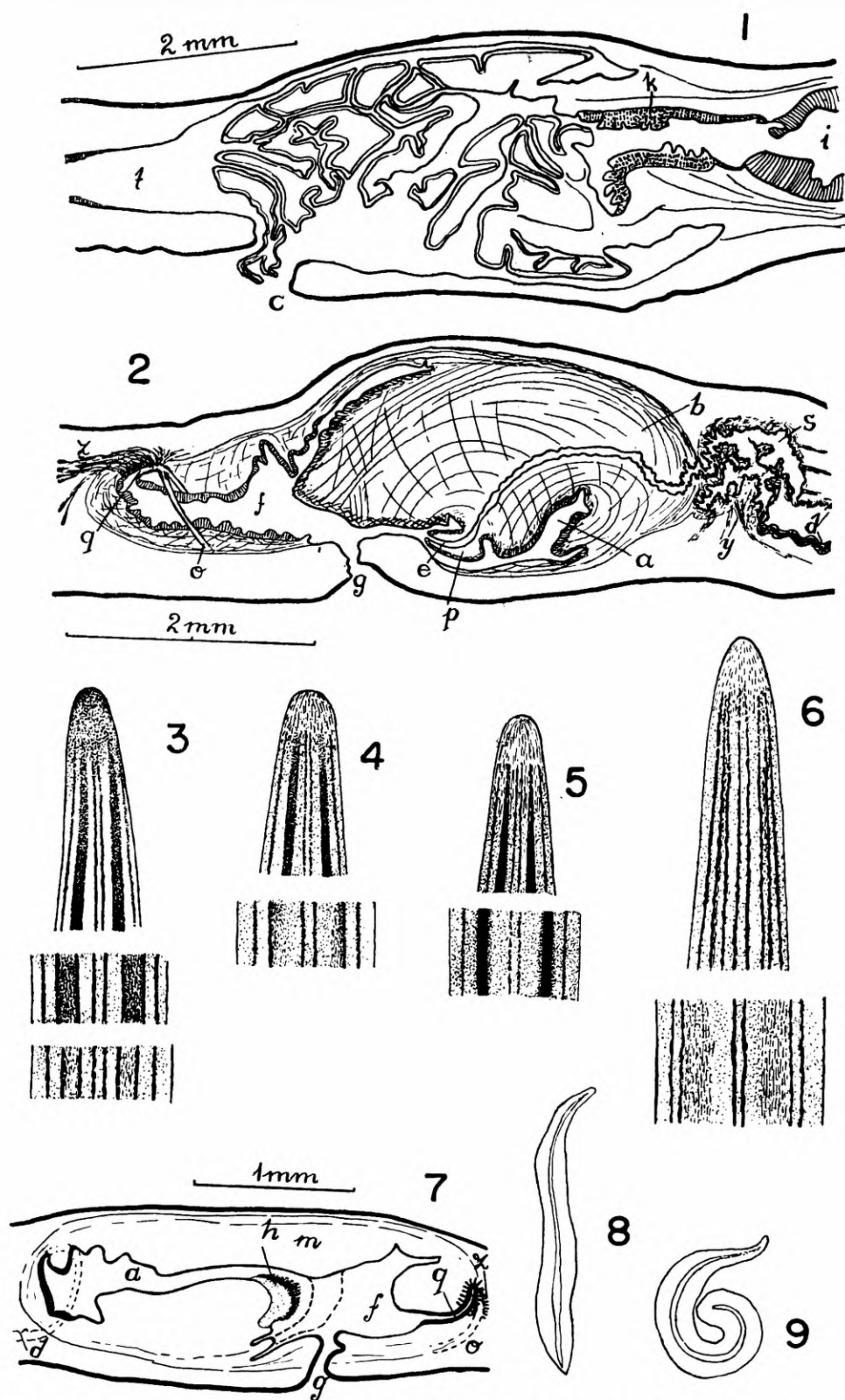


Fig. 1 *Geoplana applanata*: corte mediano da faringe; Fig. 2 *G. applanata*: aparelho copulador (combinação de cortes sagitais); Fig. 3-6 *Geoplana sexstriata*: variantes do colorido dorsal; Fig. 7 *G. sexstriata*: aparelho copulador (combinação de cortes sagitais). Figs. 8 e 9 *Geoplana splendida*: duas posições de repouso.

O colorido do exemplar de Barreira aproxima-se ao do verme da est. 1 f. 5 de Riester, 1938; a côr do fundo é, porém, de um amarelo mais vivo, as pintas castanho-escuras (pretas no verme conservado) mais concentradas, e não há indicação nítida de estria mediana. O ventre, excepto a extremidade anterior quase preta, é amarelo-acinzentado com pintas esparsas, mais concentradas em direção à ponta posterior.

O exemplar de Ubatuba é, em vida, quase preto. Sobre o fundo amarelo-pardacento há numerosos pontinhos pretos, que na linha mediana, principalmente na região da faringe e do aparelho copulador concentram-se mais ainda, sugerindo uma linha mediana. Anteriormente, o ventre é quase preto. A sola rastejadora, amarelo-pardacenta, apresenta também pontinhos, mais concentrados nas partes laterais e na extremidade posterior.

As dimensões do verme de Barreira são 62 mm. de comprimento por 6 mm. de largura, situando-se a bôca a 43 mm. e o gonóporo a 51 mm. da ponta anterior. As do verme de Ubatuba são, 68 x 5,5 mm., bôca a 44 e gonóporo a 55 mm. de extremidade anterior.

***Geoplana multicolor* Graff**

Geoplana multicolor Graff, 1899, p. 326 [loc. típica: São Paulo, Brasil]; Marcus, 1951, p. 67; C. Froehlich 1955a, p. 213.

OCORRÊNCIA — Teresópolis: Alto, em terreno baldio, 2 exemplares maduros, 24.VII.1952.

Ambos os exemplares coligidos não possuem faixa acastanhada mediana, apresentado apenas larga faixa clara (v. Marcus 1951, est. 39 f. 291), semelhante à de *G. metzi* Graff (Riester 1938, est. 1 f. 15; Marcus l. c., est. 21 f. 126). Fixados, as dimensões do maior dos vermes são: comprimento, 26 mm., largura, 4 mm., bôca a 18 e gonóporo a 21 mm. da extremidade anterior, as do menor, 21,5 x 3,6 mm., bôca a 18 e gonóporo a 21 mm. da extremidade anterior, as do menor, 21,5 x 3,6 mm., bôca a 13,5 e gonóporo a 16,0 mm. da ponta anterior. Cortamos sagitalmente para estudo anatômico, a faringe e o aparelho copulador do maior dos vermes. Ambos revelaram-se concordantes com a descrição e figuras de Marcus (l. c.).

***Geoplana sexstriata* Graff**

(Figs. 3-7)

Geoplana sexstriata Graff, 1899, p. 329 [localidade típica: "Taguara do mundo nuovo, Prov. Rio Grande do Sul", Brasil]

Geoplana sexlineata Riester, 1938, p. 5 [loc. típica: Teresópolis, Estado do Rio de Janeiro, Brasil]

Geoplana sexstriata du Bois-Reymond Marcus 1951, p. 235

OCORRÊNCIA — Teresópolis: 5 exemplares, 17 e 18.VII.1952.

Barreira: 5 exemplares, 19 e 20.VII.1952.

Medidas, em mm., de alguns exemplares conservados:

| COMPRIMENTO | LARGURA | BOCA | GONÓPORO |
|-------------|---------|------|----------|
| 80 | 3,5 | 47 | 55,5 |
| 48,3 | 3,8 | 26,7 | 31,3 |
| 46,5 | 3,5 | 33,5 | 38,8 |
| 46,0 | 3,0 | 26,0 | 30,3 |
| 28,0 | 2 | 19,0 | 22,0 |

Em reptação, o maior dos exemplares atingia 100 mm. de comprimento por 2,5 mm. de largura.

A côr do fundo é bastante variável: amarelo-palha, amarelo brilhante, ferrugínea, ocrácea, adquirindo mesmo, principalmente na extremidade cefálica de alguns exemplares, tons verdes. Sobre o fundo correm um par medial e um marginal de estrias pretas e, entre a estria medial e a marginal de cada lado, uma faixa lateral também preta. O aspecto desta faixa não é constante. Em alguns vermes (Fig. 5), ela é simples em toda sua extensão. Em outros (Fig. 3), começa simples, mas, mais para trás, apenas suas bordas mantêm-se mais fortemente pigmentadas, resultando então, praticamente, 8 estrias dorsais. Num 3.º tipo (Fig. 4), a faixa também começa simples, e mais para trás apenas sua borda externa conserva-se mais pigmentada. Finalmente, num 4.º tipo (Fig. 6), na extremidade cefálica a faixa mostra-se reduzida a duas listras, e, mais para trás, apresenta-se como no tipo anterior.

O aparelho copulador (Fig. 7) de um exemplar cortado concorda perfeitamente com o do verme estudado por Riester (l.c. p. 5 f. 3). Fato interessante verifica-se na dobra muscular ventral do átrio masculino. Nesta dobra desembocam abundantes glândulas eritrófilas, cuja secreção acumula-se em grande massa sob o epitélio, afastando-o. Em contacto com essa secreção, pois nessa região o epitélio não é visível, encontra-se grande número de espermatozoides (h), orientados, de modo geral, perpendicularmente à superfície. O significado dêste fato ainda é obscuro. Como a espécie é desprovida de papila penial, a dobra muscular ventral talvez a substitua, introduzindo no outro indivíduo, durante a cópula, os espermatozoides que aí se acham aderidos.

***Geoplana splendida* Graff**

(Figs. 8-12)

Geoplana splendida Graff, 1899, p. 326 [local. típica: Colônia Alpina, localidade próxima a Teresópolis, Est. Rio de Janeiro, não Prov. Sta. Catharina, como cita Graff]; C. Froehlich 1955 p. 194.

O aparelho copulador desta espécie, não estudado por Graff, e sucintamente descrito em nosso trabalho anterior (C. Froehlich, 1955b, p. 194), necessitava de descrição mais pormenorizada, o que fazemos a seguir. Anexo também desenhos da forma do corpo (Figs. 8 e 9), da disposição dos olhos (Fig. 10) e da faringe (Fig. 11).

Os ductos eferentes, (Fig. 12, d) depois de atingir as proximidades do envoltório muscular (m) do aparelho copulador voltam-se para a frente e penetram ventralmente na vesícula seminal (s). Este órgão, em forma aproximada de retorta, situa-se fora da musculatura atrial e recebe grande quantidade de glândulas eritrófilas (y). O ducto ejaculatório (e) curto, sai do gargalo da vesícula, atravessa a capa muscular atrial e abre-se no átrio masculino (a). Tanto a vesícula quanto o ducto possuem epitélio alto e muscularis fraca; as glândulas eritrófilas, porém, restringem-se à primeira.

No átrio masculino, amplo e pregueado, desembocam glândulas fortemente eritrófilas, cujos citosomas situam-se fora do envoltório muscular. Este é frouxo e independente da musculatura do átrio feminino.

Os vitelários acham-se maduros. Os oviductos (o) dirigem-se para o plano mediano, posteriormente à cavidade atrial. Reunem-se no canal genital feminino (q) que sobe verticalmente e vira-se para a frente antes de entrar no átrio. O trecho ascendente do canal genital feminino e os trechos transversais dos oviductos funcionam como ductos glandulares. Na parede ental do átrio feminino, adjacente à entrada da via feminina, o revestimento é pluriestratificado, lacunoso, semelhante aos já encontrados em outras geoplanas (*G. tuxaua*, *matuta*, *goettei*, etc.). No restante do átrio, o epitélio é simples e recebe, como o do átrio masculino, glândulas eritrófilas de diferentes tipos.

A espécie, embora de forma um pouco destoante, pertence ao grupo A de geoplanas brasileiras pelos caracteres do aparelho copulador (ausência de papila penial e canal genital feminino voltado para o ventre).

***Geoplane barreirana* Riester**

(Figs. 13-22)

Geoplana polyophthalma Schirch 1929 (non Graff, 1899, p. 308), part., est. 1 f. 6, est. 2 f. 2.

Geoplana barreirana Riester, 1938, p. 37 [loc. típica: Barreira, Est. Rio de Janeiro, Brasil]

OCORRÊNCIA — Barreira: 1 exemplar maduro, sob pequeno tronco, num pasto, 19.VII.1952.

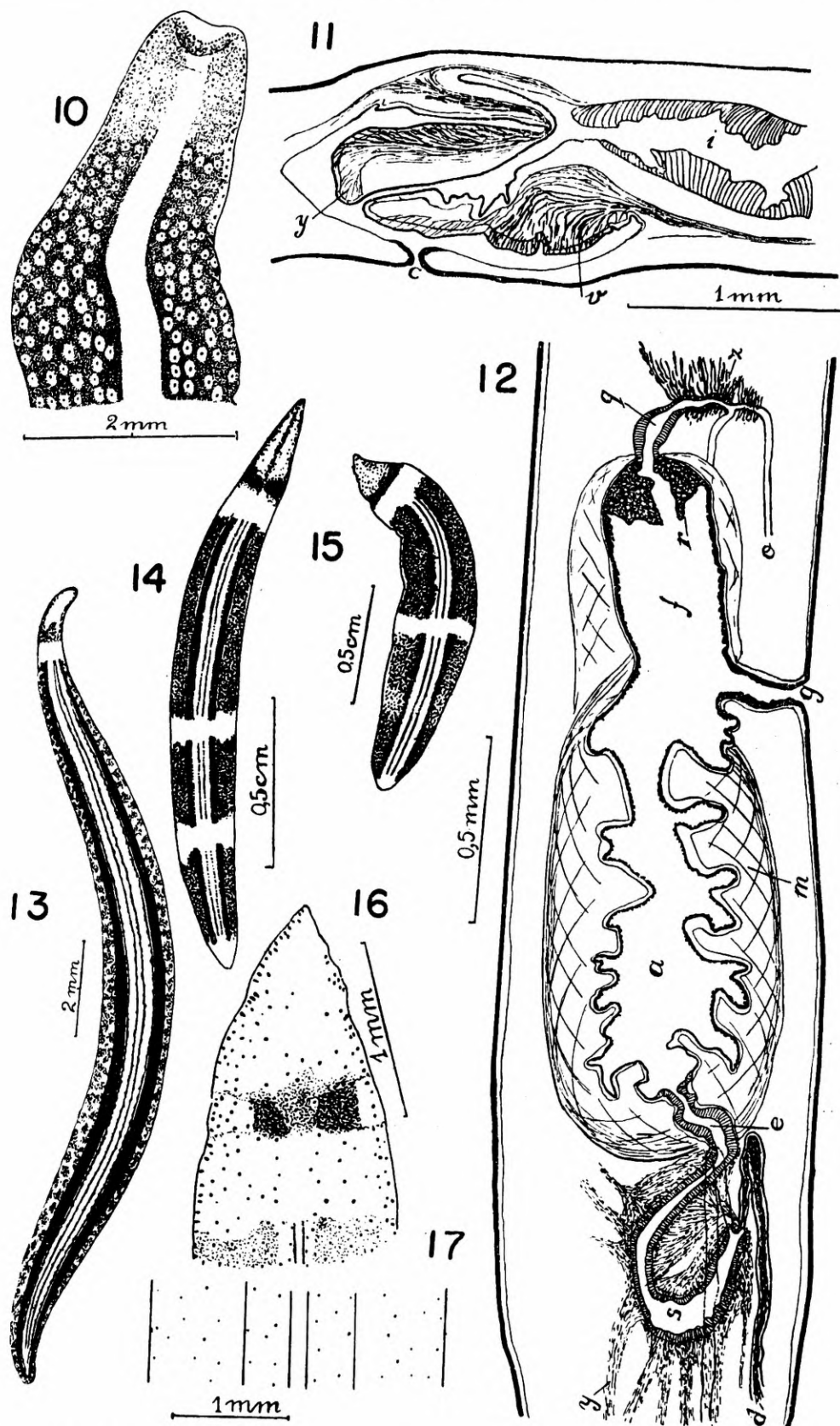


Fig. 10 - *Geoplana splendida*: distribuição dos olhos; Fig. 11 - *G. splendida*: corte mediano da faringe; Fig. 12 - *G. splendida*: aparelho copulador (cortes sagitais combinados); Figs. 13, 14 e 15 - *Geoplana barreirana*: padrão de colorido de 3 exemplares; Fig. 16 - *G. barreirana*: olhos anteriores; Fig. 17 - *G. barreirana*: olhos da parte média do corpo.

Rio de Janeiro: Gávea Pequena, sob tronco, um exemplar, 15.VII.1954 (H. Becker col.).

Ubatuba: 9 exemplares num terreno baldio, 1.IX.1952.

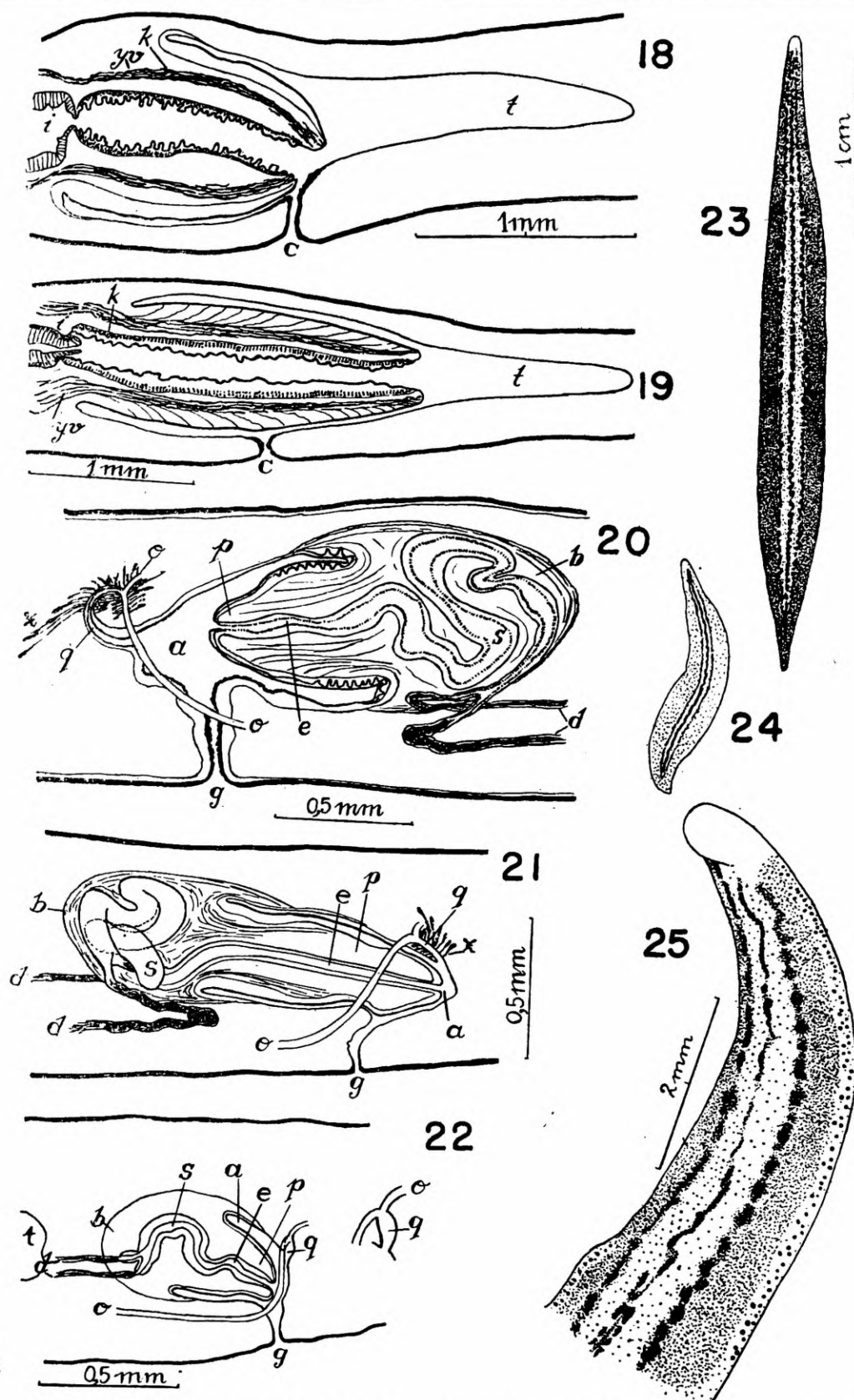
Medidas, em mm., de alguns exemplares observados:

| Procedência | Comprimento | Largura | Bóca | Gonóporo |
|----------------------|-------------|---------|------|----------|
| Barreira | 17,5 | 2,5 | 11,8 | 15,1 |
| Rio de Janeiro | 9,1 | 2,0 | 3,6 | 6,0 |
| Ubatuba | 22,5 | 3,0 | 11,7 | 16,3 |
| Ubatuba | 16,3 | 3,0 | 8,3 | 11,8 |
| Ubatuba | 14,8 | 2,5 | 7,6 | 10,6 |

Em reptação (Fig. 13), os vermes apresentam dorso alto, largura aproximadamente uniforme e extremidades igualmente afiladas. Com a fixação (Fig. 14-15), a extremidade posterior torna-se em geral mais obtusa que a anterior.

O caráter mais saliente do colorido é dado por faixas transversais que interrompem, parcial ou totalmente, a pigmentação do dorso, mostrando o fundo lácteo. O número de tais faixas é variável: os vermes de Barreira (Riester, 1.c., e o nosso, Fig. 13), mas também os de Schirch, (1.c), provavelmente coligidos em Teresópolis, têm só uma anterior; alguns de Ubatuba (Fig. 15) têm duas, a anterior e uma na região de faringe, havendo comumente indicação de uma terceira na região do aparelho copulador; a maioria dos vermes de Ubatuba, bem como o do Rio de Janeiro, têm três, nas regiões já citadas. Em todos os exemplares de Ubatuba (Figs. 14-15) e no do Rio, a extremidade caudal é também branca, em extensão que varia nos diversos espécimes. Do meio para as bordas é o seguinte o colorido do dorso: dois pares de estrias ferrugíneas, separadas pelo fundo branco; um par de faixas negras em contacto com o segundo par de estrias e, finalmente, até às margens, uma larga zona cinzento-escura. Aqui o pigmento dispõe-se homogeneamente (Ubatuba) ou formando manchas irregulares (Barreira, Rio de Janeiro). No exemplar do Rio de Janeiro, entre as duas faixas transversais anteriores, o par de estrias ferrugíneas de cada lado liga-se, formando destarte um par de curtas faixas ferrugíneas. A extremidade cefálica é bem delimitada por uma faixa transversal de pontinhos pretos, de condensação variável (Figs. 13-15). Além disso, os pontinhos pretos comumente orlam a extremidade e, às vezes, dispõem-se numa linha mediana (Fig. 14).

Os olhos (Figs. 16-17) espalham-se, desde a ponta, sobre todo o dorso. A princípio são mais numerosos nas margens, onde se alinham numa fileira. Para trás do colar branco a distribuição é uniforme.



Figs. 18 e 19 - *Geoplana barreirana*: corte mediano da faringe de 2 exemplares; Figs. 20 e 21 - *G. barreirana*: aparelho copulador de 2 exemplares de Ubatuba (combinação de cortes sagitais); Fig. 22 - *G. barreirana*: aparelho copulador do exemplar de Barreira e detalhe da parte feminina; Fig. 23 - *Geoplana pseudovaginuloides*: verme total; Fig. 24 - *G. pseudovaginuloides*: verme em repouso. Fig. 25 - *G. pseudovaginuloides*: olhos da extremidade anterior.

A faringe é um longo cilindro alojado numa bolsa que se estende até as proximidades do aparelho copulador. Num dos exemplares a faringe está contraída (Fig. 18). Na superfície externa e, principalmente, na orla desembocam numerosas glândulas eritrófilas e cianófilas.

Os ductos eferentes (Figs. 20, 21, 22, e) chegam até as proximidades da raiz ventral do pênis (p), dirigem-se para o plano mediano e depois voltam-se para a frente, entrando juntos na via masculina ímpar. Esta não forma, entalmente, vesícula seminal definida. O trecho bulbar (s) é enovelado e recebe diversos tipos de glândulas eritrófilas. O trecho papilar (e) é reto e desemboca na ponta do pênis cônico e musculoso. No átrio genital (a), quase totalmente ocupado pela papila penial (p), desembocam glândulas eritrófilas e, num dos espécimes de Ubatuba, cianófilas.

Os oviductos (o) sobem aproximadamente ao nível do gonoporo (g) e desembocam na via eferente feminina ímpar (q). Esta, cuja metade ental forma o ducto glandular, desce em arco e penetra na parte posterior do átrio genital.

O verme de Barreira é ainda jovem. Vitelários ainda não existem. Os trajetos dos ductos eferentes e da via masculina ímpar são muito mais simples (Fig. 22) e nesta não se abrem ainda as glândulas eritrófilas características. O canal genital feminino (q), é muito curto.

A distribuição dos olhos e a anatomia da faringe e do aparelho copulador dos exemplares presentes concordam com a descrição original. O exemplar do Rio de Janeiro, apresenta como peculiaridade, musculatura longitudinal parenquimática circum-intestinal relativamente forte, nomeadamente no lado ventral. São variáveis o colorido e a posição relativa dos orifícios do corpo. Êsses caracteres variáveis talvez se revelem, por estudo de material mais representativo, de importância na distinção de subespécies.

***Geoplana goetschi* Riester**

Geoplana goetschi Riester, 1938, p. 20 [localidade típica: Teresópolis, Est. Rio de Janeiro, Brasil]

Geoplana fryi, var. *bruna* Riester, 1938, p. 69.

Geoplana goetschi Marcus, 1951, p. 72

OCORRÊNCIA — Barreira: 5 exemplares, sob troncos na mata; 20.VII.1952.

Ubatuba: diversos exemplares sob bananeiras caídas; setembro de 1951.

O colorido dos vermes de Ubatuba é semelhante aos dos de São Paulo. Os de Barreira têm dorso castanho-ocráceo com fina estria clara mediana; marginalmente com uma estria castanho-es-

cura, quase preta e, internamente a ela, uma estria amarela. A extremidade anterior é mais escura, o ventre, crême. Depois de fixado, nota-se, no meio da estria clara mediana, fina linha escura. As dimensões em mm. de dois exemplares de Barreira fixados, são:

| COMPRIMENTO | LARGURA | BÔCA | GONÓPORO |
|-------------|---------|------|----------|
| 82 | 10,5 | 57,5 | 70 |
| 72 | 12 | 50 | 61 |

Do segundo dêstes, cortamos o aparêlho copulador, cuja anatomia revelou-se semelhante à do verme da fig. 20 de Riester (1.c., p. 23). O átrio masculino, porém, mostra já a formação de dobra circular que substitue a papila penial ausente. No átrio feminino, no ducto glandular comum e no oviducto há espermatozoides, o que indica cópula recente. Os que se encontram na metade ental do átrio feminino, situam-se em contacto com a parte ventral do maciço celular que aí ocorre (Riester 1.c., figs. 20, 83, o; Marcus 1951, f. 191-193, r).

***Geoplana pseudorhynchodemus* Riester**

Geoplana pseudorhynchodemus Riester, 1938, p. 32 [localidade típica: Teresópolis, Est. Rio de Janeiro, Brasil]; Marcus, 1951, p. 76

OCORRÊNCIA — Teresópolis, Alto: 6 exemplares, junho e julho de 1952.

***Geoplana pseudovaginuloides* Riester**

(Figs. 23-27)

Geoplana pseudovaginuloides Riester, 1938, p. 34 [localidade típica: Teresópolis, Est. Rio de Janeiro, Brasil]

OCORRÊNCIA — Teresópolis, Alto: 1 exemplar numa bromeliácea caída, 24.VII.1952.

Em reptação, media 37 mm. de comprimento por 3 mm. de largura. Fixado, suas dimensões são, respectivamente, 32 por 4 mm. A boca dista 23,0 o gonóporo, 26,5 mm. da extremidade anterior. O corpo é foliáceo, com a largura maior na metade posterior. A extremidade cefálica afina-se mais suavemente que a caudal.

O colorido dorsal (Fig. 23) consta, de cada lado, de uma larga faixa marginal alaranjado-vivo, à qual se seguem, medialmente, uma estria de manchas pretas, uma faixa amarelo-clara, novamente uma estria de manchas pretas e, finalmente, no meio do dorso, uma estria alaranjada ímpar. Esta termina antes das extremidades, reunindo-se as estrias pretas contíguas a ela. Caudalmente, antes da ponta alaranjada, confluem as quatro estrias.

A ponta cefálica do verme está em regeneração e ainda desprovida de pigmento. O ventre é amarelo-claro.

Os olhos mais anteriores (Fig. 25) ainda não foram regenerados. No resto do dorso são exclusivamente marginais, porém, não alinhados. Têm de 50 a 60 micra de diâmetro, mas os maiores atingem 75 micra.

Faringe (Fig. 26) do tipo cilíndrico, com inserção dorsal mais posterior que a ventral. Mede 1,3 mm. de comprimento e possui bordo livre alargado e pregueado. A bôca situa-se no meio da bolsa, cujo comprimento é de 1,5 mm.

Testículos dispostos em fileira simples aos lados do ramo anterior do intestino. Começam a ca. 10 mm. da ponta e vão até a faringe. Os ductos eferentes (Fig. 27, d) vindos dos dois lados entram ventral e lateralmente na vesícula seminal (s). Esta, que tem forma de U invertido, penetra no bulbo penial (b) e continua-se com o ducto ejaculatório (e). Situa-se fora do bulbo, embora algumas fibras da musculatura bulbar prolonguem-se para a frente, dorsal e ventralmente a ela. O epitélio que a reveste é alto e recebe grande quantidade de glândulas cianófilas (v); a muscularis (ms) tem desenvolvimento medíocre. O bulbo penial é pequeno. O ducto ejaculatório, curvo na parte ental, atravessa retilineamente a papila penial (p). Antes de se abrir na ponta do pênis, dilata-se. Nesta dilatação o epitélio é mais lato e de natureza glandular. A papila penial cônica ultrapassa o gonóporo (g), medindo 0,7 mm. de comprimento por 0,4 mm. de diâmetro na base. Glândulas fortemente eritrófilas (y) abrem-se mais ou menos no meio de sua superfície externa. Tanto o epitélio do pênis quanto o do átrio são fortemente cianófilos devido à grande quantidade de glândulas que aí desembocam.

Vitelários quase maduros. Os oviductos (o) começam a subir pouco antes do gonóporo. Parte dos trechos ascendentes e do transversal final funcionam como ductos glandulares. O ducto glandular comum é curto, dirigido para trás e continua-se com o canal genital feminino (q), divertículo posterior, encurvado para o dorso e para a frente, do átrio genital (a).

DISCUSSÃO: *G. pseudovaginuloides* foi colocada por E. Fröehlich (1955a, p. 328) no início do Grupo C, que abrange 13 espécies. Dentro do grupo, as espécies mais próximas, quanto aos caracteres o aparelho copulador, são *G. taxiarcha*, *G. yara* e *G. evelinae*, que diferem bastante no colorido e têm os olhos largamente espalhados pelo dorso.

O colorido de *pseudovaginuloides* não é tão semelhante ao de *vaginuloides*, como achou Riester (p. 34). Nesta as estrias ou faixas pretas são sempre contínuas, bem delimitadas e não, como na primeira, formadas por manchas muito próximas.

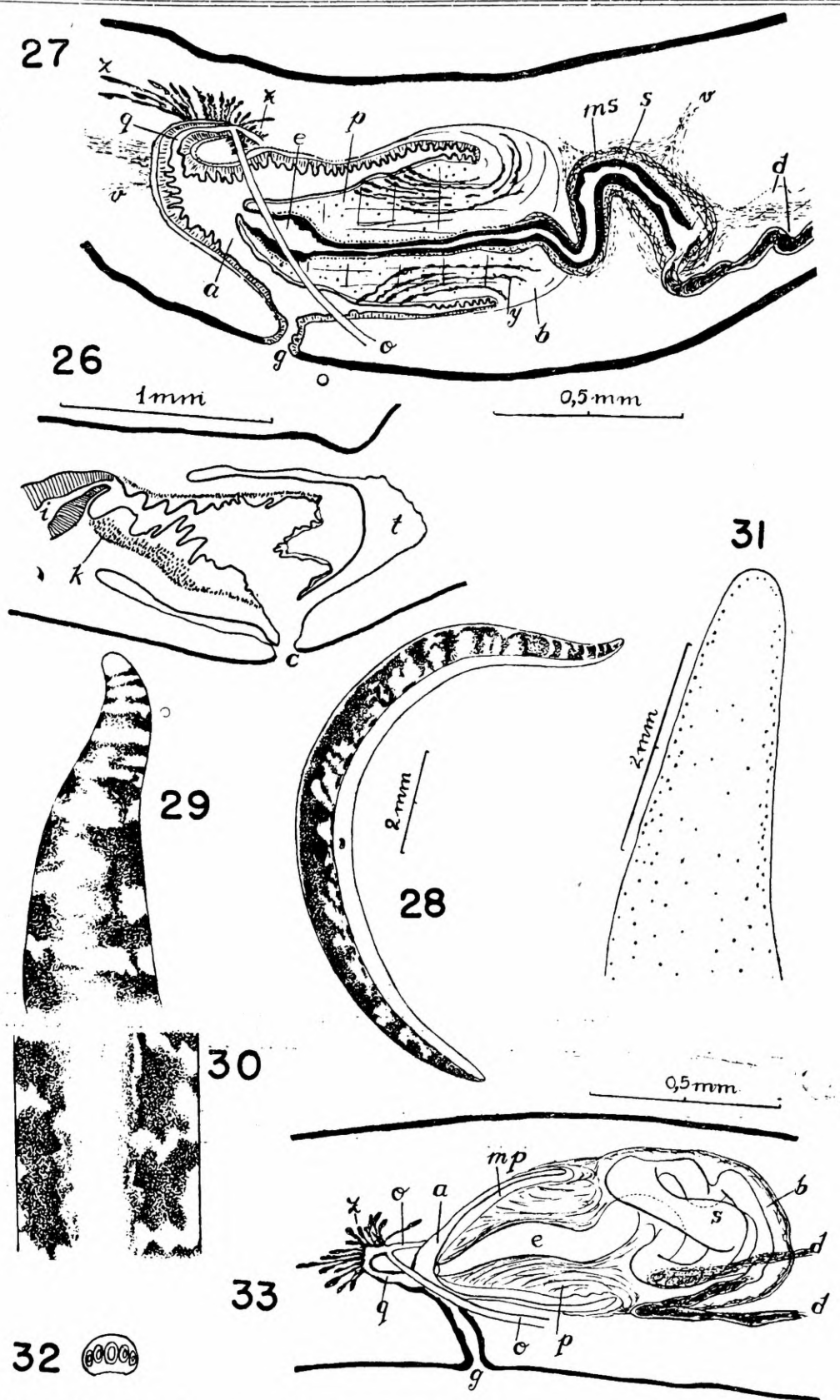


Fig. 26 - *Geoplana pseudovaginuloides*: corte mediano da faringe; Fig. 27 - *G. pseudovaginuloides*: aparelho copulador (cortes sagitais combinados); Fig. 28 - *Geoplana zebroides*: verme total de perfil; Fig. 29 - *G. zebroides*: padrão de colorido da extremidade anterior; Fig. 30 - *G. zebroides*: padrão de colorido de um trecho mediano do dorso; Fig. 31 - *G. zebroides*: olhos da extremidade anterior; Fig. 32 - *G. zebroides*: corte transversal esquemático; Fig. 33 - *G. zebroides*: aparelho copulador (combinação de cortes sagitais).

***Geoplana zebroides* Riester**

(Figs. 28-34)

Geoplana zebroides Riester 1938, p. 42 [localidade típica: Barreira, Est. Rio de Janeiro, Brasil]

OCORRÊNCIA — Barreira: 1 exemplar sob pequeno tronco caído, num pasto, 19.VII.1955.

Espécie pequena, de dorso fortemente abaulado e ventre quase plano (Fig. 32). Extremidade anterior mais suavemente afilada que a posterior e terminando em ponta arredondada; extremidade posterior aguda.

Dimensões do único exemplar, conservado: 13,5 mm. de comprimento por 1,8 mm. de largura, bôca a 6,7 mm. e gonóporo a 9,1 mm. da extremidade anterior.

No dorso (Figs. 28 e 30) existem, uma de cada lado, duas faixas de manchas de contornos irregulares, pardo-escuras com o bordo interno ferrugíneo. As manchas estendem-se por toda a largura das faixas, que têm de permeio uma larga zona longitudinal onde aparece o fundo lácteo. Na extremidade cefálica (Fig. 29) as malhas de um lado unem-se às correspondentes do lado oposto, formando-se, destarte, faixas transversais completas, separadas por faixas da côr do fundo. No restante do dorso, as malhas do mesmo lado podem apresentar conexões. Ventre lácteo.

Olhos (Fig. 31) com a mesma disposição apresentada por *G. barreirana*.

Musculatura cutânea fraca. Músculos longitudinais parenquimáticos formando ventralmente pequenas faixas, presentes em torno do intestino.

Faringe (Fig. 34) cilíndrica, com 1,3 mm. de comprimento por 0,45 mm. de diâmetro, ocupando quase toda a bolsa, que mede 1,5 mm. de comprimento. Bôca a 0,6 mm. da inserção ventral da faringe.

Testículos unisseriais, de cada lado do ramo anterior do intestino. Os ductos eferentes (Fig. 33, d) chegam até as proximidades da papila penial (p), voltam-se e abrem-se na via eferente masculina ímpar. Esta é um tubo extenso, enovelado na parte bulbar (s). Diversos tipos de glândulas eritrófilas desembocam em trechos diferentes do seu percurso. Pouco antes do trecho penial (e) há também um curto trecho onde desembocam glândulas cianófilas. A papila penial é um cône curto de 0,5 mm. de comprimento por 0,35 mm. de diâmetro basal. Tanto a muscularis da via eferente ímpar quanto a da papila são fortes.

Os vitelários estão incompletamente amadurecidos. Os oviductos (o) começam a subir ao nível do gonóporo (g), dirigem-

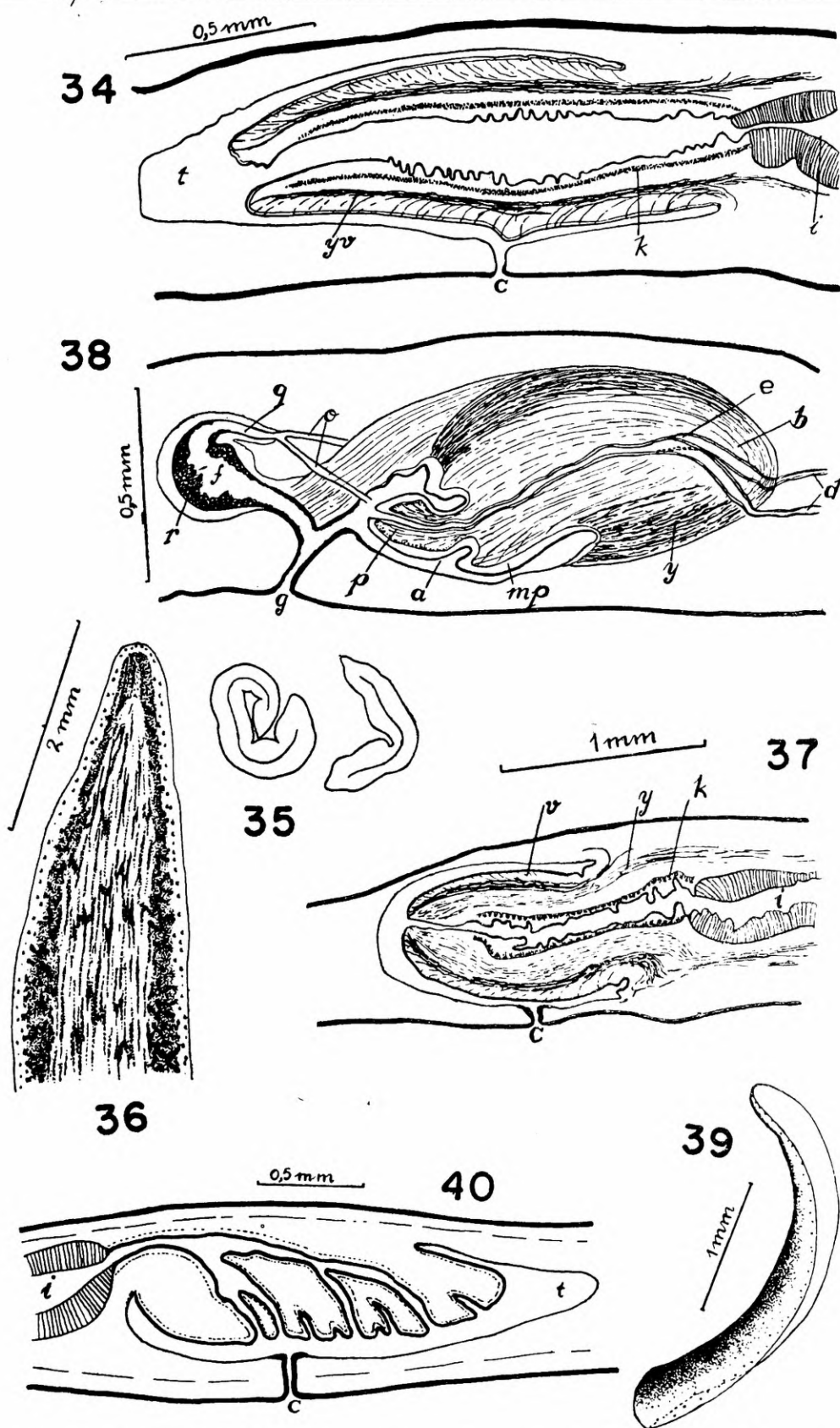


Fig. 34 -*Geoplana zebroides*: corte mediano da faringe; Fig. 35 *Geoplana fragai*: dois aspectos do verme em repouso; Fig. 36 *G. fragai*: padrão de colorido e olhos das extremidade anterior; Fig. 37 *G. fragai*: faringe, corte mediano; Fig. 38 *G. fragai*: aparelho copulador (cortes sagitais combinados); Fig. 39 -*Geoplana jandira*: olhos da extremidade anterior; Fig. 40 *G. jandira*: corte mediano da faringe.

se ao plano mediano e abrem-se no ducto glandular comum. Este, juntamente com o canal genital feminino, com o qual se continua, tem a forma de um C. No átrio genital desembocam glândulas eritrófilas e cianófilas.

DISCUSSÃO: Embora o desenho do aspecto externo feito por Bresslau não esteja bom, como ele próprio o considerou (Riester, l.c., p. 42), é suficiente para se reconhecer a espécie. Além dos caracteres externos, coincidem o aparelho copulador do verme original e o do nosso.

Como Riester já salientou, a espécie mais próxima de *G. zebroides* é *G. barreirana*. A anatomia interna e a distribuição dos olhos são muito semelhantes nas duas espécies. O colorido, porém, apesar dos pontos de contacto (pigmento escuro sobre fundo lácteo, pigmento ferrugíneo nas zonas mediais, faixas transversais claras e ventre branco) apresenta diferenças bem marcadas e constantes nas duas espécies. Acresce ainda que são espécies simpátricas, o que afasta a possibilidade de se tratar de variação geográfica.

***Geoplana quagga* Marcus**

Geoplana quagga Marcus, 1951, p. 97 [localidade típica: São Paulo, Est. de São Paulo, Brasil]

OCORRÊNCIA — Teresópolis, Alto e Várzea: 10 exemplares em terrenos baldios. Junho e julho de 1952.

O colorido dos vermes do material presente coincide com o do material original. O maior dos vermes coligidos, cujas dimensões depois de conservados são 32 x 4 mm., bôca a 20,5 e gonóporo a 24,5 mm. da ponta cefálica, botou em 16.VI.1952 uma cápsula de ovos, que eclodiu em 10.VII.1952, portanto 24 dias depois da postura. Sairam do casulo 4 filhotes que mediam, em reptação, de 6 a 8 mm. de comprimento, por pouco mais de 0,5 mm. de largura. O colorido deles é semelhante ao do filhote desenhado por Marcus (l.c., t. 22 f. 142), mas apresenta de 15 a 20 pares de manchas castanhas.

***Geoplana tapetilla* Marcus**

Geoplana tapetilla Marcus, 1951, p. 98 [localidade típica: Piraçununga, Estado de São Paulo, Brasil]

OCORRÊNCIA — Barreira: 2 exemplares, 19.VII.1952.

Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista: 1 exemplar, 5.VI.1953.

Ubatuba: 19 exemplares em terrenos baldios, setembro de 1951; 3 exemplares, 6.VII.1955.

***Geoplana taxiarcha* Marcus**

Geoplana taxiarcha Marcus, 1951, p. 101 [localidade típica: Horto Florestal, nos arredores da cidade de São Paulo, Brasil]

OCORRÊNCIA — Ubatuba: 1 exemplar, setembro de 1951.

As dimensões do verme conservado são: comprimento, 27 mm., largura, 3 mm., boca a 19,1 e gonóporo a 22,6 da ponta cefálica.

A cor do dorso do espécime presente é castanho-escuro com um tom acinzentado. Medianamente há uma fina estria clara. As margens são também claras, amarelo-ocráceas. Este padrão de colorido difere um pouco do do material original. Aproxima-se ao do verme das est. 22 f. 144 e est. 40, f. 310 de Marcus (1951), mas o dorso não é preto e não apresenta também a orla preta marginal. Contudo, coincidem com a descrição original a distribuição dos olhos, a posição dos orifícios do corpo e a anatomia da faringe e do aparelho copulador. Como o colorido da espécie é variável (Marcus, 1. c.), julgamos segura a presente determinação.

***Geoplana caissara* C. Froehlich**

Geoplana caissara E. Froehlich, 1955, p. 302 [localidade típica: Teresópolis, Est. Rio de Janeiro, Brasil]

Geoplana marginata Schirch, 1929 (non Fritz Müller 1857, t. 24) p. 30; Riester, 1938, p. 29

OCORRÊNCIA — Rio de Janeiro, Gávea Pequena: 1 exemplar (H. Becker col.) 15.VIII.1952.

Ubatuba: 1 exemplar, 4.VII.1955.

Além do exemplar de Ubatuba, foi também coligida na mesma ocasião uma cápsula de ovos com ca. 2 mm. de diâmetro. Dois dias depois, dêle saiu um único filhote da espécie presente. Conservado, mede 16 mm. de comprimento por pouco menos de 1,5 mm. de largura. O colorido tem o mesmo padrão que o dos vermes adultos.

***Geoplana fragai* C. Froehlich**

(Figs. 35-38)

Geoplana fragai C. Froehlich, 1955b, p. 198 [localidade típica: Teresópolis, Est. Rio de Janeiro, Brasil]

Seguem-se dados adicionais à descrição original.

Em reptação, os vermes são longos, muito esbeltos, de bordos aproximadamente paralelos. Em repouso (Fig. 35), encurtam-se bastante e alargam-se.

Os olhos (Fig. 36) marginais, situam-se apenas nas estrias róseas marginais. Na ponta anterior são unisseriais, no resto do

corpo dispõem-se desordenadamente. Os maiores têm ca. 30 mm. de diâmetro.

Faringe (Fig. 37) cilíndrica.

Cortamos para estudo anatômico os 2 exemplares maiores da coleção. O aparelho copulador de ambos estava em fase pouco adiantada de maturação. No maior deles o intestino achava-se cheio de ar, o que acarretou compressão e deslocamento do aparelho copulador. Devido a isso, a descrição baseia-se principalmente no segundo exemplar.

Os ductos eferentes (d), vazios de espermatozóides, começam a subir pouco antes de entrar no bulbo (b) e reúnem-se, dentro dele, no ducto ejaculatório. A parte bulbar dos ductos eferentes tem muscularis mais forte que a da extra-bulbar. O ducto ejaculatório, revestido por epitélio ciliado que contém secreção eritrófila, atravessa o bulbo e a papila penial (p), desembocando na ponta desta. A papila, revestida por epitélio cúbico, apresenta na base uma dobra circular (m). Nesta dobra e na parte atrial adjacente, desembocam glândulas (y) eritrófilas e algumas cianófilas. O átrio masculino (a) é pequeno, quase totalmente ocupado pela papila penial.

Vitelários ainda não formados. Os oviductos começam a subir antes do gonóporo e reúnem-se no canal genital feminino (q) dirigido para trás. Glândulas da casca ainda não existem. O átrio feminino globuloso ental, estreito ectalmente, recebe no lado dorsal o canal genital feminino. A parte globulosa apresenta revestimento alto, ciliado, pluriestratificado (r). O átrio feminino é bem separado do masculino por uma dobra dorsal em forma de cunha.

DISCUSSÃO: Esta espécie não se enquadra bem em nenhum dos grupos em que foram divididas as geoplanas brasileiras. A forma do corpo é semelhante à apresentada pela maioria das espécies do grupo A. O aparelho copulador provido de papila penial, é contudo fundamentalmente diferente. O grupo C, de geoplanas com papila, não inclui nenhuma espécie com a forma de *fragai*. Existem 4 espécies (*multicolor*, *phocaica*, *preta* e *incognita*), dotadas de órgão copulador e revestimento pluriestratificado no átrio feminino que formam um grupo, talvez natural (E. Froehlich, 1955, p. 329), onde se poderia colocar a espécie em discussão, fazendo-se ressalva quanto a forma do corpo. Por outro lado, a espécie aproxima-se também de *G. matuta* e *G. tuxaua*, pelos olhos, forma do corpo e parte feminina do aparelho copulador. Não concordam porém, os pormenores da parte masculina.

***Geoplana jandira* C. Froehlich**

(Figs. 39-43)

Geoplana jandira C. Froehlich, 1955b, p. 199 [localidade típica: Teresópolis, Est. Rio de Janeiro, Brasil]

Do único exemplar, coligido em 1952, seguem-se agora alguns pormenores, principalmente relativos ao aparelho genital.

Os olhos (Fig. 39), cujos cálices têm comumente ca. 20 micra de diâmetro, dispõem-se numa única fileira marginal.

Faringe (Fig. 40) do tipo em colarinho, com orla pouco dobrada.

Testículos dispostos numa fileira irregular de cada lado do ramo anterior do intestino, havendo às vezes 2 folículos no mesmo lado do corte transversal. Os ductos eferentes (Fig. 41, d) atravessam zig-zagueando a forte musculatura própria do bulbo penial (b) e penetram nos trechos pares da vesícula seminal (s). Esta é um comprido tubo de calibre desigual, sendo o trecho ental (parte par, Figs. 43 s') e o ectal bem mais finos que a parte mediana (Figs. 43, s). O epitélio ciliado que a reveste é alto, especialmente no trecho mais largo, onde se apresenta com a orla muito dobrada. A vesícula está imersa numa massa de secreção eritrófila (y), proveniente de glândulas extra-bulbares. A secreção acumula-se no epitélio da vesícula, depois de atravessar a fina muscularis (ms) do órgão. O trecho ectal da vesícula, externo à massa de secreção, continua-se com o longo ducto ejaculatório (e) forrado de epitélio baixo, onde desembocam glândulas fortemente eosinófilas. Estas glândulas desembocam também na superfície penial. O ducto ejaculatório desemboca na ponta, um pouco dobrada para a direita, do órgão copulador. O pênis (p) é um cilindro fino, pouco musculoso, envolvido na metade basal por uma bainha (x). O comprimento total do órgão copulador, inclusive a bainha, é de ca. 1,1 mm., o da papila, 0,8 mm. O epitélio da orla da bainha é mais alto que o do restante desta e o da papila, ambos pavimentosos. Glândulas eritrófilas, diferentes das citadas acima, abrem-se na superfície da bainha penial. Os fios de secreção ocupam grossa camada sub-epitelial e dispõem-se formando uma espécie de retículo irregular. O átrio masculino (a), com a forma de longo funil, de 2,5 mm. de comprimento, desvia-se para o lado direito até quase ao nível sagital do oviducto e continua-se com o canal do gonóporo (g). Sua parte mais afilada, que começa ao nível da metade apical da papila, é envolvida por forte musculatura circular (ma). Desembocam no átrio glândulas cianófilas.

Vitelários jovens, em fase de retículo. Os oviductos (o) sobem antes do gonóporo, em nível pouco posterior ao da papila pe-

nial. Seus trechos ectais, que funcionam como ductos glandulares pares, desembocam no largo ducto glandular comum (Fig. 41 e 42, q) horizontal, dirigido para trás. O amplo átrio feminino (f) recebe-o dorsal e anteriormente. Este átrio ocupa o espaço mediano do corpo, deixando livre pelo átrio masculino encurvado para a direita, de sorte que o conjunto de todo o aparelho copulador assemelha-se a um ponto de interrogação no plano horizontal. A parede do átrio feminino é muito dobrada, resultando disso um lume atrial restrito (Fig. 42). Grossa camada de secreção eosinófila envolve o átrio e atravessa seu epitélio. A secreção provém de glândulas cujos citosomas se localizam entre as fibras da muscularis atrial. A cavidade feminina continua-se posterior e ventralmente com o canal do gonóporo.

DISCUSSÃO: *G. goettei* é a espécie que mais se assemelha externamente a *G. jandira*. A espécie nova é, porém, mais delgada e possui faixas marginais mais largas. A estria rosea mediana de *G. goettei* é perfeitamente visível no verme vivo, ao passo que em *G. jandira* só se percebe no material fixado e, ainda assim, dificilmente. *G. rosea*, outra geoplana que se aproxima de *G. jandira* pelo aspecto externo, tem pigmento pardo em todo o dorso, e olhos muito espalhados.

Pela anatomia dos órgãos copuladores, *G. jandira* isola-se de todas as geoplanas neotrópicas. A bainha penial extensa, que permite, maior distensão do órgão masculino durante a cópula, a ligação lateral entre o átrio masculino e o gonóporo devida ao deslocamento para a frente do átrio feminino, e a separação completa dos átrios genitais são caracteres, até agora, exclusivos de *G. jandira*.

***Geoplana oliverioi* C. Froehlich**

(Figs. 44-47)

Geoplana oliverioi C. Froehlich, 1955b, p. 198 [localidade típica: Teresópolis, Est. Rio de Janeiro, Brasil]

Seguem-se pormenores suplementares à descrição prévia.

Em repouso (Fig. 45) o verme encurta-se muito e alarga-se. O pigmento, devido à contração do corpo, concentra-se, aparecendo quase preto. Os olhos (Fig. 44) restringem-se às margens róseas, situando-se no centro de halos claros, visíveis à lupa.

A faringe (Fig. 46) é cilíndrica, com a inserção dorsal caudalmente deslocada.

Os ductos eferentes (d), cheios de espermatozóides, em seus trechos ectais voltam-se para a frente e para o dorso e penetram medialmente na vesícula seminal (s). Esta, alargada e um pouco alongada transversalmente em sua parte ental, tubular no resto

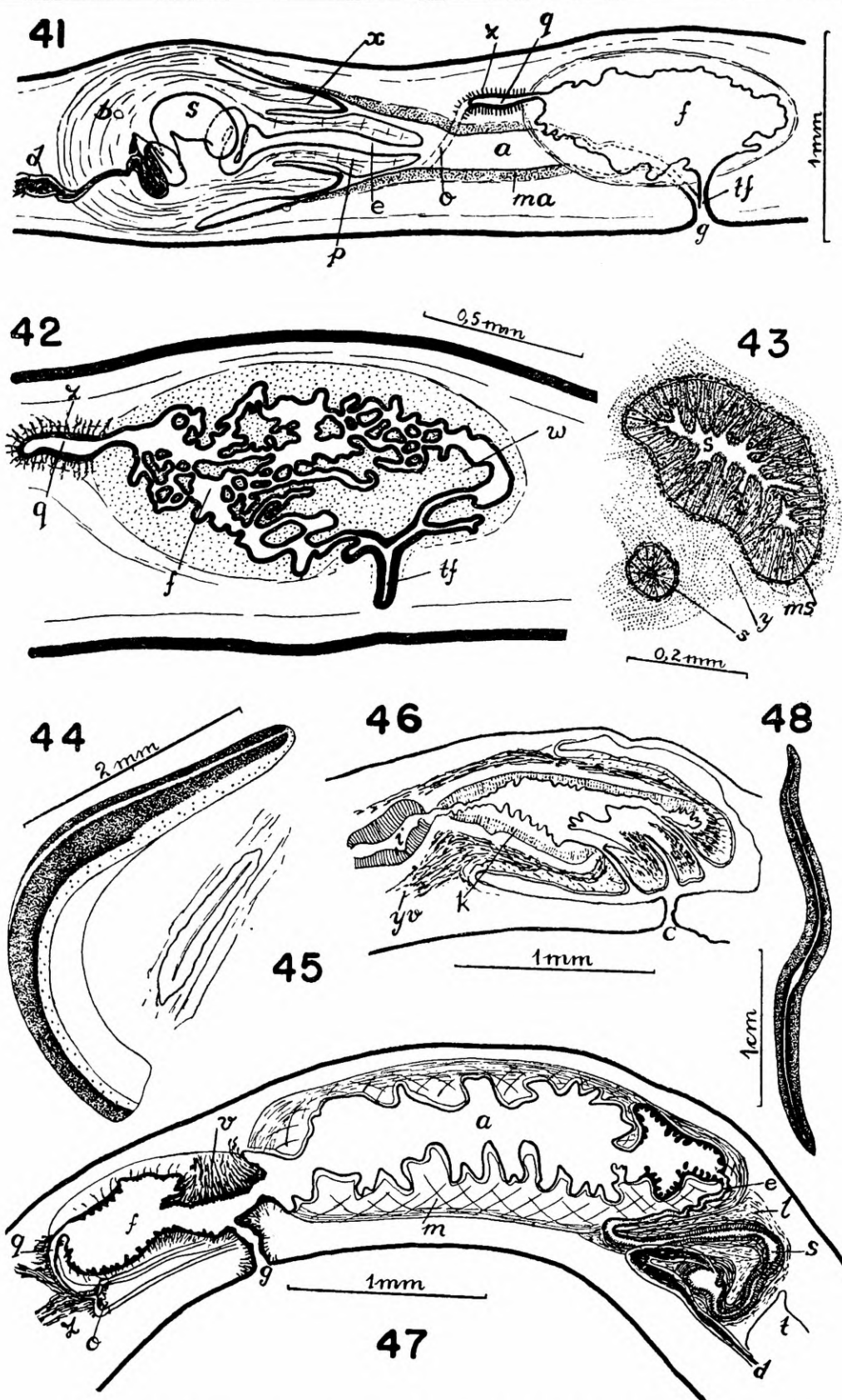


Fig. 41 *Geoplana jandira*: aparelho copulador (combinação de cortes sagitais); Fig. 42 *G. jandira*: parte feminina do aparelho copulador aumentada, vendo-se o dobramento da parede atrial; Fig. 43 *G. jandira*: corte da vesícula seminal; Fig. 44 *Geoplana oliverioi*: extremidade anterior de perfil. A pigmentação foi interrompida num pequeno trecho anterior para mostrar os olhos; Fig. 45 *G. oliverioi*: verme em repouso; Fig. 46 *G. oliverioi*: corte mediano da faringe; Fig. 47 - *G. oliverioi*: aparelho copulador (combinação de cortes sagitais); Fig. 48

do percurso, tem forma aproximada de um v invertido. Desembocam nela numerosas glândulas granulosas (l) que, com hematoxilina-eosina, tomam ambos corantes. O ducto ejaculatório (e), revestido por epitélio cúbico ciliado, quase sem glândulas, penetra no envoltório muscular do átrio, sobe para o dorso e para a frente e desemboca, em nível bastante dorsal, no átrio masculino (a). Bulbo penial distinto e papila não existem. O trecho ental do átrio masculino apresenta paredes muito dobradas, cujo epitélio é semelhante ao do ducto ejaculatório. Depois de curto trecho de transição, o átrio passa a receber numerosas glândulas eritrófilas e, na sua parte ental, também algumas cianófilas, diminuindo aí a quantidade das eritrófilas. O envoltório muscular (m) do átrio masculino, bastante forte, é distinto do do feminino.

Os vitelários encontram-se em fase bastante adiantada de maturação. Os oviductos (o), em seus trechos ectais, dirigem-se medialmente e desembocam no ducto glandular comum (q). Glândulas da casca (z) desembocam também nos trechos ectais dos oviductos. O ducto glandular comum dirige-se em arco para o dorso e desemboca na parte posterior dorsal do átrio feminino. Este separa-se do masculino por um estreitamento devido a uma dobra da parede dorsal. O revestimento da parte estreitada é idêntico ao do átrio feminino. Neste, mas principalmente na dobra dorsal, desembocam glândulas cionófilas (w). Todo o átrio genital é ciliado. O canal do gonóporo (g) sai da parte atrial estreitada.

DISCUSSÃO: *G. oliverioi* pertence ao grupo A de geoplanas brasileiras, pelos caracteres do aparelho copulador, a saber, ausência de pênis, átrio genital amplo e pregueado e canal feminino encurvado para o ventre. O tamanho é um pouco inferior ao mínimo médio do grupo; *G. astraia*, porém, também pertence ao grupo, é ainda muito menor (20 mm.). Aliás, é esta a espécie que mais se assemelha a *oliverioi* nos pormenores do aparelho copulador, distanciando-se dela pela faringe campanuliforme e pelos olhos largamente espalhados pelo dorso. Os olhos de *oliverioi*, unicamente marginais, também a afastam dos representantes típicos do grupo. Neste grupamento, somente *G. chimbeva*, de colorido muito diferente do de *oliverioi*, possui também olhos marginais.

***Geoplana cafusa*, sp. n.**

(Figs. 48-52)

LOCALIDADE — Ubatuba, um exemplar sob tijolo num terreno baldio, 1.º de setembro de 1952.

Conservado (Fig. 48), o comprimento é de 27, a largura de 2,5 mm. A boca situa-se a 15, o gonóporo a 21,3 mm. da ponta

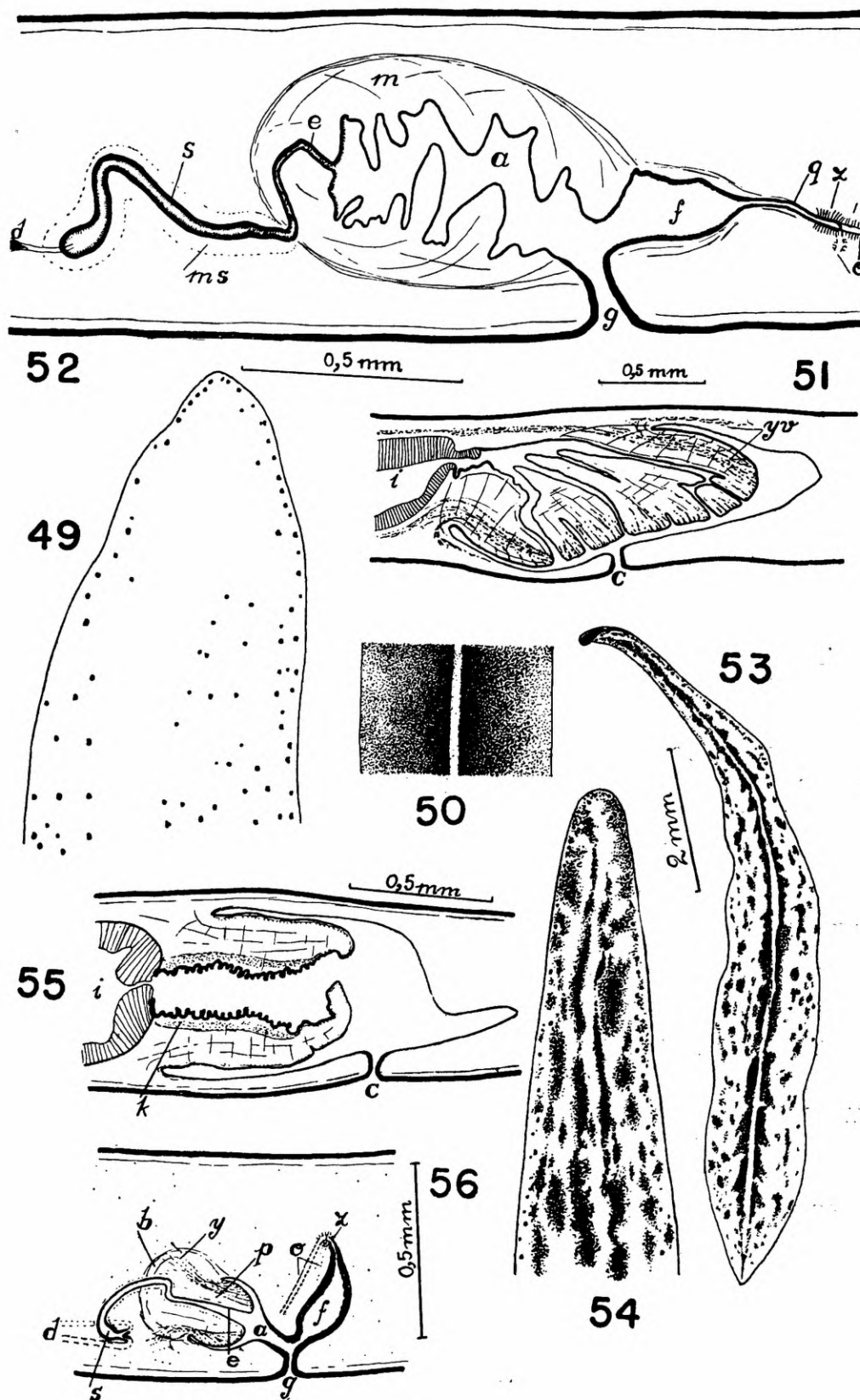


Fig. 49 - *Geoplana cafusa*: extremidade anterior, distribuição dos olhos; Fig. 50 - *G. cafusa*: trecho do dorso, região média do corpo; Fig. 51 - *G. cafusa*: corte mediano da faringe; Fig. 52 - *G. cafusa*: aparelho copulador (cortes sagitais combinados); Fig. 53 - *Geoplana picta*, sp. n.: verme total, vista dorsal; Fig. 54 - *G. picta*: extremidade anterior com olhos marginais; Fig. 55 - *G. picta*: corte mediano da faringe; Fig. 56 - *G. picta*: aparelho copulador (cortes sagitais combinados).

anterior. Em reptação, o verme é alongado, de bordos quase paralelos e extremidades suavemente afiladas.

Ao longo do dorso (Fig. 48), mas sem atingir as extremidades, corre uma estria cinzento-clara mediana. Na região da faringe, a estria alarga-se. Nas bordas da estria (Fig. 50), o dorso é preto, esmaecendo esta côr em direção às margens até uma tonalidade pardo-acinzentada. A extremidade anterior é mais clara que o resto do dorso. O ventre é pardo claro.

Os olhos (Fig. 49), logo atrás da ponta cefálica, espalham-se pelo dorso deixando livre apenas uma zona mediana. Halos não há.

A faringe (Fig. 51) é campanuliforme, com 1,5 mm. de comprimento a partir da inserção ventral. A bôca (c) abre-se aproximadamente no meio de bolsa faríngea.

Os ductos eferentes (Fig. 52, d), contendo espermatozóides, penetram separadamente nas paredes laterais da parte ental mais dilatada da vesícula seminal (s). Esta, situada fora do bulbo (como em outras espécies desprovidas de papila penial, não há aqui bulbo penial propriamente dito, mas este é substituído funcionalmente pela capa muscular do átrio masculino), é revestida por epitélio alto, provido de longos cílios, e recebe glândulas eritrófilas. Continua-se, dentro do bulbo, com o ducto ejaculatório (e) que sobe para o dorso, volta-se para trás e abre-se no átrio masculino (a). O ducto ejaculatório é revestido por epitélio cúbico e recebe escassas glândulas fortemente eritrófilas. Tanto ele como a parte ental do átrio masculino são ciliados. Pênis não há. O átrio masculino é amplo, de paredes pregueadas, desembocando nele glândulas eritrófilas. O revestimento é cúbico, não ciliado.

Os vitelários encontram-se em fase jovem de formação. Um dos oviductos (o) chega ao ducto glandular comum vindo do lado, o outro faz uma alça, chegando por trás. Ambos recebem em seus trechos ectais glândulas da casca (z). O ducto glandular comum é curto, continuando-se com o canal genital feminino (q). A via feminina ímpar é levemente ascendente em pouco mais da metade ental, horizontal no resto. O átrio feminino (f), revestido por epitélio mais alto que o do masculino, é pouco amplo e separa-se do masculino por pequena dobra da parede atrial dorsal. O canal do gonóporo (g) sai aproximadamente do limite entre as duas partes do átrio genital.

DISCUSSÃO: Os caracteres do aparelho copulador situam esta espécie no grupo A das geoplanas brasileiras (E. Froehlich, 1955a, p. 327), olhos largamente espalhados pelo dorso são também apresentados por quase todas as espécies do grupo. Distingue-se destas por ter o átrio masculino relativamente curto e o ca-

nal genital feminino pouco encurvado para o ventre. Pelo colorido aproxima-se dos exemplares sem colar claro de *G. pasipha*, da qual difere pela ausência de halos dos olhos, pela faringe campanuliforme e pelos detalhes já citados do aparelho copulador.

***Geoplana picta*, sp. n.**

(Figs. 53-56)

LOCALIDADE — Ubatuba, arredores da Base Norte do Instituto Oceanográfico, um exemplar, julho de 1955.

Em reptação o corpo é delgado, com 15 mm. de comprimento por 1 mm. de largura. Conservado (Fig. 53), as dimensões são 10,5 mm. por 1,5 mm.; a boca situa-se a 7,3, o gonóporo a 8,4 mm. da ponta anterior.

A côr de fundo do dorso é cinzento-violácea clara. Nas zonas laterais e, principalmente, nas margens há pigmento ocráceo irregularmente distribuído. De cada lado de fina estria mediana da côr de fundo, manchas pretas alongadas, em geral confluentes, formam uma estria de bordos externos irregulares. Dispersos pelo resto do dorso há manchas e pintas pretas. A extremidade anterior é avermelhada; o ventre é branco-acinzentado, exceto na extremidade anterior, onde é castanho-escuro.

Olhos (Fig. 54) marginais, dispostos numa fileira irregular.

Faringe (Fig. 55) cilíndrica, com 0,65 mm. de comprimento a partir da inserção ventral. A bolsa faríngea, cujo comprimento total é de 1,2 mm., apresenta um prolongamento para trás.

O verme é ainda bastante jovem. Nos testículos há fases adiantadas de espermatogênese, mas espermatozóides ainda não existem. Os ductos eferentes, (Fig. 56, d) vazios de espermatozóides, continuam-se com os trechos pares, curtos, da vesícula seminal (s). Esta, situada quase toda fora do bulbo penial (b), é um pouco dilatada na parte ental, tubular no resto. O ducto ejaculatório (e), encurvado ental, retilíneo ectalmente, alarga-se progressivamente até a ponta do pênis. Na superfície da pequena papila penial globular desembocam glândulas eritrófilas. O reduzido átrio masculino (a) estreita-se ectalmente, onde se comunica com o canal do gonóporo (g) e com o átrio feminino (f). Ambos os átrios delimitam-se bem entre si.

Vitelários ainda não existem. Os oviductos começam a subir pouco antes do nível transversal do gonóporo e desembocam na parte ental do átrio feminino. Nos trechos finais dos oviductos desembocam algumas glândulas da casca. O átrio feminino, estreito entalmente, dilata-se em seguida e estreita-se novamente na parte ectal.

DISCUSSÃO: O colorido desta espécie distingue-a bem das outras espécies do gênero. Aproxima-se um pouco aos de *G. pavani* e *G. phocaica*, mas em nenhuma destas o pigmento escuro forma estrias longitudinais. O aparelho copulador assemelha-se um pouco ao de *G. cassula*, mas distingue-se do desta espécie pela vesícula seminal mais simples, pela papila penial menor e pelo átrio feminino menos dilatado. Pelos caracteres do aparelho copulador, *G. picta* aproxima-se do grupo E das geoplanas brasileiras (E. Froehlich, 1955a, p. 329), distinguindo-se, porém, das espécies componentes desse grupo (*G. barreirana*, *cassula* e *zebroides*) pela ausência de faixas transversais claras no dorso.

Gênero **Choeradoplana** Graff

Choeradoplana Graff, 1869, p. 65; 1899, p. 395; 1916, p. 3224 (tipo do gênero: *Choeradoplana iheringi* Graff, 1899, p. 395)

Choeradoplana C. Froehlich, 1955a, p. 218

Choeradoplana iheringi Graff

Choeradoplana iheringi Graff, 1899, p. 395; Schirch, 1929, p. 30, t. 2 f. 6; Riester 1938, p. 75; Marcus 1951, p. 103; C. Froehlich 1955a, p. 220.

OCORRÊNCIA — Teresópolis, Alto: 2 exemplares, julho de 1952.

O colorido de ambos exemplares aproxima-se ao verme da mesma procedência desenhado por Bresslau (Riester, 1938, t. 1 f. 25).

Família **BIPALIIDAE** Graff

Gênero **Bipalium** Stimpson

Bipalium Stimpson, 1857, p. 25; Graff 1916, p. 3226

Bipalium kewense Moseley

Bipalium kewense Moseley 1878, p. 237

OCORRÊNCIA — Teresópolis, Rio de Janeiro, Ubatuba: comum em terrenos baldios e quintais, sob tijolos, pedaços de madeira, papelão, etc.

S U M M A R Y

In the present paper land planarians collected by the Author and his wife, Dr. Eudóxia M. Froehlich, at Teresópolis, Barreira and Ubatuba, and by Mr. Hans Becker at Rio de Janeiro are presented; on p. 313, is found a list of the species from each locality, and the species previously studied are indicated.

The following species are anatomically analyzed:

G. applanata Graff. Our biggest specimens were 120 mm. long by 12 mm. broad when creeping. The pharynx (Fig. 1) and the copulatory organs (Fig 2) conforms to Riester's (1938, p. 52) description.

G. sextriata Graff. Figs. 3-6 show the variation of the colour pattern. The ground colour is yellowish, ochraceous or greenish. The copulatory organs (Fig. 7) of one worm were sectioned. The topography is very similar to Riester's (l.c., p. 5) *G. sexlineata*. There is a mass of sperms adhering to the surface of the ventral muscular fold of the male atrium. The secretion of numerous erytrophilous glands accumulates on the fold, and to this secretion the sperms seem to be sticking. Perhaps the fold acts as an intro-mittent organ during copulation, transferring the mass of sperms to the other individual.

G. splendida Graff (Fig. 8-12), despite its form, belongs to group A of the Brazilian species of *Geoplana* (E. Froehlich, 1955a, p. 327), for it has no penis, the male atrium is ample, with folded walls, and the female common duct is directed ventrally.

G. barreirana Riester (Fig. 13-22). Variations in the colour pattern are indicated on Fig. 13-15. The pharynx (Fig. 18, 19) is cylindrical. The copulatory apparatus of three worms are shown in Fig. 20-22. The one pictured in Fig. 22 is still rather young. On the whole, there is good agreement between Riester's and our material.

G. goetschi Riester. The copulatory organs of one sectioned worm are similar to Riester's (l.c., p. 23) f. 20, but the male atrium is folded so as to form a copulatory papilla. Inside the female atrium and ducts there are masses of sperms, which indicate recent copulation.

G. pseudovaginuloides Riester, (Fig. 23-27). The colour pattern of this species is not so similar to *G. vaginuloides* as Riester indicates. The internal anatomy of our specimen agrees well with Riester's.

Geoplana zebroides Riester (Fig. 28-34). The colour pattern is shown on Figs. 28-30. It differs somewhat from Bresslau's drawing (Riester, l.c., pl. I f. 12), which, according to its author (Riester, l.c., p. 42), is only approximate. The internal anatomy agrees well with Riester's description.

Geoplana fragai C. Froehlich (Figs. 35-38). When creeping, body long and narrow, at rest, much shorter and broader. Eyes marginal. Pharynx cylindrical. Penis papilla with a muscular fold at its base. Male atrium small, distinct from the female by a narrowed portion. Female atrium ectally globular, with a high, pluristratified epithelium, ectally tubular. By its characters, this species is rather isolated. Its nearer relations seem to be *G. multicolor*, *phocaica*, *preta*, and *incognita*, all of which have a penis and, in the female atrium, a pluristratified mass of cells (cf. E. Froehlich, l.c. p. 329).

Geoplana jandira C. Froehlich. (Figs. 39-43). Body, when creeping, very long and narrow. Pink margins, rest of back brown. Eyes marginal. Pharynx collar-shaped. Penis papilla long, with a sheath. Male atrium long, ectally displaced to the right to accommodate female atrium. Both atria completely separated. Female atrium ample, with richly folded walls. The colour pattern of this species is somewhat similar to that of *G. goettei*, but the copulatory organs are different. By the anatomy of these organs, this species is isolated.

Geoplana oliverioi C. Froehlich. Body, when creeping, long and narrow; when at rest, much shorter and broader. Margins of body, and median longitudinal stripe, pink, rest of back, brown to dark brown. Eyes marginal. Pharynx cylindrical, with dorsal insertion caudally displaced. Seminal vesicle long, outside muscular coat of male atrium. Penis absent. Male atrium ample, with folded walls, distinct from female atrium. This atrium also rather ample, narrowed ectally. Female common duct directed ventrally. This spe-

cies, like *G. chimbeva*, belong to E. Froehlich's group A, despite its marginal eyes.

Geoplana cafusa n. sp. (Figs. 48-52). When creeping, body long and narrow, with parallel margins. On the back, a median longitudinal light-gray stripe; the sides of this stripe, black, fading to the margins. Eyes widely scattered on back, without light halos. Pharynx bell-shaped. Seminal vesicle long, outside muscular coat of male atrium. Penis absent. Male atrium rather short, with folded walls. Female atrium, not much dilated, separated from male by a dorsal fold. Female common duct feebly ventrally directed. This species belongs also to group A, differing from the other species of the group by its rather short genital atrium.

Geoplana picta, n. sp. (Figs. 53-56). A small species, 15 mm. long by 1 mm. broad when creeping. Colour pattern on Fig. 53. Ground colour gray with a lilac tint. Irregularly distributed, chiefly at the margins, an ochraceous pigment. Over the ground-colour, black pigment forming a pair of stripes and scattered spots. Eyes marginal. Pharynx cylindrical. Seminal vesicle outside penis bulb. Penis papilla small, globular. Male atrium small, distinct from female. Female atrium not much dilated, narrowed ectally. The colour pattern of this species is distinct from those of the others species of the genus. By its copulatory organs, it stands near group E (*G. cassula*, *barreirana*, *zebroides*), but it has no light transverse stripes.

B I B L I O G R A F I A

- DU BOIS-REYMOND MARCUS, E. — 1951 On South American Geoplanids. Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 16, pp. 217-255, t. 1-8. São Paulo.
- 1955 - On Turbellaria and Polygordius from the Brazilian coast. Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 20, em impressão.
- DARWIN, CH. — 1844 - Brief Description of Several Terrestrial Planaria and of some remarkable Marine Species, etc. Ann. Mag. Nat. Hist. v. 14, pp. 241-251, t. 5 f. 1-4. London.
- FROEHLICH, C. G. — 1955a Sôbre morfologia e taxonomia das Geoplanidae. Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 19, pp. 195-279, 14 est. São Paulo.
- 1955b - Notas sôbre geoplanas brasileiras (Turbellaria Tricladida). Pap. Av. Dep. Zool. Secr. Agric. S. Paulo V. 12 n.º 7 pp. 189-198, 6 figs. São Paulo.
- FROEHLICH, E. M. — 1955a Sôbre espécies brasileiras do gênero Geoplana. Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 19, pp. 289-369, 16 est. São Paulo.
- 1955b - Chave para a classificação das geoplanas brasileiras. Pap. Av. Dep. Zool. Secr. Agric. S. Paulo V. 12 n.º 8 pp. 201-214, 1 fig. São Paulo.
- GRAFF, L. VON — 1896 Über das System und die geographische Verbreitung der Landplanarien. Verh. D. Zool. Ges. VI Vers. Bonn, pp. 61-75, Leipzig.
- 1899 Monographie der Turbellarien II. Tricladida Terricola v. 1, XIII+574 p., v. 2, 58 est. Leipzig (Engelmann).
- 1912-1917 Turbellaria II. Tricladida. H. G. Bronn, Klass. Ordn. Tier-Reichs v. 4, Abt. Ic. XXXVIII+ pp. 2601-3370, est. 31-64. Leipzig.
- MARCUS, E. — 1951 - Turbellaria Brasileiros (9): Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 16, pp. 5-215, 40 est. São Paulo.
- 1952 - Turbellaria Brasileiros (10): Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. Zoologia n.º 17, pp. 5-187, 32 est. São Paulo.

- MOSELEY, H. N. — 1878 - Description of a new species of land-planarian from the hot houses at Kew-Gardens. Ann. Mag. Nat. Hist. 5. ser., v. 1, pp. 237-239.
- MÜLLER, FRITZ v. Scultze, M. e Müller, Fr.
- RIESTER, A. — 1938 - Beiträge zur Geoplaniden-Fauna Brasiliens. Abh. Senckenb. Naturf. Ges. Abh. 441, pp. 1-88, est. 1-2. Frankfurt a. M.
- SCHIRCH, P. — 1929 - Sobre as planárias terrestres do Brasil. Bol. Mus. Nacional, v. 5 pp. 27-38 est. 1-4, Rio de Janeiro.
- SCHULTZE, M. e MÜLLER, FR. — 1857 - Beiträge zur Kenntniss der Landplanarien, etc. Abh. Natur. Ges. Halle v. 4, pp. 19-38. Halle a. S.
- STIMPSON, W. — 1857 - Prodromus descriptionis animalium evertetorum, etc. Proc. Acad. Nat. Sci. Philadelphia v. 9, p. 19-31. Philadelphia.

a, átrio masculino; *b*, bulbo penial; *c*, boca; *d*, ductos eferentes; *e*, ducto ejaculatório; *f*, átrio feminino; *g*, gonóporo; *h*, massa de espermatozóides; *i*, intestino; *k* muscularis da faringe; *l*, glândulas que se coram com hematoxilina e eosina; *m*, envoltório muscular do aparelho copulador; *ma*, muscularis atrial; *mp*, muscularis penial; *ms*, muscularis da vesícula; *o*, oviductos; *p*, papila penial; *q*, canal genital feminino; *r*, maciço celular no átrio feminino; *s*, vesícula seminal; *t*, bolsa faríngea; *tf*, canal de comunicação entre o átrio feminino e o gonóporo; *v*, glândulas cianófilas; *w*, dobras da parede atrial; *x*, bainha do pênis; *y*, glândulas eritrófilas; *yv*, glândulas eritrófilas e glândulas cianófilas da faringe; *z*, glândulas da casca.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

DOIS GÊNEROS E ESPÉCIES NOVOS DE *PACHYDEMINI* DO EQUADOR

(Col. Scarabaeoidea, Melolonthidae)

POR

ANTONIO MARTÍNEZ *

E

M. A. V. D'ANDRETTA **

Ao determinar um lote de Scarabaeoidea proveniente do Equador existente nas coleções do Departamento de Zoologia, deparamos entre os *Melolonthidae*, com duas espécies que por seu aspecto pareciam pertencer à tribo dos *Pachydemini*.

Esta tribo conta até o presente poucos representantes na região neotrópica e a sua delimitação com os *Macrodactylini*, baseada em caracteres negativos, é em muitos casos duvidosa, e assim acontece com os gêneros em questão, pois, embora à primeira vista apresentem facies de *Pachydemini*, somente um deles possui membrana sobre a margem posterior do 5.º esternito. Também não tem valor o fato de que vários gêneros tenham as peças bucais reduzidas, pois embora isto se observe no novo gênero desprovido de membrana no 5.º esternito, no outro que a possui, este caráter não é absolutamente evidente; por estas razões, os caracteres de tribus enumerados podem ter realmente algum valor pa-

Trabalho executado na Divisão de Insecta do Departamento de Zoologia, Secretaria da Agricultura de São Paulo, Brasil.

* Bolsista da Universidade de São Paulo. Entomólogo del Departamento de Protección a la Naturaleza, Administración General de Parques Nacionales, Ministerio de Agricultura y Ganadería y de la Misión de Estudios de Patología Regional Argentina, Universidad de Buenos Aires, Ministerio de Educación, Argentina.

** Sob os auspícios do Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro.

ra as espécies não neotropicais, mas nenhum para as neotropicais, havendo, portanto, necessidade de uma revisão minuciosa de todas as espécies típicas dos gêneros de Pachydemini e Macroductylini de nossa região faunística, para o completo esclarecimento deste assunto.

Como ficou dito acima os presentes novos gêneros são colocados nos Pachydemini e nas vizinhanças de *Leuretra* e *Myloxena* com os quais parecem ter mais parentesco, por seu aspecto geral e pelo encurtamento das tíbias médias e posteriores, não estando ambos descritos em nenhuma das duas tribos citadas, segundo nos parece, até o presente.

Para finalizar queremos consignar nossos sinceros agradecimentos a Da. Nadyr Fonseca Gonçalves, Bibliotecária do Departamento de Zoologia, pelas inúmeras facilidades bibliográficas que nos facilitou e ao Dr. Carlos Amadeu de Camargo Andrade, Chefe da Divisão de Insecta pela cooperação prestada para a realização de nossos estudos.

Paulosawaya n. gen.

Próximo de *Leuretra* Erichson e de *Myloxena* Berg, dos quais se diferencia pelo número de artículos antenais que são 10; pelo labro entalhado no meio; pelo mento subquadrado e pelos palpos biarticulados, etc.

♂. — Alongado-oval, convexo dorsalmente. Cabeça com a borda clipeal levantada em arco; sutura clipeo-frontal sulciforme e reta ou quase reta na região média. Parte ventral com o labro muito curto e entalhado na borda anterior formando dois lóbulos laterais. Mandíbulas pequenas e bem esclerosadas. Maxilas (fig. 3) reduzidas; lacínia muito pequena e soldada à gálea (fig. 4) a qual é mais saliente e em trapézio irregular; palpos quadriarticulados: 1.º pequeno mais ou menos a metade do 2.º que é levemente claviforme e alongado; 3.º mais curto que o anterior e engrossado no ápice; 4.º fusiforme, maior que o 2.º e ponteagudo no ápice. Lábio (Fig. 5) com o mento subquadrado, os ângulos anteriores rombos e a margem caudal reta; palpifer saliente na parte anterior em placa e menos largo que a margem anterior do mento, palpos com 2 artículos (fig. 1) insertos sobre os ângulos anteriores, sendo o 1.º pequeno e pouco notável, o 2.º muito grande, arqueado, alongado, estreitado lateralmente na região média, projetado para dentro, e com o ápice membranoso. Submento (fig. 5) alargado, quadrangular. Gula (fig. 5) grande, convexa e trapezoidal. Antenas (fig. 2) de 10 artículos: 1.º claviforme; 2.º muito curto e submoniliforme; 3.º aproximadamente a metade do 1.º; 4.º e 5.º quase iguais e ambos juntos um pouco mais longos

que o 3.º; 6.º um pouco maior que o anterior e obliquamente truncado no ápice; 7.º curto, com a borda interna mais curta que a externa e mais largo que os anteriores; 8.º a 10.º formando a clava, estreitos e muito alargados, comparativamente mais largos que o comprimento dos artículos 2.º a 7.º. Olhos grandes e laterais; canto ocular curto.

Pronoto subexagonal, convexo; margem anterior entalhada regular e pouco profundamente, as laterais em arco anguloso no meio, sendo o ângulo obtuso, a posterior em arco levemente sinuoso de cada lado da região pre-escutelar e marginado; ângulos anteriores ligeiramente salientes, os posteriores obtusos.

Mesonoto com o escutelo semioval. Élitros alongados, arredondados no ápice e com o ângulo médio rombo.

Metasterno com sutura longitudinal média sulciforme.

Pernas anteriores com as tíbias tridentadas (dois dentes laterais e um distal), calcar ausente; tarsos alongados, maiores que a tíbia: 1.º artículo mais longo que o 2.º e dêste ao 4.º de igual comprimento, 5.º incluindo as garras o maior de todos, um pouco arqueado e engrossado no ápice, com fortes garras, arqueadas e notavelmente denteadas no meio, tanto o dente como o ápice muito ponteagudos; oníquio pequeno, laminiforme, com a margem anterior levemente entalhada e com uma cerda de cada lado.

Pernas médias com as tíbias carenadas fracamente nos lados da parte dorsal, com um amplo entalhe pouco profundo na metade distal; ápice ligeiramente oblíquo e sinuosamente truncado; calcares espiniformes e menores que o 1.º artículo tarsal; tarsos de conformação igual ao das outras pernas. Pernas posteriores com as tíbias mais bruscamente alargadas que nas pernas médias, a pequena carena dorsal menos conspícua, porém o entalhe bem mais manifesto, ápice truncado retamente e os calcares espiniformes.

Abdômen com o 5.º esternito muito longo. Pigídio um pouco mais largo que longo, convexo.

♀. — Antenas com a clava menos alargada; com os tarsos anteriores e médios um pouco mais curtos, porém as tíbias e os tarsos posteriores sensivelmente mais curtos que no ♂.

Genotipo: *Paulosawaya ornatissima*, n. sp.

Este gênero deve ser colocado perto de *Leuretra*, *Myloxena* e *Pseudoleuretra*, com os quais, aparentemente, tem mais afinidades; dos dois primeiros já mencionamos os principais caracteres diferenciais e dêste último daremos adiante na descrição do mesmo.

Temos a honra de dedicá-lo ao Dr. Paulo Sawaya, Presidente da Comissão de Bolsas da Universidade de São Paulo, Brasil,

pelas atenções tidas para com o primeiro dos autores e como homenagem ao seu trabalho de exímio investigador científico.

Paulosawaya ornatissima n. sp.

(Figs. 1 a 7)

DIAGNOSE:

Côr geral pardo avermelhada, com os élitros, fêmures e clava antenal mais claros; a pubescência que cobre as diversas partes do corpo amarelo dourada.

DESCRIÇÃO:

♂: *Cabeça*. — Margem clipeal inteira, levantada e em arco regular; sutura clipeofrontal fina, sulciforme e quase reta menos nos lados onde é debilmente curva. Superfície pontuada com pontos notáveis; glabros sobre o clipeo, maiores e mais irregulares no disco, alguns coalescentes, menores e mais densos na margem anterior; parte frontal e occipital com pontos menos fortes, mais densos e pilíferos, sendo quasi microscópicos e muito aglomerados nas margens oculares e posteriormente.

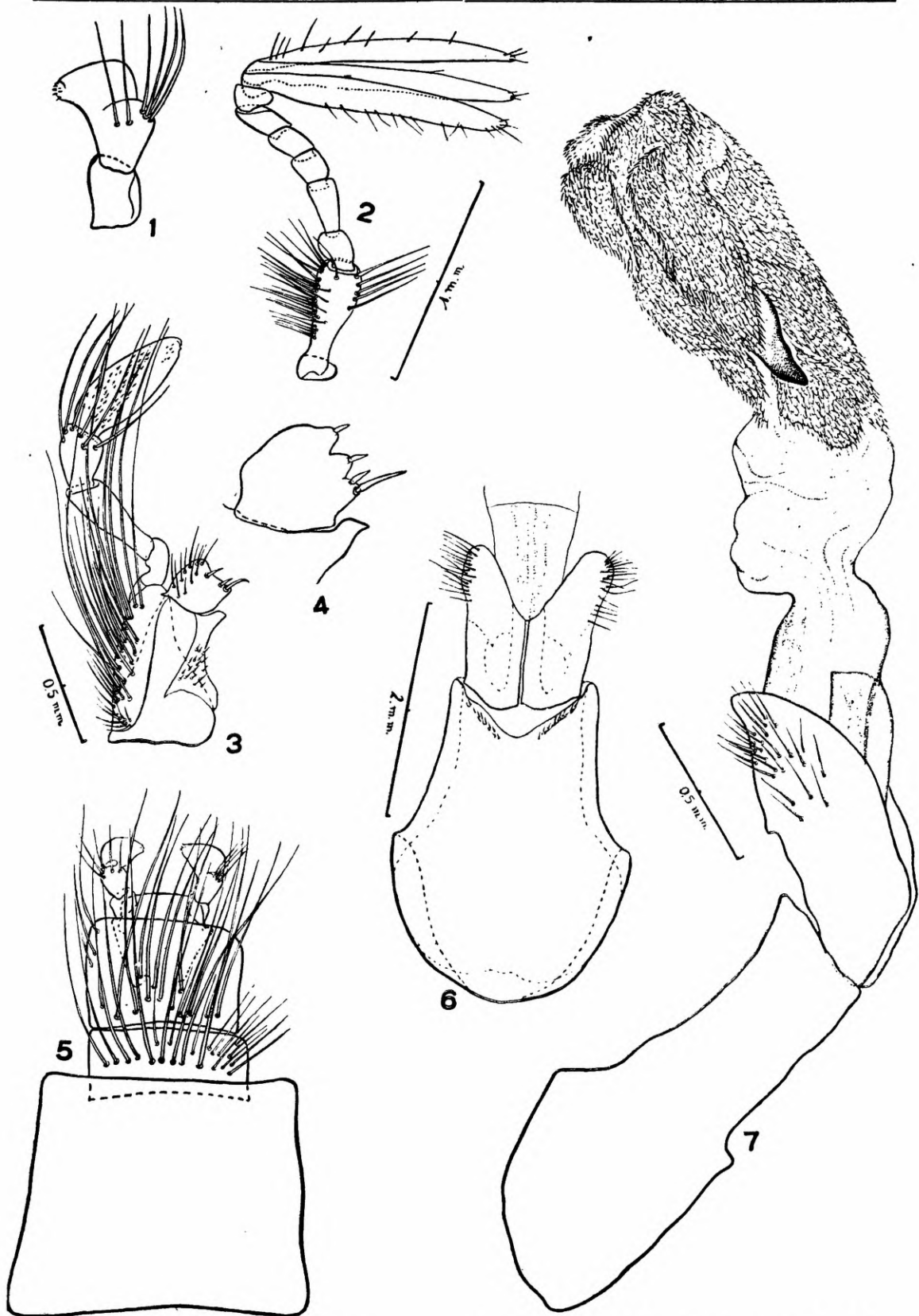
Região ventral tendo na borda clipeal pontuação aglomerada e microscópica, pontos pilíferos e os pêlos longos e finos. Partes inferiores das maxilas e do mento cobertas de longos pêlos.

Tórax. — Pronoto regularmente convexo, bordas anterior e lateral marginadas; ângulos anteriores retos, os posteriores arredondados. Superfície pontuada, os pontos mais aglomerados na margem anterior, com pontos mais rasos, superficiais e glabros na metade posterior, na região pre-escutelar até a borda e em uma curta faixa submediana que alcança as margens laterais; os demais pontos todos pilíferos com pêlos longos e densos principalmente na metade anterior.

Prosterno glabro anteriormente, exceptuando a borda anterior que é marginada de pêlos longos, finos e densos. Região posterior muito pequena e com a borda posterior marginada de pilosidade muito fina.

Proepisternos totalmente cobertos de pontos pilíferos, sendo os pêlos longos, finos e salientes nos lados.

Mesonoto com o escutelo pontuado, os pontos superficiais e escassos, com pêlos finos e curtos. Élitros sem estrias aparentes, salvo a sutural que é pouco notável, um pouco deprimidos na parte média e na região caudal (formando ambos os élitros um sulco raso na metade posterior); tubérculo humeral aparente nos lados; calo apical muito pouco conspícuo; superfície pontuada irregular-



Paulosawaya ornatissima gen. et sp. n. — 1 - Palpos labiais; 2 - Antena; 3 - Maxila; 4 - Detalhe da gálea e lacinia da maxila; 5 - Lábio com o mento e palpos labiais; submento e gula; 6 - Órgão copulador do ♂, vista dorsal; 7 - Órgão copulador do ♂, vista lateral com a vesica desenvaginada.

As Figuras 1, 2, 4 e 3, 5 na mesma escala respectivamente.

mente, sendo os pontos na região anterior densos e com pêlos finos e longos os quais não alcançam a parte lateral do tubérculo humeral; na região sutural os pontos são pequenos e densos com pequenas cerdas curtas somente na região posterior, no resto os pontos são irregulares, mas não muito densos, formando 3 faixas longitudinais as quais desaparecem antes do ápice; a faixa lateral é quase imperceptível; todos os mencionados pontos são glabros; epipleuras marginadas de pêlos um pouco salientes na porção posterior.

Mesosterno subcordiforme, microscòpicamente pontuado, com pontos pilíferos e mais densos nas regiões anterior e laterais, sendo os pêlos muito curtos.

Mesoepisternos completamente pontuados, pontos com pêlos longos e finos.

Metasterno impresso no meio, sutura sulciforme e enegrecida; superfície completamente recoberta de pontos pilíferos, os pêlos dos lados mais longos e densos, não deixando perceber a escultura.

Metaepisternos totalmente encobertos de pêlos longos, finos e densos.

Pernas anteriores com os fêmures pontuados na face ventral, os pontos são bem impressos e com longos, finos e densos pêlos; tíbias com o dente proximal insignificante, mesmo ausente (notando-se somente um pequeno lóbulo no seu lugar), os dentes médio e apical mais agudos e bem manifestos, superfície com pontos pilíferos e pêlos finos e manifestos, menos em uma pequena zona latero-dorsal, contudo a borda marginada de pontos e pêlos; tarsos com pêlos finos na face ventral e no ápice. Pernas médias com os fêmures mais delgados que os anteriores, com a face ventral conspicuamente pontuada sendo os pêlos dos mesmos longos, finos e sedosos; tíbias com a carena latero-dorsal oblíqua e tendo em sua borda cerdas curtas e achatadas do mesmo modo que a borda apical da face ventral; superfície pontuada e as margens com pêlos finos e longos; cálcres espiniformes e mais curtos que o 1.º artículo tarsal; tarsos com ornamentação idêntica a dos anteriores. Pernas posteriores com os fêmures um pouco mais alongados que os médios e com igual escultura e ornamentação; tíbias com carena transversal na margem latero-dorsal, com os cálcres um pouco mais longos e arqueados, sendo no resto semelhantes às anteriores.

Abdômen. — Esternitos com pontos microscòpicos, os pontos com pêlos longos, finos, sedosos e deitados; 6.º esternito muito curto com a margem posterior em arco pouco manifesto, truncada no meio e em ângulo nos lados.

Pigídio convexo e com fina marginação; superfície com pontos muito pequenos, rasos e esparsos no disco e com pontos mais manifestos guarnecidos de pêlos escassos, longos e finos nos lados e no ápice que é arredondado.

Genitalia: Observada dorsalmente (fig. 6) tem a peça basal em forma de escudo truncado no ápice; parâmeros alongados, subquadrangulares com o ápice romboidal e coberto de cerdas em forma de puas. Observada lateralmente (fig. 7) tem a peça basal em forma de cilindro irregular estreitada no ápice; parâmeros de forma triangular com as bordas proximal e ventral escavadas fortemente no primeiro; pouco notável no segundo com a borda dorsal oblíqua e sinuosa formando dois lóbulos, tendo o ápice quase rombo. Vesica um pouco mais esclerosada no ápice onde está recoberta de abundantes espículas, menos notáveis no extremo.

♀. — Difere do ♂ pela forma da clava antenal que é muito menos alargada; pela escultura dos élitros mais grosseira, com pêlos microscópicos esparsos em quase toda a superfície; pêlos tarsos proporcionalmente menores e pelas garras mais delgadas e mais finas e pelo 6.º esternito abdominal entalhado sinuosamente na margem posterior.

Comprimento: 15,5-14 mm.; Largura do pronoto 6,5-6 mm.; Largura máxima dos élitros 8,3-7,9 mm., aproximadamente.

Exemplares examinados e procedência: 28 ♂♂ e 2 ♀♀ todos de Equador, Quito (P. Mena Leg.) 1.X.953. Holótipo ♂ n.º 26.182, Alotipo ♀ n.º 26.183 e 13 Paratipos ♂♂ n.º 26.184-26.197 nas Coleções do Departamento de Zoologia; 2 Paratipos ♂♂ Coleções da Escola Politécnica de Quito Equador; 10 Paratipos ♂♂ e 1 Paratipo ♀ na Coleção A. Martínez de Buenos Aires. Alguns exemplares trazem na etiqueta "Miraflores" sendo esta localidade, segundo informações obtidas um bairro de Quito.

***Pseudoleuretra* n. gen.**

Gênero próximo de *Paulosawaya*, do qual se diferencia pela forma do lábio, cujo mento (fig. 11) é quadrangular, com a margem anterior entalhada muito irregularmente, formando 3 lóbulos (dois laterais e um médio), margem posterior lobulada no centro e as laterais em arco pouco conspícuo; palpifer muito mais saliente na parte anterior e cordiforme; os palpos labiais (fig. 10) triarticulados, com os artículos gradativamente maiores, sendo o apical arqueado e membranoso no ápice. Maxilas com a estipe (figs. 8 e 9) munida de um processo dentiforme na parte apical e superior, com a gálea e lacínia (figs. 8 e 9) soldadas e de aspecto lo-

biforme, com a margem apical irregularmente denticulada e inermes; palpos quadriarticulados e com o 2.º artigo um pouco mais curto que o distal que é fusiforme. Antenas de 10 artigos e muito semelhantes as de *Paulosawaya*, porém o 3.º artigo é engrossado no meio. Tíbias anteriores com calcar microscópico e articulado colocado na base da fosseta tarsal; tíbias médias denticuladas nas margens laterais e sem carena ou linha transversal e as tíbias posteriores com uma linha transversal que somente alcança o meio da face dorsal.

Genotipo: *Pseudoleuretra bokermanni*, n. sp.

Este novo gênero foi erigido para conter uma espécie também nova proveniente da mesma localidade, data e coletor que a anterior. De início pensamos colocar ambas as espécies no mesmo gênero, porém em vista dos caracteres apresentados, e com o fim de evitar confusões sobre o conceito genérico estabelecido entre os *Melolonthidae*, julgamos mais aconselhável criar o novo gênero.

Como se pode notar, a diferenciação se baseia de modo particular na forma do lábio cujo mento é diferente; no número dos artigos dos palpos labiais; na forma das maxilas cuja estipe é prolongada em manifesto dente; no aspecto do lóbulo formado pela gálea e lacínia "Mundteile dos Alemães"; pela presença de calcar nas tíbias anteriores e pela falta de carena transversal nas tíbias médias.

***Pseudoleuretra bokermanni* n. sp.**

DIAGNOSE:

Côr geral castanho-avermelhada, mais escura na parte dorsal da cabeça (região occipital) e do pronoto; com pronoto e élitros mais brilhantes; pubescência das diferentes partes do corpo amarelo escuro com reflexos dourados.

DESCRIÇÃO:

♂: *Cabeça*: margem clipeal levantada em arco e levemente entalhada no meio; sutura clipeo-frontal quase reta e somente um pouco curvada nos lados. Superfície pontuada, com pontos manifestos e irregulares no clipeo e na fronte, pontos grandes e impressos no meio, pequenos e mais densos nos lados e na sutura clipeo-frontal; sobre as bordas oculares da fronte há cerdas conspícuas de porte variável; região occipital com pontos mais densos, menos conspícuos e glabros.

Região ventral do clipeo densa e claramente pontuada, os pontos com pêlos; parte inferior das maxilas cobertas de pontos pilí-

feros; mento também com pontos pilíferos menos na parte basal e no meio da parte anterior que é glabra e sem pontos; êstes pêlos são finos e longos. Antenas com o escapo e os artículos 4-10 com pêlos, muito mais numerosos no quarto, clava coberta de pubescência tomentosa pardo-amarela. Olhos laterais, grandes e o canto ocular curto.

Tórax: Pronoto com as bordas anterior e laterais marginadas, as laterais com fino rebordo, em arco e com ângulo muito obtuso no meio; ângulos anteriores muito pouco salientes, obtusos, os posteriores arredondados. Superfície regularmente convexa, e com vestígio de impressão longitudinal muito pouco precisa sobre o disco e com uma pequena impressão punctiforme e circular logo acima dos ângulos laterais; esculptura formada de pontos microscópicos, sendo os pontos do disco muito mais escassos e menos conspícuos que os dos lados, em particular os dos ângulos anteriores e da margem posterior que são densos e alguns com pêlos.

Prosterno na porção proximal mediana com uma depressão marginada de pêlos nos lados; as regiões laterais à referida depressão glabras, borda anterior marginada de longos pêlos densos e salientes anteriormente; parte posterior coberta de numerosos pêlos que também margeiam a borda posterior.

Proepisternos pontuados e pilosos, com pontos "pluviformes" e com pêlos longos; na margem lateral há uma pequena faixa lisa precedendo a uma fileira de pontos mais fortes que margeiam o lado e com pêlos muito salientes.

Mesonoto com o escutelo em forma de lingueta e um pouco mais largo que longo, com a superfície aparentemente lisa e glabra. Élitros mais longos que largos, subparalelos, arredondados no ápice e com o ângulo caudal médio romboidal; estrias e interestrias indistintas, com aumento notam-se 3 elevações longitudinais pouco conspícuas, sendo a primeira na sutura e as outras duas antes do tubérculo humeral que é manifesto e um pouco alongado; superfície com pontos irregulares e microscópicos, êstes pouco impressos com alguns pêlos nas regiões basal e apical, sendo os anteriores mais longos; epipleuras estreitas com uma fileira de pontos pilíferos bem manifestados, sendo os pêlos longos e salientes.

Mesosterno e mesoepisternos densamente pontuados os pontos impressos e com pêlos longos e densos.

Mesosterno em mesoepisternos densamente pontuados; os pontos coberto de pontos pilíferos com pêlos longos e densos, exceptuando o referido sulco.

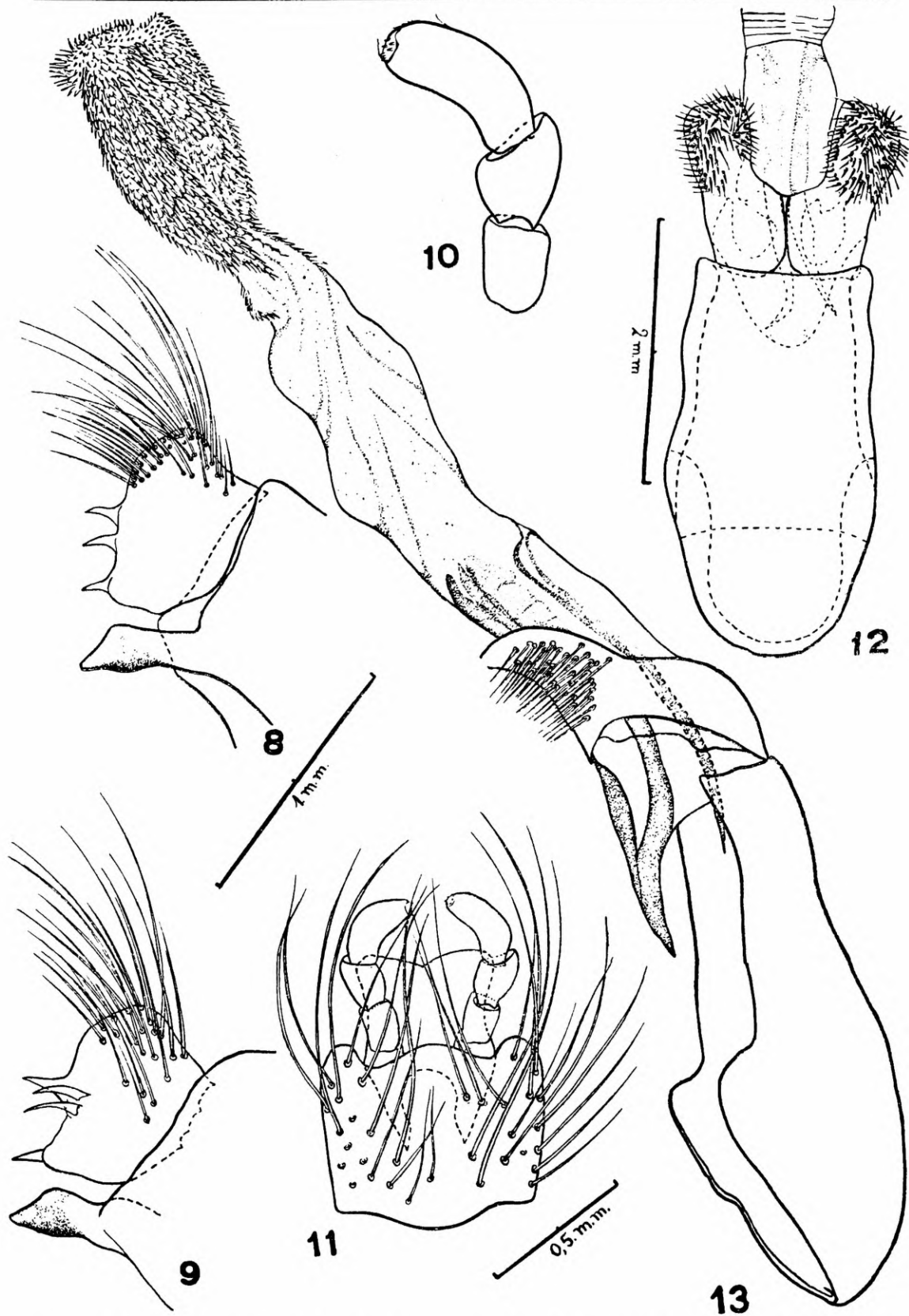
Metaepisternos com esculptura e ornamentação semelhante as do metasterno.

Pernas anteriores com os fêmures pontuados e pubescentes na face ventral, os pêlos são longos, finos e bastante densos; tíbias tridentadas (dois dentes laterais e um latero-apical pouco conspícuos e rombos), com 3 fileiras de pontos pilíferos nas faces dorsal e ventral, o calcar muito pequeno, situado sôbre o entalhe tarsal, irregular, agudo e falciforme, com a margem apical muito oblíqua e sinuosa, tarsos alongados, bem maiores que a tíbia, 1.º a 4.º decrescentes, o 5.º o maior de todos e com duas grandes garras arqueadas e agudas com um dente agudo no terço apical evidente, oníquio laminiforme com duas pequeníssimas cerdas, com a face ventral de todos os artículos e a parte apical do 1.º com pêlos ralos, no último e densos nos outros. Pernas medianas, com os fêmures pontuados e pilosos na face ventral, sendo os pêlos longos e densos; tíbias curtas, medianamente robustas com as bordas laterais notáveis e a borda ventral denticulado, sendo um dêsses denticulos mais manifesto, ápice truncado reta ou quase retamente e a borda com pequenas cerdas esquamiformes, exceptuado e entalhe tarsal e a inserção dos cálcares, superfície com pêlos finos e cerdas, estas nas bordas laterais; cálcares espiniformes e menores que o 1.º artículo tarsal; tarsos semelhantes aos das pernas precedentes e posteriores. Pernas posteriores com fêmures semelhantes aos das pernas médias na face ventral; tíbias com denticulação menos notável nas bordas, a ornamentação semelhante a das tíbias médias; cálcares espiniformes, o superior plano.

Abdômen. — Esternitos pontuados, os pontos com pêlos cerdifformes voltados para trás e do 1.º ao 4.º muito mais abundante nos lados que no centro, o 5.º é o mais longo de todos, aproximadamente igual aos 3.º e 4.º reunidos e com pontos mais escassos que os anteriores e com a margem posterior finamente membranosa; o 6.º o mais curto de todos, estreitado nos lados e com uma zona lisa na base sendo o resto pontuado, margem posterior reta.

Pigídio triangular, grande, convexo e totalmente marginado; superfície lisa, menos nos lados da parte inferior e na região apical onde há alguns esparsos pontos pilíferos.

Genitalia: vista dorsalmente (Fig. 12) tem o falobase em forma de escudo côncavo no ápice; parâmeros alongados, trapezoidais com o ângulo latero-apical arredondado e com pontos pilíferos na margem lateral do ápice; vista de perfil (Fig. 13) tem a peça basal semicilíndrica e claviforme, com a margem apical truncada obliquamente; parâmeros com aspecto de setor de círculo irregular, com a margem ventral sinuosa e o ápice romboidal. Pênis alongado, com a vesica mais esclerosada e coberta de espículas muito numerosas, com um processo dentiforme muito notável no lado esquerdo próximo do ápice.



Pseudoleuretra bokermanni gen. et sp. n. — 8 - Detalhe da gálea e lacinia da maxila, vista ventral; 9 - Detalhe da gálea e lacinia da maxila, vista dorsal; 10 - Palpos labiais; 11 - Lábio com o mento e os palpos labiais; 12 - Órgão copulador do ♂, vista dorsal; 13 - Órgão copulador do ♂, vista lateral com a vesica desenvolvida.

As figuras 8, 9 e 10 na mesma escala.

♀ desconhecida.

Comprimento: 15-14,5 mm.; Largura do pronoto 7,6-7 mm.; largura máxima elital 9,8-8 mm., aproximadamente.

Exemplares examinados e procedência: 2 ♂♂ de Equador, Quito (Miraflores) 1.X.953, P. Mena leg. Holotipo ♂ n.º 26.198 nas Coleções do Departamento de Zoologia e 1 Paratipo ♂ na Coleção de A. Martinez.

Temos a grata satisfação de dedicar esta nova espécie ao nosso amigo e companheiro, Werner C. A. Bokermann, batracólogo deste Departamento de Zoologia como prova de sincera amizade.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

SÔBRE UMA NOVA ESPÉCIE DE *HYLA* DO ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL (Amphibia Salientia-Hylidae)

POR

WERNER C. A. BOKERMANN

Hyla alvarengai sp. n.

Holótipo ♂ n.º 1680 na coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, procedente de Santa Bárbara, próximo a Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil, colecionado em janeiro de 1921 pelo botânico F. Hoehne.

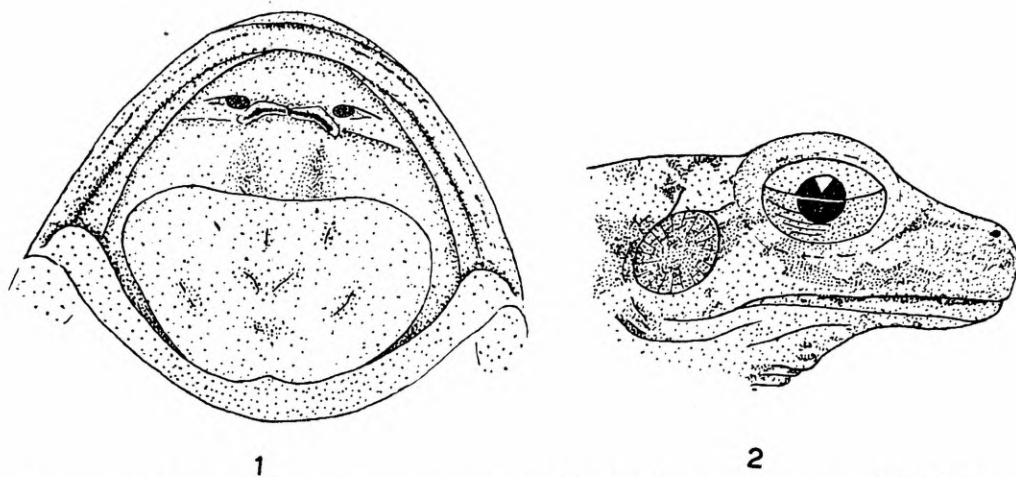
Descrição: Cabeça muito curta, mais larga que longa. Cantor rostral pouco evidente. Loros côncavos. Olhos grandes, projetados para a frente, seu diâmetro transversal quase igualado ao comprimento do focinho. Narinas na ponta do focinho, dispostas lateralmente, distando do olho quase dois terços do diâmetro ocular. Tímpano bem visível, seu diâmetro transversal igualando quase a dois terços do diâmetro transversal do olho. Espaço interorbital igualando à largura da pálpebra superior. Uma prega supra-timpânica pouco evidente.

Dentes vomerinos em duas séries unidas formando um arco muito aberto entre e atrás às coanas que são amplas e ovaladas. Língua grande, livre, pouco entalhada posteriormente.

Aparelho externo com o omosterno e xifisterno dilacerados por dissecação anterior, não permitindo mais julgar da forma original.

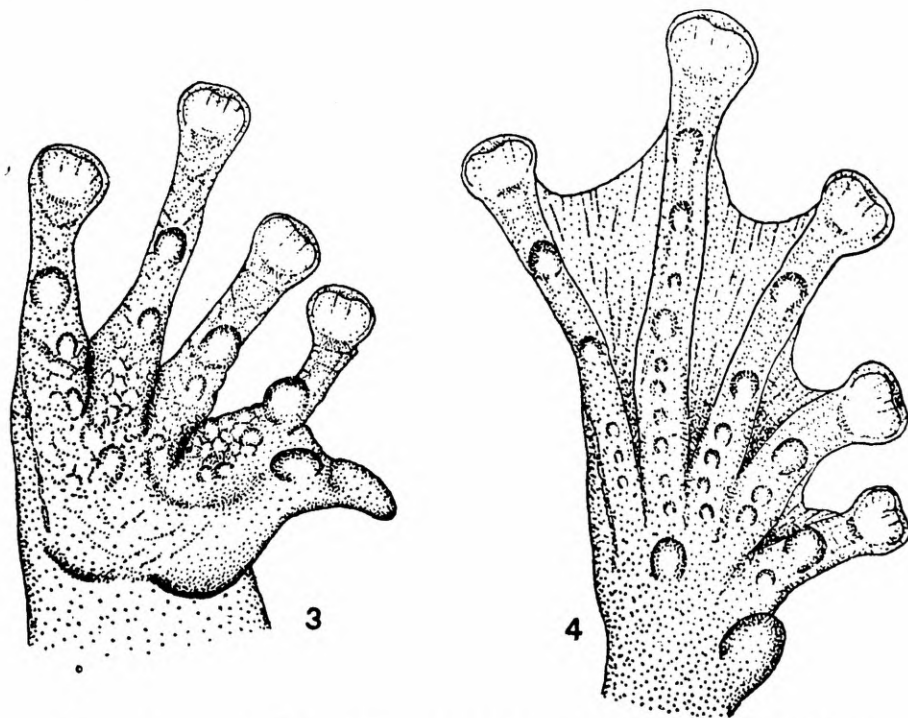
Membros anteriores longos; braço curto e franzino; antebraço longo e robusto. Dedos longos, sem qualquer vestígio de membrana, levemente fimbriados, providos de discos adesivos pou-

co maiores que a metade do tímpano, sendo o disco do primeiro dedo pouco menor que os dos demais. Primeiro dedo quase igualando ao segundo em comprimento. Pólex tão desenvolvido como em machos adultos de *Leptodactylus pentadactylus*, porém formado por um longo calo que envolve um forte e pontiagudo es-



Figs. 1 e 2 Bôca e cabeça (perfil) de *Hyla alvarengai*, sp. n. Holótipo.

pinho córneo como em *Hyla faber*. Calos articulares e subarticulares muito desenvolvidos. Do lado externo do antebraço um cordão glandular pouco evidente que, partindo da base do último dedo, chega à metade do antebraço.



Figs. 3 e 4 Mão e pé de *Hyla alvarengai*, sp. n. Holótipo.

Membros posteriores longos; coxas e pernas robustas. Artelhos unidos por uma membrana que atinge o disco em todos êles, menos no quarto, onde alcança apenas a extremidade distal da penúltima falange; discos adesivos pouco menores que os dos dedos, sendo o do primeiro artelho um pouco menor que os dos demais. Calos articulares bem desenvolvidos; os subarticulares pouco desenvolvidos, porém bem evidentes; um calo metatarsiano muito grande e saliente na base do primeiro artelho. Uma fraca prega cutânea do lado externo do pé em continuação à fimbria do último artelho.

Pele do lado dorsal de aspecto coriáceo, com alguns grânulos maiores próximos ao tímpano e entre os olhos; no lado ventral reticulada, com exceção do lado interno das coxas e da perna, onde é lisa.

Não há saco vocal externo.

O colorido geral do dorso é de um sépia médio tendo manchas castanhas esparsas. Estas manchas na parte trazeira são circulares e anulares com o centro claro. A parte dorsal das coxas tem cinco faixas transversais, delimitando faixas claras de igual largura; na perna, quatro manchas escuras que não chegam a formar faixas regulares; no tarso, três manchas escuras, e no pé outras três. Lado ventral do corpo sépia mais claro que o do dorso, nos membros um pouco mais escuro. A região gular é reticulada de castanho escuro. Lábios inferior e superior irregularmente manchados de branco sujo. Os cordões glandulares do tarso e do antebraço mais claros.

Dedicamos esta espécie ao Tenente Moacir Alvarenga, da Força Aérea Brasileira, pelo muito que tem feito em prol do aumento de nossas coleções e pelo conhecimento de nossa flora e fauna.

MEDIDAS DO HOLÓTIPO EM MM

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Comprimento do membro posterior | 125 |
| Comprimento do membro anterior | 54 |
| Comprimento rostro-anal | 76 |
| Largura da cabeça | 32 |
| Diâmetro ocular | 9 |
| Diâmetro do tímpano | 6 |
| Distância do olho à narina | 6 |
| Distância entre as narinas | 5 |

Cochram (1955:55) agrupou as *Hyla* de tamanho grande do sudeste brasileiro em dois grupos: *venulosa* e *faber*. No grupo *venulosa* incluiu *imitatrix* Miranda-Ribeiro e *mesophae* a Hensel; êste grupo de três espécies parece ser mais ou menos homogêneo e se caracterizaria pela cabeça muito larga e pelo formato apro-

ximadamente circular do focinho, pele dorsal com secreção viscosa e abundante e, principalmente, pelos sacos vocais que são externos e muito desenvolvidos, assemelhando-se até certo ponto com os de *Elosia* e de algumas *Rana*. O grupo *faber*, segundo o conceito de Cochran abrange as espécies *pardalis* Spix, *langsdoerffii* D. B. e *crepitans* Wied, podendo ainda ser nêle incluídas a forma amazônica *boans* L. e a equatoriana *rosenbergii* Boul. Este grupo se caracterizaria pelo formato da cabeça, que é achatada, com fronte côncava, tendo os loros muito côncavos e o canto rostral muito evidente, sacos vocais internos e pólex formado por um espinho córneo envolvido por um calo.

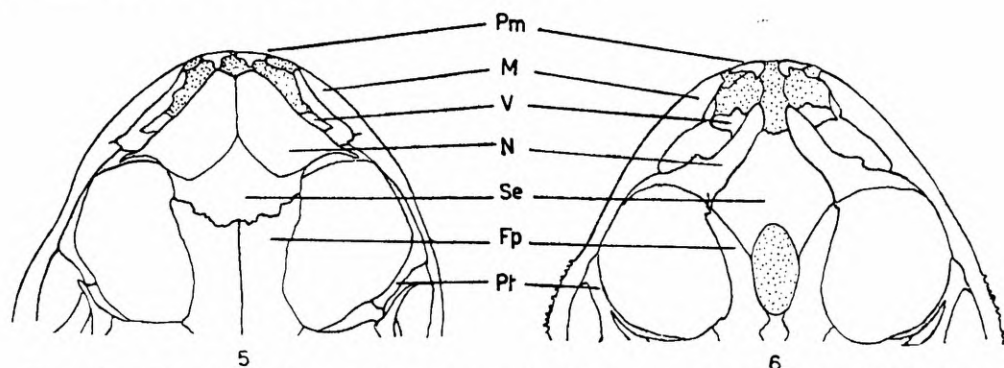


Fig. 5 Região anterior do crânio de *Hyla venulosa* (DZ 15842, Paracai, Paraná, ♂); Fig. 6 - Idem de *Hyla faber* (DZ 1905, Ferraz de Vasconcelos, São Paulo, ♂).

Pm — premaxilar; M — maxilar; V — vômer; N — nasal; Se — esfenotmoide; Fp — fronto-parietal; Pt — pterigoide.

O formato dos loros e do canto rostral é determinado pela forma do osso nasal, o qual, nas espécies do grupo *venulosa* é de formato trapezoidal e pouco curvo, ao passo que nas espécies do grupo *faber*, tem a forma de um triângulo extremamente alongado no sentido transversal (Figs. 5 e 6).

Verifica-se assim que a forma do canto rostral, dependendo de um caráter craniano importante, deve receber atenção especial na taxonomia destas *Hyla*.

Hyla alvarengai, pela conformação do focinho e aspecto da pele dorsal, poder-se-ia incluir no grupo *venulosa*, porém o saco vocal interno e o acúleo nupcial a afastam das espécies desse grupo. Por outro lado, pelo saco vocal e acúleo nupcial ela poderia ser incluída no grupo *faber*, no qual entretanto não cabe porque não tem a cabeça achatada, a fronte não é côncava e o canto rostral é pouco evidente.

Pela sua cabeça extremamente curta, discos adesivos muito pequenos, pólex muito desenvolvido e dotado de um espinho córneo, ausência de membrana entre os dedos e primeiro dedo quase



Vista dorsal do holótipo de *Hyla alvarengai*.

do tamanho do segundo, ela se afasta completamente dos dois agrupamentos de *Hyla* grandes.

Pelo aspecto geral é entretanto com *Hyla venulosa* que ela mais se assemelha diferindo dela nos seguintes pontos: focinho muito mais curto; tímpano maior em relação ao ôlho; discos adesivos dos dedos e artelhos menores que o tímpano; dedos destituídos de membrana; pólex extremamente desenvolvido; membros anteriores e posteriores relativamente muito mais longos e saco vocal interno.

ABSTRACT

Hyla alvarengai, sp. n., is described on a single male specimen from Santa Barbara, near Belo Horizonte, State of Minas Gerais, Brasil.

The new form does not fit into either of the two groups of large Brazilian *Hylae* diagnosed by Cochran (1955).

It diverges from the *venulosa* group in having an internal vocal sac and a distinct nuptial aculeus.

Otherwise it differs from the *faber* group in the shape of the head, the frons being not concave and the cantus rostralis little evident. Both characters are shown to depend on important osteological characters, and should reserve better attention in the study of the genus *Hyla*.

Other characters proper to *Hyla alvarengai* are: head very short; first finger very strong, with a horny spine; no interdigital membrane in the manus; first finger almost equal to second; adhesive discs very small.

The new species has some physiognomical resemblance to *Hyla venulosa*, from which it can be easily separated by the above cited characters.

BIBLIOGRAFIA

- BOULENGER, G. A. — 1882 Catalogue of the Batrachia Salientia in the British Museum, 2.a Ed. 16 + 503 pp. 30 pls. British Museum, London.
- COCHRAN, D. M. — 1935 - Frogs of Southeastern Brazil, Bull. U.S. National Museum 206:15 + 423 pp., 28 figs. texto, 34 pls.
- MIRANDA-RIBEIRO, A. — 1926 Notas para servirem ao estudo dos Gymnobatrachios (Anura) brasileiros. Bol. Museu Nacional do Rio de Janeiro 26:27 + 227 pp. 23 pls.
- NIEDEN, F. — 1923 Das Tierreich (Anura I) 46:32 + 284 pp., 380 figs. texto. Walter de Gruyter & Co. Berlin und Leipzig.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

DOIS GÊNEROS NOVOS DE *CANTHONINI* AMERICANOS (Col. Scarabaeoidea, Scarabaeidae)

POR

ANTONIO MARTÍNEZ (*)

e

FRANCISCO S. PEREIRA C. M. F. (**)

No presente trabalho os autores descrevem dois Gêneros novos de *Canthonini*: Um composto de espécies já conhecidas e que até o presente formavam parte do Gênero *Canthon* e de *Deltochilum* e o segundo baseado em exemplares pertencentes a uma espécie nova de Argentina e Brasil.

E' de notar que a única espécie de *Deltochilum* transferida para o novo gênero teve pouca fixidez, pois embora descrita no gênero *Deltochilum*, os autores ora a colocavam nesse gênero ora em *Canthon* como prova a bibliografia.

Anisocanthon n. gen.

Próximo de *Xenocanthon* Martínez e de *Aulacopris* White, do primeiro se distingue à primeira vista pelo mento desprovido de membrana na margem anterior; pelos proepisternos guarnecidos de denticulo na metade anterior da margem lateral; pelo pigídio sem margem basal, etc. Do segundo o reconhecemos principalmente pelo 1.º artículo dos tarsos das pernas médias e posteriores igual ou quase ao 2.º artículo; pela carência de carenas longitudinais do pronoto, etc.

(*) Bolsista da Universidade de São Paulo. Entomólogo del Departamento de Protección a la Naturaleza, Administración General de Parques Nacionales y de la Misión de Estudios de Patología Regional Argentina, Universidad de Buenos Aires, Argentina.

(**) Sob os auspícios do Conselho Nacional de Pesquisas, R. de Janeiro. Trabalho executado na Divisão Insecta, Dep. de Zoologia, Secretaria da Agricultura. São Paulo.

Cabeça com a margem clipeal anterior bidentada, nos lados dos dentes com emarginatura manifesta porém sem formar dente; genas na frente mais ou menos salientes, as vezes chegando a formar dentículo; parte superior dos olhos pouco notável, alongada e estreita. Região ventral com o mento (Figs. 3, 13, 19) inteiro e quadrangular e mais largo que longo, sinuoso na margem anterior e formando dois lobos pouco manifestos, as bordas laterais arqueadas e a posterior quase reta; palpos triarticulados (Figs. 2, 3, 10, 13, 19); 1.º artículo grande em trapézio irregular; 2.º muito menor que o anterior, irregularmente subcônico e alargado na parte posterior; 3.º o menor de todos, ovoide, reto ou levemente arqueado e com órgão sensorial no ápice. Maxilas (Figs. 7, 12, 17) com a gálea e lacinia lobuliformes; palpos quadriarticulados: 1.º muito pequeno, um pouco arqueado e engrossado apicalmente; 2.º muito maior que o 3.º e obliquamente truncado no ápice; 3.º subcilíndrico e levemente engrossado no ápice; 4.º fusiforme e o maior de todos, porém um pouco menor que os precedentes reunidos, ápice membranoso. Antenas (Figs. 11 e 18) de 9 artículos: 1.º muito longo, maior que os 2-6 tomados em conjunto, um pouco estreitado na parte mediana; 2.º moniliforme ou submoniliforme; 3.º-6.º decrescentes, sendo os 3.º e 4.º em forma de cone truncado e os 5.º e 6.º campanuliformes e este último mais largo que o anterior; 7.º-9.º formando a clava, 7.º muito comprido e o mais largo, 8.º sensivelmente menor que o precedente e o 9.º o menor dos três e com a porção apical membranosa que pode destacar-se na preparação.

Pronoto mais largo que longo, convexo, de superfície irregular; margem anterior entalhada e as laterais em arco anguloso, estando o ângulo situado mais perto da borda anterior que da posterior, margem posterior em arco levemente sinuoso; ângulos anteriores salientes e agudos, os posteriores obtusos e pouco marcados; dépressão pré-escutelar bem manifesta.

Prosterno quase vertical na metade anterior e suavemente excavado; a metade posterior alargada e o processo prosternal em cunha.

Proepisternos excavados anteriormente para receber os femures, a excavação delimitada posteriormente por uma carena inteira e com dentículo manifesto na margem lateral.

Mesonoto com o escutelo oculto sob os élitros que são irregulares com impressão escutelar muito fraca ou quase invisível, cada um com 9 estrias contando a da margem lateral, a 8.ª evidente somente na metade posterior e ainda assim as vezes muito apagada; interestrias largas e irregulares, as vezes com tubérculos mais ou menos evidentes; epipleuras muito estreitadas apicalmente.

Mesosterno curto e largo, um pouco mais alongado nos lados; sutura meso-metasternal um pouco arqueada.

Mesoepisternos largos e curtos, um pouco convexos.

Metasterno muito largo na placa e com leve sulco transversal na margem anterior perto da sutura.

Metaepisternos triangulares e alongados.

Pernas anteriores com as tíbias levemente arqueadas e com a margem lateral tridentada na porção apical, o ápice truncado reta ou quase retamente, com calcar articulado, e diferente conforme os sexos; tarsos presentes embora reduzidos e compridos, apenas mais longos que a largura do dente apical, o 1.º e o 5.º artículos os maiores, 2.º-4.º muito pequenos e curtos, o 5.º com garras pequenas, arqueadas e ponteagudas. Pernas médias com os fêmures levemente claviformes; tíbias prismáticas, engrossadas distalmente e truncadas retamente no ápice, cálcres articulados e espiniformes; tarsos menores que a tíbia, compridos, o 1.º artículo subigual ou apenas menor que o 2.º, 3.º e 4.º decrescentes, o 5.º o maior de todos e com duas garras arqueadas e bem agudas. Pernas posteriores com os fêmures mais alongados próximo distalmente que nos anteriores e com a borda anterior sempre marginada; tíbias maiores que as médias e gradualmente engrossadas para o ápice, retas ou arqueadas e truncadas retamente no ápice, cálcres articulados e espiniformes; tarsos mais curtos que as respectivas tíbias e de conformação semelhante aos das tíbias médias.

Abdômen com o 5.º esternito o mais curto de todos.

Pigídio triangular e não separado do propigídio, com as bordas laterais marginadas.

Genotipo: *Deltochilum pygmaeum* Gillet, 1911.

Este novo gênero foi erigido para conter três espécies, duas delas descritas como *Canthon* e a genotípica como *Deltochilum*. Sua distribuição abarca até o presente somente a América do Sul, tendo sido constatadas suas espécies em Venezuela, Colômbia, Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina.

Como já mencionamos anteriormente, este gênero se separa perfeitamente dos mais próximos, *Xenocanthon* Martínez e *Aulacopris* White, pelos caracteres mencionados, podendo-se acrescentar ainda, em relação ao primeiro a falta de dimorfismo sexual na região cefálica. Do Gênero Australiano *Aulacopris* também se reconhece pela falta de carena nos lados dos élitros, pelos bordos laterais do pronoto não crenulados, etc.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES

- | | |
|--|---|
| 1. — Élitros com tubérculos notáveis nas interestrias; fêmures posteriores pedunculados e claramente claviformes | 1. — <i>Anisocanthon pygmaeus</i> (Gillet) |
| — Élitros sem tubérculos notáveis nas interestrias; fêmures posteriores não pedunculados | |
| 2. — Margem anterior das genas não saliente nem espiniforme | 2. — <i>Anisocanthon villosus</i> (Harold) |
| — Margem anterior das genas saliente ou com denticulo | 3. — <i>Anisocanthon sericinus</i> (Harold) |

***Anisocanthon pygmaeus* (Gillet), 1911, n. comb.**

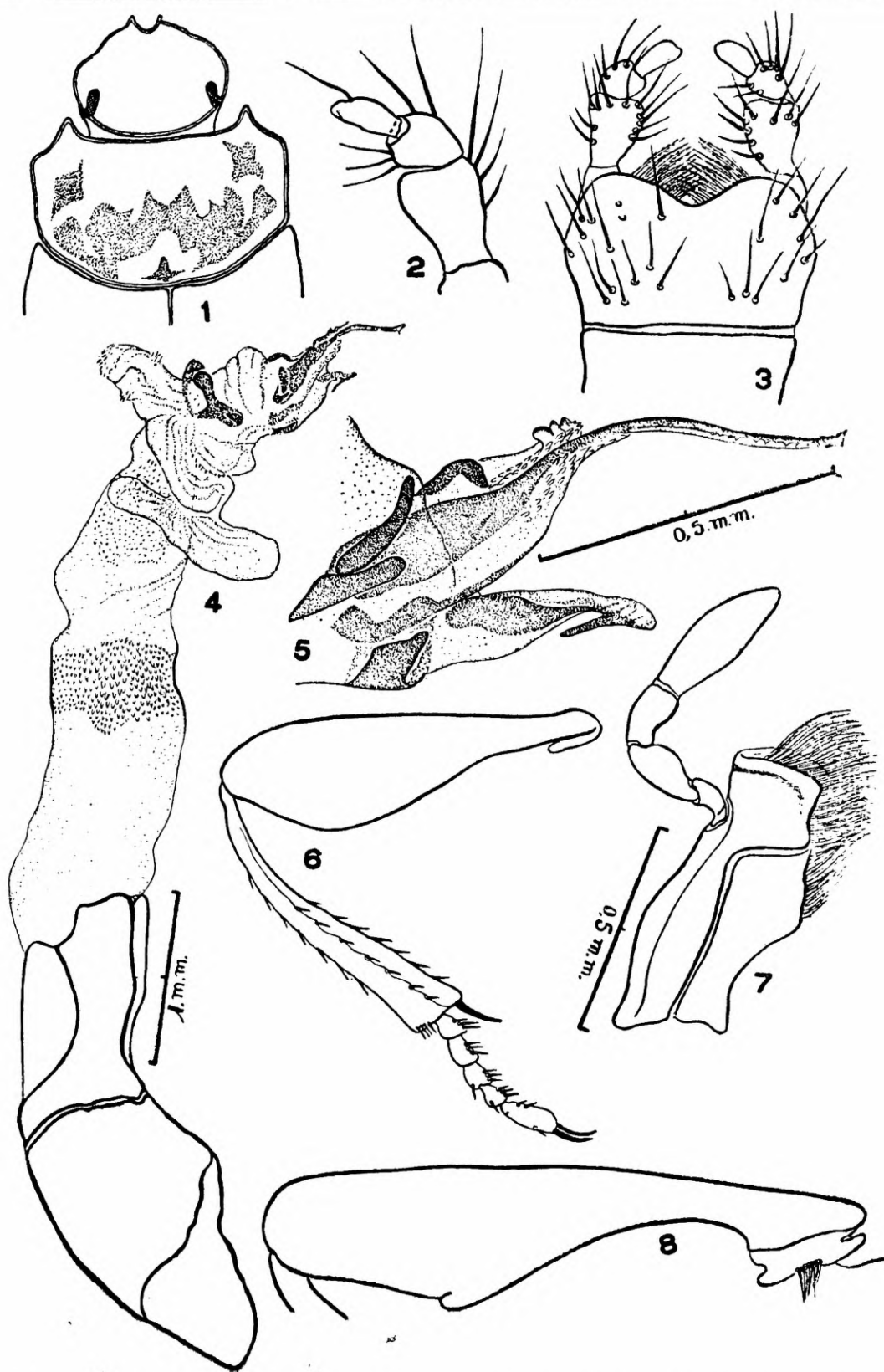
(Figs. 1 a 8)

Deltochilum pygmaeum Gillet, 1911, Ann. Soc. Ent. Bel. 55:316.*Deltochilum pygmaeum* Bruch, 1911, Rev. Mus. La Plata 17:185.*Deltochilum pygmaeum* Gillet, 1911, in Junk, Col. Cat. 19(38):36.*Canthon dromedarius* Schmidt, 1922, Arch. Naturg. 88 A3:63, 74, 98.*Canthon dromedarius* Balthasar, 1939, Fol. Zool. Hydrob. 9(2):184.*Deltochilum (Eudactyles) pygmaeum* Paulian, 1939, Ann. Soc. Ent. Fr. 108:9, 10, fig. 7.*Canthon dromedarium* Blackwelder, 1944, U.S. Nat. Mus., Bull. 185(2):199.*Deltochilum (Calhyboma) pygmaeum* Pereira & D'Andretta, 1955, Rev. Bras. Ent. 4: 8, 9, figs. 1-8.

DIAGNOSE

Difere das demais espécies do Gênero pelos relevos do pronoto; pelos tubérculos das interestrias elitrais; pelos fêmures posteriores claviformes e as tíbias arqueadas no quarto apical (♂ mais e ♀ menos), etc. Com fraco brilho sedoso; côr geral preta, com fracos reflexos cúpreos sobre a cabeça, pronoto e disco metasternal, as vezes misturado de brilho esverdeado; peças bucais, antenas, tarsos e pilosidade de côr castanho escura.

Cabeça com os dentes anteriores do clipeo pequenos e bem separados entre si e os lados do clipeo arqueados; genas com a margem anterior saliente em pequeno ângulo dentiforme; com a superfície muito esparsa e rasamente pontuada. Pronoto com o disco quase completamente plano, em declive abrupto nos lados e marginado por uma carena engrossada curta, nas margens laterais com o ângulo situado no têrço anterior; superfície irregular. Proepisternos com o denticulo lateral mais aproximado dos ângulos anteriores que do lateral. Élitros com as interestrias guarnecidas de pequenos tubérculos e gibosidades mais ou menos acentuadas; epipleuras largas, estreitando-se para o quinto apical. Metasterno na placa central levemente convexo e sem sulco



Anisocanthon pygmaeus (Gillet), 1911 — 1 Cabeça e pronoto, vista dorsal 10 x; 2 - Palpos labiais, vista dorsal; 3 - Premento, mento e palpos labiais, vista ventral; 4 - Órgão copulador do ♂, vista lateral com vesica desenvaginada; 5 - Detalhe do ápice da vesica; 6 - Perna mediana 20 x aproximadamente; 7 - Maxila e palpos, vista dorsal; 8 - Trocanter e fêmur posterior 10 x aproximadamente.

longitudinal médio. Pernas anteriores com as tíbias com 3 pequenos dentes na margem latero apical; tíbias médias um pouco achatadas e com os bordos dorsais microserrulados; fêmures claviformes. Abdômen com os esternitos convexos e com depressões nos lados. Pigídio opaco, um pouco convexo com uma pequena área brilhante na parte média perto da base. Esculptura fundamental formada por micro-granulações muito densas.

DESCRIÇÃO

♂. CABEÇA: Margem anterior do clipeo com 2 dentes médios triangulares, pequenos, agudos e separados entre si por um entalhe em forma de "U" e com as bordas laterais em arco um pouco irregular até a junção das genas, que apresentam na frente um ângulo dentiforme pequeno mas saliente; as genas estão separadas do clipeo por uma sutura sulciforme que se curva para dentro na altura da borda anterior dos olhos e se perde na parte central da frente. Superfície do clipeo um pouco irregular, com uma depressão rasa e grande logo atrás dos dentes médios, limitada posteriormente por um tubérculo pouco pronunciado; fronte no meio levemente impressa e irregular nos lados; genas adiante dos olhos um pouco deprimidas e todas estas regiões com pontos ocelares ralos e pouco conspícuos, cada qual munido de uma pequena cerda.

Parte ventral do clipeo e genas pontuada e pubescente, os pêlos com aspecto de cerda e um pouco salientes; mento com os 1.º e 2.º artigos dos palpos labiais e as maxilas cobertos de pêlos muito densos; antenas com a clava coberta de pubescência tomentosa grisalha.

TÓRAX: Pronoto com as bordas anterior e laterais marginadas finamente, as laterais em arco anguloso e obtuso, estando o ângulo lateral mais próximo do ângulo anterior que do posterior, logo a frente do ângulo um pouco côncavo e atrás do mesmo reto, borda posterior em arco saliente e um pouco sinuoso; ângulos anteriores salientes e agudos, os posteriores pouco marcados e obtusos. Superfície irregular; disco quase plano e limitado nos lados por uma carena grossa e pouco elevada com aspecto de um "S" irregular e de ambos os lados da mesma com declive abrupto até às margens laterais, na frente o disco desce suavemente até a margem anterior; tanto no disco como nos lados a superfície é irregular com áreas calosiformes elevadas e brilhantes em que se notam pontos esparsos e microscópicos; a carena que limita o disco lateralmente é também brilhante e com idêntica esculptura e todos os pontos com pequeníssimas cerdas; o disco na metade posterior com sulco longitudinal médio pouco impresso.

Prosterno na região posterior com a superfície aparentemente não pontuada, contudo entre a esculptura fundamental notam-se pequeníssimas microcerdas esparsas.

Proepisternos com a excavação anterior pouco profunda, a margem careniforme que a limita posteriormente muito fina; com a borda lateral nas proximidades do ângulo anterior munida de um denticulo aparente embora muito pequeno. Superfície com a esculptura fundamental notável e com alguns pontos e pêlos finos e moderadamente longos na excavação, glabra no restante.

Mesonoto com os élitros desprovidos de impressão escutelar e irregulares; estrias rasas e não pontuadas, as 5 discais bem marcadas com certo aumento, as 6-9 apagadas e difíceis de observar, sobretudo a 8.^a; interestrias largas, com tubérculos e dobras mais ou menos evidentes nas 2-7, as 3.^a e 5.^a com tubérculos somente na base e a 2.^a e 4.^a no ápice com tubérculos maiores, o resto destas duas últimas assim como a 7.^a com tubérculos menores e menos salientes, a 1.^a e as laterais com dobras pouco aparentes; tubérculo "humeral" saliente, careniforme e um pouco alongado; entre a esculptura fundamental se observam pequeníssimas cerdas que são mais numerosas na porção apical; epipleuras largas.

Mesosterno com micropontos muito rasos e dispersos entre a esculptura fundamental; sutura meso-metasternal quase reta, um pouco arqueada nos lados.

Mesoepisternos com pequenas cerdas dispersas, notadas somente sob certa incidência de luz.

Metasterno muito largo no centro que possui impressão transversal pouco notável bem junto da sutura meso-metasternal, sem indícios de sulco longitudinal na parte média; a superfície com esculptura mais fraca que nas regiões laterais e completamente coberta de microcerdas esparsas e pouco conspícuas, somente visíveis sob certa incidência de luz.

Metaepisternos com microcerdas semelhantes às do metasterno.

Pernas anteriores com os fêmures esparsamente pontuados na face ventral, pontos pouco notáveis e com pequenas cerdas pouca conspícuas; tíbias com os dentes laterais agudos e finos, sendo o médio e o apical muito aproximados e sem microdenticulação entre os mesmos, entre o dente médio e o basal há 4 denticulos e por detrás deste uns poucos denticulos que não alcançam a base da tíbia; ápice truncado obliquamente, calcar espiniforme, agudo e um pouco arqueado; tarsos um pouco mais longos que a largura apical da tíbia, 5.^o articulo com as garras pequenas, finas, agudas e arqueadas. Pernas médias (Fig. 6) com os fêmures claviformes e a margem anterior mais arqueada que a posterior, a superfície ventral convexa e com pontos e cerdas micros-

cópicas, notadas unicamente sob determinada incidência de luz; tíbias muito fracamente arqueadas, com a margem latero-dorsal microscópica e irregularmente serrulada, lados e região apical marginados de pequenas cerdas; cálcares espiniformes, sendo o ventral igual ao 1.º artículo e o dorsal maior que o mesmo; tarsos com o 1.º artículo igual ao 2.º, no ápice e nos lados com pequenas cerdas, garras bem curvas e agudas. Pernas posteriores com os fêmures (Fig. 8) notavelmente claviformes, muito finos no ápice, com a borda anterior ligeiramente sinuosa e a posterior acentuadamente arqueada, face ventral com linha marginal anterior quase alcançando o ápice e com a superfície esparsa e microscópicamente pontuada e os pontos com microcerdas; tíbias notavelmente arqueadas, especialmente no quarto basal, bordas marginadas com cerdas mais escassas que nas tíbias médias; cálcio espiniforme e um pouco achatado e aproximadamente do tamanho do 1.º artículo tarsal e tarsos semelhantes aos das tíbias médias.

ABDÔMEN: Convexo, com os esternitos notavelmente excavados lateralmente e o 6.º estreito no centro e com a margem posterior entalhada; superfície irregular, com dobras mais ou menos notáveis vistas com aumento e com pontos pilíferos microscópicos e esparsos entre a esculptura fundamental.

Pigídio triangular com o ápice arredondado; superfície ligeiramente convexa, com uma pequena área mais elevada e lisa na parte média e sobre a região basal, o resto é opaco e com pequenas cerdas microscópicas e esparsas.

♀. Tíbias anteriores pelo menos com um denticulo entre o dente apical e o mediano e com 3-5 entre o médio e o basal e com microdenticulos depois do basal, os quais porém são pouco notáveis perto da base; abdômen mais convexo, depressões laterais dos esternitos abdominais menos marcadas e o 5.º esternito um pouco mais largo no centro e a margem posterior do mesmo apenas entalhada, 6.º esternito sem entalhe na borda posterior. Pigídio um pouco mais largo que longo e com esculptura semelhante a do ♂.

Comprimento 8,5-6 mm.; largura do pronoto 5-3,9 mm.; largura elital (máxima) 5,5-4,1 mm., aproximadamente.

Distribuição geográfica: Argentina.

Material examinado 6 exemplares (2 ♂♂ e 4 ♀♀). Província de Buenos Aires, Las Conchas, Tigre (1 ♂ e 1 ♀); Dique Luján e Arroyo Pajarito (1 ♂ e 1 ♀); Rosas (1 ♀). Província de Entre Rios: Concordia (1 ♀). Material nas Coleções do Departamento de Zoologia e na de A. Martínez.

Como foi mencionado na diagnose, esta espécie se separa facilmente das demais do gênero por sua esculptura, pela forma

dos fêmures médios e posteriores e pela forma das tíbias posteriores, entre outros caracteres.

***Anisocanthon villosus* (Harold), 1868, comb. n.**

(Figs. 9 a 15)

- Canthon villosus* Harold, 1868, Berl. Ent. Zeitschr. 12:30-31.
Canthon villosus Schmidt, 1922, Arch. Naturg. 88 A3:63, 82.
Canthon villosus Balthasar, 1939, Fol. Zool. Hydrob. 9(2):184.
Canthon villosus Blackwelder, 1944, U.S. Mus., Bull. 185(2):202.
Canthon villosus Martínez, 1949, Rev. Soc. Ent. Arg. 14:188.
Canthon villosus Gacharná, 1951, Rev. Ac. Colomb. 8:221.
Canthon villosus Roze, 1955, Bul. Mus. Ci. Nat. Venez. 1:7

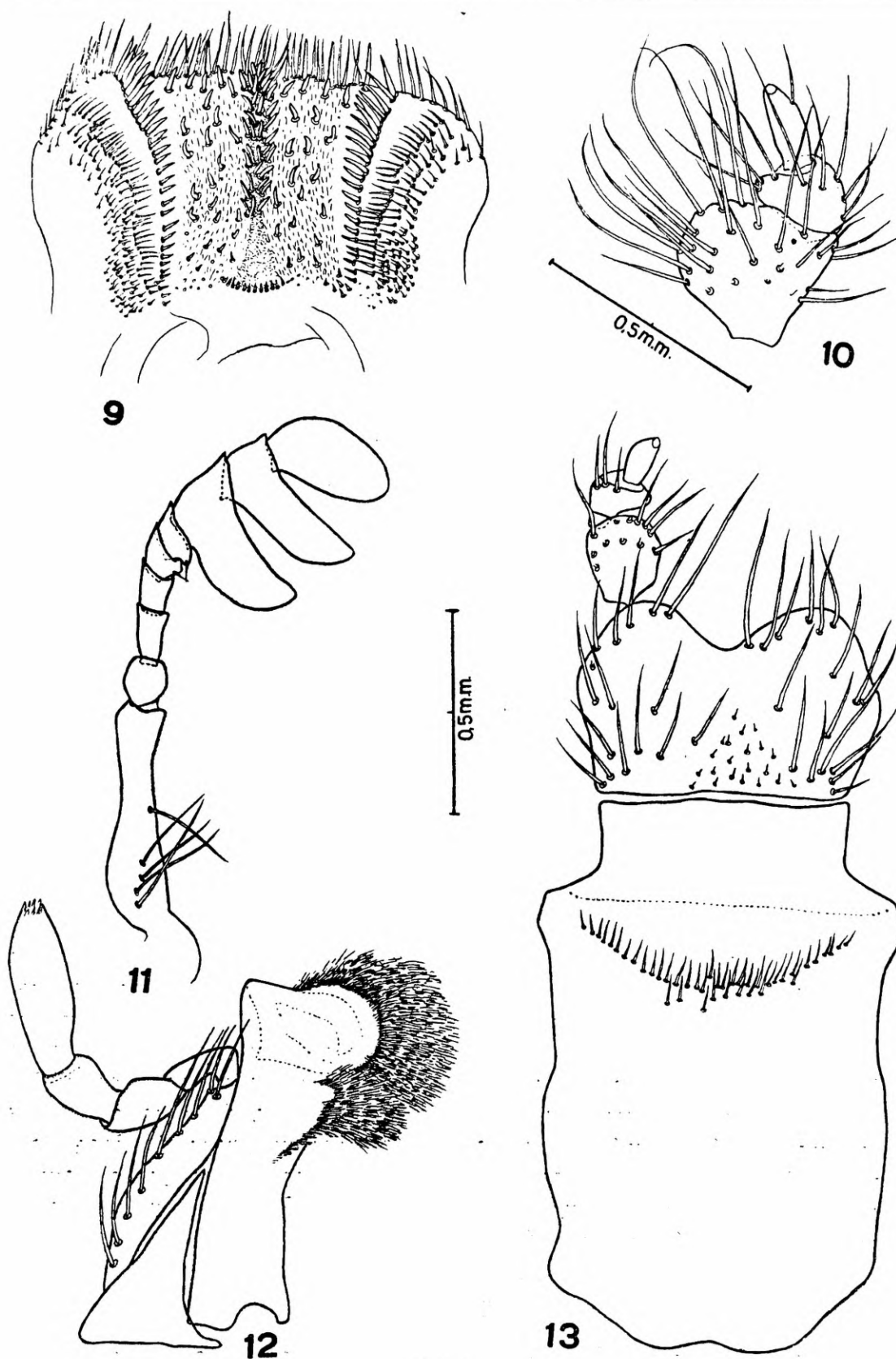
DIAGNOSE

Próximo de *A. sericinus* (Harold) do qual difere pela margem anterior das genas não saliente em denticulo, pela escultura diferente da cabeça e do pronoto e pela pontuação bem diferente, tanto nos élitros como no pigídio, etc.; côr geral castanho escuro com brilho sedoso e fracos reflexos cúpreos e verdes, mais acentuados na cabeça e no pronoto; tarsos castanho avermelhados, peças bucais e antenas pardo-amareladas com a clava coberta de pubescência grisalha; pilosidade das diferentes partes do corpo amarelo dourada mais ou menos intensa. Escultura fundamental chagrinada.

Cabeça com a margem anterior do clipeo em arco regular nos lados dos dentes médios; superfície muito fracamente pontuada. Pronoto com os ângulos anteriores quase retos, salientes, as margens laterais com o ângulo bem evidente; superfície irregular, com depressões nos lados. Proepisternos com denticulo da margem lateral mais ou menos no meio entre os ângulos anteriores e os médios. Mesonoto nos élitros com levíssima impressão escutelar; estrias muito finas e pouco aparentes; interestrias rasamente pontuadas, cada ponto com pequena cerda curva. Metasterno fortemente pontuado no disco. Pernas anteriores com as tíbias dentadas na face externa e com o ápice truncado reta ou quase retamente; tíbias médias microserradas nas margens da face dorsal, cálcares espiniformes; tíbias posteriores quase retas com o calcar espiniforme e um pouco achatado. Pigídio com pequenas cerdas bem visíveis em toda a superfície.

DESCRIÇÃO

♂. CABEÇA: Dentes médios do clipeo pouco salientes, triangulares e um pouco levantados, nos lados dos mesmos a borda em arco regular e continuando com o das genas sem formar



Anisocanthon villosus (Harold), 1868 — 9 Labro, vista ventral; 10 Palpos labiais, vista ventral; 11 - Antena; 12 Maxila e palpos, vista dorsal; 13 Gula, premento, mento e palpos labiais, vista ventral.



Anisocanthon villosus (Harold), 1868 — 14 - Vesica desenvaginada; 15 Órgão copulador do ♂, vista lateral.

dente; sutura clipeo-genal muito fina, sulciforme, com uma pequena elevação um pouco alargada na parte final; logo atrás dos dentes médios com uma pequena depressão um pouco marcada e por detrás do médio e sobre a fronte com pequena gibosidade. Toda a superfície completamente pontuada, os pontos rasos e densos, cada um munido de pequena cerda.

Região inferior do clipeo e das genas coberta de pontos pilíferos, sendo os pêlos curtos e os laterais um pouco salientes; maxilas nos lados e na parte inferior com longos pelos finos, assim como o mento exceptuada a região central e o 1.º e 2.º artículos dos palpos labiais; antenas com alguns pêlos na clava intercalados na pubescência grisalha.

TÓRAX: Pronoto finamente marginado nas bordas anterior e laterais, a margem anterior entalhada em arco notável, as laterais salientes e em ângulo obtuso, mais manifesto um pouco além do meio, sendo levemente sinuosa a margem adiante do mencionado ângulo, margem posterior em arco irregular. Superfície plana no disco, na parte média posterior deprimida em amplo sulco, nos lados em declive oblíquo e quase sempre com a margem um pouco mais elevada, formando um largo sulco, pouco manifesto, onde se encontram formações irregulares pouco precisas e com uma depressão pequena e de limites pouco regulares logo atrás do ângulo médio; parte anterior do disco em direção à margem anterior em declive mais suave e regular; pontuação de toda a superfície grande, ocelar, rasa, e cada ponto com pequena cerda curva.

Prosterno na metade posterior com micropontos pouco precisos e pequeníssimas cerdas pouco aparentes.

Proepisternos com a depressão anterior notável, o denticulo da margem lateral pouco notável, a superfície com alguns micropontos esparsos e pouco aparentes e com pequenas cerdas alongadas; a região posterior com algumas pequenas cerdas nos lados.

Mesonoto com leve e pequena impressão escutelar; élitros com as estrias largas e bisulcadas, embora quase apagadas, sendo um pouco mais aparentes as 6 discais, a 8.ª imprecisa e dificilmente visível somente no quarto posterior; interestrias largas e planas, levemente irregulares, superfície com pontos ocelares muito raros e pouco conspícuos, com pequenas cerdas arqueadas; tubérculo "humeral" quase apagado; sutura elitral um pouco mais brilhante que o resto dos élitros; epipleuras com pequenas rugas na parte basal e aparentemente glabras.

Mesosterno muito curto, glabro, com alguns pontos microscópicos em sua superfície, um pouco mais densos na região média e na parte anterior.

Mesoepisternos com esculptura fundamental visível com aumento; a superfície não pontuada e glabra.

Metasterno muito levemente convexo no disco, com a sutura meso-metasternal quase reta em forma de fino sulco; superfície pontuada, os pontos mais fortes no centro e desaparecendo na parte anterior da sutura meso-metasternal e nas regiões laterais, porém em toda a parte há microcerdas visíveis somente sob certa incidência de luz.

Metaepisternos aparentemente sem pontos e glabros.

Pernas anteriores com os fêmures microscòpicamente pontuados na face ventral, cada ponto com pequenas cerdas curtas; tíbias levemente arqueadas, com 3 dentes distintos na região apical da face externa, sendo o apical e o médio muito aproximados e sem dentículos entre os mesmos, entre o médio e o basal com número variável de dentículos (um dos exemplares examinados apresenta 2 dentículos na tíbia esquerda e 4 na direita); ápice retamente truncado; calcar curto, simples, curvo e agudo; tarsos subiguais à largura do ápice da tíbia, garras manifestas, pouco arqueadas e agudas. Pernas médias com os fêmures fortemente arqueados na margem anterior, face ventral com numerosos micropontos guarnecidos de pequenas cerdas curvas; tíbias engrossadas até a região média e no resto de igual grossura, ápice truncado retamente e marginado de cerdas assim como as margens laterais, as cerdas mais notáveis estão na face dorsal; cálcres espiniformes, o dorsal tão longo como o 1.º artícolo tarsal e o ventral um pouco mais curto que o mesmo; tarsos marginados em suas bordas com cerdas mais espessas em toda a margem da região inferior. Pernas posteriores com os fêmures fracamente arqueados na margem anterior e, a face ventral com a superfície com pequenos pontos pilíferos escassos e menores que os dos fêmures médios; tíbias ligeiramente arqueadas e menos engrossadas que as médias, ápice truncado como nas tíbias médias assim como as cerdas que adornam suas margens; calcar espiniforme, agudo, um pouco maior que o 1.º artícolo tarsal; tarsos em tudo semelhantes aos das tíbias médias e as garras moderadas, finas, arqueadas e agudas.

ABDÔMEN: Esternitos com a superfície irregular e com pequenas cerdas notadas somente sob certas incidências de luz, as depressões laterais pouco profundas e o 6.º esternito levemente mais estreito no centro que nos lados.

Pigídio convexo, um pouco giboso no centro da parte apical, lados com fina margem um pouco mais engrossada no ápice e com algumas longas cerdas intercaladas entre os micropontos da superfície.

♀. 6.º esternito mais longo no centro que nos lados.

Comprimento 8,5-8 mm.; largura do pronoto 5-4,8 mm.; largura élitral (máxima). 5,5-5,2 mm., aproximadamente.

Distribuição geográfica: Venezuela, Colômbia, Bolívia, Paraguai, Argentina.

Exemplares: 2 ♂♂ e 3 ♀♀. Argentina: Formosa III-1936 (♂ na coleção Martínez). Bolívia, sem outra indicação (♂ na coleção do Departamento de Zoologia, n.º 10124). Argentina: Misiones, Posadas XI-1945 (2 ♀♀ na coleção Martínez). Paraguai: Villarrica (1 ♀ na coleção Martínez).

Anisocanthon sericinus (Harold), 1868, n. comb.

(Figs. 16 a 20)

Canthon sericinus Harold, 1868, Berl. Ent. Zeitschr. 12:11, 18-19.

Canthon asper Harold, 1868, l.c. 12:11, 29-30. n. syn.

Canthon asper Gillet in Junk, 1911, Col. Cat. 19(38):28.

Canthon sericinus Gillet, 1911, l.c. 19(38):33.

Canthon asper Schmidt, 1922, Arch. Naturg. 88 A3:63, 72.

Canthon sericinus Schmidt, 1922, l.c. 88 A3:63, 80.

Canthon sericinus, Balthasar, 1939, Fol. Zool. Hydrob. 9(2):184.

Canthon asper Balthasar, 1939, l.c. 9(2):184.

Canthon asper Blackwelder, 1944, U.S. Nat. Mus., Bull. 185(2):198.

Canthon sericinum Blackwelder, 1944, l.c. 185(2):201.

Canthon sericinus Martínez, 1949, Rev. Soc. Ent. Arg. 14:188-189.

Canthon asper Gacharná, 1951, Rev. Ac. Colomb. 8:221.

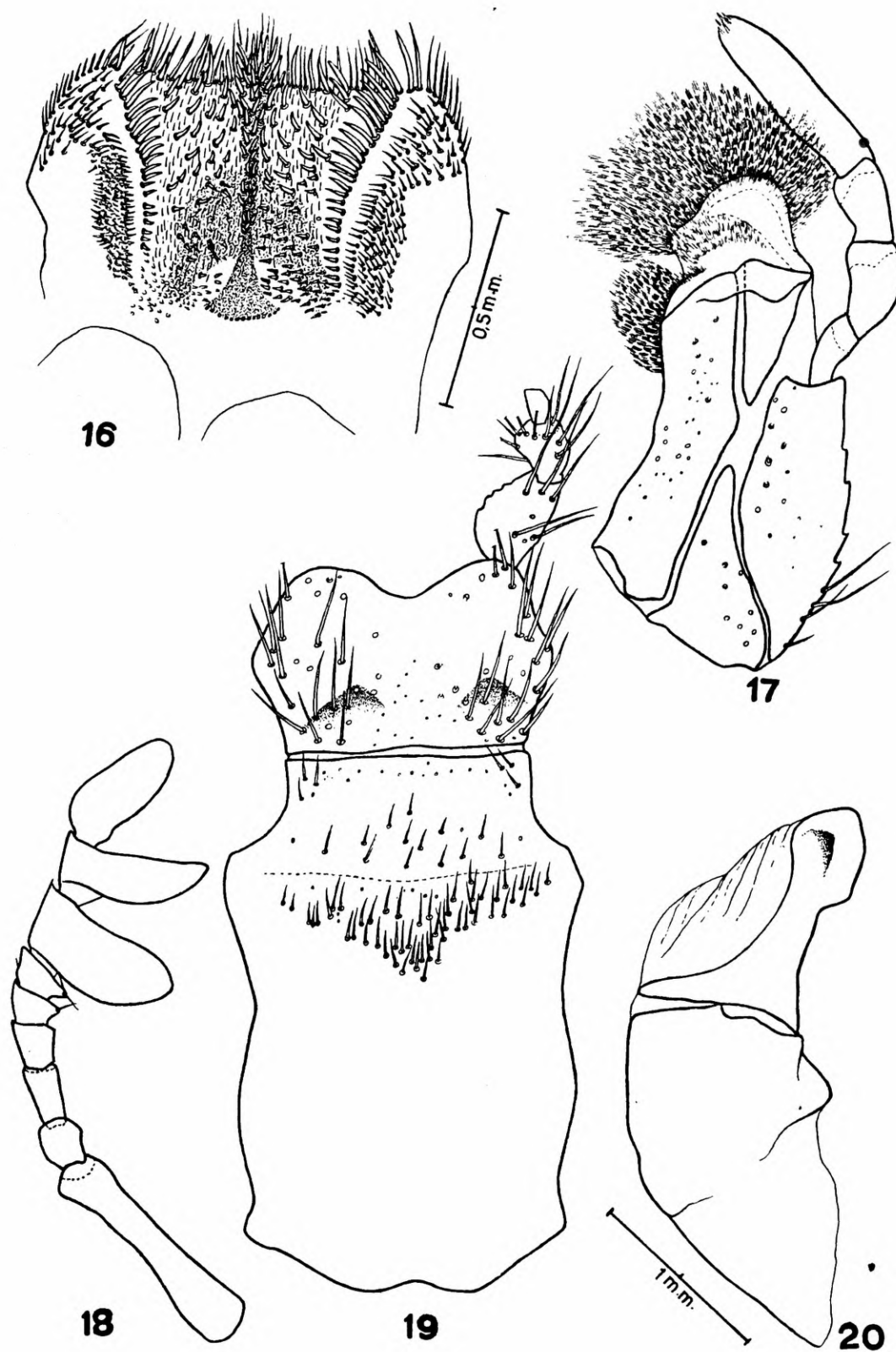
Canthon asper Roze, 1955, Bul. Mus. Ci. Nat. Venez. 1:5.

Canthon sericinum Roze, 1955, l.c. 1:6.

DIAGNOSE

Com brilho negro-sedoso ou em exemplares imaturos castanho avermelhado escuro, pernas desta mesma côr, peças bucais e antenas castanho avermelhadas, clava antenal com pubescência grisalha dourada; as vezes na cabeça, parte média e anterior do pronoto, na região ventral, exceptuando o abdômen e as pernas com leve brilho verde ou cúpreo; pilosidade das diferentes partes do corpo dourada, a das tíbias e tarsos castanho avermelhada escura.

Cabeça com os dentes clipeais bem manifestos e as genas salientes em dentículo na frente. Pronoto com os ângulos anteriores agudos, os laterais salientes e bem visíveis; superfície irregular, com áreas glabras e pubescentes intercaladas. Proepisternos com o dentículo um pouco mais aproximado dos ângulos anteriores que dos médios. Élitros com estrias finas mas visíveis (estrias 1.^a a 7.^a); interestrias 3, 4 e 7 com pontos mais esparsos e menos conspícuos; epipleuras estreitadas em relação às demais espécies do gênero. Metasterno com o disco levemente pontua-



Anisocanthon sericinus (Harold), 1868 — 16 Labro, vista ventral; 17 Maxila e palpos, vista ventral; 18 - Antena; 19 Gula, premento, mento e palpos labiais, vista ventral; 20 - Órgão copulador do ♂, vista lateral.

do. Tíbias anteriores arqueadas, com o calcar idêntico em ambos sexos; fêmures posteriores com a margem anterior da sua face inferior completa. Pigídio giboso na parte central e impresso nos lados da base.

DESCRIÇÃO

♂. CABEÇA: Margem anterior do clipeo provida de largos dentes triangulares e rombos, aos lados dos mesmos a margem forma um arco lobular manifesto; genas com a margem anterior saliente em processo dentiforme mais ou menos manifesto, sendo a margem das genas em arco regular; toda a superfície com pontos ocelares rasos e com pequenas cerdas, exceptuada uma depressão curta e larga logo atrás dos dentes médios e uma pequena gibosidade frontal que é lisa ou apenas com alguns pequeníssimos pontos; sutura clipeo-genal muito fina e sulciforme.

Parte inferior do clipeo e genas com pequenos pontos pilíferos, face inferior das maxilas, mento e 1.º e 2.º artículos dos palpos labiais com pêlos finos e mais ou menos longos.

TÓRAX: Pronoto com as bordas anterior e laterais finamente marginadas, a anterior entalhada não muito profundamente e as laterais salientes em ângulo obtuso, mais manifesto em seu terço anterior e, com a margem anterior ao ângulo entalhada levemente, margem posterior em arco irregular; ângulos anteriores salientes e agudos, os posteriores obtusos e pouco aparentes. Superfície irregular, plana no disco, com grande impressão pré-escutelar, em alguns exemplares com uma pequena depressão circular de cada lado da margem anterior da depressão pré-escutelar; entre o disco, as margens laterais e a anterior em declive, mais ou menos abrupto e bem mais regular que nas espécies anteriores, nos lados atrás dos ângulos médios com profunda e pequena impressão e logo a frente da mesma com um sulco que chega até bem perto da margem anterior; a esculptura está formada por pontos que deixam áreas brilhantes e glabras bem mais altas de formato irregular que variam de um exemplar para outro; todos os pontos com pequenas cerdas curvas.

Prosterno com micropontos pouco manifestos muito esparsos e glabros na região posterior.

Proepisternos com a depressão anterior funda, com o dentículo da margem lateral mais próximo do ângulo anterior que do médio. Superfície com alguns pelos na parte mediana da depressão, aparentemente glabra no resto. Região posterior sem pontos, porém nos lados sobre as margens notam-se pequeníssimas cerdas.

Mesonoto com os élitros irregulares, com leve impressão escutelar muito pequena; estrias 1-7 largas, irregulares e sem pon-

tos e o sulco que as margeia um pouco mais forte que o das demais espécies; esculptura fundamental semelhante à das interestrias, 8.^a quase invisível e simples; interestrias largas, a sutura, 3.^a, 5.^a e 7.^a com pontos ocelares muito escassos, as demais com numerosos pontos ocelares munidos de cerdas curvas, nas margens laterais os pontos são menores; tubérculo "humeral" sem pontos e glabro; epipleuras estreitas e com algumas microcerdas na margem superior.

Mesosterno com pontos microscópicos pouco notáveis no centro da metade anterior e nos lados.

Mesoepisternos com pequeníssimas cerdas apenas notadas sob certas incidências de luz entre a esculptura fundamental.

Metasterno com a sutura meso-metasternal levemente arqueada, disco com pontos manifestos e irregulares os quais desaparecem nos lados e na região anterior; toda a superfície com pequeníssimas cerdas pouco conspícuas.

Metaepisternos aparentemente não pontuados, superfície com cerdas semelhantes às do metasterno.

Pernas anteriores com os fêmures na face ventral muito rasa e pouco manifestadamente pontuados e com pequenas cerdas; tíbias levemente arqueadas, margem lateral com 3 pequenos dentes na porção apical, entre o dente apical e o médio pode haver 1 ou 2 denticulos e entre o médio e o basal 3 a 4; ápice retamente truncado; calcar espiniforme, arqueado e agudo; tarsos tão longos quanto a largura apical da tíbia, garras arqueadas e agudas. Pernas médias com os fêmures na margem anterior notavelmente arqueados, pontuados na face ventral e com pontos mais esparsos na parte anterior e cada ponto com pequeníssima cerda; tíbias engrossadas até a metade, com as margens e o ápice adornados de cerdas; cálcres espiniformes e o dorsal maior que o 1.^o artigo tarsal e o ventral mais curto; tarsos com a parte dorsal do ápice e toda a face ventral margeadas de pequenas cerdas, garras grandes, finas, arqueadas e agudas. Pernas posteriores com os fêmures muito levemente arqueados na margem anterior e a face inferior anteriormente com linha marginal bem manifesta, superfície com micropontuação esparsa e com pequeníssimas cerdas; tíbias menos fortemente engrossadas que as médias, margens e ápice marginados de cerdas como nas tíbias médias; calcar espiniforme e mais ou menos tão longo como o 1.^o artigo tarsal; tarsos semelhantes aos médios.

ABDÔMEN: Esternitos adornados de pequeníssimas cerdas, o 6.^o estreito no meio por causa de um entalhe da margem posterior.

Pigídio giboso no disco, com pequeníssimo relevo longitudinal e com duas depressões muito rasas nos lados da base; superfície com microcerdas e a margem engrossada no ápice.

♀. — Tíbias anteriores com o calcar mais longo e fino e bem menos arqueado; 6.º esternito não entalhado no meio.

Comprimento 8,7-7,5 mm.; largura do pronoto 5,2-4,9 mm.; largura elitral (máxima) 6-5,2 mm., aproximadamente.

Distribuição geográfica: Colômbia, Venezuela, Guiana Holandesa, Brasil, Bolívia e Argentina.

Exemplares examinados 3 ♂♂ e 4 ♀♀. Colômbia (sem mais indicação) 1 ♂ n.º 10125; Guiana Holandesa, Paramaribo 1 ♂ e 2 ♀♀ n.º 10126-28; Brasil, Rio Grande do Sul, São Leopoldo 1 ♂ n.º 10123 nas coleções do Departamento de Zoologia. Argentina: Província de Buenos Aires, Rosas, F.C.S. 1 ♀; Tucumán, cidade 1 ♂ na coleção Martínez.

Esta espécie se distingue facilmente das outras do gênero pela escassa pontuação das interestrias sutural (1.^a), 3.^a, 5.^a e 7.^a, pelos sulcos que margeiam as estrias 1-7 serem mais marcados, etc.

Canthon asper Harold, descrito na mesma obra que a presente espécie, não possui caracteres que o diferenciem, visto serem variáveis a esculptura elitral.

Holocanthon n. gen.

Gênero próximo de *Canthonidia* Paulian e de *Tetraechma* Blanchard, dos quais se distingue pelos proepisternos guardados de carena transversal curta, conquanto manifesta; pela margem lateral do pronoto com denticulo manifesto e pelas tíbias anteriores com os dentes laterais grandes, embora normais. De *Canthonidia* se diferencia em especial pelas margens laterais do pronoto mais longas e formando ângulos médio e posterior obtusos; os élitros mais convexos e desprovidos de granulações e pubescência. De *Tetraechma* porém separa-se facilmente por ter o clipeo bidentado, por carecer de tubérculos frontais; pelo pronoto com ângulos médios e pelos fêmures posteriores marginados na borda anterior.

Cabeça um pouco mais larga que longa, com a margem anterior do clipeo bidentada; porção superior dos olhos mediocrementemente grande. Região ventral com as maxilas (Fig. 21) normais, os palpos quadriarticulados; 1.º artículo muito pequeno, alargado no ápice; 2.º subcônico, alargado para o ápice e mais longo que o 3.º que é em trapézio; 4.º fusiforme e o maior de todos, com placa sensorial na região apical. Lábio (Fig. 22) com

o mento completamente dividido em 2 lóbulos cujos bordes médios, principalmente na porção apical estão cobertos de densas cerdas; palpos triarticulados (Figs. 22, 23, 24), 1.º muito grande e em forma de trapézio irregular; 2.º transversal; 3.º alongado, arqueado, fracamente afinado no ápice que tem placa sensorial. Submento (Fig. 22) curto e largo, com as margens anterior e lateral côncavas e sem sutura aparente que o separe da gula (Fig. 22), que é grande e quadrangular. Antenas (Fig. 26) com 9 artículos: escapo tão longo como os artículos 2-6 e ligeiramente estreitado antes do ápice; 2.º moniliforme; 3.º em cone truncado estreito na base e alargado no ápice; 4.º-6.º decrescentes em longitude e gradativamente mais largos, 5.º e 6.º são campanuliformes com o ápice obliquamente truncado e mais curtos na face interna do que na externa; 7.º-9.º em lamelas muito longas, o 9.º com o ápice fracamente excavado. Mandíbulas esclerosadas somente na região basal e nos côndilos, o resto é membranoso, ápice com tufo de pelinhos finos e muito densos. Labro (Fig. 25) muito pouco esclerosado, a superfície ventral com cerdas de distintos tipos.

Pronoto mais largo que longo, convexo; ângulos anteriores salientes, os posteriores arredondados porém conspícuos e as margens laterais com ângulo no centro.

Proepisternos um pouco deprimidos anteriormente, com linha transversal curta a qual não alcança a margem lateral, que tem denticulo perto dos ângulos anteriores.

Mesonoto com os élitros desprovidos de impressão escutelar, com 9 estrias muito finas contando a lateral; epipleuras largas na base e estreitas no ápice.

Mesosterno curto e largo, com a sutura meso-metasternal reta.

Mesoepisternos também curtos e largos, sinuosos na parte posterior.

Metasterno muito largo no centro, regularmente convexo e posteriormente com vestígios de sulco longitudinal.

Metaepisternos normais.

Pernas anteriores com as tíbias curtas, alargadas apicalmente, com 3 dentes robustos nas margens laterais; cálcres diferentes nos dois sexos; tarsos presentes, em conjunto mais longos que a largura apical das tíbias, os artículos 1.º e 5.º os maiores e o último muito engrossado no ápice e com garras finas, curvas e muito agudas. Pernas médias com as tíbias um pouco arqueadas, ligeiramente claviformes e com o ápice truncado quase retamente; cálcres espiniformes, sendo o dorsal maior que o ventral; tarsos comprimidos, do comprimento das tíbias, 1.º-4.º decrescentes, sendo o 1.º tão longo como o 5.º e este com duas garras notáveis, finas, arqueadas e pontuadas. Pernas posteriores

com as tíbias menos alargadas, apicalmente truncadas retamente; o calcar espiniforme e pontudo; tarsos mais curtos que as respectivas tíbias e semelhantes aos das tíbias médias (Fig. 27).

Abdômen com o 5.º esternito muito curto. Pigídio mais largo que longo e não separado do propigídio.

Genotipo: *Holocanthon mateui*, sp. n.

De conformidade com o estabelecido acima, este novo gênero, por seus caracteres, somente se pode aproximar de *Canthonidia* e *Tetraechma*, dos quais porém se diferencia muito facilmente. Como caráter podemos acrescentar o mento completamente dividido em dois lóbulos e a forma tão peculiar dos palpos labiais (Figs. 23 ♂, 24 ♀), e de modo particular a do 2.º artigo, não encontrada até o momento em nenhum gênero de Canthonini.

***Holocanthon mateui* n. sp.**

(Figs. 21 a 28)

DIAGNOSE

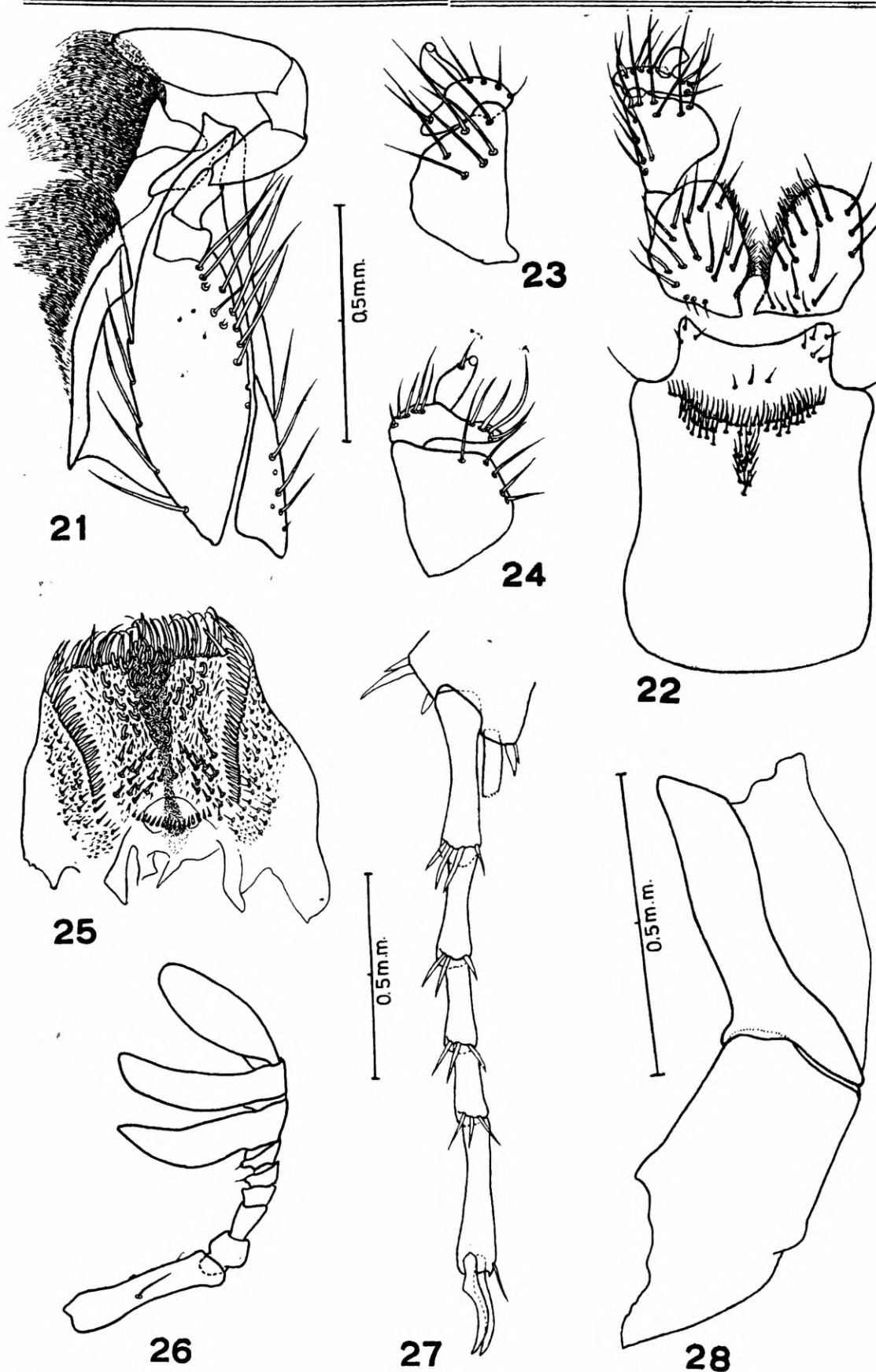
Côr geral castanho escura, na região dorsal mate com brilho cúpreo e leves reflexos purpurinos, élitros com as estrias esverdeadas; tíbias um pouco mais claras; tarsos e peças bucais castanho avermelhados; pilosidade parda ou pardo amarelada. Escultura fundamental chagrinada e mais ou menos conspícua com aumento.

DESCRIÇÃO

CABEÇA: Borda anterior do clipeo em arco sinuoso, com 2 dentes triangulares no centro, um pouco levantados no ápice; genas lateralmente em arco regular e não salientes na junção com o borde clipeal, sutura clipeo-genal sulciforme na parte média; superfície clipeal com rugas microscópicas e pontos também microscópicos intercalados entre as mesmas, embora pouco notáveis, as rugas desaparecem para trás transformando-se em pequeníssimos pontos que são os encontrados na frente, occiput e nas genas, nas quais são um pouco mais notáveis; parte superior dos olhos mediana.

Região ventral pontuada no clipeo e nas genas, os pontos pilíferos com cerdas curtas e um pouco salientes; com pêlos longos na face inferior e lateral das maxilas, nos lobos do mento e nos primeiros artigos dos palpos labiais; antenas com pequenos pêlos ralos e pouco conspícuos e a clava recoberta de pubescência cinzenta.

TÓRAX: Pronoto com os ângulos anteriores salientes e agudos e os posteriores obtusos e completamente arredondados; com



Holocanthon mateui gen. et sp. n. — 21 Maxila e palpos, vista ventral; 22 Gula, premento, mento e palpos labiais, vista ventral; 23 Detalhe dos palpos labiais ♂, vista ventral; 24 Detalhe dos palpos labiais ♀, vista ventral; 25 - Labro, vista ventral; 26 - Antena; 27 - Tarsos da perna posterior; 28 - Órgão copulador ♂, vista lateral.

as bordas anterior e laterais marginadas sendo nestas últimas um pouco levantadas e os ângulos médios situados um pouco mais perto dos posteriores que dos anteriores e sendo levemente sinuoso adiante e bem arqueado atrás dos ângulos médios, a borda posterior em arco ligeiramente irregular. Superfície regularmente convexa, nos lados e próximo à margem lateral com um microtubérculo; esculptura fundamental menos aparente sobre o disco e na metade anterior, a qual é completamente encoberta por pequenos pontos microscópicos, que são menos conspícuos e compactos na região do disco e na metade anterior, e mais densos e fortes nas regiões laterais; metade posterior do disco com fina impressão longitudinal e sem depressão pré-escutelar.

Prosterno anteriormente muito curto e deprimido. Região posterior muito larga e o processo prosternal em cunha de ângulo reto; toda sua superfície é microesculpturada com pontos muito finos e ralos, e a borda posterior marginada com pequenas e espessas cerdas.

Proepisternos deprimidos anteriormente, a depressão pouco notável, margeando a depressão atrás há uma curta linha muito fina e oblíqua, que termina no meio sem atingir as bordas laterais, as que tem um dentículo bem manifesto próximo aos ângulos anteriores; sua superfície é revestida de pequeníssimos pontos esparsos e com alguns pêlos longos, ralos, na depressão anterior.

Mesonoto com os élitros regularmente convexos, sem vestígios de impressão escutelar na parte média anterior; estrias finas porém aparentes, com pontos no seu interior, principalmente na sutural onde são mais claros, 8.^a estria com linha marginal nos seus dois terços basais; interestrias largas, aparentemente sem pontos, menos no callus "humeral" em que tem finíssimos pontos, as 3.^a e 5.^a com um microscópico grânulo na base.

Mesosterno no meio com linha longitudinal lisa; sutura meso-metasternal apenas indicada; com a sua superfície microscópicamente pontuada, os pontos maiores e mais espessos anteriormente, com exceção de uma curta zona na parte anterior e a já mencionada linha média.

Mesoepisternos aparentemente sem pontos.

Metasterno glabro, muito largo no centro, levemente convexo e com pontos microscópicos, com fino sulco longitudinal no centro e atrás; chagrinção do centro menos aparente e por isso mais brilhante; regiões laterais sem pontos.

Metaepisternos sem pontos e glabros, com uma elevação microscópica em forma de pequeno tubérculo na porção média e apical que limita com o metasterno.

Pernas anteriores com os fêmures na face ventral com pontos pilíferos dispersos e claros, os pêlos cerdiformes e muito curtos; tíbias bem alargadas na parte apical, com a margem lateral na

metade apical com três dentes grandes mas normais, sendo o apical o maior e entre os mesmos e na parte basal da tibia com microscópicos denticulos serrados, borde médio quase reto e o apical com alguns pêlos; cálcár bastante notável e diferente conforme o sexo; tarsos com alguns pêlos na superfície. Pernas médias com os trochânteres basalmente dotados de poro pilífero e com cerda muito longa e fina; fêmures na face ventral um pouco brilhantes e com pequeníssimos pontos esparsos, entre os quais se encontram alguns pontos mais fortemente impressos nas visinhanças da região apical, margem basal quase reta; tíbias um pouco mais engrossadas apicalmente, borde latero-dorsal microdenticulado e marginado com cerdas bem notáveis na parte apical assim como o borde latero-ventral, existem também cerdas nas outras margens, sendo porém mais finas; cálcares espiniformes, bem finos no ápice, o dorsal pouco mais longo e o ventral um pouco menor que o 1.º artículo tarsal; tarsos com pequenas cerdas nas margens. Pernas posteriores com os trochânteres pouco maiores que os médios e com ornamentação semelhante a daqueles; fêmures com micropontuação esparsa na face inferior e somente com poucos pontos mais impressos nas visinhanças da porção apical, sobre a borda anterior com linha marginal que se perde no têrço apical; tíbias com a microdenticulação da margem látero dorsal muito semelhante a das tíbias médias, assim como a ornamentação; cálcár espiniforme, alongado e um pouco arqueado, mais ou menos do comprimento do 1.º artículo tarsal; tarsos com pilosidade semelhante a dos médios.

ABDÔMEN: Esternitos com algumas impressões laterais rasas, aparentemente sem pontos e glabros.

Pigídio bem mais largo que longo, com os bordos laterais marginados e engrossados apicalmente; com uma gibosidade pequena na parte média da base; sua superfície sem pontos e glabra, a margem apical na parte engrossada com alguns pontos muito pequenos.

♂. — Cálcares das tíbias anteriores alargados apicalmente, arqueados e chanfrados no ápice, que tem duas pontas pouco notáveis; entre os dentes distal e médio e entre êste e o proximal somente com um denticulo. Abdômen com o 6.º esternito um pouco mais curto na parte média. Pigídio um pouco mais longo. Órgão copulador (Fig. 28) simples; visto de lados com os parâmetros alongados, quase reto na borda ventral e ligeiramente côncavo na dorsal, margem apical curta e oblíqua e formando com a margem ventral um ângulo pouco agudo.

♀. — Cálcares das tíbias anteriores simples, espiniforme, arqueado e agudo; entre os dentes laterais com 2 e 3 denticulos respectivamente. Abdômen com o 6.º esternito não encurtado no meio. Pigídio mais largo que no ♂.

Comprimento 8-5 mm.; largura do pronoto 4-3,1 mm.; largura elitral (máxima) 4,5-3,3 mm., aproximadamente.

Distribuição geográfica: Argentina, Brasil.

Exemplares examinados 1 ♂ e 5 ♀♀. Argentina, Misiones: Región de Oberá, Cerro Azul ♂ Holótipo e ♀ Alótipo XI-1945 (R. Martínez, col.); Departamento de Concepción, Santa María 2 ♀♀ Parátipos (M. J. Viana, leg.); San Ignacio 1 ♀ Parátipo; Pindapoy XI-1945 (A. Martínez, col.) 1 ♀ Parátipo. Brasil, Santa Catarina, Nova Teutonia XI-1951 (F. Plaumann, leg.) 1 ♀ Parátipo n.º 10118.

Holótipo ♂, Alótipo ♀ e 2 Parátipos ♀♀ na coleção Martínez; 2 Parátipos ♀♀, incluído o do Brasil nas coleções do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo; 1 Parátipo ♀ na coleção do Senhor Manuel J. Viana, de Buenos Aires.

Temos o prazer de dedicar esta interessante espécie ao nosso colega e amigo espanhol Don Joaquin Mateu S., do Instituto Espanhol de Aclimação, Almería, Espanha.

Para finalizar desejamos consignar nossos agradecimentos a Sra. Dna. Maria A. V. D'Andretta e Sta. D. Vargas pelos desenhos que ilustram êste trabalho; ao Sr. Manuel J. Viana, de Buenos Aires pelo fornecimento de material do novo gênero e ao Sr. Carlos Amadeu Camargo Andrade, Chefe da Divisão Insecta deste Departamento pela assistência que bondosamente nos prestou.

A B S T R A C T

The present paper deals with two new genera of American Scarabaeidae: *Anisocanthon* and *Holocanthon*.

The first is based on *Deltochilum pygmaeum* Gillet, and includes two other species: *Canthon villosus* Harold and *Canthon sericinus* Harold. This new genus runs close to *Xenocanthon* Martínez, 1952, from which it can be distinguished by the lack of a membranous anterior part on the mentum, by the proepisternum without a denticle on the lateral margin, and by the absence of basal emargination of the pygidium. It also has affinities with the Australian genus *Aulacopris* White, 1859, from which it differs in the absence of longitudinal carinae on the pronotum, and by the first article of the median and posterior tarsi being nearly or equal to the second. The three species can be separated by the following key:

- | | |
|--|---|
| 1. — Elytra with well developed interstriae tubercles; posterior femora pedunculated and clearly clavi- form | 1. — <i>Anisocanthon pygmaeus</i> (Gillet), 1911 |
| — Without such characters | |
| 2. — Anterior genal margin not salient or spiniform . | 2. — <i>Anisocanthon villosus</i> (Harold), 1868 |
| — Anterior genal margin salient or with a denticle | 3. — <i>Anisocanthon sericinus</i> (Harold), 1868 |

The second genus has been erected for a new species *Holocanthon mateui*, with very peculiar characters that distinguish it from all other known *Canthonini*, such as the mentum completely divided in two lobes, and the peculiar form of the labial palpi, especially the second joint.

B I B L I O G R A F I A

- 1 — BALTHASAR, V. — 1939 Eine Vorstudie zur Monographie der Gattung *Canthon* Hoffm. Fol. Zool. Hydrobiol. 9(2):179-238.
- 2 — BLACKWELDER, R. E. — 1944 - Checklist of the Coleopterous Insects of Mexico Central America, the West Indies and South America II. U.S. Nat. Mus., Bull. 185(2):189-341.
- 3 — BLANCHARD, E. — 1837 - Voyage d'Orbigny dans l'Amérique Meridionale, Insects 6(2):1-122; 32 pls.
- 4 — BRUCH, C. — 1911 Catálogo Sistemático de los Coleópteros de la República Argentina 4. Rev. Mus. La Plata 17(4):181-225.
- 5 — ESCHSCHOLTZ — 1822 - Entomographien 1:28-41; pl. 6.
- 6 — GACHARNA', G. C. — 1951 Catálogo de Coleópteros Colombianos. Rev. Ac. Colomb. Ci. Exp. Fis. Nat. 8:221-229; 1 pl.
7. — GILLET, J. J. E. — 1911 Lamellicornes Coprophages nouveaux ou peu connus de l'Amérique du Sud. Ann. Soc. Ent. Belg. 55:315-319.
- 8 — GILLET, J. J. E. — 1911 in Junk - Col. Cat. 19(38):1-100.
- 9 — HAROLD, B. v. — 1868 Monographie der Gattung *Canthon* Hoffm. Berl. Ent. Zeitschr. 12:1-144.
- 10 — HOFFMANSSEG — 1817 - Entomologische Befmerkungen bei gelegenheit der Abhandlungen der Amerikanischer Insekten. Wied. Mag. 1(1):8-56.
- 11 — MARTÍNEZ, A. — 1949 Insectos nuevos o poco conocidos VII. Rev. Soc. Ent. Arg. 14:175-193; figs.
- 12 — MARTÍNEZ, A. — 1952 Scarabaeidae nuevos o poco conocidos III. Publ. Mis. Est. Pat. Reg. Arg. 23(81-82):53-118; figs. 1-52.
- 13 — PAULIAN, R. — 1938 Contribution a l'Etude des *Canthonides* Américains I. Ann. Soc. Ent. Fr. 107:213-299; figs.
- 14 — PAULIAN, R. — 1939 Contribution a l'Etude des *Canthonides* Américains II. l.c. 108:1-40; figs.
- 15 — PEREIRA C. M. F., F. S. & M. A. V. D'ANDRETTA — 1955 The Species of *Deltochilum* of the Subgenus *Callyboma* Kolbe. Rev. Brasil. Ent. 4: 7-48; 112 figs.
- 16 — SCHMIDT, A. — 1922 - Bestimmungstabelle der mir bekannten *Canthon*-Arten. Arch. Naturg. 88 A3:61-103.
- 17 — WHITE, A. — 1859 Descriptions of unrecorded Species of Australian Coleoptera. Proc. Zool. Soc. Lond. :117-123; pls. 68-69.
- 18 — ROZE, J. A. — 1955 - Lista Preliminar de la Familia Scarabaeidae sensu lato de Venezuela. Bul. Mus. Ci. Nat. Venez. 1:39-63.

•

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

OCORRÊNCIA DE *CARAPUS* RAF. (= *FIERASFER* OKEN)
NO BRASIL ⁽¹⁾

(TELEOSTEI-CARAPIDAE)

POR

ANA AMÉLIA ANCONA LOPEZ

Em 1951, durante a estada em Recife, teve o Prof. Dr. Paulo Sawaya a oportunidade de colher abundante material zoológico nas diversas praias do litoral pernambucano.

Para o estudo da biologia, coletou-se na praia de Piedade grande quantidade de holotúrias do gênero *Thyone*, que foram levadas para o laboratório de Fisiologia do Instituto Álvaro Ozório de Almeida da Faculdade de Medicina do Recife, onde, de par com o Curso de Fisiologia Comparativa, realizaram-se as diversas pesquisas com o referido material.

Segundo as notas do Prof. Sawaya, foram aqueles equinodermes depositados em um recipiente metálico, com água do mar, arejada por um pequeno motor. No dia seguinte ao da colheita, juntamente com as holotúrias, apareceram três exemplares do peixe que costuma habitar a cavidade corpórea destes equinodermes.

Os três exemplares, fixados em formalina e Bouin, foram trazidos para São Paulo, onde me foram entregues para estudo.

Logo se verificou tratar-se de um *Carapus*, peixe teleósteo da família *Carapidae*.

⁽¹⁾ Trabalho do Departamento de Fisiologia Geral e Animal, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Universidade de São Paulo — Caixa Postal, 2926 — S. Paulo — Brasil.

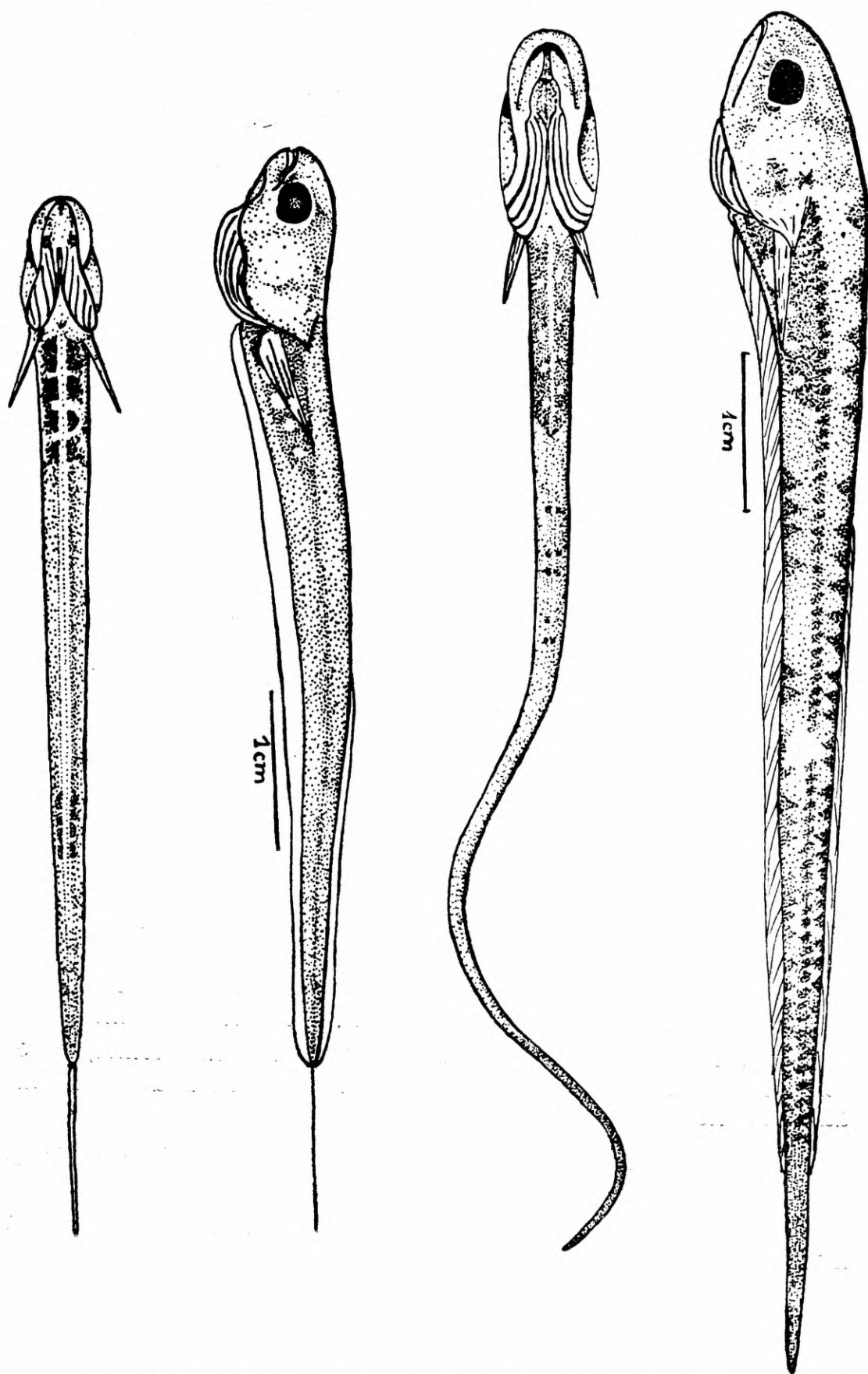
O nome genérico *Carapus* Rafinesque 1810, como se sabe, tem prioridade sobre *Fierasfer* (Cuvier) Oken 1817, conquanto mais usado. Segundo Padoa (1947, p. 111, nota) o gênero *Carapus* era originariamente um grupo muito heterogêneo, mas atualmente compreende os gêneros *Carapus* sen. str. (= *Fierasfer*) e *Gymnotus*.

***Carapus recifensis* sp. nov.**

Corpo sem escamas, alongando-se gradativamente da cabeça à ponta da cauda, o que é peculiar ao gênero. Comprimento da cabeça igual a $1/8$ do comprimento total, que é de 90 mm. Maior largura igual a $1/3$ do comprimento. Olhos circulares, iguais ao focinho em tamanho, e contidos cerca de 5 vezes no comprimento da cabeça. Cabeça ligeiramente convexa; focinho obtuso com mandíbulas de tamanhos iguais quando fechadas; duas a quatro fileiras de dentes pontudos pequenos, recurvados para trás na mandíbula superior; na inferior os dentes são todos iguais; os vomerianos e palatinos maiores em forma de caninos. Aberturas branquiais amplas. As membranas branquiais são livres do istmo, mas formam pregas que o recobrem completamente. Branquióstégios robustos, pseudobrânquias presentes. Narinas pequenas. Onérculo prolongado posteriormente em uma pequena membrana. Abertura gênito-anal anterior à origem da nadadeira peitoral. Linha lateral distinta, estendendo-se desde a abertura branquial até a ponta da cauda. A nadadeira dorsal, muito baixa, origina-se a 24 mm da ponta do focinho. Esta nadadeira tem 1 mm de altura se prolonga pelo dorso do animal até à ponta da cauda. A nadadeira anal tem 2 mm de altura e origina-se a 11 mm da ponta do focinho. Nadadeira peitoral com 20 raios correspondendo à metade do comprimento da cabeça. Cabeça e corpo do animal, preservados em formol, de cor nacarada, com manchas castanhas espalhadas pelo corpo, em série cruzada. Estas manchas tornam-se mais densas ao nível da linha lateral e à medida que se aproximam da cauda. Nesta região são nitidamente alternadas e apresentam a forma de um triângulo isóceles. Na alternância, os triângulos dispõem-se de tal maneira que os seus ápices tocam a linha lateral. Ao longo das superfícies dorsal e ventral do corpo ocorrem manchas menores, que também se alternam, de modo a formar séries cruzadas.

OCORRÊNCIA — Praia da Piedade, no litoral de Recife, Estado de Pernambuco. Dois exemplares adultos, ns. 982 e 983.

DISCUSSÃO — A diferença com *Carapus acus* está no fato de as membranas branquiais recobrirem o istmo, pormenor este, aliás, em que a espécie aqui descrita difere também de *affinis*, *homei*,



1 - *Carapus recifensis* sp. nov. - a — vista lateral; b — vista ventral.
 2 - *Carapus chavesi* sp. n. - a — vista lateral; b — vista ventral.

neglectus, *caninus*, *dentatus* e *lumbricoides*, aproximando-se, porém, de *parvipinnis*. Diferencia-se desta pelas manchas, e também pela proporção das peitorais em relação à cabeça. *Carapus houlti* distingue-se do nosso não só pela forma do corpo, como também pela disposição das membranas branquiais, em relação ao istmo. Difere de *C. parvibranchium* (Fowler 1927, p. 31) pela forma do corpo e dimensões, o mesmo acontecendo com relação a *C. dubius* (Putnam 1874, p. 344). A distinção com *C. mourlani*, estudado por Petit (1934, p. 393), reside na forma e dimensões do corpo dêste último.

***Carapus chavesi* sp. nov.**

Comprimento total de 63 mm; cabeça correspondendo a mais de um sexto dêsse comprimento. A maior largura é menor que a metade do comprimento. Olhos circulares, menores que o focinho, e contidos no comprimento da cabeça cêrca de 4 vezes. Cabeça convexa. Focinho obtuso, mandíbula inferior ligeiramente menor que a superior.

Aberturas branquiais amplas, membranas branquiais cobrindo completamente o istmo. Branquiostégios robustos, pseudo-brânquias presentes. Narinas de tamanho regular. O opérculo prolonga-se posteriormente por uma membrana bem desenvolvida. Abertura gênito-anal coincidindo com a origem da nadadeira peitoral. Dentes muito pequenos, iguais na mandíbula inferior. Em ambas as mandíbulas 2 a 4 fileiras de dentes. Dentes vomerianos e caninos bem maiores e em forma de caninos.

Nadadeira dorsal apenas visível origina-se a 10 mm da ponta do focinho, prolonga-se até a ponta da cauda, e mede menos de 1 mm de largura. A nadadeira anal, na origem muito baixa, a 18 mm da ponta do focinho atinge mm 1,5 de altura. Nadadeira peitoral com 18 raios, correspondendo a mais da metade do comprimento da cabeça. Linha lateral distinta, estendendo-se desde a abertura branquial por todo comprimento do animal.

A cabeça e o corpo, quando preservados em formol, apresentam côr nacarada com dorso castanho. Falsa nadadeira caudal presente.

OCORRÊNCIA — Praia da Piedade, no litoral de Recife, Estado de Pernambuco. Um exemplar, n.º 984.

Dedicamos esta espécie ao Prof. Dr. Nelson Chaves, Diretor do Instituto Álvaro Ozório de Almeida da Universidade de Recife.

DISCUSSÃO — Êste *Carapus*, além de ser menor que os dois anteriores, é também o menor dos até hoje conhecidos, e só igualado em tamanho pelo *Mourlani* (63 mm), descrito por Petit (1934,

p. 393). Pelo fato de as membranas branquiais cobrirem completamente o istmo, difere das demais espécies conhecidas, i. é, *affinis*, *homei*, *neglectus*, *gracilis*, *lumbricoides* e *houlti*. Êste característico aproxima-o da espécie descrita anteriormente. Pela inexistência das manchas ao nível da linha lateral, a coloração escura do dorso, e pelas dimensões do corpo, julgamos tratar-se de uma espécie nova. A forma do corpo e as dimensões também distinguem-no de *C. houlti* (Orgilby, 1922). Por êste mesmo caráter difere de *C. sluiteri* descrito por Weber, 1913, p. 97.

COMENTÁRIOS

Pela bibliografia que tivemos à nossa disposição parece ser esta a primeira vez que se assinala a ocorrência de *Carapus* (*Fierasfer*) no litoral sul-americano. Como dissemos, todos os exemplares provêm de holotúrias do gênero *Thyone*, que ocorrem no litoral sul-americano.

O exame do material revelou tratar-se de animais adultos, não se enquadrando, portanto, em nenhum dos estados larvais descritos por Padoa (1947, p. 119), isto é, *vexilifer* sem caninos, *vexilifer* com caninos, *tenuis* com caninos sem vexilo e peitorais com 20 raios pelo menos, e formas metamorfoseadas em que os caninos se perderam e a região caudal é muito mais curta.

Quanto à distribuição geográfica, lembramos que Putnam (1847, p. 344) e Rivero (1936, p. 72), referem, respectivamente, *C. dubius* e *C. affinis* no mar das Caraibas, enquanto que De Buen (1953, p. 264), menciona *Carapus* do México ao Panamá, e nas Antilhas, *Leptofierasfer* no Panamá, e *Encheliophiops* na Colômbia. Êste último gênero é descrito por Reid (1940, p. 47) também da Colômbia.

A diferença do nosso material com *C. dubius* já foi antes mencionada.

Quanto a *Leptofierasfer*, descrito por Meek e Hildebrand (1923-1928, p. 964), de conformidade com as indicações de Parr (1930, p. 134), deve ser considerado sinônimo de *Carapus*. Relativamente a *Encheliophiops*, a ausência da nadadeira peitoral e os caracteres da cauda afastam-no do nosso *Carapus*. Finalmente, resta ainda a direfenciação com *Encheliophis*, que se faz facilmente pelas relações entre o comprimento da cabeça e o do corpo, o qual no referido gênero é de 1:34, (Putnam 1874, p. 348), além de outros caracteres de menor importância.

DADOS BIONÔMICOS

Muito se tem escrito sobre a biologia dêste curioso peixe, especialmente no que se refere à localização do animal no corpo da holotúria. Alguns autores informam já o terem encontrado na ca-

vidade do corpo (Merthens, ap. Emery 1. c.); outros acreditam que o peixe vive no intestino do animal, e há ainda quem afirme ser a árvore respiratória característica dêste equinoderme a sede preferida pelo *Carapus*. Entre os últimos acha-se Günther, (1880, p. 549), o qual, ao fazer referência a *C. homei*, afirma que o animal se encontra na cavidade respiratória da holotúria e nas estrêlas do mar. Deve-se mencionar a observação de Kollman (ap. Emery 1. c.) que no aquário da Estação Zoológica de Naples viu a cabeça de um *Carapus* aparecer no anus da holotúria, do que infere ser o animal habitante da cloaca. Da mesma opinião é Parker (1926, p. 423), que encontrou o *Carapus* na cloaca da holotúria *Actinopyga agassizii*.

Emery, em sua monografia (1. c.), diz que para encontrar-se *Carapus acus* é preciso procurá-lo nas holotúrias pescadas em lugares profundos. As recolhidas nas rochas das praias não os possuem jamais. E' igualmente frequente no *Stichopus regalis*, na *Holothuria tubulosa* e em outras espécies do mesmo gênero. Sai às vêzes espontâneamente das holotúrias, quando estas estão acumuladas dentro de pequenos recipientes. Abriu aquele autor muitas centenas de holotúrias, encontrando o peixe quase sempre na cavidade do corpo e algumas vêzes, apenas, na árvore respiratória. Êstes fatos têm sua explicação no modo pelo qual *Carapus* penetra no seu hospedeiro, coisa que não tinha antes sido observada diretamente na Europa. Por sua vez, Anderson 1859 (ap. Emery 1. c.), próximo à Ilha dos Côcos, viu um peixe parasita (*C. homei*) penetrar com a cauda para frente, numa holotúria, não obstante os esforços do equinoderme que, para expeli-lo, se contraía a ponto de expulsar parte dos órgãos internos.

A observação de Emery, há pouco mencionada, concorda com o fato referido pessoalmente pelo Prof. Sawaya de ter capturado holotúrias do gênero *Thyone* encravadas nas locas dos recifes, no litoral de Pernambuco. Achavam-se elas profundamente escondidas nas anfratuosidades dos recifes, onde, todavia, são relativamente raras, ao contrário de *Holothuria grisea*, extremamente abundante, não só em Pernambuco, como em todo litoral brasileiro. Da última foi aberto número considerável de exemplares, para os estudos de fisiologia do músculo, sem que jamais se verificasse a presença de *Carapus*.

Ainda relativamente ao comportamento e à ecologia dêste interessante peixe, são dignas de menção as observações de Aronson e Mosher (1951, p. 489). Assim dizem êstes autores:

"O peixe pérola, *Carapus* (antigamente *Fierasfer*), vive um tipo de existência simbiótica dentro da árvore respiratória da *Holothuria*, "pepino do mar". A coleção e exame de mais de mil pepinos do mar em Bimini, Bahamas, B.W.I., revelou:

1) As holotúrias são somente encontradas em áreas relativamente restritas do porto.

2) Em muitas destas áreas as holotúrias são quase isentas do peixe, mas em uma área circundando um estreito cais, a incidência do peixe pérola alcançava 1 peixe por 2,7 holotúrias, numa amostra de 102.

A incidência de gêmeos (dois peixes por holotúria) triplos e quádruplos indica que, dentro de uma dada região, os peixes são distribuídos ao acaso entre as holotúrias.

Técnicas especiais foram desenvolvidas para o estudo no laboratório, visto que as holotúrias, quando perturbadas, excretam uma substância que é altamente tóxica para o peixe. Observou-se que ocasionalmente o peixe entra na holotúria com a cabeça, mas usualmente o esfíncter anal fortemente se fecha com a aproximação do peixe pérola. Em tais casos, o peixe perscrutará o anus durante um certo tempo e, então com um rápido movimento de chicote, curva sua longa cauda, passa a cabeça e insere a extremidade afilada entre os dentes anais.

Depois de algum tempo, quando o esfíncter é momentaneamente relaxado durante a respiração, o peixe pode para aí deslizar posteriormente.

Observações no peixe tornado cego, mostram que a abertura anal é localizada, em primeiro lugar, quimicamente, e depois pelo tacto das extremidades.

O peixe foi visto ocasionalmente deixando as holotúrias durante a noite, mas uma coleta noturna, não revelou menos peixes por holotúrias”.

Finalmente, informações recentes gentilmente fornecidas de Recife pelo Dr. Luiz Siqueira Carneiro, a quem muito agradecemos, dizem que, praticando a pesca submarina, notou-se durante os mergulhos que a maioria das holotúrias enterradas no fundo do mar são portadoras de *Carapus*.

A B S T R A C T

On 1951, during the research on physiology of longitudinal muscles of some holothurians, three specimens of the genus *Fierasfer* (new name of to-day-*Carapus*) have been caught from these *Echinotherus*.

According to the bibliography of those fishes, the material referred to is described here as new species.

Carapus recifensis sp. nov.

Body naked, gradually elongated to the tip of the tail. The head is contained in body 8 times. Length of the body 90 mm. Largest part of the body contained 3 times in the body. The eyes are circular and of the length

ERRATA

Página 396, linha 39, onde se lê:

PADOA, E. — 1947 - Note di ittiologia Mediterranea. Nota V. Forme post

Leia-se:

oculored whithout spots. Pseudocaudalfin present. Type locality: Praia da

of the snout and contained 5 times in the length of the head. The later is convex. Snout obtuse with equal jaws. These ones have three or four series of sharp and small teeth, curved behind in the superior jaw; in the inferior one they are all equal. Vomerine and palatine teeth larger than the canines. Branchial apertures large. Gill-membranes free from the isthmus, but forming a fold which passes over it. Branchiostegals robust, pseudobranchial absent. Nares small. The operculum is prolonged posteriorly into a little flap. Genito-anal aperture anterior to the origin of *P*. Lateral line distinct, elongated from the branchial aperture to the tip of the tail. *D*. very low and originating from 24 mm of the tip of the snout. *D*. 1 mm high and prolonged by the dorsal surface of the body to the tail. *A*. 2 mm high and contained 2 times in the length of the head. Animal preserved in formalin is pearled coloured with chestnut spots scattered through the body and forming crossing files. These spots are more dense near the lateral line and near the tail. In this region they are alternated and its surface forms an isosceles triangle. Type locality: Praia da Piedade, Recife, State of Pernambuco.

DISCUSSION — The main difference with other *Carapus* is that the gill-membranes over pass the isthmus. This character is common with *C. parvipinis* but in the late the spots on the body surface are lacking. The length of the body differentiate this new species from *C. houlti*, *C. parvibranchium*, *C. dubios* and *C. mourlani*. The specimens here described, two in number, are adult. The host is the holothurian of the genus *Thyone*.

Carapus chavesi, sp. nov.

Total length 63 mm; the head is contained 6 times in the length of the body. The broadest part of this one is smaller than the half of the length. The eyes are circular, but smaller than the snout and contained 9 times in the length of the head. The late is convex. Snout obtuse; inferior jaw slightly smaller than the superior ones. Branchial apertures large, the gill membranes free from the isthmus, but forming a fold which over pass it. Branchiostegals robust; the pseudobranchiae are present. Nares of regular size. The operculum is prolonged posteriorly into a well developed flap. Genito-anal aperture at the origin of *D*. Teeth very small, and equal in the inferior jaw. In both jaws there are 2-4 series of teeth. Vomerine and canine teeth larger and with canine form. *D*. very small originating at 10 mm of the tip of the snout. It prolongs to the tip of the tail and is 1 mm wide. *A*. at its origin is very low but at 18 mm from the snout is 15 mm high. *P*. with 18 rays. Lateral line distinct from the branchial aperture to the tail.

Animal preserved in formalin is pearled with the dorsal surface chestnut PADOA, E. — 1947 - Note di ittiologia Mediterranea. Nota V. Forme post Piedade, Recife, State of Pernambuco.

DISCUSSION — The main difference with other species is the size of the body (63 mm). Only *C. mourlani* is the same size but the gill-membrane overpassing the isthmus is differential character with this and other known species. The difference with *C. recifensis* it the absence of spots on the body.

The specime here described one in number is an adult. The last is also one holothurian of the genus *Thyone* collected in the reefs of the littoral of Pernambuco.

Several aspect of the biology of these new *Carapidae* are discussed.

B I B L I O G R A F I A

- ANCONA LOPEZ, A. A. — 1953 - Ocorrência do *Fierasfer* no Brasil (Peixe teleosteo) *Ciência e Cultura* v. 5, n.º 4, pp. 224, São Paulo (Brasil).
- ARONSON, L. R. e MOSHER, C. — 1951 - Observations on the behaviour and ecology of the West Indian pearl fish. *Anat. Rec.* III pp. 489.
- DE BUEN, F. — 1953 - Las familias de Peces de importancia economica. *Of. Regional de la FAO*, 311 pp., Santiago (Chile).
- EMERY, C. — 1880 - *Fierasfer*. Studi intorno alla sistematica, l'anatomia e la biologia delle specie mediterranee di questo genere. *Mem. d. R. Accad. Lincei. Cl. Sc. fisiche, matematiche e naturali*, s. 3, v. 7. pp. 167-254, t9.
- FOWLER, H. W. — 1900 - *Fierasfer parvipinnis* Kaup redescribed and figured. *P. Ac. Phil.* pp. 523, pl. 19, fig. 5.
- FOWLER, H. W. — 1927 - Fishes of the Tropical Central Pacific. *Bernice P. Bishop Mus. Honolulu Hawaii* 38-32 pp. lt. 6 text-figs.
- GILBERT, C. H. — 1905 - The aquatic resources of the Hawaiian Islands. II The deep sea fishes. *Bull. U. S. Fish. Comm. Washington* 23 pp. 577-713 pl. 66-101 text-figs. 230-276.
- GÜNTHER, A. — 1862 - Catalogue of the Fishes in the British Museum, v. 4, XXI 534 pp. p. 382. London.
- GÜNTHER, A. — 1880 - An introduction to the Study of the Fishes XVI 720 pp. 320 fig. p. 549. Edinburgh.
- JORDAN e EVERMANN — 1898 - Fishes of North and Middle America, p. 1612 *Unit. Stat. Nat. Mus. Bull.* 47, pp. 1-4 e 149-160.
- MEEK, S. e HILDEBRAND, S. F. — 1928 - The marine fishes of Panamá. Part III, *Field. Muss. Publ. Zool. Ser. Chicago* 15 n.º 249 pp. 709-1045.
- OGILBY, D. — 1922 - Three new Queensland fishes. *Mem. Queensland Mus. Brisbane* 7 pp. 301-304.
- PADOA, E. — 1947 - Note di ittologia Mediterranea. Nota V. Forme post larvali e giovanili di *Carapus* (sin. *Fierasfer*). *Publ. Staz. Zool. Napoli* 20 pp. 102-121 1 pl. 1 text fig.
- PARKER, G. H. — 1926 - The inquiline fish *Fierasfer* at Key West Florida. *P. nation Ac. Sci.* v. 12:7, pp. 421-422.
- PARR, A. E. — 1927 - Scientific results of the Third Oceanographic Expedition of the "PAWNEE". Teleostean shore and shallow water fishes from the Bahamas and Turk Islands. *Bull. Bingham. Ocean Coll. New Haven Conn.* 3 art. 148 pp. 38 figs.
- PETIT, G. — 1934 - Un *Fierasfer* nouveau de Madagascar. *Bull. Mus. Hist. Nat. Paris.* 2 ser. vol. 6 (4) pp. 393-397 1 fig. Paris.
- PUTNAM, F. W. — 1874 - Notes on Ophidiidae and *Fierasferidae*, with Descriptions of New Species from America and the Mediterranean. *Proc. Boston Soc. Nat. Hist.* 16 pp. 339-348. Boston.
- REID, E. D. — 1940 - A new genus and species of pearl fish, family *Carapidae* from off Gorgona Island, Colombia *Allan Hancock Pacific Expeditions* v. 9 n.º 2.
- RIVERO, L. H. — 1936 - Some new, rare and little-known fishes from Cuba. *Proc. Boston Soc. Nat. Hist.* v. 41, n.º 4 pp. 41-76 pls. IX-XIII. Boston.
- WEBER, M. — 1913 - Die Fische Der Siboga-Expedition, 710 pp. 12 pl., 123 figs., pp. 96-97.